

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA
ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

João Ribeiro

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA
ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

 FRASES FEITAS

ESTUDO CONJETURAL DE LOCUÇÕES,
DITADOS E PROVÉRBIOS

(COM UMA INTRODUÇÃO DE JOAQUIM RIBEIRO)

3.^a Edição

Rio de Janeiro 2009

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2009

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

COMISSÃO DE LEXICOGRAFIA DA ABL

Eduardo Portella

Evanildo Bechara

Alfredo Bosi

Revisão

Vania Maria da Cunha Martins Santos,

Denise Teixeira Viana, Paulo Teixeira Pinto Filho,

João Luiz Lisboa Pacheco e Sandra Pássaro

Projeto gráfico

Victor Burton

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

- R369 Ribeiro, João, 1860-1934.
Frases feitas / João Ribeiro ; apresentação Evanildo Bechara ;
introdução Joaquim Ribeiro. – 3. ed. - Rio de Janeiro : ABL,
2009.
608 p. ; 21 cm. – (Coleção Antônio de Moraes Silva ; v. 8)

ISBN 978-85-7440-128-7

I. Língua Portuguesa. 2. Fraseologia. I. Bechara, Evanildo,
1928-. II. Ribeiro, Joaquim, 1907-1964. III. Título. IV. Série.

CDD 469.83

∞ O estudo da fraseologia na obra de João Ribeiro¹

EVANILDO BECHARA

Dentre as múltiplas atividades intelectuais de João Ribeiro, o estudo da fraseologia portuguesa ocupa lugar de constante interesse, conforme se pode comprovar nos livros, pequenas contribuições para revistas especializadas ou em meros artigos dirigidos ao chamado grande público, que integravam trabalhos de vulgarização sem as “discussões fonéticas e glotológicas que deprimem o espírito, sem o esclarecer devidamente”, conforme palavras suas em colaboração à *Revista de Língua Portuguesa*, ano I, n. 3 de 1920.

Numa época em que nem sempre se poderia contar com a rica bibliografia que hoje está à disposição do pesquisador, é digno do maior respeito e admiração o esforço de uma geração ávida em reunir o mais

1 ∞ Trabalho incluído na *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários* in *Memórias de Celso Cunha* (Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1995), com acréscimos para esta edição.

considerável número de elementos fraseológicos e tentar penetrar no complexo e fugidio segredo de sua análise e explicação histórica. Numa língua como o português, ainda hoje muito aquém da investigação lexicológica que outros idiomas apresentam, o caminho a ser percorrido se mostrava ao pesquisador repleto de escolhos e desvios tão sedutores quanto enganosos. Ao lado de uma saturada leitura de textos antigos e que cobriam vários domínios do saber, esse pesquisador precisava aliar à indispensável bagagem cultural e especializada uma viva intuição capaz de estabelecer elos e conexões de ordem histórica e social que ultrapassassem os limites do campo estritamente linguístico.

É extremamente lamentável e preocupante a uma visão ampla da investigação linguística que essa tradição que se iniciou tão auspiciosa e valente em Portugal e no Brasil, nos séculos XVIII a XX, hoje se nos depare tão escassa e silenciosa, e que tantos subsídios poderia oferecer ao futuro dicionário histórico do português.

Nesse grupo de estudiosos, ocupa lugar significativo João Ribeiro, dotado, por um lado, dessa bagagem cultural e, por outro, dono de uma intuição larga que às vezes fazia exceder o voo da imaginação. Joaquim Ribeiro, filho de João Ribeiro e responsável pela 2.^a edição das *Frases Feitas* (1960, I.^a ed. 1908 e 1909), livro, como revela o título, todo dedicado ao estudo da fraseologia portuguesa, assim comenta o fato:

Enganam-se totalmente os que julgam que a atividade científica é incompatível com o poder imaginativo. Este, realmente, representa significativo fator na constituição crítica.

João Ribeiro sabia combinar a sua erudição, o seu espírito crítico e a sua imaginação num equilíbrio harmônico, de fato, admirável. As suas conjecturas partem sempre de dados objetivos: possuem fundamentos documentais; não são aéreas e fantasistas. Todas são defensáveis.

(Introdução às *Frases Feitas*, p. 49)

A leitura atenta de *Frases Feitas* – cingir-me-ei aqui a este livro do autor por ser o mais representativo neste campo da pesquisa linguística – revela-nos a confirmação da explicação histórica de muitas frases já estudadas no português e, outras vezes, em línguas românicas, ao lado de conjecturas aceitáveis propostas por J. Ribeiro e de conjecturas esboçadas sem o menor fundamento.

Algumas vezes a falta de fundamento é entrevista pelo próprio autor; para resolver o dilema, arrola, para a mesma frase, outra e até outras conjecturas, que continuaram não convencendo o proponente e o leitor.

Exemplo disto é o verbete relativo à nossa expressão *andar ao léu*. Embora tenha havido um ou outro retoque da 1.^a para a 2.^a edição, J. R. acabou por optar pelo caminho menos recomendável. Eis o texto definitivo:

Conheço várias explicações da frase – *ao léu* – que ocorre sob aspectos vários: *ter léu* para alguma coisa, *andar ao léu*.

A. Coelho deriva *léu* de *libitum*, o que se não conforma, nem pela substância nem pela forma, com os usos daquela expressão.

Epifânio Dias propôs outra derivação, realmente mais aceitável, à luz da fonética, mas a seu turno insuficiente quanto ao sentido. Para este filólogo – *léu*, em expressões como – *estar ao léu* – representa o latim *levem* pela vocalização do *v*, e está para *levem* como *nau* para *navem* (*Rev. Lusit.* I, 2). Essa explicação é, aliás, de Júlio Moreira, ao que me informaram.

O nosso antigo lexicógrafo Morais parece aproximar, ao menos fortuitamente, a expressão da outra latina – *leo* – que designa uma das casas do zodíaco.

A etimologia de Epifânio (*levem*) não dá conta do sentido da frase – *ter léu* – tempo, ocasião, lugar, oportunidade.

Apenas *tive léu*
 De chegar à janela e despedi-lo
 Com aquela agonia.

Figueiredo – *Apol. das damas*, I, cena I

Acredite e acredito ainda que é palavra francesa e das que antigamente entraram com o séquito da primeira dinastia. É assim ao que conjecturei devia ser *léu* (*leu* por *lieu*, como *deu* por *Dieu*, do francês antigo) derivado de *lieu*.

E ter *léu* seria ter lugar ou oportunidade.

E como é frequente confundir-se lugar, tempo e espaço em todas as metáteses populares, foi natural dizer

estar ao léu
 = ao tempo, *scil.* espaço
 ou ao ar livre.
Ter léu para trabalhar (tempo)

É também mera conjectura essa explicação que, de caminho, aqui deixo, pois que a verdade estará em outro ponto. Também dizemos *ao léu* por *ao óleo* ou *a óleo* com desvio do acento tônico; pelo menos isso corresponde aos modismos espanhóis – *estar al oleo* – e *andar al oleo* (talvez da pintura *al oleo*).

Contudo, prefiro derivar *léu* de *lieu*, lugar, tempo, hora disponível, prefiro-o por não achar satisfatórias as opiniões já conhecidas.

(*Frases Feitas*, 2.^a ed., p. 370-371)

Início meu comentário pelas conjecturas para explicação de *léu* empregado em *andar ao léu*, *ter leu* para alguma coisa. Começa J. R. por afastar com razão a hipótese de étimo proposta por A. Coelho e passa a discutir a lição que diz ser de Epifânio Dias, mas que – e isso declara

mais adiante — seria primitivamente de Júlio Moreira, “ao que me informaram”²: *léu* viria do latim *levem* “pela vocalização do v”. A seguir, rejeita esta explicação, porque “não dá conta do sentido da frase *ter léu* — tempo, ocasião, lugar, propriedade”, e propõe que se trata de palavra francesa, pois *léu* estaria por *lieu*, apoiado na frequente transposição semântica de “lugar” para “tempo” e “espaço”.


Quando o leitor esperaria naturalmente o fim das conjeturas, eis que sai o autor com o comentário:

É também mera conjetura essa explicação que, de caminho, aqui deixo, *pois que a verdade estará em outro ponto* (o grifo é meu, e o trecho citado já vem na primeira edição).

E complementa a declaração com um adendo que, se não se trata de algo incompreensível, é, pelo menos, muito estranho, ao relacionar ou aproximar *ao léu* a *ao óleo* ou a *a óleo* “com desvio do acento tônico; pelo menos isso corresponde aos modismos espanhóis — *estar al oleo* — e — *andar al oleo* (talvez da pintura *al oleo*)”.

Esta estranha aproximação que, segundo suponho, não tem nenhum apoio na história do léxico português, é rematada com o seguinte comentário, desaparecido no texto da 2.^a edição:

Deste uso é que havemos de deduzir os nossos; de *andar bem-vestido* [nesta edição explicaria J. R. os modismos espanhóis com o valor de *estar una cosa mui adornada y compuesta*] passou a significar *andar ao sol*, ou *fora de casa* (*andar ao léu*) (I, 277).

2  A nota de Júlio Moreira está na *Rev. Lusitana*, I, 180, e já havia sido citada por Leite de Vasconcelos na *Rev. Lusitana* IV, 230, referido adiante.

Das propostas de explicação para *léu*, J. Ribeiro passa muito rapidamente pelo verbete do *Dicionário* de Morais, de modo que não oferece ao leitor a oportunidade de perceber que a conjectura por ele adotada como plausível já estava adiantada no velho e sempre prestimoso *Dicionário* do lexicógrafo patricio. Morais começa por falar de *leo* como designativo de uma casa do zodíaco; depois abre outro parágrafo para tratar de *leo* = *leu*, que considera “termo plebeu”, com o significado de “lazer”, e exemplifica: *ter leo* para fazer alguma coisa, *ainda não tive leo para isso*.

Sabemos que depois da edição de 1813, considerada a autêntica do nosso lexicógrafo, embora a I.^a ed. de 1789 já traga visíveis as marcas da sua excelente preparação, o *Dicionário* teve novas edições a que se juntaram notas deixadas pelo velho Morais (pelo menos para a 3.^a ed., saída em 1823) e adendos dos seus sucessores. Entre as edições posteriores, figura a 6.^a, de 1858, sob a competente responsabilidade de Agostinho de Mendonça Falcão que, em companhia de outras vozes, considero a melhor das que se editaram depois de 1813. Não posso, neste momento, rastrear qual das sucessoras foi responsável pela melhoria do verbete; acrescento apenas que a 6.^a, já traz a explicação de *léu* pelo francês *lieu* e separa nitidamente *leo* ‘leão’ de *leo* (= *leu*) dos modismos aqui estudados:

LÉO, s.m. (do latim *leo*, leão). Um signo celeste. § LéO (+ ou Léu), + plebeu (do fr[ancês]) *lieu*, lugar V. Lazer: “ter léo para fazer alguma coisa”, “ainda não tive léo para isso”, i. é., larga, espaço. § + *Andar com a cabeça, com o peito ao léo*; expr[essão] chul[a], i. é., descoberto, exposto ao ar.

Causa, outrossim, estranheza que J. R. considerasse “mais aceitável, à luz da fonética, a proposta de Júlio Moreira, segundo a qual *léu* representa o latim *levem* pela vocalização do *v* e está para *levem* como *nau* para *navem*”.

Inicialmente, J.R. atribuíra a explicação a Epifânio Dias, mas quero acreditar que o fez por engano, pois que não me consta ter jamais o filólogo português estudado o étimo de *léu*. A aludida estranheza advém do fato de o autor persistir na tese de empréstimo ao francês *lieu*, quando conhecia a lição de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos exarada no *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* (1922), transcrita em nota de rodapé da página 370, segundo a qual, acompanhando ensinamento de F. Diez em obra de 1863 e na *Grammatik*, *léu* é um empréstimo ao provençal, oriundo do latim *levem*. Por quê, então, a insistência no francês *lieu*? Se for para atender ao sentido secundário que tem *léu* na expressão *ter léu*, com o valor de ‘ter lugar’ ou ‘ter oportunidade’, isto pode facilmente derivar do significado fundamental, conforme já havia sido explicado por Leite de Vasconcelos:

Léu, m. ‘ocasião’. “Quando eu tiver leu”. Do latim *levē(m)*, donde, por extensão de sentido, ‘alívio’, ‘descanso’, ‘vagar’, ‘ocasião’. Cf. a frase “andar ao léu” ou “estar ao léu”.

(*Revista Lusitana*, IV, 1895-1896, p. 230)

O destino -v-/-u- intervocálico latino de *levem*, *grevem* e *navem* em *leu*, *greu* e *nau*, entre outros exemplos, não é normal na fonologia histórica do português; a explicação há de ser encontrada em empréstimos diretos ou indiretos a outros idiomas românicos. Já vimos, desde Diez e Carolina Michaëlis, que *léu* e *greu* são devidos a empréstimos do provençal, enquanto *nau* chegou ao português pelo catalão; assim, a hipótese de vocalização do -v- dentro do próprio português, como pensara Júlio Moreira, na mesma *Revista Lusitana* (I, 180), está fora de cogitação.

Objeções deste gênero podem ser feitas não só na leitura das *Frases Feitas* como nas *Curiosidades Verbais* e no *Fabordão*, que representam os livros de João Ribeiro, em especial os dois primeiros, mais especifica-

mente voltados para problemas lexicológicos, *maxime* para explicações históricas de fraseologia do nosso idioma.

Nas *Curiosidades Verbais*, por exemplo, há todo um capítulo prejudicado, por ter o autor deixado levar-se pelas aparências de uma desajeitada grafia. Trata-se do capítulo XXXVIII, em que comenta e explica o termo *granadece* de uma das *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, consoante a lição adotada pelo Padre Augusto Magne e oriunda da edição de Valmar:

Num dos seus excertos [da edição Magne] alude-se à Virgem que abate os corações soberbos e ao mesmo tempo eleva os humildes

... provezendo

Tas santas “granadece”,

quer dizer “aumentando as tuas santas excelências”, diz o poeta.

Assim explica o Padre Magne, em nota, apontando outros exemplos do poema em que ocorre a palavra “granadece” sem, todavia, nos dizer donde ela se formou.

E é o que vou explanar agora.

A palavra “granadece” deriva de “granado”, por sua vez derivado de “grano” = grão.

Uma messe “granada” era a messe já em grão e, portanto, valorizada, de grande apreço.

A “granadece” é a preciosidade e excelência ou perfeição.

Granadece, conforme explica Mettmann na introdução à sua edição, é grafia que ocorre erradamente no texto, ao lado da autêntica *grãadece*, “grandezas”; de modo que *granadece* nada tem que ver com *grano* ou *grão*, mas com *grande*, o que põe por terra a conjectura do nosso autor.

Apesar de senões deste teor, o investigador que desejar reunir material neste campo da lexicologia portuguesa terá de partir de uma leitura

ra acurada das *Frases Feitas*, pois que, segundo o correto julgamento de Joaquim Ribeiro, nestes dois volumes

a fraseologia vernácula, em toda a sua vasta extensão, era aplicada à luz do método histórico-comparativo e dos novos processos de pesquisa filológica. Ao lado de um profundo conhecimento dos textos antigos do idioma, patenteia-se com máxima nitidez a familiaridade com os modernos recursos da linguística histórica

(Introdução à 2.^a ed. das *Frases Feitas*, p. 23)

A primeira tarefa – e urgente – de quem desejar enveredar por tais estudos é, na minha opinião, preparar uma nova edição, crítica, das *Frases Feitas*, já que a devida a Joaquim Ribeiro apresenta numerosos erros de revisão; mas o mais lamentável é não fazê-la beneficiar-se das correções e sugestões da crítica especializada dentro e fora do Brasil. Pela informação de Joaquim, sabe-se que João Ribeiro “preparou para a livraria Francisco Alves uma segunda edição que ora é levada a efeito”. Realmente, um simples confronto das duas edições evidencia acréscimos, eliminações e referências a algumas emendas e sugestões de críticos; mas muita coisa ficou de fora, até pelo próprio desapego do autor à notoriedade que com justiça lhe era devida. Conheci amigos (Lindolfo Gomes e Pedro Augusto Pinto) que privaram da intimidade de J. R. e que me comunicaram, em conversa, que, mais de uma vez, o viram tirar do bolso, amassada, carta de D. Carolina Michaëlis ou de outra autoridade do mesmo nível intelectual, ora elogiando, ora dissentindo de conjeturas defendidas em seus livros e artigos. Pelo que espelha o modo como João Ribeiro preparou a 2.^a edição, nosso autor devia pertencer ao grupo de Capistrano de Abreu, no que toca à feitura de notas que depois eram perdidas ou não achadas. É o que nos confessa o notável historiador:

Dizia-me um amigo da Bib. Nac.: para que V. há de ser besta, gastar o tempo em tomar notas, para depois perder? Disse a pura verdade e como invejo meus amigos Vale Cabral e Said Ali!

(*Correspondência de Capistrano de Abreu*,
ed. José Honório Rodrigues, II, p. 168)

Aqui e ali, nas suas obras, deixa-nos J. R. entrever que a minha conjectura muito se aproxima da verdade. No *Fabordão*, por exemplo, livro publicado depois das *Frases Feitas*, confessa-nos o autor:

Indiquei a frase [*Victor, amigos*] de passagem e em conjunto com outros latinismos. O trecho de Carol. Michaëlis está efetivamente nos seus *Studien zur romanischen Wortschöpfung* (1876); citei de memória e pouco apropriadamente (...); provavelmente eu teria tomado nota que não pude verificar (...) (p. 79 n. 9 da 2.^a Ed.).

Sentiu-o também Augusto Meyer:

Escreveu [J. R.] muito, coligiu muita cousa em livro, no seu caso a quantidade não chegou a prejudicar a qualidade (...).

É claro que às vezes lucraria a qualidade não só de estilo como de sistematização da pesquisa e rigor da informação, com menos pedra e mais cimento. A revisão cuidadosa dos textos citados, por exemplo, viria mostrar que nem sempre desconfiava de sua memória, ou se empenhava mais a fundo na verificação dos originais.

(*A Chave e a Máscara*, Edições O Cruzeiro, 1964, p. 198-199)

Ao revelar-nos Joaquim Ribeiro que o pai preparava uma segunda edição das *Frases Feitas*, não no-la situa no tempo; todavia, pelas datas de obras citadas, é possível estabelecer o ano de 1923 como o marco

ad quem para a elaboração do texto corrigido e melhorado. Embora a folha de rosto anuncie que este novo texto traz “numerosos acréscimos e comentários da crítica”, a verdade é que um levantamento cuidadoso nos vai apontar mais “acrécimos” do que “comentários da crítica”.

Se a data *ad quem* acima indicada não está longe da verdade, faltou o acréscimo de alguns estudos de fraseologia do próprio João Ribeiro. Para referir-me a um só exemplo, lembro o artigo intitulado *Estudos de fraseologia*, saído no número 3 da *Revista de Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, de janeiro de 1920. Aí o autor estuda as frases *esperar por sapatos de defunto*; *grous de Ibico* e *falar francês*, esta última quer com o sentido de “dizer as verdades como são”, quer com o de “pagar de contado, dinheiro à vista”, aqui acompanhado do gesto expressivo pela fricção do polegar com o indicador da mão direita. Nenhuma destas expressões foi contemplada nas *Frases Feitas* da 2.^a ed.

Se a primeira tarefa – a edição crítica das *Frases Feitas* se mostra complexa –, não menos delicada será a segunda: o rastreamento da bibliografia de que se serviu João Ribeiro para a elaboração do livro, quer no que toca a obras de natureza literária e histórica, quer a livros e artigos de matéria propriamente linguística. Feito este levantamento, poderemos acompanhar o que dessas fontes colheu nosso autor como fonte de informação, até que ponto soube manipular os dados já colhidos e conhecidos para dar um passo adiante dos seus antecessores, até que ponto são plausíveis ou não suas conjecturas e as razões por que o são ou deixam de sê-lo.

Também se deva assentar que a investigação das frases feitas, como de outras manifestações do que Eugenio Coseriu chama *discurso repetido*, é da competência do linguista, do lexicólogo, e não, conforme se deixa entrever na obra de muitos estudiosos destes assuntos, domínio exclusivo do folclorista. Está claro que o linguista buscará subsídios e dados em domínios das mais variadas ciências

da cultura, inclusive do Folclore, mas tem de tratar as frases feitas como entidades linguísticas.

A leitura e o estudo reflexivo da obra de João Ribeiro impõem-se para o prosseguimento do material que levantou e joeirou com mão de mestre, a fim de fazer progredir nosso conhecimento da fraseologia portuguesa e honrar o que já foi elaborado por uma plêiade de denodados batalhadores no Brasil e em Portugal.

Ao dar a público esta nova edição de *Frases Feitas*, além de facilitar aos estudiosos o conhecimento de uma obra de valor, que já se vai rareando no comércio, a ABL tem por propósito convidar os pesquisadores a se embrenhar pela imensa floresta quase virgem da história do léxico português, com especial atenção para a sua fraseologia.

∞ FRASES FEITAS

Introdução

JOAQUIM RIBEIRO

Não é possível compreender-se a contribuição de João Ribeiro à filologia da língua portuguesa sem acompanhar a evolução das ideias que influenciaram a sua obra através do tempo.

Viveu João Ribeiro justamente num período decisivo em que a Linguística sofreu importante revolução doutrinária.

Realmente, o critério naturalista que tão fortemente impulsionou os estudos glotológicos, após ser derruído pela crítica, cedeu lugar ao critério historicista, que, mais cedo ou mais tarde, iria orientar o estudo da linguagem para uma concepção culturalista, hoje vitoriosa.

Toda a atuação de João Ribeiro no campo filológico obedece a essa evolução que é, ao mesmo tempo, doutrinária e metodológica.

Essa transformação não implica contradição, uma vez que representa a própria marcha do progresso da ciência linguística.

Em João Ribeiro observa-se, aliás, essa admirável flexibilidade que conduz o seu espírito, constantemente, para o movimento renovador. A sua acuidade crítica impedia-o de se deixar envolver por qualquer espécie de misoneísmo. Nesse sentido, possuía a melhor virtude de um estudioso, que é a capacidade de renovar-se. A Lin-

guística, como qualquer outro ramo do conhecimento científico, desconhece paralisação.

Tudo, na verdade, resultava do espírito crítico que, nele, era uma constante, perfeitamente visível em todos os seus escritos filológicos.

Se, por um lado, esse está intimamente ligado às qualidades intrínsecas de sua personalidade, não se pode negar, por outro, que ele somente aflorou por encontrar campo fertilizado pela cultura humanística. Não é possível crítica sem estudo e sem erudição, o que positivamente não quer dizer que todo erudito seja, realmente, espírito crítico. Este depende de aptidões específicas, de inteligência aguda e, também, de certa dose de imaginação sem a qual não se forjam novos pontos de vista e não se formulam novas hipóteses. O estudo, por si só, não faz o crítico, mas este só se revela apoiado numa cultura bem sedimentada.

Possuía João Ribeiro esplêndida formação humanística. Conhecia, desde a mocidade, as línguas clássicas, o grego e o latim. Dominava as principais línguas românicas, o francês, o italiano, o espanhol e o provençal. E, igualmente, o alemão, o inglês e o holandês, além de possuir conhecimentos filológicos sobre outras línguas indo-europeias, como o gótico, o sânscrito etc. Estudou o árabe e o hebraico. Interessou-se também pelo tupi-guarani e pelas línguas negro-africanas.

Com este vasto instrumento de poliglota, devassou a literatura e o folclore de inúmeros povos, o que lhe abriu amplas perspectivas.

Além disso, dedicou-se à história cultural (*Kulturgeschichte* dos alemães) e, deste modo, pôde ver a Linguística por um plano menos limitado e mais arejado. A cultur-história, realmente, o iria libertar definitivamente dos conhecimentos estanques de sua especialização filológica. E, sob esse aspecto, concorreu para dominar as limitações iniciais e integrá-lo na orientação moderna que tem na Antropologia Linguística a sua feição mais apurada.

Jamais poderia explicar a fraseologia vernácula, como fez nos dois volumes das *Frases Feitas* sem essa larga visão como, igualmente, não

poderia estudar a evolução da língua portuguesa no Brasil, como fez em *A Língua Nacional*, se não estivesse apoiado em postulados modernos da Linguística.

E tudo isso João Ribeiro realizou sem alarde, introduzindo nova doutrina e aplicando novos métodos, com a hierática simplicidade de semeador.

Foi, sem dúvida, um filólogo, despido de ostentações rebarbativas, mas dotado de extraordinário equipamento cultural para o mister.

Humanista, erudito, sempre bem-informado das conquistas modernas da Linguística, possuidor de alto senso crítico e dono de uma inteligência privilegiada, trouxe à filologia da língua portuguesa uma contribuição valiosa que, sobretudo na época em que viveu, representa a evolução dos estudos filológicos no Brasil.

É justo, pois, examinar essa evolução através do que realizou e do que contribuiu para o progresso da ciência da linguagem entre nós.

I°. A criteriologia naturalista e o seu reflexo na Linguística

Aquele que contemplar a história da “ciência da linguagem” não pode contestar que esta surgiu no século XIX sob o influxo preponderante de uma criteriologia naturalista.

Caracterizava-se a “ciência da linguagem” como típica “ciência natural” e estudavam-se os fatos linguísticos sob o ponto de vista naturalístico.

O critério naturalista açambarcava tudo e refletia-se, consequentemente, na explicação da linguagem.

No século passado, realmente, o naturalismo triunfava integralmente e não há dúvida que exerceu decisiva influência, em grande parte devido ao êxito e ao esplendor das ideias evolucionistas que, do campo da biologia, se estendia à filosofia. Lamarck, Saint-Hilaire,

Wallace e Goethe abriram o caminho. O transformismo de Darwin e os seus pressupostos, endossados pelo evolucionismo de Spencer e pelos exageros do monismo de Haeckel, facilmente se transformaram em diretrizes filosóficas que dominaram os principais estudos sobre o homem e a sociedade.

No campo da Linguística, a preocupação naturalística mais absorvente foi determinar as leis da linguagem.

E, nesse sentido, a escola filológica de maior repercussão foi a chamada “escola dos neogramáticos”. Não se pode contestar que a área de influência dessa escola foi formidável e, de fato, logrou enorme aceitação entre os estudiosos.

Eis como João Ribeiro, no final do século passado, sintetizava o movimento dos neogramáticos:

“A escola de Bopp e de Curtius foi nos últimos tempos revolucionada por um grupo de filólogos alemães conhecidos por *Junggrammatiker*.

A contenda entre os campos não está resolvida, mas não há dúvida que a nova escola tem ganhado bastantes adeptos em toda a parte.

Os princípios proclamados pelos neogramáticos não são aliás muito originais e já tinham excitado muito a atenção dos antigos filólogos. Eis o que aqueles proclamam:

I – As leis fonéticas são imutáveis e inflexíveis.

II – As exceções todas são explicáveis pela analogia.

III – A teoria da aglutinação primitiva dos idiomas é absurda.

IV – O sânscrito não pode ser considerado língua típica, em virtude das alterações do seu sistema de vogais.

Em resumo, o principal ponto em que se dividem as escolas consiste na consideração do elemento psíquico que a nova escola dá como fator de grande preponderância. Daí a necessidade de

completar o antigo estudo da ação fisiológica pelo estudo dos fatores espirituais, que influem decisivamente na linguagem.

Como consequência inevitável do sistema, ver-se-á que, em vez de preocuparmo-nos com a língua ariana primitiva, devemos exercer e aplicar os métodos da ciência sobre os monumentos que existem, atuais, onde é fácil verificar-se e observar-se a dupla evolução material e espiritual das línguas. A teoria nova começou em suas origens pelos estudos de Scherer, em 1860, adotados e vulgarizados por Leskien, de Leipzig, e logo depois sustentados por estrênuos campeões, como Paulo Rask, Osthoff e Brugmann.

Um dos maiores abusos da antiga escola, criticam os neogramáticos, foi o ardor excessivo com que igualaram o desenvolvimento das línguas ao movimento orgânico, biológico, e também a estulta pretensão de resolver problemas complexíssimos e formar generalizações pelo simples exame das línguas *mortas*, incapazes de fornecer testemunhos que pudessem ser verificados em flagrante.

Assim, os estudos fecundos que podem esclarecer os problemas da Linguística devem-se exercer sobre as línguas atuais, e aí a observação demonstra que o progresso ou a decadência das línguas gira sobre duas ordens de fatos:

- a) variações fonéticas;
- b) variações analógicas.

São duas forças coexistentes, coevas, uma representando a ação fisiológica e a outra, a ação psicológica; a primeira dissolvente e a segunda restauradora da língua. Fora destes dois termos não há teoria satisfatória que constitua a síntese ou a filosofia da linguagem.”¹

O principal prejuízo da escola residia, entretanto, no princípio da constância das leis fonéticas. Persistia ainda aí um critério naturalístico. O próprio João Ribeiro, mais tarde, na última edição de sua *Gramática Portuguesa* (1930) frisara:

“O progresso dos estudos filológicos aconselha substituir a noção de leis, para evitar-se o erro de lhes atribuir o caráter imperativo e sem exceção, como o fizeram ainda há pouco tempo os *neogramáticos*. O que convém compreender é o caráter *a posteriori* das leis fonéticas dentro de cada língua ou dialeto, como expressão de uniformidade em dado período de tempo, após a qual as leis perdem toda força de mutações fonéticas. No espaço e no tempo a *lei* representa uma *média*, como se diz em matemática.” (Veja Schuchardt – *Brevier*, 43, 103, etc.; Vendyes, Delbrück e Fritz Mauthner – *Lur Sprachwiss*, 94 e outros lugares.)

Pouco antes, na mesma obra, escrevera:

“Falamos em *tendências* que se devem considerar espontâneas em cada grupo de língua e povo, mas não de *leis* com o sentido imperativo e absoluto, que lhe deram principalmente os *neogramáticos*. Leis tais mereceram o conceito de descrédito” (obra cit. pág. 29).

Do próprio João Ribeiro, como se vê, surgiu, no Brasil, a primeira reação contra a escola dos *Junggrammatiker* que, na mocidade, o empolgara.

Nesta primeira fase do naturalismo linguístico, mesmo quando versa problemas como a “teoria mesológica”, tão apreciada pelos evolucionistas, sabe apontar a sua relatividade e os limites de sua aplicação ao estudo da língua portuguesa no Brasil. Basta apreciar as suas reflexões a respeito:

“Na linguagem a influência do clima, *que tem sido exagerada*, não é bastante nítida, de modo que seja analisada cabalmente. Deve-se admitir um influxo devido à ação de todo o clima, em qualquer parte do globo. Mas, que fica apurado, quando se pretende notar as diferenciações produzidas pelas variedades climáticas? Em que, por exemplo, consiste a influência do clima tropical? Quais são os fatos, na língua dos brasileiros, que atestam a influência daquele fato?”

Se o *brasileirismo* representasse um estado patológico da língua devido ao clima tropical, idêntico fenômeno devia produzir-se na Índia, em Ceilão, onde a língua portuguesa foi implantada e diferenciou-se sob a ação de clima idêntico ou bastante próximo.

Ora, o indo-português de nenhum modo se aproxima da linguagem luso-americana. Os fatos que no Brasil se devem atribuir ao clima são notados nas variações prosódicas, mormente no acento provinciano ou *sotaque*. E devem ser atribuídos ao clima, porque são independentes da língua e da raça, e já foram notados nas línguas que dominaram, anteriormente, o guarani (dialeto do sul), o tupi (dialeto do norte).”

Tudo o mais é problemático e assaz contestável: não porque a ação climática seja nula, mas por não ser claramente apreciável, e ser mesmo pouco eficaz quando a humanidade atinge um grau notável de progresso, isto é, de vitória contra a natureza, de subtração às forças materiais do meio. Eis o que, a respeito, há muitos anos escrevemos:

“Além das *raças* e *línguas*, convém não esquecer um fator de importância limitada, designado sob o nome de *meio* ou condições mesológicas, entre as quais a principal é incontestavelmente o *clima*.

A *mesologia* abrange o estudo do clima, dos acidentes e contornos do solo e das águas, da alimentação, do *modus vivendi* material



dos homens. Entre essas condições avulta o *clima*, por ser a causa mais geral, e a que pode explicar a existência das restantes.

Alguns observadores, como pondera Hardy, têm procurado definir a influência *mesológica* ou *climatérica* induzindo dos fatos a verdade que *os sons se tornam mais agudos à medida que cresce a latitude ou baixa a temperatura*.

Assim, os fonemas latinos, italianos e peninsulares em A, tornam-se mais agudos na zona média, na França, e atingem a máxima acuidade na zona setentrional e mais fria. A progressão pode ser notada nos exemplos seguintes:

A (sul)	E (francês)	I (inglês)
Cabo		
Capo	<i>chef</i>	<i>chief</i> (tʃif)
Caput		
Lábio		
Labrum		
Labbro	<i>lèvre</i>	<i>lip</i>
Aquila		
Agúia	<i>aigle</i>	<i>eagle</i> (igl')

Estes exemplos, que nos aponta Hardy, justificam a *progressão aguda* ou *diminuição sonora* dos valores fonéticos, produzida pela ação do clima.

Os fatos *mesológicos* são os que notificam a variedade fisionômica das línguas, e que a umas dão a preferência por certos sons que em outras escasseiam. O tom chiante do *s* e os ditongos em *ão* caracterizam o português; os sons guturais do *ch* dão especial parecer ao alemão, como o sibilo-dental ao inglês, a nasalidade ao francês e o excessivo vocalismo ao italiano.

Assim, cada língua tem sua organização ou índole fonética e de tal arte ordenada, que se pode, ao ouvir confusamente um

trecho declamado, dizer em que língua está composto, ainda quando se não percebe uma só palavra ou frase.


A ação *mesológica* é sobretudo profunda no domínio biológico. Não se deve dar exagerado peso à influência do clima sobre o trabalho mental; mas é claro que a atividade cerebral e as funções do aparelho vocal dependem imediatamente do estado fisiológico dos órgãos que vivem sob a continuada ação do meio.”

E mais o seguinte:

“É o clima um fator incontestável a que se atribuem várias modificações fonéticas na evolução e expansão geográfica das línguas. As condições topográficas atestam a variabilidade da prosódia, dos vícios e dos provincialismos dos idiomas. Mas quase sempre é difícil discriminar a influência especial de um fator secundário, quando se trata de produtos complexos e de análise obscura. É um fato, hoje vulgar para a filologia romana, que a acuidade das notas vocais está em proporção direta com a latitude regional das línguas. Assim é que o *a* dos peninsulares meridionais da Europa, em regra pouco excetuada, afeta a forma *ɛ* no centro do continente e a forma *i*, no extremo limite boreal. A progressão do fonema, como se vê, vai do grave para o agudo. A palavra *labbio* do italiano e *lábio* do espanhol e português aparece sob a forma *lèvre* no francês e na Inglaterra tem a forma *lip*.² Destarte facilmente se verifica a imutabilidade da escala vocal

A E I

nos radicais de idêntica origem: *pas, pace, paix, peace; agro, aigre, eager* etc. Esta lei não deixa de ter casos de interferências, e assaz curio-

2  Do inglês só se entendem os vocábulos de origem românica.

sos, mas que aparto daqui para tornar mais límpida a conclusão que procuro.

Entre as diferenciações que sofreu a língua portuguesa na América, avulta consideravelmente a prosódia brasileira, caracterizada por a predominância do acento e da emoção sobre a quantidade das sílabas.

A quantidade *breve*, tão assinalada na pronúncia reinícola, transformou-se em uma quantidade *semilonga*, que caracteriza a prosódia brasileira.

Há, porém, um fato de cuja explicação tenho cogitado, e não deixam de ser, pelo menos, curiosos os resultados da minha especulação.


No sul do Brasil nota-se com insistência inegável a ditongação e coalescência de vogais sucessivas: *rio, frio, tio*, que se pronunciam *riu, friu, tiu*, etc. O fato de contrações fonéticas observa-se no sul e nas mais altas latitudes do império.³

Dá-se justamente o contrário no norte, onde as palavras saem vocalizadas com maior descanso e maior dilatação das sílabas.

Estes fenômenos são devidos exclusivamente à influência portuguesa?

Creio que não. E há um meio de verificar o meu acerto, é eliminar o fator que julgo nulo e observar se o fenômeno, assim posto, se produz em sua plenitude.

Ora, antes da conquista portuguesa, na língua pura dos índios nota-se já esta diferença de contração fonética, a única que distingue o guarani do tupi. Com efeito, as formas guaranis ou meridionais são contractas e mínimas e dilatam-se e avolumam sob a força elatora do clima na língua do norte, ou no tupi. Deste modo é que os vocábulos *tu* ou *tur*, *ti*, *pe* do guarani tomam formas mais amplas no falar dos tupis, *tura*, *tib*, *pema* e *pemba*.

3  João Ribeiro escrevia estas observações durante o período imperial.

Vê-se daí que o fator de contração prosódica coexistiu com o domínio indígena e ainda continuou com o seu sucedâneo, o português.

Este fator, coevo dos dois idiomas que sucessivamente dominaram, não pertencendo a nenhum deles, deve-lhes ser um princípio estranho, e necessariamente o clima.”⁴

Embora aceitando a teoria mesológica e fundamentando-a em fatos objetivos, já reconhecia João Ribeiro a relatividade da doutrina.


A criteriologia naturalista não o cegava.

Ele próprio salientava que tal recurso metodológico não passava de *analogias* e *metáforas*, porém analogias e metáforas que serviam para “colocar os fenômenos sociais no mesmo lugar da natureza, mostrando a incapacidade de imaginar categorias novas e diferentes das ciências indutivas”.

No estudo “O caráter biológico das ciências superiores” – onde mais forte e mais incisiva se encontra a sua defesa da criteriologia naturalista –, João Ribeiro, cedendo ao influxo das ideias evolucionistas, admite, como Schleicher, que a Linguística é uma ciência natural.

Eis como defende os princípios transformistas no campo de linguagem, partindo do paralelismo: língua (espécie), palavra (indivíduo), ideia (vida), sílabas (órgãos somáticos) e letras (órgãos proteicos):

“Nos indivíduos existem funções que se chamam propriamente orgânicas como a respiração, a circulação etc. Essas funções são contínuas: uma vez anuladas produzem a morte.

4  João Ribeiro, Mesologia e clima (in *Dicionário Gramatical*); — Estudos filológicos.

As palavras também têm uma função orgânica, ininterrupta e contínua: a *idéia*. Perdida por um momento a *idéia*, o vocábulo não pode existir.

Assim é que morreram os nomes das instituições e coisas que não existem.

Nos indivíduos existem funções que se chamam propriamente animais ou de relação, como o olfato, a vista etc. Essas são descontínuas e intermitentes. São dispensáveis à vista geral do organismo e, biologicamente, só aparecem mais tarde com a perfeição das espécies e ainda assim se originam de diferenciações sucessivas de uma só função geral mais primitiva.

As palavras têm verdadeiras funções de relação como são as relações e sinais de flexão, caso, tempo, número etc.

Elas são intermitentes e dispensáveis à vida geral da língua, como, por exemplo, no monossilabismo em que não existem sinais próprios para indicação desses matizes; como que na palavra reside um sentido comum que exprime o gênero, o número, o tempo sem alterar a terminação, tudo dependendo do sentido da frase. Fica implicitamente provado que aparecem tarde, por isso que a flexão domina no terceiro período, depois da aglutinação. Nas línguas primitivas, nome e verbo podem ser uma só e única palavra.

Quando se percorre a escala dos seres, quanto mais elevados são, nota-se uma maior complexidade de órgãos.

Quando se analisam os períodos das línguas, as letras multiplicam-se e adicionam-se às palavras para serem expoentes locativos, pluralizadores, pessoais etc. Por outra parte as funções gramaticais multiplicam-se e ficam definidas as outrora confusas categorias.

Quando de dois órgãos que tendem aos mesmos efeitos, um atrofia-se, outro ganha atividade dupla.

Quando pela queda da consoante média, tivemos as formas *veer, leer*, antigas, — atrofia do primeiro *e* alongou naturalmente o segundo: *vêr, lêr*. Quando a terminação *a* que era plural da 2.^a declinação (*regna, templa*) se perdeu por parecer simples sinal de feminino, o feminino à função de feminino ao mesmo tempo juntou a ideia pluralizada ou coletiva. Assim *fruta* (abundância de frutos), *lenha* (muitos lenhos), *prata* (muitos pratos, baixela) etc.

O esforço para uma função necessária cria e desenvolve um órgão (Darwin). Assim se explica a formação da cauda do peixe e o comprimento do pescoço das girafas em épocas pré-históricas.

Um fato semelhante se opera no domínio das línguas, quando modificam-se letras para evitar a homonímia. Para evitar o duplo sentido de falha, formou-se *faúlba*, alongando *facula*.

Para exprimir ideias da sociedade nova e burguesa, de *civil e civeldade* (que exprimia rustiqueza na sociedade feudal) tirou-se com leve alteração as nobres palavras *civil e civilidade*.

A função contínua de referir certas palavras a pessoas criou o órgão correspondente de uma flexão *em*, referente só a pessoas: *qu-em, ningü-em, algu-em* (que homem, algum homem) etc.

A aclimação de indivíduos só se realiza à custa de modificações mais ou menos profundas cujo conjunto é a adaptação. Mas nesta a vida de relação altera-se menos que a orgânica.

As palavras de aclimação não literária deformam-se e sujeitam-se às condições do novo meio. Assim, os franceses toma-

ram *riding-coat* com a forma *redingote*; os ingleses fizeram de *écuyer*, *esquire*. Nós fizemos *oboé* de *haut bois* e dizemos e escrevemos *pundonor* (*pund'onor*, *point d'bonneur*) etc. Mas nessa aclimação a maior perturbação reside na idéia porque *redingote* não é mais *riding-coat* e *esquire* e *pundonor* já não são o *écuyer* e o *point d'bonneur*.

Na vida das espécies entre o nascimento e a morte, há três épocas: desenvolvimento, estado e decadência.

Nas línguas, entre a sua aparição e morte, notam-se um período de desenvolvimento (amálgama e aglutinação); um período de estado (flexão) e, finalmente, um período de decomposição, manifestado pela tendência analítica e perda dos expoentes flexionais. Foi o que sucedeu ao inglês e às línguas romanas modernas. E assim, só se pode entender por *morte* de espécies ou de línguas a diferenciação que as distanciou das formas primitivas.

A inoculação de certas substâncias como o veneno mata os indivíduos.

Não se trata aqui apenas de um paralelismo por metáfora. A verdade é que vocábulos podem adquirir idéias várias, mas uma só delas pode ser letal. Quando um vocábulo puro adquire uma idéia torpe, vai caindo em desuso até desaparecer. É o que se chama tendência pejorativa. E muitas vezes a desapareção é subitânea. Há muitos arcaísmos desse gênero em todas as línguas.

Há seres que vivem exclusivamente da seiva e vida de outros, sem os quais pereceriam.

Há palavras que ainda não desapareceram da língua, porque tomam elementos de vida a outras, a que se ajuntam. Assim, o

artigo *el* ainda hoje existe, por causa da expressão *El-rei*. Fato similar dá-se com o *ès* francês: *maître-ès-arts*.

A beleza da plumagem e do canto é um motivo poderoso de seleção (Darwin).

A eufonia é uma grande causa conservadora dos vocábulos.

As palavras belas não desaparecem e são preferíveis a outras e as maiores às menores (*bucca* em vez de *os* e outras muitas)."


E conclui João Ribeiro:

"A confrontação poderia ir mais adiante; mas, parece-nos, alegamos o bastante para estatuir este princípio: Tôdas as leis gerais biológicas acham imediata correspondência no domínio das línguas."⁵

Tudo isso refletia ideias e doutrinas que empolgavam a época em que ele surge como filólogo. Iguais pressupostos aparecem em Júlio Ribeiro no próprio campo do estudo da língua, em Capistrano de Abreu na história, em Sílvio Romero nos estudos sociais e em Clóvis Beviláqua no direito.

O próprio João Ribeiro não esconde os exageros dessa diretriz:

"É verdade que muito se abusou do critério *naturalista* no estudo das coisas morais e humanas e não é mais novidade a crítica ou a apóstrofe contra aqueles excessos que afinal de contas eram conseqüências do primeiro arrebatamento e do entusiasmo da nova doutrina." (*Estudos filológicos*, 2.^a edição, pág. 182.)

5  João Ribeiro, *Estudos filológicos*, livro mais contaminado por esses pressupostos naturalistas.

Bem cedo, porém, João Ribeiro compreendeu que essa criteriologia não passava de simples analogias e metáforas, insuficientes para abranger a linguagem como manifestação do processo histórico.

E quanto mais se aprofundou nos estudos linguísticos, foi abandonando esses prejuízos que, antes, também o envolveram.

Nessa marcha progressista, que era também a da ciência da linguagem, o seu espírito crítico encontrou apoio em três correntes:

I – a reação antinaturalista da filosofia alemã.

II – a integração no movimento da Cultur-História (*Kulturgeschichte*) também desencadeada na historiografia germânica.

III – a extensão de suas pesquisas à etnografia, ao folclore e à “Volkerpsychologie”.

E, no campo puro da Linguística, passou a ser o divulgador das críticas mais fundamentais à velha doutrina, difundindo as lições de Schuchardt, Vendryes, Delkrück e Fritz Mauthner.

Não se enquistou no passado. Evoluiu. Progrediu. Aperfeiçoou-se. E, nessa marcha, não houve contradição, senão aparente, porque tudo resultou de um desenvolvimento harmônico do próprio espírito, sempre pronto a corrigir e a retificar o que a ciência corrigiu e retificou.

Analisemos, pois, a segunda fase doutrinária de João Ribeiro na filologia portuguesa. É o período que mais evidencia a sua forte mentalidade de filólogo.

II°. A criteriologia culturalista e o seu reflexo na Linguística

Antes de tudo, a reação contra a criteriologia naturalista no campo das ciências sociais e humanas foi obra da filosofia.

Duas grandes escolas filosóficas da Alemanha – a escola de Baden e a escola de Marburgo – iniciaram o movimento.

Essas duas escolas, sem embargo de suas peculiaridades, oferecem alguns pontos de contacto.

Ambas consideram a reflexão sobre a cultura o problema central da filosofia e visam a uma filosofia de ação. Tanto uma como outra procuram compreender o *mundo da cultura* e seus *mundos particulares* (a ciência, a moralidade, a religião, o direito, a arte) como uma criação do espírito. Tanto uma como outra estabelecem, para a análise das culturas, um critério *antinaturalístico* por excelência.

O erro fundamental das concepções naturalistas era, de fato, tomar o método das ciências naturais como o único método científico.

Ora, isso era evidentemente falso.

Já Guilherme Windelband, figura proeminente da escola de Baden, no célebre discurso sobre *História e Ciência Natural*, que marcou uma das etapas desse movimento renovador, demonstrou que, ao lado das “Ciências da Natureza”, também havia as “Ciências do Espírito”; aquelas eram ciências de *leis* ao passo que estas eram ciências de *sucessos*.

O mundo da cultura não podia, portanto, ser analisado satisfatoriamente com o método e critério *naturalista*. Aí o critério tinha de ser outro. Impunha-se um método diferente.

A escola de Baden, com Windelband e Henrique Rickert e seus discípulos Emílio Lask, Bruno Bauch, Ricardo Kroner, Jorge Mehlis etc., juntamente com a escola de Marburgo, chefiada por Hermann Cohen e seus seguidores, Augusto Stadler, Walter Kinkel, Ernesto Cassirer, Hartmann, Goerland etc., tomaram decisiva posição contra a criteriologia naturalística. E em torno delas, outros filósofos independentes, igualmente, apoiaram a mesma reação crítica. Próximos da escola de Marburgo encontram-se Paulo Natorp, Kurt Lasswitz, Guilherme Koppelman, Osvaldo Weidenbach, Lasker etc. E, de outro lado, nas imediações da escola de Baden, divisamos Max Weber, Guilherme Dilthey, Spranger, Alfredo Vierkandt etc.

Até mesmo a mais importante corrente materialista, com Marx, Engels e seus epígonos, já discriminava duas metodologias: a dialética da Natureza para as ciências naturais e o materialismo histórico para as ciências histórico-sociais.

Impunha-se para a classificação das ciências o expressivo díptico: *Kultur* e *Natur*, distinguindo duas criteriologias científicas: a natural e a cultural.

Refletindo essa vasta reação filosófica, impulsionada por idealistas e materialistas, a Linguística tomou novas direções metodológicas e o exame dos fatos linguísticos tinha, naturalmente, de ser revisto.

Qualquer língua, como *produto cultural*, não pode ser totalmente estudada sem o esclarecimento das condições históricas e sociais do momento em que surgiu e se formou.

Essa concepção culturalista da compreensão da linguagem trouxe, como consequência, o estudo das línguas para o âmbito histórico-cultural.

A linguagem só poderá ser bem compreendida à luz da civilização dentro da qual aflorou. Daí a íntima ligação do estudo das línguas com a história e a etnografia, principalmente com esta última, que é a expressão lídima da civilização no que ela tem de espontâneo e virginal.

Assim é que T. Aranzadi, vulgarizando as ideias modernas sobre o assunto, escreveu incisivamente:

“Modernamente tiende, entre otros Schuchardt, a empujar la linguística hacia la etnografía, tendencia algo más plausible, que la inversa y sostiene: que la lengua no es un organismo capaz de descendencia, sino un *producto cultural*, al que si por metáfora se le senala una madre, hay que buscarle también el idioma padre o viceversa; que toda lengua es un produto de mestizaje, siendo un absurdo, y as veces un contra sentido, la afirmación de que al ponerse en contacto íntimo dos pueblos, tenga que vencer uno

de los dos idiomas, anulando del todo al otro, sin tomar nada de el, y sin perder nada por su parte; como la afirmación de que haya de ser el vencedor precisamente el representante de una civilización superior. El inglés, el rumano, el osmanli y el judeo-español no son casos excepcionales de mestizaje lingüístico, sino ejemplos, que destacan más por su mayor modernidad. Los mulatos de Sur de Africa, que hablan hotentote; los señores de Barundi, en el Africa Oriental, que hablan bantu y no son propriamente de raza negra; los griegos del Asia Menor, que hablan turco, tampouco son excepciones a un axioma, sino *pruebas* de que este no es cierto.”


Tudo isso revela uma nova maneira de ver os fatos lingüísticos. Entende-se, agora, a ciência da linguagem, despida da criteriologia naturalística.⁶

João Ribeiro, no Brasil, divulgando Schuchardt, colocou-se ostensivamente ao lado da nova orientação.

Denunciou, sem embargos, a precariedade da falsa noção das leis fonéticas, evidenciando a falácia de exagerados foneticistas, incapazes de perceberem a riqueza de processos que convergem nas explicações etimológicas.

Nesse ponto, identifica-se com o movimento da chamada “Geografia Linguística”, que pôs em xeque as rígidas conclusões dos neogramáticos.

Abriam-se, para o seu espírito crítico, novas perspectivas e, nesse clima mais arejado, trouxe para os estudos filológicos no Brasil a sua melhor contribuição.

6  Sobre o assunto veja-se Joaquim Ribeiro, O estudo da língua com a ciência cultural (in introdução de *O ensino do latim*, 1935).

Realmente, há várias décadas apareceu pela primeira vez a expressão “Geografia Linguística” (*Sprachgeographie*) empregada para designar as novas tendências do estudo da linguagem. Com esse fim, delas usaram Jules Gillieron e Mario Roques na *Revista de Filologia Francesa*. A expressão, todavia, não teve a boa fortuna de se difundir entre nós.⁷


Já em 1905 Gillieron manifestara o ensejo de libertar a ciência da linguagem das rígidas fórmulas dogmáticas, impostas pelos “neogramáticos”. Na verdade, o rigorismo que sempre caracterizou essa escola ameaçava estiolar a linguística dentro de seus muros, sufocando-a, enclausurando-a e afastando-a do contato com as realidades múltiplas e móveis da vida.

Uma das mais belicosas obras de Gillieron, denominada *La faillite de l'etymologie phonétique* é um golpe profundo e aniquilador na escola dos *Junggrammatiker*.

Mas Gillieron não foi tão-somente o grande demolidor da etimologia fonética. A ele se deve o monumental *Atlas linguistique de la France*, de parceria com Edmond, obra que marcou decisivamente uma nova era de renovação no domínio das pesquisas filológicas.

Fundada em fatos da linguagem e não em teorias fonéticas, partindo das investigações locais, analisando as diferenciações dialetológicas e pesquisando, sobretudo, os fenômenos da linguagem popular, apesar de sua extrema complexidade, a “Geografia Linguística” é uma ciência profundamente positiva.

O movimento logrou, na França, o apoio de Millardet, Terracher, Bruneau, Oscar Bloch, Albert Dauzat etc., e, fora dela, o de K. Jaberg, J. Jud, Hubschmied, Schuchardt etc. O próprio Meyer-Lübke, tão apegado ainda aos conceitos antigos, não se pôde furtar às influências da nova

7  Veja-se Joaquim Ribeiro, “A Geografia Linguística” (in *Revista da Academia Brasileira de Letras*, abril de 1933, n.º 136). Pela data facilmente se verifica que foi o primeiro ensaio de síntese sobre os princípios gerais da nova doutrina, publicado no Brasil.

doutrina; a sua obra clássica sobre as línguas românicas está impregnada das novas tendências e, com justa razão, pode ser considerada como pertencente à bibliografia da “Geografia Linguística”, como, aliás, fez Albert Dauzat na sua selecionada notícia bibliográfica.

Só a resenha dos nomes acima mencionados basta para consagrar a nova doutrina.

É certo que principiou, como geralmente acontece, com críticas e combates. O seu princípio negativo fundamental condensa-se numa fórmula apenas: reação contra o absolutismo das leis fonéticas.

Os neogramáticos, de fato, estabeleceram, como dogma, a constância das leis fonéticas.

Para eles, numa época e língua dadas, um som qualquer na mesma posição sofria, em todas as palavras, a mesma transformação; as exceções aparentes explicavam-se pelas influências analógicas.

Assim, por exemplo, na região parisiense, no século VII, todo *c* colocado antes do *a* palatizava-se em *ky*, som que mais tarde se mudava em *ch*, em todas as palavras sem exceção, assim: *cantare, campum, castellum, calorem, vacca*, etc. deu em francês: *chanter, champ, château, chateur, vache*, etc.

O grupo *ca*, no francês de hoje, penetrou mais tarde, como *camp* ou *cantatrice*, vindo da Itália com a Renascença, do provençal como *cap* ou *castel*, ou retomado ao latim pelos eruditos, como *calorie*.

Ora, menos dogmático, Jules Gillieron, no seu estudo sobre o que chamou, com razão, “miragens fonéticas”, demonstrou que as séries homófonas nos dialetos atuais, séries análogas ao *ch* francês, provindo do *c* antes do *a*, no latim, não remontam a esta língua por filiação direta e longe estão de representar em todas as células linguísticas, como pensavam os neogramáticos, uma tradição local ininterrupta. Os exemplos que traz argumentam decisivamente a favor de sua crítica.

O elemento dialetológico, os dados regionais e locais, a linguagem popular etc., não podem ser desprezados.

Além disso, incluem os princípios positivos da nova doutrina a história dos vocábulos, a sua distribuição geográfica, as migrações, os choques e os encontros, as alterações resultantes de suas viagens, reações recíprocas entre a forma e o sentido, as influências analógicas de um lado, fenômenos de ordem social, mudanças de formas, enfim estudo interno e externo da linguagem, ponto de vista estático e cinematográfico: tais são as duas ordens gerais de fatos que são abrangidos pela nova doutrina.

Uma das grandes descobertas da Geografia Linguística foi a elucidação das “colisões homonímicas” das confluências de elementos e das convergências de várias raízes etimológicas, pois, somente esses contatos verbais e ideológicos poderiam, realmente, explicar a origem de palavras e frases feitas, uma vez que o critério *linear* das leis fonéticas não era suficiente para apresentar soluções convincentes e objetivas. Nesse campo, os resultados da nova orientação têm sido fecundos e proveitosos.

Essa riqueza e abundância de processos explicativos garantem maior flexibilidade ao filólogo nas suas pesquisas.

O linguista, agora, já não se pode enclausurar em seus quadros restritos e invade o campo da história, uma vez que a linguagem, como diz Meillet, “est un fait social”. E conclui:

“La linguistique scientifique s’est longtemps identifiée avec la linguistique historique.”

É a tendência culturalista, hoje, vitoriosa.

Não se pode pesquisar uma língua sem apelo à cultura em que a mesma aflorou e se desenvolveu. É ponto assentado. Daí a grande importância da etnografia e dos textos folclóricos, indispensáveis, não raras vezes, para explicar a história dos vocábulos.

No Brasil, João Ribeiro foi o primeiro filólogo a romper com os velhos pressupostos. Não só divulgou a crítica às “leis fonéticas” como, no domínio da língua portuguesa, desmascarou o arrevesado

artificialismo de certas explicações etimológicas baseadas em complicados processos fonéticos.

Eis uma amostra sugestiva, que está nas anotações da Seleta Clássica:

...“em um dos seus interessantes opúsculos diz Leite de Vasconcelos que se deve escrever *igreja* e não *egreja*, porque o primeiro *c* de *ecclesia* (forma latinada do vocábulo grego) vocalizou-se e produziu a forma *eigreja*, e o ditongo *ei* contrai em *i* e não *e*, conseqüentemente devemos escrever *igreja*.

Nos seus valiosos *Subsídios* adota Cortesão aquele mesmo parecer, dizendo *igreja* e não *egreja*, do latim *ecclesia* = *eigreja* = *igreja*.

Na sua *Ortografia Nacional* reproduz Gonçalves Viana os mesmos argumentos em favor da grafia *igreja* e aponta exemplos da condensação *ei* = *i*:

Einez, *Eynez* = *Inez* (*Ignez*); *Grijol* (*ecclesiola*) = *Grijó* (nome de povoação); *Eiró* = *iró* (nome de peixe).

Acredito pela minha parte que essa opinião, sem embargo de ser como é, autorizada por nomes tão ilustres, o que me fez aceitá-la sem maior exame, carece contudo de sólidos fundamentos.

A singularidade de tão rebuscados e raros exemplos como *Einez*, *Grijó* e *iró*, em língua onde o grupo *ei* ocorre numerosas vezes, e não deixaria de contrair-se em *i* nas sílabas átonas, segundo querem aqueles filólogos, está mostrando que este caso merece revisão mais acurada.

Nem na prosódia popular, nem entre os arcaísmos encontramos vozes como *chirar* por *cheirar*, *dixar*, *pitoril*, *iradigo*, *sitario*, *cifar*, *ditar*, *acitar* ou outros que tais, quantas se queiram lembrar em que o *ei* protônico seguido de consoante se condensasse em *i*; apenas em certos e raros casos (como veremos), por exemplo, antes do *z*, é que vemos *ei* contraído em *i* na prosódia vulgar: *ei-*

zemplo, *izemplo* (exemplo), *eizame*, *izame* (exame), *Eizidoro* e *Izidoro*, *Eizabel* e *Izabel* e até na escrita: *exempto* e *izento*.

Os exemplos, pois, que aponta Gonçalves Viana ou Cortesão, tenho por suspeitos e duvidosos.

I.º – *Iró*, um deles, não está registrado em dicionário que eu saiba em lugar de *eiró*, que é o vocábulo como o dá Morais e, ajunto, que desta forma o escreveu Dom Manuel de Melo, na *Feira de Anexins* (*eiroz*, pág. 215 da edição de Inocêncio); o mesmo Cortesão, apologista da transformação *ei = i*, dá *eiró* e não *iró*.

II.º – O outro exemplo *Einez* ou *Eynez* (que pode ser alguma vez erro de transcrição *y* por *g* letras muito semelhantes: *Egnez = Agnes*) explica-se por uma forma anterior *Enbez*, conforme veremos, do contrário seria também única esta condensação antes do *n* e, em verdade, ainda nos escritores antigos sempre se me depara *Enez* (e não *Einez*) como para exemplo em Fernão Lopes na *Cron. de Dom Pedro*, edição da Academia:

‘Este Rei não quis mais casar depois da morte de Dona Enes.’
(pág. 8)

E ainda *Enes*, à página 110.

E o mesmo Cortesão, que aponta um único exemplo, *Eines* do fascículo *Scriptores*, nesta mesma obra aponta e registra *Enes*, que é a forma comum.

III.º – O exemplo *eigreja* é obscuro porque pode ser este *ei* inicial um influxo regressivo da segunda sílaba (que contém *ei*, realizando-se na primeira) e efetivamente encontramos as formas *eigrejas* (Leges, ap. Corsão), *eygleja* (idem) e *eygreiga* (nesta Seleta XXVIII); na História de Iria (*ibidem*) deparam-se *Ygreja* (duas vezes) e *Eygreje*; em Fernão Lopes, *egreja*, pág. 9, pág. 12, etc., da *Cron. de D. Pedro*.

Suposta essa variedade de formas tão fastidiosamente documentada, explica-se a contração *ei = i* antes do *z* ou das letras homorgânicas como *x* e *j*; assim, do mesmo modo que se diz *izento* ou *exempto*, *eizento*, diz-se também *peixote*, *pexote* e *pixote* e *ichão* e *ichão* (registrado em Cortesão), *egreijó* e *grijol*; mas este *ei* é o da segunda sílaba de *egreja*, *igreja*, *ecclesiola*, *egreijol*, *Grijol* e *Grijó*, antecede a *j* e não serve para o caso da primeira sílaba, onde antecede o grupo *gr* (*eigreja*).

Assim, pois, somadas todas as considerações acima expostas, entendo que *eigreja* está por metátese em lugar de *egreja* ou *eigreja*, e concorre isocronicamente com estas últimas formas, pois *i* não é vocalização de *e*; conseqüentemente, a palavra pode ser ortografada *egreja* ou *igreja* com a mesma liberdade com que se trata o vogal átona *e* em *igual* ou *igual*, *idade* ou *idade*.

Concluo dizendo ainda que a vocalização do grupo *cc* é hipótese desnecessária, porque explicando a forma espanhola *iglesia*, o abalizado filólogo R. Menendez Pidal, com toda razão, deriva de ‘*eclesiam*, forma que se halla en algunos autores e inscripciones en vez de *ecclesiam*’.

Prefira-se, pois, a grafia *igreja*, mas sem fundar a preferência na suposta contração do *ei* em *i*.

O grupo *ei* em português, revendo e modificando o que diz Cortesão aos seus valiosíssimos *Subsídios*, resulta do latim nas ocorrências:

I — *ect*, *ict*, *act*, *ept* (*peito*, *eito*, *leite*, *preceito*);

II — no encontro de vogais pela queda da consoante: *meio*, *correia*, *freio*, *arreigar* (*me-d-ium*, *corri-g-iam*, *fre-n-um*, *ra-d-icare*);


III — metátese: *eiro* por *erio* ou *ario*: *primeiro*, *outeiro*, *feira* (*primarius*, *altarium*, *feriam*);

IV – antes do *j*, *z* e de vogal; resulta da afinidade e confusão dos sons *ê* ou *ei* (bêjo e beijo, desejo e desejo, peixe e peixe, fêxe e feixe, arêa e areia, idéa e idéia); nesta categoria é que se condensa por vezes em *i* quando pré-tônico; *arriar* por *arrear*, *pixote* por *peixote*, *izento*, por *exempto*, *Grijó* por *Greijó*.

No título *ei* dos *Subsídios* carece de fundamento ao meu parecer a suposta vocalização do *d* (cadeira não pode provir de *cátedra*, mas remotamente da confusão entre *cátedra* e *quadriga*, no eng. *kadrega*, no milanês *kadreja* etc. [Meyer-Lübke, I, 445]); também não é fundamentada a vocalização em *i* do *g* antes da nasal (*fleima* e *flegma*); em ocorrência da voz *ema*, a vogal anterior *i* (às vezes *u*) depende do *m* e não depende da existência do *g*; diz-se *fleima* como se dizem *teima* e *queima* onde não há *g* que se vocalize; em *reino* naturalmente se desenvolvem as formas: *regnum*, *renho*, *renio*, *reino*, porque *nh* = *ni* (este *i* brevíssimo) e nem jamais o *gn* latino teve a prosódia *ghn*. Esta ocorrência é a que explica as formas *Agnes* = *Egnes*, *Eniez* = *Einez*, é, enfim, um resultado paralelo e independente de *Enez* e *Inez*, que prevaleceu desde o século XV.”⁸

Como se vê, João Ribeiro, desde cedo, repeliu o critério linear do fonetismo, que ainda avassalava os etimologistas portugueses. A riqueza dos fatos não poderia ser enclausurada nesse leito de Procusta da antiquada doutrina fonética, demasiadamente estreita para abranger a multiplicidade dos processos linguísticos. A crítica filológica de João Ribeiro põe em evidência a imperiosa necessidade dos novos métodos.

A língua, como produto cultural, tinha de ser examinada com maior amplitude.

8  João Ribeiro, *Seleção Clássica*, págs. 206-208.

Divulgando ensinamentos de filólogos germânicos como Hermann Paul, Fritz Mauthner, Prantl, Oskar Weise, O. Jespersen, Meyer-Lübke, Leo Spitzer, Karl Vossaler e outros, acompanhou, permanentemente, a evolução dos estudos filológicos e, sempre que pôde, ampliou-os ao exame da língua portuguesa, como se vê, por exemplo, do livro *Curiosidades verbais*.

Dentro dessas novas perspectivas, a explicação dos fatos linguísticos perdeu a antiga rigidez e adquiriu admirável flexibilidade. No campo da etimologia, esfumou-se o estreito fonetismo e verificou-se que uma série enorme de fatores concorre na formação e na evolução semântica dos vocábulos. A palavra e a coisa pertencem à cultura e sem ela não é possível compreender-se a própria evolução do idioma.

Nesse sentido, voltou-se para o estudo do português na América e traçou, com pesquisas elucidativas, os novos pontos de partida para a exata compreensão da nossa língua viva. Assim é que nos deu com o livro *A língua nacional* um expressivo padrão de como se deve investigar os processos evolutivos do português no Novo Mundo.

Já então adota os novos métodos filológicos (como, por exemplo, as colisões homonímicas).

Despido dos pressupostos naturalistas, João Ribeiro firma-se, doutrinariamente, na criteriologia culturalista.

Concorreram, sem dúvida, para a sua integração nessa corrente a sua dedicação a dois ramos de conhecimento: a *História* e o *Folclore*.

No campo da História, João Ribeiro foi o iniciador no Brasil do movimento da *Kulturgeschichte*, a cuja luz escreveu a sua *História do Brasil*.⁹

Realmente coube ao sábio sergipano romper com a velha tradição de nossa historiografia, que reduzia o exame de nossa vida retrospectiva ao aspecto político e administrativo. Na sua história algebriza a formação

⁹ Veja-se Joaquim Ribeiro, “A posição doutrinária de João Ribeiro na historiografia nacional” (in *História do Brasil*, XVII edição. Livraria Francisco Alves, introdução).

do povo brasileiro, fixa as tendências e as características da nossa coletividade e formula as linhas gerais do nosso destino histórico, além de subordinar a nossa história aos liames que nos ligam à cultura ocidental. Não é mais um perfil político-administrativo dos historiógrafos que o precederam. O aparecimento de sua obra em 1900 marca, na verdade, uma fase de renovação dos estudos históricos no Brasil.

O historicismo culturalista iria, naturalmente, influenciar os seus estudos linguísticos. O estudo da língua é essencialmente histórico, pois, sem o apelo à Linguística Histórica, não é possível explicar as origens e as transformações do idioma.

O historiador veio, pois, reforçar a orientação científica do filólogo. Desde cedo, aliás, num livro didático, como a *Gramática Portuguesa* (curso superior), já João Ribeiro orientava o ensino da língua vernácula, aplicando o método histórico-comparativo, certamente com a devida cautela exigida numa obra didática. Com mais extensão, adota-o no *Dicionário Gramatical*.

A verdade é que a sua integração no movimento *Kulturgeschichte* foi decisiva para a sua identificação com a criteriologia culturalista.

Por sua vez, a sua especialização nos estudos de *Folclore* ampliou a sua visão nesse sentido. O trato constante com os trechos folclóricos, com a linguagem popular e com a fraseologia idiomática abriu-lhe novos horizontes no domínio da Linguística.

A sua obra *Folclore* (1916), em que reuniu os materiais do curso que ministrou na Biblioteca Nacional, mais de uma vez, o levou a incursões na Linguística.

Antes, no *Fabordão* versara diversos temas de folclore.

Estava, então, em pleno domínio da Antropologia Cultural, pois o *Folclore* é um dos capítulos mais expressivos desse campo da ciência do homem.

Compreende-se, pois, a largueza de vista de João Ribeiro no estudo do idioma.

Não estava preso a conhecimentos estanques, não estava arraigado a orientações superadas e não estava amordaçado ao misoneísmo esterilizante. Bem ao contrário, possuía vasto saber humanístico, tinha plasticidade espiritual para progredir e abominava as resistências retrógradas.

Tudo isso explica a sua evolução doutrinária, que não implica, como já disse, contradição, porque representa fases de seu espírito, sempre orientado para o progresso e para o aperfeiçoamento. A sua existência constituiu, na verdade, uma luta nesse sentido, o que é, a meu ver, um exemplo de dignidade intelectual. Só os que não estudam e não se aperfeiçoam permanecem fiéis a doutrinas obsoletas e superadas.

A fraseologia vernácula

A grande contribuição de João Ribeiro para a filologia portuguesa é constituída pelos dois volumes das *Frases Feitas*, aparecidas respectivamente em 1908 e 1909, tendo como subtítulo: “Estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios.”

Pela primeira vez, a fraseologia vernácula, em toda a sua vasta extensão, era aplicada à luz do método histórico-comparativo e dos novos processos de pesquisa filológica. Ao lado de um profundo conhecimento dos textos antigos do idioma, patenteia-se, com máxima nitidez, a familiaridade com os modernos recursos da Linguística histórica.

Para essa construção crítica o filólogo subordinou o seu trabalho a um critério objetivo e seguro.

Inicialmente esmiuçava a frase feita na literatura vernácula, fixando as variantes sincrônicas e as variantes dicrônicas: estas últimas permitiam a determinação da filiação histórica e, quando não esclarecia o arquétipo fraseológico, identificava a versão mais arcaica conhecida.

Não esquecia João Ribeiro os dados comparativos, indo colher nos idiomas românicos (espanhol, provençal, francês, italiano etc.) as versões análogas, o que facilitava a exegese explicativa.

Não existia (e nem existe hoje) na língua portuguesa uma contribuição de tão vastas proporções. Existem, é certo, coletâneas diversas, mas sem fundamentos linguísticos. João Ribeiro foi quem deu ao tema tratamento filológico, pois, antes dele, só eram conhecidas contribuições esparsas e esporádicas de Gonçalves Viana, Júlio Moreira, Carolina Michaëlis etc. Livro de conjunto não existia.

É perfeitamente compreensível o êxito da obra de João Ribeiro nos círculos linguísticos de Portugal (Cf. *Revista Lusitana*, onde apareceram expressivos comentários sobre as *Frases Feitas*).

Aqui, no Brasil, os estudiosos que se voltaram para o assunto, como Lindolfo Gomes e Alberto Faria, sempre gravitaram em torno do trabalho de João Ribeiro.

O caminho estava desbravado. E isto só foi conseguido à custa de muita erudição, do conhecimento de estudos conexos (folclore, direito etc.) e, sobretudo, da aplicação dos novos processos da pesquisa linguística.

Realmente, as *Frases Feitas* representam, na orientação filológica, uma renovação de métodos. A rigidez dos fonetistas desaparece diante das confluências verbais, dos processos analógicos, dos elementos psicológicos e principalmente da análise da fraseologia como estilística do idioma.

Muito mais que o vocábulo, examinado insuladamente, a frase feita retrata a índole da língua nos seus estereótipos tradicionais. Explícala, de fato, constitui alto objetivo filológico.

Cada idioma possui a sua maneira, o seu habitualismo, enfim o seu estilo próprio para fixar, por vezes, pensamentos idênticos. Basta um exemplo para esta fácil comprovação:

Em linguagem dizemos:

Detrás da cruz está o diabo

Já os espanhóis preferem dizer:

Pol las baldas del vicario sube el diablo al campanario

Os franceses afirmam:

Le diable chante la grand'messe

Retrucam os italianos:

*Non si tosto si fa un tempio a Dio che il diavolo ci fabbrica una capella
appresso.*

O mesmo pensamento aparece nos povos germânicos. Dizem os alemães:

O uber die schlaue Sunde, die cinen Engel vor jeden Teufel stel.

A frase feita inglesa assemelha-se à dos italianos:

Where God has his church the devil will have his chapel.

A estilística do idioma exige, sem dúvida, a explicação filológica, que esclarece as suas origens e aponta os seus processos de evolução. Convém, todavia, frisar que essa explicação implica amplos conhecimentos da ciência do homem, pois envolve problemas de múltiplos aspectos culturais. Quem não estiver equipado com esses elementos eruditos, jamais poderá penetrar no âmago dessa questão, que é tanto de cultur-história quanto de linguística.

João Ribeiro estava, felizmente, bem armado para o mister. Além de linguista, era historiador e folclorista. Possuía uma das mais ricas bibliotecas de clássicos do idioma (biblioteca que vendeu por ocasião

de sua última viagem à Europa) e estava familiarizado com as obras dos mais abalizados filólogos germânicos, que o influíram na sua orientação metodológica.

Unia à erudição forte espírito crítico, que é indispensável a qualquer tarefa filológica de alto coturno. Patenteia-se nitidamente essa acuidade intelectual no exame crítico que fez das *Lições de filologia portuguesa* (I.^a edição) do grande filólogo português Leite de Vasconcelos. Tão seguras foram as observações de João Ribeiro que o sábio lusitano foi obrigado a corrigir a sua obra na segunda edição.



Com esse exemplo desejo tão somente salientar o espírito crítico de João Ribeiro. É um documento expressivo de sua agudeza e, sobretudo, de seu discernimento no trato dos temas filológicos.

Nas *Frasas Feitas* está presente esta acuidade crítica.

E, somente, devido a essa verdade, é possível a interpretação das origens – problema, que, às vezes, impõe a formulação de hipóteses.

Não há hipótese, não há inferência hipotética sem crítica e, ao lado dela, uma nova qualidade é indispensável: a imaginação. Enganam-se totalmente os que julgam que a atividade científica é incompatível com o poder imaginativo. Este, realmente, representa significativo fator na construção crítica.

João Ribeiro sabia combinar a sua erudição, o seu espírito crítico e a sua imaginação num equilíbrio harmônico, de fato, admirável. As suas conjecturas partem sempre de dados objetivos; possuem fundamentos documentais; não são aéreas e fantasistas. Todas são defensáveis.

A riqueza dos fatos analisados, a opulência dos textos antigos e a segurança das exegeses filológicas tornam as *Frasas Feitas* não só um livro de alta erudição, mas, sobretudo, a mais séria contribuição sobre a fraseologia vernácula na bibliografia da língua portuguesa. Não há

obra alguma no gênero que se lhe compare. E o que não deve ser silenciado é o mérito de ter trazido soluções originais.

No panorama da filologia portuguesa no Brasil, constitui, realmente, uma obra ímpar.



João Ribeiro, ainda em vida, preparou para a Livraria Francisco Alves uma segunda edição das *Frases Feitas* com acréscimos e novas observações, edição que ora é levada a efeito por ocasião da comemoração do centenário de nascimento do saudoso filólogo.

Como filho e discípulo cingi-me unicamente a escrever esta introdução, sem afetar o texto paterno.

Livro pouco conhecido da nova geração de filólogos brasileiros, espero que estas *Frases Feitas* logrem a repercussão merecida. Pelo amor ao estudo, pelo trabalho realizado e, principalmente, pela contribuição que trouxe a este ramo da ciência da linguagem, João Ribeiro foi, sem dúvida, um exemplo edificante para a posteridade.

I

Soletração: Cutiliquê, Gregotins, Ramerrão, *Ff* e *rr*, Legalhê, P-a-pá, Santa Justa, e *pé* por *pé*. Dar às de Vila Diogo. Um no papo, outro no saco. Levar as lampas. À custa da barba longa. Em tempo de figos não há amigos; *cotia* como figo. Nem *chus* nem *bus*. Rou! rou! Na boca do lobo. Quem quer o que não convém perde o que quer e o que tem. A vista do lobo emudece. Não caber na pele. Alçar a palha e galho – *Frases de sapateiro*: meter-se nas encospas; meter num chinelo. *Cré* com *cré*, *lé* com *lé*.

E outras frases conexas.

“Razões de cutiliquê”

I. Não se pode negar que muitas palavras de estilo jocoso ou faceto foram formadas da simples soletração de algumas sílabas. Em regra, a carta do *abc* tinha certo prestígio de ciência mágica para os incultos e iletrados. É o que se depreende das frases tomadas dos que deletreavam antes de lerem por cima e corridamente. Tal é o caso da locução: *Razões de cutiliquê*.

Este vocábulo é a antiga soletração da abreviatura *q* que se lia: *ku-til* = *quê*.

Que se dava tal nome ao *q*, vê-se da *gramática* de João de Barros que, aliás, malsina a espurcícia da denominação; por influxo italiano logo depois e já em D. Nunes do Lião pronunciava-se *que* = *kê*. Na locução proposta, *q* era a abreviatura de *que* e podia significar – razões breves ou pequenas.

O sentido de *pequeno* transparece nuns versos do Cancioneiro, de Resende:

– Isso será zombaria
 – Bem, por que?
 – Porque sois um *quiltque*
 Pouco moor que cotovia.
 E Jam Grande deve ser
 um homem grande crecido
 muy comprido
 da descrição e saber.

C. geraI, v. 213 (ed. Coimbra)

Gregotins

2. Outra expressão soletrada é a das duas letras finais do abecedário.

É o *gregotins* que quer dizer – escritura difícil de ler, garabulhas, rabiscos.

Na *Arte de Furtar*, n. 165, lê-se:

Eu sei de um que o fizeram vir de Évora a esta côrte para que lêsse o que tinha escrito em um feito que não era pequeno... E com estes *gregotins* alimpar as bôlsas às partes.

A palavra deriva de *y grego til* – nomes das duas últimas letras do alfabeto.

Na *Eufrosina* (ed. 1611) encontramos o vocábulo com os seus elementos em separado:

Sabei que ainda que queiram não passam do *i grego til*.

fI. 116 v.

Hoje quase ninguém mais fala de *gregotins*, e a locução tem ares de insólita ou arcaica.

Ramerrão

3. Atribui-se também à prosódia de simples letras $r - a - m = ram$, a origem do vocábulo *ramerrão*.

A menção mais antiga que conheço de *ramerrão* está nas *Enfermidades da língua*, registrada como palavra que “se deve emudecer”.

Não creio, pois, que seja anterior ao século de seiscentos.

Suspeito que esta forma não é devida à soletração das sílabas em *ram* (que, aliás, não são muito frequentes no discurso) para significar o que de fato significa *ramerrão*: coisa trivial repetida e corriqueira, habilidade comum, ao alcance de todos.

Não é possível que se escolhessem estas letras que constituem sílaba pouco frequente – *ram* – para designar coisa costumeira e de todo o dia.

Julga Gonçalves Viana que *ram-ram* é a mesma palavra indiana registrada no glossário de Yule e Burnell; mas essa identidade é fortuita e não há texto português dos escritores que trataram da Índia, que abone a expressão.

A meu ver, o *ramerrão* ou *ram-ram*, que se pronuncia *rame-rame*, é apenas uma leve corruptela da locução *rama a rama*, isto é, *pela rama*, ou de modo rudimentar. Os versos do *Pranto da Maria Parda* dão uma das formas e sentidos da locução:

Que quando era o trão e o tramo
Andava eu de *ramo em ramo*
Não quero dêste, mas dêste

Aqui de *ramo em ramo* quer dizer de venda em venda, ou taverna, ou casa.

N. B. – Voltei a aduzir novas sugestões no meu livro *Fabordão*; depois de largo exame, não me pareceu descabida a explicação por uns versos da cantiga popular numa *ópera* (realmente muito popular) a *Ninfa siringa* que anda publicada junta ao teatro do judeu Antônio José. Dizem assim:

Senhor *Có ess cós*
C-o có ram me ram
 Não seja asneirão
 Marmanjo tolaz...

O segundo verso, como se vê, poderia com o estribilho a repetição vulgarizar o *r – a – m, ram*.

Mais tarde Gonçalves Viana achou plausível essa explicação minha, não duvidando aceitá-la.

Devo ainda acrescentar como subsídio acaso aproveitável a locução – *rangue rangue* que achei na *Eufrosina* nesta passagem:


“*An. – Parece-me que pelem: certo têrmo dêstes andarem sempre com êles em rangue rangue.*”

O *rangue rangue* parece um bate-boca, e isso talvez não esteja longe do *ramerrão* ou *ram-ram*.

Ff e rr

4. “Com todos os *ff* e *rr*” é outro ditado.

A explicação que mais se generalizou foi a de que os *ff* representam na escrita dos manuscritos antigos os $\pi \pi$ gregos (as *Pandectas*), sempre alegadas nas razões dos antigos juristas. É certo que se transcrevia o π com o corte e a aparência do *f*; mas, faltando aqui a explicação dos *rr* da locução, surgiram inevitáveis os disparates.¹

I  Estava no Viterbo – *Elucidário* (letra *f*) no *Dicion. jurídico* de Pereira e Sousa (F. – tomo II) e daí é que tomou o Dr. Castro Lopes, no seu livro dos Anexins, a explicação dos *ff*, mas, não podendo achar a dos *rr*, logo imaginou que os juristas citavam os *fr*. (isto é, *fragmentos* das *Pandectas*), uso e abreviatura que nunca existiram.

Na *Ortografia*, de Fr. Luís do Monte Carmelo (1767), depara-se a abreviatura *FF* como representativa de *Digestis*, pág. 474. Queria dizer *Pandectas*, pois que o π grego tinha a aparência do *f*.

A razão é muito outra. “Com todos os *ff* e *rr*” era matraca aos que escreviam com demasiada afetação e pedantismo porque na linguagem antiga dobravam exageradamente os *rr* iniciais e escreviam: *rrazão*, *rrapôsa*, *rreceber*, e também os *ss* (*ff*) iniciais, como se vê nas edições diplomáticas dos cancioneiros e de antigos documentos; e faziam-no com uma letra especial semelhante a *ff*, conforme era da escritura gótica. Diz Viterbo que o uso do *rr* dobrado, no princípio mesmo das dições, e onde não era preciso, durou “do século XIII ao XVI”; e até mesmo não cessou porque se estabeleceu ainda o emprego de uma espécie de *R* maiúsculo em substituição do *rr*; portanto,

Com os *ff* e *rr*


quer dizer, pedantescamente, com ostentação vã e descabida, à maneira de gente antiga ou presumida de douta.


Efetivamente foi costume o emprego de um *R* especial (não maiúsculo, como diz Viterbo), mas com o aspecto de —| —|— ou ∫,

r, ff

Ainda nos começos do século XVIII na sua curiosa *Arte da Gramática*, Simão Crispim diz que aquela letra equivale à dobrada, “nos manuscritos introduzida e promiscuamente praticada, só pode ter lugar no princípio daqueles nomes (não sendo próprios) que pela forma da sua pronúncia requerem dois *rr*”.²

Um século antes o ortógrafo Ferreira de Vera pronunciava-se já contra as duas figuras da letra *r* e contra o uso afetado de escrever “*Henrrique elrrei goverrno*.”³

2  *Arte da gram.*, 49.

3  *Ortografia*, I63I – fl. 17.

Já desde o século XVI Duarte Nunes do Lião insurgia-se, a respeito do *r*, contra “os que põem no seu alfabeto *duas* figuras: uma que dizem ser de *r* singelo, e outra de dobrado”.⁴

De tudo o que ficou dito se conclui que os *ff* e *rr* da locução proverbial provêm exclusivamente dos *rr* que tinham duas figurações, uma delas semelhante ao *s* ou *f* antigo; e deles abusavam com demasia contra a sã opinião dos ortógrafos; os amanuenses mais afetados ou escrupulosos, que por séculos teimavam em escrever de duas maneiras distintas os *rr* ou em escrever

com *ff* e *rr*

isto é, com as duas figurações arcaicas do *r*, que já eram de há muito obsoletas.

Acresce que no começo das dições tanto dobravam o *r* (*rrato*) como dobravam o *s* (*sser*) para distinguir as duas prosódias do *s* e *r*. No *Canc. Geral*, de Resende, sempre aparecem os *rr* e *ss* iniciais e assim em outros documentos da língua antiga.

Legalhé


5. Outra palavra muito conhecida no Brasil é o *legalhé*, *llegalé* e registrada na *Gíria brasileira* (pág. 77), *llegalé*. Supõe-se resultar da soletração.

l – h – é = lhe

leagáé – *lhé*

O *llegalé* ou *legalhé* é o indivíduo insignificante e sem importância social.

É o com quem se trata por *lhe* (que no Brasil é objetivo: “*vi-lhe*”) em vez de *V. S.* ou *V. Ex.^a*. Esta foi uma interpretação vulgar.⁵

4  *Ortografia* (1676, ed. mod. pág. 127).

5  Repetida pelo Dr. Castro Lopes – nas *Origens de Anexins*, I53.

Mas é falsa e inaceitável por esdrúxula e forçada.

A palavra é um derivado de *leguleio* (lat. *leguleius*), o rábula, o que conhece apenas de memória o texto das leis e não tem carta para advogar.

Os *leguleios*, por numerosos e sem consideração ou importância, são *lhebúles* ou *lhabalés* e opõem-se aos doutores.

P-a-pá, Santa Justa

6. Não menos interessante é a locução *p-a-pá*, que é igual à de *b-a-bá*, soletração de labiais por onde principia o aprendizado das primeiras letras.

Aparece também com o acréscimo:

P-a-pá, Santa Justa

Indica a exatidão no dizer ou a repetição literal e precisa da verdade ouvida e sabida. É frase muito antiga. Com este sentido entendem-se os versos do Chiado na *Prática dos Compadres* (pág. 123):

Quero amansar um imigo
 Que a isso venho cá,
 E conto-lhe o *p-a-pá*
 Que ao meu confessor não digo.

E demais em Gil Vicente, na farsa dos *Almocreves* o *pê-por-pê* (segundo a minha lição do texto, o *p-por-p*) exprime a precisão e exatidão da afirmativa:

Aí estive hoje faz
 Oito dias *pê-por-pê*
 Em casa de umas tias vossas.

III, 217

O sentido é que fazia *oito dias sem tirar nem pôr*. Mas como também se dizia *oito dias justos*, não é improvável que *p-por-p* e *justo* se reunissem em uma só frase depois desenvolvida pela imaginação popular.

Sei-vo-lo, como o *p-a-pá*, e se fizera a propósito contar-vos a parábola de Saturno.

Eufrosina, At. I, prólogo

Em nenhum dos quinhentistas logrei encontrar o acréscimo *Santa Justa* que parece posterior. No século XVIII, Fr. Lucas de Santa Catarina diz no *Anatômico Jocosos*:

Mas como por fas ou por nefas, quer queira quer não queira, de bom ou de mau som, *p-a-pá Santa Justa* lhe escrevo a V. mercê...

Pág. 53 (ed. *Bibl. Univ.*)

É a referência mais antiga que conheço da locução completa.

Apesar de várias reflexões conjecturais de Lindolfo Gomes e Oscar de Pratt, conservo a minha antiga hipótese como sendo a mais admissível.

Santo e *justo* é uma expressão complementar, provavelmente de uso frequente, para indicar a exatidão literal de qualquer fato ou afirmação.


Assim, leio no *Drama Curioso*, que é também do século XVIII, um conselho ou doutrina que propõe um marido:

... fazer sem custo

Que a mulher obre tudo, *santo* e *justo*.

pág. 3⁶

Parece, pois, que fazer *santo* e *justo* foi uma expressão ética se não proverbial. Não tenho infelizmente outros exemplos que confirmem a frequência do modismo.

6  *Drama Curioso* alegre, doutrinário, em que se representa o dano da mulher apetitosa etc., Lisboa, na oficina de Caetano Ferreira da Costa, Farsa de cordel.

Era natural que se apegasse ao *p-a-pá* já conhecido.

Outro exemplo ajunta A. Faria:

“Lembro outro, de 1676, que tem em si a interpretação clara do *p-a-pá*:

“Mate-me Nossa Senhora
Com quem fale ao pé da letra:
Diga *pê-a-pá*, santa Justa,
E no demais não se meta.”

“Quem assim brada é um criado que não entende os gongorismos do patrão, no ENTREMEZ DO POETA, de Francisco Rodrigues Lôbo.

“Em *p-a-pá* sempre vi a repetição literal da verdade e em *santa Justa* uma personificação da justiça que a ela deve presidir.

“Não admira que na personificação se desse caráter religioso à justiça, estando a mesma de algum modo confundida com a verdade, que, embora não sendo privativa da Igreja, se considera santa: *falar a santa verdade* (porque outrora se jurava sobre os Evangelhos dizê-la inteira).”


Dar às de Vila Diogo

7. *Dar* ou *tomar às de Vila Diogo* é a locução usual; mas também se disse e de modo mais expressivo: *colber às de Vila Diogo*.

Em todas estas expressões, uma vez estudadas na sua história, entende-se a palavra por brevidade oculta – *calças*;

tomou as calças de V. Diogo

e quer dizer: fugir precipitadamente.⁷

7  O maestro Gonzalo Corrêa o registra no castelhano - *Coger ó tomar calzas de Villa Diogo, e tomar las de Villa Diogo*.

A frase é antiga na península porque já aparece na *Celestina*, a primeira obra de teatro de Espanha:

Apercibete a la primera voz que oyeres *tomar calzas de Villa Diego*.

E depois, tornou-se vulgar em todos os dialetos hispânicos e nunca pôde ser explicada.

Outra forma deste ditado, inteiramente diversa, é que cita Montoto y Rantenstranch nos dois poetas clássicos.

Su amiga la Carolina
se acogió con Cañamar,
aqueel que, sin ser San Pedro,
tiene llave universal.

(*Quevedo*. Musa 5.^a Carta de Escarramán á la Mendez.)

“...pero no se me logroba
el salario que me daba,
porque con poca conciencia
lo ganaba su mercé:
y huyendo de tal azer,
me acogi con Cañamar.”

(*Tirso de Molina*. D. Gil de las Calzas Verdes, at. I, c. II.)

Voltemos, porém, às de Vila Diogo para incluir as conjeturas que proponho.

Para entender convenientemente, é de mister notar que *calças* tinha outrora sentido diferente e mais etimológico (como está em Viterbo) e correspondia a vestes e cobertura inferior, ao que chamamos hoje *meias* e *sapatos* ou *botas*.

As *calças*, de diferentes feitios, podiam vir até os joelhos; para cima, eram já não *calças*, mas *bragas* (Cf. o sentido ainda atual de *calçado*, cobertura dos pés, e *calçar*).

Com este sentido de outrora é que se entendem os versos do *Auto dos Cantarinbos*, 494:

Sofrei estas *calças*, filho, sem sapatos.

Deixar as calças era e foi sinônimo de morrer; no francês diz-se *laisser ses grègues, ses bottes, ses housseaux* e no italiano *tirar le calze* (Alberti – *Diz. etimol.*) e ainda em português, no Brasil pelo menos, *deixar* ou *esticar as botas* (e *esticar as canelas*) tem o mesmo sentido de *morrer*.

Para indicar o sentido contrário a *morrer* que é o de *escapar* e *salvar-se* (*se sauver*) que o mesmo é que *fugir*, empregou-se em vez de *deixar* a oposta frase *tomar as calças* ou *levá-las*.

Os franceses opõem a *laisser ses grègues* a locução *tirer* (*fugir*):

Le galant aussitot

Tire ses grègues, gagne au haut.

Diz La Fontaine (II, 15). Nós o dizemos também com o solecismo – *Pernas, para que te quero?* – *amolou o pé*, e também como na coleção rolandiana dos Adágios portugueses:

Dá de pé que tempo é


Esclarece muito a locução o parágrafo 61 da *Lex salica* pelo qual os que faziam cessão dos bens (e a morte é uma cessão forçada) e os abandonava, segundo o costume bárbaro, deviam retirar-se saltando sobre a sebe ou cerca, tirado o cinto e as calças (*discintus et discalceatus*). Assim *tirar as calças* era passar adiante, sair do recinto, abalar para longe, abandonar ou fugir.

O resto da frase Vila Diogo (*Villa Diego*) deve talvez referir-se a qualquer antiga anedota, mais ou menos histórica, daquele lugarejo de Espanha ou mais provavelmente de pessoa daquele nome, que escapou de algum afronta ou perigo.⁸

Um no papo, outro no saco

7 bis. O sentido moderno da frase é — “um na *barriga* (isto é, comido) e outro no saco (já adquirido)”.

Não era, porém, este o sentido antigo, referido a pessoas ambiciosas que queriam levar duas cargas ao mesmo tempo: uma ao pescoço (e

8  A explicação que dá o Dr. Castro Lopes nas *Origens de Anexins* (Rio - 1893) de que a frase provém de outra (por ele inventada) *tomó las bandas de Villa Diego*, e que os próprios espanhóis desconhecem, não merece exame.

“Cândido Figueiredo contesta a variante ‘tomar às de Vila Diogo’ por lhe não parecer portuguesa; mas a verdade é que está registrada no *Dic.* de Domingos Vieira e no *Fidalgo aprendiz*, segundo o mostra um aditamento de A. Faria.”

Acrescentarei tão-somente que no *Fidalgo aprendiz* há um trecho bem frisante ao caso, pois descreve um momento em que D. Gil e seu mestre de esgrima se batem a *pantufos*, espécie de *calçado*.

Passada a primeira posição, dialogam:

“M. — Depois dessa, entendi logo
 Que, em vos chegando a puxar,
 A ponto haveis de *tomar*...”

D. G. — Já sei: *as de Vila Diogo*.”

E também nos *Apólogos dialogais* em exemplo colhido por F. Nery (*Apol.* — Relógios falantes — 48).

O filólogo Oscar Nobiling, encolerizado com algumas observações minhas acerca de certo provérbio arcaico que tentou explicar inutilmente, revidou contra mim em artigo injurioso em que buscava inutilizar (também inutilmente suponho), as *Frases Feitas* e diz que plagiei Gonçalves Viana ao lembrar a frase mais completa, conforme se vê do espanhol “tomar *calças* de Vila Diogo”, como se G. Viana tivesse o privilégio de ler só ele, os autores espanhóis, apesar de neste meu livro serem os escritores espanhóis infinitamente mais numerosos que os raros citados por G. Viana ou outro qualquer autor português.

tal era o papo; cf. *sopapo*, pancada na parte inferior do queixo para obrigar a fechar a boca ou fazer calar) e outra no *sobaco*, isto é, debaixo do braço onde era uso trazer uma bolsa. Significava, em suma – depender do pescoço ou comer e papar uma coisa e embolsar outra.

Foi logo natural que *papo*, *goela*, *estômago* e *barriga*, ainda que distintos, viessem a dizer o mesmo.

Na Comédia – *Ulíssipo* – de Jorge Ferreira (I, c. 6) a sevilhana que fala sempre espanhol, lamenta referindo-se ao seu sexo:

nos otras somos ovejas; todos quereis *una en*
papo y otra so el sobaco...


O ladrão devora a primeira presa, mas guarda outra por previdência.

Como há presas miúdas que podem ir num *saco*, não fica nenhum disparate dizer-se uma no *papo* e outra no *saco*.⁹

Levar as lampas

8. *Levar as lampas* é exceder aos demais ou a tudo, conforme o verso também proverbial do Camões (I, 3):

... tudo o que a Musa antiga canta.

9  Comprova-se esta origem pelo modismo francês do *dessous l'aile* sobaco onde era costume trazer o *gousset*, a bolsa de dinheiro, que tomava do lugar um cheiro pouco agradável (daí o “*sentir le gousset*”). Nos contos de Des Periers – “*elle vous tire à tous des coups quelque argent de souz l'aisle*”, Nov. VIII.

À forma *sopapo* a que me referi acima corresponde outra antiga de igual formação *soqueixo* (o queixo, a barba); e pelo que presumo ouso propor variante à leitura da insigne Carolina Michaëlis:

Pois que eu morrer, filhará
Enton o *seu queix'* e dirá
Eu são Guiomar Afonso

Canc. da Ajuda, I, n. 143

Quanto a mim, preferiria ler o *soqueixo* como está na ed. paleográfica do *Canc. Brancuti*, 250.

Lampas é o mesmo que *lâmpadas* e era costume natural irem na frente da procissão os que “levavam as lampas”, archotes ou luminárias. Comprova-o o modismo espanhol que diz:

adelante con los faroles!

E *farol* em espanhol é a lâmpada grande resguardada de vidro (diferente de *faro* que corresponde ao nosso *farol* dos navegantes).¹⁰


Pela mesma imagem e metáfora é que se diz das frutas temporãs – frutas *lampas* – porque vêm cedo e adiante das outras: Figos *lampas*.

E ainda pelo mesmo motivo se chamará *lampeiro* ao que madruga, vem apressado, contente e primeiro que todos.

À custa da barba longa

9. Diz-se: “Comeu à custa da barba longa”, isto é, à custa d’outrem. E por quê?

Os exemplos clássicos formigam. Eis um pequeno número deles; da *Arte de Furtar*¹¹, n. 67:

10  “Carolina Michaëlis tratando do assunto não acredita na origem clássica dos *lampadophoros* (tão popularizado agora pelo primor do teatro francês *La Course aux flambeaux*).”

Diz a eminente doutora: “Segundo J. R. deriva a frase do costume de irem à frente das procissões homens com archotes ou faróis. Neste caso, o sentido primitivo seria alumiar (*Jemand leuchten, Jemand beimleuchten*). Bem conheço os lampadóforos helênicos e as corridas olímpicas em que vencia o que com a lâmpada acesa chegava primeiro à meta...”

Entendo, porém, mesmo recusando “origens tão remotas e nobres”, era costume em outro tempo por falta natural de iluminação das ruas levar archotes ou lâmpadas diante de hóspedes e visitas. Na *Eufrosina* de Jorge Ferreira encontramos o trecho seguinte em que se alude às prendas de um indivíduo:

“Sabereis estremadamente remediar um desastre de meia calça, tomar conta ao maço pela feira, *levar uma tocha airosa ante um príncipe*, e outros semelhantes autos...”

Eufros. I, c. I

11  Cito sempre a edição Garnier, 1906, por mim anotada.

Leva (o que compra) para sua casa e corta largo à *custa da barba longa*.

Na *Ulíssipo* I, cena 9:

As gurgumelas se me apegam de sede, enquanto não há algum regabofe a *custa da barba longa*.

E em outro lugar II, cena V.

E na *Eufrosina*:

porque lhes faltou a moeda que eles gastam sem dó à *custa da barba longa* e suor dos seus pais.

I, c. I

Ainda que à *barba* e a *buenas barbas* esteja ligado o sentido da fé, lealdade, segurança e palavra de honra, não se vê bem por que haja a *barba longa* de pagar as custas.

O exemplo acima apontado da *Eufrosina* parece indicar que à *barba longa* é a do pai em relação à do filho imberbe e gastador. Mas o sentido é mais geral.

Segundo conjecturo, à *barba longa* está por a *la longo-barda* ou a *longobarda*, que se confundiu com *longa barba* e por metátese *barba longa*.

A longobarda é a *halabarda* ou lança, e no italiano encontro o modismo *appoggiar la labarda* que é o mesmo que pendurar a albarda ou capa à parede e “jantar à *custa alheia*”. Há o exemplo antigo de Panciatichi, citado por Ces. Guasti:

“Quelle poche di volte che io ci vo all’osteria, no vo mica con Facilone d’Aufo, ne con Maccario da Isonne, ne fo come i lanzi quando fanno i loro agi, che *appogian la labarda al muro*: ma io pago la benedica e il bon pro vi faccia.”


É possível também que conflua com esta história a outra, que corre no anedotário de Poggio (*Facetiæ*, n. CIII) do velho de grandes barbas. *De quodam sene barbato*, a quem mandavam todos os ruídos intestinais *ventris crepiti* dizendo: *Ad barbam ejus cui nihil cuiquam debet*. Devia de ser grande esta barba que pagava sempre e não devia a ninguém.

A melhor exegese é a que se funda na antiga importância das barbas; a *barba* era o sinal de fé e penhor, e, quanto mais longa, é de supor que daria mais pano ao crédito. Este ponto é excelentemente esclarecido na *Farsa dos Almocreves*:

– Êle pôs desta maneira
A mão na *barba* e jurou
De meus dinheiros pagá-los.
– Essa *barba* era *inteira*
A mesma que te jurou,
Ou bigodezinhos ralos?

III, 215

À *barba longa* é a que dá para todos os desperdícios.¹²

12  Oscar de Pratt, anotando essa minha conjectura, aduz outra explicação que me parece pouco plausível, mas de interesse é registrá-la:

À custa da barba longa – Afigura-se-me que *barba*, no caso presente, não é mais que a deturpação de um outro vocábulo como sucedeu às “*bragas enxutas*” do provérbio.

Barba-longa estará aqui por *vara longa* = a vara dos juízes, como diz Ana Dias ao juiz da Beira (Gil Vicente, *Obras* – III – pág. 165):

“Que era o pão onde os achei
Mais *alto* do que he essa *vara*”.

Da vara da justiça viviam regaladamente os juízes, as mais das vezes corruptíveis e néscios, como lá comenta o porteiro:

“Quem faz juiz um vaqueiro!”

Na *Arte de Furtar*, pág. 16, fala-se das *varas* “que chamam da justiça: Meirinhos, Almotacés, Alcaides”, criados para nos livrarem dos ladrões e que “vem a ser os “maiores ladroens”. Aí se fala das *varas grandes* que, por mais dissimulado e cauteloso procedimento, auferem mais proveitosos e fáceis lucros do roubo.

Em tempo de figos não há amigos

10. As explicações que se oferecem às inúmeras frases em que entra a palavra figo são também infinitas, a começar pelo *ficus vult* – o “quer figos” com que em Atenas e em Roma se respondia aos lisonjeiros.

Não diremos nada aqui acerca desta variedade.

A locução portuguesa é bem antiga. No *Pranto de Maria Parda*:

Olhade, molher de bem,
Dizem que em tempo de figos
Não ha hi nenhuns amigos.

Obras, III, 368

Há bastos exemplos da corrupção dos juízes, meirinhos e almotacés na *Arte de Furtar* e aí se fala à pág. 64 de um certo meirinho que, com um dobrão de ouro, “caçou mais de um ano tudo o que lhe foi necessário para o sustento de sua casa”, mandando à Ribeira o criado a fazer as suas provisões e, como em pagamento oferecia o dobrão, as regateiras que “havia mdo do amo, por não o agravarem, faziam da necessidade cortesia e diziam que não tinham trôco, que outro dia fariam contas”. E assim vivia o meirinho “à custa da sua vara longa”.

Mais tarde O. Pratt escreveu nas *locuções petrificadas*:

“Na minha apreciação às *Frases Feitas* do ilustre acadêmico brasileiro Sr. João Ribeiro, tentei demonstrar que a melhor lição seria: *à custa da vara longa*, justificando a minha opinião com várias considerações fundadas em textos clássicos.

Dar-se-ia neste caso, como aconteceu às *bragas* do provérbio, uma provável substituição pelo vocábulo popular *barba*.

A ilustre romanista D. Carolina Michaélis de Vasconcelos, apreciando benevolmente as minhas considerações às *Frases Feitas*, não concorda com a lição que, da frase acima, apresentei e tentei justificar como mais correta e racional: *à custa da vara longa*. Dei a minha razão. A ilustre senhora contraria-a dizendo: “A barba-longa é símbolo da virilidade. A barba-longa, sobretudo a branca, inspira respeito e confiança.”

E à custa dessas barbas-longas se pratica muita velhacaria. V. sabe que os antigos juravam pela sua barba e que desse costume ficou a fórmula: *Por aquesta*. Sabe que tocar na barba de alguém – arrancar-lhe alguns pelos (mesar la barba) ou tosquiar alguém à força era um crime ou delito grave castigado severamente.

Num gracioso epigrama das suas *Obras métricas* (II, 231) diz Dom Francisco Manuel:

Êstes figos do Barreiro
Desmentem rifões antigos:
Sois amigo verdadeiro
Porque fostes o primeiro
Amigo em tempo de figos.

Com leve matiz de sentido, diz na primeira *Comédia de Diu* (2.^a ed., pág. 41) Simão Machado:

Quem co'aquele fôr *ós figos*.
Não se há de achar mui ganhado.

Tenho para mim, no provérbio estrito que serve de epígrafe, que só encontrei uma explicação satisfatória e cabal na letra do Evangelho de São Mateus (XXIV, 31-31, com as concordâncias de I Cor.); Jesus fala da hora terrível do juízo final, em que não haverá perdão nem condescendências, com a comparação tirada da figueira cujo florescer prenuncia o estio e que está “perto às portas”. E nesse tempo é que haverá figos; mas também não haverá amigos, é como conclui a parábola.

Não é menos certo, porém, que as aplicações variam muito e já se transportou e transferiu para outros longes e sentido mais à mão e co-mezinho do provérbio.

Daí certa ambiguidade nas duas variantes:

Tempo de figos *muitos amigos*
tempo de figos *não há amigos*

e explica-se naturalmente por que *no tempo dos figos* (que se supõe de riqueza) há *amigos* (lisonjeiros ou necessitados) e não há *amigos* (isto é, ninguém é socorrido ou ninguém é sincero).¹³

Nem chus nem bus

II. Não dizer *chus nem bus* equivale a não dizer palavra, guardar silêncio absoluto.

É expressão antiquíssima que já se encontra nos mais arcaicos documentos em prosa e nos cancioneiros medievais.

Também tem a forma:

Chus nem mus

e é esta prosódia a que aparece na locução sinônima:

não tuge nem muge

Aqui *muge* está por *buge* ou *bus*.

No francês há a mesma forma *bouge* com o mesmo sentido e também como a nossa, só usada com a negativa.

13  Em Antônio Prestes, no auto da *Ave-Maria*, pág. 25, há a expressão muito curiosa que necessita ser explicada:

Outra razão vejo eu
 Noutras peles que não digo
 Que todos querem castigo
 E nenhum no êro seu.
 Esta é *cotia como figo*.

Morais interpreta como coisa de todos os dias (de *cote* – *quotidie*) e parece que esta foi a intenção do poeta que procedeu por equívoco. A palavra é uma transcrição aljamia-da que faziam os árabes de “godo ou gótico”. O *figo cotio* era uma espécie deles, o figo dos *godos*. Veja-se o *Glosário* de Yanguas na palavra *coti*. É provável que *coti* e de *cotio* (*quotidie*) viessem a reunir os dois sentidos em um só e mais vulgar.

Ne *bouge* pas.

Nos documentos vernáculos encontramos:

Esta foi a carreira do inferno hu todas las cosas são secas que
hi vão. E quando tornavam faleciam ende os *chus*.

Demanda do Grál, II0

No poeta Chiado:

Saiu de carpear lâ,
Cumpre-lhe o homem dizer *bus*

Obras, 61

Em Simão Machado:

– Sois de besta ou d'arcabuz?
– Quanta malícia aqui jaz,
Sou de dizer que haja *bus*,
Se quereis viver em paz.

Comédias, 15

A origem deve ser comum para *bouge*, *bus* e *mus* e *muge* e não podem ser senão derivados mediatos de *basium* e *bucca* (Cf. *buço*) e assim se deve entender a frase no *Auto de Filodemo* de Luís de Camões:

Eis aqui está Vilar do
Que é como um camaleão,
Por isso, *bus!* farei fardo.

I. c. III

Aliás, na nossa língua *boca* (boquinha) significa beijo e na forma interjetiva (*bocal!*) determina e impõe silêncio.

Os espanhóis dizem – *hacer el buz* – no sentido do lisonjear, agradar, o que resulta de ser o *beijo* um sinal de agradecimento ou lisonja.

O primeiro elemento da locução foi naturalmente usado na fórmula incompleta porque também se diz separadamente:

Não dizer *chus*

e em outros casos também é frequente:

Não dizer (ou – não fazer) *bus*.

Compreende-se assim que o sentido de *chus* é o de *mais* no lat. *plus*, palavra de que derivou. Equivale a – *não dizer mais* – a guardar silêncio.¹⁴


Rou! Rou!


12. É um anexam registrado nos adagiários antigos. No de Delicado (168), no de Roland (252) com a fórmula

Rou! rou! faça-se o que el-Rei mandou.

Ainda que não seja de uso moderno (salvo no *folclore*) era, contudo, frequente nos escritores antigos.

O *barbarus*, de Koerting, dá uma etimologia germânica, do antigo alto-alemão *roa* (*all. rube*) que significa “descanso”. Ainda que apadrinhada por Diez, donde procede, a origem não parece certa, e acreditamos antes que é uma onomatopeia elementar¹⁵ com que ninam e

14  Para étimos de *buz*, Gonçalves Viana nas suas *Apostilas* aponta ou uma “contração violenta” de *minus* (inaceitável) ou de dialeto dos ciganos onde *bus* = mais. Em castelhano, porém, a palavra é antiga e significa *beijo*; vejam-se os exemplos arcaicos apontados por Cejador y Frauca no seu recente dicionário de Cervantes e que não deixam dúvida; e já o tinha dito o nosso Viterbo no seu *Elucidário*.

15  Mais tarde se depara esse nosso modo de ver confirmado no léxico românico de Meyer-Lübke.

acalentam as crianças *rô rô-ru-ru* (o *r* com o som de *êre*)¹⁶ e assim é que a vemos em Gil Vicente:

Ora, niño, *rô, rô, rô,*
 Nuestro Dios e Redentor,
 No lloreis que dais dolor
 A' la virgen que os parió.
Rô, rô, rô.

Obras, I, 57

E em outro lugar:


Ru, ru, menina, ru, ru,
 Mourão as velhas e fiques tu,
 Co'a tranca no cu.


Ibid. II, 26

Nas *Obras métricas*, de Dom Francisco Manuel, diz-se — *a rou rou* — com um leve matiz de sentido e emprego, como se dissera *acariciado*, quase *enfant gaté*:

Ó senhor, que é grão trabalho
 Andar o mal a *rou rou,*
 E o bem como espantalho:
 E para tudo, achar talho?
 Vêde-me vós que aqui estou¹⁷

II, 93

16  O *meio tom do r* (como se diz na esquecida, mas interessantíssima *Arte da Gramática*, de Simam Crispim — Lisboa, 1746) ou o som *êre* em paralelo ao som *êrre*.

17  A edição das *Obras métricas*, feita em Lião de França em 1665 ficou cheia de defeitos. A quintilha que citei acima não é a lição que está no livro, e tomei, pois, o expediente de corrigi-la, colocando o terceiro verso como está na citação e não em quarto lugar. O texto diz:

No *folclore* brasileiro encontram-se como em Gil Vicente, o canto e *berceuse* conhecidos das crianças – *ru-ru* (ou *tu-tu*) em que o *r* soa sem aspiração:



ru ru ru ru de trás do mu-run-du

Ru, ru, ru, ru,
De trás do *murundu*

A onomatopeia oposta a *rô!* para adormecer, é *tó* – para acordar, e *xô* para passarinhos:

De Páfia as penas, a amorosa estrêla
Pelo horizonte vinha aparecendo,
Quando da cama salta e alto grita:
Sela enfreia, *tó* perra, *tó* Bonita.

Viriato trágico, XII, 91

Ao que presumo, de *xô!* tirou-se *enxotar*, assim como de *rou!* ou *ru!* se derivou arrullhar.¹⁸

Ó senhor, que é grão trabalho
Andar o mal a *rou rou*,
E o bem como espantalho,
E para tudo, achar talho?
Vêde me vós que aqui estou.

Pareceu-me evidente que o quarto verso devia ocupar o terceiro lugar.

18 ♪ Sainéan (Lazare) aproxima *ru* de *ronron*; no patois de Puy de Dôme diz-se *faire son rou rou* e *faire son rou* (no Loire) – *La Création métaphorique* (I Heft.) pág. II. Para o vocábulo *rou*, a etimologia registada em Koerting é o ant. alto-alem. *rôa* (Ruhe) e não me parece necessária (K. – *lat. roman. Wörterb.* n. 8.114), depois do que ficou dito.

Alberto Faria escreveu demorada glosa a este meu comentário.

Na boca do lobo

I3. Esta é, decerto, uma das sentenças mais antigas da civilização ariana. É a moralidade da fábula em que a cegonha ou o grou mete o bico e pescoço na boca do lobo para extrair um osso que se atravessara na goela do terrível animal.

Na fábula primitiva e remotíssima, *Javasakuna Jataka*, conta Buda a história de um leão e da cegonha por mostrar a ingratidão do rei dos animais. *Jataka* moraliza: “Naquele tempo o leão era *Devadatta* (o judas budista), e a cegonha era eu.”

A fábula entrou no ocidente por dois caminhos:

a) a versão líbica incluída na coleção esópica de Demétrio de Faleiros (300 a. C.) e esta foi a que passou a Fedro.

b) a versão em que se conserva o *leão* primitivo em vez do *lobo*, muito depois da primeira, veio de Ceilão para Alexandria (50 a. C.) e foi aproveitada posteriormente pelos rabinos judeus (Jochanan bem Saccai e outros) e está no grande comentário rabino do Gênese, *Beresith Rabba*, cap. 64.

A versão b), segundo Joseph Jacobs, só aparece na Europa, quase ao raiar do século XVIII, precisamente em 1691, na obra de Loubere – *Descrição de Sião*.

É curioso notar que na locução *boca do lobo* convergem dois sentidos: o da fábula apontada e a ideia do *anoitecer* e da *escuridão*, que tem outra fonte e estudaremos em outro lugar deste livro.

Em qualquer caso, soma tudo o perigo grande que é a *boca do lobo*. Na *Eufrosina*, um personagem que se despede:

Senhores, não vamos mais avante, porque somos já na *boca do lobo*.

III, última cena

Na comédia de *Bristo* ao doutor Antônio Ferreira ocorre a alusão:

– Quero-me chegar antes que se me acolha.

– Hui por mi! e pola minha vida! vedes-me outra vez na *boca do lobo*.

cena VIII

E referências mais ou menos explícitas não falham nos quinhentistas, educados como foram nas antigas letras clássicas. Em Fr. Amador Arraez transparece a fábula quando escreve:

Com a minha prata e ouro comprei dores e tormentos e a mesma morte *em cuja garganta me vejo atravessado.*

Diálogos, II, 37

Outro modismo, porém, já antiquado, foi o que resultou da superstição geral de que *a vista do lobo fazia emudecer*.

A credence resultou do conto medieval que figura em vários *Isopetes*: o conto é o de uma mãe que, tendo deixado o filhinho, só, em casa, *aconselha que não fale* a quem bater à porta, e que há de ser o lobo. Naturalmente, o *propósito de não falar* se transformou, na evolução da fábula, em *mudez involuntária*.¹⁹

19  O provérbio aparece em Sá de Miranda, na comédia *Os Estrangeiros*:

– Valeu-me que o vi primeiro que êle a mim. Doutra maneira (como dizendo do lobo) *tolhera-me a fala* de todo.

IV, cena 3

E também em Jorge de Vasconcelos na comédia *Aulegrafia*:

Tantos males tenho feito que não se fiam de mim? Eu não sou basilisco que mata com a vista, *nem lobo que emudece a quem vê.*

IV, cena 4

Carolina Michaëlis, na sua famosa edição crítica de S. de Miranda, supôs a princípio que a inspiração do poeta fora talvez bebida em várias fontes clássicas (*Poesias*, 773), mas depois verificou que a fábula já se havia incorporado (*ibid.* 880) ao *folclore* português. Agora que foi publicado por Leite de Vasconcelos o nosso *Isopete* medieval, temos em romance a versão mais antiga da fábula que é, a meu ver, a fonte do provérbio:

“... *ũ* a cabra deixou seu filho em sua casa, e çarrou a porta e mandou-lhe que se nom partisse nem abrisse a porta a mem-*ũ* a pessoa até que ella viesse. E como lhe disse esto foi-se a cabra a pacer.

E *ũ* pouco estando, veo o *lobo* e bateo á porta e começou de falar como se fosse cabra, dizendo que lhe abrisse a porta. A cabrita disse: – Sae-te d’aqui, falso ladrom...”

Assim o povo, como os escritores, celebraram muitas das fábulas antigas que passaram ao *folclore*, à memória e às tradições nacionais.

O adágio

Quem quer o que não convém perde o que quer e o que tem

registrado em todas as coleções é a moralidade ou fábula do *Cão e da sombra* tão conhecida; foi tratada por Diogo Bernardes, no *Lima*, pág. 178:

Um cão passando um dia por um rio
De cristalinas águas e correntes,
Devia por razão de ser no estio.

Dum osso duro que entre os duros dentes
Levava atravessado, a sombra viu
Naquelas frescas águas transparentes.

Cuidando ser outro mor a bôca abriu
E por querer tomar a prêsa vã,
A certa na corrente lhe caiu.

E logo em seguida recita o mesmo poeta a fábula da *Rã e do Boi*...

Antes inchou com tanta força tanto...

e parece que dessa fábula da *Rã* é que se formou a locução:

Não caber na pele

ou *estourar*, *arrebentar* de esforço, de júbilo, de orgulho, imagens que, aliás, poderiam ser de formação espontânea²⁰ ou ser tomadas da outra fábula do asno que tomou a pele do leão e como diz um poeta da *Academia dos Singulares*:

Veio o mômço florente
Por não caber na pele de contente.

Alçar a palha e alçar o galho


Outra expressão antiga *alçar a palha*, levantar, mudar-se, tem sua origem na linguagem do toureiro. “*Alzar la paja*” (diz Cejador) “es encarecimiento de la braveza de un toro, que con el cuerno *alza una paja del suelo*. Dicese de un fino bellaco”.


No *Auto dos Dois Irmãos*, de Antônio Prestes:

– Se depois de ido o coelho
Êle corria perigo!
Na tardança *alçou palha*.

Também pode referir-se, além do touro, ao cervo no tempo da fábula:

Quando tudo era falante²¹
Pacia o cervo um bom prado...

20  A fábula da *Rã* foi tratada pelos clássicos latinos Orácio – *Sat.* II, 3; Marcial, X, 79; Fedro, I, 24; Rômulo, II, 20. Parece que os gregos a não conheciam, sem embargo de figurar nos Esopos gregos que são de formação posterior ao Fedro latino.

21  Este verso foi integralmente repetido por Dom Francisco Manuel ao contar a *Fábula da Raposa e o lobo* nas *Obras métricas*:

Quando tudo era falante
Diz que a raposa caiu
Num poço d'água abundante

O boi escraviza-se ao homem, mas o cervo preferiu a liberdade, e se vangloria dela e *alça* o *galbo*. Com este sentido depara-se a locução em um antigo auto espanhol:


La maldicion no me apoca
Por mas que *alceis vos el gajo*²²

No espanhol há *gajo* (galho) e *gallo* (galo), o que poderia originar equívoco porque também é de uso dizer *levantar el gallo* no sentido de mostrar arrogância e soberba como é própria do *gallo*, e pode ser esta a explicação da frase paralela portuguesa; dizemos também *cantar de galo*, com idêntico sentido. Contudo, as formas *gajo* e *galbo* sendo as que pela forma melhor se correspondem, são as que ocorrem na locução antiga de ambas as línguas: *alzar el gajo* e *alçar o galbo*.

Não me parece que seja aceitável a aproximação que faz H. Sutherland (*Zeitschr. f. rom. Ph.* 1905, 331), entre *alçar o galbo* e as frases e vozes italianas que possam derivar de *galla* (noz de galha); o sentido de “estar em cima e flutuar” que é próprio da *galla* pela sua leveza, escusaria o de *alçar*.

A confusão das duas palavras *galo* e *galbo* produziu no Brasil um novo anexam. O antigo provérbio que vem desde Sêneca — *cada galo em seu muladar* — ou — *cada galo em seu poleiro* — *Gallum in suo sterquilinio* (plurimum posse) foi transformado em — *cada macaco no seu galbo* — e com o mesmo sentido.

Do influxo das fábulas antigas clássicas ou populares sobre a formação dos provérbios, temos sempre continuadas provas e exemplos.

22  *Aucto de los hierros de Adan* — na coleção publicada por Léo Rouanet — tomo II, 221.

14. Dentre as locuções tomadas ao mister dos sapateiros, há algumas alteradas

meter-se nas encolhas

isto é, ficar calado ou escondido e está pela verdadeira que é – “meter-se nas *encospas*” que são as formas do sapato.

Dizemos agora – ficar nas *encolhas*.

No *Ulísippo*:

Bem dizeis vós se eu tivesse pera lhe dar todo o necessário, eu a *meteria nas encospas*.

III, cena V

Também é uso dizer-se – *meter-se na concha* – aludindo ao caracol, que, segundo outra locução oposta – *põe os corninhos ao sol*.

15. Outra frase ainda mais vulgar é

meter num chinelo

deturpação da expressão originária – *meter no chinelo*.

O *chinelo* é o sapato velho e acalcanhado; e a frase vale por humilhar, deprimir. Emprega-a o autor do *Anatômico Jocosu*, quando diz:

Puseram-se em pantufos e quiseram *meter a feira em um chichelo*.

(Na *Segunda Impertinência*, 23)

Findarei aqui o primeiro capítulo ou a primeira bota? Ver-se-á que depois não se melhorou de coturno.

Cré com cré, lê com lé

I6. Assim dizem, e às vezes com voz surda, *crê com cré, lê com lé*.

É conhecida a explicação que pela simplicidade dos termos pareceu exata e satisfatória. Viu-se naquele ditado a abreviatura de outro mais completo:

Créligo com créligo e leigo com leigo

Opunha-se o *créligo* ao *leigo* e cada um vinha a constituir classe distinta. Contudo, a transformação de *créligo* em *cré* ainda por etimologia popular muito mais livre que a erudita, não é fácil de admitir e ainda menos a de *leigo* que nesta forma é palavra que não autoriza tão grande deturpação.

Suponho, quanto a mim, ser outra a origem da locução. Trata-se aqui de exprimir a conveniência e igualdade das uniões melhores

crê com cré


e que são aquelas que são ditadas pelo afeto mútuo, pela vontade e pelo *querer* e a forma originária deve ser

crer com crer

ou, querer com querer

qu'rer com qu'rer

E esta é a primeira condição em todas as leis, para os nubentes, a vontade igual. Mas, em outro tempo, o Estado intervinha tiranicamente e exigia também que as uniões fossem sempre de pessoas *da mesma religião*. Era condição essencial. Era necessário que os noivos, segundo a linguagem do tempo, *fossem da mesma lei*, e com esta palavra *lei*, indicava-se o credo religioso dos homens.²³ Em Portugal havia *três leis*: a de Deus ou Jesus Cristo, a de Mafoma e a *lei velha* (a dos judeus)

23  Prestes, Sacarrão, lei de Mafoma (462), a lei cansada (a de Moisés, dos judeus) etc.

correspondentes a cristãos, mouros e judeus que viviam sob regimens jurídicos diferentes. A legislação antiga notava sempre a impossibilidade das uniões quando era diversa a *lei* dos que se queriam unir, e as *Ordenações afonsinas* diziam claramente

que nenhũu christaão nom aja ajuntamento con nenhua Moura ou Judia, nem algũa christãa com Judeu ou Mouro *por serem gentes de LEYX DESVAIRADAS..*

Ord. Afons. Livro V, tit. 25

O sentido, pois, da frase é o das duas condições que igualavam o estado dos que se uniam: a vontade de se unirem e a religião comum, ou

qu'rer com qu'rer
e lei com lei.

E tanto esta me parece a interpretação autêntica daquele aforismo que encontro em Antônio Prestes, no *Auto da Ciosa*, os versos seguintes a comprovar o que digo:

Olhai cá, senhora prima
Estimai quem vos estima.
Se vos *quiserem, querei;*
Lei com que vos tiver lei.

Estes versos denunciam a fórmula *qu'rer com qu'rer e lei com lei* que foi, segundo creio, a que originou o provérbio.

N. B. – Alberto Faria antes de conhecer a minha conjectura havia proposto sem insistência a hipótese *crê = crer e lê = ler*; falta documentação.

Escrevi no Supl. da I.^a edição a nota que incluo agora no texto:

– CRÉ COM CRÉ, LÉ COM LÉ – Nos versos citados de Antônio Prestes, a fórmula *ter lei com alguém* conserva o sentido arcaico de *lei, le-*

aldade: à *lei* de cavaleiro, à *lei* ou *fé* de cristão, etc. Assim, por exemplo, no *Cancioneiro de Stuñiga* (ed. da *Colec. de Libros españoles raros ò curiosos*, pág. 144) diz o trovador Moxica:

– Soys vos, desid, amigo?
 – Y quien, sennora?
 – Un hombre que fasta agora
Syempre tovo ley comigo.

Robustece a explicação que demos no texto a possibilidade da forma negativa da mesma frase como está nos versos populares de Juvenal Galeno e, é certamente, uma variante brasileira do extremo norte:

Ai vida, vida tirana,
Sem lé, nem cré,
 Que a sorte prende à miséria
 Como prende êste sapato
 O tira-pé.

– A explicação que se depara no texto foi sempre a que mais me persuadiu. Contudo, o lema tradicional “Polo rey e pola grey” sugeriu-me depois a ideia de que a locução primitiva foi: *grey com grey, ley com ley* – sendo aqui preferida *ley* a *Rey*; ainda assim, parece que se dizia dos casamentos que convinha ser entre os da mesma nação (*grey*) e da mesma fé (*ley*).

Por tua *grey* na tua *ley*
 Morrerás...

Canc. de Resende – fl. 179 v.

ou nos versos de Luys Anriquez (*ibid.*)

Choray todos...
 O gram pelicano da *ley* & da *grey*.

II

Velho como a Sé; velho como a serra; velho como a serpe. Pérolas a porcos; e a galos. Camisa de onze varas. A morte da bezerra. Cimbrar ou casar. Provérbios árabes: passar de pato a ganso; entrou *por aqui*, saiu *por ali*; haver e saber; asno diante de palácio; depois de comer, cuspir no prato. Estúpido como uma porta. Duro de queixos. Caldo entornado. Quem a porcos *há medo...* Plebeísmos: salta atrás, contas de Jorge fora, o que for *suará*. País de Cucanha e outras terras maravilhosas. Amarrar cães com língua. A unha ou a cunha. E outras frases conexas.

Velho como a Sé


I7. Diz-se: “velho como a Sé de Braga” ou “como a Sé da praia (a da Bahia que foi a primeira).

E também é costume dizer – *velho como a serra* – em quase todas as línguas cultas. Há nessa locução um elemento primeiro *se* (sé ou serra) que é comum ao pensamento latino e europeu.

Velho como a serra está, por exemplo, no inglês, numa das baladas de R. Kipling.

Old is the song that I sing...
– old as the hills.

Também está no alemão, como no conto de A. Henschel:¹

I  Na coleção que traduzi com o título geral – *Crepúsculo dos Deuses*, Lisboa, A. M. Teixeira. O original alemão é: Was du für eine neue Idee ansiehst, ist so *alt wie die Berg...*

A idéia que achaste e que julgaste nova é tão velha como aquela *serra*.

Em português – explica-se o “*velho como a sé*” (de Braga) por ser esta, segundo a lenda ou história, contemporânea da de Roma, e o primeiro bispo de Braga, há quem o diga, e escreva, foi coevo de São Pedro.²

Mas ainda essa antiguidade é coisa alguma quando se compara à *de Adão e Eva*

velho como Adão e Eva

que é a que o povo conhece de mais remoto. Mas não se tratando de *Adão e Eva*, que coisa do mundo poderia ser mais antiga?

Só um único ser vivo é especificadamente nomeado, além dos pais do gênero humano – é a serpe.

Efetivamente, outrora se dizia:

velho como a serpe


Em J. Ferreira na *Eufrosina*:

E esse veros e no veros é mais *antigo que a serpe*.

fl. 108

Filinto Elísio, na sátira da *Molhadura* (IV, 220 das suas *Obras*, ed. de Lisboa), põe na boca do velho Horácio as palavras

Não sei mais novas que da *velha serpe*.

2  Leo Spitzer, o ilustre romanista em comunicação particular, a propósito de uma frase brasileira – *velho como a fé* (na *Língua Nacional*), que julgo erro de leitura *fé* por *sé*, acha que a expressão mais antiga é *velho como a fé* por ser a *fé* anterior à *sé*. Parece-me inadmissível. A *sé* é sempre o termo fundamental nas locuções idiomáticas do português, como aqui se vê.

O conceito da *antiga serpe* foi quase de novo criado com a velharia e com o costume de figurarem nas procissões antigas da igreja a *serpe*, o *drago* com mascarados, tourinhas e caramelas e não raro o rei David dançando à frente, sobretudo na procissão de *Corpus Christi*. Eram figuras obrigadas nessas carnavalescas superstições do outro e talvez ainda deste tempo.

A *velha serpe* e a *tarasca* da lenda medieval são uma e a mesma monstruosidade, escarminha e ridícula, que desluzia o antigo ritual do catolicismo.

Em qualquer caso, velho como a *serpe*, velho como o *diabo* ou como a *tentação* ou velho como *Adão e Eva*, é tudo um.

A música da locução basta para explicar as variantes de — *velha como a sé* — mormente se é a de Braga, e até a de *velho como a serra*.

Deitar pérolas a porcos

I8. Muito pouco poderão servir as pérolas aos porcos. O anexim vem do fabulário antigo onde se conta que um *galo* achou no esterquiínio uma pérola, quisera antes um grão de milho,

votior cui multo est cibus

Fedro, III, 12

D. Francisco Manuel recorda a versão clássica greco-latina da fábula, quando diz nos *Apólogos dialogais*:

Que lhe importa o achado da *pérola ao galo* de Esôpo! mais vale a pérola que a migalha ao homem; porém ao *galo* mais vale a migalha que a *pérola*.

pág. 272

Temos, porém, outra variante; já não é o galo de Fedro mas um porco, o personagem novo.

Este foi tomado da Bíblia, lá onde diz Salomão com o mesmo desdém do fabulista que a formosura nas mulheres loucas é como argola de ouro em focinho de porco – *circulus aureus in naribus suis*.

O anexam resultou conseguintemente de duas sentenças – *pérola* aos galos e anel em *porco* – ou, por uma álgebra fácil – *pérola aos porcos*.

Destarte, respeita-se o sagrado sem desprezar o profano. E foi o que fez S. Mateus, muito lido na lei velha, porque no tempo da redação helênica do seu evangelho já o santo evangelista clamava:

μηδὲ βάλητε τοὺς μαργαρίτας ὑμῶν ἔμπροσθεν τῶν χοίρων

E por isso foi que disse numa das suas cartas Sá de Miranda:

Almas que sonhando andais,
O muito não-no troqueis
Por nadas como os trocais,
As pérolas orientais,
Aos porcos não-nos lanceis.

I, 223 (da ed. de 1784)

Camisa de onze varas

19. *Meter-se em camisa de onze varas* é correr e afrontar um grande perigo e risco.

Numa das suas *Cartas* (I, 136), diz o cavaleiro de Oliveira:

Nunca foi amigo de mulher gorda, e uma Senhora tão grossa ou tão grosseira que se não pode meter em *camisa de onze varas* é um mêdo para mim e um *côco* para as crianças.

A expressão sempre me pareceu muito curiosa, e creio que consegui decifrá-la. Houve, como é frequente, a união de duas palavras árabes quase idênticas que significavam *camisa*, e *vara* ou *poleiro alto de pendurar*.

Alcandur, espanhol *alcandora* (al-candur) era a camisa longa e talar, a camisa de dormir, como o diz o romance antigo peninsular:

Se venis de madrugada
Halareisme en *alcandora*

Na cantiga de Afonso Alvarez no *Cancioneiro de Baena*, 33, ainda uma vez ocorre a palavra:


Alvos pechos de cristal
De alabastro mui broñido
Devie sser con gran rrason
Lo que cubre el *alcandora*.

Ao mesmo tempo *alcándara*, como diz João de Sousa nos *Vestígios da língua arábica*, é a vara, pau ou poleiro em que descansa o falcão. Daí as vozes usuais *alcandorar-se*, trepar, erguer-se alto. Temos, pois, as duas ideias reunidas em *alcandor* e *alcandora*, uma, de camisa grande, de dormir, e outra de uma longa vara.

É a *camisa de vara longa* ou de *onze varas* ou de *alcandora*.

Na sua *Arte de Caça*, c. VIII, diz Diogo Ferreira que a “*alcandora* para um açor basta ser de duas varas de comprido”.

Tal podia ser a camisa dos enforcados, dos réus de morte, dos tribunais civis ou da Inquisição, dos quais posteriormente se quis derivar a locução, mas as ideias de *camisa longa* e *vara* já andavam reunidas em um só vocábulo.³

3  Teobaldo diz um pouco inventivamente que (camisa de onze) *varas* vem do antigo feixe de *varas* dos juízes e deixa sem explicação quase toda a locução; ou diz que provém da *longa camisa branca* dos condenados (e é também o que diz Gonçalves Viana). Mas o que convinha explicar e presumo tê-lo feito era a coexistência de *camisa longa* e *vara*. O número *onze* que se interpõe é um indefinido que aparece em outras locuções como *língua de onze palmos*, etc.

A morte da bezerra

20. Ainda hoje se usa esse ditado antigo.

A *morte da bezerra* era a consagração fanática dos Autos da fé.

Para todos os hipócritas, crentes e alucinados do tempo, os judeus adoravam a *bezerra*. Em 1591 Violante Mendes e seu marido foram mandados queimar porque a um filhinho dela viram “*brincar com uma bezerrinha de marfim*”!

Soropita, nos seus versos, diz que o judeu *manqueja na fé* e adora a *bezerra*:

Em uma choupana afogado
 Pode ser mestre declarado
 Não destas nossas escolas
 Mas de quantos mariolas
 Têm a bezerra adorado.

Os que assistiam aos sangrentos autos inquisitoriais ali veriam a *morte da bezerra* e da lei velha de Moisés.

Que os hebreus muitas vezes idolatraram e, ainda hoje, o *bezerro de ouro*, não há dúvida; o povo, porém, se os tinha na conta de adoradores da bezerra, presumo que também o pensava pela fascinação de um mito verbal.

Efetivamente, os judeus adoravam a *Thora*, que assim chamavam a “lei velha”, a lei Mosaica. Adoradores da *Thora* ou da *tourinha* ou da *be-*

– Cejador y Frauca escreve: *Camisa de onze varas*. En pg – correr y afrontar gran peli-gro. Alude al coco para amedrentar a las criaturas, encamisandose. (*Fraseol*. I, 245).

Num livro recente que nos parece escassamente informado, *História geral dos Adágios portugueses* por Ladislau Batalha, há um capítulo consagrado a esta frase: nele procura o autor em vão a preferência do número *onze* (as *onze* mil virgens, a prova dos *onze*, etc.) e perde-se em digressões inúteis e mal relacionadas com o assunto. O volume é declaradamente uma *Introdução* e é de esperar que realize a bela promessa que representa.

zerra, tudo é um e a *tourinha*, como a *serpe*, era um dos espantalhos que acompanhavam a procissão do *Corpus Christi* (vide pág. 37).

Afinal, os ídolos não diferem muito; pior que a idolatria dos idólatras era a dos cristãos que os imolavam em nome de Jesus, o meigo.⁴

Cimbrar ou casar

21. É este o conselho desonesto que um trovador pornográfico do século XV, Ruy Moniz, insinua às raparigas do seu tempo:

Çimbrar ou casar com cêdo

Será a voz *çimbrar* a mesma que *samblar*, *ensamblar* (*fr. ensemble*) quer dizer ajuntar, ligar, *copular*, e que como esta última se tornou obscena?


Só os carpinteiros hoje podem *samblar*, isto é, articular duas peças de madeira, e são *ensambladores*, sem ofender a decência dos costumes.

As trovas do jogral impudico e desbocado estão no *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende (I, 503), e dizem corrigida a ortografia arcaica:

Senhoras! com cedo
Cimbrar ou casar!

Cimbrar sem tardar,
 Que a vós há de pesar
 De nam ser mais cedo

Mas as formas *cimbrar* e *zimbrar* (c = z) mostram que a etimologia é outra que não *sembrar* (si-mul-are); o étimo verdadeiro é *cymbelare*, de *cymbellum*, diminutivo de *cymbalum*, aparelho de atrair passarinhos ou talvez varas de flagelação; cilício, castigo. Por translação muito fanta-

4  A. Faria aceita essa explicação como corrigenda definitiva a outra que ele dera anteriormente, supondo ser a frase – *Cuidar na morte da bezerra* – de origem campesina.

sista significa fazer cair no laço... às raparigas.⁵ Há uma expressão parecida em Gil Vicente quando diz no *Auto pastoril* (I, 137):

Oh commendo ó decho a praga,
Gingrae, lá com tais cachopas...


Pode ser que *gingrar* esteja por *zimbrar*,⁶ com o sentido provável de *bater* como no antigo auto espanhol do *Repelon*.⁷


El palo bien arrimado
Zimbrado naquella tiesta...
fl. 4 v.

É uma afinidade algo duvidosa.

Passar de pato a ganso


22. O provérbio – *passar de pato a ganso* – veio talvez dos árabes, mas com a inversão da fórmula primitiva. É anexim arábico, segundo Spitta-Bey:

5  Não param aqui as etimologias. *Cimbra* é também a armação de madeira para receber a abóbada, e *cimbrar* é mover uma vara flexível, tomando-a por um extremo: uso este muito do castelhano.

6  Com sentido algo diferente depara-se *zimbrar* em Ant. Prestes no *Auto do Desembargador* (Obras, 211):

E o vilão ainda me *zimbra*
Reprender-me.

Parece que houve confusão entre *cimbrar*, *zimbrar* e *jingrar*, ou *zingrar* (burlar, mofar): esta última forma refere-se ao arábico Eguilaz y Yanguas no seu *Glosário*.

7  No auto do *Repelon* (Sevilha-1509) ainda ocorre *gingrar* com sentido diferente: “Ora dexalos *gingrar*”, fl. VI. Com os documentos aqui reunidos, poder-se-á resolver a dúvida.

– élli káloh wizze wizz, jihra batte batt –

Esta é a transcrição que copiei escrupulosamente de A. Dirr que explica a sentença: Comeu GANSO e arrotou PATO.⁸

É o *ridiculus mus* de Horácio e inversamente muito melhor seria o ter começado com pato para acabar com ganso.⁹

Entrou por aqui, saiu por ali

Outro provérbio árabe que passou *ipsis litteris* ao português é o que se aplica a orelhas propositada e prudentemente surdas:

– ‘isma’ mim héne, wesajjib min héne –

ou literalmente, segundo o mesmo arabizante: “entrou por aqui (por este ouvido) e saiu por aqui (o outro ouvido)”.

Com a mesma fórmula, disse Gil Vicente:


Embora esteis encruzilhada,
Perequi entrou, pereli saiu.


III, 95

Ambos os ditados são referidos ao arábico vulgar.

Haver e saber

Muitos dos modismos e brocardos árabes se incorporaram à literatura do ocidente, mormente da península ibérica, misturando as suas cores garridas e orientais às mais graves e sombrias da antiga tradição

8  A. Dirr. – *Die Krunst der Polyglottie* XL., 125.

9  Por donaire é que disse Botelho de Moraes e Vasconcelos nas *Cuevas de Salamanca* (2ª. ed., 30): “Para ir mas consecüente renuncio el pato ó ganso”.

clássica. São na generalidade sentenças e apotegmas que não necessitam nenhuma exegese ou interpretação especial.

A *História da Donzela Teodora* (este nome pode dar a ilusão de origem clássica; mas *Teodora* é aqui uma deturpação voluntária de *Teweddud*) com os seus personagens árabes é uma coleção de aforismos e sentenças morais.¹⁰

Contudo, há dizeres que denunciam muito de perto a paremiologia arábica. Por exemplo

Acaba-se o haver e fica o saber

é o que está registrado em Freytag, *Arab. Prov.* III, 302I.

Asno diante do palácio


Ainda mais curioso é o que nota a ignorância do *burro* ou do *boi*:


asno (ou boi) diante de palácio

é o asno diante da atafona ou arredor dela.¹¹

Depois de comer, cuspir no prato

DEPOIS DE COMER CUSPIR NO PRATO é outro anécdota dos árabes. É frase que pinta o que há abjeto na ingratidão. Os ingratos não só

10  Parece ser a primeira versão a que está no manuscrito *El libro de los buenos proverbios*, publicado por H. Knust *Mittheil. aus dem Eskurial*. Em português, na literatura era já muito conhecida, mas a primeira versão em linguagem é recente; a que possuo, de 1735, por Carlos Lisbonense, presumo ser a primeira que apareceu e já adulterada; o cenário que era em *Babilônia* muda-se a *Tunes*. O conteúdo, porém, é em substância o mesmo.

11  Gabirol – *Choice of Pearls*; veja as fontes indicadas por Knust, *op. cit.* pág. 110 – no n. CXLI da *Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart*. Pode ser também uma alteração do antigo ditado *Asinus ad lyram* depois *bos ad lyram*.

desconhecem o benefício, mas insultam o benfeitor. Muitos são os ri-fães que traduzem essa presumida “independência do coração” a que se acobertam os ingratos: — *Cria o corvo, tirar-te-á o olbo*; — *por bem fazer mal haver* (*por bem querer* etc. em *G. Vicente*, I, 132).

O provérbio é árabe, e uma das variantes a que se encontra na Síria, colhida por Carlo Landberg, diz: *Akal el-hä-diye wa hiri fi-z-zibdiye* = comem o bolo e sujam o prato. O sentido literal ainda é menos limpo, e o caso acontece também literalmente entre os árabes.

Comentou o anexim Spitta Bey nos *Proverbs et dictions du peuple arabe* — do autor citado. Aplica-se, em geral, a propósito de pessoas que recebem um prato de doces e não restituem o prato ou não correspondem com outro presente, e daí o apodo aos ingratos, de toda a casta.¹²

Estúpido como uma porta

23. Parece que as portas não primam pela inteligência. Não sei de que profundezas metafísicas veio o povo arrancar esta revelação de que nada há mais estúpido que uma porta.

Na farsa do *Juiz da Beira*, diz o Escudeiro convicto:

Eu morria e além disso
Eu não tinba então mais *siso*
 Do que aquela *porta* tem.

Obras, III, 173

Depois de algum tempo, não me foi difícil topar com a psicologia da locução — *burro como uma porta; estúpido como aquela porta*.

¹² No *Livro dos Provérbios*, antigo manuscrito do Escorial, editado por *Knust* e há pouco citado, vem a anedota monstruosa do filósofo *Secundus* que foi conhecida nos livros de espelho e exemplos da Idade Média. É uma quase glosa deste provérbio, mas tão inconveniente que me não animo a transcrevê-la.

A explicação está na passagem de dois dizeres que se mesclaram numa só ideia. Da *porta* se dizia que era *dura de fechos* e também das pessoas.

Na *Eufrosina* está:

Ó não me agasteis que não me quero assim, e nenhuma coisa me enfastia como pessoas interesseiras; sou muito mimoso de condição e folgo de ser enganado, e por outra via *mui duro dos fechos*.


fl. 33 v.

Do burro ou asno sempre se disse que era *duro dos queixos*.

Ou *de queixos* ou *de quícios* ou *de fechos* parece que vale o mesmo. São por vezes ambos duríssimos, a porta e o burro.

E como os asnos são estúpidos, o mal contagiou as portas. É conjectura ousada que deixamos ao exame de outros pesquisadores.¹³

Não estou bem certo se se diz entre nós *surdo como uma porta*. Se é locução usual, devemos aproximá-la do francês: *surdo como um pote* (*un pot*) que os comentadores explicam por não ter esse vaso asas, isto é, orellas – o que seria afinal uma graciosa metáfora.

13  Quando cotejamos os dois trechos que abonam a locução o *siso de uma porta*, de G. Vicente, e o *duro dos fechos*, da *Eufrosina*, não poderá haver dúvida quanto à origem do ditado.

Entretanto, é muito possível como não raro acontece que outros elementos semânticos exercessem influxo decisivo no mesmo sentido. Nas antigas *Coplas de las comadres*, recitadas não há muito em *fac simile* gótico, depara-se a locução, sob esta forma:

Tâbien presume de graciosa

La hija del secretario

Y es mas nescia q un almario

fl. III v.

Temos aqui – *nescio como um almario* – e de almario a porta não há distância grande. Se esta translação se deu, não é difícil explicar que almario, por sua vez, é um eufemismo popular para substituir *alimaria*, e a frase teria sucessivamente os momentos seguintes de alteração: *néscio como alimaria*, *nescio como um almario*, *nescio como uma porta*.

Caldo entornado

24. Diz-se comumente o *caldo entornado*, mas é frase já deturpada e a razoável e mais inteligível é a do *carro entornado* ou *carro virado* e não *caldo virado*. Encontramo-la, assim, nos antigos. Em Sá de Miranda, na Écloga VIII (pág. 194 da ed. de 1784; cf. 177 da ed. de Car. Michaëlis):

Quem nunca ouviu um rifão
 Mais corrente, e mais usado,
 Que é darem todos de mão
 Quantos vem, e quantos vão,
 Ao *carro* que está *entornado*

Na *Eufrosina* também se diz o CARRO ENTORNADO.

A aproximação do *caldo* e *carro* proveio naturalmente de outro modismo peninsular, *mexer o caldo* (esp. *revolver el caldo, ò el ajo*), isto é, renovar contos e histórias antigas e esquecidas para mover disputas novas.¹⁴

14  No *Auto de Santa Geneveva*, de Baltasar, o lisbonense, no fim da I *Jornada*, diz o primeiro criado:

Agora, meu cozinheiro,
 De todo *entornou-se o caldo*.

A alteração das palavras pode, por vezes, induzir a erro de interpretação. Assim, Luís Calado Nunes, na sua edição (1905) avulsa do *Auto da Índia*, de Gil Vicente, anotando o verso

Isso é quem porcos há *menos*
 diz que é fragmento do provérbio — quem a porcos *há mêdo*, as moutas lhe roncam. A interpretação é inexacta; o provérbio registado, tanto em português como em castelhano, é conforme ao texto: *quem porcos há menos* — isto é — quem dá pela falta deles; e esta era a sintaxe antiga como se vê do *Auto dos Cantarinbos*, c. I:

Môço não te vás daí
 Que bradará teu senhor
 Se te achar *menos* daqui.

E também o trecho da *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo:

“Muito deveis ambos a Solino, porque vindo a esta casa com Píndaro, de quem foi convidado na ceia, e tendo a minha em estado que se podia aproveitar alguma coisa dela, vos achou *menos* e perguntou a causa da tardança.”

Plebeísmos

As locuções, porque muito vivem na boca do povo e da plebe, muito se alteram e deturpam, como se vê de inúmeros exemplos. *Não se diz cara com cara* (em Sá de Miranda: “não diz ora com ora” I, 222); *carrilbos e carrinbos* (a dois *carrilbos* = *bochechas*); *meter-se nas encolbas* (*meter-se nas encostas*), cá e lá *mais* fadas há (cá e lá *más* fadas há).

Não menos curiosas são as derivações por palavras que apenas revelam a simpatia da aliteração, como é o caso de *falar, latir* (latim), *simplicio* (simples), *Felizardo* (feliz), *chouriço* (resposta a — *que é isso?* no castelhano: *que es esto? uvas em cêsto*), o brasileiro *camarote do Torres* (torrinhas ou paraíso), *Salta atrás!* (Satanás),¹⁵ *camapé* (canapé, de *conopéu*), morte *macaca* (morte *macabra*?), a seu *pausar* (a seu pesar — registrado nas *Enferm. da língua*, 104). Contas com Jorge, *Jorge fora* (*Ibid.* II 3 = *noves fora, nada*), casa de *orate frates* (*ibid.* 129),¹⁶ *aparício*.

25. Da mesma espécie é o QUE FOR SUARÁ e não *soará* (porque a forma era *soar-se* = dizer-se, ou *zoar*, com o mesmo sentido, como na *Introd. à História da Tartaria*); comprova-o e verifica-o a tradução da frase que só se fará exata com um equivalente de *transpirar*, isto é, vir à tona, ao público com dificuldade e depois de algum tempo.


Nas eruditas notas à tradução do Camões, supõe W. Storck que é lição errada a do comum das edições (*lesen alle mir bekannten Aus aben fehlerhaft: quem porcos há menos*); ao contrário, as edições estão certas, e o engano é de W. Storck. Veja W. Storck — *Sämmtliche Ged.* I, 366. *Quem porcos há menos* quer significar que faltam alguns porcos ao que tange a sua vara.

15  Na farsa de cordel, *O galego lorpa e os tolineiros*:

— Mas casar com um velho?

— Velho? *Valde retro, salta atrás*; quem é êle?

cena II

16  Aqui há confusão de duas palavras diferentes: o *orate* (de *ora* ou *oura*) doudo e o verbo latino *orate* (= *orai*) da frase latina *orate, frates!* *orai, irmãos*.

Soar convém ao sentido, mas não com a sutileza que também tem o espanhol: *sudar pezetas*.¹⁷

País de Cucanha

26. A Cucanha não veio de França:

Irei dormir à Cornaga

E amanhã à *Cucanha*.

G. Vicente, III, 217

Pertence ao fabulário da Idade Média e expandiu-se na imaginação popular e na literatura sob diversos matizes. A *Ilha dos Amores*, em Camões, é de todos os filhos da Cucanha, o mais lírico, o mais belo e portentoso.

A *Cucanha* ainda era a terra imaginária onde tudo eram deleites e bem-aventuranças; nada custava dinheiro porque as árvores frutificavam patacas e daí o chamar-se *árvore da cucanha* o “pau de sebo” dos divertimentos populares no cimo do qual há dinheiros ou regalos preciosos.

Não eram poucos os países fantásticos em que a imaginação popular se comprazia outrora, no tempo da *cavalaria* do oceano, na época e na cruzada dos grandes descobrimentos marítimos quando a audácia dos navegantes despia o véu às terras incógnitas e desnevoavam o planeta de polo a polo.

Para nós um dos mais familiares desses países é o reino do príncipe

El-dorado

que vivia mergulhado em ouro, e era isso por perto das terras do Brasil quando a riqueza dos Incas assombrava os conquistadores de além-mar.

17  A conjectura é literalmente a que escrevi na primeira edição. Creio que fui longe demais. Aí fica para castigo.

Amarrar cães com linguiça

No *Decamerom*, de Boccacio, descreve-se com gáudio de Calandrino a terra maravilhosa de


Bengodi


que é outra *Cucanha* de gargantões, onde as montanhas todas de queijo parmesão *grattugiato* e *macheroni* e *ravioli* faziam água na boca. Nesta abençoada *Bengodi* é que se via o costume extraordinário que ainda hoje a frase popular relembra, pois lá

amarravam-se os cães com linguiça

ou o que é quase o mesmo, na versão do Boccacio: *si legano le vigne con le salcicce*.¹⁸

BERLINZONA e BENGODI apenas satisfazem apetites rabelaisianos, o que já não sucede no deserto de BATUECAS ou na região de Paititi, países também assombrosos e nunca vistos.¹⁹

18  Desta circunstância de serem na terra da *Cucanha* amarrados os cães com linguiça e de haver um deles, por menos tolo, devorado os grillhões, é que no anedotário picaresco e popular se formou a história de um édito do rei dos cães, ordenando que farejassem todos os adventícios em *certo lugar*, a fim de verificar se tinham comido a linguiça, lei que não tendo sido revogada ainda hoje dos cães se cumpre. A anedota poderia passar por um mito verbal sugerido pelas palavras – terra ou reino de *Cucanha* (Cu-canis); mas existe um pouco por todos os países do ocidente, germanos e latinos.

19  Destes países fabulosos e inverossímeis, as *Batuecas*, a ilha de *San Borondon*, a alguma distância das Canárias, o país do *Gran Paititi* entre o Brasil e o Peru, o *El dorado*, nas Guianas, a *Ciudad de los Cesares*, no Chile, *La Gran Quivira*, no México, a ilha de *Palao*s e *Java menor* tratam em curiosa dissertação o Padre Feijó no seu famoso *Teatro Crítico*, IV cap. X. Tinham no mesmo gênero os antigos a *Atlântida* descrita por Platão e a *Panchaia*, de Plínio e de Vergílio. (Georg. *Tota thuriferis Panchaia pinguis arenis*). É, pois, um mal ou um bem que lançou raízes antigas.

A unha. A cunha

27. Frequentemente ocorre a expressão – à unha – para dizer literalmente, completamente.

“A casa encheu-se à *unha*.” No teatro ou em casa de espetáculos houve “uma enchente à *unba*”, e outras vezes “à *cunba*”.

É modismo popular em que foi deturpada a locução antiga e verdadeira de origem arábica – *adúnia* – que significa – universalmente, de todas as partes, para todos os lados ou abundantemente.

No *Auto do Desembargador*, de Antônio Prestes:

Duma, me cerca pecúnia
 Doutra, tentação de amor;
 Se eu desta não saio Heitor
 Vejo tormentos a *dúnia*.

O novo editor do Antônio Prestes, leu erradamente a *dúzia*, negligência lamentável que altera o sentido e a rima. O velho Morais, contudo, já havia registrado *adúnia* no seu dicionário, e esta é a única verdadeira lição.

A palavra é árabe: *ad-duniâ* = o mundo, e foi usada na forma adverbial equivalente ao sentido apontado. No *Dom Quixote*, II, 50:

“Cortan tozino *adunia* (com fartura)

Parece-me ser desta origem a forma *duna* que ocorre nas comédias antigas e que se não explica satisfatoriamente pelo artigo (*d’uma* ou *d’ua* ou *d’bua*) que tinha sempre ortografia diferente. Na *Ulíssipo*, da ed. de 1787:

“Guardai-vos *duna* rapariga douda não vos dê com este chapim”.

pág. 38

como se dissera – “guardai-vos *bem* ou o bastante”.

Esta leitura é a única aceitável porque a forma *una* por *ũa* ou *uma* não existe em português e, aliás, nas edições de Jorge de Vasconcelos sempre se escreve *huma*.

III

Consoantes simpáticas: $t^2 - m^2$; troche-moche, tuge-muge. Tiques-miques, nem *chic* nem *mic*. Fazer do céu cebola. Azul, ciúme. Sesta balhesta. Sua alma, sua palma; provérbios do Evangelho de São Mateus; passar um camelo pelo fundo de uma agulha. Ou César ou João Fernandes. Ficar em apuros. *Ad ephesios*. Mula sem cabeça. É um alho; tolo é *caju!* Sou adro. Quem o alheio veste na praça o despe. A boi velho não cates abrigo.

A troche-moche

28. A quem quer que estude as locuções da nossa língua deparam-se certas relações de frequência, que não podem passar despercebidas. Estudando as frases *troche-moche*, *tuge-muge* e notando a insistência de formas análogas, convenci-me que no fundo do pensamento e da linguagem latina há uma correlação simpática que se pode representar foneticamente pela fórmula

$$t^2 - m^2$$

em que os elementos *t* e *m* de meneio constante, pois que anunciam os pronomes *te* e *me*, contribuíram para a formação de modismos e dizeres em que a ideia gêmea de *tu* e *eu* se defronta em sentido de companhia, paralelismo, vizinhança ou oposição.

Não só no português. No italiano também existe a locução *to e mó* para exprimir a troca de favores, negócios, o *dá e toma*, da qual em vão procura dar Temistole Gradi nos seus magros *Proverbi* uma explicação, contando insulsa história onde não há sombra de critério científico e lembra as famosas e insensatas patranhas do nosso Castro Lopes.

São palavras associadas pela própria natureza das coisas, *terra e mar*, *terramoto*, *tango e mango*, *tartamudo*, *tarramaque* e o fr. *tintamarre*, e *marramaque*, como diz frei Simão de S. Catarina:

Vai e pega dum chichelo

Marramaquíz segurando

Oraç. acad. 410

Os provérbios registrados entre os do adagiário rolandiano também revelam essa aproximação do *t-m*:

Boa *mesa*, *mau* *testamento*

Nem tanto a *terra*, nem tanto ao *mar*.

Quem a *muitos* tem de *manter*, *muito* há de *ter*.

Jornada de *mar* não se pode *taxar*.

Môça é *Maria* quando se *tosquia*.

A verdade inda que a-*marga* se *traga*.

A pequeno *mal* grande *trapo*.


O leitão de um *mês*, pato de *três*.

Eu como *tu*, e *tu* como *eu*, o diabo *te me* deu.

Quem faz *mal* espere outro *tal*.

etc., etc.

onde evidentemente há muito de fortuito nas assonâncias, mas num caso ou noutro haverá talvez alguma intenção ainda mesmo inconsciente, difusa e pouco apreensível.¹

1  Nas *Enfermidades da língua*, de M. Paiva, encontramos registrados nos lugares determinados pela ordem alfabética: *cosque mosque* – *troche-moche*, etc. Ao mais leve exame os exemplos pululam sem conto.

29. As locuções TROCHE-MOCHE e TUGE-MUGE contêm os elementos – *t'*– *m'*

Tuge e *muge* aparece nas frases

não *tuge* nem *muge*

sem *tugir* nem *mugir*

são formas verbais de *tossir* e *mugir* e já tiveram explicação quando tratamos do ditado – *nem chus nem bus*.

Não é tão clara, porém, a locução

A TROCHE-MOCHE

que quer dizer – disparatamente –, ou, na gíria popular – *por paus e por pedras*.

Favores não sei que são


Quero bem o *troche-moche*,

Nem sei meter-me aos acenos

Nem sei sair aos remoques.

Progr. dos Anônimos, 302

Moche é o verbo *mochar*, derivado de *mutilare* e significa desmondar, cortar os ramos às árvores, podar; diz-se boi *mocho* (sem cornos) e *mocho* (cadeira de pés curtos ou cortados).²

2  O Dr. Sílvio de Almeida, que escreveu longa série de artigos contra as *Frases Feitas* (e assim o fez igualmente o Dr. C. de Laet), comenta este lugar com o *Manual Etimológico*:

“À pág. 70 das *Frases Feitas*, lembra João Ribeiro, a par de boi *mocho* (*mutilus*), o substantivo *mocho*, que define: “cadeira de pés curtos ou cortados”.

Manifesto engano: – *mocho*, aí, significa: “banco *sem costas*, para uma só pessoa”. (*Manual Etimológico*)”.

Também, *troche* de *trochar*, *tronchar*, *truncare* (*trunculare* ou *trunciare*) e no *Elucidário* “troncho” é o que está privado de qualquer membro: “deixou-o *troncho*” (sem cabeça) e com leve alteração ainda é de uso.

A *troche* e *moche* quer dizer, abrindo caminho, torcendo e cortando estorvos ou obstáculos, ramos e troncos, e portanto: sem consideração, irrefletidamente, e com sacrifício do que existe ou se depara.

Tiques miques

30. “*Inticou comigo* ou anda a *inticar*”, isto é, a tomar qualquer pretexto fútil para contender ou para um *dize tu direi eu*.

Tico e *tiquinho* significa um pouquinho, um pequenino, ou bocado de pão, ou de qualquer coisa. Mas a palavra *tic tique* (no ital. *ticcbio* — e há nesta língua a frase *avere un ticcbio con alcuno*, ter caprichos ou mau humor) tem a mesma derivação semântica de “capricho”.

Capricho vem de *capra* (cabra), assim como *tico* vem do gótico *tikkein* (al. *ziege*) que é o nome do mesmo animal.

Os *tiques* e os *caprichos* lembram os fúteis movimentos nervosos e saltos das *cabras*.

No gênero humano os *tiques* são muito próprios dos histéricos.

Da locução se derivou outra — os *tiques* e *miques* ou *tiquis miquis*, segundo a fórmula *t' — m'*.

Também a tem o castelhano, como vemos em uma das comédias de Moreto:

Acabose en *tiquismiquis*
Propio paso de comedia.

Ou como diz o nosso Gil Vicente no *Auto Pastoril*:

Nem *chic* nem *mic* e nem nada

Aqui me pula um conceito
 De pena e glória e outros chistes
 Que ouvi a certo poeta
 Famoso nos *tiques miques*.

Progr. dos Anônimos, 253

Explica-se, ao meu modo de ver, pela atração dos pronomes *mi* e *ti* que nestas coisas não é menos forte que a da rima, mormente quando se trata as mais das vezes nessas *enticações* de mero *dize tu direi eu* e por isso *ti-que* se completou com *mi-que*. O caso está longe de ser raro e outros há da mesma analogia como a de *nós* e *vós* no provérbio “são mais as *vozes* que as *nozes*.”³


Com esta assonância tomada de *miques*, é provável que se formasse o termo plebeu *niques* para indicar os caprichos do mau humor (*anima iníqua*) do mau sangue, das pessoas *niquentas* (de *niquil* – *nibil?*) que fazem questão de pequeninas coisas e de bagatelas. Encontro no *Auto dos Cantarinhos*, 460:

– Cantai que me vem desmaios
 – Desmaiou meu amor em *socos*
 Deu-lhe ali do *anime nique*.

As etimologias populares, se tenho autoridade para dizê-lo, formam-se quase sempre da afluência e congêrie de várias formas que entram como achegas e materiais de composição.

Fazer do céu cebola

31. Já está fora de uso esta frase que ainda se vê na *Arte de Furtar* em vários lugares e explicitamente no n. 115:

3  Em outro lugar deste livro.

Perdem-se petições, somem-se provisões, faltam os oráculos,
respondem *sesta* por *balbesta* e fazem-vos do céu *cebola*.

Fala o autor dos que leem ou escrevem mal e precipitadamente
tudo, trocando em equívocos danosos.

As locuções são proverbiais e deparam-se nos autores clássicos
portugueses.

Na *Aulegrafia*, por exemplo:

Cuidou levar a toa sua dama e *fazer-lhe* do céu *cebola*...

fl. 42 v.

E na *Ulíssipo*:

A essa senhora basta-lhe a autoridade para *fazer* do céu *cebola*.

At. II, c. 4

Em *fazer do céu cebola* alude-se, segundo creio (com um pouco de
fantasia), a erro de leitura ou escrita *coelum* e *cipullum* ou *cipullam*, agrava-
do talvez nos casos sempre frequentíssimos de abreviatura.

E nem é de mister aqui recorrer-se ao latim porque certos latinis-
mos, como eram as fórmulas de juramento, foram conservados na lín-
gua, e por algum tempo se disse *Deus do celo* por *Deus do céu*. No
Cancioneiro, de Resende, o trovador Pero de Sousa Ribeiro diz:

Dom Martin de Castel branco
Tem tanto pera falar
Que creio que á de agoar,
Ou ficar já sempre manco
E juro por *Deus dos celos*
Que estava bem espiado...

III, 218

Muito grande é decerto a oposição entre *céu*, *celo* e *cebola* quando não abreviados; mas as palavras juntas podiam encobrir uma intenção: *céu e cebola* equivalem a amor e miséria. Os namorados antigos diziam *pão e cebola* (ainda no castelhano *pan y cebola*) que é a extrema parcimônia de vida, quando lhes bastava para alimento o amor no peito; hoje dizem nos mesmos casos à francesa — *meu amor e uma cabana* — que parece mais romântico.

À moda antiga disse Gil Vicente:

E saiba tanjer viola,
E coma eu pão e cebola

II, 132

O mesmo diz o barbeiro de Antônio Prestes, à mulher do casado que foi *menos sutil e elegante*, no *Auto da Ciosa*, 342.

Oh que isso são parolas,
Que não comemos cebolas!

32. Não é menos curioso que no simbolismo popular das cores, entre nós,

azul é ciúme

ao contrário da convenção de outros povos, o alemão, por exemplo, em que o *azul* simboliza a *fidelidade* ou *pureza*.

Houve no português antigo, como no castelhano, a confusão entre *celo* (*céu*) e *celo* (*zelo* ou *ciúme*); a cor dos *celos* ou *céus* é a cor do zelo ou *ciúme*.

E é provavelmente muito antiga esta comparação. Nas *Poesias várias*, de André Nunes (1671) lemos:

Em azul papel impressas
 Equivocavam ousadas,
 Pois davam a quem as viam
 Ciúmes com esperanças

pág. 264

Fala o poeta dos olhos da sua impoética *Maricas*.

A. Faria envia-nos esta documentação:

Se esta referência do mestre carecesse de abonação, forne-
 cê-la-ia a interessante passagem da velha peça EL AGUILA DEL
 AGUA, de Luís Velez de Guebara:

“ALMEDRUCAS:
 Advierte
 que aun las sombras me dan celos”


33. Na outra locução análoga:

sesta por balhesta

sesta está por *seta*; aproximam-se as duas ideias – seta e besta (balhesta – *balista*).⁴

Sua alma, sua palma

34. É uma sentença bíblica que em sua expressão mais pura deve ser: *sua alma em sua palma*. Cada um deve trazer na palma da mão a sua alma, como quer o salmista quando diz:

4  O *s* de *se-s-ta* por *seta* explica-se pelo influxo da segunda palavra que o contém – balhesta. É também certo que havia uma arma – *césto* – correspondente ao que chamamos hoje à inglesa, *box*; mas a aproximação entre *bésta* e *seta* é mais racional e já ocorre na *Demanda do Santo Gral* as duas palavras juntas.

Anima mea in manibus meis semper

Ps. CXVIII v. 109

isto é, “minha alma sempre terei nas minhas mãos”.⁵

Provérbios do Evangelho de S. Mateus


São muitas as locuções e sentenças morais tomadas aos *Livros Sagrados*. Só o Evangelho de São Mateus deu curso a grande número delas: *os filhos de Zebedeu e a mãe dos filhos de Zebedeu* (sempre repetida em vários lugares) – *olho por olho, dente por dente* (v. 38), o argueiro e a trave no olho (VII, 3), pérolas aos porcos (VII, 6), não há profeta em sua terra (XIII, 57), o cego que guia outro cego, ambos cairão no pego (XV, 14), a fé abala os montes (XVII, 19), passar um camelo pelo fundo duma agulha (XIX, 24), os últimos serão os primeiros (XIX, 30), raça de víboras (XXIII, 33) etc.

Nenhuma destas sentenças, por nimiamente claras como é a linguagem dos Evangelhos, oferece matéria para exame; só uma delas, que poderia ser subscrita pelo mais feroz anarquista hodierno, suscitou dúvidas, e é a que diz (XIX, 24):

Ainda vos digo mais: que mais fácil é passar um *camelo* pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino dos céus.⁶

5  Esta correção do *modismo* é de Sbarbi, que a tomou do maestro Corrêas.

O sentido da locução românica um tanto diferente, soa como: “lá se avenha com a sua consciência”. *Palma* não parece ser aqui a da mão, mas o símbolo do prêmio, e neste caso a correção (*em sua palma*) não teria lugar.

6  Esta é a tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo que bem fez em conservar o vocábulo que deu origem ao equívoco (*camelum*). Antes dele, Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento seguiu lição diferente e traduziu *camelum* por *calabre* (na sua *Hist. Evang.* II, 199).

A dúvida nasceu da inteligência da palavra que na redação grega *kamelos* (kamêlon) tanto significa o *calabre* ou amarra das âncoras como o *camelo* animal de carga.

Em qualquer caso, a dificuldade de passar pelo fundo da agulha um *calabre* ou um *camelo* seria sempre a mesma. Alguns teólogos, mais humanos que São Mateus, imaginaram várias interpretações; uma delas foi que em Jerusalém havia uma porta chamada o *Olho da Agulha*, muito estreita, mas que podia ser transposta por um camelo, depois de despojado de toda a carga; outra explicação era que o *calabre* podia passar pelo fundo da agulha, contanto que, desfiado, passasse fio por fio. Com estas exegeses liberais, ficam sabendo os ricos que podem transpor, embora com grandes trabalhos, as portas do céu. Amolda-se deste a Escritura ao capitalismo, como se amoldou a história dos sete dias às grandes épocas geológicas da criação do mundo. Não é só em Varsóvia que se consegue a paz.

Ou César ou João Fernandes

35. *Ou César ou João Fernandes* é a fórmula portuguesa e vernácula do ditado clássico – *Aut Cesar aut nihil* – ou César ou nada; e diz-se naturalmente dos que ambicionam ou tudo ou coisa alguma.

Os italianos formaram da frase latina, por etimologia popular, a locução *Cesare ò Niccolò* onde *Niccolò* está por *nihil* ou *niquil* (*nec-bil*; cf. *aniquilar* por *anibilar*).

A frase portuguesa tem, ao que presumo, origem histórica diferente; este *João Fernandes* que se opõe a *César*, presumo ser um que, pela sua insignificância nas armas, provocou as cantigas de escárnio dos antigos trovadores da escola provençalesca.

Efetivamente Carolina Michaëlis, na sua grande edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda* (II, 327), falando a respeito do trovador Martin Soares, diz que “tomou parte num torneio de maledicência contra

certo João Fernandes, um pobre mouro “mal-talhado” que mostrou veleidades de tomar a cruz, na época calamitosa quando a soldadesca infrene do imperador Frederico ameaçava Roma, e os tártaros invadiam a Europa”.

No *Cancioneiro Colocci Brancuti* vem sobre o mesmo ridículo personagem duas cantigas de maldizer de Dom Rui Gomes de Breteiros:


Joam Fernandez quer guerreiar
E nom quer vinhas alheas talhar...


pág. 176


O guerreiro João Fernandes é um César caricato e fanfarrão motejado pelos antigos poetas.⁷

Contribuiu para a naturalidade do apodo e escárnio outra circunstância especial.

O nome de *Joam* por muito vulgar e plebeu foi sempre tomado para indicar o de indivíduos simplórios ou atoleimados, o bobo das farsas, mormente nos antigos escritores e poetas: *Jan-Afonso*,⁸ o *Jan-das-Bestas*,⁹ o *Joanne*,¹⁰ o *Jam Gallego*,¹¹ o João Branco¹² e inúmeros outros. Nos colé-

7  Na *Hist. dos Adágios*, de L. Batalha, há simples menção da frase, sem qualquer explicação ou documentação. (pág. 76)

8  Em vários poetas cômicos.

9  Na farsa de *Inês Pereira*:

Ai Jesus que *Jam das bestas!* (III, 128)

E na *Prática dos Compadres*, do Chiado (Obras, 100):

“Sou eu algum João das Bestas!”

10  O antigo mote glosado em Camões e em Caminha; e no Chiado, 41.


Coifa de beirante

Namorou Joane.

11  Em Gil Vicente, a alusão a qualquer conto proverbial:

Já a burrinha jaz no pego

Enterrado é *Jam Gallego*.

12  Na *Ropica*, ed. moderna, 246.


gios da Idade Média e nas universidades, os criados tinham o nome geral de *joannes*. E Della Casa escreveu que se se batizasse de novo tiraria o nome de João:

S'ió havessi manco quindici a vent'anni,
 ... io mi sbattezzerci
 Per non haver mai più nome *Giovanni*.

O de *Joam Fernandes* foi um excelente achado com que opor ao de César.¹³

Ficar em apuros

36. O sentido verdadeiro de *apuro* é o de perfeição, pureza, elegância. E assim é que se diz “vestir-se com *apuro*”.

13  A propósito da frase escreveu Montoto:

“De quienes prometem mucho e no dan nada, ó dan poco, se suele decir que son Cesar en el prometer, ó empuñar, y “Fernández” en el cumplir, ó en el dar.

Lope de Vega refiere en una de sus comedias, cuyo nombre no recuerdo ahora, el cuento de Cesar Fernández.

Recuerdesa el epigrama del mismo Lope, que termina:

El empuñar fué de Cesar,
 mas el dar fué de Fernández”.

Há outro tipo ridículo, comum ao castelhano (registrado em Corrêas) e ao português, o de *João-Ramos*, o marido enganado e palerma; não parece ser de uso moderno, mas é certo que é o herói de uma facécia contada por Rodrigues Lôbo, na sua *Côrte na Aldeia*; diálogo XI:

Parece-me gracioso o dito de uma mulher que não tratava bem de obras a honra do seu marido e ele muito mal de palavras a de toda sua vizinhança; era o seu nome dele *N. Ramos*, e, pondo-se um dia em práticas com a mulher, começou a contar com ela todos os cornudos que havia no seu bairro; a mulher, com raiva da sua má natureza, a cada passo dizia: “*Erramos*, marido, tornai a contar que falta um”.

Erramos – queria dizer – *E Ramos* – que era o marido o que faltava na conta e talvez não era o único que faltava.

Mas bem se vê que não pode prevalecer esta ideia de correção e polidez quando uma pessoa *está ou fica em apuros*; isto é, em grande aperto e necessidade e, às vezes, em camisa.

Há, pois, uma diferença essencial entre o *apuro* do que traja e os tristes *apuros* em que caem os desastrosos.

A locução foi do latim: *in puribus*. Assim a registra *el maestro Corrêas* no seu vocabulário e está entre os termos da medicina antiga. *In puribus* quer dizer nos seus maus humores, reduzido a pus.

Não podia ser pior para quem, começando com *apuro*, como diz o castelhano, *quedóse in puribus*.¹⁴

Mula sem cabeça

37. A *mula sem cabeça* é uma superstição e crendice popular. A mulher de padre, ao cabo de alguns anos, vira *mula sem cabeça* e corre todas as noites *sete freguesias*.

Os pormenores simbólicos da superstição derivam do sentido remoto de *bruxa*.

É de mister que seja *mula* para que a união seja híbrida e possa correr tantas freguesias numa noite; e há de não ter *cabeça* porque este é o sentido de *bruxa*.¹⁵

14 ∞ Outra expressão latina de uso outrora e hoje quase se não vê nos escritores, foi a de *falar ad efesios*

Na *Eufrosina*, logo no primeiro ato e primeira cena, depara-se um exemplo:
zombais de tudo e
respondeis *ad efesios*...

fl. 9. v.

e também se dizia *argumento ad efesios*, mal a propósito e sem eficácia. Tomou-se da epístola de São Paulo aos de Efezo.

15 ∞ Na lenda repetem-se as ideias comuns de *correr o fado* ou o *fadário* que é o terrível castigo dos *lubisomens*, das *bruxas*, do *judeu-errante* que *não pára nem repousa*. E corre *sete freguesias* ou castelos, simbolicamente as *sete partidas* de antanho, isto é, o mundo inteiro. O número *sete* é fatídico: de *sete filhos machos* um é *lubisomen* e de *sete filhas* uma errará, isto é, correrá o *fado*. Veja – J. Leite Vasconcelos – nas *Tradições populares portuguesas*.

A *bruxa* não tem cabeça ou parece não tê-la porque a inclina e esconde-a no capuz. Veio do euscaro ou basco *buru* e *buruz*, de cabeça abaixo e daí a expressão vulgar tão portuguesa, *de bruços*.

Ainda mais; os quadrúpedes, como a *mula*, andam *de bruços*, com a frente do corpo para a terra, *prorum caput* como dizia Salústio.

É um alho

38. Parece que esta expressão é a resposta dada a uma adivinha popular. *Albo* é o sujeito que parece gente e não é, mete-se a sabido e sai tolo.

Por vezes é o espertalhão

Que é o que é?

Não come mas tem dente

Tem barbas e não é gente?


É natural que só haja uma resposta:

– *É um alho!*

Contudo, a explicação é demasiado alegre e não basta. Convém saber que o *albo* é símbolo de ironia e desdém. *Albos e bugalhos* são coisas de nonada. Em outro tempo na Itália, nas corridas que se faziam por desporto, cabiam aos vencedores dois prêmios, o *pálio* e a *leitua* (unam por-chettam), o que chegava por último ganhava um *albo*, e assim é que Bartolomeu Veratti explica a ironia que se apegou à palavra e que se traduz em várias locuções.¹⁶

O *albo* teve outrora a virtude de premunir contra as pestes e epidemias em toda a Europa; naquelas conjunções, mastigavam-se alhos dia e noite; terapêutica bem desagradável.

Quem se pica, albos come

16  Na coleção de modismos de Pico de Luri, *loco*.

E com *albos* se curam as *tramas*.¹⁷

Há ainda uma circunstância que nos esclarece a toleima dos *albos*. Os missionários italianos sempre se queixaram de que inutilmente *pregavam a albos*

predicavam a porri


isto, como se pregassem a indivíduos que tinham as cabeças debaixo da terra, assim o explica Pico de Luri.

39. Ora, no Brasil temos expressão semelhante quando se diz

não sou caju.

Tolo é caju


O *caju* nasce de cabeça para baixo e é apenas o saboroso e opulento pecíolo da castanha do cajueiro. O peso do pecíolo faz virar para baixo a castanha.¹⁸

17  O *tram*, *trama*, como está em Gil Vicente em vários lugares, III, 125, 264, 370. Em A. Prestes:

Meu Orlando, minha trama.

Obras, 445.

E no *Leal Conselheiro*, Dom Duarte diz que quase muitas pessoas conhecidas haviam adoecido e morrido de *trama* (pág. 60 – da ed. de Lisboa). Vê-se por um dos lugares de G. Vicente: “*Trama* te dê na garganta” que era a peste levantina, adenite ou coisa semelhante.

18  Nos escritores antigos ocorre com bastante frequência o modismo – UM ADRO. Na comédia *Ulyssipo*, ato I, c. VI, depara-se esta fala de Hipólito:

– Eu, senhora, *sou um adro*; mas crede-me que me vem do amor, porque me sopesa sempre o gosto da vida com inconvenientes de morte, e a segurança d’alma com receios dela, e faz-me assi pesado.

A frase fica assim explicada: *adro* é o melancólico e receoso dos perigos da morte, e não é senão a mesma palavra que *atro* (*atrum*, negro, triste).

Mas também há *átrio* ou *adro* que era o cemitério à frente das igrejas e por isso se disse *triste como adro* ou *cara de adro* (lat. *atrium*).

Atrium e *atrum*, cemitério e triste, fundiram-se em uma única expressão. A. Faria cita a frase que não conheço –, bater com o rabo *no adro* = morrer. É conhecida, porém, outra – *bater com a cola na cerca* (R. G. do Sul) com o mesmo sentido.

Quem o alheio veste na praça o despe


40. É um rifão de sentido claro e que necessita apenas de breve reflexão.

Vestir o alheio era uma transgressão da ordem na sociedade medieval em que povo não havia propriamente senão vilões e servos. Estes eram *apaniguados*, isto é, tinham do senhor a que serviam, os alimentos essenciais *pan i aqua*; mas não cabia aos patrões o dever de os vestir. Daí o provérbio registrado em Moraes:

Chama-te MEU e veste-te do TEU

41. Quer dizer que o servo tinha a voz do patrão (a voz traduzia-se pelo grito, á, ak-a del conde, ak d'el-rei), mas à custa dele próprio se vestia, pois até lá não ia a obrigação da patronagem. E sendo assim, vestir o alheio era faltar a um dos deveres elementares na hierarquia social.

Acresce ainda que o rifão tem um fundamento ainda mais remoto: encerra a moralidade da fábula da – Gralha que se vestiu com as penas do pavão – e que andou em todos os Isopetes e fabulários;¹⁹ esta circunstância faz aumentar desmesuradamente a antiguidade do aforismo. A fábula da Gralha aparece em Fedro (I, 3), em Horácio (Epíst. I, III, 18); já estava na Aulularia (II, I), de Plauto, e remonta ao Nacca Jataka dos hindus.

19  As vestes ou as roupas são a segunda pele do homem e representam uma das formas de propriedade mais cedo fundada. É por isso curioso anotar aqui a correlação que existe entre a propriedade fundamental, a *casa* ou *habitação* e os nomes de vestes; basta cotejar – *casa* e *casaca*; *capa* e *cabana* (capana); *habitar* e hábito.

O mais notável destes casos é o de FATIOTA, que indica as roupas, fato, e ao mesmo tempo a *enfiteuse* (cessão de prédio) por uma forma intermediária *enfatiouse* ou *enfatiota* que, entretanto, não sabemos se existiu.

A boi velho, não cates abrigo

42. *Abrigo* ou *aprico* tem história interessante; o sentido primeiro de *abrigo* era *exposição ao sol* – (no latim *apricus*) e passou depois a significar o *recolhimento à sombra*, o que parece ser diametralmente o oposto.


Há exemplos dessas translações parabólicas e incompreensíveis. No latim *maturus* significava o verde, o matinal, e ainda temos *madrugada* que é um verdor do dia e é da mesma origem que *maduro*. *Ætas matura* era a juventude ou a adolescência; dentro de um século, em Suetônio, é já a velhice;²⁰ a força de amanhecer, a qualidade matinal e juvenil tornou-se plena e definitiva.


Hoje em dia, o atributo de *florescente* damos às coisas que atingiram a plenitude e por igual metáfora.

O mesmo sucedeu a *aprico*. Na velha *Medicina Lusitana*, do Dr. Fonseca Henriques, ainda tem o sentido antigo de “exposto ao sol”:²¹

“Assim que alguma religiosa estiver com esta doença (a tísica), logo se deve separar da comunicação das outras, saindo da clausura; porque, indo logo no princípio da queixa para fora do convento e pondo-se em *ar aprico* e de campo, pode aproveitar também esta diligência para o doente ter saúde...

A translação de sentido de *abrigo*, como suspeito, realizou-se desde que *abrigo* – exposição ao sol – passou a ser exposição ao calor, à temperatura menos fria, e no inverno esta só se depara sob coberta ou ao

20  M. Bréal – *Ess. de Sémantique*, 149.


21  Exemplo tomado dos excelentes estudos de *Terminologia médica* do Dr. Plácido Barbosa, que ainda cita outro lugar de Filinto Elísio. *Obras* (ed. de Paris) VII, 54, em favor do antigo sentido da palavra.

lume. A cabana do pastor é *abrigo* porque protege do frio, e, na estação invernal, o lume da lareira substitui o sol. O sol e a cabana aquecem e por isso ambos são abrigos.²²

O provérbio é um dos mais antigos do romance e está no *Cancioneiro da Vaticana*:

E, poren diz o vervo antigo:
A boi velho non busques abrigo

Can., II62

22  O vocábulo *catar* exprime simultaneamente duas ideias: a de *buscar*, *caçar* (catar pulgas) e a de ver argutamente (faze o bem, não *cates* a quem; *catadura*, *catacego*) e esse duplo sentido legitima a etimologia que dá Cejador y Frauca na sua obra sobre o Cervantes; deriva-a o filólogo de *cattus* (gato), animal que caça destramente e vê até a escuras. Não é essa a etimologia que registra Koerting no seu *Lexikon*, mas *captare*, f. intensiva de *capere*; n. 1904; há, porém, erro quando diz que *cata* só significa *ver* em composição. No léxico românico de Meyer-Lübke também o étimo é *captare*.

IV

Alma de cântaro. Pagar o pato. Viu o jogo! Mula que faz *him* e mulher que fala latim. Trazer de canto chorado. Assim e assado. Plebeísmos de formas simultâneas: *descolumenal*, *emprestadar*, engasgalhar, chibrasar. São mais as vozes que as nozes. Vir à noz. Com teu amo não jogues as peras. Não quero com o demo nêsporas. Cal-te. Não min cal. Encalmar-se. Ida de João Gomes; o *follore*. Cala... Andar à coxia. Alhos e bugalhos. Alhada. Salvo-nor. Com fogo não se brinca. Arrecada e alcarrada. A ocasião é calva; por um *triz*. A boa árvore que cobre. Razões de *cacaracá*.

Alma de cântaro

43. *Alma de cântaro* — é a do bonachão, do que é incapaz de ofender. É a *boa alma*, talvez do simplório ou do pobre de espírito.

Em um soneto das suas *Obras métricas*, II, 20, diz Dom Francisco Manuel:

Por isso disse eu já que o desengano.
Era uma *alma de cântaro*; ouvis, prima?
Cura por fora, e dentro nos lastima,
Dá paz um dia por dar guerra um ano.

Há aqui deturpação do sentido da palavra tanto no português como no castelhano.

A expressão deriva da antiga história do *cântaro* ordinariamente de barro, em concorrência com o de ferro, da fábula, ou em contato com a pedra, segundo o antigo provérbio, registrado no velho adagiário de Hernan Nuñez:

Si la piedra da en el cantaro, *mal para el cantaro*; si el cantaro da en la piedra, *mal para el cantaro*.

Cejador, II, 226^I

Não só o cântaro não faz mal, mas é sempre o que sofre dano.

Todos os fabulários e Isopetes antigos trazem o conto das duas panelas, uma de ferro, outra de barro, que iam rio abaixo. De Aviano XI passou aos modernos fabulistas; mas veio do *Panch* indiano (III, I3) e há a versão do *Talmude*, citada no ESOPPO, de Jacobs: “If a jug fall in a stone, *woe to the jug*; if a stone fall on a jug, *woe to the jug*.” É literalmente o caso da alma de cântaro.

Pagar o pato

44. *Pagar o pato*, e não o *pacto*, porque quem o paga não entrou em ajuste e é sempre o ludibriado e às vezes com afronta grave.


São muitas as histórias que se contam; mais numerosas são ainda as que se podem inventar para ir ter à conclusão de que alguém *pagou o pato* sem o comer. O provérbio mesmo serviu de assunto a uma das antigas farsas de cordel, o *Gallego Lorpa*.

Em Sá de Miranda:

Onde se há de lançar tanto,
Aquilo é *pagar o pato*

Obras, I, 219

No *Auto do Dia de Juízo* (1659):

I  Cejador y Frauca – *La lengua de Cervantes*. O povo que não gosta de esdrúxulos ajuntou a corruptela – *alma de chicarro*. É curioso notar que expressão análoga à de *alma de cântaro*, boa alma de simplório, é a de *cretino* que deriva de *christianus*; o *cretino* é o pobre de espírito do Evangelho.

Cá pagareis vós o pato
Se acordardes de vir.

A história mais antiga que conhecemos é medieval e foi recontada pelo florentino Poggio nas suas *Facetiæ*. É um conto de tal arte crespado e lascivo, como em geral os daquele célebre e escandaloso escritor, que só podemos dá-lo no original latino.

Um valente rapaz campônio que vendia patos recusou mercá-los a uma leviana mulher da cidade a não ser por moeda especial.

– *Quid?* perguntou ela.

– *Unico coitu.*

– *Jocaris* (retrucou ela) *sed domum ingredere et de pretio convenimus.*

Assim fez o rapaz e a mulher consentiu na moeda; houve luta, discussão, começou-se e recomeçou-se, sem que se julgassem quites, quando sobreveio o marido inquirindo da disputa. O rapaz declarou, então, que o pato não estava pago; ainda reclamava dois vinténs.

– *Eia!* (disse o marido) *tam parva res impedit cenam nostram! Accipe, quodlibet.*


E pagou o pato.

Este conto, que data em sua forma escrita do renascimento florentino, por ser o mais antigo que conhecemos, deve, ao que presumimos, bastar à explicação autêntica do ditado.²

Não menos antiga nem menos indecente é a facécia que se conta ainda hoje a propósito do dito:

Você viu o jogo!

45. Está no *Cancioneiro geral*, onde o desbocado trovador João Barbato conta as peripécias de um sonho erótico com Violante Meyra:

²  Uma explicação que dá um antigo tradutor da *Bíblia* em castelhano, Cassiodoro de Reyna (século XVI), de que se trata de *el pacto* entre Deus e os judeus, não merece mais que esta nota de registro.

Vós desvestistes-vos logo...

.....

Quando *vi o mais do joguo*

Eu ardia em tal foguo

Que não cabia na pele³

Mula que faz “him”

46. Na sua interessantíssima *Carta de guia de casados*, diz D. Francisco Manuel:

“Enfim, ouvi-lhe que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim.”


O provérbio pertence ao número dos incompletos; a forma integral depara-se no Adagiário de Delicado e na coleção Rolandiana:

“Mula que faz *him* e mulher que sabe latim raramente tem boa fim.”

É curioso que essa alimária de raça híbrida desse tamanha prole na linguagem: de *mu* se tirou *amuar* que é ter a manha ou ira concentrada dos mus, como disse Gil Vicente na farsa dos *Almocreves*:

Hua batalha ordenada,
Não de gente mas de *mus*
Com muita raiva pisada.

Ainda *mulato*, o híbrido não só no sentido próprio (de *jumento*) como o usaram os clássicos algumas vezes,

3  Compare-se com isto a decência de G. Vicente, III, 170-171, tão malsinado de licencioso.

Se *beato immaculato*

Me emprestasse o seu *mulato*

Gil Vicente, III, 230

mas ainda aplicado aos homens mestiços. Conforme o pobre e parco linguajar primitivo dos nomes de animais é que o povo tirou os das máquinas e inventos (que hoje só se enfeitam com os apelidos gregos) e então criou a *muleta* que é mula de pau e de pobre como é de pau também o *cavalete*.⁴ A mula faz *him!* quando escouceia e as que o fazem naturalmente se não recomendam. Os italianos dizem:

Mula che *rigna* e donna che *sogghigna*,

Quella te tira e questa ti *sgrafigna*.

O saber *latim* sempre foi sinal de habilidade e talento, e o termo *ladino* bem o exprime. Na *Eufrosina*, diz Jorge de Vasconcelos:


“Guardeuos Deos de ira do Senhor de aluoroço de pouo, de doudos em lugar estreito, de moça adevinha, & de molher *latina*...

Trazer de canto chorado

47. O *canto chorado* é o nunca acabar dos maçadores e secantes. Não é *canto* nem *choro*, ou será ambas as coisas, porém sem interrupção nem descanso. É o antigo *ópio* das farsas de cordel, o *ferro*, a *amolação*.

“Trouxe-o de *canto chorado*” quer dizer, sem o deixar repousar, falando ou pedinchando, com cantigas ou lamúrias.

A ideia principal é esta da continuidade que flui infinita sobre as míseras vítimas, é a de moto-contínuo. Ora, há uma máquina muito

4  Além de *amuar* há *embezerrar* de *bezerro*, *emburrado* e provavelmente *aburrido* (de *burro*, melhor que de *abborreo*) para indicar vários estados de displicência.

simples e antiquíssima que dá perfeito símile desse infinito *chorar*. É a que hoje à francesa chamamos *sifon* ou *sifão* e se chamava em outro tempo e ainda há quem lhe chame — a *catimplora*, uma cana recurva que serve para trasfegar os vinhos e os líquidos de um vaso para outro. O líquido desde que alcança o alto da cana desce copiosamente sem nunca mais interromper, até esgotar-se uma vasilha à custa da outra.

Os franceses dizem-na *chante-pleure* e é provável que a operação de *catimplorar*, segundo as leis da nossa fonética, se tornasse em *cantichorar*.

Cantichorar uma pessoa ou trazê-la de *canto chorado* é esvaziá-la, esgotá-la até o último alento.

É suplício comum, como o é o *sifon* dos botequins de agora.⁵

48. E como se fala de *lágrimas* e de ranger de dentes, notemos a expressão portuguesa tão contraditória:

Caíam-lhe dos olhos lágrimas COMO PUNHOS.

5  Transcrevendo esta conjectura ajunta Alberto Faria:

“O A. soube formular a sua hipótese com tal arte, que a tornou deveras sedutora; entretanto, a ela prefiro em parte a de Castro Lopes, única quase aceitável das infelizes ORIGENS DE ANEXINS:

— “Em muitos países, onde os enterros se fazem à mão, entoam os sacerdotes um canto lúgubre, um *canto chorado* acompanhando o féretro até o cemitério. Desta religiosa e augusta solenidade parece que tirou o povo o *simile*, por ele aplicado quando alguém anda sempre após outrem repetindo-lhe com voz lamentosa o mesmo pedido, que já mil vezes tem feito. A vítima de tal importuno representa o *morto*, atrás de quem vai o enfadonho suplicante entoando um *canto chorado*, que é fastidiosa e monótona repetição do mesmo assunto.”

“Para mim, o *simile* do *canto chorado* saiu do coro *das carpideiras* dos enterros antigos conforme o costume funerário extinto. Mas, com dizer isto, não pretendo ser no presente pleito, como em nenhum outro de igual natureza, juiz de última entrância. Apenas me aventuro a externar opinião própria, fundado no direito à liberdade de conjectura...”

A comparação é rara, singular e por isso estranha na nossa língua. No castelhano o *puño* é palavra e ideia que serve de medida a várias grandezas e está no mesmo caso do nosso *puñilo*, *mancheia*, e outros.

Un aposento como un *puño*

é um aposento pequeno; mas

Un huevo como un *puño*


é um ovo *grande*. Conseqüentemente – lágrimas como *punbos* – são grossas e volumosas e naturalmente muitas.

Assim e assado

49. *Assim e assado*, isto é, desta e daquela maneira. É evidente a intenção de transformar *assim* em outra palavra apenas diferente como para indicar os diversos feitios da mesma coisa.

Tenho para mim que *assado*, no sentido de levado ao fogo, é mentalmente derivado de *assim* sem contradição com a etimologia própria. Repare-se em que a palavra gótica que foi de extraordinário uso *guisa* e à *guisa* queria dizer: assim, daquele modo. Dela é ainda certo que se derivou *guisar*, isto é, fazer de certo modo, confeitar, compor uma iguaria. E se de *guisa* se fez *guisar* na arte culinária, de *assim* se poderia analogicamente fazer *assar*. Daí carne *guisada* e carne *assada*.

Isto não obsta e nem refluí contra a etimologia de *assar* (de *ardere* – *arsum* – *arsare*), mas prova que nem tudo o que há por força terá de vir de um só germen primitivo.⁶

6  No castelhano há *asi ó asá*, e também como está no *Dom Quixote*: yo tengo de ser de Dulcinea *cocido ó asado*” (II, 45).

50. Há palavras até que se formam de dois pensamentos simultâneos que, não podendo ser expressados do mesmo eito, se conglomeram e rompem em um único vocábulo.

A gíria brasileira tem por exemplo o adjetivo

descolumenal

interessantíssimo, porque é um amálgama de *descomunal* e *fenomenal*, ditos ao mesmo tempo e como se o fora por duas pessoas.

Em A. Prestes no *Auto do Procurador* fundem-se as duas palavras *matrimônio* e *legítima* (herança) em uma única: *legitimônio*.


Diz que o que eu hei de herdar
Nem é justiça deixar,
Que é meu de *legitimônio*

Obras. I44

Ainda pela vontade de dizer *disparar* e ao mesmo tempo — *pan!* — que é a onomatopeia própria, os matutos fazem:

dispamparar
dispamparou a espingarda.
dispamparou em desaforos.

Também é formação de gênero análogo o verbo graciosamente irônico *emprestadar*, *tomar emprestado*; diz-se do empréstimo que não será solvido,⁷ e resulta de *emprestar* e *dar*.

7  Estas formações em que entram soídos de onomatopeia e irrompem da congênie descoordenada das ideias têm exemplos de vários coloridos no linguajar do povo: encaramear, entrambelicar (*Enferm. da língua*, 119), engasgalhar, escarapelar (no sentido de *escapar*), *chibrasar* (*xi-brasa* à pele — A. Prestes, 28).

São mais as vozes que as nozes⁸

51. A forma primitiva do provérbio é outra. Com varas batem-se as nogueiras, faz-se grande estardalhaço e às vezes as nozes que caem são poucas. Ao fragor demasiado não correspondem os poucos frutos que se colhem.

Daí, o dizer-se

É mais o ruído que as nozes.

É esta a forma com que se encontra na *Arte de furta* quando diz o autor:

A um milhão de emprêgo claro está que deve corresponder um grandioso lucro; e tal lh'o deixam recolher, sem se advertir *que é maior o arruído que as nozes.*

Cap. XX, n. 59

O que ainda agrava este caso, é que ao partir as *nozes* o ruído é grande e o miolo por vezes não há.

Somadas as razões é verdade que é mais o *ruído* que a *noz*, ou, como diz o poeta dos *Ratos da Inquisição*, 167:

Mais são as *vozes* que as *nozes*
P'ra mim n'esta ocasião...

Em português preferimos *voz* a *ruído* porque *voz* ruído é, e é rima, e segundo entendo é mais *do que rima*, é simpatia. Há verdadeira atração nas formas familiares dos pronomes e *noz* = nós desperta

8  Veja *in fine* deste capítulo.

vós = voz. E, portanto, *nozes* e *vozes*, como é também o caso de *tiques miques*.⁹


A palavra *voz* podia perfeitamente substituir a de *ruído*, pois que significava *clamor*, *grito*.

Na *Demanda do Santo Gral*, que é um dos documentos do português arcaico, vem a expressão em toda a intensidade:

Quando a donzella esto viu, leixou-se caer em terra dando
vozes como mulher sandia.


pág. 93

Nas antigas leis — *dar vozes* — era gritar o — *a que d'el-rei!* e este sentido (*voz* = grito) ainda se conserva nos dizeres — *À voz do comando; à voz de marche! etc.*¹⁰

9  Alberto Faria sem razão supõe ser o termo *ruído* variante inferior e mais recente porque já ocorre *vós* em Gil Vicente:

Cobrai fama de ferozes
Não de ricos qu' é perigosa,
Dourai a pátria vossa
com mais *nozes que as vozes*

Mas admite a minha reflexão acerca da simpatia de *nós* e *voz*. Apesar do exemplo de Gil Vicente, a forma *ruído* é a normal e a mais antiga, conforme deixei provado em estudo especial sobre o assunto. (*Supl.*)

10  Também existe a locução — *vir à noz* — que se tornou proverbial, naturalmente pelo equívoco ou frequência do *vir a nós* (*venha a nós* — da oração dominical). *Vir à noz* diz-se da corda da besta que se estica e entesa até alcançar o rebaixo próprio (*a noz*). Foi usada na comédia *Ulíssipo*:

Eu também já vou entrando em jôgo com a minha gaita, que parecia impossível *vir à noz*.

Com teu amo não jogues as peras

52. São muitas as histórias e patranhas contadas a propósito deste provérbio, e naturalmente não têm número desde que se dê largo freio à imaginativa.

Uma das explicações mais desassisadas e insustentáveis foi a que deu o Dr. Castro Lopes nas suas por vezes ridículas *Origens de Anexins*, onde diz que o provérbio primitivo havia de ser — “Ao teu amo não jogues *ásperas* (palavras)”. O povo transformou *ásperas* em *as peras*. Que povo e que transformação!

Outra explicação que ouvi e me pareceu melhor, foi a de que numa demanda ou questão o servo opunha ao senhor a adversativa *pero* — nas alegações contrárias que apresentava em defesa. Mas, como perante todas as justiças, são os senhores os que têm sempre razão, é manifesto perigo — *jogar com eles os peros*.

Terceira explicação e que de si mesma se torna evidente, nas variantes mais ampliadas do anexim: *Com teu amo não jogues as peras porque ele tomará as maduras e deixar-te-á as verdes*. Esta amplificação deve ser recente e é contra a brevidade dos provérbios, nunca prolixos nem comentados. O legítimo provérbio é o que não traz a glosa.

Ainda há outra explicação satisfatória por certos aspectos especiais. E é que *pera* significa em vários romances *cabeça* e “jogar *as peras*” pode ser entendido “jogar *cabeçadas*” ou coisa que o valha. No italiano, a palavra *pera*, em vários dialetos, tem aquele sentido, e o modismo *far la pera* equivale a cortar a cabeça, decapitar. Numa comédia do Nelli, uma personagem ameaçada de morte, diz no diálogo:

— Ecco lá il vecchio; ritratevi in casa.

– Oh meschina a me! Non lo lasciat' entrare, perchè é mi *farrebbe la pera*.¹¹

O sentido não é, pois, o do provérbio e parece que só se encontra nos dialetos itálicos.

Esta explicação que me seduziu a princípio, quando encontrei o modismo *far la pera*, é absolutamente inaceitável.

Na península hispânica é que a havemos de encontrar. A forma castelhana mais antiga é a que dá o autor anônimo dos *Refranes glosados*, do século XV, editado por Sbarbi:


Com maior que tu non partas peras.


É a história de um rendeiro que viu, na meação dos frutos, tomados os maduros e os melhores pelo senhor.

Esta forma é a que se aproxima da fábula esopiana do *Leão e seus companheiros de caça*, e daí é que decerto se originou o provérbio, não sendo talvez indiferente a sugestão de *preda* (espanhol), *preia* (prædam) a *presa* e a *pera*.¹²

A fábula é de Fedro, I, 8 e de Rômulo I, 6. Os Isopetes medievais corrigiram-na sensatamente dando por companheiros do leão animais todos carnívoros. Dela é que vêm as sentenças – *a parte do leão* – ou – *quem parte e reparte tem a melhor parte*.

A fábula de Fedro que termina:

11  *Le Serve al for*. A. 3, c. 3. Veja-se também o que a respeito da locução diz Próspero Viani – *Dizion, di pretesi francesismi*, II, 170. No castelhano há os provérbios: *Dar para peras a uno* – (ameaçar de castigo) *poner a uno las peras a quatro, ó coarto* – apertar a alguém, obrigá-lo a fazer o que não queria. Estes dizeres parecem-se ao italiano.

12  Ainda a fábula clássica se entrevê na antiga *Recopilação*, 1541, de Ynigo Lopez: “Parte Nicolas, para si lo mas.”

Quanto à etimologia de *preia* e *presa* refiro-me apenas à confusão popular das formas que são diferentes *præda* e *prensa* (*præhensa*).

Sic totam prædam...

foi ainda mais profundamente gravada na memória dos povos modernos, pois que desde o jurista Cássio (Livro 29: *Si non fuerint...*) foi chamada a sociedade entre desiguais de *Sociedade leonina*.


Assim, a versão mais antiga da península

Con tu maior non partas peras

restitui-se na forma primeira:

“Con tu maior non partas predas”

A etimologia popular não hesitou em confundir as duas noções, ou pelo menos a assonância comum as associou no mesmo prolóquio.¹³

13  No *Auto da Ciosa*, de Antônio Prestes, aparece outra locução:

Fazei vós como lhe eu faço,

Não quero co’ o demo nêsporas

Manhã missa, a tarde vesporas...

Desprende-se que o sentido é *não quero negócio ou inteligência com o demo*. É difícil explicar a razão que faz identificar o *pacto* ou *negócios* e *as nêsporas*; é certo, porém, que *mandar nêsporas* é não ser, nem ficar alheio a qualquer coisa de que se trate e foi com este sentido que no castelhano disse Lope de Vega:

– Maté a uno, heri a otro

– Y yo? *mondava nisperos?*

onde se poderá traduzir: “E eu? pensa que estava *com as mãos abanando?* que estava *a ver navios?*”

No poeta português deve entender-se *nêspora* com o sentido de *címbalos*, *campainhas* que usavam, como se diz na *Eufrosina*:

– Vós tocastes em seu tempo o *apia ha*, vejo-vos jeito para o fazerdes bem.

– Isso deixo eu para vós que sois todo uma mangana, maiormente se for descantada com *nêsporas* e *rouxinol de barro*. fl. I04 v.

A *nêspora*, o *apia há*, o *rouxinol de barro* faziam parte da instrumentação das músicas populares e campestres. No *auto de Filodemo* v-2:

– Que tal é a *música* que determinas de lhe dar?

– A música não é senão das nossas; mas faço-te queixume que nem com um cão de busca pude achar umas *nêsporas* por tôda esta terra.

A estes instrumentos e às *guitarras* podia ajuntar-se quem fizesse de *telbinha* ou de *assóvio*, como diz o Camões na mesma comédia.

Talvez possa contribuir para a elucidação da frase o modismo espanhol que vejo registrado no recente livro de Cejador (*Fraseol.* III, 1924), *Pedir peras al olmo*, isto é, pedi-las à árvore ou a quem não as pode dar.

Neste caso haveria em português confusão ou sugestão entre *olmo* (álamo) e *amo* (patrão).

Outro modismo aí registrado é *tomar para peras* = *cuando dan golpe y cosa de daño*.

Ajuntamos esses materiais para pesquisadores mais perspicuos. E entre esses materiais podemos contar os versos de Calderon numa comédia da Criação do Mundo em que Adão e o Padre Eterno dialogam nos seguintes versos:

– Padre eterno de la luz
 Porque en mi mal perseveras?
 – Porque *os comisteis las peras*
 Y juro a Dios y a esta cruz
 Que os he de echar a galeras.

Destarte Adão *comeu as peras* do Padre Eterno, ousadia que lhe saiu bem cara.

Será o *amo das peras do provérbio* o Padre Eterno?

Eis o que não parece despropósito.

Cal-te!

53. A forma *calte!*, que tanto se antolha na literatura burlesca e nos poetas cômicos, deve ter sido derivada de *cala-te*; e ainda melhor de *cale-te*.

Isto faz supor a existência de um verbo antigo *caler* que deixou o particípio também antigo e próprio dos verbos em *er*: *caluda!* análogo ao *teúdo* e *manteúdo* que são sobrevivências de tais formas arcaicas.

O verbo *caler* (do latim *calere*) significava aquecer, dar calor, queimar. Daí o modismo “não me *cal*”, isto é, não me importa, não me pesa, não me queima ou incomoda.

O francês diz ainda

peu m'en *chaut*

e tem ainda os derivados *chaland* e *nonchaland* – (o que não faz caso).

Também o tinha o provençal. O castelhano antigo tem constantes exemplos; no poema do *Cid*, v. 2367:

Curielos quisquier, ca dellos *poco min cal*¹⁴

No antigo português os exemplos são frequentes. No *Cancioneiro de Dom Diniz*, edição de H. Lang, ocorre na primeira cantiga, na terceira estrofe:

E pero que ei de sofrer
A morte mui descomunal,
Com mha mort'oi mais *non m'en cal*.

Na *Demanda do Santo Gral* aparece com a forma *chal*:

Nom nos en chal! disserom elles, a tanto que vissemos vingada a morte de Lamorac.

pág. 89

Daí provém ao que suponho a locução moderna *encalmar-se* nas frases: *isto me encalma* ou *não me encalma*, isto é, não me faz mosca nem me desperta interesse. Com essa inteligência é que interpreto o dito de Cariófilo na *Eufrosina*:

14  Veja-se o estudo sobre pronomes de E. Staaf, de Uppsala, 33.

– Ora vos digo que não sou de tanto esfolagato; porque, olhai, senhor, eu queria que minha trova tivesse sentença e não me dependuro muito que seja música nem desmúsica, que parece muito observância de poeta, *só o nome me encalma*.

fls. 105

A exegese pode em verdade parecer subtil porque tanto *m'en cal* como *me encalma*, equivalem a “me acalora, me aquece, entusiasmo ou faz ira ou afronta.”¹⁵

Ida de João Gomes

54. A expressão era proverbial no século XVI e está em vários dos poetas cômicos; no *Auto dos Cantarinbos*:


– Vai-se já?
– Si, vai.
– Quer não,
Ida de Jan Gomes seja.

Ainda no *Auto dos Dois Irmãos* do mesmo poeta repete-se o anexam:

Ida de João Gomes seja
Que indo em fruto, voltou em rama.

Na *Prática dos Compadres* do poeta Chiado:

Não hajais medo que escorje,

15  Esta ideia de calor é sempre invocada:

Isto me *chibrasa* à pele...
É o mal que me mais *assa*

diz Ant. Prestes, 28-29.

E do sujeito que se zanga dizemos: *queimou-se*.

Ida de João Gomes seja ela
Que foi de casa na sela
E tomou no seu alforje.

Alberto Pimentel, na sua edição do *Chiado*, juntou estes dois exemplos e escreveu a seguinte ilustração em nota:

Um poeta que com êste nome (*Jan Gomes*) figurou na côrte de Afonso V e também no *Cancioneiro* de Resende, andando a exhibir prodígios de equitação nos Paços de Almeirim, caiu desastrosamente. No serão dessa noite, os outros poetas fizeram apodos do desastre, chasqueando do cavaleiro. E o caso é que desde aquela noite em diante ficou este anexim: *Ida de João Gomes, foi a cavalo e veio em alforje*.

A meu ver, esta explicação, aliás interessante, não é satisfatória; o nome de João Gomes é assaz vulgar e no *Cancioneiro* de Resende ocorrem três homônimos. O anexim não é uma frase local e ao contrário foi um modismo conhecido de toda a Espanha; não é provável, pois, que tivesse a origem apontada.

Figura já o provérbio no antigo *Vocabulário de Refranes* do maestro Gonzalo Corrêas, com a forma:

Andar con el qué de Juan Gomez es

Isto é, “andar com o que é de João Gomes” e significa o desfavor que se adquire só com a má companhia ou a insegurança de andar com um ladrão e voltar roubado.


O problema, pois, cifra-se na inconveniência da *companhia de João Gomes*, pessoa com quem se não deve ir nem vir, pois corre-se o risco de perder o que leva, seja o cavalo ou coisa melhor. *João Gomes* é o que rouba e prejudica ao seu companheiro ou é um desastrado.


No meu entender, esse *Jan Gomes* ou *Jangome*¹⁶, popularizado liberriamente na lenda, é o *Jacob* (Jácome, Jacobus), do Velho Testamento, que roubou ao irmão Esaú o direito de progeneritura, conforme o *Gênese* (cap. XXXVII). Não poderia haver pior companheiro que esse *Jan-gomes* bíblico com quem não convém ter pleito.

Parece ainda que esta história se complica com a do *corvo* que Noé soltou da arca, após o dilúvio e que não voltou a ela; ao menos há uma variante do rifão também registrada por Gonzalo Corrêas e que diz *Ida de Juan Cuervo*.¹⁷

Cala...

55. *Cala* significa porto, fenda, enseada e é palavra antiga, de origem obscura, céltica ao que parece.¹⁸

16  No Brasil a erva comestível *língua-de-vaca* também se chama *mãe Jan Gomes* e *Mariangomes*, influxo do termo quimbundo *ngombe* (boi, vaca).

17  Todo este capítulo é transcrito por L. Montoto y Rautenstrauch no seu excelente livro – *Personajes, personas y personillas*, II, 38, a propósito da frase espanhola: – Juan Gomez que fué eu la silla y volvió en las alforjas.

As idas e despedidas figuram ridículas no *folclore*. Comparem-se com os versos acima de Prestes estas quadras populares:

Vamos dar a despedida
 Como deu o *bacurau*,
 Uma perna no caminho
 Outra no galho de pau.

 Vamos dar a despedida
 Como deu a *saracura*...

 Eu vou dar a despedida
 Como deu o *quero-quero*
 Depois da festa acabada:
 Pernas para que te quero?

Sívio Romero – *Cantos populares*, 277-322 etc.

18  Koerting dá as formas latina *calare* e grega $\chi\alpha\lambda\tilde{\alpha}\nu$.

Já se viu e estudou em outro lugar o modismo *calar o melão* (fendê-lo) e é locução viva quanto ao *calar* dos navios e das coisas que mergulham em outras menos resistentes.

Esclarecido esse preliminar, passemos a outro radical da nossa língua – *baço* – que significa preto ou escuro. O termo foi até empregado para designar as pessoas de cor morena ou negra; assim foi no português, e é no francês *basané*, e no castelhano.

“*Bazo*”, diz Cejador y Frauca, “vale apretado moreno, negro:” “*Baça* compuesta a la *blanca* denuesta” e em Mejia: “no le hallaron sino un pedazo de pan *bazo*.”


Quando já esses termos corriam na língua, foi inevitável que a etimologia popular descobrisse ou enxergasse em *cabaça* (de *calabaça*) os radicais *cala* (fenda) e *baça* (escura).

Daí o sentido de “virgindade” nas frases que, por decência, aqui se omitem. E nem se repare nessa etimologia popular da *fenda escura* porque outra também existe – *el ojo moreno* – que está no *argot* espanhol (Dict. de *argot* de Luís Besses, pág. II7).

Deus me perdoe se ofendi orelhas delicadas, mas todas as anatomias têm esses inconvenientes.¹⁹

Andar à coxia

56. É uma expressão arcaica conhecida dos antigos marinheiros dos galeões e caravelas. A *coxia* era a ponte ou corredor suspenso que ia da popa à proa, passagem de soldados e outra gente. *Andar à coxia* era ir de um extremo a outro, na labuta e azáfama do serviço.

19  A verdade parece ser que o termo indecente é do quimbundo ou de língua africana congênera do grupo banto onde a expressão é corrente. A conjectura deste capítulo é muito precária.

Na *coxia* eram dispostos canhões nos momentos de luta e aí ficavam artilheiros e o pessoal de guerra. Deste sentido, dão exemplos os antigos escritores como Diogo do Couto na *Vila de Dom Paulo de Lima*:

Dom Paulo andava *na coxia* armado em couraças encarnadas com uma espada e rodela, animando os *seus* com palavras dignas daquele transe...

2.^a ed. 80

E em outro lugar é ainda mais explícito:

E na chegada recebeu uma lançada pelos peitos que deu com ele *na coxia*.

ibid., 32

Origem quiçá aceitável do vocábulo parece ser a de *cruz* – *cruzar* – *cruzia*, pois o gótico *kriustan* (gritar), lembrado desde o grande Diez, não parece bem, ainda quando embasbaque os germanistas que, por qualquer alemanice, hipotecam a alma ao diabo, quanto mais por uma do grande filólogo.

Com aquele sentido parece que se conformam os versos *in fine* do *Auto do Dia de Juízo* (ed. de 1659):

Tu, Satanás...
 Não guardes um momento
 Parte pelo ar em vento
 A desatar *a cochia*
 Dos mesquinhos pecadores
 Que lá tenho em prisão...

Também na *crujia* das galeras é que se castigavam os culpados e criminosos que iam de mão em mão, de açoite em açoite, por todos os verdugos enfileirados nela.

Alhos e bugalhos

57. É costume reunir pela consonância das formas as palavras *alhos e bugalhos*, tomadas a uma sentença maior, aplicada aos surdos – os néscios – *Falo-lhe em alhos e responde-me em bugalhos* (col. Roland, I9). O sentido exato é mais profundo, porque *alho*, *albada*, significa confusão e corresponde às formas mais latas *baralho* e *baralba*, de modo que *alhos* e *baralhos* e *alhas* e *baralhas*, *albar* e *baralbar* querem dizer trazer tudo de mistura: daí a assonância *alhos* e *bugalhos*. Nos casos simétricos *alha* e *baralba*, a forma *albar* é a única correspondente ao antigo castelhano *ajar* (diferente de *ballar*) e deriva de *afflare* = mexer com o sopro. O *ballar* castelhano que se traduz *achar* é a mesma forma que *falar*, discursar, e temos aqui um caso semelhante ao de *trovar*, que significa *achar* e *compor em poesia* (trova, trovador).

No sentido em que dizemos quase à moda francesa “voltemos à vaca-fria”, dizem os espanhóis “volte *al ajo* (a alha) *senõr padre cura*”, isto é, a histórias velhas e por isso também se diz como no adagiário português (p. 301):

A contas velhas, *baralhas* novas.

contas esquecidas já não se ajustam sem renovar a inimizade.

Há, pois, *albar* e *albar*, se bem que se equivoquem muitas vezes como no tempo de Gil Vicente, tal se vê do *Auto da Festa*, recentemente descoberto pelo Conde de Sabugosa:

E também quero tirar
Antes que entre na *albada*
Uma cebola assada
Que trago para ofertar
Logo de boa entrada.

Este caso deve ser estudado com mais atenção.²⁰

Salvanor

58. *Salvanor* ou *salvonor* é o que com decência não se pode definir. Tire-se o sentido dos versos de Gil Vicente no *Pranto de Maria Parda*:

Diz Nabucodonosor
No *sideraque* e *miseraque*
Aquêle que dá gran traque
Atravesse-o no *salvanor*.

III, 371

A expressão deriva de *salv'onor*... isto é, *salvo honor de Vossas Mercês* ou *Senhorias*. E hoje ainda é costume preceder o nome de coisa torpe com o rodeio: *Com licença da palavra*...


O próprio Gil Vicente emprega-a com esta aplicação, quando diz no *Auto da Feira* (I, 156):

Falando con *salvanôr*,
Tu *diabo* me pareces.

Ao que retruca o diabo com grosseria:

Falando com *salvos rabos*,
Acharás homens cem mil
Honrados, que são diabos.

Nas várias coplas avulsas do Chiado, encontra-se o vocábulo:

20  Aqueles versos di-los o romeiro, à porta do templo, antes “que entre na *albadá*”. Suponho que neste passo *albadá* é o árabe *allahbad* (*allahbad*), a *casa do Senhor*, a *igreja* (e com este nome há uma província no Indústão) que se prestava ao equívoco. Não é provável que do recinto sagrado motejasse o romeiro, comparando-o a uma mistura de *albos*.

E mais tenho certa prova
 Que és tão negro *salvanor*
 que és cova
 No insoffrível fedor.

Obras, 187

Sendeiro, galego, macho,
 Asno, ruão, *salvanor*.

Ibid., 191

A história das desordens intestinais de um que, em companhia do rei e em viagem, “se lhe destemperou o estômago”, conta-a D. Francisco Portugal, o velho, na seguinte copla que está no *Cancioneiro* de Resende (fl. 81 v.):

Deixou o barco e as redes
 Por seguir o *salvanôr*,
 Fêz os milagres que vêdes
 Ante el-rei, nosso senhor.
 Quando o viram desfraldar,
 O arrais temeu a cheia,
 E bradava: *cêa! cêa!*
 Cara vos há de custar!²¹

Outro trovador do mesmo *Cancioneiro* leva a impolidez e o atrevimento ao ponto de versejar:

As damas no salvanor
 Me beijem...

III, 156

21  Na ed. especial de Mendes dos Remédios das obras daquele quinhentista.

O fogo

59. No adagiário da coleção de Roland (ed. de 1780, pág. II6) encontra-se o provérbio:

Por um cabelinho se pega o fogo no *linbo*.

não é explícito: devia entender-se *ninbo* por uma alteração comum (*liajem*, *niagem*, *lível*, *nível*) ou talvez linho (*lignum*) por *lenbo* ou *lenba* (*ligna*).

É, todavia, usado o termo *linbo* para indicar o cavalete em que des-cansa a vinha.


Outra locução é:

Com fogo não se brinca

60. O sentido é bastante claro e não exige explanação; mas vê-se que é locução recente, tomada do francês ou doutra língua e em caso algum poderia ser do fundo antigo e popular com esta forma, porque o sentido primitivo de *brincar* é *reluzir*, brilhar como o próprio fogo, saltar ou lampear como a chama (daí *brincos* = arrecadas) e com este significado o modismo seria disparatado e absurdo. É, todavia, possível que depois que o termo *brincar* se tornou equivalente de *saltar* se formasse frase, conjecturamos, como esta: “O fogo *brinca* mas com ele *não se brinca*.” Ou de “*brincar* a fogueira” saltar por cima dela, se viesse a dizer: “Sobre o fogo ou por cima do fogo não se *brinca*.”

E também por ser matéria de fogo e de fogos diz-se: *brincar* o São João.

Em latim também o sentido de *brilbar* (*micare*) passou ao de saltar ou mover-se: do asno disse o poeta *micat auribus* põe a orelha em pé. E o verbo *tremeluzir*, criado por Filinto Elísio, dá bem a ideia de fogo e movimento.²²

22  Esta correlação de ideias entre o *fogo* e o *movimento*, que se notou nas origens góticas e latinas, também se estende a formas tomadas do árabe, o que bem demonstra a sua universalidade.

A forma *arrecada* por *alcarrada* (árabe *alcárrat*) é peninsular e designa brincos, joias e também estrelas como está no *Divan* do poeta Aben Cuzman, citado por Eguilaz y Yangas no seu *Glosário*. Ao mesmo tempo significa o “movimento que faz o falcão para descobrir a presa” como está em Morais.

A ocasião é calva

61. Derivam dos antigos fabulistas as sentenças – a *ocasião é calva* ou *apanhar a ocasião por um cabelo*. Fedro pinta a ocasião calva, com um tope de cabelos na testa por onde convém segurar, e se uma vez escapa,

Non ipse possit Jupiter reprehendere.

62. Há também a locução muito conhecida


por um triz

que se tem explicado pela palavra grega *thrichos* (cabelo) como o esclarece o anotador do *Cuento de Cuentos* na edição de Sbarbi.²³

Considerando os dois casos, vê-se que a fábula não fala de um fio por onde se possa apanhar a oportunidade, mas do *tope* e da *frente*, antes que ela vire e escape; com este significado mais restrito e pitoresco da fábula é que se entendem os versos da *Ceia policiana*, de Anrique Lopes, comédia publicada na primeira edição dos autos de Camões. Diz aquele poeta:

Se a ocasião bem promete,
Tomai-a pelo topete
Que é calva do toituço.
Mas quem a deixa virar
Não tendo de que pegar
Chora com dor de perdido
Magoado e rependido
Tempo que leixou passar.

cena I

23  Há quem o explique por onomatopéia *triz* e *trás* e ainda como Cejador pelo seu predileto euscaro.

E assim é que a descrevia Bacon:

Occasion turneth a bald noddle, after she hath presented her locks in front, and no hold taken.

A boa árvore que cobre

63. Está no adagiário de Roland, pág. 30:

Quem a boa árvore se chega, boa sombra o *cobre*.

Este verso *cobrir* é um lindo eufemismo, e é a expressão decente com que traduzimos o *couver* dos franceses e o *cobar* (incoativo *cobijar*) dos espanhóis:

quien a buen arbol se arrima
buena sombra le *cobija*.

cobijar é chocar, incubar, *couver*. A palavra *covar* desapareceu do português e passou o sentido que tinha a *cobrir*; ainda assim ficaram alguns vestígios nos vocábulos *covo* ou capoeira de galinhas, em *covarde*, isto é, o que fica acororado como o galináceo, o homem-galinha, medroso, metido em seu canto.

Cócoras é a atitude da galinha que se deita sobre os ovos; e o seu canto é o *cacareio*, *cacarejo*.

64. Daí ainda poderia provir a locução proverbial:

Razões de cacaracá

isto é, razões de galinha ou de homem covarde que se furta ao dever quando arriscado.²⁴ Entretanto, parece que tais razões são como as do galo da torre, versáteis, inconstantes. Por isso, disse Gil Vicente no começo do *Auto das Fadas*:

Esta cabeça de vento
Siso de cacaracá,

que é o que muda ao primeiro sopro.²⁵

No VIRIATO TRÁGICO, de Brás Garcia Mascarenhas, cuja primeira edição é de 1609, lemos (X, 126):

“O que causa não tem, nem vai asinha,
Ou não é português, ou é *galinha*.”

24 ∞ A. Faria junta duas documentações do sentido galinha = covarde:

“Em o cap. LIX da PEREGRINAÇÃO depara-se uma fala de Coja Acem instigando soldados, transportada a vernáculo por Mendes Pinto:

“O’ mossolymões e homens justos da santa lei de Mafamede (tradução a um tempo cristã e a clássica), como vos deixais vencer assim de uma gente tão fraca como são esses cães (*amabilidade* dos inimigos dos portugueses) sem mais ânimo que de galinhas brancas e mulheres barbadas?”

Imagine-se a coragem das polhas amarelas e das damas imberbes!

25 ∞ A vogal da onomatopeia é muito variável e pode o *cacaracá* ser atribuído à galinha ou ao galo. Nas suas *Orações acadêmicas*, diz o gongórico Fr. Simão de Santa Catarina:

Algum levou na cabeça
Tal galo que sem mentir,
Lhe cantou *cucurucu*
Depois do *quiquiriri*.

Não merece exame a explicação que dá o Dr. Castro Lopes de que “razões de *cacaracá*” foi um dito aplicado a certo causídico venal que uma das partes peitou com uma capoeira de galinhas.

Inclina-se, porém, à interpretação que se depreende do exemplo de Gil Vicente.

Vozes e nozes

65. Um ilustre filólogo português, o Sr. Oscar de Pratt, tem-se dedicado com amor e competência ao estudo da fraseologia da nossa língua e a este assunto já consagrou dois excelentes opúsculos.

O seu primeiro livrinho *Frases Feitas*, que é uma crítica benévola a que sob o mesmo assunto escrevi há poucos anos, revela as tendências do seu temperamento e a afeição por essa espécie filológica até hoje descurada quase. Ainda que a sua imaginação pareça demasiado solta ou ousada (o que é também o meu defeito), o grande número de observações proveitosas justifica o valor incontestável do seu opúsculo.

Recentemente publicou as *Locuções petrificadas*, outro opúsculo de maior tomo e em que revela progressivamente a crescente intensidade dos seus méritos.


Quero aqui dar uma amostra, sem escolher muito, das suas interessantes investigações e aproveito a oportunidade do seu último livro e do tema que já me era familiar para acrescer uma pequenina glosa ao seu fecundo comentário.

Trata-se da frase proverbial – *São mais as nozes que as vozes*.²⁶

Eis o que diz Oscar de Pratt:

Certamente a explicação dada pelo Sr. João Ribeiro acerca deste provérbio (*Frases Feitas*, I, I00) é muito provável:

“Com varas batem-se as nogueiras”, diz ele, faz-se “grande estardalhaço e às vezes as nozes que caem são poucas. Ao fragor demasiado não correspondem os poucos frutos que se colhem”.

26  *Locuções petrificadas*, pág. I37. As *Locuções* foram publicadas na *Rev. do Minho* e existem em *separata*. Nos *Trabalhos da Acad. das Ciências de Portugal* (de que é sócio) e assim na *Revista Lusitana* figuram várias contribuições de O. de Pratt.

“O provérbio”, acrescenta, “teria sido primitivamente, como se encontra na *Arte de Furtar: É maior o arruído que as nozes*”.


Voz substituiu *ruído*²⁷ não só por necessidade de rima, mas também por simplicidade na equivalência. *Voz* significava e significa ainda hoje *clamor, grito, berro*. Cp. *vozeria*.

“Mas outras árvores há que se varejam também para se colherem os frutos, como a oliveira, parecendo que outra razão originou a lembrança das nozes.

“Eu prefiro crer que o *ruído* se refere ao estalar do invólucro que veste o endocarpo da noz. Quando este invólucro rebenta, a noz umas vezes cai e outras não. Ouvindo-se estalar a noqueira nem sempre se vê cair a noz, daí o aviso: *é mais o ruído que as nozes* (que caem).

“Mas estas *vozes*, ou *ruído*, serão mais restritamente os *clamores, gritos* ou *murmuração* do povo, postos em relação direta com a aplicação do prolóquio.

“Diz o povo que ‘ano de muitas nozes é ano de pouco pão’”.²⁸ Como, ‘em casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão’,

27  Ou este aquela. A relação, suposta ideológica, entre os pronomes “nós” = noz e “vós” = voz, poderia ter sido a originária. Bastaria mostrar que “são mais a nós que a vós se explicasse por uma oração cujo sujeito oculto fosse: “os embargos, contraditas”, i-é, as alegações ao dito ou verdade das testemunhas, como quem diz que “cada um trata de si embora com prejuízo dos outros”, pelo que “não é bom fiar em aparentes demonstrações de razão nas queixas”.

O plural do verbo provocaria a duplicação do plural dos pronomes. Cp. “pozes”, do pl. do “pó”, e “irozes” do pl. do “iró”.

A expressão aparece já, tal como hoje se ouve, nos *Autos*, de Gil Vicente.


“... dourai a pátria vossa com mais nozes que as vozes”.

II, 361

É, posteriormente, na *Eufrosina*:

“... e neste mal nunca são tanto as nozes, como as vozes”.

II, V., O. de P.

28  “Ano de muitas nozes, ano de pouco pão; quantas nozes houver num galhinho, quantos tostões custará o alqueire do pão” – *Tradições populares da Atalaia, in Revista Lusitana*, XII, 290 (O. de P.).

conclui-se incidentalmente que o ano de muitas nozes é ano de fome, e, portanto, de clamores, lamentações ou queixas da parte do povo.

Muitas vezes essas lamentações, sendo excessivas, darão razão ao provérbio: *são mais as vozes que as nozes.*”

À margem deste excelente comentário posso ainda ajuntar uma glosa explicativa.

A contradição entre o *muito ruído* e as *poucas nozes* é uma decepção vulgar da vida quotidiana. Quanta promessa que degenera em estéril desconsolação! O povo buscou a fórmula desses desenganos em várias expressões. Sem dúvida uma das mais antigas foi a do provérbio grego – *αδινε ῥος ειτα μυν αποτεκεν* – mais conhecido na tradução que dele nos dá Horácio (na sua *Arte Poética*, I39): *parturiunt montes, nascetur ridiculus mus*.

A montanha que labora e geme e pare um ratinho é uma antítese hugoana que desde o fundo dos séculos justifica as extravagâncias do grande poeta moderno. É acaso a origem das demais.

As línguas modernas estão cheias dessa oposição entre as grandes causas e os efeitos mínimos. O italiano diz – *molto fumo e poco arrosto* –; o francês possui grande variedade – *beaucoup de caquet et peu d'effet* – ou – *tant de bruit pour une omelette*. E ainda há uma facécia portuguesa, uma pega infantil:

Que há de novo? Muita galinha e pouco ôvo.

É sempre a mesma antinomia entre a desproporção das causas e dos resultados.

São inúmeras as frases desse feitio.

Parece que os campônios e lavradores se apoderaram da fórmula porque muitas das expressões, como a última citada e a da epígrafe, revelam a sua origem campesina. Assim, uma delas e a mais disseminada


no centro e norte da Europa é a de: *muito grito e pouca lã*, que não conheço no português, mas é trivial no alemão *Viel Geschrei und wenig Wolle* – no inglês – *great cry and little noll*, no francês, *grand cri et peu de laine*, no italiano *grand gridore e poca lana*.

A origem do ditado é bíblica e fundada no antigo mistério de Davíd e Abigail em que se representa Nabal tosando a ovelha enquanto o diabo faz cuinchar um porco, sujeitando o gritador animal à idêntica operação. O diabo achava de fato pouca lã e muita gritaria.

O antigo adagiário do Delicado (ed. 1551) registra o dito proverbial (pág. 85): – *Carcarear & nam por ovo* – frase que corresponde à alemã: *Hennen, die viel gackern, legen wenig Eier* (as galinhas que cacarejam muito põem poucos ovos).

Vê-se que toda esta fraseologia foi tomada da observação dos animais domésticos, da pecuária e também da pomicultura, e deve ser antiga quanto o inculca a sua enorme expansão pelos países europeus. Poderia talvez ter influído para a fórmula geral da *pouca lã*, a consideração de que dos animais apresados para a utilização humana, os suínos são os que gritam mais desesperadamente e não dão lã alguma. É que eles pressentem que não vão à tosa, mas à morte. Leia-se a poesia de João de Deus que com tanta graça nos pinta o quadro bucólico do camponês que leva ao mercado alguns animais entre o clamor das vítimas.

Sinto não tê-la à mão. Seria um remédio ao duro tédio e ao fastio prosaico destas páginas.²⁹

29  Leia-se o estudo de Rich. Neubauer, em z. f. *Volksk*, 1903, e Marvin – *Curiosities in Proverbs*, 131.

V


Estar na onça. Na *disgra*. Caipora e mofina; burro de Vicente. Por que cargas-d'água? Um *ror* de gente. Fazer de gato sapato; rente e pão quente. *Antigualbas várias*: lamber os dedos; um moio de sal; lá vão leis onde querem os reis; *hexâmetros leoninos* e provérbios medievais; Rei morto, Rei posto. A cuquiada. Caldo requentado; roer os ossos; pão com banha. Mateus, primeiro os teus. Ao bom calar chamam Sancho. *Foldlore*: senhora dona Sancha. Rimas em *oz-uz*: albornoz, catrapuz; terceiras pessoas indefinidas, Fulano, Fulustreco, Sacripante, Valdevinos. *Oculus ruorum*; palavras fictícias.

Estar na onça

65. *Estar na onça* para significar na penúria extrema ou quase última miséria é expressão fragmentária de outra, mais longa, como se verifica no italiano onde o modismo é *undic' once* “L'è andata su l' undic' once”; como no *Scherzo fam.* de Baldovino:

– Non io, ma ve'; l'è andata
Su l' undic' once.

A libra tem doze onças e estar na *undécima onça* é já situação aflitiva e próxima do fim e da carência absoluta: talvez a nossa forma primitiva fosse estar na *onzena onça*, ou melhor, na *óncima onça*.¹

1  Onzena, que é o “ganhar dinheiro com dinheiro”, como se define na *Aulegrafia*, 79, é também miséria extrema; com razão chamam os ingleses ao avarento *miser*. O avarento vive sempre em penúria; o antigo verbo português *aguarantar* = poupar, cercear, cortar (na *Arte de Furtar*, v. ed. Garnier) parece afim de *avarentar*.

Em sentido que neste momento não posso verificar, leio no *Canc. geral* de Resende, em nota que registrei há tempos:

pôsto que de motejar
eu haja onze por sorte.

que parece lembrar o *estar a las once* (malposto) do castelhano.

Em geral, nos ditos de desfavor, a decência suprime algo e os não apresenta completos. Assim, o povo no Brasil diz também: “Está na *disgra*”, onde se suprimem as últimas letras de *disgraça*.²


V. Suplemento.

Caiporismo e Mofina

66. A locução tem extenso uso e o que embaraça a interpretação verdadeira, em um dos casos, é o vocábulo *mofina* pelas dúvidas etimológicas que suscita.

No Brasil, a *mofina* vai sendo substituída pelo *caiporismo*, termo da língua tupi, derivado de *caipora*, de *caa-pora*, demônio dos bosques, espírito perseguidor e maligno. O *caiporismo* é a mesma *mofina*, a má sorte em todas as coisas.

Caa-pora (mato-morador) é um habitante das selvas. A lenda representa-o, em geral, *com um só pé* (e por isso simboliza a pessoa que chega tarde e nada alcança) e também com os pés invertidos e caminhando para trás. Outro nome é *korupira* e no extremo sul o *Negrinho do pastoreio*. Parece que aí se fundiram diferentes lendas; desde o primeiro século da descoberta foi o *korupira* mencionado pelo padre Anchieta (nas *Cartas inéditas*). Veja-se *Mythen u. alte Volkssagen aus Brasilien*, v. P. Carl Teschauer. (I-7) e já nos *Contos populares* de Sílvio Romero.³

2  Também é possível que se trate de *disga* (e não *disgra*). Se assim é, o termo *disga* faz lembrar pela forma e pelo sentido o francês *dèche* (manque d'argent) que recentemente nas *Modern Language Notes* (maio, 1907) C. A. Mosemiller, da *Indiana University*, faz derivar de uma forma latina *dística* formada sobre o grego *δυστυχία*, no plural, e com o significado de miséria, penúria e que é o de *disgra* ou *disga*.

3  Comenta A. Faria, confirmando as nossas palavras:

“Caiporismo procede imediatamente de caipora, degenerescência leve de *caapora*, em que o primeiro elemento traduz *mato* e o segundo *habitante*. O *caapora*, gênio nocivo dos

A *mofina* (de *mofino*) são os dois vocábulos *mu-fino* (*mulus, binnus*) que significam a mesma coisa, isto é, *mulo* ou *mula*,⁴ alimária útil que tudo sofre, e carrega todos os pesos e pesares. No mesmo sentido ainda dizemos – *besta de carga* – para indicar a má sorte de quem há de aguentar com tudo.

Em português, porém, o que agravou a *mofina* foi o nome alegórico do personagem da farsa popularíssima de Gil Vicente! A *Mofina Mendes* que sonhou enriquecer e tantos castelos levantou nas nuvens foi realmente *mofina*. As esperanças que pôs no seu pote de azeite desvaneceram-se...

Do que êste azeite render
 Comprarei ovos de pata,
 Que é a coisa mais barata
 Que eu de lá posso trazer.
 E êstes ovos chocarão;
 Cada ôvo dará um pato
 E cada pato um tostão,

nostros aborígenes, comunicava desgraça aos que o avistassem nas clareiras, cavalgando um *taitetu*, porco também do mato (daí talvez *montar no porco*, por *enfiar*), ou andando com os pés voltados para trás. Assemelhava-se em algo ao *lobisomem*, quiçá sugerida pelo *lobo cuja* vista fazia emudecer, segundo a tradição literária clássica e a popular medieval, entrelaçadas.


Compreende-se, desde logo, que o derivado corresponda ao *enguiço* dos portugueses.

Entretanto, Gonçalves Viana não trepidou em lançar nas APOSTILAS, t. II, pág. 172:

“É *sabido* (*sic*) que no Brasil se chama ao fogo-fátuo – caipora, terno tupi – *cahapora*, que *também* (*re-sic*) designa o deus das selvas, protetor dos animais silvestres, hostil ao caçador, a cuja manifestação os índios bravos atribuem o fenómeno.”

(As ênfases das palavras livres, como as das interparentéticas, vão por minha conta. Não pus letra grifa no – *cuja* –, em relatividade com – *caçador* –, quando devia estar com – *caipora* –, o que, aliás, não seria picuinha gramatical).

Não é exato que no Brasil se chame ao fogo-fátuo *caipora*, nem que *caipora* designe ser florestal secundária, mas, sim, primariamente.”

4  Comprova-se com o castelhano *mokino* que nada tem que ver com *mofa*. Cf. Koerting (*muf*), pouco provável.

Que passará d'um milhão...

.....

Casarei rica e honra.

Cai-lhe o pote da cabeça e lá se foram as esperanças e sonhos de riqueza... O tipo de *Mofina Mendes* tornou-se como que um símbolo das decepções desta natureza. Não é, pois, de estranhar que mais tarde o encontremos como na *Aulegrafia* neste exemplo interessante:

Mana minha, sois muito môça, não vos engane presunção de bom parecer,... as mais das vêzes lhe corre por davante *mofina mendes* e a boa diligência acaba o que o merecimento não alcança.
fl. 52

67. Outra *mofina* ou mula de carga que se encontra nos antigos escritores e ainda se repete, é o pobre

burro de Vicente

alimária responsável por todos que nele carregam as canastras de impropérios

Hora sabeis o que se passa! não sejais *burro de Vicente* e perdoai-me, pois quando haveis de saber, então dessabeis.

Eufrosina, fl. 14

E em Soropita:

Chora sôbre o mal presente
Os bens que passados são.
Já fôste asno de Balaão
E hoje és *burro de Vicente*.

Poesias, 134

O burro de Vicente cada vez vale menos.

O *burro de Vicente* é o burro de aluguer que não vale o que come, e é provável que *Vicente* esteja aí por necessidade de rima em brocardo conjetural: *burro de Vicente, burro de toda gente*. Ou talvez será corrutela popular e livre de *burro de vinte* (viente, veinte = *viginti*) porque há um ane-xim castelhano registrado pelo velho maestro Gonzalo Corrêas no seu vocabulário e que diz:

Es de Vicente y otros veinte.

O burro de Vicente em cada feira vale menos.⁵


Por que cargas-d'água?

68. A locução exprime responsabilidade ou motivação de culpa. Na *Ulíssipo*, de Jorge Ferreira, pág. 70:

Nisto há de estar a minha vida? e *por qual carga-d'água?*

Nesta frase já o sentido primitivo está um pouco modificado. A *carga-d'água* faz moer ao moinho, e o *aguaceiro* sempre foi alegado como pretexto ou escusa de cumprir alguma obrigação. É e sempre foi uma das *mentiras brancas*, como lhes chamam os ingleses, que servem nas ocasiões apertadas. Mas quando não choveu, é natural que se pergunte ao relapso: “Mas por que *carga-d'água?*” ou, onde o motivo forte?

Creio que é esta a origem quanto à propriedade do sentido; mas não assim quanto à forma e aponto em outro lugar a fórmula de argumentação escolar da antiga dialética (*per quam regulam?* em Gil Vicente e Prestes: *per quam causam* e *causa data*).

5  Perdi uma nota a respeito desta frase e conservo a indicação *Zeitsch. fur rom Phil.* 1905, pág. 710. Não sei o que aí se dizia.

Leio na recente *Fraseol.* de Cejador “*El asno de Vicente que cada feria vale menos; o de Villa Vicencio... Vicente es simbolo do que va adonde va la gente, del adocenado; por más que la corran de feria en feria, cada vez se hace más viejo y vale menos*”.

69. Outra das fórmulas da dialética vulgarizou-se na expressão

dizer indiretas

a forma é erudita; o povo teria criado *indireita* ou *ereita*. A frase não tem outra origem que a do antigo estilo de argumentação *directè, indirectè, nec indirectè* da escolástica.⁶

A forma popular *ereita* por *indreita* ficou na locução dos jogadores de luta atlética: *ereita e sopé*, e está em Sá de Miranda.

Um ror de gente

Um ror de gente equivale a multidão grande.

Um ror de vadios

70. Quando há muita gente apinhada, dizia-se outrora apertada, *apretada*, e de *apertado* é que derivou *preto*, isto é, escuro, que é a cor geral de muitas coisas diversas juntas que se apertam.

Ao escurecer do dia em vários dialetos latinos chamavam *errôr*, no provençal *errour* (o crepúsculo), e a respeito deste vocábulo provençal veja-se o que escreveu Sainéan Lazare, *Zeitschr*, XXX, 3 H.

Um *rôr de gente* é o mesmo que apêrto de gente ou o que é a mesma coisa *pretidão*, *apertão* e *errôr* de gente.

6 ∞ É curioso notar o meneio da frase antiga em estilo mais nobre: “Os sucessos. Apolo não os declarava senão por palavras *ambíguas e torcidas* que faziam diversos sentidos e foi chamado *oblicuário*; isto é, que não respondia *simple e diretamente* ao que lhe perguntavam.” Fr. Amador Arraiz – *Diálogos*, II, 14.

Na linguagem popular a *indireta* é sempre o remoque ou alusão pouco delicada.

Por engano muitos escrevem “um *error* (horror) de povo” ou o que é ainda pior “um *rol* de gente”.

Com segurança e acerto diz sempre o vulgo: um *rôr*.⁷

Rente como pão quente – Fazer de gato sapato

71. Parece-me que a locução *rente como pão quente*, já de uso antigo, para indicar a rapidez, pressa e diligência, é uma metáfora e translação sugerida pela sinonímia de *pão* e *trigo*. Na língua antiga *trigo*, *triganca*, *trigoso* e *trigar* significava pressa, apressado, e apressar como se pode ver ainda nos exemplos dos quinhentistas colhidos por Moraes; a esses, junte-se o muito expressivo do Chiado, quando diz no *Auto das Regateiras*:

– Não vindes vós todo *trigo*
– Eu ando morrendo em pé.

Obras, 72


Se *trigo* exprime pressa, por que não tomaria o *pão* o mesmo sentido?

72. Anda registrado em todos os adagiários esse modismo *gato sapato*, que é hoje muito popular e comum.

Numa das insulares comédias de Manuel de Figueiredo, no seu enorme *Teatro*, tomo XI (1805), ocorre o seguinte trecho:

Prudência: Assim he: o marotinho procedeu mal... vamos ao caso... *fazem de mim gato-çapato*, logram-me como um criado a um amo, uma mulher a um marido...

Os espanhóis têm o provérbio castelhano: “Hasta los gatos quieren zapatos.” Mas estou convencido de que a analogia é apenas nas palavras.

7  Meyer-Lübke no seu *Rom. etym. Woerterbuch* aceita o étimo *horror* já conhecido, mas pouco razoável diante de *error* com idêntica aplicação no provençal.

Fazer de GATO SAPATO ou vice-versa, queria dizer, ao que suponha, o erro de quem lia ou escrevia em tempo em que as abreviaturas muito frequentes poderiam induzir a engano. Antigamente *sapato* escrevia-se com ç e a palavra *gato* podia ser lida como *çapato* na abreviatura *çato*. E foi provavelmente o que houve.

É digno de nota que o sentido da frase indica menos um erro de leitura que uma depreciação e motejo, o que indica já uma metáfora.

Em Dom Francisco Manuel:

Já namorados! Isso foi uma só coisa; fiz deles gato *sapato*.

Apólogos dialogais, 21

Outro modismo curioso é o de GATO DE BOTAS aplicado ao indivíduo endomingado em roupas que lhe não são habituais e lhe tolhem o movimento. Efetivamente *botas* ou *sapatos* deitariam a perder a ligeireza dos gatos. *Gato con guantes no caza ratones*.

Demais, há no *folclore infantil* uma história do *Gato de Botas*.⁸

8  Deriva de jogo infantil, A. Faria em interessante comentário:

Em 907, tratando aqui do assunto, enviei problemáticos leitores, exatamente para se compenetrarem do significado translato de *gato-sapato*, não só a esse e a outro passo do crítico tradicionalista do século XVII, como ainda à décima ulterior do poeta judeu Serrão de Castro, que ora copio:

“Se esta pobreza, que tem,
tanto, ratinhos, vos quadra,
para que a feira da Ladra
vós dela fazeis também?
Olhai, ratos, não é bem
fazer dela espalhafato,
em tanto *gato-sapato*,
que sapato mata a aranha;
e, se o gato ao rato apanha,
num sapato mete o rato.”

Por amor do trocadilho, o gracioso prisioneiro dos inquisidores —, que eram os *ratos* que lhe davam na arca ideal, num *rói-rói* sem-fim de imaginárias coisas positivas —, alterou o ditado *meter num chinelo* (originariamente *chinelo* = sapato velho e acalcanhado, aliás; cf. FRASES, pág. 37).

Antigualhas várias

73. A locução LAMBER OS DEDOS era sinal de satisfação pelo que se gozou (ou literalmente – comeu) e é muito antiga na língua. Em Gil Vicente, na *Farsa dos físicos*, III, 301:

Se João Ribeiro houvesse atentado na forma de todos os exemplos, seus conhecidos, como atentou na essência do único que lhe aprouve citar por bastante ao fim, certo não traria à balha aquela hipótese, conquanto acautelada.

Em nenhum *gato sapato* vem precedido por *de*: não se “faz *de* gato sapato, ou vice-versa”, e, sim, se *faz gato-sapato* (de alguém). É, pois, um justaposto nominal. (*)

A expressão, sinônima de *mau trato*, *zombaria*, proveio de um brinco infantil da Península Ibérica, designado simplesmente pelos substantivos em liga.

Já o descrevemos há tempo:

A figura central do jogo, de olhos vendados, representava de *gato* (cego); os que a rodeavam, depois de dar-lhe no tronco e membros com um *sapato*, escondiam este para que ela o procurasse.

Enquanto a personagem simbólica errava, em demanda do objeto oculto, sucedia as demais tirarem-no do esconderijo, repetirem as pancadas e recolocarem-no lá.

Finalmente, achado o instrumento do suplício, o *gato* (cego) tinha que vibrá-lo contra outrem, a fim de ser substituído.

Era, assim, uma variante da *cabra-cega*.

Aliás, em as notas suplementares pág. 275, o A. encaminha a interpretação extraviada:

“Serve para ilustrar o caso a fala do bobo na FARSA DE LOS CINCO SENTIDOS (séc. XV), publicada na *Colec. Léo Rounanet*, III, 326.

“Yo pensé que se llamava
el andar a paredillas,
a *gatos*, y de rodillas
quando al *çapato* jugava.”

Se exprimem acaso movimento de dança, folgado e bailados como ainda hoje a *paradela* e a *zapateta*, a explicação do texto deve ser corrigida no sentido que se depreen- de dos versos citados.”

O convir a divertimento em geral o v. cast. *jugar* = port. *jogar* e o haver na pátria do Cid uma dança chamada *zapateta* não permitiram ao distinto fraseólogo alcançar ainda a meta definitiva.

No jogo do gato-sapato, infere-se da quadrinha supra, as crianças espanholas andavam também de gatinhas (*a gatas*). (**)

* É inexato. *De gato...* Car. Michaëlis – *Rev. Lusit.* I, 2.

** Admitida essa origem, dança infantil, a expressão é ou deve ser anterior e liga-se a historieta popular do *Gato de botas* do folclore europeu.

O Padre *lambe-lbe* o dedo

E está no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

& seja lembrada
per nome Costança
que *lambeu* o *dedo*
depouys de gostar

Outra locução – CONHECER COMO AOS DEDOS DA MÃO – pode ter a mesma origem que a francesa de Rabelais – *connaître comme son Deus det* –, frase tomada à oração que se dizia após as refeições: *Deus det nobis pacem*.

74. Mas muito mais antiga que esta locução do nosso idioma é o provérbio que cita e explica Dom Duarte no *Leal Conselheiro*, no capítulo XIX, que é todo consagrado a

razom por que dizem que *se deve* comer huã moyo de sal *com algũa* pessoa *atá que o conbeçam*.


Requere-se comer um moio de sal com o amigo para que fique bem provado: é claro que a prova durará muitos anos e de grão a grão.

Outros provérbios (ou *exemplos* como Ihes chama Dom Duarte) encontram-se no *Leal Conselheiro* e que só têm o interesse da antiguidade.⁹

75. Outra das antigualhas deste gênero é o provérbio peninsular, registrado em Roland, em Delicado e todos os outros adagiários antigos:

Lá vão leis para onde querem os reis

isto é, torcem-se as leis para onde o querem os reis.

⁹  Por ex., o da pág. 278 o *espelbo, manta e pandeiro* (cap. 88), *melbor ama quem mais sente* (cap. 48), etc.

De todos os adágios locais da península hispânica é este certamente o mais antigo. Quando Afonso VI mandou em 1077 que em Castela se instituisse o ofício eclesiástico romano, com violação das leis, então amanheceu o provérbio e escreveu o historiador:¹⁰

Et tunc, cunctis flentibus et dolentibus, inolevit proverbium:
Quò volunt Reges, vadunt leges.

Já então em Castela como em Portugal o latim deixara de ser a língua falada e mal subsistia nas fórmulas escritas do romance latinizado pelos escrivães e legistas. O provérbio é frequente nos escritores portugueses, e a ele se refere *Camões* quando diz parafraseando-o nos *Disparates seus na Índia*:


Para os pequenos uns Neros
Para os grandes tudo feros
Pois, tu, parvo, não sabias
Que lá vão leis onde querem cruzados?

O último verso é uma conclusão bizarra ou um estarambote, como lhe chamavam; *cruzados* está em lugar de *reis* (= *reïs*). Chiado – *Obras*, 58, outro exemplo.

76. Ainda mais antigos são decerto os provérbios que já encontramos nos medievais hexâmetros leoninos e que em grande número ainda hoje são repetidos.

Tais, para exemplo, os seguintes:

Fures in lite pandunt abscondita vitæ

10  O arcebispo Dom Rodrigo – De rebus Hispaniæ – VI 25 *apud* Sbarbi – 8.º – 221. No discurso académico de A. Garcia Gutierrez ainda se atribui maior antiguidade ao prolóquio – *Entrar por la manga...* mas sem fundamento muito plausível. *Ibid. ibi.*

(Pelejam as comadres, descobrem-se as verdades)

Contra vim mortis non herbula crescit in bortis

(À morte não há casa-forte)

*Plus valet in manibus passer quam sub dubio graus.*¹¹

(Mais vale um pássaro na mão que dois voando)

Si quis det mannos, ne quære in dentibus annos

(A cavalo dado não se olha o dente)

Pro ratione Deus dispertit frigora vestis


(Deus dá o frio conforme a roupa – e vice-versa)


Todas as versões vernáculas aqui postas são as que verificamos existir entre os provérbios registrados *na Col. portuguesa* de Roland.¹²

77. Não menos antiga é o REI MORTO, REI POSTO nos romances da península. No fragmento do mais antigo auto castelhano dos *Reys magos* publicado por Menendez Pidal depara-se:

Quin vio numquas tal mal
 Sobre rei otro tal!
 Aun non so io morto
 Ni so la terra pusto!
 Rei otro sobre mi?

IV, 2

11  Outra variante em hexâmetro medieval, leonino: *Una avis in dextra melior quam quatuor extra.*

12  É curioso notar que os provérbios medievais em pentâmetros têm poucos correspondentes no português. Este: *Balnea cornici non prosunt, nec meretrici* – tem o seu equivalente remoto – “Jurado tem as águas de as negras não fazerem alvas”. Roland, 131.

Esta composição é do século XII¹³

A cuquiada; cuquiar

78. A *cuquiada* a que se referem Barros e os antigos escritores parece nada ter de comum com o vocábulo *coco*.

Origina-se de um jogo das crianças das quais uma que se esconde, canta, melhor do que diz, as sílabas *Cucu!* a imitação do cuco. As outras procuram-na até que a não acham e a criança escondida naturalmente se deixa apanhar porque não pode reprimir o riso.

O italiano tem a mesma expressão e com idêntico sentido: *fare cu cu!*

Não é desnecessário lembrar que o *cuco* é inimigo da luz, anda escondido e só pelo seu canto se revela onde pousa, nos coruchéus das casas e igrejas ou lugares altos.

Baldovini no *Dialogo di sdegno*:


Dalle tue man scappare
M'è riuscito, e non c'incappo più
Cu-cu!

Cuquiada, pois, é vozeria, risadas altas, alarido e tumulto de vozes.¹⁴

Caldo requentado

79. *Não sou caldo requentado*, diz a mulher a quem faz a corte indivíduo viúvo ou repelido por outra. E ainda às vezes se ouve ajuntar-se: *Quem*

13  Na separata *Disputa del alma y el cuerpo* etc. da *Rev. de Arquivos, Bibliotecas y Museos*.

14  Gonçalves Viana nas suas *Apostilas* parece inclinar-se a um étimo europeu; em qualquer caso, não aceita a origem indiana que parece transparecer do texto das *Décadas*, de J. de Barros. Yule e Burnell assinalam a origem oriental: — *Cucuya, cucuyada* — A cry of alarm or warning; Malayal. *Kukkuya* — To cry out; not used by English but found among Portuguese writers who formed *cucuyada* from the native word.

comeu a carne que roa os ossos. E assim se desfazem muitos casamentos possíveis ou prováveis.

A metáfora usada era do direito antigo. As viúvas em tempos idos e bárbaros não podiam casar de novo sem grandes dificuldades e dispêndios e às vezes não sem infâmia; em qualquer caso os casamentos se diziam requentados *maritagia recalefacta* ou *matrimonium recalefactum*, e se faziam quase a furto, sem testemunhas e à noite.

80. Muitas vezes até a viúva tinha que indenizar o noivo, e era o caso de dizer, não sem ironia,

quem comeu a carne que roa os ossos

sem embargo de que houve aqui um encontro fortuito de palavras, não é menos verdade que o marido recebia ou roía umas certas *ossas*, que eram a indenização. Em um foral do século XIII, citado por Viterbo (voc. *Ossas*), e nas inquirições de Afonso III determina-se que as viúvas

dant Ossas — quinque solidos — si accipiunt maritos.

Eram as *ossas* uma consolação aos maridos de viúvas nesses *casamentos requentados*.

Na gíria popular, pouco decorosa, chama-se a este aproveitamento de coisas alheias ou já servidas

Comer pão com banba.

A expressão, que é popular, já estava registrada pelo Dr. João de Barros no seu *Espelho de casados*, quando escreve a respeito de certos desmandos conjugais por parte das mulheres e a que dão causa os próprios maridos

porque há alguns que *como dizem* folgam de *comer o pão untado* e quando nam teem dinheiro folgam que lho dê sua molher.

fl. 43-v.

Costumes e preconceitos bárbaros a respeito das viúvas já felizmente se dissiparam.¹⁵

Mateus, primeiro os teus

81. Provavelmente não foi a rima que indicou o anexam.

Havia a forma antiga – *ave de teu*. Diziam que das aves a melhor era a perdiz, e outros que a *ave de teu* (tem do teu, junta a tua fazenda; *ave* = habe, lat.).

A forma verbal *ave* era de uso: *ave* dó de mim; *ave* mercê.


Por isso é que reza a carta de Parasito, na *Ulíssipo*, at. II, cena VII:

“Estamos em tão mau mundo e há tão pouca prestança que se vos não fazeis forte no castelo de *Ave de teu* os inimigos são mamelucos e muitos, e vêm com grande sêde do suor alheio...”

São Mateus, o evangelista, manda que se entregue ao próximo toda a fazenda *domum, uxorem, agros* (XIX, 29), mas nenhum Mateus é obrigado a ser santo como aquele. Em *Mateus, primeiro os teus* – há ocasião de rima e também de ironia e impiedade

Nunca mais ei de fiar
Em fidalgo desta sorte
Em que o mande São Mateus.

Gil Vicente – *Obras*, III, 220

15  Ainda no século XVII Diogo de Paiva, no *Casamento perfeito*, dando curiosa e erudita notícia (ed. de 1630, pág. 122) de quanto vituperavam os antigos gentios os segundos casamentos, sem os condenar, diz que podem ser impedimento para a perfeição conjugal.

Um provérbio hindustânico diz que o “segundo casamento é um remendo em vestido de sêda”. C. Tagliabue – *Proverbi industani* (IV das *Publ. scient del R. Istit. Orient. de Nápoles*) à pág. 52.

O evangelista é o primeiro nos livros sagrados e disse, todavia, no mesmo lugar que os últimos seriam os primeiros. Sejamos os últimos a sua moda.

Contudo, a história comparativa e etimológica do provérbio prova que *Mateus* na locução é apenas uma criação popular, moldada sobre o vocábulo *medês* (metipsissimus) do ant. *medesimo*, *meesimo*, *mesmo*. O anexim devia ter outra ordenação como, v. g.: *começar por si medês a caridade*. Os catalães têm o mesmo provérbio com esta última forma:

La caritat ben ordenada,
comenza *per si mateix*.

isto é, *por si mesmo*, por quem a faz.

Outra circunstância foi talvez decisiva na formação desta sentença egoística, segundo uma opinião muito antiga, nos começos de sua vida foi S. Mateus usurário, do que se emendou abraçando a religião nova; a este fato refere-se *Dom Duarte*, no *Leal Conselheiro*, falando dos arrependidos:

San Mateu que era õzanero...

pág. 133

Séculos depois diz a mesma coisa o autor do *Peregrino da América*.
Consequentemente, *Mateus*, primeiro os teus.

Sancho e Sancha


82. O provérbio – AO BOM CALAR CHAMAM SANCHO – provém do sentido antiquado do nome *Sancho*, derivado regular, espanhol, de *Santo* (*sancho* de *sanctus*) e por isso há a variante: – *ao bom calar chamam santo*.¹⁶

Passando a assunto algo diferente, há uma DONA SANCHA das cantigas infantis:

Senhora *Dona Sancha*
 Coberta de ouro e prata
 Descubra o *seu véu*
 Que quero ver a cara

É uma ronda infantil em que várias crianças cantam esses versos e bailam em torno de outra que está de olhos vendados.

Aqui, a meu ver, há uma alusão a *Dona Sancha*, celebrada como santa religiosa, fundadora do mosteiro de Santos o velho. Encontra-se a sua famosa lenda na *Descrição de Portugal* de Duarte Nunes do Lião (pág. 193 da ed. de 1785):

16  Os castelhanos têm o mesmo provérbio – *Al buen callar llaman Santo* (ó *Sancho*) que se tem explicado por muitos modos. Os que veem em *Sancho* um indivíduo histórico devaneiam muito sem identificá-lo com clareza. Creem que se trata de *Sancho II* “Al repartir Fernando sus estados en 1067 (lê-se em Sbarbi VI, 187) maldijo desde el lecho de muerte al que se atrevesse á despojar de la Ciudad de Zamora á su hija Doña Urraca”. *Sancho II* guardou silêncio e não respeitou essa determinação. O romance do *Cid* diz a propósito:

Quien te la quitare, fija,
 La mi maldicion le caiga.
 – Amen, amen, dicen todos,
 Si no es *Don Sancho* que calla

Neste caso *Sancho* não é um santo, mas um velhaco, e o provérbio é, como às vezes acontece, uma advertência imoral.

“Outro tal (milagre) se conta desta santa que, pedindo-lhe uma mulher pobre esmola, e não tendo que lhe dar, tirou uma *beatilha* que sôbre o toucado trazia em lugar de *vêu* (como estas religiosas costumavam) e a deu àquela pobre; e entrando para dentro miraculosamente viu em sua cabeça *outro vêu* muito diferente do que havia dado que mais mostrava ser coisa celeste que da terra.”

Esta é a lenda de *Dona Sancha* e do seu *vêu* admirável, a que alude a *ronda infantil*.

DONA SANCHA – A quem quer que intente escrever a história das origens do nosso *folclore* aqui indico os materiais para o estudo de Dona Sancha Martins, a “comendadeira santa”, do Mosteiro de Santos: Conde D. Pedro, tít. 38, fl. 208; D. Nunes de Lião, citado no texto; D. Rodr. da Cunha – *Hist. ecles.* II, c. 73; Frei F. Brandão – *Monarch. luz.* v. 16, 24; Frei Luiz dos Anjos – *Jardim de Portugal*, 79; Pe. Antonio Carvalho da Costa – *Corogr. port.* v. 510; e *História Tripartita*, de Frei Agostinho de Santa Maria – tratado III § 4.

Consonância ou Rima (oz e uz)

83. Pode ser a rima ou consonância o gérmen de alteração das frases e anexins. Por todas as páginas deste livro se antolham exemplos que se não podem lançar à conta de fortuitos ou casuais.

Às vezes, uma frase é substituída por outra, totalmente; mas ficam, como centros de gravidade que se não deslocam as rimas. São as pedras de alicerce a novas reconstruções.

Presumo que está nesse caso a consonância – ÓS e – ÚS quando há a intenção de indicar depreciativamente indivíduos de importância

que se não podem nomear. Na *Arte de Furtar* encontramos os fictícios senhores

Albornoz – Catrapuz


que figuram no trecho que vamos transcrever:

O clérigo quer viver à lei do leigo, e o leigo quer ordens sem cabeça que lh'as ponham;... e todos para saírem com a sua entrada com Monsieur Auditor e com Monsieur *Albornoz*¹⁷ e com Monsieur *Catrapuz*.

É evidente a sugestão de *albornoz*, *alcatruz* (que faz subir) e *catrapuz* (que é queda); mas o povo quando quer indicar um desconhecido muito ilustre ou fidalgo diz com *oz* e *us* (uça)

Fulano dos anZÓIS CaraPUÇA.

84. Este não será o mesmo *Albornoz Catrapuz* de há pouco? Além das terceiras pessoas conhecidas da gramática, existem outras no linguajar do povo as quais mereceriam o nome de *quartas* e *quintas* pessoas pelo sentido de distância sempre crescente que envolvem: *Fulano*, *Sicrano* e *Beltrano*, alguns dos nomes dos romances de cavalaria (e *Bertran* é já um deles) foram utilizados como pessoas indefinidas: *Baldrino* ou *Valdevinos*, *Sacripante*; na baixa gíria há o *Fulustreco de Abreu* onde o primeiro elemento é provavelmente tomado ao de *Fulano*, e a terminação faz lembrar a da pessoa indefinida na geringonça castelhana (– *tereco* – *pe-*

¹⁷  *Albornoz* foi nome histórico notável. Era *Albornoz* o célebre Gil Alvarez, Arcebispo de Toledo. O autor usou do nome como se fora fictício para indicar pessoa importante.

rendenga e perendeca, mulher qualquer, errada).¹⁸ Outra variante é *Culam-bas de Abreu*, registrada nas *Enfermidades da língua*, III.

85. Foi também provavelmente do esdrúxulo e da rima que de *sæcula sæculorum* se tirou o plebeísmo

oculus ruorum
(no olho da rua)

Este plebeísmo já se encontra registrado, como outros, sem explicação, nas *Enfermidades da língua*, I4I.

Há palavras como *Albornoz*, acima declarada, que embora tenham sentido histórico ou real, são, todavia, empregadas como mero *flatus vocis* para indicar coisas fictícias e sem realidade.

86. Um destes casos muito interessante é o do vocábulo fantástico:


Esgueva!

que Dom João II lançou num despacho que queria desentendido ou nulo. *Esgueva* é um lugarejo de Espanha.

Em uma letrilha da *Vida del Picaro*.

Ninfas de *Esgueva y del famoso Potro*
De Cordoba la llana que gradúa
Con borla picaril y no con otro

citado na obra de Cejador y Frauca.

18  Em lugar de *fulustreco* registram as *Enfermidades da língua* o nome *fistrécua*, ignoro se com a mesma aplicação.

Entre as pessoas indefinidas havia que apontar um *quidam* e o interessante o *cujó* (que é o marido ou o amante = o de quem, o dela) e a *cujá*. Na *Eufrosina*: “Esta moça tem *cujó*” I, 6. Está também em Morais este exemplo.

Na sua recente *Fraseologia* encontro a melhor explicação do termo:

“Esgueva. Dar con ellos en Esgueva. Darro y Tagarete (*Esgueva* riachuelo de Valladolid...).

Vayase a Esgueva – como decia al muladar y rio sucio en Valladolid.”

Está assim explicado o dito de Dom João II quando mandava requerimento à cesta de papéis sujos e inúteis. A linguagem e as coisas espanholas eram sempre familiares na corte portuguesa.

Há também palavras fictícias perfeitamente inteligíveis, quando se moldam em tipos usuais, como as do poeta dos *Anônimos*:

Era amante a rapariga,
Eu queria ao seu *socrocio*,
Fazer sete mil carinhos,
E quinze mil *reconcomios*.

Progressos acad. (1718) – pág. 263

VI

O arco da velha. *Cosas de España*: bolsa e couro; papas na língua; cada terra com seu uso. Tarde piaste! *Noruega*. A arte de cetría: XPTO cartaxo. Tangolomango e tangomau. Casa de Mãe Joana. Aguado. Aqui há caveira de burro. Fazer de um argueiro um cavaleiro; cavalo de batalha. Gato morto. Branco não é farinha. Fôlego de gato. Distampatório de asneiras. Letras simpáticas – *p'* – *m'* – patranha e maranha. A língua do *pê* e outras línguas e geringonças; exemplos e documentos; vagas e carneiros do mar. Custar os olhos da cara. Dente cueiro. Olhos *injetados*. Noite em claro.

O arco da velha

87. Não parece que deva subentender-se em *Arco da velha a velha lei*, isto é, a que chamavam outrora a *lei cansada*, a *lei mosaica*.

Queria-o assim Bluteau, e a sugestão é engenhosa. A verdade é que tanto se diz *Arco da velha* como a *velha do arco* (vieja de l'arco), e desde muito se apegou a expressão bem ou mal à história de uma *velha* feiticeira na linguagem e no *floclore* peninsular.

Em português temos a *velha do arco* entre as suas tradições, e é sempre a *velha* que...

deu uma mijada
que encheu rios e riachos
e a lagoa da Figueira.

S. Romero – *Cant. pop.*

e em Portugal

Arco da velha,
 Não bebas aí
 Que mijou a velha.

L. Vasconcelos – *Trad. pop.*

Mas o que nos encaminha à explicação mais satisfatória é que há inúmeras assonâncias e locuções *simpáticas*, por assim dizer, que, sem embargo de pequices fonéticas, muitas vezes concorrem para a formação de expressões novas. E são, ao que posso agora descobrir, as seguintes:

a) Existia já *arca de Noé* e até já aplicada ao céu, a certas estrelas, a *Ursa maior*, no Minho. De *arca de Noé* se podia por oposição da palavra *Noé* (nao, noa, nouo, novel, novela) tirar-se a *arca da Nova* ou *arco da Nova*. E foi o que de fato se deu. Nas *Tradições populares de Portugal*, pág. 60, leio:

Arco da *Nova*
 Arco da *Velha*

b) Há várias expressões cuja assonância devia ser frequente: *arco de vibuela* e *vibuela de arco* (nas *Andanças*, de Pedro Tafur) e ainda em português arco de viola e *viola d'arco* (que era o nome mais vulgar da rabeca).

Outra assonância era a da *veia ou vêa d'arca* e dos antigos físicos, e era próxima a que passava no crânio. Dela fala Antônio Prestes no auto da *Ave Maria*, quando diz um personagem contemplando uma caveira, *Autos*, pág. 58:

Olhai bem que eis vai aqui
 A *vêa d'arca* direito.

c) As mais importantes de todas as assonâncias que se aproximam da locução portuguesa são as designações de *arco de beer* ou *de beber* (e a

crença geral é que o *arco-íris* bebe em um ponto as águas que vai despejar em outro) que se encontram em vários dialetos românicos como o mostrou Sainéan Lazare com subtil engenho: *arcobevondo*, *arcobuan* (ladino), *arcumbé* (veneziano), *corcubéu* (rumão), o que todos querem dizer *arco que bebe*, como o dizia Plauto:

Cras pluit, *arcus bibit*

É este *arco da bere* que poderia gerar ainda que com algum descaminho o *arco da velba*.

Contudo, para mim o verdadeiro étimo está em outra ordem de ideias.

A ideia de *velba* reunida a *arco* provém da corcova ou corcunda que é própria tanto do *arco* como da *velba*. Indicam-no suficientemente as formas citadas, *corcobéu* e *corcór*, que contêm os radicais de *curvus* e *concurvus*, a própria forma veneziana *arcumbé* que tem o sentido de “velho, corcovado”, e ainda o dizer comum de *arqueada* para a pessoa que envelhece.

Esta analogia tenho para mim que é a fonte mais segura; os fabulários e Isopetes medievais contaram a história do *arco* da velhice, isto é, da corcova valetudinária e senil, ocasião de motejo para os rapazes.

Dou em seguida a transcrição de Francesco Pera.¹

La *gioventú* vedendo la *vecchieza* curva ed indebolita, le domandò per ischerzo se voleva vender un *arco*. Ma la *vecchiezza* rispose:

Non voler gittare, o *gioventú*, questi tuoi danari per cotal compra, perchè come sarai in decrepitezza, tu avrai quest' *arco* come me.

I  Incluída com exercício prático na sua *Gramát.*, 6.^a ed., pág. 42.

Admitida essa origem do *arco da velhice* da fábula, não só se explicam as formas românicas *arcumbé*, *corcubéu* e *arco da velha*, mais ainda se esclarecem os vários sentidos das lendas e tradições que se referem àquele meteoro.

Os velhos sabem naturalmente por experiência, prever e anunciar as chuvas e não só por isto, mas por seus humores mais sensíveis ao meio atmosférico e ainda pela necessidade e prudência neles muito maior de se resguardarem. E ainda melhor as *velhas*, por mais débeis e fracas e não calarem os seus prenúncios. É tão verdade o que aí está escrito, que alguns provérbios atestam que aquela previdência e resguardo por parte das velhas não passou despercebida ao povo. Os castelhanos dizem:

Arreboles en Castilla, viejas á la cocina.

Arreboles en Portugal, viejas á solejar (no terreiro).

Cosas de España

88. BOLSA DE DINHEIRO CHAMA-LHE COURO; este provérbio, registrado no Adagiário de Roland (pág. 42), foi tomado e mal ao espanhol onde tem as suas formas mais estéticas: “Quien no tiene dinero venda la bolsa y el *esquero*” (Hern. Nuñez) e *Bolsa sin dinero digo que es-cuero* (*es escuero*), isto é, não passa de *bolsa* porque o *isqueiro* é a bolsa onde se traz a isca e a pederneira para fazer fogo.

89. Outro castelhanismo evidente é o que transparece do ditado

NÃO TEM PAPAS NA LÍNGUA

Papas? é incompreensível. A forma originária deve ser a castelhana: “No tiene *pepitas* en la lengua”, daí é que se tomou *papitas* e *papas*. No castelhano, porém, *pepita* é a pevide das galinhas e só assim a frase se torna compreensível: — não ter *pevides* na língua — e não *papitas* ou *papas* na língua.

90. Em outros provérbios a origem castelhana denuncia-se por qualquer defeito de forma:

MAIS MATOU A CEIA QUE AVICENA

está registrado nos adagiários de Delicado, de Roland e outros; ao primeiro exame verifica-se que é tradução com a falha da rima do — *mas matò la cena que Avicena*.²

91. O adagiário português do século XVIII de Roland, que é o mais completo, só registra duas formas do provérbio:

CADA TERRA COM SEU USO


e — cada terra com seu *costume* — o que vem a ser a mesma coisa.


O acréscimo *cada roca com seu fuso* é já uma ampliação que resultou não da necessidade da rima, mas da de refazer a graça e o equívoco que tinha o refrão castelhano que julgamos primitivo e no qual *uso* e a forma *buso* (fuso) apenas levemente se distinguem:

cada tierra con su uso
uso ó buso

E este não é o único exemplo; também dizem: “Al mal *uso* quebrarle la pierna” ou, por outro equívoco, “al mal *buso* quebrarle la *guéca*.”

E aí está por que os *fusos* simbolizam os *usos*.³

2  E já era muito antigo aforismo do *Proverbiorum commune*, onde se diz: *Plures interficit gula cena quam gladius*.

3  É certo que no castelhano também existe a locução completa. Ambas foram registradas na antiga coleção de Gonzalo Corrêas.

Tarde piaste!

92. A nobre *arte de cetria* deu grande número de expressões que, como ela, se tornaram obsoletas. Os *cetreiros* caíram no olvido e ridiculou mais cedo que os cavaleiros andantes. Nem lhes faltou uma espécie de Cervantes no chistoso Evangelista.⁴

De todas as aves de rapina, a de mais consciência é o milhano, que não caça caça viva. Só por exceção o milhano apresa os pintainhos.

Por uma burla que data do século XV e está em Evangelista, explica-se que o milhano faz ato de fina caridade e só para aquecer no papo os débeis e friorentos bichinhos é que os engole. Mas uma vez no papo, comidos estão, e embora piem... *tarde piastes!*

Outra história antiga ainda tem mais chiste. Não um milhano, mas um galego ou biscainho de uma ocasião comia ovos passados por água; ao engolir um dos ovos que não estava fresco, já na garganta piou um pinto. O biscainho fleugmático atalhou: *Tarde piache!*

E fez caridade igual à do milhano. Não podemos dizer se esta foi a origem, mas parece plausível, porque um e outro conto são muito antigos e devem estar próximos da verdadeira fonte.⁵


Outro ditado que aparece nos antigos poetas cômicos e que hoje se nos afigura ininteligível é o epíteto dado aos sabidórios e aos sujeitos arteiros.

Noruega!

93. Comprovam-no os seguintes exemplos de A. Prestes:

— Sou muito soturno.

— És?

4  Evangelista, castelhano, do século XV, escreveu o *Libro de cetreria* que é uma alegre burla lançada à antiga arte da Caça. Foi reeditado por Paz y Melia.

5  O segundo está em Rosal, e o primeiro em Evangelista.

– Sou *Noruega*
Do dia não se me pega
Mais que três horas.

Obras, 15 e 255

Esta queymação de sangue
He hũ a nóva Noroega

G. Escolar – *Cristais*, 104


Noruega era uma das espécies de Açores, destinadas à caça de altanaria e que chegavam trazidas nas naus de Alemanha, conforme nos conta na sua *Arte da Caça* (68, da ed. Moderna) o mestre Diogo Ferreira. Aqui, porém, há propositado equívoco com o termo *Noruega* por “vento do norte” ou antes “noroeste”, e a palavra equivale, quanto ao sentido, a *gavião* e *vento*, do mesmo lance.

No auto de *Rodrigo e Mendo*, por Jorge Pinto,⁶ temos outra referência.


A lua faz mil mudanças
Onde o vento é *Noruega*.

Tratei da expressão em outro lugar.⁷

Os nomes dos ventos foram sempre utilizados em epítetos semelhantes; *sueste*, v. g. em Gil Vicente, na *Farsa dos físicos*:⁸

6  Está na I.^a edição dos *Autos*, de Camões, e é, portanto, raríssimo. Tanto a *Cena policiana* como o de *Rodrigo e Mendo* publiquei com anotações na *Rev. de Língua Portuguesa*, donde provavelmente irão sair em edição separada.

7  No meu livro – *A língua nacional*.

8  Tanto na ed. de Hamburgo como na de Lisboa, convém restituir o metro acrescido pela expressão *ouvi-lo?* que não pode ser do primeiro verso citado, e por isso a suprimi.

De físico sam eu mestre
 Mais que de surlugião;
 Em que me chamam *sudeste*.
 Chamam-me *vento assomado*...

III, 308

94. Alguns rifões foram ainda tomados da *arte de cetrya* e que vão sendo esquecidos, ainda na literatura. Diogo Ferreira cita o provérbio rústico referente ao ínfimo e ralé de todos os falcões, o *cartaxo*:


Cartaxo de bom cuidado tem filhos pelo entruído

que é a estação dos vermes que os borrachos do cartaxo apetezem. Como o *cartaxo* é a menos considerada das aves de rapina,⁹ também é a palavra indício de coisa ínfima, e na gíria popular a *XPTO London* opõe-se *XPTO Cartaxo*. Pode ilustrar este caso a seguinte anedota contada por mestre Diogo na sua *Arte II*, I32, a propósito de haver um cavaleiro casado a filha com um soldado:

– Bem sei que me deixa de ver por casar minha filha com um soldado; não me culpeis que fiz como faz o gavião (... *quando não acha pelo dia perdiz ou pomba*...) a noite por não se deitar sem ceia toma um *cartaxo*; assim fiz eu, tomei o que achei.

Esta circunstância talvez veio posteriormente reforçar a ditado naturalmente criado pelo uso das armas de fogo, bem posterior ao da caça de altanaria:

queimar o último cartuxo

9  Em crítica a essa passagem das *Frases Feitas*, o dr. Carlos de Laet mostrou que era erro da minha parte. O *cartaxo* é uma avezinha e de modo algum ave de rapina. Aí fica a aproveitável correção.

que, sendo último, também pode ser o *cartaxo* da fábula contada;¹⁰ *XPTO cartaxo* foi registrado nas *Enfermidades da língua*.¹¹

Deu-lhe o tangolomango

95. O *tango-lo-mango* sempre se supôs palavra africana que passou a Portugal e que no continente negro com a forma *tangomau* designa o que resgatava e comprava escravos aos régulos de África para os revender aos traficantes da costa.

Na poesia popular, o *tango mango* e *trango-mango* é a desgraça e simboliza a morte:

Deu-lhe o *tango-mango* nelas
Acabou-se a geração.


O *tango mango* arrebatava a presa, como o *pombeiro* dos desertos africanos.


O vocábulo é antigo e figura nas *Ordenações*, na *Arte de Furtar* (gloss. da ed. Garnier) e em outros lugares.

No *Cancioneiro Geral*, de Resende (III, I55, ed. de Stuttgart), lê-se em uma trova de Nuno Pereira:

Aver-me-ey por *tengomengo*
Se m'eu non guabo per myn.

Foi esta forma *tengomengo* e a mais vulgar *tangolomango* que me levaram a atinar, se em verdade atinei, com a origem verdadeira.

10  Há ainda da *Cétria* vocábulos que mereciam lembrados. *Trenar* (educar o falcão) e outros. Os gramáticos deviam registrar como fato curioso da história da língua os nomes gerais que usavam para denotar os sexos das aves de rapina: chamavam *primas* a todas as fêmeas e *terços* a todos os machos, de falcões, açores, gerifaltes, etc.

11  Curioso vocabulário de plebeísmos por Manuel G. de Paiva, *Lisboa*, 1759, a que constantemente nos referimos.

Tángano, assim como *tango*, é palavra castelhana (e talvez portuguesa) que designa um jogo especial que consiste, conforme o define o lexicógrafo Monlau:

“en poner en el suelo un hueso ó canto con una ó mas moneda encima y en tirar con tejos para derribarlas, ganando el jugador que tiene mas cerca de ellas su tejo.”

As moedas em cima do osso estão sempre mui pouco firmes (e daí o *en tañanillas*) e com qualquer movimento caem.

Provavelmente a expressão resulta como de um dos diálogos que são de regra no jogo: — *Tángano!* (como se dissera — *ponho*) e *Mango* (sim, quero).¹² Há outros jogos com denominações duplas, *Raspetire* (popular) *perde ganba* etc.¹³


Confirmam a conjetura as poesias populares em que figura o *tangolomango*. Em todas elas se representam pessoas numerosas que são, como as moedas de jogo, sucessivamente abocanhadas, até não ficar nenhuma, pelo *tangolomango*.

O *tangolomango* é um molosso terrível, um deus ou um inimigo devorador, como o *tangomau* da escravidão africana.

P. S. Também é possível considerar na locução do *Cancioneiro geral* as duas formas verbais *tengo* (tenho) e *mengo* (falta-me, míngua). Ainda assim creio que se trata de jogo ou coisa que a tal pareça.

N. B. — Mais tarde suponho ter dado a explicação cabal do sentido da expressão que é um ensalmo da medicina popular. Assim o fiz no meu *Folclore* e julgo inútil repeti-la aqui, onde apenas deixo essa informação para curiosos e interessados.

12  *Estar de manga, pegar di manga* — concordar. Em port. de *mangas* com alguém.

13  A forma *mangrar*, que às vezes ocorre na locução (*tango mangro*), significa corromper-se, morrer.


Casa de Mãe Joana

96. Diz-se aqui (*Casa de Mãe Joana*) para evitar a expressão verdadeira e nua.

A casa de Mãe Joana é o lugar onde todos parecem ter o direito de mexer sem licença ou antes muito licenciosamente. “Isto aqui não é casa de Mãe Joana.”


Esta pobre da *Mãe Joana* é o simples vocábulo árabe *damchan* que significa *garrafão*, e como verbo, *meter uma coisa em outra*: e é dedução perfeita porque os garrafões servem para que se lance neles alguma coisa e sempre são por sua vez metidos em palhas ou gigos abertos e protetores. De *damchan* o espanhol fez *damajuana*, e o francês *dame-jeanne* também a tem com o mesmo sentido de vaso grande de cristal ou garrafão.¹⁴

Dá a expressão *casa de Mãe Joana*, formada por etimologia popular.¹⁵

14  Os gigos *abertos* e também os cestos e *sacos de malha* sempre serviram de depósito de coisas várias, como dá a entender um trovador:

Anda muito mais bolido
Do que é *saco de malha*.

Canc. geral, III, 476

15  A. de Pratt diz que não é aceitável a conjetura, “o espanhol *damajuana*, derivado, explicaria pela assonância a frase se ela existisse nesta língua, mas é evidente que não existe”.

Ao contrário, o espanhol a possui com o sentido “meter una cosa en otra”, conforme o dic. da Academia, ed. de 1887, sentido do étimo *damchan* (botellon, vaso grande). Dom Francisco Orellana, em *Cizaña del Lenguaje*, págs. 30-31, estudou a expressão e informou-nos das formas antigas *Damasanas* e *damasenas*, que fizeram em mais de um “Araucel de las aduanas”, de Espanha.

A conjetura de A. de Pratt, reduzindo-a à forma *ameijoad* ou *meijoad* não se adapta nem à forma nem à ideia.

Aguado

97. Não são raros estes casos de alteração popular das vozes árabes, e temos já estudado alguns exemplos. Acrescente-se o de *aguamento*, moléstia de cavalos e bestas que em tais casos se dizem *aguadas*. Exceto a forma, nada tem de comum com a voz latina *água* e *aguar*. É o árabe *alguaxa* que Freytag define *ungulae laesio*, úlceras nos cascos que impossibilitam a andadura dos animais que então o povo diz estarem *aguados*.


Aqui há caveira de burro

98. Diz-se diante de qualquer dificuldade ou de mistério que se não pôde penetrar, como também se diz — *Aqui há dente de coelbo* — expressão que havemos de estudar em outra oportunidade e tem idêntico sentido e aplicação.¹⁶

Ao que suponho é muito antigo esse modismo e foi tomado a alguma das anedotas medievais que correram e ainda correm em toda a Europa.

A história vem relatada nas *Facetiae*, de Poggio florentino, coleção de anedotas ainda hoje recontadas, com o título *De medico in visi atione infirmorum versuto*: um médico em companhia de um discípulo visitava os seus doentes e, quando lobrigava no chão do quarto ossos, restos de frutas, etc., dizia misteriosamente: Já sei que vai pior porque com certeza comeu maçãs. Com essas revelações excitava o espanto dos doentes e criava maior prestígio.

Mais tarde, o discípulo, julgando-se já experimentado em quejandos ardis, começou a exercer a medicina e, notando que um seu do-

16  A oportunidade escapou na primeira edição. É fácil remediá-la agora, dizendo que — *o dente de coelbo* — pode ser uma sugestão da antiga frase latina que está em César e outros escritores: “Res occulte *cuniculis* oppugnatur” e de Cícero *Cuniculis agere* — proceder como os coelhos subterraneamente, minando o solo. O *dente de coelbo* exprime qualquer fraude, às ocultas, por intriga ou subterfúgio.

ente piorava, sem que pudesse ele atinar com a moléstia que era caso difícil, por mais que correu os olhos pelo aposento, não achou coisa a mais que uns arreios e foi logo dizendo ao enfermo: V. M.^{ce} com certeza comeu burro “existimans sellam decocti asini, velut os carnis reliquias videri”.

É natural, pois, que os que estiverem perplexos como aquele doutor, logo exclamem: *Aqui há caveira de burro*.

Também está registrado na *Gíria brasileira*, pág. 18.

A transferência de *sela* para *caveira* também tem o seu *quid* psicológico.


A palavra *caveira*, como no castelhano *calavera*, também significa pedra e obstáculo na estrada e caminho. É mais um tento que se lavra, se não é em pura perda.¹⁷

Fazer de um argueiro um cavaleiro

99. *Argueiro* é qualquer partícula ínfima e levíssima das que andam no ar ambiente. A origem da palavra é obscura e, de uma feita, a insigne Carolina Michaëlis a comparou ao *acarus* donde pode em qualquer maneira derivar, e tenho que comprova essa conjetura a locução que se me deparou na *Aulegrafia* (17 v. da ed. de 1619) “não sofrer *argueiro* nas orelhas”, onde equivale a *pulga* ou outro inseto minúsculo.

Na excelente edição anotada por Fernando Nery, achamos o exemplo:

Dizem que há gente que dos *argueiros faz cavaleiros*, mas eu nunca topei com essa, mais depressa vi eu já dos *argueiros fazer cavaleiros*.

17  A simples leitura mostra que fiz apenas uma tentativa conjectural, talvez demasiadamente fantasista. Os que me censuraram a extravagância não apontaram solução alguma, por isso nada tenho que modificar, pois que é ainda mais certo que *la critique est aisée...*

Assim será quanto ao sentido próprio da palavra.¹⁸ Mas no rifão – *fazer de um argueiro um cavaleiro* – estou em que um *argueiro* é a corrupção normal (c = g) de *arqueiro*, isto é, o besteiro, soldado que militava a pé e armado de *arco*.¹⁹


“Fazer do *argueiro cavaleiro*” é confundir o peão ou infante com o que anda a cavalo – confusão grande e pode ser que lastimável.

Arqueiro transformando-se em *argueiro* deu maior intensidade ao anexam.

A aspiração do pajem ou escudeiro foi pintada por Gil Vicente nos versos *da Farsa do Juiz da Beira*:

Eu sam já acrescentado
Escudeiro encavalgado
Depois serei cavaleiro.

I, cena II


18  É possível que no sentido próprio haja relação entre *argueiro* e Argos, segundo sugere o conselho de um poeta citado na *Hora de Recreio*, do Pe. J. B. (aptista) de C (astro) II, 4:

Quem casa não case às cegas,
Mas seja sagaz e astuto,
Argos em ver os *argueiros*,
E nos lances lince agudo.

Também se diz *argueiro no ombro* (pulga na orelha), e no *Cancioneiro geral*, III, 223.

Pode ser maior marteiro
Se no ombro cai *argueiro*
Que não se há de espenicar?

III, 172

19  Havia o *arqueiro*, armado de arco, e *arqueiro* o que tinha a chave da arca ou a fabricava (*Divertimento de eruditos*, II, 313). Da primeira forma usava-se também a variante francesa *archeiro*, o *eh* com valor de *x*, como no equívoco de Dom F. Manuel:

– Se vai com estado levará *archeiros*.
– No *ar-chei-ro* a fragrância dos seus ditos porque me soam.

Feira dos An. 73

Argueiro, arqueiro, deve ser uma posição social humilde para que se oponha a *cavaleiro*.²⁰

Não será fora de propósito falar aqui do

Cavalo de batalha

que quer dizer o estribilho, a alegação mais forte quando se argumenta, ou aquilo que se repete por irrespondível. Não se explica, como vi escrito, pela fábula do cavalo troiano, mas pelo costume que se vê dos romances de cavalaria. Os cavaleiros andantes e os paladinos tinham sempre reservado para a luta o *cavalo de batalha*, que era logicamente o mais fogoso e forte.


Branco não é farinha

I00. É adágio antigo na sua expressão mais correta, já registrada no livro de Delicado (Adágios portugueses, ed. 1651, pág. 132): – *Todo branco não é farinha* – Também o está na coleção rolandiana nos mesmos termos (pág. 104) e equivale ao anexam sem dúvida mais literário – *Nem tudo o que reluz é ouro*. As nossas variantes são muitas e as mais comuns são: *Nem todos os dias são dias santos*; – *nem tudo o que é mole é mingau* (*Gíria brasil. Bahia*, 1869, pág. 138).

Na *Eufrosina*, que é uma comédia de provérbios, Jorge de Vasconcelos reúne os ditados:

Dizer e fazer não é para todo o homem, que nem é ouro tudo o que reluz, *nem farinha o que branqueia*.

I, cena II

20  Tanto assim que existe a variante no castelhano “*Ayer baquero (vaqueiro) y hoy caballero*”. Registrado na indigesta coleção de J. Halle – *Altspanische Sprichwörter*, I, n. 492.

O anexam é a moralidade da antiga fábula do *gato*, que, já se vendo muito conhecido dos ratos e havendo estes fugido para o teto, resolveu rebolcar-se em farinha e todo enfarinhado esperou a presa. Um dos mais sagazes dos ratos percebeu a treta e avisou os companheiros:

“Nem todo o branco é farinha.”

Uma variante espanhola por mais completa, autentica essa origem: *Ratones, arriba; que todo lo blanco no es barina*. São mais concisos os italianos: *Tutto il bianco non é farina* (na *Raccolta di proverbi*, de G. Giusti, II 4, e também: *netta farina* (Pico Luri, 310).

Foi tratada a fábula por Fedro (IV, 2) onde a doninha “involvit se farina et obscuro loco abiecit negligenter”. Alguma analogia terá com esta o modismo – lançar *poeira* nos olhos –, pois no velho *Porcus Troianus* ocorrem juntos: – Tu non foste *netta farina*; accordasti seco a gettar *la polvere negli occhi* (pág. 17).

101. Desta alusão é que nasceu o outro ditado:

fazer de gato morto

isto é, fingir que se alveja um ponto por simulação para tomar vingança e assaltar outro. O *gato morto* passou a designar o ponto simulado ou o alvo encoberto.

Ainda a esta fábula se refere à inteligência do seguinte passo de Antônio Ferreira na comédia de *Bristo*:

– Dissimulemos com o negócio.

– De que maneira?

– Eu t’o direi; *faze-te morto* e quando virmos bom tempo, *ressurgirás* para lhe dares a morte.

A fábula do gato que se fingiu morto, em suas variantes,²¹ ainda produziu outras derivações mais remotas da origem. Como, por exemplo:

Tem fôlego de gato

I02. Ou o *gato tem sete fôlegos*: e por sua leveza não morre de queda.

Os italianos dizem: *È si robusto che farà sette morti come le gatti*. Naturalmente, porque a morte real é difícil de distinguir das fingidas em que é useiro e vezeiro aquele felino.²²

Um distampatório de asneiras!

I03. Um *distampatório* de asneiras ou um *dispantório* (como está registrado nas *Enfermidades da língua*, II6) foi uma variante sugerida pela outra locução mais literária:

Que *dispautério!*

Esta é a primitiva. Não é inútil para muitos ilustrar neste ponto que *Dispautério* – *Dispauterius* – foi um antigo gramático que pelas suas regras obscuras e atrapalhadas se tornou obsoleto e ridículo. A arte latina de *Dispautério* era o terror dos estudiosos.

Dele falou Vieira em um dos seus *Sermões*:

Conjugam por todos os modos o verbo *rapio*: por que furtam por *todos os modos* da arte, não falando em outros novos e esquisitos que não conheceu Donato nem *Dispautério*.

III, n. 425

21 ∞ Existe quase pelos mesmos termos a fábula do *gato morto*. Veja-se a versão que dá C. Tagliabue – *Prov. indust.*, 176.

22 ∞ No *Espelho de casados*, fl. XIII, o filósofo e moralista Dr. João de Barros diz que a mulher “tem sete fôlegos”.

E também Dom Francisco Manuel nos *Apólogos dialogais*:

Entre os portugueses podeis com razão celebrar o vosso Padre Manoel Alvarez, mestre e autor da gramática latina, em que foi tam subido que pela sua arte nova que se fêz e compôs reformando as antigas de *Dispautério* e outros caducos, se ensina hoje em Itália a gramática.

As obras principais de Dispautério, o gramático flamengo, foram compendiadas por R. Etienne, nos seus *Commentarii grammatici* (Paris, 1537), adotados nas universidades europeias.

Infelizmente para o gramático, o seu nome estava muito vizinho de *disparate*.

Não fora o *Dispautério*, não haveria o popular *destampatório* nem talvez o *dique das asneiras*.

P' – m' –

104. Em outro lugar deste livro estudamos a oposição espontânea que se estabeleceu entre *t' – e – m' –* ou *b' –*.

Agora temos que examinar outra corrente de analogia fonética e ao mesmo tempo psicológica que foi, por sucessivas afluências, formando uma caudal nova e irresistível.

Em várias expressões e modismos encontramos esse paralelismo constante entre *p'* e *m'*.

As origens são naturalmente obscuras ou subtilíssimas: mas há palavras prototípicas e fundamentais que podiam influir na formação psicológica da fraseologia.

Pai e Mãe

Pouco e muito

Pé e mão.

são modelos proto-históricos da formação da língua e presumo que criaram um habitualismo no progresso e caudal do vocabulário.

Não é, pois, de estranhar que encontremos, por exemplo, ao lado do primitivo *mamar*, a forma *papar* que indicam ambas a alimentação infantil *mama* ou *papa*, sem embargo de qualquer influxo explicável pela onomatopeia.

Palavras cuja etimologia ainda hoje se ignoram, talvez se expliquem por essa lei de imitação:

patranba e maranba


a forma *mare* (por *madre*) é antiga e está registrada no *Elucidário*. Patranhas e maranhas são (para mim) as histórias e fábulas que contam os pais e as mães para divertir ou conter as crianças. Os temas *patr* – e *mare* – transparecem em cada um dos vocábulos.²³

Outro grupo inconho é

Patau e marau

de etimologias duvidosas e sempre contraditadas como as antecedentes. Confrontem-se *babbaluco* e *mammaluco*, no estudo de S. Lazare – *Zeitschr*, 1907-III.

É certo que nos modismos peninsulares há uma labial *b'* – ou *m'* – que explica a obliteração do segundo elemento, como *t'* – *m'* ou *t* – *b'*.

23  Conheço as etimologias que aproximam *patranba*, e *patarata* e *patochada* de *pato*, como também a de Diez sobre *maranba*. Não passam até agora de conjeturas. A mais aceitável é a que tira de um radical *pat* ou *bat* (liso, unido, uno) os derivados *pata* (*pê*), *pato* e *empatar*. Vejam-se no *barbarus*, de *Koerting*, as palavras, *pat*, *patt*, *pataud*, *maraud* e as outras do romance latino, e no *Ensaio fraseológico*, de Pina Manique, os exemplos coligidos no voc. *maranba* (enigma, enredo). O léxico românico de Meyer-Lübke não diverge do que afirmo.

A língua do pê

105. Foram naturalmente as crianças sabidas que inventaram a *língua do pê* para imbaír as mais tolas. O mecanismo dessa risonha cabala consiste em articular em cada sílaba da linguagem comum outra sílaba em *p* com uma vogal de rima com a antecedente:

Vopocêpê nãoopão sapabepe?

Você não sabe?

Teria deixado vestígios na linguagem comum?

Em toda a parte existem sistemas fictícios e línguas mais ou menos artificiais como o *caló*, a *jeringonha* (jargon), as gírias dos criminosos e ladrões, ou a língua *furbesca* e a *jonadática* como lhes chamam na Itália desde o século de seiscentos.

A *jonadática* ou coisa que o valha, também a temos no estilo burlesco quando, conservando as palavras, mais ou menos completamente, as mascaramos com um epíteto ou um suplemento arbitrário de vozes. São exemplos:

a) pelo acréscimo — *da Silva*.

Pintadinho da Silva

106. Este *da Silva* parece dar ares de exatidão e precisão à ideia, já por si intensa do diminutivo.

A assonância — *ss* — parece dar-lhe valor de ênfase superlativa ou indicar uma qualidade ingênita (*de si*). É curioso aproximar deste fato, o velho refrão que menciona a *Eufrosina*, de Vasconcelos:

Que mercê me podê Deus fazer com tal gente que *nem* de
Sylva bom bocado, nem do escasso bom dado, dizem os antigos.

Eufros., fl. 24

Entretanto, a origem, ao que presumo, da locução está nas vozes de reclamo ou pregão das *vareiras* ou *varinas* (ovarinas) que vendem sardinhas com o grito habitual: “*Vivinha da costa! ainda viva!*”

Como *Costa* é nome de pessoa, originaram-se as variantes: *vivinha da Costa* e *vivinha da Silva*.


Costa e *Silva* são apelidos comuníssimos e, pelo sentido, algo opostos.²⁴

I07. b) pela soletração de alguma sílaba:

BONITEOTÓ!

Boni-t-o-tó!

Ou uma fórmula interjetiva, como

24  Observação de Alberto Faria, a qual me parece muito vaga e imprecisa:

“Julgo desviada a hipótese.

Conjetura mais razoável, para mim, é a de Sílvio de Almeida, numa das excelentes *Palestras filológicas*, do DIÁRIO POPULAR, a de II-9-907:

“*Silva*, em latim, era *selva*, *floresta*, e Juvenal usou da palavra em sentido figurado quando escreveu: *silva comae*, uma floresta de *cabelos*. Semelhantemente: chamamos *silva* a malha de *pêlos* da cara dos cavalos, em referência aos quais *branco da silva* tem uma significação tão clara como, por exemplo, *calçado das mãos*.”

Para os alveitares (segundo vemos em Bluteau), a malha branca que forma uma verdadeira *silva*, unida, é bom sinal; não assim, a *falbada*. Compreende-se, pois, o encarcimamento da locução *branco da silva*, aplicada primeiro aos animais. Depois ela se generalizou, e a idéia de *branco* sugeriu a de *fresco*; como a de *fresco*, a de *viçoso* ou *cheio de vida*, e assim por diante.”

Se *Silva*, neste caso básico, precisasse de abonação literária, nenhuma melhor que a da écloga de Rodrigues Lôbo *contra o desprezo das boas artes*, pelo conhecimento que da vida pastoril tinha o clássico seiscentista:

Uma novilha dourada,
Que anda naquela floresta
Com uma estrêla na testa,
Silva branca e remendada.

A-Q-U-I-QUI, MENÉLES!²⁵

P-a pá, Santa Justa!

c) pela metátese popular ou transposição de palavras e sons:

Bolar as trocas
trocar as bolas)

Ou como diz Serrão de Crasto em um dos seus romances na *Academia dos Singulares*:

Porque neste *toque em boque*
Trocais de tal modo as *bolas*...


II, 364

O cavaleiro de Oliveira diz *toques e remoques* (*Cartas*, I, 160); do mesmo gênese são *tarra maque*, *traque barraque* e parecem exprimir o movimento e a intenção do vocábulo *terremoto*, que deve ser uma das fontes de simpatia por essas aliterações.

108. Na *jonadática* italiana diziam *distici concocente* por *discorsi concludente*. Nos antigos escritores a denominação do escorbuto ou outra doença tem as formas transpostas:

Mal de LOANDA
Mal D'OLANDA

e uma e outra vem de *landoa* e *lande* (íngua). E de *má-landoa* deriva o epíteto *malandro* (V. *Marmanjo*).

25  Também aparece com a forma: *a-q-u-i-qui*, *Menéres* e talvez *Manéles* (Manel, Manoel?); não sei. A terminação faz lembrar a frase feita *aqui são elas!* em que o pronome tem sentido vago como em outras línguas romanas (“*non la sta cosi* = das ist nicht der Fall” –), veja-se G. Ebeling – *Probleme der romanischen Syntax*, 128.

I09. Às ondas ou vagas do mar, quando grandes e enfurecidas, chamam

vagalhões

Ainda que *vagalhão* se possa tirar de um aumentativo de *vaga*, em geral e comumente só se apresenta no plural (–ões = ones), e ao meu ver é metátese de


cavalones

isto é, *cavalloni*, que é assim que os italianos chamam as grandes vagas que chegam em fileira e ordem (*cavalloni* – *big borses*, explica Trench no seu *Study of words*, 49). Confirma a etimologia, além do processo conhecido da aplicação de nomes de animais a diferentes fenômenos, a paridade e analogia de outra palavra nossa – *carneiros* – para indicar as ondas coroadas de espuma.

O *mar encarneirado* lembra pelo relevo numeroso rebanho.²⁶

d) As palavras deturpadas, torcidas e desfiguradas são naturalmente inúmeras; tal, por exemplo, *mala-rabos* por *maus diabos*. (G. Vicente I, I56) e nas trovas populares da *Velba que tinha um cão*:

Mala rabos te persigam
Que eu não posso sossegar.

26  Faz cada onda um jazigo
Faz cada escuma um carneiro.

Custar os olhos da cara

110. A pena ou vingança costumeira só dos tempos e de povos bárbaros de castigar, arrancando os olhos aos prisioneiros de guerra, deixou este suavizado vestígio que ainda se encontra nos mais antigos documentos.

Na epopeia medieval do *Cid*, está logo nos primeiros versos:

Non vos osariemos abrir nin coger por nada,
Si non, *perderiemos* los averes é las casas
E demais los *ojos de las caras*.

v. 45²⁷

Na *Eufrosina*, de J. de Vasconcelos (ato I, c. 2), diz Filtra:


“parece que em darem mais um ceitil, lá lhe vão os olhos da cara”.


f. 24

De modo elíptico, disse o Chiado no *Auto das Regateiras* (nas *Obras*, 58):

– Eu fei já baetilha
Que dei por seiscentos brancos
– E ainda agora valem *caras*

Por este trecho apanhamos a evolução de sentido de *cara* (rosto) para *cara* ou *caro* (de alto preço, por ser de estima).²⁸

27  Citado na ed. de Sanchez; também na de Menendez Pidal, 2 (fl I v.).

28  Um muito parecido ditado – *querer como a menina dos olhos* – está nos antigos trovadores, e a propósito dos versos de D. Dinis:

porque vos sei amar
mui mais que os meus olhos...

põe H. Lang a nota: “Der vergleich ist sprichwörtlich; vgl. Terent. *Ad. 702: Ni magis te quam nunc ego amo meos.*” Das Liederbuch des Königs Denis, pág. 122.

Dente cueiro

III. O *dente cueiro* que já se vê escrito em uma só palavra – *dentiqueiro* – é o dente do *siso*. O indecente adjetivo *cueiro* (pano *cueiro*) ainda se emprega na expressão – criança de *cueiros* – e Diogo de Paiva disse até em sermão os “cueirinhos de N. S. Jesus Cristo”.

É verdade que toda a gente diz *recuar* (reculer), que é o – andar de *cuadas* – nos clássicos.

Na *Eufrosina*, de Vasconcelos, fl. 48, v., diz Cariófilo:


Não creio eu nesse Santo que vos sois já revelhusco. Nasceu-te já o dente *queiro*?

Mas o que é sem propósito é que haja dente *cueiro* e logo na boca.

Encontrei a explicação no árabe e no Avicena quando trata dos dentes do *siso*, *dens pubertatis* que em arábico se denomina *alhelme* e assim também passou com este nome ao português. Do radical *alb* vem *albâ-sús*, os três ossos pequenos, diz João de Sousa, que estão no fim da cauda. O dente *cueiro* é, pois, o dente do rabo ou o rabo dos dentes, isto é, o último que aparece e por isso é dente *cueiro*, como se dissera dente *rabal*. (!)

II2. E como estamos a tratar de coisas que interessam a físicos e anatômicos – de passagem digamos ainda que esta outra expressão hoje corriqueira²⁹

Na sua recente *História dos Adágios port.* Ladislau Batalha menciona apenas dito proverbial, sem documentação alguma, págs. 67 e 124, do I vol. publicado. Como sempre, os autores portugueses ignoram o que já há alguns anos se acha iniciado ou se acha feito no Brasil. Ladislau Batalha, em 1924, ignora existência das *Frases Feitas* que datam de 1908, e nem é provável que a crítica portuguesa lhe revele essa lacuna.

29  A essa conjectura que é realmente muito fantasista opôs um crítico os seus embargos, mas, como não apontou solução alguma, fica o que está escrito para desafiar espíritos mais argutos.

olhos injetados

é muito moderna e provavelmente veio de França donde cai toda a chuva.

Em outro tempo diziam *olhos encarniçados* – tanto dos tigres como dos das gentes quando vermelhos ou com rajadas de sangue. Os exemplos não rareiam, basta citar os que registra o Moraes lexicógrafo e ajuntar os do *Tesouro de prudentes* (ed. 1612) onde se encontram tratados excelentes e mezinhas para *olho encarniçado*, *olho quebrado* e outras espécies.³⁰

113. Outro modismo muito afrancesado e até errôneo é o da expressão *às invejas* – ou – *à inveja* – no sentido de à porfia, um depois de outro; vê-se que é o francês *à l'envie* mal traduzido porque *envie* (invidia) é inveja, mas em *à l'ènvie*, a palavra deriva de *invitare*. Em português seria *envidar* e *envide*.


Entretanto, a frase

às invejas

= um após outro, à competência, à porfia, é empregada por escritores que a julgam clássica ou vernácula.

Noite em claro

114. *Passou a noite em claro* – Diz-se para significar que não dormiu ou esteve desperto toda a noite. É expressão incompleta e, por isso, ao primeiro lance, quando examinada, pouco inteligível.

30  Da propriedade no castelhano da expressão – *olhos encarniçados* – escreveu Rufino J. Cuervo nas suas *Apuntaciones criticas* e depois dele M. L. Amunátegui Reyes nos *Anales de la Universidad* (de Chile), 1904.

A frase inteira é — passou a noite *de claro em claro* ou *de claro a claro*, isto é, desde o sol poente ao sol nascente, de crepúsculo a crepúsculo, e assim encontramos-la no castelhano, no *D. Quixote*:


Se le passavan las noches *de claro en claro*.

I³¹

Como exemplo vernáculo, damos o de Sá de Miranda, numa das suas éclogas:

Assi vanmente triste porfiando
 Dou volta à cama, abroelhos me atormentam
 De *claro em claro* o coração passando.
 Sá de Miranda I, 74 (ed. Roland., 1774)

Também significa — de uma *luz* a outra —, quando se fala de corpos que são traspassados.³¹

31  Com este sentido deve entender-se o exemplo de Barros, registrado em Morais:

saltou de *claro em claro* uma cêrca.

Não é sem propósito fazer notar aqui, já que a palavra (em claro e *as claras*) o sugere que a forma *as* nas locuções adverbiais — às claras — foi talvez sugerida pela ocorrência de palavras em *s*: *as sabendas* (por-a sabendas), *as escuras* por-a *escuras* — e consequentemente *as claras* por *a claras* ou *à clara*. É nota que ofereço ao estudo dos gramáticos. É certo que muitas destas locuções elípticas são do plural (as de V. Diogo, fazer *das suas*, aqui *são elas*), como também o é o conhecido fato de terem aparência de plural várias partículas nas línguas românicas (*guères*, entonces, entrementes etc.); entretanto, que da espécie citada a princípio há vários exemplos com a simples preposição *a*: *a penas*, *a duras* (arcaísmo) e outras.

VII

Não pôr pé em ramo verde. *Bóbilis* Nicolau. Pax vobis. Latim macarrônico. Aqui está o *busilis*. Candeias avessas. Deu no coco; ou, aqui torce a porca o rabo. *Quiproquó*. Há de tudo como em botica. A aflição do aflito; provérbios da antiguidade clássica. A ufa. Frade da mão furada. *Me fecit*. Casar a furto. A furta-lhe o fato. Dar o seu recado. Cada porco tem seu São Martinho. Fazer do queijo barca e do pão Bartolomeu. Fazer uma cruz e fazer cruzeiros. Os Cresos de antanho. Atrapalhar o capítulo. Enxovilhar. Uma tuta e meia. As frações na gramática popular. Mulher e melão.

Não pôr pé em ramo verde

II5. Diz-se hoje — *não põe pé em ramo verde* — quando se fala de sujeito seguríssimo e que leva as precauções ao extremo.

A precaução vulgar consiste em — *não pôr pé em ramo seco* — porque é claro que este pode quebrar-se, e a queda seria inevitável. E tanto era assim que escreveu Antônio Prestes no *Auto da Ciosa*:

Vós ciais-me das estrêlas
 Eu sofro-vos como pêco;
 Pregais-me frestas, janelas
 Eu *nem pé em ramo seco*,
 E inda sois tôda querelas...

Em ramo verde, é o cúmulo da providência; e foi a de Duriano, no *Auto de Filodemo*, de Luís de Camões, quando disse:

– Pois não creio eu em São Pisco de pau, se hei de *pôr pé em ramo verde*, té lhe dar trezentos açoites.

Filodemo, II, cena I

Mas essa interpretação é já fundada em metáfora. No outro tempo, e que era o destes poetas – o *pôr pé em ramo verde* –, havia especial sentido que era o de *sair à rua*, o de *ir à taverna* (ou à rua) na qual o *ramo* fazia de tabuleta e reclamo; e com esta inteligência é que se compreendem melhor os textos citados.¹ Tinha, pois, razão o poeta do *Auto de Rodrigo e Mendo*

– Dizei, músico cigarra,
Quereis vender a guitarra
Dar-vos-ei pera ir ao *ramo*.

No artigo *ram-ram* deste livro, já vimos o sentido do *ramo*, símbolo usual das tavernas e casas de bebidas.²

Bobis nicolau

II6. A locução não tem forma definida: *vobis*, *bobis nicolau* ou *bóbilis nicolau* ou ainda como queria o Dr. Castro Lopes nos seus *Anexins*: – *De bobus a nicolau*.

O Dr. Castro Lopes, fiel a seu preferido método que era o da invenção sem cuidado pela história, imaginou a frase latina – *nec obulus nec laus* (nem real e nem agradecimento) – que não existiu nunca; os romanos diziam *gratiae* (e não *laus*): *tibi gratias ago* ou *tibi debeo*. *Laus* não é agradecimento, mas honra.

1 ∞ As *barbearias* também punham o *ramo verde* pelo São João. Veja D. Francisco de Portugal – *Prisões e solturas de uma alma*, 19.

2 ∞ Entretanto, o *ramo verde* conserva talvez alguma afinidade com o “passarinho verde” dos namorados.

A expressão, em comum com o castelhano, é *bóbilis* e assim a empregava Quevedo, no sentido de “boba y tontamente”. O Morais registra o ditado com a forma *bobélbes*, mas o acento não pode ser na segunda sílaba; o sentido é o mesmo. Lança inteira luz, a meu ver, a passagem do Dom Quixote:

tome esse reyno que se le viene a las manos, de *vobis, vobis*.

I, 30

quer dizer, de graça e sem maior diligência da parte vossa, *para vós*. Se o povo juntou o Nicolau a esta boa fortuna de receber ou ganhar sem esforço, isto foi porque *Nicolau* é entre nós um termo de gíria que significa *níquel*, moeda de belhão tão vulgar como os vinténs de cobre.

Acresce que *nikel* ou *níquel* vale por pouco ou coisa nenhuma e era já tradição de negativa (*nihil*) na linguagem popular portuguesa, como se vê do exemplo de A. Prestes no *Auto do Mouro encantado*, 360:

– Sois de Baião?

– *Níquel*.

isto é, *não, nada*. Na farsa de cordel, o *Galego lorpa*, vê-se a mesma expressão:

– Quê? não tem dinheiro para pagar?

– *Nihil pro niquil*. Ai!

cena VIII

Pax vobis

117. No Brasil, a expressão de vários Evangelhos – PAX VOBIS! – passou a designar o pobre de espírito. “É um *pais vobis*”, diz-se do sujeito atoleimado, inútil e inofensivo. Parece que se tirou da paz que se deve a todos os homens: *Pax vobis!*

Assim era que os cristãos se saudavam: *Pax vobis!* à imitação do Cristo (*venit Jesus, et stetit in medio et dixit eis: Pax vobis!*); ainda perdura essa saudação na despedida: “vá em paz”.

No *Auto do Procurador* ocorre a locução:

Me não dão outro *pax vobis*
Cada dia por viandas,
Senão só santas demandas.


Obras, 129

É como se dissera: *não me dão outro bons dias*.


O modismo – *Livra!* – como para impor precaução e guarda contra qualquer indivíduo secante ou perigoso parece ser abreviadamente tomado do latinório do exorcismo: *Libera (me, domine)!* ou *Libera (nos a malo)*, da oração dominical.

E são várias as deturpações do latim na linguagem vulgar; é frequente encontrar na literatura a expressão *a par e passo*³ que é o latim *pari passu*. Na linguagem plebeia registrada nas *Enfermidades da língua* (1759) – *leva isto de victor amigos* presumo que se derivou de *inter amicos*.⁴ Latinismo pouco perceptível por se confundir com o português é a locução – *de fato* (de feito), visível melhormente no inglês onde a confusão seria impossível.

II8. Também, pelo contrário, muitas frases se tem procurado explicar com locuções latinas arbitrariamente e sem critério escolhidas. Como foi o caso da locução *candeias avessas*. Castro Lopes fazia derivar a frase – de CANDEIAS AVESSAS *cum deis adversis*.⁵

3  Como em Carolina Michaëlis, na introdução aos *Lusiadas*, da recente *Biblioteca românica* (Strassburgo); em Alberto Pimentel, na edição do Chiado e em outros muitos.

4  Li algures (nos seus *Studien?*) em Carol. Michaëlis a locução *victus & amicus*, como tomada de Santo Agostinho.

5  Basta notar que *candeia* era sinónimo de *vela*. “Como se conta de Cosmo de Médicus que mandava guardar os cabos das *candeias* (Dr. J. de Barros – *Espelho de casados*, fl. 25 v.). E ainda dizemos: “candeias de sêbo”. Trazer *candeias avessas* valia queimar as mãos, o que escusa a absurda frase latina. Lê-se a *Ropica*: “Que obra a candeia? Queima-se a si mesma”, 43.

119. A respeito da locução popular

Aqui está o *busilis*


Nas *Orações acadêmicas*, de Fr. Lucas de S. Catarina:

Fiquei muito satisfeito,
Da carta sem advertir
Que em quem a havia levar
É donde estava o *buzil*.

Oraç., 146

São quase todos concordes quanto à anedota donde procede. Um estudando ao traduzir o talho de frase *In diebus illis*, tomando as partes, como era costume nas classes do latim, verteu: *India*, as índias e *busillis...* e ficou no *busillis*.

Qualquer que seja o texto latino, o certo é que as últimas sílabas *bus-illis* constituem a dificuldade,⁶ e fica o intérprete na situação da-

6  O comentário de A. Faria, embora encerre explicação inaceitável e contrária à do português e espanhol, é interessante e curiosa:

“Nunca me satisfiz a explicação anedótica, que Castro Lopes homologou, não sei bem por quê, mas sempre suspeitei em *busillis* uma referência ao imaginário tirano de que fala Virgílio nas GEORGICAS, I, III, v.º 5:

“..... Quis aut Eurysthea durum
Aut illaudati nescite *Busiridis* aras?”

ou a Castilho Antônio:

“Quem há que de Eurysteu ignore as iras cruas?
quem, *Busiris* nefando, as ímpias aras tuas?”

Segundo a lenda, para caracterizar a inospitalidade egípcia, *Busiris*, em cujo nome se fundem o de uma cidade e o do patrono das terras banhadas pelo Nilo, era um rei crudelíssimo, que imolava todos os estrangeiros nos seus domínios.

Defrontar com o *Busiris* seria, pois, audácia louca, a breve ponto castigada pelo insucesso da empresa; e é natural que quem enfrentasse um perigo, já sem esperança de salvamento, exclamasse: Eis-me com o temeroso *Busiris* ou *Aqui está o busilis* (= *Busiris*).

quele que acerta na cabeça (a primeira parte do texto), mas deixa a cauda *sempre difícil de esfolar*.

Aqui torce a porca o rabo

I20. A este ditado popular — *aqui torce a porca o rabo* — se lhe tem dado interpretação indecente. O *rabo* do porco é torcido e mole e dele, como diz outro provérbio do adagiário de Roland, “*não se faz bom virote*”. No *Cancioneiro*, de Resende, falando da primeira noite de um noivo revelhesco, diz um trovador escarninho:

Dom Joam depois que ceiou
 Potages, pastes de pote,
 Um rabo de porca achou
 Que por muito que esfregou
 Não pôde fazer virote.

O erro ou a dificuldade está sempre na cauda ou no fim. Por isso é que no *Auto do Procurador*, a menina traduz o *summa fastigia rerum*;

Rerum não sei mas fio
 Darem-lhe sumo fastio
 E no *gia* ser *burrerum*.

Obras, 151

O símile é perfeito. E tê-lo-ia em mente Filinto Elísio, quando, servindo-se de forma que condiz com a minha conjetura, pôs à pág. 100 do t. I das OBR. COMP., ed. de 1817, rubricada de seu próprio punho:

“Aqui é o grão *busiris*, que embetesga
 O mais agudo e perspicaz miolo.”

Buzil, como se vê na quadra de fr. Lucas de Santa Catarina trasladada, não consta dos dicionários. Talvez ele grafasse *buzir*, encurtando o vocábulo pela necessidade da rima com *advertir*. Faltam-me as ORAÇÕES ACADÊMICAS para proceder no momento a conveniente verificação.

A frase *Aqui está o busiris* ou *busilis* constitui produto literário vulgarizado: não emergiu feita do seio do povo, a meu fraco entender.

Quiproquó

121. Significa equivocação ou troca de uma coisa ou pessoa por outra muito diversa. A origem desta expressão já declarei em uma das anotações que ajuntei à *Arte de Furtar* (edição Garnier). O *Quiproquó* era um livro dos boticários ou farmacêuticos onde se enumeravam aos pares os símplices de propriedades mais ou menos equivalentes e que podiam ser substituídos uns pelos outros em caso de necessidade. Já se encontra e depara este uso nos tratados de médicos dos séculos XII e XIII.

A frase, todavia, não é correta, e era, como deve ser, *quid pro quò*, o que a torna mais inteligível. Encontramo-la nos *Contos*, de Bonaventure des Periers (séc. XVI), quando diz – Nov. I: “Ah mes filletes, ne vous y fiez; ilz vous tromperont; ilz vous feront lire un *Quid pro quo*”. A substituição dos medicamentos natural ou abusivamente degenerou em enganos, e a frase se tornou proverbial.

122. Por essa liberdade de substituições é que se tornou proverbial o ditado

Há de tudo como em botica

porque na botica a química ou o *quid pro quo* a tudo satisfazem. E é o caso de dizer como o poeta da Academia dos Anônimos de Lisboa, na sua ode burlesca aos boticários

A química ciência
Tirárá desta rosa a quinta-essência,
Coadá pelos diques,
Que Apolo larga pelos seus lambiques
Nostris Pharmacopolis

A poderão vender por *Rosa solis*,
 Desta de Febo Academia rica
 Onde *todo lo ai como en botica*.

Progr. dos Anônimos, 286

Médicos, padres e doutores versavam uma só língua científica que o povo esfarrapava nas frases que desciam ao uso comum.

Em vários lugares destes estudos encontramos vestígios de alterações tais.

O Concílio de Trento concedeu que se rezassem em romance as orações sempre rezadas deturpadamente em latim. O povo não conhecia o latim e, por isso, dava interpretações errôneas e adulterava comicamente o texto. Da época anterior ao Concílio ficaram sentenças, traduções ou corruptelas que figuram numerosas nos poetas cômicos e na linguagem popular. Para exemplo:

Não aumentar a aflição ao aflito

provém do texto mais exato: *Afflictis non est danda afflictio*.

No *folclore*:

Domino vobisco
 Peixe com marisco

O modismo *por que cargas-d'água*, que em outro lugar explicamos, pode ser que fosse motivado pela assonância — *per quam causam datam?* — que era uma das fórmulas de inquirição, como se vê na variante de Gil Vicente, no *Auto das Fadas* (III, 99):

— *Per quam regulam* diremos?
 — Porque mui certo sabemos.

Da mesma fórmula serve-se Antônio Prestes, no *Auto do Procurador*:

Per quam regulam vos val
Tomardes-me com meu mal

Obras, 128

– As exclamações “num Credo” ou num “*Santiamen*” (Innomine... S. Sancti. Amen) *Ave Maria!* (fórmula de espanto) são todas latinas.

Nas *Enfermidades da língua*, de M. Paiva, foram registradas várias: o *Timebunt gentes* (pau ou cacete), o badameco (*vade mecum*), casa de *orate frates*, leva isto de *victor amigos*, já citados há pouco, um *cuadóre*, etc.

123. O *cuadóre*, codório ou pinga, tomado impiamente do latim da missa (*quod ore sumpsimus*) tem origem semelhante à de *eau de vie*, tomada aos Evangelhos:

Et qui vult accipiat
aquam vitæ gratis.

Apoc. XXII, 17

Destas expressões, as mais interessantes foram estudadas aqui ou ali, neste livro.

A estas formações que são genuinamente vernáculas haveria que juntar os vestígios de provérbios e ditados eruditos transmitidos pela literatura ou pela educação greco-latina dos primeiros tempos da cultura moderna. Não está no nosso programa estudar essas locuções heleno-latinas que transparecem nos escritores e muitas delas recentes e até recentíssimas quanto ao aforamento e entrada no português, graças às *Floras* retóricas e aos degraus do Parnaso, e a outros jardins, hortos e pomares já mirrados e murchos. Tais são entre inúmeras: *Amicus certus in re incerta cernitur* (de Ennio) – *Ubi uber, ibi tuber* – *Inter calicem et os multa cadunt* (vinha do grego; *da mão a boca...*) – *ab ovo*; e assim a *Cassandra*, o voto de *Minerva*, os *gansos* do Capitólio, etc.

A Ufa

124. É curioso notar quanto se esbofaram os etimologistas de outro tempo para achar o significado da expressão.

Minucci diz que outrora certos empregos que não eram pagos a respeito de outros se faziam distinguir com a nota *ex. off. (ex officio)* e daí veio a *ufo* no italiano; mas Zeferino Re opõe que no Pontificado de Leão os materiais e outras coisas destinadas à fábrica de S. Pedro, que então se construía, eram carregadas em veículos que traziam a letra A. U. F. (*ad usum fabricæ*) e conseguintemente a *ufo*, porque não haviam de ser poucas. E não é muito que errassem quando o grande Diez não acertou.

A expressão é gótica *uffjō*, que quer dizer abundância (cf. *oft, often*), e da mesma fonte são *ufano, ufanía* nas línguas romanas.

Frade de mão furada

125. O *frade da mão furada* é um mito popular, entidade fantástica e terrorizante que simboliza o *pesadelo*.


Faz companhia aos seus congêneres, ao *curupira* no Brasil, aos *lobisomens, mulas sem cabeça* e aos inúmeros trasgos que engenharam a imaginação e o medo.⁷


Em alguns lugares aparece o frade demoníaco com

... a *mão furada*

E a unha *revirada*⁸

Temos desse duende constantes referências na literatura. Está em A. Prestes e na *Fênix renascida*, em um romance de Dom F. Manuel.

7  Constitui o entrecho do romance de Antônio José, o *Judeu*, publicado no seu *Teatro* (ed. Garnier).

8  Veja – *Tradições pop. de Portugal*, de Leite de Vasconcelos, 287 *sequ*.

Nisto em fim passava o dia
 Vinha a noite, ia-me a cama,
 A esperar Apolo em trajés
 De *frade de mão furada*.

Em Sá de Miranda:

É verdade do pesadelo que tem a *mão furada*?
Vilbalpandos, II, 6

Em Simão Machado:

– Se é êste o da *mão furada*?
 – Vêde-lo?
 – Não vejo nada.

Alfêa, I36

O modismo é talvez uma variante semântica da outra locução: *não fiar de frade* (que se entregou ao mundo).

Diz a sentença bíblica que *apoiar-se em socorro humano* é como o *firmar a mão no caniço e fica com ela furada*.

Mas não é daí que provém; o aleijão acompanha todos os trasgos; são todos disformes e monstruosos.

Mão furada é o mesmo que *mão quebrada* porque este era o velho sentido do adjetivo.

Daqui dizem as moças solteiras quando motejam dos casados: que têm os *giolhos furados* porque por mais forte e robusto que um homem seja tanto que é casado quebra toda sua condição.

Dr. J. de Barros – *Espelho de casados*, fl. II, V.

Me fecit

I26. Sempre se diz do lugar para onde alguém se escapa com pressa e prazer: Bahia *me fecit*.

É um desabafo do fugitivo e foi, sem dúvida, tomado de um texto bíblico:

Ecce elongavi fugiens et mansi in solitudíne: hic expectabo cum qui salvum *me fecit*.

Outra fórmula existia e provavelmente mais popular e foi, sem dúvida, a que deu origem à locução. Vemo-la na *Eufrosina*:

Com *Marcus me fecit*, na cinta para me pôr *al tablero de la muerte...*

fl. 14 v.

Aqui parece indicar a marca de fabricante de cutelaria.

Na literatura de cordel do século XVIII a expressão é sempre repetida. No *gracioso* entremez *O Doido feito por força*, diz o velho Pafúnfio (cena I):

Era o que me faltava se algum dêstes Petimetres me chupavam o dote da minha querida pupila; miseráveis vinténs! Em que êles seriam gastos? Isidro *me fecit*, lojas de bebidas, casinhas de bilhar.

O *Isidro* devia ser uma destas “espeluncas do vício”.⁹

Outras vezes, parece menos figurado e mais literal o significado, como na *Feira de Anexins* (pág. 39), de Dom Francisco Manuel:

– Irra! Não o digo eu? Pulha *me fecit*.

Veja-se a nota do *Suplemento*.

9 ☞ Ainda indicando o lugar para onde – encontram-se dois exemplos nos *Progressos dos anônimos*. “Academia *me fecit*, diz a gente” (pág. 16) e outro exemplo, à pág. 26.

A furto e furtar

127. São muitas as expressões tomadas deste verbo sempre comum nos lugares em que não se fala em corda.

Em outro tempo dizia-se – a FURTA-LHE O FATO – que era vestir o alheio com risco de o despir na praça.

“Tal era o primor daquele tempo (diz Diogo do Couto) que não queriam aquêles capitães honras em prejuízo uns dos outros; o que hoje é bem ao contrário porque todos andam, como lá dizem, a *furta-lhe o fato*.”

Vida de D. Paulo – VII

Na sua célebre carta que havia de ser traduzida para o italiano, o cavaleiro de Oliveira, escreveu:

O que eu quero, ainda que *a furta-lhe o fato* é que V. S. me perdoe...

Cartas, I, 161

Outra expressão que já se não usa era o CASAMENTO A FURTO, donde descenderam os hoje imaculadíssimos Furtados. O *casamento a furto* já estava nas leis e era, bem se entende, clandestino; dele falam os escritores antigos:

Fernando, êsse teu damado,
Casava comigo *a furto*

Gil Vicente – *Obras, II, 423*

Qué te hizo el casamiento?
Es tormento
Que se da por algum hurto?

Ibid. I, 39

E diz que a não quer por nora
 E seu pai ser assi
 Porque se *casou furtada*.

Ibid., I, 125

E em Antônio Prestes:

Que quando *casados* são
 Peão como Peão
A furto de padre ou madre...

Obras, 250

No século XVII em Serrão de Crasto:

Enfim decretam *casar-se*
 Entre ambos a dois a *furto*.

Acad. dos Sing., II, 89

Nas comédias de J. Vasconcelos é sempre frequente: “Casou-se a *furto* com a filha de um fidalgo”. *Eufrosina*, fl. 209; “se me casou a senhora a *furto* com o filho de Heitor”, fl. 214.

Dar o seu recado

128. O sentido desta locução alterou-se no correr do tempo. Nos antigos clássicos *recado* é a conta, minuciosa, ou os materiais para a execução; e *dar recado* era ministrar esse serviço ou responder por ele. “*Deu bem o seu recado*” queria dizer “contribuiu com a sua parte auxiliar”. *Recados* para construção de um edifício, para o ofício da missa, eram os materiais, pertences e objetos empregados naqueles serviços.

Hoje *dar o seu recado* é de ordinário dizer qualquer coisa, levar um informe, fazer um discurso de obrigação, etc., porque *recado* mandado, recomendação verbal ou escrita são hoje sinônimos. O *recado* é uma

carta mais breve ou de menos importância e que, por isso, pode deixar de ser escrita.

Cada porco tem seu São Martinho

129. O provérbio aplica-se quando há certeza de acontecimento que, todavia, pode estar longe. Cada um terá o seu dia de boa ou má fortuna, tarde ou cedo.

Rides dos mal vestidos, e para *cada porco há seu São Martinho*.
Ninguém cuide que arrepica em salvo, que a desventura sempre espregueira e vem não cuidada.

Aulegrafia, 90

A explicação conhecida é que no dia de S. Martinho é costume e usança matar um porco, e que, portanto, fiquem os suínos de sobrevivo porque *cada porco tem seu São Martinho*.

Não acho que a explicação seja muito satisfatória, muito embora se matem porcos pelo S. Martinho. De muito maior rigor será matá-los pelo *Sant'André* porque também diz o rifão, registrado nos adagiários portugueses (col. Roland., 222):

Dia de Santo André quem não tem porco mata a mulher.

E é mesmo provável que aos míseros porcos ainda restem outros dias de sacrifício, que só espera a engorda variável com os climas.

Sem contestar o costume dessa matança, creio que o sentido será de que São Martinho os fará melhores, e lá virá um dia que não sejam porcos. Porque, na lenda medieval de São Martinho, este santo sarava os doentes ainda contra a vontade deles. O que fazia com que os falsos mendigos com suas ricas chagas fugissem a todas as gâmbias do santo, por não perderem o emprego.

A lenda acha-se nos autos medievais e em Rabelais. Em um dos antigos *Mistérios* da vida do santo, dois miseráveis, um cego e um coxo, este às costas daquele, dão às de vila Diogo ao avistá-lo:

Cours tost, cours tost sans arrester

– Je ne te puis plus soutenir.

– Tu as grand envie de guarir,

Je le voy trop bien maintenant

– Non ay, sire, par mon serment

Guarir ne voudroye jamais!

(reimpr. por *Sylvestre*, 1841)

Demais, nos rifões populares o *porco e porco sujo* é o diabo que lá terá razões para fugir de S. Martinho que afugenta o porco e sara *alporcas*.

Fazer do queijo barca e do pão Bartolomeu

130. Outros dizem. – *Não fazer do queijo*, etc.

O provérbio está registrado nos adagiários mais antigos de Delicado (1651, pág. 132) e da coleção rolandiana (1780), e provavelmente por imitação ou cópia em obras mais modernas.

Não é mais usado porque se tornou obscuro. Para perfeita inteligência do rifão é de mister lembrar que São Bartolomeu, mártir, foi esfolado pelos perseguidores do cristianismo.

Fazer do queijo barca é comer-lhe o miolo; e, ao contrário, *fazer do pão Bartolomeu* é tirar-lhe a pele ou cõdea. Insinua-se, pois, que no pão o melhor é a cõdea, e no queijo, ao contrário, é o miolo.

Não é inútil acrescentar ainda que a palavra *Bartolomeu* ou porque lembrasse aquele esfolado do martírio ou porque contenha as sílabas que recordam o vocábulo *tol*, foi mais ou menos empregada por ironia contra os papalvos.

Diz Antônio Prestes no *Auto do moiro encantado*, pág. 371.

Aviado estivera eu
Com hóspede às costas minhas!
Já não há *Bartolomeu*
Que seja aberto no seu

Onde também transparece o remoque do provérbio.

Pode fazer uma cruz e fazer cruzes

131. Diz-se *fazer uma cruz* renunciar ao que se espera, mormente se é receber dinheiro ou cobrar dívidas aos insolventes.

A expressão provém de costume antigo, e ainda novo nas escritas comerciais mais simples, de cancelar as partidas de débito, cortando ou riscando com perpendiculares as linhas escritas cruzando-as, o que significa simbolicamente que está pago. Desde que *fez cruzes*, o negociante confessa que está quite o freguês.

Comprova-se com o uso geral de quase todos os povos e, por exemplo, no italiano numa das comédias de Cecchi:

... un po de debito
Che io ho seco...
– Débito?
– Si certi
Danar, ch'i'ebbi quando apersi il trafico:
Egli ha più volte deto voler *farmici*
Una croce.

Riv. A. II, cena 3

O autor da *Arte de Furtar* (n. 68, da ed. Garnier) faz vários trocados e equívocos com aquela expressão:

“E como no tempo de figos não há amigos, assim no tempo da paga; porque além de que nunca mais lhe *cruzou* a porta manda-lhe dizer que lhe há de *cruzar* a cara. E o pobre do homem para que lhe não paguem com *cruzes* os seus *cruzados* dará outros seis mil...

Por este excerto se vê que já na *Arte de Furtar* se confundiam duas locuções que, aliás, poderiam ser aplicadas ao mesmo objeto e pessoa:

FAZER CRUZES (cancelar a dívida)

FAZER CRUZES (esconjurar o diabo com o sinal da cruz)

Neste último sentido há a fórmula de esconjuro mais sintética: CRUZES!

Os Cresos de antanho

132. Os Cresos da idade moderna não passaram nunca despercebidos.

Na literatura de antanho, por séculos durou a fama dos *Mendes* ou de *Heitor Mendes*, como o do homem mais rico e poderoso do outro tempo.

Antes dele, para toda a Espanha eram os milionários alemães os FUCARES, que desde o século XVI ao seguinte deram a chuva e o bom tempo.

Os *Fuggars* ou *Fuggers* eram suíços estabelecidos em Augsburgo e no tempo do império de Carlos V envolveram-se nos negócios peninsulares. Dele falam proverbialmente todos os escritores, Cervantes e Quevedo. Na literatura portuguesa há um ou outro vestígio, como na *Aulegrafia*:

Não há coisa que chegue a isto; vão bugiar os *Fucaros* e quanto trato há em Trapizonda.

fl. 41-v.

E ainda em outro lugar:

E eu digo-vos que mais queria ser caixeiro dos *Fucaros* que todos êsses primores.

fl. 165-v.

O EYTOR MENDES é mais recente. Está registrado algures nas *Enfermidades da língua* e nas *Cartas* em Apêndice ao *Divinos e Humanos*, versos de Dom Francisco de Portugal:

Isto vai tocando de cartilha de Mestre Inácio e para quem anda entre as fontes do prado por onde tantas rebuçadas vão, igual fora contar-lhe o *dinheiro de Eytor Mendes* que é para elas o melhor Ovídio de Arte amandi.

Pág. 41

Veja ainda o *Suplemento*.

Atrapalhar o capítulo

133. São comuns as frases: – atrapalhar o capítulo – estragar o capítulo. O sentido (que ao primeiro exame é de interromper a leitura) é intervir uma pessoa em negócios que lhe não dizem respeito com o fito de os inutilizar ou impedir.

A frase vem registrada nas *Enfermidades da língua* (ed. de 1759) como plebeísmo que se deve emudecer conforme o conselho do autor; mas é muito mais antiga. No *capítulo* ou *cabido* das comunidades religiosas é que se faziam as acusações ou repreensões que por mais graves haviam de ser públicas; daí a forma *chamar à capítulo* ou no espanhol *llamar a capítulo*, isto é, *llamar a cuentas*. Ainda no Morais encontramos o *dar capítulo*: formular, enumerar as acusações que há contra qualquer criminoso. Cf. *capitular* crime, *capítulo* das acusações, etc.

Na frase primitiva, conseguintemente, atrapalhar o *capítulo* era perturbar a assembleia ou tribunal.

Enxovalhar a reputação

I34. A quem quer que estude a etimologia de *enxovalhar* (sujar, enlamear), logo ocorre a verdade origem *ex-pluviale* ou *ex-pluvia*, como de *ex-aqua* se derivou enxaguar, nas formas verbais daí derivadas.

Mas creio (se não excesso de fantasia) que houve a interferência semântica de outro sentido e de outra palavra diversa, a de *enxoval*, tomada ao árabe *ax-xuar*, o dote do casamento, alfaias, vestidos e dinheiro que leva a noiva.

Foi sempre lei ou costume dar um dote como indenização e remédio tardio a algum erro grave, e num caso destes, *enxoval* e *enxovalbo* pouco se distinguiriam; só assim se explica a preferência com que *enxovalhar* se aplica a amores e à reputação ou ao bom nome.

Na *Eufrosina*: “*enxovalhar-se com amores de mecânicos*”. Moraes inclui este exemplo e a definição de desonra pela prostituição.

Hoje o casamento desigual passa por *enxovalbo* da família; e a qualquer erro de inconstância por parte da mulher, antes honesta, ocorre sempre a mesma expressão.

Parece que *enxoval* tinha o mesmo sentido de marido ou noivo.

Eu noite e dia cansando,
e renegando
por lhe ganhar um real,
e o negro *enxoval*
anda por hi passeando

Uma tuta e mea

135. A *tuta e mea* é a paga insignificante que se deve por pequenos serviços e não há língua mais rica nessas liberalidades fracionárias e nesses belhões e miúdos monetários que a nossa: gajes, gorjeta, saguantes, luvas, revoras, percalços.¹⁰

Mas a *tuta e mea* é quase nada, e é lembrada exatamente no momento em que não convém declarar o preço e não afrontar o freguês.

– Custa uma *tuta e mea*.

Convém refletir em que a *tuta e mea* é a despesa que acresce à principal.

“O cavalo custa um conto de réis, e os arreios uma *tuta e mea*.


“A missa é tanto ou quanto, e ao sacristão dá-se aí uma *tuta e mea*.”

Este último exemplo é a primeira fonte, ao meu parecer, donde derivou a locução. A *tuta e mea* é a espórtula sempre menor do sacristão e é um latinório *macarroneado* das primeiras palavras do sacrista no ofício da missa.

Efetivamente o padre diz ao subir os degraus do altar:

– *Introibo ad altare Dei*.

Ao que responde o sacristão engrolando e só dizendo claras como de costume as últimas sílabas:

10  Algumas destas expressões são notáveis: *percalço* queria dizer ganho ou vantagem e hoje significa ônus e espinho; a *luva* parece uma espécie de oposição a *meias*, que é a metade dos lucros nos contratos, e é curiosa a aproximação dos dois termos no *Anatômico Jocos*, atribuído a Fr. Lucas de Santa Catarina:

Com uns iam de *meias* e a outros levavam de *luvas*; com uns ajustavam contas com extremo...


Pág. I6 (da *ed. cit.*)

Luvas ou *meias* serviam de bolsas. Tratei do assunto no livro (inédito) *Lendo o dicionário*.

– *Ad Deum qui lætificat juven*TUTEM MEAM.

A letra única que se percebe do rosnar do acólito é o *tutem meam*.

Também é o que lhes pagam. Custa uma *tutem meam* ou uma *tuta e meia*.¹¹

II  Gonçalves Viana, nas suas magníficas *Apostilas* II, 514, diz que a locução deriva de “uma *macuta e meia*”; *macuta* é uma moeda africana que corre na África ocidental e de ínfimo valor. Essa etimologia não me parece aceitável. Poder-se-ia dizer “*uma macuta*”, moeda, aliás, desconhecida em Portugal e no Brasil; mas é inexplicável que se diga *macuta e meia*.

Do latim da missa, conforme já mencionamos, tomou o povo várias expressões como *pax bobis, codório* (*quod ore sumpsimus...*), *quadore*, nas *Enferm. da língua*. É inexplicável, dissemos acima, porque a fração na gramática popular dá mais intensidade a todos os valores: *volta e meia*, vale mais que duas ou três voltas; *pedaço de asno*, mais que asno inteiro; *macuta e meia* significaria para cima de algumas *macutas*, com a intenção de aumentar e não diminuir o valor.

Em Simão Machado:

- Tem esta cal muita areia
- Não liga de muito forte
- Geitai-lhe mais *Tanga e meia*

Comédias, 91

tanga é moeda e também medida, e aqui a frase tem o sentido de *Jeitai-lhe muito mais* ou *o que baste*. É neste sentido de *Tanto quanto seja preciso*, dado pela fração que dizem os provérbios: A velhaco *velhaco e meio*, etc.

Notemos, de passagem, que assim como a ênfase na gramática popular dá à fração um valor maior que o da unidade, também empresta a *tudo* o sentido de parte menor ou menos importante:

- Com *mentiras e tudo*
- Os ladrões levaram os *dinheiros e tudo*
- onde *tudo* é o menos, o restante que pouco vale.
- Os diligentes são como as gaiotas, levam *tripas e tudo*.

Aulegrafia, 91 v.

Alguns fatos da gramática popular acham-se estudados no belo livro de Júlio Moreira, neste momento inédito, e cujas primeiras folhas apenas impressas me foram comunicadas gentilmente pelo autor e pelo editor A. M. Teixeira, de Lisboa.

Outras explicações de *tuta e mea* foram dadas por Sílvio de Almeida, A. Faria e Raul Soares – engenhosas, mas ao meu parecer inadmissíveis. Transcrevê-las seria inútil prolixidade.

Mulher e melão

136. Há o anexim que está registrado na coleção rolandiana: *Mulher e melão são maus de conhecer*. Esta fórmula não é popular e é já um eufemismo de outra brutal e grosseira que é a mais comum:

A mulher e o melão o calado é o melhor

137. O provérbio ainda se repete graças ao equívoco da palavra *calar* que aparenta o sentido de *guardar silêncio*, mas que efetivamente tem o significado antigo de aprofundar, fender, abrir (como ainda hoje no uso da navegação: o *calado* dos navios; *cala* cinco pés, etc.).

E porque os *melões* são maus de conhecer, só *calados*, isto é, feita a cala ou a fenda poder-se-ia dizer se são realmente bons.

O rifão anuncia, pois, que as melhores mulheres são as já experimentadas. E neste sentido é que se há de entender o adjetivo *calado*.

Antônio Prestes, no *Auto da Ciosa*, repete disfarçadamente o provérbio:

Faça Deus molher melão
E casar-se-á homem à *cala*.

E nos versos anteriores deixa explícito o sentido:

Vós tereis tal confeição
Que bom fôra experimentá-la,
Mas eu, senhora, agora não.
.....
Minha molher se alguma ora
Em solteira amantes tinha,
Era então sua e não minha.

E em Gil Vicente (II, 422), alusivamente:

– Já teu pai tem dada a mão
 E dada a mão, feito é.
 – Pardeus! dar-lhe-ei eu de pé,
 Como a casca de melão.

O poeta opõe a *mão* a ideia de *pé*, dar de *pé*, tomar *pé* = achar fundo.
 No século XVII, A. Delicado – (*Adaj.* I 33) colheu o anexam mais decente e antigo:

Mulher e cachorra a que mais cala é a mais boa.


Evidentemente deste e do ditado *calar el melon* (no castelhano = buscar, conhecer as pessoas), *calar o melão*, experimentá-lo, é que se formou a frase equívoca.

Outros dizem e com intenção diversa – CALÁ-LO QUE É MALÃO – isto é – mau grande, e assim foi registrado nas *Enfermidades da língua*, de Silvestre Silvério.¹²

O satírico Serrão de Crasto, com a sua má língua, escreveu:

Que há muitas frutas que são
 De segrêdo mui *caladas*...

Ratos da Inquis., 156

12  Pseudón. de Manuel J. de Paiva – 1759 – pág. 114, obra a que já nos temos referido várias vezes.

VIII

São Pero Gonçalves e os santos na linguagem popular, antiga e moderna: São Pisco, São Bico, São Coelho e São Nunca. Correr Ceca e meca e olivais de Santarém. Alimárias: entre o lobo e o cão; gato e lebre; cobras e lagartos. *Histórias e facécias*: a fé e o pau da barca; João Topete; a água o dá, a água o leva. Não há mais Flandres. Dar em pantana. Em casa de Gonçalo... Panos quentes; papos quentes. *Um punhado de conjeturas*: pássaro bisnau; comeu queijo; entrou o bispo; marmanjo. Levar tábua. Chegar ao rego. Andar à gandaia. Às três o diabo a fez. Comigo é sete; onze letras. *Frases da Bíblia*, etc.


São Pero Gonçalves ou o São Telmo

138. Ao fogo-fátuo chamavam os marinheiros portugueses *São Pedro Gonçalves*, assim como *San-Telmo*, que era e é o nome que lhe dão os italianos.

Os navegantes, diz-se na *História Trágico-Marítima* (ed. Moderna, II, 128), tanto que viam a exalação ígnea, acudiam ao convés a salvar com grandes gritos e alaridos, clamando: *Salva, salva, corpo Santo*. E faziam-no pela devoção que tinham ao beato Santo Frei Pero Gonçalves, advogado das tormentas do mar.

Em terra e no porto de Lisboa era costume, entre os marinheiros, festejar o santo e levá-lo a Enxobregas, enramado de coentros, entre folias e danças.

Na *Arte de Furtar* também se fala de S. *Pero Gonçalves* e do *Santelmo*.¹

1  “Não sendo *Santelmo* nem *São Pero Gonçalves*”, n.º 115 (cap. XXXVIII), da ed. Garnier. Nesta edição, indico a antiga história referente a Santelmo, relatada por Jer. Ruchello e reproduzida na *Escola decurial* de Fr. Fradique Espinola – Lisboa, 1699, tomo VI, pág. 90.

Na *Eufrosina*:

São Pero Gonçalves bento nos apareceu no masto em candelas e acudiu-nos...

fl. 71 v.

A lenda de S. Pero Gonçalves oferece um exemplo ou anedota que ilustra a relação que há entre o fogo inócuo que aparece no mar e o de uma fogueira em que foi metido o santo.

Ei-la como a reconta Pedro José Suppico de Moraes na sua *Coleção moral de Apophtegmas* (Lisboa, 1720):

Tentada pelo demônio certa dama igualmente bela que desonestista, mandou chamar ao *Beato Fr. Pero Gonçalves*, religioso dominicano, cuja opinião de virtude então florescia, que por serviço de Deus lhe desse uma palavra em sua casa.

Foi o bom religioso sem a mais mínima suspeita. Tanto que a dissoluta mulher o viu, começou com copiosas lágrimas e suspiros a descobrir-lhe o intento; repreendeu-a o Padre afeiando-lhe a culpa e buscando todos os meios necessários para convertê-la. Porém vendo que instava na malignidade, lhe disse:

– Senhora, já que não basta o temor de Deus para vos tirar deste propósito, fazei o que quiserdes; mas será bom que primeiro busquemos lugar acomodado.

Era o tempo de inverno e estavam diante de uma grande fogueira; lançou-se o santo dentro do incêndio, dizendo-lhe:

– Para pôr por obra os vossos caprichos infernais, não vi leito mais próprio que este de fogo! se me quereis fazer companhia aqui me tendes.

Caiu esmorecida com esta vista a desgraçada mulher e aos seus gritos acudiu gente que tirou ao Santo das chamas, e ela tornando em si, mudou de vida.

Col. de Apot. II, 221

O *fogo-fátuo* purifica como a fogueira de São Pero Gonçalves e anuncia violenta inversão para a bonança. Em geral, são duas chamas e parece que uma persegue a outra: símile da milagrosa aventura.

Santos burlescos

139. Muito se abusou do hagiológico verdadeiro ou fantástico na linguagem popular.

Outrora era costume apelidar as moléstias com os nomes dos Santos que, segundo a lenda de seus milagres, as haviam sarado. Desta circunstância tiraram

a dansa de São Guido
o mal de São João
O fogo *Santo*

o mal de *Lázaro* e a *lazeira*.

E hoje ainda chamam de *perna santa*, por alcunha, ao sujeito que tem qualquer chaga ou doença grave nas pernas.

Por motivos análogos chamaram de *santos* aos símplies aproveitados na terapêutica antiga, e não é raro encontrar por ironia o abuso deste expediente nos poetas antigos, como no *Auto dos dois irmãos*, 241:

Não me vêdes vós quando entro
Se sou torto ou aleijado,
Se enjelhado!
Pois, pezar de *São Coentro*
Como vou nem como *entro*.

E no *Auto do mouro encantado*, 403:

Pese a *São Pote*
Tomai lá.

E o Chiado emprega *São Palo* para designar *São Pau*, remédio às vezes infalível:

Atentai no que vos falo
 Senão crêde que *São Palo*
 Há de andar como sabeis.

Deve ser o mesmo santo, o SÃO PISCO DE PAU a que se refere Camões no auto de *Filodemo*:

Pois não creio eu em *São Pisco de pau* se hei de pôr pé em ramo verde, té lhe dar trezentos açoites.

At. II, cena I

A mesma locução ainda se depara na *Fênix Renascida* (da 2^a. ed.)

Por *São Pisco* dum pau velho
 Que folgarás de me ver.

W. Storck, na sua grandiosa tradução do Camões (*Sämmtl. Ged.*), procura aproximar esta jura de *S. Pisco* a um dos antigos santos do hagiológico, *Pisseus* ou *Cipisseus*, da Grécia; a conjectura não tem fundamento aceitável. O *São Pisco de pau* é uma locução mais ou menos arbitrária modelada sobre a *pisa de pau*, ou *uma pisa* que ainda hoje é corrente e equivale a *sova de pau*; (pisco = bocado).

Usavam os pastores as fórmulas: *São Comigo* e *São Contigo*, quando qualquer chegava e se vinha juntar, o que equivalia a uma saudação:

Na *Prática dos três pastores* ao entrar um que tange:

A não praja a *São Comego*
 Como tu vens tanjedeiro!
 Tanjes já como gaiteiro!

A outra forma *Contigo* depara-me o antigo auto castelhano *A. del Repe-lon*; também entre pastores quando entra um estudante, pessoa odiada:

- O pesar de *San Contigo*
- Pastores porque reñeys...

fl. VII

Carolina Michaëlis, na edição da *Prática*, acima citada, não logrou atinar com o sentido que, creio, é o que eu dou; o *São Comigo* e *São Contigo*, a meu ver são fórmulas de *boas-vindas* e traduzem o *Dominus tecum, mecum* ou *vobiscum*.

Por ironia e constraste talvez com o *Espírito Santo* que se simboliza com uma ave, aparecem os santos ridículos da fauna:

Na *Barca do Purgatório*:

oh renego de San Grou
E de San Pata do céu.

Grou (ou *Jão Grou*), no mesmo auto de Gil Vicente, é o diabo.

Não é menos ridículo o *São Pote* (*A. Prestes*, 403) e o pregador SÃO COELHO tão conhecido do *folclore*:

Sermão de São Coelho
C'ó as suas botas de cortiça...

É a este que se refere Dom Francisco Manuel em uma de suas quintilhas:

Essa minha petição
Que a vós dou, não ao Conselho.
Lá tem coisas de sermão,
E é enfim, se é pregação
Pregação de São Coelho.

Obras métricas II, 209

O *São Coelbo* para o povo é o murmurador que tem dentes ainda piores que os do voraz herbívoro.

Outro Santo não menos célebre é o SÃO SEREJO, que não tem dia no Calendário, e é o companheiro inseparável do *São Nunca*.

Pagar no dia de S. Nunca e São Serejo à tarde.

Tudo ao fiado e que ponha tudo em receita para os quartéis dos juros, que há de cobrar dia de São Serejo.

Arte de Furtar, n. 67, cap. 23

No castelhano *San Ciruelo* tem o mesmo emprego e sentido, e como se dissera *São-Tolo* ou *São-Paspalhão* (registr. nas *Enferm. da língua São-paspalhão*).

A *Salsa de São Bernardo* ou a “*melhor mostarda é a de São Bernardo*” (Portugália, I, 487) existe em quase todas as línguas do ocidente e explica-se com um trecho da carta do Santo a Roberto: “*Satis est ad omne condimentum sal cum fame.*” Ao que comenta Monosini: “*Hic enim Sanctus jejuniu fere quotidiano indulgens, occasionem dedit proverbii.*”

A impiedade tem os seus conformes; às coisas úteis ou fortes quando não canoniza santas, eleva-as pelos menos à senhoria:

– Tem razão por *Santiagoa*.

– Pois por *Santivinbo*...

Prestes, 340

– Passar com *senhor* Biscoito.

Ibid., 189

E como ao “*calar chamam santo*” (veja este provérbio neste livro) também o silêncio é SÃO BICO:

Sabei que serei por elas um *Sambico*, se cumprir.

Eufrosina, I, cena I

A palavra tomou um sentido torpe da mesma sorte que *Salvanor* — uma e outra envolvem silêncio ou escusa e indicam lugares do corpo que, sem a liberdade e gravidade dos anatómicos, não se podem apontar.

Na linguagem de hoje diz-se e vem do tempo dos hereges e da Inquisição, que um *colarinho*, p., *não está lá muito católico* (não está bem; a *censura* não deixa correr, não está limpo, merece fogueira).

E Sá de Miranda com outros diziam (Comed. *Estranj.* 154, da ed. de 1784) que o homem devia ser *evangelho*.

Outras alusões ímpias são frequentes nos antigos poetas. Uma paródia ao *sicut dolor* da Verônica depara-se no *Cancioneiro geral*:

Ó vos todos que passais
 Pelas vinhas,
 Respondei, assi vivais,
 Se vistes dores iguais
 Co'as minhas

III, 480

refere-se o trovador a um sujeito que perdeu uma pipa de vinho.

Na *Romagem de Agravados*, Gil Vicente dá a paráfrase de uma oração da igreja:

— Dize ora *Beatus vir*,
 — Pouco é isso de dizer
 Vi ora três *ratos vir*.

(Pág. 219) Na revista *Portugália* I, 491; na corografia portuguesa encontra-se o nome — *Asseca* em lugarejos insignificantes. Cejador y Frauca e outros pensam numa simples aliteração ou em palavras fictícias, o que também não nos parece provável, desde que há explicação satisfatória.

Ceca e Meca

I40. *Correr Ceca e Meca*, andar por toda a parte e lugares vários. É provérbio conhecido em Portugal e Espanha. Por sua extensão peninsular bem se vê que não tem lugar a identificação que faz Adolfo Coelho de *Séca* com um desconhecido lugarejo ou uma ponte de *Asseca* próxima a Santarém.

A frase é *Zeca y Meca*, no castelhano; e *Zeca* é chamada a mesquita de Córdoba, a mais importante do maometismo no ocidente, segundo uma explicação de origem espanhola. *Correr Ceca e Meca* era fazer peregrinação aos dois grandes templos, a oeste e a leste do império e da fé no Alcorão.

Mais provavelmente *Ceca* ou *Seca* é palavra do berbere *as-seca* = povoação, habitação, casa.

Os portugueses acrescentaram mais ao provérbio, como às vezes sucede, um complemento métrico não essencial:

Ceca e Meca e Olivais de Santarém

Em Espanha também por vezes acrescentaram – y *Canavarettes*.

Na *Academia dos Singulares* diz um poeta:

Hippomenes aqui vem
 Magro mais que uma faneca
 Pois que *correu Seca e Meca*
E olivais de Santarém.

II, 197

I41. É conhecida a locução que vem desde tempos clássicos da antiguidade

entre o lobo e o cão

para indicar a hora do crepúsculo, ao anoitecer.² É o *lusco-fusco*, o “fusco d’entre lobecão” (*Canc. de Res. II, 332*) e que Carolina Michaëlis,


na sua edição de Sá de Miranda, explica como formada sob a influência de *lobrigar* (de *lubricus*). Penso, ao contrário, que o influxo se tenha exercido em sentido inverso e que as formas *lobo* e *can*, *lubrican* (cast.) vissem a produzir *lubrigar*, distinguir apenas o lobo do cão, enxergar mal entre as sombras do sol posto.


Também, ainda que não passe de presunção conjetural, tenho que o verbo GUALDRIPAR, *galdripar* (roubar, furtar e, principalmente, em negócio ou comércio ilícito), e que tantas vezes ocorre na *Arte de Furtar*,³ pode ter sido uma formação indireta sob o influxo de *gato-lebre* (gatiliprar) porque esta não é a única palavra que, significando roubo ou furto ou coisa que o pareça, tem origem em nome de animais, objeto constante de trocas e quase moeda no comércio rústico.⁴


142. Uma das mais curiosas locuções da língua é a de


dizer cobras e lagartos

no sentido de maldizer de qualquer indivíduo. A locução foi excelentemente explicada por Eugênio Pacheco;⁵ *cobras* é uma forma antiga de

2  Tem-na o francês – *Entre chien et loup* M.^{me} Staël fez da expressão um substantivo: “*mes entre chiens et loups*” V. Martel – *Prov. français*.

3  Na Ed. Garnier ns. 55 e 71; no glossário dou o étimo *gualdrapa* 344.

4  F. Monlau, no seu dicionário etimológico, onde registra liberalmente todas as opiniões que conhece, sem exclusão das mais abstrusas, menciona: *engatusar* (de *gato*), *entruchar* (de *trucha*), *engalipar* (de *galipau*, sapo), *engalinar* (no catalão, de *galina*), todos com o mesmo sentido de roubar, furtar ou trapaçar. Não há a menor dúvida, porém, que os nomes de *rato*, *gato* e *raposa* se prestam às metáforas dos amigos do alheio. Ajunte-se que a melhor etimologia de *ganbar* aponta ao antigo alto-alemão *Weida*, caça e pasto, *Waidanjan*. Deste radical podia provir *gualdripar*.

5  Na *Rev. Lusitana* VII, 3, com um comentário de Carol. Michaëlis.

coplas; e *dizer cobras*, como no espanhol *echar coplas*, era satirizar e dizer apodos em versos de escárnio.

E. Pacheco ajunta que a necessidade de fazer a *frase redonda* ajuntou a *cobras*, já então com o sentido antigo obliterado, outra expressão simétrica: *cobras* e *lagartos*, necessidade que se verifica com “alhos e *bugalbos*”, “*cousas* e *lousas*”.

Contudo, aceitando a explicação, entendo que a *frase redonda*, longe de ser feita com aquele arbítrio, já estava determinada na literatura bíblica.

Cobras e *lagartos* corresponde ao texto que é do Salmo XC:

super aspidem et basiliscum ambulabis

O *aspido* e *basilisco* corresponde mais ou menos a cobra e lagarto.⁶

6 O arcaísmo *cobra* está no *Canc. Brancuti* na arte poética que o precede, e algures, como o mostrou C. Michaëlis. Porém, a forma *copra* é a única que se encontra no século XVI; ocorre em todos os escritores daquele século.

E tu já fazes *coprinbas*.

Camões – *Filodemo*, V, cena 2

Zombais? falais-me *coprinbas*?

Id. Anfítrões, I, cena 3

Trago uma carta que ele fez

Uma *copra* do jaez...

Chiado – *obras*, I12

Vos dareis alcíceras e entender-nos-emos a *copras*.

Eufrosina, IV, cena 6

A locução *cobras* e *lacraos* nos manuscritos das *Legendas moriscas* (III, 386) em aljama, editados por Guillen Robles.

N. B. – Esta minha página suscitou involuntariamente acrimoniosa discussão, por parecer que eu revelava um plágio (que não apontei) de S. de Almeida, acusação de que não tive a iniciativa e bem se vê que neste lugar não aparece alusão alguma.

Não é menos certo que o suposto plagiário Sílvio de Almeida sempre andou muito empenhado em descobrir plágios...

Histórias e facécias⁷

143. Não é processo muito seguro fiar-se de histórias e anedotas que explicam os provérbios e ditados. São os contos nesta matéria como espadas de dois gumes, sempre perigosas para o pesquisador.

Umás vezes, as histórias engendram os provérbios; outras vezes, são os provérbios que geram e autorizam as histórias.

O único critério que parece seguro é aceitar a versão mais antiga, quando não há outro recurso de interpretação ou quando o carácter anedótico da locução se impõe com toda a evidência. Tal é o caso deste ditado:


Quem cura é a fé, e não o PAU DA BARCA

O próloquio existe no espanhol e sempre foi ilustrado com a mesma explicação:

Um romeiro de volta da terra santa em viagem lembrou-se de que lhe haviam encomendado uma relíquia, um pedaço do lenho santo do Líbano; e já não sendo tempo de alcançar o que prometera, cortou com o canivete um fragmento de madeira da barca em que vinha. E assim entregou à chegada, a quem o pedira. A falsa relíquia operou grandes milagres, e com certeza o romeiro que conhecia a trapaça fez consigo esta conta: – *Quem cura é a fé e não o pau da barca.*

Outras variantes haverá, mas todas dizem substancialmente a mesma coisa.

144. Também é a conclusão de história ou patranha antiga o provérbio outrora sempre lembrado de JOÃO TOPETE: por exemplo neste trecho:

⁷  A primeira edição deste repertório de facécias é de 1583. Servimo-nos da reedição de Sbarbi (1878).

Quem te mete, João Topete, com bicos de canivete? Que muitas vezes nos metemos a emendar o que não entendemos.

Arte de Furtar, n.º 130 (Cap. 44)

O mesmo provérbio, com variante, depara-se num Códice português manuscrito *Multa notata digna de proverbiiis* publicado em excertos por Sousa Viterbo:

Quem te mete Jam Topete em carapuça de gromete.

Esta variante é do século XVI. Foi tomada aos refraneros espanhóis. O sentido já indicado pelo nome *Topete* é o da ousadia e atrevimento. A seguinte história tomada a *Silva curioza* de Julian de Medrano pode servir de ilustração às aventuras de *João Topete*:

“Estando la corte de España en Toledo, acaeció que andaba un caballero enamorado de una dama muy hermosa, y suplicandole un día tuviesse por bien de darle audiencia, ella le respondió que al presente no habia lugar, que se volviesse a la tarde, que ella haria lo que el tanto deseaba. El con aquella palabra se despidió y aguardó á la hora concertada, donde se fué á la casa de la señora y hallóla que estaba a su ventana mondando una pera con un cuchillo pequeño; el cual como asi la vió, le dijo: Señora, és pero, ó es pera? Respondió ella tan présto: no es sino *gañivete*.”

Também parece que o *João Topete* entrou em aventura acima das forças próprias, como diz uma variante castelhana: *Quien te mete Juan Topete a luchar con siete?*,⁸ variante que mais se coaduna com a versão do códice português, acima citado.

8  Registrada no *Vocabulário*, de Gonzalo Correas (ed. Moderna, 340).

145. Na mesma *Silva* de Medrano, encontra-se a ilustração já conhecida do provérbio:

A água o deu e a água o levou

O conto é o de um taverneiro que, de batizar o vinho, encheu na feira um lenço vermelho de ducados. Uma águia que passava, julgando que o lenço rubro era carniça, arrebatou-o e logo desenganada deixou-o cair no rio. Assim voltou à água o que dela havia saído.

Não há mais Flandres

146. Era uma locução antiga e com diversas variantes, hoje obsoletas. O sentido da frase pode ser pouco a pouco revelado pelos exemplos:

Fantasia de donzelas!

 Esta tem lá para si
 Que eu sou por ella finado,
 E crê que zomba de mi;
 E eu digo-lhe que si,
 Sou por ela esperdiçado.
 Preza-se dumas seguras,
 E eu não quero mais Frandes:
 Dou-lhe trela às travessuras
 Porque destas coçaduras
 Se fazem as chagas grandes.

Camões – *Anfitri.* I, cena 4

– Ah senhor Policiano!
 – O meu nome aqui faz dano

Chamai-me por João Fernandes...

– Sois mais *discreto que Frandes*...

H. Lopes – Auto da *Cena policiana*⁹

Destes dois exemplos se infere o sentido da frase que é de *segredo e discrição* e talvez risco e perigo.

O trecho que se segue da *Eufrosina* esclarece completamente a frase:

– Dizem que são casados secretamente... – A isso havia de vir esse parvo e assentai que nenhuma inveja lhe hei porque a senhora *passou já pelos bancos de Frandes* e mais crede que não muda agora os dentes.

Eufros. V, cena I

Praguejo e digo mal de mim mesmo, zombo do alto e baixo, sem me recear de escrito de desafio e vivo tão livre e isento, estou em dizer, como que não tem vergonha. Ora dá-me cá *se há mais Frandes?*


Ulíssipo, II, cena 7

Os bancos de Flandres eram um passo arriscado na navegação e comércio, então muito notável, com as cidades livres e Holanda.

Passar os baixos de Flandres era transpor o perigo e o risco e só se fazia com grande discrição. Daí o provérbio espanhol, registrado em Corêas, 152:

Ó todo a Flandres ó todo a fondo

A locução aparece ainda no século XVII, em Dom Francisco Manuel, em uma das quintilhas das suas *Obras métricas*:

⁹  Existe na primeira edição dos *Autos* de Camões. Cito por uma cópia manuscrita que possuo.

Eis aqui nem mais nem menos
 (Mas que não *baja bi mais Flandres*
 Nos estados mais serenos)
 Por levantar dois pequenos
 Abaixa o mundo dez grandes.

II, 94

O sentido riscos, perigos, é aqui evidente.

A locução afeta sentidos vários. Leia-se o *Suplemento* e mais o que escrevi posteriormente no *Fabordão*.

Dar em pantana

147. Hoje em dia a *prosódia* de *pântano* substituiu a de *pantano* e *pantana* como era no latim... imaginário; exceto na frase proverbial – *dar em pantano* – que equivale a outra – *dar com os burrinhos n'água*.

Em um romance de Dom F. Manuel, publicado na *Fênix Renascida*, depara-se a locução:

Se por uma hora que quis
 O carro solar das chamas,
 Guiar o môço inexperto
 Foi dar com a luz em pantana.

v. 350

Não parece que tenha outra origem o Ditado antigo – *Dar em Pandarana* ou *Pandarane* que presumo ser uma ampliação popular de *Pantana* (*pantana* = *pantarana* = *pandarana*), talvez por sugestão de *pandarecos*.

Morais no seu dicionário recorda uns ilhéus da Ásia, com aquele nome proverbial e que se acha em João de Barros. O trecho que verificamos é inexpressivo e é o seguinte:

E como apareceram de súbito e os nossos iam desejosos de os achar,... deram com êles entre os ilhéus de *Pandarane*.

Dec. IV, 7.º cap. 21

Não parece que dessa vitória insignificante dos de Martim Afonso contra o Cutiale, e que não teve nenhum estrondo, se tomasse a frase proverbial. Considero a aproximação meramente casual.

Em casa de Gonçalo mais pode a galinha que o galo

148. Há decerto numerosas casas em que a galinha senhoreia o pátio e manda muito mais que o galo. Mas por que haviam de ser as de Gonçalo e não de Pedro ou Martinho?

Responde-se naturalmente que *Gonçalo* foi aqui vítima dobrada da rima e da mulher. Veremos que ainda há razão diferente.

A métrica antiga diz:

Em *cas* de Gonçalo

Cas é a forma antiga de *casa* e assim vem em alguns adagiários.

O nome preferido *Gonçalo* foi tomado do castelhano porque lá *passagonçalo* significa bofetada, tapa e outras pancadarias...

Em Lope de Rueda, na farsa de *El Rufian Cobarde* (1556), lemos:

“habeis de recibir de vuestra amiga tres *passagonçalos* en estas narices bien pegados”.

No *Dom Quixote* de Cervantes lê-se (II, 14)

con solo *un passagonçalo* con aquellas narizes en las suyas seria acabada la pendencia...

Ora, *passagonçalo* e *cas de Gonçalo* despertam para o ouvido quase que as mesmas ideias,¹⁰ e como se trata de quem dá ou apanha pancada, a confusão tornou-se inevitável.

Em escritor português não vi nunca a locução *passa gonçalo*. Mas Gonçalo sempre foi sinônimo de servo, fraco e covarde:

Casa-te Gonçalo
Comerás pão alvo
.....
Serás senhor dela
E ela de ti.

Auto de Rodrigo e Mendo


De *Gonçalo*, marido poltrão, há, além do exemplo do anexam, a ilustração que dele deu um dos mais antigos poetas brasileiros, o satírico e engraçado Gregório de Matos, como no-lo conta o seu biógrafo o licenciado Manuel Rabelo.¹¹

Panos quentes

I49. É um remédio paliativo que está registrado em todos os adagiários antigos e modernos e conhecido da medicina popular.

Têm a mesma expressão os espanhóis *paños calientes* e documenta-se no italiano, de 1547, na carta do cardeal Gaddi (na *Col.* de Luri, 98):

10  *Gonçalo* é nome frequente entre rústicos e criados; *passa Gonçalo* = toma, Gonçalo!

11  A esposa do desordenado poeta, não podendo mais sofrer-lhe as desenvolturas, deixou a casa e refugiou-se na de um seu tio que, entretanto, repreendendo-a, a veio trazer ao marido. Este opôs que de nenhum modo a aceitaria, senão atada em cordas e sob a guarda de um *capitão do mato*, como se fora escrava fugitiva. “Assim se fez (diz o biógrafo) pelo mais decoroso modo, e êle a recebeu, protestando, porém, chamar *Gonçalos* àqueles filhos que nascessem de tal matrimônio, porque a *sua casa* se pudesse dizer *de Gonçalo*, com mulher tão resoluta.” Gregório de Matos – *Obras*, I, 19.

“Tutte queste cose sono *panni caldi* e polvere negli occhi al vecchio” significa, pois, promessas enganosas e falazes, remédios de momento e ineficazes.

A expressão tomada aos clássicos por Morais, DAR PAPOS QUENTES aos soldados, isto é, ordenar o saco, naturalmente recebeu o influxo da locução *papo* e *saco* e veio a significar um *saco* ou *saque* mais limitado ou disciplinado nas povoações dos vencidos e talvez nela influíu o modismo, tomado à medicina antiga os *panos* ou *trapos quentes*, remédio paliativo com que se enganava talvez a aspereza, o trabalho e o sacrifício, que também o é, de vencer um inimigo poderoso e forte.

I50. O estudo das locuções traz sempre certa liberdade conjectural, pois sem alguma imaginação, que é causa às vezes de erros, pouco se há de acertar ou de abrir caminho aos que vierem depois, mais lépidos e descansados.

Muitas vezes, tendo perto e próxima a verdade, dela nos apartamos em viagens aventureosas, remotas e inúteis. Mas ainda essa pesquisa improdutiva compensa pelas perspectivas novas a ilusão perdida e a miragem que desapareceu.

Não faltam nestes livros hipóteses plausíveis verossímeis e até ousadas e ousadíssimas, como já notou a crítica.

Insistimos, porém, sobre certas conjecturas da última espécie. Eis delas um punhado.

I. – O pássaro bisnau

Que vem a ser o encantado pássaro?

Pássaro bisnau diz-se do sujeito mau, finório, culpado, mas difícil de ser apanhado nas faltas que comete. Condena a expressão o autor das *Enfermidades da língua*, pág. 143, como vocábulo plebeu, e Manuel Figueiredo tomou-a para título de uma comédia impressa no tomo XIII das suas *Obras* de teatro.

A explicação que de *pássaro bisnau* dá Sílvio de Almeida em um dos seus escritos avulsos não tem fundamento, apesar de interessante: deriva-a de *avis navis* paralela ao francês *oiseau frégate*, mas *avis navis* nada significa em latim e é mera latinização do romance.

No latim havia, sim, *avis mala* (expressão clássica) *avice mala*, ave de mau agouro e talvez é a verdadeira origem porque a temos também no Gil Vicente na forma mais primitiva *avesimau*:

Ó fide p... maldito
Triste *avesimau* tinhoso

I. 250

De *pássaro vismau* é que se formou *pássaro bisnau*. E este *avesimau* é o ferido pelo estigma do mau agouro, e foi nesta forma, estudado por C. Michaëlis, no volume II, do *Cancioneiro da Ajuda*, pág. 84, a propósito da leitura errônea de Th. Braga (*a jus i maa* ap. Aires de Sá no seu importante livro *Frei Gonçalo Velho*).

Os ingleses possuem o termo *bisnow* que tomaram da Índia e designam aquela mesma seita, que, segundo Gonçalves Viana, nos deu a sua fórmula de saudação o *Ram-ram* (o ramerrão). Mas ignoro a forma portuguesa que pode haver nos nossos clássicos da transcrição *bisnow*.

Não acredito que tenha vindo da Ásia.

Havia *aves más* (*avesimau*) como havia as *boas* aves que auspiciavam a feliz fortuna.

No *Cancioneiro geral*, de Resende, diz um trovador:

Nom parti com *boas aves*,
& com pee ezquerdo entrey.

III, 28 (da ed. de Stuttgart)

151. Outra conjectura mais complexa é a que me acode quanto à expressão

2. – Comer queijo

Diz-se do que perdeu a memória que *comeu queijo* ou que o *comer muito queijo* faz perder a lembrança das coisas.

Não alcanço bem a origem desta velha crendice popular. Dom Francisco Manuel de Melo, nas suas *Obras métricas* (décima XXVI), escreve:

Sempre ouvi por regra aceita
De Galeno que haja glória
Que tira o queijo a memória
A tôda gente direita.


e repete no *Epigrama* 83:

Quem promete não repousa
Quando de dar tem desejo;
Venha, e não vos faça ó *queijo*
Esquecer de ess'outra coisa.

Suponho que houve confusão entre uma forma antiga *quezo*, ou *cazo* e *quezo*, *queijo*, esta derivada de *caseum* como se sabe, e a outra derivada de *catium* de *cattum* que produziu no italiano *cazzo* (palavra obscena) gato¹² e no português e espanhol *caço*, *cazo* ou *quezo*.¹³

Assim, *comer queijo* seria equivalente a *comer gato*, e outra crendice também espalhada na Europa é que quem *come gato* ou *miolos de gato* enlouquece ou perde o juízo.

A superstição é ambígua para os italianos porque tanto dizem *comeu miolos de gato* (aver mangiato il cervel di gatto) como também *comeu-lhe os*

12  Ein gewisser Käse wurde in Ital. well er in seiner Gestalt dem *cazzo* eines Pferdes ähnlich war, *cazzo-cavallo* genannt. (*Kærtin – Lex.*)

13  Entraria na formação da crendice o influxo verbal de *escaccer*, *es-quecer!*

miolos a gata (mangiarsi il cervello la gatta) e nesta última maneira *gato* poderia ter sido primitivamente *cazzo* ou *caccio*.

Em qualquer caso, temos equivocadamente duas expressões *gato* e *queijo* (*catus-catium*, *caseaum*) que se aproximam e fazem grande mal à memória e ao juízo, quando comidos.

152. Ainda mais conjectural é a expressão:

3. – Passou o bispo

Diz-se *passou o bispo* quando queimou o jantar ainda na panela.

É frase popular e antiga. Encontra-se, por exemplo, em Antônio Prestes,

Mas vamos a panela
Antes que entre o bispo nela

Obras, 315

E ainda em outro lugar

Entornaram-se as panelas?
Deu ar por elas?
Pegou-lhe o bispo.

Ibid., 279

Conjetei, certo momento, que se derivou da exclamação *Dominus vobiscum!* que o povo sempre diz *dómenos obisco*, o que logo sugeriu a ideia de *bispo*. A adulteração, aliás popular, depara-se também em Gil Vicente na *Farsa dos físicos* (III, 309):

Êle ó *domenus obisco*
Sempre c'os olhos em mi.

Cumpra agora achar a relação entre o *dominus vobiscum!* e a iguaria queimada.

É costume salvar com a frase latina a qualquer pessoa quando espirra. Diz-se então *dominus tecum* ou *vobiscum*.

Ora, um dos sentidos arcaicos ou esquecidos de *espirrar* e que está registrado no Moraes é o de *saltar do fogo a erva verde* ou *o carvão quando queima*; diz-se então que a *erva*, ou o carvão, *espirra*. Toca-lhes, pois, o *domenus obisco!*

É fraca a conjectura.

Também da fruta picada pela *avispa* pode dizer-se que está queimada (conjectura ainda mais frágil).

Entrou a avispa – equivale ao sinônimo dado pelo poeta cômico – *deu o ar por ela*.

Os filólogos romanistas imaginaram um latim hipotético *vispus* para explicar o italiano *vispo* (vivo, alegre, alerta) que está registrado no Koerting e é muito provavelmente o mesmo que está na locução portuguesa transcrito com a forma *bispo*.

Os contadores de histórias das de Trancoso narram o caso de outro modo muito mais fácil: a cozinheira precipita-se para a rua a fim de receber a bênção do bispo que vai passar... entretimes, lá se foi a panela.

Em resumo, o conto esclarece o *passou o bispo* por um bispo que passou.

Essa explicação está muito generalizada e é adotada pela maior parte dos comentadores europeus de todos os tempos.

No castelhano há o ditado – *caer en el mes del obispo ò entrò el obispo* – entende-se em estação favorável porque, segundo um comentador de Quevedo, significa o tempo em que vagando os benefícios que são de livre provisão dos bispos os seus apaniguados com muita razão se alegram.

Mas essa frase em que podiam estar as locuções *entrou* ou *passou o bispo* queima muito mais do que luz.

Pesquisando a frase, achamos a variante de que a panela queimou porque *o bispo aí pôs o pé* (the bishop has set his foot in it – expressão inglesa para indicar que o leite queimou ao ferver). A explicação deriva da mesma historieta do bispo que passa. Outros puritanos admitem que vem do hábito dos bispos de queimar os hereges ou inimigos, quando querem dar-se a este regalo “because the bishopes burn who they hust and whosoever displeaseth them” – assim o diz um glosador antigo citado por Brand – *Popular Antiquities*, III, 383.

Os católicos e latinos têm natural dificuldade em aceitar essa interpretação. E quem sabe se não é a verdadeira?

153. O cúmulo, porém, da aventura e ousadia foi a que me desperitou a palavra:

4. – Marmanjo

Marmanjo, dizem os dicionaristas que é homem malfeito, preguiçoso. É certo que também significa pessoa crescida, adulta ou quase, e de corpo grande.

No antigo auto ou *Prática dos três Pastores*, publicado por Carolina Michaëlis, há a imprecisão:

Silvestre! *marmanjagaio!*
Que fole para ferreiro!
(*Ein port. Weihnachtsauto*, 19)

Supõe a escritora que talvez proviesse do árabe.

E no *Diálogo pastoril* (1753), citado pela mesma autora:

Arre lá com o *marmanjão!*

Pareceu-me a palavra uma corruptela vulgar de *maremagnum* (*maremanbo*, *marmanbo* e *marmanjo*). No *Vocabulário* do maestro Gonzalo Correas encontro:

Un *maremaño* de cosas (por muchas cosas).

A etimologia verdadeira é outra. E não é arábica como pensaram alguns etimologistas. O nome *Maria* e *João* foram sempre específicos dos dois sexos; a respeito do abuso do segundo, já tratamos em outro lugar. Do primeiro, isto é, de *Maria* apenas haveria que citar *Maria Castanha* e poucas outras *Marias*, e principalmente o *Maricas* e o *Mari-macho*:

Mui facetos sois e vos juro que se não fôreis hermafroditas fêmeas com nomes de *marimacho*...

F. dos Anexins, 200


De *marimacho*, depois *marimancho*, derivou-se *marmanjo*.¹⁴

Parece que cometeu um lapso de leitura Leo Spitzer, atribuindo-me para *marmanjo* o étimo *Maria-João*, quando aqui mesmo digo que a palavra deriva de *Mari-macho*, e assim no *Suplemento*. Veja Leo Spitzer – *Die epizoenen Nomina...* Beitrage zur ram. Wortbildungslehres, 94.

O *marmanjo* não envolve propriamente qualidade feminina como é o caso de *maricas*, apenas assinala a ociosidade em pessoa robusta.

Levar tábua

I54. A locução é corrompida de *tábula*, pedra do jogo do gamão; seria possivelmente tomada da expressão proverbial “*ser tábula que não joga*” que se encontra nos antigos escritores e que significa não ter valor algum e estar fora do jogo.

14  A palavra fez lembrar pelo sentido a *malandro*, tomado ao que presumo, de *malandra*, sarna que dá nos cascos e pernas das bestas (fr. *malandre* e *malandré*, em Rabelais) e que os impossibilita de andar. Tratamos já da palavra em outro lugar. Cândido de Figueiredo diz que por derivação inversa *malandro* vem de suposto diminutivo *malandrim*, o que me parece muito razoável.

Na *Ulísippo*, pág. 47:


Ela não lhe armam senão as tarefas de suas filhas, que as tem sempre de empreitada. Esta môça é *tábua que não joga!*

Quem recebe o *não*, fica com a inútil *tábua*.

Comprova-o ainda o uso de dizer-se da que é já noiva; que é *carta fora de baralho*. É outra espécie de *tábua que não joga*.

Há outras variantes populares: — *tábua* ou *taboca* que são eufemismos para não dizer cruamente a palavra própria.

Contudo, contra as regras gerais da derivação, *taboca* não é a palavra primitiva; naturalmente esse brasileiro *taboquear*, *taboqueado* de *tábua* (porque era inconveniente dizer *tabuada* ou *tabuar*) e de *taboquear* derivou *taboca*.¹⁵

15  *Levar* ou *carregar*, *tomar tábua* ou *tomar tábua*, é receber um redondo *não* em pedido de casamento. A intenção da frase é irônica e de cruel ridiculez.

Conquanto mais conhecida e generalizada no Brasil, acho que como não raro acontece é antiga locução portuguesa, já talvez arcaica na Europa, mas vivida aquém do Atlântico.

Em certas festas que se faziam ainda em eras medievais em várias cidades, como a de Braga, havia a tradição que nos refere Fr. Bernardo de Brito da *corrida do porco preto*, sob a invocação à bandeira de N. Senhora.

Os *almocreves* reunidos pelo *anadel* (segundo uma ata que se conserva de 1596) partiam a um sinal dado, a cavalo em ordem até quebrar a *Tábua* sob pena de multa.

“O que correr (diz o texto) uma carreira dê logo a tavoha ho outro e nam corra sempre hum so pena do que faltar pagar de cadeya milréis.” Partir a *Tábua* era a dificuldade e o grande prêmio do almocreve que o conseguisse.

A festa do *porco preto* pelos seus pormenores parece que era irreverente e danosa a muitos que contra ela reclamaram. Foi abolida no século XVII por lei, mas houve violadores recalcitrantes que não podiam renunciar ao desporte tradicional. Leia-se a descrição minuciosa que fez José Machado, na *Ilustr. port.* II, 653.

Dessa tradição é que pode vir o *passar a tábua*, sem prejuízo da explicação fundamental da frase, acima dada.

Chegar ao rego

I55. Assim se diz na forma usual de hoje que é, todavia, incorreta. A expressão própria é

chegar ao *relho*

Na *Eufrosina*, de Vasconcelos, a expressão aparece muitas vezes, como no fol. 22 v.

Veyo vos em popa, porque daí vireis ao relho.

O *relho* era a fivela ou antes os fechos com que se prendiam as tiras da cinta de castidade que usavam as mulheres. “Chegar ao *relho* a uma mulher” era desposá-la e equivalia o mesmo a desatar o cinto marital.

A deturpação de *relho* em *rego* foi decerto intencional e pouco decente.¹⁶

Andar à gandaia


I56. É o mesmo que *andar à tuna* (à tona = à toa) e viver vida de vagabundo e ocioso. Os lexicógrafos não explicam o sentido da locução porque a confundem com outro termo *gandaia* = lavagem do lixo.

No *Anatômico Jocosos*, de Fr. Lucas de Santa Catarina:

Armada a feira, começou a correr o povo,... uns a alcovitar, outros a *gandaia*r, outros a namorar.

2.^a *Impertinência*, 30

Nos versos do poeta cego Joseph e Sousa, acadêmico dos Anônimos:

16  O. de Pratt admite duas formas distintas de uso e aplicação diversa. No Brasil, porém, ao que presumo, a expressão *chegar ao rego* não é “entrar no bom caminho”, mas ser forçado a qualquer situação por mal ou por bem e é frase grosseira e incivil. O ferro do arado a que se refere Oscar de Pratt é *relba* (e não *relhos*) esp. *reja*.

Mas você foi-se a *gandaya*
Sem de mim mais se lembrar.

Obras, 181

Vem do longínquo “reino de *Candaya*”, terra mentirosa que está na fábula dos romances de cavalaria. *Candaya* será, quem sabe? uma aproximação arbitrária da *Catai* misteriosa e desejada, e coloca-se na Cochinchina. “Desde el Reyno de *Candaya*”, diz Cervantes II, 36, quase indicando o cabo do mundo.

Anda à Gandaya só o que anda por andar e a Deus misericórdia. Mas a aproximação de *Candaya* e *gandaya* é fortuita; melhor se explica pela etimologia gótica *wandjan* (al. *wenden*).

Às três

157. TRÊS é número fatídico dos que conspiram ou se unem para qualquer insídia:

São os três da corrida
Fumo, tabaco, e sola

Corriola é uma treta de jogadores armada com uma *correia de sola*. No Entremez do *Juiz novo das borracheiras*, da literatura de cordel, ocorre a expressão:

Isto mesmo dispõe o grão Frasqueira,
No *Tratado* da sua *Borracheira*,
Capítulo 23 dos *mariolas*,
Número 26 das *corriolas*.

cena III

Os três nomes dos versos antes mencionados do *folclore* parecem-me ser um ajuntamento dos três gêneros do antigo estanco real: *vinho, tabaco e sal*.

E não é a única pulha que merecem os *três*:

Três, o diabo os fez

Este ditado é já uma alteração de outro – *Às três o diabo a fez*. Quer dizer, à *terceira* o diabo acerta; ou dela não é possível escapar. A forma originária é que dá um poeta da *Academia dos Singulares*:

Vai-lhe deitando as maçãs,
Larga-lhe uma, larga-lhe outra,
E *às três o diabo a fez*.

II, 204

A forma primitiva é conseguintemente: “*Às três, o diabo a fêz*” (e não – *Os três o diabo os fêz*).

E é com esta forma correta que escreve o Cavaleiro de Oliveira:

Conhece sua prima, pela qual se pode dizer que *às três o diabo a fêz*.

Cartas, I, 135

Vários são os números que têm sentidos sibilinos e obscuros, às vezes indecifráveis.

I58. COMIGO É NOVE! ou *comigo é sete!* é uma expressão indefinida que parece, no diálogo, indicar acordo, ora desafio.

A verdade é que nas línguas romanas ocorrem dizeres semelhantes e difíceis de serem cabalmente explicados, porque incluem elipses ou subentendidos vários.

No italiano há a expressão que se dá como resposta: *E sette* (ou também) *E sei*; o intuito é de mostrar o enfado de repetir o que já se afirmou muitas vezes:

– Voi non manchere te
 – Dico di no: e sette

isto é, “já disse mil vezes que não faltarei”.

A locução parece provir de outra *dire una casa in sei modi* que um erudito Racheli presume serem os *modos* da conjugação.

Sete é conta de mentiroso

I59. Não alcanço penetrar o verdadeiro sentido. Verdade é que no estilo bíblico por um hebraísmo que se tornou vulgar, ficou *sete* um número indefinido e por isso inexato ou impreciso: “*sete* vêzes *sete*” ou “*setenta* vêzes *sete*”. Conta de mentiroso será conta de judeu? Os magos contavam por sete. Ou será *sete* mau número porque *sete* são os pecados mortais? Ou *mentira*, palavra de *sete* letras? Por esse declive de conjeturas tudo é possível.

As derivações de *sete* na língua hebraica são curiosas e influíram no nosso vocabulário. Veja o artigo seguinte, n.º I61.

Não é menos fatídico que o *sete*, o *onze*. Em lugar próprio estudamos a locução – *na onça*. Alude ao *onze* um poeta do *Cancioneiro geral* (se é certa a leitura):

Posto que de motejar
 Eu haja *onze* por sorte

III, I08

Há também a locução conhecida – O ONZE LETRAS = (o alcoviteiro) das onze letras que tem a palavra que não nomeiam.

Frases da Bíblia

O senhor o deu... – Pobre como Job – O homem põe e Deus dispõe – Conta de mentiroso – Aos pés de... Não faça a outro... Pela graça de Deus – etc.

I60. Neste volume das *Frases Feitas*, tive ocasião de examinar um grande número de locuções inspiradas pelo texto da Bíblia. É natural que do livro por excelência dos cristãos tenham derivado numerosas frases e sentenças proverbiais.

Deixei de registrar muitas delas que não me pareciam dignas de comentário, sendo de si mesmas explícitas. Não havia razão para exageros supérfluos, sobre expressões que o uso tornou trivialíssimas.¹⁷


Entretanto, proponho-me a tratar agora de algumas que me parecem mais curiosas e dignas de uma leitura de passatempo.

É conhecida a anedota do mercieiro que batizava o vinho ajuntando-lhe água. Com isto fez algumas moedas que meteu num pé de meia. Ajunta a história que uma águia lhe arrebatou o tesouro, deixando-o cair no mar ou no rio. O tratante resumia a sua desgraça com esta moralidade: *Deus louvado, a água o deu, a água o levou.*

Esta frase proverbial, e que corresponde a muitas variantes da anedota citada, deriva de uma *expressão bíblica* semelhante que lhe serviu de modelo:

“O Senhor o deu, o Senhor o tomou; o nome do Senhor seja louvado.”

É literalmente do livro de Job, I, 21.

I7  Tais são o *Nada de novo sob o sol*, de Salomão (I, 9). *Ninguém é profeta em sua terra*, frase comum aos árabes (Mat., 13, 57; Marcos, 6, 4; Lucas, 4, 24; João, 4, 44), etc., etc.

A simples leitura dos livros sagrados, para nós outros do tempo de hoje que não temos o costume de os ler, surpreende-nos pela abundância de ditos, fórmulas e expressões banalíssimas incorporadas à linguagem quotidiana e vulgar.

Pobre como Job é também uma comparação popular que foi sugerida pela má fortuna do santo. É ele próprio quem confessa “ter ficado em provérbio entre as gentes”. (Job, XVII, 6)

Há assim muitas *frases* que saíram indiretamente dos textos bíblicos, pela paráfrase de teólogos ou escritores. Assim, esta

O homem põe e Deus dispõe

Há uma passagem dos *Provérbios* que poderia autorizá-la, e é a seguinte, conforme o texto da Vulgata: *Cor hominis disponit viam suam, sed Domini est dirigere gressus ejus*, isto é, o coração do homem escolhe o caminho, mas Deus é quem lhe guia os passos (*Prov.*, X, 2). É muito prolixa. A proposição, na sua forma sintética, é da *Imitação de Cristo*, de Thomas A. Kempis: *Homo proponit, sed Deus disponit* (L. I, cap. 19, 2).

E ainda esta mesma fórmula é muito mais antiga, data do século XIV, da *Visão*, de Langland,¹⁸ onde aparece já com o sentido proverbial “*Homo proponit*, disse o poeta Platão, e *Deus disponit*, respondeu ele; faça-se a vontade de Deus” (assim o antigo autor inglês no seu poema citado *Piers Ploughman’s Vision*, v. 6644 e v. 13994).

Pode dizer-se que este pensamento, em substância, remonta a Homero quando diz na *Ilíada* XVIII, 328:

All’ou Zéus ándressi noémata panta teleutã

Parece que era e é de todas as teologias reservar uma parte da ação humana à vontade de Deus. Um comentador de Homero dá a estas ideias um amplo desenvolvimento que não tem cabida neste lugar (ed. da *Ilíada* de Trollope).

18  Esta indicação é de G. Buechmann – *Gefl. Worte*, 17.

I61. Outra derivação indireta do texto bíblico é, ao que me parece, hoje, o ditado – *Sete é conta de mentiroso*.

Procurei explicar a origem deste dito popular nas *Frases Feitas*, mas não achei, na escura meada de conjeturas mais ou menos plausível, um fio mais luminoso. Apenas consegui registrar um dito italiano que não conheço na língua original, mas numa tradução alemã:

“*Certo, war ein Luegner*”

isto é, “*Certo, era um mentiroso*”. Talvez porque os mentirosos sempre invocam a certeza e a verdade das suas razões.

Ainda, hoje, confesso não ter atinado com a origem exata da expressão; e é por isso que formulo nova conjetura, aventando a suposição de que tenha sido extraída indiretamente dos textos bíblicos.

Para isto, imagino que a frase proposta devia ser levemente diversa da atual. Devia ser: “*Sete é a conta do mentiroso.*”

O mentiroso é o diabo, pois que este é o significado do seu nome: o mentiroso, o embusteiro. Sempre o *diabo* foi apelidado respeitosa-mente por um circunlóquio e epíteto ou adjetivo: demo, diabo, satã, etc. Considerava-se perigo ou pecado chamá-lo por seu nome próprio.

Ora, nos livros sagrados, a conta do *Mentiroso* é sempre *sete*. É a conta que assinalam os *Evangelistas*, os *sete espíritos do mal* (Mat., 12, 45 e Lucas, 11, 26). *Sete diabos* expulsou Cristo do corpo de Maria Madalena (Marcos, 16, 9) e o mesmo diz Lucas (8, 2) dos sete Mentirosos evadidos da arrependida mulher.

É certo que os hebreus gostavam de contar por sete, setenta e setenta vezes sete. Mas esta simpatia pelo número confirma o ditado se efetivamente *sete é a conta do mentiroso*.

I62. Uma das comparações populares mais comuns é a de – *não chegar aos pés* – com que se inculca a inferioridade de uma pessoa a res-

peito de outra. “*Não lhe chega aos pés*” parece-me ser uma expressão de humildade tomada a um texto bíblico.

Foi esse pensamento durante meio tempo um mote de redondilhas em toda a península ibérica — *Donde vós teneis los piés* — glosado por vários poetas quinhentistas e seiscentistas (Rodr. Marin):

Oh Señor quien estuviera
Donde vós teneis los piés

dizia Baltazar de Alcázar.

Covarrubias foi o primeiro a indicar a fonte provável desta comparação, no Salmo 131 v. 7: *Adorabimus in loco ubi fleterunt pedes ejus*.¹⁹

O chão em que assentam os pés da divindade é já um altar elevado para a adoração dos crentes. Os poetas eroticamente passaram para deidades comuns este grande sinal da humildade.

A não serem o português e o castelhano as línguas latinas (quanto posso averiguar no momento) desconhecem esse símile e comparação, fundado na altura inacessível dos *pés* dos deuses.

Um exemplo vernáculo depara-nos a *Eufrosina* (I, 6, pág. 86) quando um espadachim, escapando a grande risco, diz agradecido à divindade

“Quando m’eu vi fora juro que tive a Deus *pelos pés*”
(século XVI)

É provável que a expressão bíblica aproveitada fosse vulgarizada pelos poetas em redondilhas populares. Sabe-se a extensão que ganhavam esses *motes* sucessivamente glosados por inúmeros tangedores de lira de maior ou menor tomo.

19  Citado por F. R. Marin — Burla burlando. *Madri*, 1914, pág. 249.

Hoje qualquer fulano *não chega aos pés* de sicrano, sobretudo se os dois fuões são do sexo frágil mais careável a essas comparações de sublimidade.

Salvo explicação melhor esta me parece cabal.


163. Outra frase bíblica é o aforismo – *Não façam a outrem o que não queres que te façam*. Em rigor, não se pode dizer que é uma derivação indireta, porque em S. Mateus, onde ocorre, tem a forma positiva: *Faze a outros o que queres que eles te façam*. Há apenas como se vê uma *nuance*, se é que São Mateus não o tirou do texto mais antigo que se depara em Tobias, em lugar que não posso de momento verificar.

A verdade é, porém, que esse apotegma tinha grande curso entre o gentilismo grego e romano. Encontramo-lo em Isócrates (Nicocles, 61): *há paschontes hyph'heterôn* etc. com a mesma forma negativa do aforismo, e o historiador Lampridius, falando do imperador Alexandre Severo, elogia-lhe a predileção que tinha por aquela sentença – *Quod tibi fieri non vis, alteri ne feceris* – atribuída a judeus e cristãos. O imperador fê-la gravar no palácio e em outros edifícios públicos.

É provavelmente de origem grega e adotada ao tempo da helenização dos judeus.

As ideias e as sentenças helênicas foram várias vezes aproveitadas pelos apóstolos. A de que as más companhias ou os maus exemplos corrompem os bons costumes, repetida por S. Paulo, é um trímetro jâmbico da comédia Thais de Menandro; o apóstolo das gentes (I aos Coríntios, 15, 33) reproduz o verso apenas com um erro prosódico desculpável num bárbaro.²⁰

164. Outra derivação indireta foi e é ainda a fórmula usual do direito divino dos reis absolutos – a de *pela graça de Deus*. O constitucionalis-

20  Hausrath – *Neutestamentliche Zeitgeschichte* II, 398.

mo ajuntou um complemento leigo: *pela graça de Deus e aclamação dos povos*, com que se condecoram alguns monarcas modernos. A verdade é que a princípio os bispos usavam do – *dei gratia* – nas suas pastorais, por imitação de Paulo (I *Corint.* 3, 10).

G. Buechmann afirma que os Papas só a empregaram pelos meados do século XIII – *Dei et apostolicæ sedis gratia*. Nos alvares do renascimento foi apropriada por todos os déspotas.

O nome de Deus tem servido para tudo, para os grandes e pequenos negócios da velhacaria humana.

I65. *Mais vale um asno vivo que um doutor morto* – é frase e provérbio geral tomado ao texto do *Ecclesiastes* IX, 4 que diz “mais vale um cão vivo que um leão morto”, *melior est canis vivus leone mortuo*.

Sapatos de defunto

I66. Uma vez Silva Túlio, que se entretinha em estudinhos de língua vernácula, tratou de uma frase proloquial que todos conhecem, mas que não é muito fácil explicar em suas origens prováveis sem o concurso do folclore e das tradições populares.

Esperar por sapatos de defunto é a frase feita que significa a esperança sem satisfação possível. Há outra redação mais longa que dá a forma de anexim a esse modismo: *Quem espera por sapatos de defunto, toda a vida anda descalço*.

A explicação que aponta Silva Túlio funda-se numa antiga tradição portuguesa. Antigamente (diz ele), as irmandades e confrarias tinham um irmão a quem chamavam *campeiro*, o qual, quando morria um confrade, corria a povoação tangendo a *campa* ou campainha, para sinal de que a irmandade devia naquela noite acompanhar o falecido à sepultura. Por este trabalho recebia o campeiro os *sapatos do defunto*. E não só era este o uso, mas obrigação, porque nalguns compromissos se lia: “todo o confrade que se finar dê os sapatos ao campeiro”.

Assim o diz textualmente e ajunta o comentário: “Como de antes a gente portuguesa era vivedoura, os *campeiros*, se não andavam descalços, haviam de trazer muitas vezes os dedos de fora.”

Eis aí a antiga tradição que julgamos de origem germânica e medieval. Mas é bem possível que remonte à antiguidade clássica.

No tempo de Silva Túlio, os eruditos portugueses não se preocupavam do *folclore* ou da etnografia popular: daí talvez a limitação que impôs às origens do provérbio.


Não é menos certo que as tradições ligadas aos *sapatos de defunto* tinham grande generalidade no médio evo e afetavam formas e expressões diferentes, conforme os lugares.

A ideia da morte, da partida para a grande viagem, era inseparável do aparelho das *botas e sapatos*. É primeira noção intuitiva e que dispensa comentário. Na tradição germânica e europeia, comprovada em numerosas usanças e costumes populares, a intenção principal era evitar o assombramento, isto é, a volta do morto por falta de qualquer artigo de viagem. Daí uma série de medidas prudenciais tomadas antes do enterro. O defunto, antes de levado ao campo-santo, devia ter os pés para a porta, segundo o rumo que havia de seguir; e outra coisa não podia ser esquecida e era enterrá-lo com os sapatos (dem Toten Schuhe mit ins Grab zu geben).²¹

Ainda em França há o costume que se expressa pelo modismo da Borgonha: *Quan la Mor venré graisse no bote* (quand la mort viendra, graissez nos bottes).

Dizemos também dos que se vão que – *bateram a bota*. Nesta frase a palavra *bater* tem o sentido que guarda no espanhol de calão.

Sem sapatos, como viajar à eterna viagem? O defunto volta e reclama os sapatos esquecidos ou imprudentemente herdados por outrem.

21  *Zeitschr. f. Volkskunde*, 1894, p. 425. A posição com os pés para a porta entre nós é considerada funesta na disposição dos leitos. É agouro que provoca a morte.

Essa preocupação dos mortos parece mesmo achar confirmação em tradições mais antigas. Vemos em Luciano (*Philospseud*, c. 27) uma mulher defunta que volta a reclamar uma das sandálias que escapou à cremação de seus despojos terrenos.

É essa uma anotação de Sartori ao estudar algumas crendices populares a respeito de sapatos (*Der Schub im Volksglaube*, na mesma revista).

Destarte, a herança menos provável é a dos sapatos do defunto. O herdeiro teria que amargar as consequências do legado.

Dessa tradição geral é que deriva a frase proloquial acerca dos – *sapatos de defunto*. Não são despojos desejáveis e provocam talvez a aparição de espectros, como o daquela mulher de que fala Luciano.

Não esperemos, pois, por *sapatos de defuntos*.

SEGUNDA PARTE*

I

Dar-se por achado. Pelo nome não perca. Era uma vez. És não és. Contas do Porto; por escote. Deus dá nozes a quem não tem dentes. Ali à preta. Dar o desespero (modismo brasileiro). As artes de pintar: — pintar o simão, nem pintado e ao pintar da faneca, pintar a manta e levá-la. O diabo não é tão feio como o pintam. A olhos vistos. Sabido como cobra. *Latet anguis*. Nunca o vi mais gordo. Fazer ouvidos de mercador. Tem carradas de razão. Val-d'égua e outros vales. Dois dedos de latim. Onomatopeias: *psiu, oxte, tem-te!*


I. De quem se dá por molestado ou ofendido no trato familiar ou deixa ficar-se a descoberto e se denuncia à mais simples alusão, é costume dizer-se:

deu-se por achado

Examinada em seus termos literais não parece a frase muito clara. O sentido de *achar* não aponta ao de ofensa, nem envolve o de agravo. Há, pois, uma razão oculta que, a meu parecer, elucida a frase.

ACHAR é voz arábica que não tinha o sentido, corrente hoje, de descobrir ou encontrar.

A ideia e a forma originária da palavra ainda se conservam e persistem em vários termos — *achaque, enxaqueca*, etc. — e valem como doença, mal-estar, defeito ou moléstia.

*  Nesta Segunda Parte encontram-se as Frases Feitas que compunham na 1.ª edição o 2.º vol. publicado em 1909.

Em suma, *achar* está por *achacar* e restou apenas na locução proposta, tornando-se voz obsoleta nos demais casos. *Dar-se por achado* é dar-se por achacado e ofendido.

O modismo é antigo na língua e já se oferece exemplo no *Cancioneiro* de Garcia de Resende:

Outros averá casados
Que se querem namorar,
Mas eu os leixo folgados
Que os não dou por achados

Canc. geral, III, 219

Mais explicitamente podemos autorizá-lo com os quinhentistas:

Coma e beba e leve boa vida e vá tomar merendas per casa de
suas amigas e não me dê por achada de suas coisas.

Ulíssipo, III, cena 3


Ora, notai como sou discreto, que não me dei por achado de suas figas.


Ibidem, III, cena 6

É fácil a inteligência dos textos aqui expostos. *Dar-se por achado*, isto é, aludido, *achacado*, denunciado e molestado ou ofendido por palavras.¹ Ainda as antigas leis adotavam a expressão primitiva *achacar*, que é hoje *assar*, no sentido de dar libelo ou denúncia:

“Se qualquer mulher tanger adufe, o mordomo a *achacará* e chamará a juízo”.

Século XIV²

1  Por isso definem os léxicos castelhanos: “*Ajar* maltratar de palabra a alguno para humilharle.” *Ajar* (e não *ballar*) é o correspondente etimológico de *achar*.

2  Doc. tomado ao *Eluc.*, de Viterbo, s. v. *achacar*. Em João de Sousa, *Vestígios da l. arábica*, s. v. *achacar*, registra-se o sentido de – dar queixa ou libelo contra alguém.

A mesma voz *achaque* depara-se no Arcipreste de Hita, quando diz:

Dice el proverbio viejo: quien matar quier su can,
Achake le levanta, porque no lo den del pan.

Cantare, copla 83³

“Não se dar por achado” é, pois, não sentir-se denunciado, acusado ou achacado.

Agastada por palavras, diz uma personagem do *Ulísippo*, que não quer *ouvir achaques* (pág. 64).

Dava-se por *achado* quem quer que, com o sentido antigo da palavra, se dava por *achacado*.


Em uma nota que gentilmente me comunicou a eminente doutora Carolina Michaëlis de Vasconcelos, vejo que lhe repugna aceitar a filiação *achacar* e *achar*, ainda na forma *achado* por *achacado*.

Realmente é muito difícil conciliar foneticamente as duas formas, com admitir a síncope de toda a sílaba de *achacado* = achado. Difícil ou impossível; mas não é menos o sentido da frase dar-se *por achado* (magoado) a querer derivá-lo de *achar*.

O étimo mais admitido de *achar* é *afflare*, mas não passa de um fantasma fonético criado por indução da possibilidade *fl* = *ch*, sem nenhuma atenção ao sentido da palavra.

Aflar é soprar ou mover-se suavemente. *Aflam as palmas*, disse José de Alencar, como o dissera Bernardes antes do nosso romancista: é palavra de formação literária.

O problema, pois, continua a desafiar a argúcia dos etimologistas. Melhor é derivar – *achar* – de – *achanar* = *achaar* = *achar*; e a língua possui *achada* (achanada) no sentido de planície, rechã.

3  Cit. no *Glos.*, de *Eguilaz*, pág. 23.

Por esse caminho, talvez se consiga explicar mais razoavelmente a frase — *dar-se por achado*, segundo os textos com que documentei a locução.

É possível ainda ligar *achado* ao espanhol *achar*, mas faltam-me exemplos que possam justificar essa aproximação (*achar* versos, *achar* coplas — para indicar a alusão ferina); também seria conveniente *examinar o sentido* de *machucar* (deprimir, também, moralmente).

Pelo nome não perca

2. Quando se depara nome de pessoa esquisito, insólito, extravagante ou impróprio, é costume ajuntar com benévolo otimismo, *pelo nome não perca*.


Um nome é sempre alguma coisa, e para os antigos valia muito, quando não era tudo.

As histórias e as lendas estão cheias de sucessos graves e memoráveis produzidos pelo prestígio dos nomes.

Ouçá-se esta que vem toda ao caso:

Chegou ali a Madrid um embaixador de França para o ajuste dos desposórios com uma das duas filhas del rei Filipe; e com a regalia de escolher o tal embaixador aquela que melhor lhe parecesse. Para esta eleição perguntou discretamente pelos *nomes* de ambas e dizendo-se-lhe que a primogênita se chamava D. Urraca e a outra D. Branca, quis que a princesa D. Branca preferisse na escolha só pela maior *beleza do seu nome*.

Recreação prov. II, 298⁴

4  Extr. do *An. de França*, diz o texto. *Recreação proveitosa* foi uma das pequenas obras deleitáveis e instrutivas de *Jesam Barata* ou J (oão) B (artista) de C (astro) † 1775.

Eis aqui um dos casos em que a formosura ou a preeminência e jerarquia foi posta abaixo pela beleza de um nome, com a observação do embaixador: *Nomen supplebit*.

Os mesmos juriconsultos antigos sempre tiveram esta opinião de que um *nome feio*, na falta de outros indícios, era presunção aceitável contra os suspeitos de crime.⁵

Havia, pois, que perder pelo nome. Bárbaro e verdadeiro.

Todas estas teorias, por absurdas que pareçam, faziam acreditar-se com as palavras da Escritura sagrada onde, em vários lugares, se deprende a boa ou má fortuna dos nomes.

Abigail concita a David a não irar-se contra *Nabal*, cujo nome bem faz suspeitar que é um insensato:

Nabal quoniam *secundum nomen suum* stultus est.


Livro dos Reis, I, XXV, 25


E ainda *Cânticos* I, 2 a respeito de Sulamitides:

Oleum effusum nomen tuum

I, 2

O nome se é fatal faz perder o amor e o casamento ou as graças e valimento na diplomacia e até a boa fortuna na história como o atestado Lucumon, os Tarquínios na república, os Carlos de sangue real na história europeia.⁶

5  Menoquiu *de presumpt.* Liv. VI, q. 30, n. 10 Bartol. e Cason. *de iudiciis*, citados por Jesam Barata, *ibidem*, 299. Não se referem a *alcunbas* comuns entre criminosos. “Deve-se julgar o delito (a falta de provas) por aquele que tiver mais ruim nome.” *Ibidem*, 299.

6  Da trágica desventura dos *Carlos* coroados fala D. Francisco Manuel no seu *Tra-tado de Cabala* (págs. 109 e seguintes). Portugal não os havia ainda no seu onomástico real; mas veio, enfim, D. Carlos I confirmar agora o lúgubre vaticínio.

Tamanho foi esse influxo que se inventou uma arte diabólica, a *onomancia*, com os seus sortilégios; e os poetas do outro tempo se acharam autorizados a mudar os nomes triviais às suas amadas, fazendo a toda Inez *Nize*, de Maria *Armia*, de Joana *Aonia*, etc.

Na literatura popular e sob todos os aspectos do *folclore*, os *Pedros* são maus ou diabólicos, os *Joões* atoleimados, bonachões simplórios.⁷

Perder, pois, *pelo nome*, é coisa certa e sem dúvida.

Era uma vez... És não és

3. Se uma coisa frágil acaso se rompeu, se quebrou e cessou de existir, dizemos: *era uma vez...*

As palavras são tomadas às primeiras das histórias de antanho que recontam coisas que já passaram e existem apenas na memória dos rapsodas populares.

Têm-na os espanhóis quando dizem *erase que se era* e entre os árabes (*kān fi mālek*, foi um dia um rei) com a mesma aplicação que damos hoje a propósito de objeto que se desfaz e desapareceu em fragmentos.

Há uma adivinha popular que começa

Era, não era,
Estava na eira...

onde a frase aparentemente mais se aproxima da castelhana *erase que se era* acima registrada. O sentido, ao contrário, é o de pequenez, nada, bagatela, estilhaço e coisa sem vulto que aí se exprime pela fórmula *era não era* conservada no folclore.

7  Veja neste vol. as frases derivadas de *Maria* e de outros nomes vulgares.

4. Nos clássicos, temo-la com idêntico sentido na forma:

és não és

para indicar o *quase* e o *não ser* das coisas mínimas. Abonam a expressão os exemplos seguintes:

Em Jerônimo Ribeiro (século XVI):

Pesco uma pobre vez
 Para comer, *és não és*,
 C'o anzol da gorazeira,
 Vem o anzol da ribeira:
 Pesca cifra, leva dez.

Auto do físico

Em D. Francisco Manuel (século XVII):

Rostro simples português
 Sem mistura de adubío
 Tal ou qual, qual Deus o fêz;
 Se há de seu um *és não és*
 Tanto mais dêle me fio.

Obras métricas, II, 60

É logo o rigor maior,
 Um *és não és*, de um rigor
 Que causa dores maiores;
 Se a maior dor destas dores
 É *que não é* esta dor.

Obras, II, 204

Item, as casas me enfadam
 Porque por um *és não és*,
 Estas casas são casinhas
 Donde a gente sai a arder.

Ibidem, II, 215-216

Ainda do mesmo autor:

Por onde, ali logo levantava tais enredos e tão bem fabricados que eu próprio estava um *és não és* de lhe crer, quanto de mim fingia.

Apol. dialogais, pág. 92

Em Frei Simão de Santa Catarina, com pouca diferença de forma:

Finalmente a vossa Musa
É um não és das mulheres
 Nos *eres* tôda donaire,
 E nos *ares* tôda leque.

Orações acadêmicas, 217

O poeta aproveita o ensejo para os seus habituais trocadilhos e equívocos.

No poema herói-cômico de Azevedo Tojal que é uma sátira ao célebre Gusmão, o *Voador*, assim começa um dos cantos:

Us *és não és* de luz já parecia.
 Vislumbrar nos balcões do dúbio Oriente...

O *Foguetário*, canto IV, est. I.

A locução é hoje obsoleta.

A forma *eres* por *és* como no espanhol foi de uso de alguns quinhentistas como Bernardim Ribeiro; está registrada no dicionário de Moraes. Também *eres* podia ser epíteto, como se lê no poema joco-heroico da *Benteida* de A. Lima:

Desde a dama mais *eres* e mais guapa
Até a mais desestrada trapalhona.

Ed. de 1752 – II, est. 6

Aqui tem o mesmo sentido da locução – *ffe rr* – *Eres* é o nome do *r* simples entre vogais.

5. Chamam-se entre nós – *contas do Porto* – as que cabem por escote a cada um em sociedade de despesas. Entende-se: em certos gastos comuns, jantares, viagens, etc., ninguém paga pela companhia e cada qual paga a sua despesa própria. A isto chamam *pagar por escote*, e as contas dessa natureza são

contas do Porto

Esse modismo, ao que conjeturo, é a deturpação da fórmula – *contas de perto* – fragmento de uma frase feita mais longa e que se depara nos antigos escritores. Vemo-la, por exemplo, no quinhentista J. Vasconcelos em duas das suas famosas comédias:

E porque sei isto há muitos dias, quem de mim quiser alguma coisa, meta mão na bolsa, porque é favas contadas, *conta de perto, amigo de longe*.

Ulísippo, I, cena VII

Assim haveis a bênção de vossa mãe. Ora, pois, senhor, o negócio está concluído, *conta de perto, amigo de longe*.

Eufrosina, I, cena III

Equivale a expressão à outra que diz: *amigos, amigos, negócios à parte* ou ao *escote* das despesas que em comum se custeiam; ou como diz o clássico, *contas de perto, amigos de longe*.⁸

Vasconcelos também conhecia a expressão *escote*, como se vê da mesma *Eufrosina*:

E pode ser que paguem elas o *escote*...

II, cena III

e ocorre frequentes vezes na *Arte de Furtar* (n.º 26), conforme indiquei na edição por mim anotada; em Prestes:


Quem cuida que eu sou guilhote

Pague o *escote*

Obras – 263

Deus dá nozes a quem não tem dentes

6. Aplica-se o ditado ao que não sabe ou não pode aproveitar a boa fortuna que lhe coube. À velhice edentada, as nozes nada aproveitam, e por isso mais especialmente aos velhos é que ironicamente se endereça o rifão, e apodo, quando desposam meninas. Se desta situação marital é que resulta o provérbio, imaginado pela inveja, a explicação não pode ser outra que a de costume antiquíssimo e que data dos romanos. Por esses remotos tempos, quando se recolhiam os nubentes da ceri-

8  Alberto Pimentel, em graciosa cartinha, censurou-me alegremente essa liberdade que tomei contra os portuenses, em tudo leais, como ele o é, sem dúvida.

Um correspondente de pseudónimo *Axis* manda-me ver no Viterbo – *Eluc*. o vocábulo arcaico *Desum* – que corresponde exatamente ao sentido de *em separado, um por sua vez* e oposto a *en uno*.

O *desum* tem, pois, sensível afinidade com o – *escote*.

mônia do casamento, lançava o marido aos rapazes grande quantidade de nozes. Era quase um modo de despedir-se da meninice.⁹ O símbolo não trazia o amargor de hoje – Nozes aos que não podem ainda ou não poderão nunca!

Relembro o Vergílio quando diz:

Tibi ducitur uxor.
Sparge, marite, nuces.

Égloga, VIII

Com as nozes brincavam as crianças e *deixar as nozes* era fazer-se gente grande e séria.

Et nucibus facimus quaecumque relictis

Cabem, pois, as nozes aos que não têm dentes, tanto à infância como à decrepitude.

Podia, aliás, o modismo de si mesmo explícito, gerar-se espontâneo sem o influxo da antiguidade clássica: mas além das influências próximas há sempre as que são distantes, longínquas e lunares, fora da atmosfera que respiramos.

Ali à preta

7. É conhecidíssimo o ditado popular e faceto, de sentido obscuro, por já adulterado do tempo, *ali à preta*, e como se empregava no sentido de qualquer fácil incitação, parece que a palavra *preta* se refere a pessoa, a escrava ou mulher negra.

⁹ São várias as interpretações deste costume romano. Veja-se no Vergílio da ed. in-fol. de Seb. Nivellio, Baris, 1600, pág. 42, os comentários relativos a essa passagem célebre. Cf. o que diz Frei Fradique Espínola na sua curiosa *Escola Decurial*, tomo V (ed. de 1699), págs. 48-49, e *Las Obras de P. V. M. por Diego Lopez*, Valência, 1698, pág. 53.

Ali à preta, simula hoje significar: “em qualquer lugar, à venda da esquina”, etc.

Entretanto, a explicação está em que a palavra *preto* era na língua antiga portuguesa até o século XV a mesma coisa que a forma atual – *perto*. Vejam-se os exemplos:

E o Mouro faz sinais que eram em terra firme... oferecendo-se logo de o levar onde eles estavam, cá o mar chegava *mui preto* donde eles jaziam.

Zurara, *Crônica da Guiné*, 189

E chegando-se mais *preto* ouviu chorar um menino.

Ibidem, 190

Em geral *ali* e *preto* andam de companhia.

E *dali* partiram para outra ilha que *ali* estava *preto*...

Zurara, *Crônica da Guiné*, 141

Estes sós exemplos, creio, que bastariam; um, porém, se nos depara que apaga todas as dúvidas porque reproduz a frase moderna com levíssima alteração, e é a locução *ali a preto*, isto é, *ali perto*. Está em Fernão Lopes quando narra a prisão dos algozes da desventurada Inês de Castro:

Entom disse Diego Lopez aos seus que andassem *ali a preto* caçando, cá el só queria ir com aquel pobre homem a um vale.

F. Lopes, *Crôn. de D. Pedro XXX*, pág. 83

Foi deste *ali a preto* (= ali perto) que ficou essa sobrevivência burlesca: *ali à preta*.

Dar o desespero

8. Eis aqui um modismo de uso quotidiano no Brasil (Rio de Janeiro, S. Paulo e outros lugares) – com a significação de zangar-se, encolerizar-se.

Ao mais simples exame, a frase se afigura ilógica e malfeita: “Fulano ou Sicrano *deu o desespero*.”

Não pode ser. É uma apropriação e deturpação popular de outra frase vernácula de sentido aproximado:

deu-se a perros

ou melhor:

deu perros

Outra forma plebeia registra a ENFERMIDADE DA LÍNGUA, II 6:

dar-lhe um perro

Na sátira *Quaresma engrolada*, escreve Filinto Elísio:

Não sabe, onde o jejum, a festa encaixe,
Nem que santo ou que santa hoje apregoe:
Dá-se a perros, revolve os alfarrábios...

Obras, (ed. de Lisboa), IX, pág. 24

Eu com despeito forte
Digo entre mim a miúde:
– Isto é querer a sorte
Dar perros à virtude.

Ibidem, XV, 45

Dava-se a Negrinha a perros
Depois de passado o susto.

Obras post. do Cego, 169¹⁰

Como é achaque com que os namorados nos *damos a perros*,
é como mordedura de cão que fere com os dentes e cura-se com
o cabelo.

Anatômico Jocosu, I, 75


O popular AUTO DA FORNEIRA DE ALJUBARROTA começa por
estas palavras:


Na famosa e sempre leal cidade de Faro, a quem o oceano
(parecendo que nisto *lhe dá perro*) lhe morde as praias com as ar-
gentadas presas... etc.

É esta uma das histórias que o povo repete de cor, como as de JOÃO
DE CALAIS, da PRINCESA MAGALONA e que tais; e plausivelmente de
dar-lhe perros, *dar-lhe o perro*, fizeram *dar o desespero*.

Ainda *dá-se a perros* o a quem molestam pesares e tristezas, e assim o re-
gistrou Correias no castelhano sob a forma: *estoy dado a perros* (mohino).¹¹

O sentido originário de *dar a perros* é rogar pragas; *maus cães te persigam*
é fórmula de maldição ainda usada, e para os antigos *perros* e *cães* eram
injúrias habituais aplicadas aos mouros e ao séquito incréu de Mafo-
ma, como se vê da cantiga ou romance de Calainos, tão conhecido dos
escritores de quinhentos:

10  Do poeta José de Sousa (1680-1744), da Academia dos Anônimos. O *Cego* foi acadêmico dos *anônimos*. O notário apostólico Francisco Luís Ameno reuniu e publicou a COLEÇÃO DE ALGUMAS OBRAS PÓSTUMAS QUE EM PROSA E VERSO DEIXOU Joseph de Sousa, CEGO DESDE O BERÇO – Lisboa – Oficina Silviana, 1746.

11  VOCABULÁRIO, 532. Cf. Bluteau, s. v. *Perro*.

Ya cabalga Calainos
A la sombra de uma oliva...

9. Há provérbios, comparações, frases e ditados e fórmulas tomadas às coisas da pintura e quase todos de fácil compreensão. Alguns por mais obscuros aqui merecem ser examinados.

Um deles é o

Pintar o Simão


frase vulgar e plebeia, onde *Simão* é o nome que domesticamente se dá aos macacos. Vê-se que é derivada do epíteto *pinta-monos* ou *pinta-monas* que se aplicava aos maus pintores mais dignos de retratar bugios que gente humana. De *pinta-monos* fizeram *pintar monos*, pintar o *mono*, ou pintar o *Simão*, que é o mono em pessoa.


10. **Conhecer pela pinta**
é conhecer por qualquer sinal físico¹²

Pois desde aqui como amante
Conhecida ser intenta
Pela pinta.

Anônimos – 329

Os pintores fazem o que querem pela fantasia e daí o adágio hoje obsoleto – *Pintar como querer*¹³ – e da tendência a favorecer ou a embelezar os retratos e paisagens é que veio PINTADO a ser sinônimo de *perfeito*.

12  Muitos destes sinais vinham da doença *das pintas*, o tabardilho e outras febres. Mais dura expressão era a de – *conhecer pela marca* –, pois que os ladrões eram em tempos muito idos, marcados com a letra L nas costas e a fogo. Diz-se também das cartas de jogar.

13  Registrado em *Bluteau*, s. v. *pintar*.

Neste caso o PINTADO é muito melhor que o vivo. E pode dizer-se
nem pintado

para exprimir que de nenhum modo se aceita um indivíduo.

Marido? ni aun soñado,
Ni pintado,

Gil Vicente, I, 49

Mais incorporado começa a ser perseguido, a que resiste *como o
mais pintado.*

Anatômico Joc. I, 13

Disso todos sabemos um pouco; não darei vantagem *ao mais
pintado.*

Ulíssipo, pág. 21

Pintado houvera de ser o que me vencera.

Ibidem, 227

E em Antônio José:

- Ande que o amor se pinta cego.
- Muito vai do vivo ao pintado.

Guerras do Alecrim – II, cena 2

II. Se o antigo adágio que mencionamos – *pintar como querer* –, já se não usa, entretanto, sempre se usou e continua de usar-se a formulilha – VEIO AO PINTAR – isto é, ao querer, ou como se queria:

Houvereis de ser casado
Com esta dama tecedeira

Aqui fronteira;
Vinbeis-lhe dito e pintado.

Prestes – 387

Do contexto dessa primitiva fórmula é que se tirou a outra

veio ao pintar da faneca

locução corrente, mas que não vejo abonada por escritores antigos. *Picar a faneca* é o exemplo que ocorre em um romance de Jerônimo Vahia:


É o mar onde o desejo
 Por mais *que pique a faneca*,
 Entre os seus cabelos ricos
 Somente *douradas* pesca.

Faneca é nome de um pequeno peixe e também o de uma espécie de doninha, e *alfaneque* o falcão que a caça por vezes, e a pele daquela alimária.

I2. Ora, desta pele se faziam roupas e vestes, como testemunham documentos antigos¹⁴ e especialmente mantas e cobertores. O modismo vulgar

pintar a manta

não será outro senão o mesmo que *pintar a faneca* ou o *faneque*, porque o sentido de *manta* é cobertor de cama. Apenas houve a confusão aqui de vários sentidos; ao começo, bastaria dizer: *veio ao pintar*, isto é, na ocasião própria. E depois outra frase de sentido diferente – *pintar a*

14  No barbarus, de Du Cange; no *Glossário* de Yangas, v. *albaneque*, e no *Eluc.*, de Viterbo, *alfanehe*: peles e roupas para vestir e para cama, tapetes, etc.

manta e *pintar a faneca* se juntou à primeira: *veio ao pintar da faneca* ou *ao pintar da manta*.¹⁵

Resta explicar por que *pintar a manta* ou *faneca* significa divertir-se, folgar.¹⁶

Ainda hoje — *levar manta* — é ser vítima de logro ou zombaria, às vezes de ação de mau gosto ou de transação desonesta.

A *manta* é sempre um invólucro e embrulho, e *mantear* ou cobrir é burla tão antiga quanto Eva e a folha de figueira do paraíso.


O trecho seguinte elucida o modismo que é tanto dos castelhanos como nosso:


“De Oton dice Suetonio (c. II) que, rondando por las calles de Roma, si encontraba algun borracho, le *manteaba*, tendiendole en la capa... *distento sagulo in sublime jactare*; y Marcial hablando con su libro dice que no se fie de alabanzas porque a vuelta de ellas se burlarian de él *manteandole*.

Ibis ab excusso missas in astra sago

I, *epígr.*, 4 (4)

Há, conseguintemente, um grande número de frases que por contágio misturaram os sentidos próprios e diferenciais — *dar* ou *levar a manta*, a *faneca*, *pintar a faneca* e *pintar a manta*, *pintar a caneca* ou o *caneco*, *pintar o Simão* e *pintar monos*.

15  Esta gradação é tão normal que o plebeísmo *pintar o caneco* parece ser derivado do *pintar da faneca*. Cf. *ir ao caneco* e adiante a origem de *mantear*.

16  Observa excelentemente C. de Figueiredo: “*Faneca* não é só uma espécie de peixe de doninha —, significado que pouco ou nada se relaciona com a frase. Significa também castanha chocha ou que tem apenas pericarpo. Só na sazão própria é que a castanha se *pinta*, perdendo a cor esverdeada. Não poderá o prolóquio filiar-se nesta indicação?”

O Sr. O. de Pratt escreve largamente, a propósito das *F. Feitas*, acerca da expressão *manta* e locuções em que se compõe. Acho, porém, as suas reflexões muito distanciadas da verdadeira inteligência do vocábulo.

O que ele diz a respeito da locução – *diabo a quatro* – não tem fundamento algum na erudição já conhecida no assunto, como se verá em outro lugar deste livro.

13. Entre os gêneros antigos da pintura havia o

pintar romano

que era a pintura de grifos, hipogrifos e coisas fabulosas e fantásticas. Na *Ropica Pneuma* distingue João de Barros os gêneros ou assuntos, os *nuus*, o *trapo* (roupagens), a *paisagem* e o *romano*, pintura de monstros:

Há aí uns pintores que se delectam em pintar *nús*; outros têm mais gôsto em o *trapo*; outros não se lembram de si por *paisagens* que são mais contemplativas. E outros deixam estas três partes e tomam a *do romano* – pág. 152.

.....
A fazenda *pinta romano*: começa em homem, acaba em peixe: tem bico de águia, corpo de leão, áta os pés, põe asas nas mãos e com esta variação nunca tem certa lei.

Ibidem., 164

Parece que não deixou vestígios na linguagem moderna esse *pintar romano*.

14. Assim como há impiedades contra Deus, assim pode haver também alguma simpatia pelo demônio. De tantos horrores e doestos carregaram o anjo mau, que a muita gente parece que

O demo não é tão feio como o pintam

Conjeturo que devia ter provindo da exagerada caracterização da figura indispensável do diabo nos antigos autos e mistérios. O modismo é muito antigo:

– Podem queimá-lo e lançar o pó por todos para a coisa ficar como não cumpre.

– *Não é o demo tão feio como o pintam...*

Aulegrafia, II, cena 6

15. Entretanto, uma variante de difícil explicação é igualmente antiga e bastante usada:

El diablo no es tan feo
Como *Apeles* lo pintaba.

Gil Vicente, II, 267

(fala o diabo:)

Quando quero também sou
Gentilhomen, que *Apeles*
Tão feio não me pintou.

Prestes – *Obras*, 50

E em muitos outros lugares dos clássicos há essa referência a Apeles que não quis pintar tão feio o demo. Não conheço a origem dessa absurda atribuição, se ela realmente foi pelos cristãos, dada ao pintor grego, com tão singular anacronismo.

Apenas cheguei a conjeturar que fosse originada da heresia de um certo Apeles que acreditava num anjo de fogo, *Deum igneum* superior ao Deus dos cristãos:

Apellite. Hæreticorum secta, a quodam Apelle ita dicti; Angelum quendam Dei superiorem afferentes, quem *Deus igneum* appellabant, israelitarum legislatorem & Christum non in veritate esse Deum, sed hominem in phantasia apparuisse.

Macri – *Hierolexicon* – 42

Este Apeles certamente não podia pintar tão feio o deus do inferno e do fogo.

Mas não há um só passo da literatura vernácula que abone esse obscuro episódio da história da Igreja.

A conjectura que mais me seduz é que, a exemplo de outras, esta frase proveio de uma inversão de sintaxe. É provável que a princípio se dissesse: – *Tão feio não o pintara Apeles* – i. é. – *Apeles não o pintaria tão feio*. E logo depois – o condicional *pintara* foi tomado como *plusquam* perfeito (*tinha pintado*).

Essa inversão pode nesta mesmíssima conjuntura ser confirmada pelos versos de Antônio Prestes no seguinte diálogo:

– Senhor! muito bem pintais
Uma vida, assi.
– Com pintá-la
Com tinta, desejá-la,
Não n'a *pinta Apeles* mais.

Aqui como na frase estudada, *Apeles* vale por – o pintor por excelência. Esses subentendidos tais não são raros na linguagem comum.

Não me cabe aqui expor os casos de eclipse mental que ocorrem nos escritores. Lembrarei v. g. que, frequentemente nos clássicos, *ribeira* tanto significa o rio como o álveo descoberto ou a margem; no *Cerco de Diu*, de Jerônimo Côrte Real, fala o poeta de um *rio alcantilado* quando decerto se referia às margens:

Um gran rio
Alcantilado e fundo atravessando
 Vai com dissimulado curso.

Canto XX, pág. 355 (ed. de 1783)

A sensação exprime-se invertida nos modismos “fazer *correr* um muro ou gradil” ou como disse Camões:

Um monte alto que *corre* longamente

Lusíadas – VII, est. 21

A olhos vistos

I6. Parecia mais regular e lógico escrever – *a olhos visto*. Mas também se diz *a olhos vista*; e entende-se coisa vista a olhos, evidente. E por último também se depara alguma vez – *a olhos vistas*, nos velhos autores:

– E vós, quereis-lhe bem?

– Quem, eu? como trinta. Bebo os ventos por ela *a olhos vistas*¹⁷

Ulísipo, III, 6 (pág. 219)


De suas traições validas

Não há coisa que não faça

Que se vale *aos olhos vistos*

De sua mesma esquivaça.

Fênix ren. III, 399

17  Ou é corruptela ou erro de impressão a frase *asnos vistas* como está no texto da edição de Farinha, 1787.

A construção abonada na antiga comédia de Jorge Ferreira – *a olbos vistas* – não é um espanholismo, nem contraria a índole da nossa língua. Em verdade, o castelhano diz *a ojos vistas, a pié juntillas, a ojos cegarritas* com eclipse e subentendido que falta ao nosso vernáculo. Dizemos *a olbos cerrados, a olbos vistos, a pés juntos*. E ainda por essa tendência é que vão desaparecendo certas analogias da língua antiga; dizia-se outrora *testemunha de ouvida, aprender de ouvida*, enquanto se agora diz e escreve *testemunha de ouvido, aprender de ouvido*.

17. A forma paralela *saber de oitiva* (auditiva) traz o cunho pejorativo e equivale a mal, imperfeita, ou *desentoadamente* como o definia D. Nunes do Leão. Ap. Bluteau, s.v.

Aos que escrupulizam no emprego da palavra *orelhas* por parecer que são estas mais próprias de asnos vai certa a reflexão de Faria e Sousa – *Esses tais ou são asnos ou ficam sem ter orelhas* – O dilema é terrível, mas a verdade é que ninguém hoje diria *orelhas angélicas* – como o fez Camões. Veja Bluteau.

18. Mas, no caso proposto, *a olbos vistas* pode conferir-se com a frase arcaica *ver pelo olho*, também de uso:

O que o Magriço diz é para crer, porque o não pode nenhum saber melhor que êle que *o viu pelo ôlho*.

Rui de Pina – *Crôn. do Conde D. Duarte*, pág. 72

Sabido como cobra

19. As cobras sempre passaram por astutas e sabedoras, desde a cosmogonia mosaica e a obra da criação do mundo.

Daí o provérbio: – *Sabe mais que as cobras*. Invoco os exemplos:

Particulares ufanas
 Que sabeis mais que as cobras
 Pois sois ciganas nas obras
 Na dança sereis ciganas.

Fênix renac. IV – 152

Em outro lugar:

Fazei lá por essas lapas
 Penitência de vanglórias
 Com que por ser grão lagarto
 Quereis saber mais que as cobras.

Ibidem. IV – 420


O próprio texto do *Gênese* acredita a sabedoria deste animal: *Serpens erat callidior cunctis animantibus terræ.* E assim toda a literatura sagrada.¹⁸


20. Semelhante ao da sabedoria também se formou o do silêncio das cobras. É popular o ditado

Caladinho como uma cobra

porque efetivamente as cobras vivem ocultas, agridem ou se defendem em silêncio e são comparadas, por isso, aos caluniadores: *Si mordeat serpens in silentio, nihil minus habet qui occultè detrabit (Eclez. X).*

A religião, as superstições e a arte fizeram da serpente o símbolo da ciência.¹⁹ Defrontam-se assim os dois mitos, um ariano e da raça, que

18  Nos *Salmos* (LVII *Sicut aspidis...*) admira-se a sagacidade da serpente, e a Salomão o que mais lhe espantava e não podia explicar era o *Viam colubri super petram.*

19  *Escol. decur.* de Fradique Espínola, tomo IX, 21; *Recreações prov.* de Jesam Barata, II, 258-259; Marin, *Cantos pop. esp.* I, 333 e Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. port.* 142, superstições e crendices do povo acerca das cobras.

simboliza a sagacidade na *raposa*, e o outro semítico e religioso, que a simboliza na *serpente*; no Brasil a estes dois se junta o indiano que, no seu *folclore*, faz do *jabuti* (cágado) o mais astuto de todos os animais.

21. Ainda com referência indireta a este mesmo assunto convém notar a existência de uma antiga palavra já fora de uso, o verbo *later*, tomado, sem dúvida, à reminiscência da frase vergiliana:

Latet anguis in herba

22. Os nossos antigos escritores empregavam-na em ocasiões parecidas e diziam *latir a moita*:

Eu senhor sou de bom faro e por isso não vos espante *latir a moita*.

Aulegrafia – fl. 90

Não tendes tão bom faro como cuidais. Deixai a mim o saber *latir a moita*.

Ibidem – fl. 156 v.

Houve na palavra a concorrência de sentidos diversos *later* e *jazer* de duas formas latinas, a clássica *latere* (esconder) e *lattere*, e a medieval *glatire* (fr. *glatir*). Do sentido clássico melhor se avalia pelo exemplo:

Observai uma cobra que se desenrola dentre a *relva em que latia* e vêde o modo com que caminha pela planície.

Recreação prov. II, 259

Na *Carta de Guia de Casados* também ocorre o vocábulo com a mesma significação, que o nosso lexicógrafo Morais indica sem transcrever. É o seguinte:

Bem se podia dizer o que diz o romance: “El aspid anda en las flores, Alerta, alerta, zagales”; tomado daquele adágio latino que entre as ervas mimosas *latia* o áspide peçonhento.

C. de Guia (ed. de Camilo) – 136

E sempre os poetas a exemplo de Vergílio usaram dizê-lo pelos mesmos termos:

Qual serpente...

Entre as ervas está com novo brio

E como elas verdeja...

Quebedo – *Afonso Africano* – IV est. 25

Nunca o vi mais gordo

23. Atribui-se o ditado ao imprudente que, com ridiculez, se entremete onde não é chamado, afetando graça, familiaridade ou importância.


Creio que por elipse se tirou da outra frase muito comum:

meter-se a taralhão

porque chamam de *taralbão* à pessoa *gorda*, e os taralhões são pardais que engordam muito. Assim, Bluteau já havia a propósito de *taralbão* notado que o termo se toma metaforicamente por *gordo* e “em frase chula quer dizer – aquele que tem um modo de tratar com termos ou jocosos ou sérios, naturais ou afetados que o fazem ridículo e a este trato ou modo de falar, conversar ou obrar, lhe chamam *taralbicé*”.

Taralhão é o que se entremete onde o não chamam.

Bento Antônio – *Aldeia na Côte*, 210²⁰

20  É provável que na significação da palavra influíssem outros radicais: *terebellum* de *terebrium*. Cf. taramela, taramelar, etc.

E uma vez que *taralhão* e *gordo* se equivalem e o epíteto se aplica a pessoas afetadas, intrusas e ridículas, suponho que o sentido passou de um ditado ao outro.

O entremetido parece sempre demasiado *gordo*.²¹

Fazer ouvidos de mercador

24. *Fazer ouvidos ou orelhas de mercador* é não prestar ouvidos ou atenção nenhuma ao que possam dizer.

É frase românica e antiga, que é fácil abonar com exemplos.

Em um romance de D. Francisco Manuel:

Orelhas fazem às dores
 Porque as não querem sentir
Orelhas de mercador
 Vendendo mais dor assim.

Obras métricas II, 220²²

Em outro de Serrão de Castro:

E no livro dos *Secretos*
 Diz um autor curioso
 Que *orelhas de mercador*
 São ouvidos dêste modo.

Acad. dos Sing. II, 177

Na sua *Origem dos Anexins*, o inventivo doutor Castro Lopes explica a frase *ouvidos de mercador* pela corruptela de outra – *ouvidos de mau cre-*

21 ∞ Cf. o espanhol “*gente de gordillo* = del vulgo ó de la plebe”.

22 ∞ O texto das *Obras métricas* foi impresso em Lyon entre grandes descuidos. Corrigi o primeiro verso que está no original *As orelhas fazem as dores...*

dor – que aliás não pode ser acreditada por um único exemplo de autor conhecido.

A explicação é inadmissível; pois muito mais surdos hão de ser os devedores. Basta considerar-se que a frase não é apenas e só portuguesa; e aquela chave do *mau credor* já não poderia solver o enigma nas línguas onde há *orejas de mercader*, *closes oreilles* (do francês do século XV), etc.

Convizinha-se pelo sentido com o outro prolóquio: *A palavras loucas, orelhas moucas*.


O sentido da frase não oferece, a meu ver, dificuldade séria. Os mercadores que são aqui os de rua ou de estrada fazem sempre os seus pregões estentórios por onde passam e como é próprio dos surdos o gritar demasiado também é natural supor que as respectivas *orelhas* ou *ouvidos* são ouvidos e orelhas de surdo.²³

Carradas de razão

25. Parece que é esta a fórmula usual e mais comum. Tem *carradas de razão* os que dela estão a não poder mais carregados. Mas a *carrada* não é medida quantitativa e precisa. O modismo primitivo foi provavelmente *canadas de razão*, pois assim o encontramos no século XVII em um dos poetas da *Fênix Renascida*:

E com ser a razão tanta,
 Todos ficaram sem ela,
 Tendo razão às canadas.

IV (ed. 1746), pág. 266

23  Na sua recente *Fraseologia*, escreve Cejador: “*Hacer orejas de mercader* – hacerse sordo y no darse por entendido, como que no oye; como el mercader cauto que deja pasar palabras ocasionadas, por no venir a caso justicia y ruines que hagan presa en su hacienda”.

A confusão entre as duas fórmulas *carrada* e *canada* não podia ser difícil, pois que tanto se diz *encher-se de razões* (e este verbo mais se aplica à medida de líquidos) como *carregar-se de razões*.

E não se estranhe que sob essa espécie se utilizem as *canadas* porque também há a exclamativa: *Com mil pipas!*

No poema cômico de A. de Lima (1752):

Levas-me sempre de cabeça abaixo
Valham mais de mil pipas tal ventura
 Cada hora me ponho como um cacho,
 Cada instante me vejo à dependura.

Benteida – III, est. 3

E também registrada está a locução nas *Enfermidades da língua*, 151.

Ainda pelos começos do século XVIII, de quando é o texto do livro popular das *Verdadeiras Bernardices*²⁴, ocorre o exemplo:


Não fôra melhor meter-lhe na mão um fueiro, se o queriam desprezar? porque no fueiro lhe davam logo a entender, que os desprezos lhe haviam de vir *às carradas*.

V. Bernar. – pág. 87

Pelo mesmo jeito diziam *alqueires de razão*, como está no *Teatro cômico*:

Ainda que a minha pena também me *tem cheio as medidas*, eu te confesso que *tens alqueires de razão*.

Ninfa Siringa A. I, c. I²⁵

24  As *Verdadeiras Bernardices* são do tempo de D. João V e é talvez o mais antigo senão o mais curioso anedotário português. A edição comum é de Paris – Aillaud.

25  Na Ed. Garnier, entre as óperas de Antônio José inclui esta, cuja autenticidade depende de prova.

Em suma, *encher carros, pipas, canadas, alqueires* parece que é tudo o mesmo. E daí o *encher as medidas* quando harto se cumulam razões.

Que a expressão *canadas*, medida de líquido, era a mais própria confirmam-no as *Prosas* do quinhentista Soropita quando escreve em dois lugares:

... E lhe pagam com *canada* e meia de buenos *dichos* na algibeira.
pág. 69

um parvo... que se lhe põe a desenfardelar mil *almudes* de cumprimentos...
pág. 123

Exemplo ainda mais antigo e expressivo é o das *Crônicas* de Acenheiro, em que relata os queixumes da Rainha Leonor (a esposa de Fernando) contra as línguas de Lisboa que cortavam na sua honra:

... dizia que não averia por vingada até não ver o Mestre (o Condestável) em seu poder e ū tonel de línguas de homens de Lisboa.
Col. de Ined. V., 172-173

É verdade que *tonel*, na arqueação, é peso também. *Tonel, almude* ou *canada* entram na mesma espécie.

26. VAL DE ÉGUAS ou *Val das éguas* é locução que correu muito e ainda corre na língua uma ou outra vez, mas já cerceada e sem o cunho e brilho primitivo.

Dela usaram os antigos escritores, em sentido próprio ou translato.

... E não vou muito fora do caminho, se não foram as grandes tentações que aqui cursam como vento no *Vale das Éguas*, porque o estômago não está bem fornecido da merenda.

Soropita – *Prosas*, 6

Só Portugal é nisto tão pródigo que tem por timbre (chamara-lhe antes inadvertência ou ignorância) entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fruto que o de dar um passeio com bizzarria por *Val das éguas* e tornar-se para casa com as mãos vazias e as frasqueiras despejadas.

Arte de Furtar (Ed. Garnier) n. 98

Falando geralmente, *val de éguas* ou *val das éguas* equivale ao mar alto em uma das suas voltas mais tormentosas. Assim se explica este passo do diálogo do *Avarento*, de D. Francisco Manuel:

Tudo o que há no mar há na terra; também cá entre nós é como no *val de éguas*: peixe grande para peixe pequeno.

Apólogos dialogais, 85

Efetivamente, é costume dos marinheiros assinalar em sua linguagem pitoresca alguns lugares famosos do oceano. Ao mar cheio de perigos que cerca as ilhas da Madeira chamavam *Val das éguas*. Na relação do naufrágio da *Nau Santiago* (1585), ainda ocorre a expressão, de modo bem explícito:

Desde sexta-feira até a segunda da Semana Santa andaram, ora em calmarias, ora às voltas de um bordo a outro, por o vento se mudar muitas vezes, até que a terça-feira entrando no que chamam *Val das Éguas* começaram a experimentar a fúria daqueles mares, arrebetando todos esses vagares em uma tormenta desfeita.

História trágico-marítima – IV, 7²⁶

No seu poema épico a *Insulana*, Manuel Tomás não poderia esquecer a expressão e tenta explicá-la comparando a fúria das ondas ao relinchar das éguas:

Que de *éguas* relinchos pareciam.

III, est. 48


27. Não é muito descabida a metáfora e em outra oportunidade já apresentamos razões que poderiam agora acreditá-la.²⁷


O mar está semeado de nomes que não figuram nas cartas e são só familiares aos marinheiros. Ocorre-me aqui mencionar a região das AREIAS GORDAS que parece ser perto da Espanha de Cadix para fora até às ilhas africanas:

Um navio espanhol que tinha partido carregado para a América não podendo passar às ilhas, voltou e veio a perecer no sítio *bem conhecido* dos navegantes pelo nome de *Areias gordas*.

Notícia etc.²⁸, pág. 4

O *Val de Éguas* não ficará distante das *Areias gordas* e ambos são lugares perigosos.

27  Nas *Frases Feitas* (I série) acerca das expressões *carneiros*, *vagalhões* (*cavallones*) etc.

28  *Notícia de grande tormenta que bouve nos mares de Cádiz e da notável inundação que bouve em Sevilha*, etc. Lisboa, 1758. Faz parte de curiosa série de relações e notícias avulsas, espécie de gazeta que se publicou pelos meados do século XVIII; em alguns folhetos há a indicação das oficinas de José da Costa Coimbra, de Domingos Gonçalves, da of. junto a S. Bento de Xabregas.

28. Tenho que, quanto ao primeiro, os portugueses tiraram saudosamente o nome de um lugar (mítico e imaginário?) de sua terra, arriscado e suspeito, como a *feira da Ladra*.²⁹ Refiro-me ao

val de cavalinhos


a que os poetas cômicos de quinhentos e os escritores que vieram depois sempre referem coisas de ciganos em termos inequívocos. No *Auto das fadas*, diz a feiticeira:

Cavalgo no meu cabrão
 Vou-me a *Val de cavalinhos*,
 E ando quebrando os focinhos
 Por aquelas oliveiras
 Chamando frades e freiras...

Gil Vicente – III, 92

Em Prestes, no auto do *Desembargador*, diz o Irmão:

Meu irmão então trazia
 Outra (manceba) em *Val de cavalinhos*.

29  Aqui faço apostilar a seguinte reflexão de Cândido de Figueiredo:

“Há em Lisboa um mercado semanal, conhecido pela designação de *Feira da Ladra*, e que nas *Frases Feitas* mereceu o qualificativo de lugar arriscado e suspeito.

O termo *ladra* parece justificar a argüição; mas, a este respeito, convém notar que o nome da referida feira não tem nem teve nada com *ladrão*.

A feira, que é hoje no *Campo de Santa Clara*, e que, ainda há poucos anos, era no *Campo de Santana* (agora *Campo dos Mártires da Pátria*), era, em antigos tempos, ao lado do Tejo, onde é hoje a *Rua da Alfândega*.

Ora, *lada*, termo desusado, é sinônimo de pequena corrente, ou corrente navegável; e, por extensão, designava a beira do rio, a margem. Como a feira estava na *Lada*, isto é, à beira do rio, chamou-se *Feira da Lada*; mas, como o termo *lada* caiu em desuso, o povo, que muita vez se obstina em palavras obsoletas trocando-as por outras passou a chamar *Feira da Ladra* o que era *Feira da Lada*.”

Essa explicação, que me satisfaz, confirma, entretanto, a suspeita do povo contra a *Feira da Ladra*.

Ao que retruca a *Manceba* pouco depois:

Vosso irmão, sabeí, Senhor,
 Que eu lhe abri asas, caminhos
 E em Paris o fiz doutor
 Não em *Val de cavalinhos*.

Obras – 216 e 217

Define-se melhor em D. Francisco Manuel:

Subiu-se a sala daquêle satrapa que em pública audiência e
 em dia claro, roubava (fazei conta) como em *Val de Cavalinhos*.


Apól. Dial. 70

Talvez esse temeroso *Val de cavalinhos*³⁰ sugerisse aos navegantes a
 ideia de *Val das Éguas* ou *Val d'Éguas* para fazer companhia a outros tristes
 vales, o *vale de lágrimas* e o *vale de Jozafat*.³¹

30  Outro exemplo no *Acredor* de Figueiredo (*Teatro*)

E rodeado de piolhos veremos
 num instante a feira da Ladra
 aqui em *Val de cavalinhos*

t. X – 205.

31  A acrescentar estoutro *vale* do entremez de cordel o *Tutor namorado* ou *As Indústrias das mulheres*, onde diz uma personagem:

Ca o senhor Dom Bazófió
 Não vive senão de calos
 Que anda fazendo em Lisboa,
 Hipotecando o morgado
 Que tem em *val de nenbures*,
 De onde é também fidalgo.

Pág. 4.

Também aqui registro o *Val de la Mula*, que parece ser expressão popular; duas vezes ocorre no *Falar e Escrever* (II, 70; 152) do ilustre lexicógrafo Cândido de Figueiredo.

29. O *dedo*, assim como a polegada, é uma medida que, por pouco precisa, ficou apenas no uso popular mais fácil e mais de qualidade que o dos matemáticos.

Tendes *dois dedos* de testa
 Porque da frente à fachada
 Quis Deus e a vossa miséria
 Que não chegue à polegada.

G. de Matos – I, 319

Mas entre outros muitos não é este o caso que importa aqui explicar, mas o da aplicação que especialmente se faz dos *dois dedos* à medida do saber

Dois dedos de latim
Dois dedos de teologia
etc.

O uso é bem antigo e já no-lo depara o *Cancioneiro geral*, nos versos de Garcia de Resende:

Parecis guozo adayam
 Com *dous dedos de latim...*

C. Geral, V, 373 (Ed. Coimbra).

30. A aplicação a coisas do saber provém de que os antigos intelectuais e doutores, além dos indispensáveis óculos, traziam a sua boceta de rapé.

Fazia tudo isto larga parte da fisionomia doutoral.

E diziam também na sua gíria: “F. não sabe *uma pitada* de francês.”

Uma *pitada* e *dois dedos* valem a mesma coisa.

Um sábio antes de responder a qualquer grave e intrincada questão,
como se diz no *Hissope*

Abre a caixa e tomando uma *pitada*

começa a discorrer.

E ainda assim por vezes não sabe *pitada*, ou sequer

Um dedo de grego, outro de latim.

Gregório de Matos – I, 177

Há mais que nessas matérias tabáquicas é costume o tomar
sem-cerimônia. Assim o diz o autor da *Carta de Guia de Novatos*:

E se vires que algum na tua presença

Da caixa puxa sem que te convide,

Mete os dedos e toma sem licença

Por que *lo que se toma no se pide*.

Onomatopeias

31. Algumas onomatopeias oferecem talvez interesse e merecem aqui examinadas.

O *psiu!* ou *pst!* de hoje era mais comum representar-se com a voz *cê!* *cê!*, fórmula também do castelhano. Os exemplos formigam; apontemos os seguintes:

Vou. *Cê!* dissei-me, a porta tem alguma grêta?

Ulíssipo – III, cena 7 (pág. 236)

Vai-se! ui! escute! *cê!*

Dom F. Manuel – Obras m. II, 212

E assim, nos antigos. Mas nas *Academias* (século XVII), nas *Sátiras* de Couto Guerreiro (século XVII) já se confirma o uso hodierno:

Chegou logo em um instante

À janela e fez *sio, sio*.

Acad. dos Singul. II, 36

Não posso mais, é ir abalando

Mas ouço atrás *cio! cio!* vou sempre andando.

Guerreiro – *Sátiras* I, sát. 8.^a

Da forma *cê* ou *ci* é que se derivou CICIAR, que é o ruído do vento nas folhas e que parece chamar

Algum tempo depois, ali plantaram

Ciciosas canas sículos pastôres

Filinto – *Obras* VIII, 18

e também defeito da voz, como já em Fernão Lopes:

Ceeava um pouco na fala

Ined. IV, 175

32. Eram antigas vozes OXTE, *uste*, *uxtix* equivalentes a *arre!* e foram também castelhanas

Apre besta do ruim.

Ux tix!

G. Vicente – III, 212

Uxtix, uxte xulo cá
 Que te eu dou, irás gemendo
 III, 213

Uxtix, agora não pacem elles.
 III, 214


E em Simão Machado temos reunidas as três vozes:

– Agora vereis dum sujo
 A que sabe o ser madraço.
 – Eu sou *arre*, ou *uste*, ou *xó!*
 – Paio Vaz, sois mentecato.
Comédia Alfea I, 137

Tanto me dou por *uxte* como por *erre*.
Eufrosina – fl. 68 v.

Há quem faça derivar *oxte* imaginando um verbo em *ox-te*, onde o primeiro elemento *ox*, *oj* é a mesma palavra *olhar* – lat. *oculare*. Acredito que é uma voz onomatopaica talvez da língua pré-romana na península.³² Entretanto, e aqui suponho estar o interesse maior do assunto, estou convencido de que essas interjectivas endereçadas a outro ente da natureza, envolvem um *te* objetivo que não pode deixar de ser o pronome pessoal e por isso são elas verdadeiros verbos e sentenças.

33. O caso de *ox-te* ou *us-te* é bem expressivo, mas ainda há outros. O que foi acima citado, *cio* ou *ce*, toma por vezes um *t* final *psí-te!* *pís-te!* que também refiro ao mesmo fenómeno.

32  Cejador y Frauca faz derivar do seu predileto euscaro *ots*, *och*, *och-eman* – afugentar. Cf. Koerting s. v.

E ainda melhor, o *ta!* aparece com a forma *tá-te*, como se vê de uns versos burlescos antigos:

Eu disse-lhe: *tá-te*, perra,
 Não metais assim de ponta
 A língua...

Cancion. geral, III, 173

Nas *Comédias de Alfea* encontramos a mesma fórmula de composição em estado embrionário:

Erte Tomé, *erte* asinha,
 Faz vir a pessoa espida.

Simão Machado – *Com.* 110

onde *erte*, segundo penso, está por – *ergue-te!*


34. Um caso inteiramente conforme a este é o de *tentear* (de *tem-te*) que estudamos adiante.

Não desconhecemos as etimologias mais corriqueiras que nem sempre são as melhores, a malgrado das aparências.³³

Poder-se-iam apontar para material de comparação a interjectiva *bi-te!* ou *pi-to!* para chamar cabras ou ovelhas, e a fórmula *pate!* que dirige uma rapariga a gansos e patas no *Auto da Fama*:

Pate, meninas formosas
 Andar, patinhas.

Gil Vicente – *Obras* III, 45

33  É o caso de *psit!* – E a este propósito escreveu uma vez K. Bruchmalnn: “Die Vermutung dass *st!* (unser Ruf) mit der Wurzel *sta* zusammenhänge ist schon öfter gemacht und nicht unangefochten geblieben”, *Z. f. Völkerpsych.* XIX. Faço eu a mesma reflexão para todos os casos análogos. Veja o *Suplemento*.

Pate! Pate!

Má raposa que as mate

Ibid. 44

Patelas, Pate raivosas

Ibid. 45

E no *Auto das Fadas*:

Pitas, pitas, pitas, pitas,

Patelas, patelas, patelas

Bem venhais minhas donzelas.

III, 106

Ainda ao mesmo gênero pode filiar-se a admirativa plebeia com ares de latina, *cáspite!* (caspe *te*). Foi registrada na *Enfermidades da língua*, II2; e é ainda hoje usual. Nas *Poesias joviais* (joviais? obsceníssimas) de Lobo de Carvalho.

Hoje ouvi um francês cuja loquela

Fingia bem francês...

– Madame, Monsieur, *caspite!* bela!

Soneto XLIII

L. Carvalho faleceu em 1787 e suas poesias só foram impressas em 1852, em *Cadix* (falsa indicação).

O sentido que tem hoje a palavra TENTEAR é algo diferente do que se poderia tomar logicamente das suas raízes mais próximas *tento, atentar*.

Efetivamente, há um matiz nesse vocábulo que se acentua depois de melhor examinado. *Tentear*, diz-se, para notar o esforço ou milagre de equilíbrio que se avizinha a qualquer ruína inevitável

Fulano vai *tenteando* a saúde ou os negócios

isto é, amparando-se da morte ou da derrota que se antolha.

Neste caso, contribuiu para forma e sentido a voz composta: *tem-te* como está na frase proverbial:

tem-te não caias.

E como se se originasse da locução *tentear* resultou de *tem-te* por esquisita e rara formação, nesse só matiz especial de sentido.

Assim, notamos em Ferreira na sua legenda de Santa Comba.

Ten-te, fermoza Comba, *ten-te* e espera

Que não com ira com amor te sigo

Obras I, 231

é o tirano que pede à santa que pare, e é no sentido atual a que me refiro.

Por outro lado, o sentido de *examinar*, *passar* ou *sondar* que se verifica, por exemplo, na *Eufrosina* (fl. 146) e na *Aulegrafia* (fl. 22 v.), liga-se aos radicais da palavra.

Outros exemplos do sentido que apreciamos são frequentes na literatura popular; no romance de Almendo:

Tem-te, *tem-te* cavaleiro,

Se a vida te não agonia;

Se la poncela me levas

Levas a luz do meu dia.

Veiga — *Rom. do Algarve*, 43


No romance de D. Branca:

Tem-te, ó perro traiçoeiro
Que eu por mim te não quisera,
Se meu irmão tu não fôras
Maldição logo te dera.

Ibid. 93

Desse modismo ainda, gerou-se outra formuleta – *tem-te nos pés e não caias!* – ou – *tem-te, bonete, não caias* – aplicada a borrachos já trôpegos ou quando empinado o copo podem deixar cair a gorra.³⁴

Nesta espécie, a derivação mais curiosa parece ser a de *tim-tim* por *tim-tim*, que estudamos em outro lugar deste livrinho.

34  Na curiosa e primeira paródia (de 1589) que se fez aos *Lusíadas*, diz-se “entornante” (estância XX) do que empina o copo.

II

Me melem! – *Busmelé* – Pão, pau, pano e ensino. Tome para seu tabaco. Pagar com língua de palmo. Mentir como sobrescrito de carta. Várias mentiras; pulhas e bogas. Procurar um pé. Cinco pés ao gato; pé de alferes. Na tiorga. Não há sábado sem sol. Não saber pataca: *várias fórmulas de negação enfática*. Mundos e fundos. No açougue. Amarrar a lata. Deitar à margem. Prata de casa. Macaquinho de cheiro. *A quò* e *aquem d'água*.

Me melem

35. Quando os nossos gramáticos indígenas defendem o brasileiro na sintaxe dos pronomes invocam sempre o exemplo do lídimo português: *me melem*.

Este *me melem* é um protesto e imprecação com que se escusam os inocentes, arrependidos ou medrosos.

No *Dom Quixote* de Antônio José:

A mim *me melem* se por aqui não anda Sancho Pança que é o que lhe mete estas loucuras na cabeça.

I, cena I

Aquela sintaxe está ali a lembrar acaso que a frase não é portuguesa, e *melar*, cobrir de mel, em vernáculo, não envolve castigo ou ameaça.

Tenho para mim que esse exemplo português é... espanhol. Este *melar* nada tem que ver com a doçura do mel.

Melar, do latim *malleare*, é equivalente a *malbar*. Destarte

me melem! = rachim-me!

mas rachar tirando um fragmento, desbeijçar ou quebrar um dente apenas, o que não é pouco.

Mellado significa o que tem falta de dentes.¹

Assim, ME MELEM é também sob todos os riscos um protesto de silêncio. E arrancar um ou mais dentes foi pena e tortura de códigos bárbaros.

Este sentido, de *dentes a menos*, foi para mim ainda a chave de outro enigma que me custou ao menos lobrigar.

Será esse um caso único da próclise do pronome oblíquo em começo de frase? Lembrando-se deste exemplo em circunstâncias parecidas, é que escreveu Gregório de Matos:


E eu disse logo: “*Me matem*
Se não é dos franciscanos.”

Obras – pág. 229

O caso não é, todavia, idêntico, e não raro há próclise em proposições incidentes, como o mostrou Cândido de Figueiredo no seu livro – *O Problema da colocação de pronomes* –, obra inestimável para todos os brasileiros.

Um dos nossos poetas, Alberto de Oliveira, apontou-me este brasileirismo de sintaxe em Sá de Miranda, que por quase único dos clássicos, merece aqui ser registrado:

... deixam-lhe lume aceso
Ordenam-lhe o que faça antes *que vam-se*
ed. de 1784 – I, 89

1  *Mellado* – “falto de uno ó mas dientes”. *Mellar* – “descantillar una cosa sacando una pequena porcion”.

Também encontro na *Celestina*: ... “esta mi señora tiene el corazon de acero; no hai metal que con elle pueda, no hai tiro que lo *melle*” (ato VI).

Cândido de Figueiredo empregou a expressão – *me melem* – e trata do assunto no seu livro – *Problema da col. do pronome*, cap. 28.

O professor Etienne Brasil escreveu sobre a matéria um artigo que não tenho à mão.

36. Tinha eu já notado o uso de um vocábulo arcaico que os dicionários (como é de mau costume) não registram e muito menos explicam – BUSMELEÉ – sempre envolvendo a ideia de silêncio forçado, por ameaça ou terror.

O primeiro que registrei foi o de Antônio Prestes no *Auto do Mouro Encantado*:

*Calei-vos já, que me dão
Para que em mim vos tenhais;
Ora fico-me com estas
Busmelé Deus vos dê, filho.*

Obras – 420

Vejo também esse torvo *busmelé* na *Comédia Alfêa* e nas mesmas circunstâncias de silêncio imposto à força:

– *Cal-te* era má!
– Já me calo.
– Tapa a bôca!
– *Busmelé*.

Simão Machado – *Com.* 165

Na *Viola de Talia* já o entrevejo, ainda com o mesmo sentido:

Sabe o que lhe peço? ou
Que lhe mando, amiga? que
Faça a bôca *busmelé*,
Não mostre as minhas vergonhas...

O. métricas – II, 212

São tão claros os exemplos que não necessitam ser multiplicados. Sabe-se que *bus* é boca e tenho que *bustumelé*, atendendo ao significado de *melar*, há de ser o castigo de malhar ou quebrar os dentes, reduzir a silêncio. Aqui seria preciso fazer os engrimanços e os arranjos fonéticos por não desagradar a tudescos mais carrancudos; mas... quanto a esses passes digitais... *dicant paduani*.

Salvo melhor juízo, que este é como sempre hipotético e conjectural.

O pão e ensino

37. Antigamente em vez do PÃO E ENSINO, como hoje se diz (porque *não é só de pão que se vive*, faz o Evangelho) com aliteração melhor, havia o PÃO E PAU:

E não me nego dos seus, dou-lhe do *pão* e do *pau*.

Eufrosina – fl. 89 v.

E mesmamente se depara no *Auto do Procurador*, um almoço de pau:

Filha, cal-te, põe contigo
 Êste exemplo que te digo
 Que confina a Salomão:
 Moço mau se o *pau lh'ê pão*
 É-lhe conduto o castigo.

Prestes – 126

Far-vos-ão ser vaganau;
Almoça êle lá do pau.

Ibid. – 131

O provérbio (ou *exemplo* como ainda se dizia no tempo de Prestes) provinha de que em geral criados e protegidos ou desamparados se acolhiam à casa dos senhores e

sofriam o *pau* a troco de *pão*.

Apólogos dial. – 134

salário que, por eufemismo, e contra os antigos tempos, se chama hoje o *ensino*. Dá o ensino quem dá o *pão*.² Em outro tempo os que assim serviam eram *apaniguados*, isto é, recebiam *pan* e *agua*.

38. E não só tinham o *pão*, mas também *pano* (roupas), conforme declaram as *Ordenações* velhas, porque uma das obrigações dos senhores e cavaleiros era a de vestir os *homens de pé* que “os serviam e traziam seus *panos*”, II, tit. 59.


Por esta razão é que também se formou o modismo *pão* e *pano* para indicar as duas necessidades primordiais, a roupa e o alimento. A ela decerto alude D. Francisco Manuel em uma das suas cartas quando escreve:

Pano e *pão*, senhor, é o que nos serve.

Cartas (ed. 1664), pág. 752

39. A quase perfeita consonância entre *pan* e *pano* determinou a confusão das duas palavras na expressão conhecida:

pão de ouro

2  E este é o sentido dos versos de Gregório de Matos:

Que tanta culpa mortal
Se absolve? eu perco o tino;
Pois absolve um teatino
Pecados de pedra e cal;
Quem em vida monacal
Quer dar à filha um debate
Condenando em *dote* ou *dá-te*
Vem a dar-lhe o *pão* e a *noz*?...

G. Matos – *Obras* – I, 162

que está por *pano de ouro*, isto é, lâmina de ouro delgadíssima de que se servem os douradores e imaginários.³

Tome para seu tabaco

40. É expressão irônica com que se celebra a vitória e ao mesmo tempo se castiga a inabilidade do vencido.

E muita usada nos jogos de companhia, e principalmente quando são dois os jogadores e se acendem as glórias do capote.

Na sua etimologia, é grosseira porque *tome para o seu tabaco* é como se dissera *tome esta pitada*, isto é, uma tapona pelas ventas.

Também, o uso do tabaco vem sobremesa, e é um dos percalços da boa xira:


Acabamos de jantar
Tomamos nosso tabaco.

Fênix I, 305

O sentido atenuou-se e perdeu a violência antiga. No século XVIII já se escrevia:

Senhores! caluda
Deixe vir Macaco,
Que, como tabaco,
Às ventas por brinco
Lhe quero chegar.⁴

Teatro cômico, IV, 60.

3  Em castelhano dizem *oro en paño* (e não *en pan*) e em português há as duas formas: *pão de ouro* e *ouro de pão*; em qualquer caso *pão* está por *pano*.

4  O trecho é do *Filinto perseguido* que anda entre as obras de Antônio José; mas não é esta comédia obra sua.

41. Outras e numerosas frases como esta representam atenuações do sentido antigo, cuja intensidade se foi a pouco e pouco enfraquecendo. Sirva de exemplo o *pôr a mão no fogo* por alguém, revivescência de bárbaro costume medieval em que se punha à prova os suspeitos de adultério.

42. E o modismo

pagar com língua de palmo

que desde muito caiu no uso comum por não ter o sentido arcaico, aplicando-se a qualquer propósito. No entremez intitulado *O Castigo da Ambição*:

- Sim, senhor, diz muito bem,
Essa é a conta que eu faço,
Lá para o costeamto
Da nau espero cobrá-los
- Pois espera que lhos pague?
- Isso, *com língua de palmo*.

(Ed. 1785) – pág. 7.

O *pagar com língua de palmo* era o mesmo que pagar com a força e aludia-se ao já esquecido gesto mísero dos enforcados, no tempo em que o *morra por ello* enchia o livro V das *Ordenações*.

A obliteração desse sentido deu modernamente nova aplicação à frase que hoje alude à *língua* dos maldizentes que, não raro, pagam as suas culpas.

Um laçao das *Guerras do Alecrim e Manjerona*, de Antônio José, diz com graça e aludindo ironicamente ao cansaço dos cães e ao dos namorados que esperam:

– Venha a resposta, Senhora, que meu amo está esperando
com *língua de palmo*.

Guerra do Alecrim – I, cena II

Já é muito menos que a força.⁵

Mentir como sobrescrito de carta

43. É tão usual a frase como é usual a mentira dos sobrescritos. Apesar de já haver Afonso V desde o século XV no *Livro vermelho* regulamentado todas as fórmulas de cartas, os sobrescritos vieram continuando a mentir com *Ex.*⁴⁵ e *Senhorias* a rodo.

O Chiado bem dizia:

Guardar de sobrescrito!

Obras, I48.

E ainda melhor o disse o suave Diogo Bernardes na XXIII das suas cartas:


Um destes dias li um *sobrescrito*
Em que se pôs *ilustre* a uma preta
Que vende na Betesga peixe frito.

O Lima (ed. 1820), pág. 209

Felipe II renovou pelos fins do século XVI a antiga lei de Afonso V, e sempre em vão.

As mentiras são tantas e tão prolíficas que dão para famílias e espécies numerosas:

Há a BOGA que é a mentira de valor, gabolice de força ou *bravatas*.

⁵  Conheço a exegese dos que à expressão *morra por ello* das ordenações velhas não concedem o sentido de pena de morte, porque inclui a da *morte civil*.

44. Em certos lugares do país dizem *brocas* e também *potocas* (Minas Gerais); nas frases em que entram: *contar brocas* e *contar potocas*, mentiras que de si mesmas se desvendam e se desmascaram. Podem ter outra origem que não alcanço. A origem de *boga* nesta particular significação parece ser uma forma congênita de *bogaria* que ocorre nos textos antigos para indicar as razões e alegações de advogados, principalmente na locução *má vogaria* que Viterbo elucida como a das más artes com que deitavam a perder seus clientes muitos dos letrados do outro tempo (Viterbo – *Eluc.* s. v. *vogaria*). As antigas *Ordenações* também deram uso ao termo.

Pode ser, porém, que venha do significado próprio, que é o de uma espécie de peixe.


No *folclore* português e brasileiro a história do papagaio a que lançaram água fervendo por haver indiscretamente falado em *bogas* é anedota antiquíssima que corre entre as facécias medievais. Já no antigo anedotário *Schimpf und Ernst*, de Pauli, compilado nos começos do século XVI, aparece com a mesma moralidade: *Du hast wol von dem Aale geschwätzt?* era a pergunta que fazia sempre apega logo que via qualquer sujeito pelado ou calvo. “Você comeu *bogas*?” é a variante da história popular do papagaio. Virá daí o sentido de *bogas* como mentiras grandes, carapetões?⁶

45. As *patranhas* são outra espécie e têm a etimologia que já imaginei – uma história ou ficção das que contam os pais ao pé do lar. E a essa espécie se reduz a *maranha* (*patre* e *matre*).

Em Gil Vicente:

Ouvimos, contai

Há de ser um sonho, que viu um espanto,

6  Várias são as palavras que significam mentiras, no Brasil: *potocas* (talvez da terra fantástica das *Batuecas*) em Minas, *possoca* na Bahia, *milongas* t. africano, *marandavas* (de *poranduba*, história) no Maranhão, *lorotas*, *petas*, *rodelas*.

Uma adivinhação, um conto, um chanto,
Uma patranha. Contai, acabai.

Obras – I, 345

E também:

Aqui está, meu presidente.
 Em frase como água clara...
 ... O mais é *patranha*.

Progr. dos Anôn., 271

A PETA é a mentira sem peso ou gravidade para lograr os incautos e os tolos.

Diz o Tolentino:

Iremos ouvir mil *petas*
 Quando mais o sol se empina,
 Vendo acérrimos jarretas
 Junto a Santa Catarina
 Argumentando em gazetas.

Obras (Ed. Tôrres), 247

46. A PULHA é a mentira ou graça com segurança que se diz entre pontos no momento inacessíveis, como, por exemplo, de um barqueiro para outro, de um que vai em carro para o que passa a pé. É mais propriamente injúria. No século XVI:

Vilão! lanço-te uma *pulba*
 Que és marido da calma.

A. Prestes, *Obras*, 459

Posteriormente:

E lá pegado ao leme um ôlho torto
 Guiando a caravela para o Pôrto;
 E que com traquinada e lida e bulha,
 Cada qual me *deitava a sua pulba*.

Fr. Lucas de S. Catarina – *Orações acad.* 71

Ainda depois em Couto Guerreiro:

Não se pode dar honra sem vergonha
 Que honra logo pertendem, que suponha
 Em gente que com outra a desafio
 Diz pulhas uma légua e mais a fio?

Sátiras II, XII, pág. 130.

As *pulbas* frequentemente desaforadas degeneram em contendas. Leite de Vasconcelos (*Trad. pop. em M. Couto Guerreiro, pág. 4*), que cita estes últimos versos de Guerreiro, adita-os com algumas quadras populares, e refere este a um antigo costume romano atestado por Horácio na *Sátira* I, VII, onde diz:

... durus

Vendimiator et invictus, cui soepe viator
 Cessisset magna compellans voce cucullum.

Ainda hoje a impossibilidade de castigar o ofensor é que caracteriza essa espécie de insulto. As pulhas são sempre desculpáveis no Entrudo ou carnaval, exceto todavia aquela graça do ceifeiro horaciano, pois é coisa mais fácil de fazer que de dizer, ao que dizem as más línguas.

Sem remontar ao período clássico latino, encontramos na legislação espanhola a proibição de *echar pullas* em geral em versos satíricos, coplas de escárnio e mormente e numa ordenação de 1567 veda-se “decir ni cantar

de noche por las calles ningunas palabras sucias ni deshonestas que comunmente llaman *pullas*”. Dic. de Cervantes, de Cejador y Frauca.

As mentiras geraram vários provérbios que não necessitam explicação: *Tempo de guerra, mentira como terra. De longas vias longas mentiras* (Ulís. 225) e este poderia exculpar a Fernão Mendes Pinto – injustamente alcunhado o *Mentes? Minto*, etc.⁷


Procurar um pé...

47. Em geral, costuma dizer-se: *procurou* ou

buscou um pé

para brigar, para levantar contenda ou disputa.

Pé pode ser, sem dúvida, o começo, a base ou fundamento de qualquer coisa; a frase, porém, tem outro sentido mais profundo e mais amplo, e liga-se a outro modismo mais completo que temos em comum com outras línguas. Na linguagem há sempre nexos ocultos que constituem a sinergia da sua própria vida complexa e inteiriça.

7  As crianças por medo e falta de siso tanto mentem quanto falam verdade. Dizem-lhes, como aviso, que os sinais brancos que aparecem nas unhas são indício de mentira, coisa acreditada no Brasil, em Portugal e Espanha, como o registra o *folclore* da península.

Não é muito dizer que as mentiras por segurança se *pregam* como se *pregam petas* e *pregam peças*:

O que nos *prega* mais *peças*
E mais pessoas engana
Quanto a mim são as promessas.

Couto Guerreiro – *Epigr.* CIX, pág. 44

E já antes em Tomás Pinto Brandão:

Prego dourado? seria
Para *mentiras* *pregar*.

Pinto Renascido – II4

Por isso, os espanhóis dizem *lavar* por *engañar*.

Não se busca o *pé*, mas *um pé* a mais, ou *um pé* que faltava: eis o verdadeiro sentido.

E esse *pé* sobejo como os do cavalo do quadro de Velásquez pode ser que vagamente se veja aflorar à tela.

E eis mais ou menos o que conjeturo quanto a esse *buscar um pé* que é a iniciação das rixas e contendas.

Antigo modismo castelhano, e todavia ainda de uso, é – *buscar cinco piés al gato* – molestar, irritar a paciência do próximo por nugas ou piraças.

No português clássico, mas já obsoleto, tivemos esta e outra frase equivalente: BUSCAR CINCO PÉS AO CARNEIRO.

E como diz o exemplo: Guarde-vos Deus de ira do Senhor, alboroto de povo e de doudo em lugar estreito, ela senhora de vós, douda como o são tôdas as fermosas, *buscastes cinco pés ao carneiro* em querer experimentá-la.


Aulegrafia – fl. 114 v.

Os importunos acham sempre matéria para irritante agravo, e melhor o explica o circunlóquio registrado no castelhano pelo maestro Corrêas:

Buscais cinco piés al gato que no tiene mas de quatro. Nó, que *cinco* son con el rabo.

Vocabul. pág. 318.

A cauda servirá de *pé* aos que buscam a todo transe contender. O sentido integral da frase fica assim restituído, com a perfeita inteligência do que seja *buscar um pé* para brigar, o qual sempre se acha inda que seja o quinto pé do carneiro ou do gato.⁸

8  Era natural que entrassem depois a exagerar a conta. Em Bluteau registra-se o adágio: “Demandar *sete pés* ao carneiro” (s. voc. *carneiro*).

Esse *quinto pé* ou *cauda* não foi aqui determinado por mero cálculo como o Netuno de Leverrier. Era coisa sabida até dos zagais e pastores do tempo antigo; assim o confirma Pantaleão de Aveiro:

Os carneiros e ovelhas são muito grandes e todos *de cinco quartos*, como cá dizemos; o *quinto* é o *rabo*, o qual algumas vêzes é maior e de mais pêso que cada um dos outros.

Itinerário da Terra Santa, c. XVIII, 88

Realmente é difícil, ou mo parece, deslindar todos os matizes e meios-tons que a palavra *pé* eventualmente apresenta.

48. Na primeira série destes estudos indicamos como obscura a frase

fazer pé de alferes

que aproximamos conjecturalmente de *piéd d'affaires*, sem todavia dar crédito e importância a essa mera semelhança verbal.

A frase é dos namorados e fazem *pé de alferes* os que são firmes e não abalam das vizinhanças de suas amadas.

A isso é que alude o poeta absoluto nos *Anfitriões* quando escreve de amores

- Senhor, fizeste-lhe *pê*?
- Senhor si e todo um ano.

I, cena 5

Repare-se o *todo o ano* que pôs pé o enamorado, firme como um porta-bandeira.

Na tiorga

49. Diz-se do que está ébrio ou do que sempre está a opor-se e é teimoso. Parece ser corrupção brasileira de *teiroga*, que também se diz por *teiró*, que é o mais comum.

Basta que *tomou teiró*

De querer mais do que é seu?

D. Francisco Manuel – *Auto I jorn.*

– Aborrecem-me! – Quantos?

– Todos. – Que *têm teiró* c’o Lôbo todos

Filinto – *Obras* – XIII, 181

E como isto lhe vem por geração

Lhe ficou por costume em seus *teirós*

Morder aos que provêm doutra nação.

Greg. Matos – *Manuscr.* 6⁹

A *teiró* é o cravo do arado que serve para empecê-lo quando há mister. Como também se diz *teiroga*, forma registrada desde Bluteau, pode essa etimologia ser conjecturalmente posta ao lado de *teórica* ou *triga* que me parecem desprezíveis.

De *teiroga* derivaram-se *teiorga* e *tiorga*.¹⁰

9 ∞ Do soneto que principia:

Um Rolim de *monay bonzo bramá*

É de notar que o poeta dá a *teiró* o gênero masculino contra o uso geral.

10 ∞ Processo igual foi o das derivações *dioso* de *idoso* e outros de que trata a insigne Dra. Carolina de Michaëlis (*Contribuições para o futuro dicion. etmol.* 43-45).

Não há sábado sem sol

50. Escreveu Alberto de Faria¹¹:

“Porque outrora, nos tempos da antiga Grécia pagã, o sétimo dia da hebdoma era, como se vê, de Hesíodo, consagrado ao astro-rei, ficou em provérbio, difundida pelo ocidente, a afirmação — Não há sábado sem sol.

“E o grande poeta espontâneo, que sempre foi o povo, associando-se a outras, da sua sabedoria ingênua, deu-lhe a moldura do verso, leve qual asa de borboleta, risonha qual trissar de andorinha...

“Reparai no paralelismo do espírito, que argúem estes tercetos, vulgares em Portugal, Espanha e Itália, terras banhadas de luz, onde se revela a alma primitiva, em sobrevivências tradicionais:


Não há sábado sem sol,
Nem alecrim sem flor,
Nem menina bonita sem amor.

No hay sabado sin sol,
Ni doncella sin amor,
Ni vieja sin dolor.

Non c’è sabato senza sole,
Non c’è donna senza amore,
Non c’è rosa senza spina.”

A estas palavras acrescento a seguinte interpretação, que aliás só de leve diverge da do ilustre investigador.

Seria efetivamente curioso descobrir a relação que há entre os fenômenos da atmosfera e os dias da semana. Em verdade, não há nem

11  Num dos seus artigos avulsos publicados na *Cidade de Campinas* (4 de agosto, 1908), Alberto de Faria tem-se dedicado ao estudo do nosso *folclore* com grande superioridade.

pode haver nenhuma; e todavia a ciência popular afirma-o por um dos seus ditados: *Não há sábado sem sol.*

Jorge de Vasconcelos já o repete no século XVI nas suas comédias:

– Mas assim lho aconselharia porque quando uma portaçar-ra outra se abre, e um ruim ido, outro vindo, e não são obrigados a estar a destro até o dia de juízo, e, como dizem, nem *sábado sem sol nem moça sem amor.*

Eufrosina, fl. 49 v.

Como não há relação necessária entre o *sol* e o *sábado*, a verdade deve ser outra. Este *sol* é o *dies solis*, isto é, o domingo (cf. o inglês, *sunday*, o alemão, *Sonntag*)¹², e neste caso a relação que parecia absurda ressalta verdadeira, porque não pode haver *sábado sem domingo*, como quem dissera, não pode haver trabalho sem descanso, ou sempre virá um dia depois do outro.¹³

Uma vez obliterada a significação de *sol*, pois os portugueses abandonaram as antigas denominações gentílicas dos dias da semana (lunes, martes, jueves, etc.), era natural que se tirassem amplificações absurdas da frase popular. Assim:

Sábado sem sol.

Chuva de maior.


Ou ainda:

Não há *sábado sem sol*,

Nem domingo sem missa,

Nem segunda sem preguiça.

12  E ainda melhor o sábado – *somabend*.

13  Esta sentença ilustra-se ainda em outros ditados:

– Enfim, senhor, *uma bora melhor d'outra; muitos dias há no ano; e o que não se fez em dia de Santa Luzia, faz-se n'outro dia.*

Não há *sábado sem sol*
 Nem rosmaninho sem flor,
 Nem casada sem ciúme,
 Nem solteira sem amor.¹⁴

E é de ler-se ainda esta quadra que parece confirmar a explicação que proponho, pois que à N. Senhora é consagrado o dia de sábado:

Solzinho, vem, vem
 Pela porta de Belém!
 Que lá está Nossa Senhora
 Que te dá um vintém.¹⁵


N. Senhora espera o sol, como o sábado espera o domingo.¹⁶


Não saber pataca


51. É digna de estudo essa fórmula enfática da negativa. Não é nova na linguagem vulgar e foi registrada na *Enfermidades da Língua*. Outros exemplos a abonam:

... estou tão cego
 Que já *não vejo pataca*.

Fênix ren., III, 94

14  Estes versos populares *apud* A. Pimental, HISTÓRIA DO CULTO DE N. SENHORA EM PORTUGAL, págs. 90-91.

15  *Ibidem.*, pág. III.

16  Conquanto já no século de quinhentos tenham desaparecido as denominações pagãs dos dias da semana, ainda *martes* indica a terça-feira na linguagem popular e com o emprego que da palavra faz o Chiado.

Um *folclorista* castelhano, que não tenho agora à mão, busca explicar o ditado referindo-se à esperança e costume das raparigas confeitarem os doces, aos sábados. Parece-me insignificante a conjectura.

Não se canse que *eu não ouço pataca*.

M. Figueiredo – *Teatro* – VI, 26

E em Jesam Barata (J. Batista de Castro):

Seguro-lhes em verdade que lhes *não* entenderéis *pataca*.

Recreação prov., I, 75

O velho Bluteau, registrando no seu *Vocabulário* esse proverbial modismo sob a forma – *não saber pataca* –, dava curiosa explicação, derivando-o, não do nome da moeda, mas de um hebraísmo, o nome do *A breve*, em hebreu *pathach*; de modo que *não saber pataca* equivale a *não saber o A*, sequer.

A explicação é inadmissível por pressupor um provérbio hebraico que não existe e a sua comunicação inverídica aos portugueses.

Quanto a mim, trata-se aqui apenas de mera amplificação popular do tema de reforço negativo existente em outras línguas romanas, *pas* (passus), como no francês.

52. Deste tema negativo PÁ foi possível formar derivações populares como *não saber PATACA* ou *não saber PATAVINA* e *não ter pada*:

Batina seja sempre em segunda mão, e deixe lá o que diz sentir, porque destas coisas *não* entendo *patavina*.

Obras, de Malhão, II, 279 (3.^a ed.)

– Inteira o pinto.

– Não *tenho pada*.

Filinto – *Obras* (Ed. Lisboa), VIII – 121

Confirma-se esta, indiretamente, com as outras negativas românicas, exemplificadas no português antigo; por exemplo, REN (rien):

Nem dormo *ren*, *nem* ei em mim recado.

Canc. de D. Dinis – 46 (Lang.)

E ainda *point*, na linguagem plebeia lembra NEM PONTA e NEM PONTADA:

Cuidais que dormia eu sono? *Nem ponta.*

Gil Vicente – I, 231

Comendo-me eu logo ó demo,

Se eu mais lavro *nem pontada.*

Idem – III, 120

referindo-se, respectivamente, ao sono e à costura, com a mesma analogia com que se formou na língua francesa.

53. A forma *nada* (rem natam) no francês *rien née* também aparece sob a variante HOMEM NADO ou *nascido*, ou *mulher nascida*, equivalente a *ninguém*.

Em Gil Vicente

E depois *homem nascido*

Não veio onde vós cuidais.

III, 33

E nenhum *homem nascido*

Pode sofrer a metade

Do que eu tenho padecido.

Chiado – *Obras*, 21

Com a mesma intenção – *mujer nascida* ocorre na *Celestina*.

Mais modernamente se disse – NEM PÉ DE PESSOA:

Começa a correr com os olhos longos o solitário daquelas praias e vendo que não aparece *pé* de ninfa, começa a chorar como uma criança.

Fr. Lucas – *Serão político*, 136

Sem haver *pé de pessoa*
Que a briga estivesse vendo.

Fênix ren. IV – 253

54. NEM GOTTA:

Não lhe marra ela aqui gôta.

G. Vicente – I, 257

55. NADA DE NADA:

Não te dê nada de nada.

Chiado – *Obras*, 106

56. UM CORNO!, expressão baixa e rasteira para indicar absoluta recusa. É provável que seja a síntese de frase mais extensa como é no espanhol e com igual intenção: *Un cuerno con que se abrache!*

57. NEM TALHADA (de dinheiro):

Gastar de vós nem talhada.

Prestes – *Obras*, 86

58. NEM BOIA, principalmente: *não ver...*

Corra, vizinho, corra-me êstes dados

Gritava um dêles que nem bóia via.

Tolentino – *Obras* (Ed. Torres), 42.

59. AQUI PARA TRÁS DAS COSTAS (em geral, nunca):

Ocorrem alguns exemplos no *Teatro*, de Antônio José, o Judeu. (*Esopaida*, II, cena 3)

59. NEM MIGALHA:

Já não quero *nem migalha*.

Prestes, 338

61. NEM PARA JURAR (muito pouco):

não vi quinhão

Nem para jurar por êle.

Prestes, 283

62. MAS – negativa para opor sem contrariar, com bela ênfase.¹⁷

– onde se criou tal flor?

Eu diria que no céu.

– *Mas* no chão.

Gil Vicente – III, 63

63. E a formulilha de evasiva AQUI NÃO ESTÁ QUEM FALOU, para retratar-se ou sumir-se diante de melhor prova ou autoridade:

– Isso é o que nós *dizemos todos*


– *Já aqui não está quem falou.*

Figueiredo – *Teatro*, X, 231

Calem-se vocês todos

– *Já aqui não está quem falou.*

Ibid., 312

17  Notada por Júlio Moreira.

Estar nos seus treze

64. É este um dos modismos mais arraigados que se aferrou a quase todos os períodos literários da língua. Entre os quinhentistas:

Vos sereis de uns sotrancões que roem as unhas e dão com dedos estalos que são tudo malícia e não há movê-los dos *seus treze*, inda que vos escabeleis ant'elles.

Aulegrafia – fl. 103, v.

Assi que non hajais por das sete maravilhas a vossa reconciliação. Mais foi a destruição de Tebas... – Todavia *se teve bem nos seus treze*.

Ibid., fl. 148, v.

Nos seiscentistas ainda é mais comum e com o mesmo sentido de firme bem-estar:

– Que vos parece *estou eu bem nos meus treze* em pedir não saia a minha luz

Martim de Miranda – *Tempo de agora*, II, I (pág. 11)

Sôbre quatorze cartas, vêde agora quem *ficará em seus treze* para poder dizer palavra?

Dom F. Manuel – *Cartas*, 517

E no conhecido parnaso e rica antologia dos gongóricos respigo, entre outros, dois exemplos:

Cavalguei num macho negro
 Que já ser branco podia,
 Pôsto que *está nos seus treze*.
 Bela idade para ninfa!

Fênix renasc., I, 242

À venda, tomei a posta,
 Aonde a vendeira acho,
 Se bem *posta nos seus treze*
 Sem ter posta de pescado.


Fênix renasc., I, 304

Bluteau explica a expressão referindo-a aos *treze anos*, flor da idade, em que são púberes homens e mulheres e cita a propósito os seguintes versos de um poeta:

Amigo as onze da noite
 Bem que o relógio as não desse,
 Que é bem não fazer onzenas
 Quem quer *durar em seus treze...*

A explanação de Bluteau é incomparavelmente preferível à que dá Sbarbi no seu *Refranero* espanhol, onde também ocorre o modismo, com o mesmo sentido.¹⁸

Por simples digressão ponho aqui a história de uns *dados da morte* (sei de ouvido, que nunca os vi), guardados no Castelo real em Berlim. Em tempos remotos, haviam sido dois soldados presos e acusados de ter um deles, e não se sabia qual, assassinado uma rapariga que ambos assiduamente cortejavam. Apelou-se, em falta de provas, para o *Juízo de Deus*, segundo os costumes bárbaros do tempo; e um dos acusados (e este era o verdadeiro assassino), tomando os *dados*, espécie de prova a que de acordo se submeteram, logrou deitar *doze pontos*. Não havia mais salvação para o inocente que, entretanto, encomendando-se a Deus, fez o seu lance e, ó milagre!, um dos dados partiu-se e os três fragmentos apresentaram somados o número *treze*.

18  Sbarbi, apesar do interesse grande que desperta a sua coleção do *Refranero*, explica muito mal qualquer dificuldade quando se aventura a interpretações. Aqui, acha ele que *tréce* encobre a palavra *determinacion*, que tem treze letras (!)

Estes são os *dados da morte* e exprimem o extremo de felicidade que pôde lograr um inocente no seu maior risco de vida.

65. Mais tarde, e evidentemente por influxo estranho, o número *treze* se tornou fatídico. Treze foi o número dos que sentaram à mesa na Sagrada Ceia; um deles, Jesus, teve de morrer logo depois, e outro conviva, Judas, devia traiçoa-lo. Não sei se pela precedência ou por um resqúcio do antigo favor de que gozava o número, diz o povo em uma das suas trovas:

S. João a 24,
 S. Pedro a 29,
 S. Antônio é a 13
 Por ser o santo mais nobre.¹⁹

66. O provérbio registrado em todos os adagiários portugueses

No açougue quem mal fala mal ouve

é compreensível quando se torna explícito o valor da expressão *açougue*.

Mas agora não deve ser usada aquela boa *manha do açougue*, que quem bem *diz, melhor ouve*.


D. Francisco Manuel – *Apol. Dial.*, 144

O *açougue* era das praças públicas a destinada à feira ou mercado.

Hoje o sentido da palavra é restrito, ou antes elíptico, porque designa especialmente o mercado da carne ou onde se faz o talho dela:

soc-al-laham

segundo a transcrição de Eguilaz; *açougue* é, pois, a primeira parte daquela expressão – *as-soco* –, isto é, a praça pública, o mercado ou feira.

19  Alberto Pimentel – *As alegres canções do norte*, 237.

67. Aí, é natural que o vozerio seja grande e ensurdecedor, um *açougue de vozes*:

Aqui se levantou um *açougue* de vozes, que, estando apregoadado para pregoeiro da carreira, o desmanchou a desgraça em carpideiro da queda.

Anatômico Jocosos, II, 156

Amarrar a lata

68. De *lata ao rabo* como se faz a cães é que se derivou naturalmente *amarrar a lata*, omitindo-se por donaire o resto da frase.

Contudo, apesar dessa discreta elipse, *amarrar a lata* ganhou um sentido novo, que é o de recusa ou falta de cumprimento de promessa, e equivale a *tábua* em pedidos de casamento.

Este significado novo não podia estar na burla de mau gosto, armada aos cães vadios.

A razão é outra.

Tratamos neste livro em outro lugar, com o abono de escritores, que havia a forma latina medieval *glattire*, que deu *latir* (bater), hoje obsoleto.

E dessa origem é que se formou *lata*, folha de ferro batido. Ao mesmo tempo vimos que outra forma latina, *lattere* (por *latere*) (esconder-se), contribuiu para derivação de vários termos.

Na frase – *amarrar a lata* – ambas as formas originais se confundem e se influem porque é certo que *lata* aqui envolve o sentido de falta, recusa ou negativa.

Efetivamente, na língua galega, que é um ramo dialetal do português, existe *latar* com o sentido de faltar a qualquer prazo, reunião ou encontro. Dizem os galegos *latar* por faltar v. gr. à escola, como entre nós dizemos *gazear* ou *fazer gazeta*.

Latar é, portanto, escusar-se, faltar à promessa ou obrigação. Desse influxo que subsistiu latente no vocábulo é que formamos a locução — *amarrar a lata* — no sentido em que a vemos constantemente empregada. *Deitar a lata* e *latar* estão na mesma equivalência de *deitar a barra* (... adiante) e *barrar*, frases populares de uso quotidiano.²⁰

69. Não se alonga muito de aqui está outra fórmula

deitar à margem

perfeitamente explicável nas suas origens latinas. Não é menos certo, porém, que com ela confere a palavra arábica *almarjem* (almarcha).

O *almarjem* dos árabes e que passou a Portugal era o rocio ou pasto de erva onde pascem animais:

Serão os soldados de cavalo que quando se vêem montados em ginetes que não são do seu gosto, lhes dão tal trato que em quatro dias dão com êle *no almarjem* e no monturo?


Arte de furtar (Ed. Garnier), n. 104

E em Barros — *Década IV*, 227, “deitar alimárias *ao almarjem*”. O senador Cândido Mendes, em suas eruditas notas às *Ordenações Filipinas*, escreve a propósito do tit. 138 do livro V:

Almarjio é andar em *almarjem*, que é a erva que nasce nos *almarjeais*, lezírias e lameiros...

Deitar cavalo ou outro animal *ao almarjem* é deixá-lo, abandoná-lo a este pasto ou a qualquer outro, por inútil para o serviço. Hoje se diz *deitar à margem*.

C. Mendes — *Código filipino*, pág. 1315

20  Acerca da arruaça das *latas* por ocasião do *ponto*, leia-se o que diz o curioso livro de Costa e Silva — *Estudantes de Coimbra, episódios e costumes* (Porto).

O mesmo queria Francisco José Freire, *Cândido Lusitano*, que nas suas *Reflexões* (II, 44) aconselha que se diga *deitar à margem* em lugar de *deitar ao almarjem*.²¹

Prata de casa


70. A *prata de casa* é ou pode ser o último recurso, quando não há moeda; representa a riqueza doméstica que a necessidade aconselha gastar por vezes e sem recorrer a estranhos. Por quê? Porque primitivamente e antes que a América destruísse a antiga relação entre o ouro e a prata, eram em prata as riquezas, jóias, alfaias e baixelas das casas nobres e, principalmente, das igrejas. Pouco menor que a do ouro, a valia antiga da prata simbolizava os bens preciosos da fortuna.

Quando não eram mais aceitas as barbas, empenhava-se a prata da casa. E foi largo esse costume de que, nas guerras externas, usaram e lançaram mão os reis do outro tempo. O costume fez lei, mas “a prata da igreja (diz Gaspar Estação nas *Várias Antiguidades*, LIV, 3) se pode tomar para defender a Fé, mas convém que se restitua”. Assim o fizeram Dom Afonso V e Dom João II e outros muitos.²²

71. Da mesma expressão *prata* é que vem com algum disfarce esta outra tão vulgar:

em pratos limpos

“Pôr em *pratos limpos*” é reduzir qualquer negócio ou questão a verdadeira clareza e limpidez.

21  Veja-se a anotação s. v. *almarjem* que escrevi na ed. Garnier, da *Arte de Furtar*; no texto, n. I04.

22  Damião de Góis – *Crôn. de D. Manuel I*, c. I. Cf. o exemplo da *Arte de Furtar*, c. XXXIX.

Se Vm.^{ce} tomasse de cor o que eles dizem de cabeça para mo
pôr em pratos limpos, nem vm. poderia ter melhor pratinho para de-
 bicar, nem eu melhor guisado para comer.

Governo do mundo em seco – Paralogos, fl. 12

A expressão primitiva devia ser

em prata limpa ou límpida

e ainda hoje em língua castelhana se conserva essa maneira de dizer:

En plata, digo que...


locução equivalente a – *em seus verdadeiros termos, em última análise* (que é uma fórmula tomada ao francês), *para falar claro e sem equívoco*, etc. Percebe-se que o sentido da metáfora consiste em equiparar qualquer coisa embaraçada ou abstrusa ao seu valor, preço e metal.²³

72. No teatro, os ditos que, por conta própria, intercalam os cômicos, chamavam-se, e não sei se ainda se chamam, *franjas*:

– Meto-lhe de minha cabeça muita asneira, a que chamam *franja* e dizem que sou socorrido de bons ditos...

M. Figueiredo – *Teatro* – VI – 33

Era vezo dos *graciosos* das antigas comédias esses recheios de anexins e disparates, os espirros e o falar fanhoso, a *piada*, isto é, o arremedo de vozes bestiais.

23  Para os menos cultos que ignoram a etimologia de *prata*, basta aqui dizer que é um plural neutro de *prato* (como *folha* de folho, *lenha* de lenho: *plata, folia, ligna* – plurais de *platum, folium, lignum*) e consequentemente a *prata* significa os *pratos*. Não há, pois, diferença entre o português *em pratos* e o castelhano *en plata*.

Macaco de cheiro

73. *Macaquinho de cheiro* diz-se por escárnio de sujeito pelintra, peralta, petimetre, chichisbéu, hoje o quase sempre desfrutável almofadinha, enfim do elegante, perfumado, que tem mais gravatas que miolos.

No seu significado antigo o *macaquinho* era o vidro, caixinha ou boceta de perfumes e essências, traste inseparável dos toucadores das damas.

A palavra ao que conjeturo formou-se por derivação de *boceta* (*bujêta*, esp.), de *buxo*, madeira de que eram feitas ou incrustadas as caixinhas. A esses pequenos artefatos chamaram *bujiarias* (e *monerias*, no espanhol) e logo se estabeleceu a associação de ideias e de forma, entre *bujiaria* e *bujia* ou *macaco*. Daí resultou que as *bujiarias* de perfumes passaram a ser *macaquinhos de cheiro*.

A expressão completa provinha, afinal, de uma espécie de *bugio cheiroso*, notado pelos primeiros cronistas do Brasil (Gandavo – 399, ed. *R. Inst.*)

Eis as palavras de Gandavo:

Há uns bugios ruivos, não muito grandes que lançam de si um *cheiro* mui suave a tôda a pessoa que a eles se chega, se os tratam com as mãos ou se acertam de suar, ficam muito mais odoríferos e lançam o cheiro a todos os circunstantes; dêstes há mui poucos na terra e não se acham senão pelo sertão dentro muito longe.

Há também outra referência antiga na *Relação* de viagem da nau S. Francisco (1596), escrita pelo Padre Gaspar Afonso e incluída na *História trágico-marítima* (vol. VI da reimpressão). O mentiroso padre fala das *letras* (!) e *habilidades* dos bugios, e diz:

Entre êles (bugios) vimos alguns de *cheiro*, louros e mui formosos que em lhe mudando os ares morrem logo.

VI – pág. 20 da 2.^a ed.

A redação do Padre Afonso pode ser aproveitada pelos zoólogos que andam agora a estudar a linguagem rudimentar dos símios. O padre sabia de bugios pregadores, acompanhados de acólitos para lhes limparem a baba: “Folgara eu (diz ele) de entender o seu latim, porque me não houvera de escapar pregação.”

Gabriel Soares (cap. 104) fala de certos *saguís* de “pêlo amarelo muito macio, que *cheiram* muito bem”.

Frei Vicente do Salvador (cap. 9) fala de certos “*bugios* que não têm mais habilidades que fazer momos e caretas, mas *são de cheiro*”.

A locução *bugio de cheiro* foi registrada nas *Enfermidades da Língua*, de Paiva, 109.

Do *macaco de cheiro* fala Dom Francisco Manuel, quando escreve em uma carta de galanteria:

Pouco escrúpulo me fica de parecer garrido. *Frasqueirinha* de França *com águas de cheiro?* ui! Senhora! não faça isso.

Cartas, 674.

Contudo, a palavra ainda não aparece aí. Encontramo-la com o sentido apontado no *Filinto perseguido*, do *Teatro Cômico*:

– Senhor Macaco, vá-se embora que já *fedê*.

– Não pode ser que eu sou o *teu macaquinho de cheiro*.

T. Cômico (ed. 1792), pág. 35

Hoje o sentido da locução caiu em perfeito olvido, e *macaco de cheiro* é apenas uma frase de burla e escárnio.

A quo

74. Empregamos essa expressão latina em frases como as seguintes:

Estava A QUO
Ficou A QUO

Como se dissera: – ficou sem saber o que havia de responder; estava completamente alheio à questão.

Os franceses, em caso idêntico, dizem a *quia* quando entre argumentadores há um que já não tem recursos para a réplica; este fica reduzido a *quia*.

Par hazard disputant, si quelqu'un luy réplique
Et qu'il soit a *quia*...

Regnier²⁴

A expressão portuguesa vem do tempo em que toda a linguagem científica era latina. “Ficou a *quo*” significa “aquém, para cá, longe e fora do ponto”. Nota-se a locução integral no trecho de carta pedantesca de um médico dialético do outro tempo, recheada de vozes da escolástica latina:

Vim dessa cidade *tanquam à termino* A QUO para esta de Burgos *tanquam ad terminu ad quem*. Vizitei meus parentes *intuitivè, etc.*

Hora de Recreio, Cent. II, n. 84

Da mesma origem das escolas são outros latinismos: *per accidens, magis ac minus, formaliter* e inúmeros outros.

O termo a *quo* também exprimia a dificuldade da navegação de leste oeste, isto é, a medida de longitude que nunca se conheceu bem antes

24  Apud Charles Rozan – *Petites ignorances de la conversation*, pág. 376.

dos cronômetros perfeitos. Os antigos navegantes não sabiam nunca quanto estavam *a quo*; essa circunstância podia ter dado maior intensidade à frase, no tempo em que as navegações eram a preocupação geral de todos.

Muito aparentado a este era o provérbio (ou *exemplo* como lhe chamavam os antigos) a que se refere João de Barros na sua novela de cavalaria. O *ficar a quem d'água* queria dizer logrado, à margem do rio sem recursos para a travessia:

E com êste concerto entraram no caminho crendo que ao passar do rio fariam ali detença, e quando chegaram a êle mui apressados acharam o outro *a quem d'água* (e daqui ficou êste *exemplo*)...

Crônica de Clarimundo (Ed. 1601) fl. 19

A propósito desta explicação, escreve Cândido de Figueiredo:

“Nota J. R. que a locução *a quo* vem do tempo em que toda a linguagem científica era latina.

Talvez convenha dizer mais alguma coisa.

A quo é locução jurídica, ainda hoje empregada no Fôro, por oposição a *ad quem*.

A quo designa a primeira instância judicial, de onde parte um processo ou um pleito, para seguir os seus trâmites; e *ad quem* designa uma instância superior, a que sobe o processo. O juiz *a quo* julga em primeira instância; o juiz *ad quem* em segunda ou última.

Juiz *a quo* ou tribunal *a quo* é o ponto de partida. Ficar *a quo* é não ir além; é ficar alguém num ponto, de onde queria sair e não pôde.”

Mais tarde fez ainda a seguinte referência:

– “O processo fôra escrupulosamente estudado pelo juiz *a quo*; mas, tendo subido em apelação à segunda instância, o tribunal *ad quem* descobriu-lhe nulidades, que o fizeram voltar ao tribunal *a quo*.”

Noticiando no *Jornal do Commercio* o segundo volume das *Frases Feitas*, do Sr. João Ribeiro, já tive ensejo de me referir às expressões jurídicas *a quo*, e *ad quem*.

A quo designa a primeira instância judicial, donde parte um processo ou um pleito, para seguir os seus trâmites, até à resolução dos tribunais superiores; e *ad quem* designa a instância superior, a que sobe o processo.

Juiz ou tribunal *a quo* é o ponto de partida de um processo. Ficar *a quo*, diz-se de alguma coisa, que ficou num ponto ou em termos, donde se desejou que saísse, e não saiu.

Veja o *Suplemento*.

III

Papagaio real. A arraia miúda. Vaca loura. Rico como um porco. Nos quoque... Na era! argumento em *dari*. Nomes de letras: *rr*, gregotins, *axis*, xisgaravis. Tudo é carvão. Ao atá. Gato pingado. Um pau por um olho. Um ovo, um real e dez réis. Seio de Abraão. As manguinhas de fora. O azar. Ora sebo! sebo de grilo. Que maganão! Trabalhar para o bispo. Vem de carrinho. Boto para Deus – voto a mares; o Ahasverus.

Papagaio real

75. Quem não conhece no Brasil a parlenda popular que dizem todos os papagaios?

Papagaio *real*,
Pera Portugal
 Quem passa, meu loiro?
 É el-rei que vai a caça...
 Toca trombeta...

S. Romero – *Cantos pop.*

É como o *abecê* de todos eles e o que primeiro aprendem.

A frase, já deturpada, tomou-se ao velho costume da aclamação de Rei novo. A fórmula antiga é a que se acha, por exemplo, em Fernão Lopes, quando o velho cronista descreve a aclamação dos herdeiros do trono. Nobres, alcaides e povo deviam *apregoar arreal* ou *arraial!* e *tomar voz* pelo novo rei.

“*Arraial! arraial! por a rainha dona Beatriz de Portugal!*”

F. Lopes – *Crôn. de D. Fernando*, 505

Arreal! arreal! cujo fôr o reino leva-lo-á!

Ibid., 506 e 507-508

Arreal! arreal! por Portugal!

Ibid., 510

Assim deviam dizer os que aclamavam rei novo, alçando pendão ou bandeira.

Mais tarde, no século XVI, em vez da *arreal* ou *arraial*, começou a dizer-se: *real! real!*

Vemo-la, a nova fórmula, em Duarte Nunes de Leão na *Crónica de D. João I*:

Real, real, por cujo fôr o reino.

Cap. I, 6. Cf. II, 7

Dizendo em alta voz: *Real, real*,

Por Afonso, alto rei de Portugal.

Lusiadas – III, est. 46

E esta a que hoje se usa. Com ela é que se conformou a saudação ensinada aos papagaios:

Papagaio *real*

Pera Portugal!

A origem da expressão está em que as aclamações de rei novo se faziam apregoando-se *arraial*, isto é, ajuntamento da gente capaz de guerra, do povo miúdo.

76. Também dessa multidão da plebe já se dizia, no século XV, ser a

arraia miúda

que ainda agora continua a ser a locução corrente:

Prendestes-me como non devieis, disse elle, mas pois assi é,
leixar viir a *arraya meuda* das vinhas, cá elles me tirarão d'aqui.

Fernão Lopes – *Op. cit.* 510

Em última análise, as vozes de sabor arcaico, *Arraial*, *arraial*, por *Portugal!* equivalem a *Povo, povo, viva Portugal!*

Arraial (ou *arreal*) assim como *arraia* são vozes arábicas; *arraial* é o povo junto, o acampamento, e *arraia* significa o mesmo que rebanho (*arraáya*).¹ O *arraial* atesta por um alardo súbito o partido nacional mais numeroso e forte.

O som alto e canoro foi ouvido
Por todo o *arraial* que esparso estava.

Destruição de Espanha – Canto I, est. 76

Esse grande clamor de origem política foi transformado na *parlанда dos papagaios*, conservada com poucas variantes desde os primeiros tempos do Brasil colonial.

Parece que algumas das variantes foram tomadas a velhas cantigas referentes às pegas. Pelo menos a de

Papagaio verde
De bico dourado

¹ Na geografia e história do Brasil o nome *arraial* designava as povoações transitórias criadas pelas *bandeiras* no tempo das primeiras explorações das minas. Ficou na toponímia do sul do país. Em Portugal, no século XVIII, a palavra é aplicada ao povo junto que frequentava os pátios de comédia. Nos *Censores do Teatro*, comédia de Manuel de Figueiredo, diz uma personagem:

Ainda o ano passado, supri o papel de Alcmena, de sorte que andava a tombos o *arraial*. Eu meto-lhe então muita coisa da minha casa que é o de que gosta o *arraial*: muito anexim, muita porcaria...

Figueiredo, *Teatro*, VI, 54

que lembra a de um pastor da serra:

*Andaba la pega
No meu cerrado
Olhos morenos
Bico dourado.*

Gil Vicente, II, 418

Na *Academia dos Singulares*, se ofereceu uma vez o tema — *A Filis ensinando a falar a um papagaio* — que foi tratado por vários poetas; um romance de Serrão de Castro repete muitos dos versos tradicionais da parlenda popular:

Quem passa, louro, quem passa?
.....
Vá papagaio real
.....
Para Portugal, dizei.
.....
Dai cá o pé, meu lourinho,
.....
Corrido vai.
.....
Tirolíctico, ufa!
.....
Dizei tabaréó-réo-réo!

Acad. Sing. II, 424

Em Gregório de Matos, no único volume publicado das suas poesias:

Meu papagaio, quem passa?
(*Mangará*) que vai à caça.

.....
 O papagaio *real*
 Diz que *para Portugal*
 Lindamente *dava o pé.*

Obras poéticas, I, 139

No *Teatro Cômico* do Judeu Antônio José (na ópera, que não é sua, *Os Encantos de Merlin*):

Meu lourinho,
Coitadinho,
Dá cá o pé.

Teatro Cômico, IV – 252

Julgo a propósito dizer que o epíteto de *louro* (lat. *laurus*) no português perdeu o sentido que ainda reunia no espanhol, de *amorenado*, de *cor trigueira*, e adquiriu significação quase oposta quando aplicado a pessoas alvas que frequentemente são *louras* (deriv. de *aureus*, com referência aos cabelos). Guarda talvez o sentido primitivo quando aplicado a animais domésticos, como no Entremez do *Caçador*:

Arreda-te, malhado, vem cá, loiro,
Pelado, vem aqui; safe, bisoiro.

(Ed. de 1784) – cen. I, I

77. Da parlada dos papagaios pareceria talvez resultar palavra e frase curiosíssima. Os lexicógrafos antigos como Bluteau (s. v. *loura*) registram a locução popular:

é uma vaca loura

para designar sujeito néscio, desconhecido no lugar. A frase poderá ser a deturpação um pouco forçada, acaso, da outra

vem cá, louro

dita naturalmente por vaia aos adventícios e traduzida em *vaca louira*: o desconhecido e novato é como o pássaro ou papagaio verde, da tradição. A mesma frase mais sintética

cá, louro!

passaria a designar o novato e logo se disse e escreveu como se fora palavra única – *calouro* – na gíria das escolas. Mas é minha conjectura, *calouro* veio de *vaca louira* e *vaca louira* de *baccalaureus* (*baccalaris*), o bacharel.

O epíteto de *calouro* aparece no *Palito métrico* (séc. XVIII), alternado com o de *novatus*:

Postquam exempta fames epulis, pansæque repletæ,
In macho intentat rursus montare *novatus*.
Ægrè arrieirus soffrens hæc ausa *calouri*,
Crespus & inchatus de pectore talia tirat:


Da ed. de 1761, pág. 4.²

Rico como um porco

78. É um ditado que aparece sempre em estilo menos erguido, nas comédias e facécias antigas:

Sempre me faltaram palavras para louvar a sua benevolência e sua grandeza no agasalho que por mera generosidade me deu em sua casa logo que cheguei da América *rico como um porco*.

Figueiredo – *O acredor* I, cena 4

2  Bluteau não conhece o vocábulo. Morais, registrando-o, diz que se aplica a estudantes transmontanos. A minha conjectura etimológica é, sem dúvida, muito ousada, mas em falta de outra melhor julgo preferível à do dicionário de Domingos Vieira, que julga assaz crível que *calouro* venha de *caloyeiro*, nome dos monges gregos da ordem de S. Basílio...

Nos *Encantos de Circe* que anda entre as óperas de Antônio José, depara-se o mesmo epíteto:

- Pois que queres enfim?
- Queria que fôsses *rico como um porco*, já que és feio como um mono.

Teatro Cômico – IV – 141


A origem da expressão vem da palavra de apodo – *porco* – que sempre se dava ao *judeu* puro ou converso, e o *judeu* ao mesmo tempo é sempre rico ou endinheirado.


Aos incréus chamavam *perros*, e a mouros e judeus *marranos* (leitões) ou *porcos*³ porque se abstinham da carne desse animal. Os vocábulos *judeu* e *porco* corriam juntos até no prolóquio: *A judeu nem a porco, não metas no teu borto*, registrado em todos os adagiários.⁴ Maltratar um judeu foi coisa tão comum que desta torpeza ficou a palavra *judiar*, que vale escarnecer.

Não é menos certo que superstições e usanças de judeus e as suas sovínices inculcavam hábitos de pouco asseio, como a de varrer o lixo correndo-o para dentro das casas; ao que alude D. Francisco Manuel:

Esperai que ainda há outras vassourinhas piores destas, *que, como os judeus, varrem para dentro*, por não lançarem segundo dêles dizem os bens para fora...

Apólogos Dialogais, pág. 273

3  A primeira expressão MARRANO é comentada por C. a Lapide, a propósito do versículo da *Epíst. I ad Corinthios* (Si quis non amat Dominum nostrum Jesum Christum sit anathema *Maran atba*) quando escreve: “Errat vulgus quod dici putat *Maranus*, quase *Mauranus*, id est, Maurus vel Judæus qui abstinet *porcina*, quam vulgus Hispanorum inde vocat *Marana*”. *Apud* Bluteau. Devia ter vindo pela transcrição grega $\mu\alpha\rho\alpha\nu\epsilon\zeta\acute{\alpha}$ ou ainda provavelmente pelo arabe que também tinha *marran*. É no sentido próprio o fugido, trânsfuga, converso. E justamente esse apodo de “*tornadiço*” era o que puniam as velhas *Ordenações Afonsinas* como afrontoso a judeu batizado (*Ord. 2. fi. 57*).

4  *Adágios* (de Roland) – pág. 121 e na *Enferm. da Língua*, 145.

Rico como judeu ou *rico como um porco* é tudo um.⁵

E também acresce outra razão: é que é sempre desorada e póstuma a utilidade dos avarentos e dos porcos, tal no-la pinta a quadrinha peninsular:

El avariento, amigo,
Es como el puerco:
Que a ninguno aprovecha
Hasta que es muerto.


Marin – *C. Populares* – IV, 206


O italiano diz a mesma coisa, num dos seus dialetos:

Avaro e puorco
Buono quand' é morto

Nos quoque gens sumus

79. No século XVIII teve grande popularidade um livro de macarrônea latina, o *Palito métrico*, escrito e publicado em 1746 por Antônio Duarte Ferrão,⁶ estudante da Universidade de Coimbra.

5  A Sociologia explica perfeitamente de como, sob a ameaça de expulsão e confiscação dos bens, os judeus aprenderam a reduzir todos os valores ao mínimo volume, isto é, a ouro e pedras preciosas, sempre portáteis. Realizavam assim materialmente o aforismo do – *Omnia mea porto mecum*. Esta verdade transparece na lenda dos judeus cujos ventres estavam cheios de ouro e pedras finas na antiga *Estória do Imperador Vespasiano* (de 1496), cap. XXII.

6  Pseudônimo do Padre João da Silva Rebelo, naquele tempo estudante de Teologia na Universidade. O *Palito métrico* e outras composições várias foram reunidos em volume único, a *Macarrônea latino-portuguesa*, que teve muitas reimpressões.

A mais antiga composição macarrônea de autoria portuguesa creio que é o soneto *Si dabis mihi attentas tus aurículas*, que aparece na *Miscelânea* de Miguel Leitão de Andrada (1629) à pág. 329 da reimpressão. Salvo desta conta as rezas latinas dos autos de Gil Vicente.

O *Palito métrico* é uma sátira e investida contra os calouros ou novatos. Alguns dos seus versos sempre repetidos ficaram em provérbios; este, para exemplo, que é um desabafo do arrieiro em jornada para a cidade universitária:

*Ægré arrierius soffrens hoc ausa calouri,
Crespus & inchatus de pectore talia tirat:
Nos quoque gens sumas: & quoque cavalgare sabemus.*

Ed. de 1761; pág. 4

Na era!

80. É um modo de negativa muito popular nas regiões do norte do Brasil, que em geral conservam muitas das formas arcaicas da linguagem portuguesa. A quem quer que afirme coisa de si mesmo impossível, ou duvidosa, costuma-se contestar com o dito NA ERA como significando: tenho dúvidas, não creio, ou não é possível. A frase é naturalmente mais aplicável à computação de números, à da conta de anos de idade, sempre aos vaidosos, coisa difícil de confessar. Ao que diz:

– Tenho vinte anos.

Se apresenta ter mais, responde-se:

– NA ERA!

Outros dizem com idêntica ironia:

– Fora os que mamou.

– Na folhinha.

Aquela resposta foi já registrada na pequenina coleção de Silva Vieira⁷ nos seguintes termos:

Às vêzes discute-se quem é mais velho entre diversos e um *mais doutor* diz que é o que tem menos anos. Ao silêncio semi-incrédulo dos ignorantes, responde triunfantemente:

– Na era.

7  *Follore* (1.ª série), *Coleção Silva Vieira*, Espozende, 1892 – N.º 4, pág. 33.

No extremo norte do Brasil encontramos um derivado de *era* sob a forma *erado* para indicar o *gado desenvolvido*. Registra-o V. Chermont de Miranda nos seguintes termos:

Erado – adj. adulto. Que atingindo seu completo desenvolvimento está bem nutrido e em condições para o corte. Neste sentido é neologismo vindo do Ceará.


Glos. paraense 40


A explicação da frase, suponho eu, remonta aos antigos tempos quando era costume assinalar duas datas, com a diferença de anos entre a era nova e a que foi usada, a de Cesar, até 1422.

D. João I, seguindo o exemplo de Castela e Aragão, mandou que fosse esta substituída pela do Nascimento de N. S. Jesus Cristo e consta da *Ordenação velha*, l. IV, tit. 51. A diferença entre a era de Cesar e a do *Senhor* é de trinta e oito anos cabais. Os que negam a idade às vezes lançam a barra ainda mais longe.⁸

Uma referência ao antigo calendário aparece num jogo popular:

Era, não era,
 No tempo da era,
 Três...
 Numa panela
 E mais para ela
 Que são para dar
 Ao primeiro que aqui falar
 Fora eu...⁹

8  Da computação dos tempos e datas tratam vários escritores, precipuamente João Pedro Ribeiro nas *Dissertações cronológicas e críticas*, vol. II, monumento da erudição portuguesa.

9  T. Braga – *O povo português*, I, 335.

Na península a expressão — *era*, é antiquíssima, com o mesmo sentido que tem hoje, pois da designação de tributo (*as*) passou à computação do tempo.¹⁰

Silogismo ou Argumento em *dari*


8I. A locução *silogismo em dari* tornou-se outrora popular na Espanha e em Portugal e foi tomada dos preceitos da antiga Lógica.


Registra-a para o castelhano o maestro Gonzalo Correas no seu *Vocabulário de Refranes* e encontramos-la, p. ex., na *Ninfa Siringa* que anda com as obras de Antônio José no *Teatro cómico* (vol. III, da ed. de 1760, pág. 157) e em outros lugares.

Nesta frase hoje de nenhum uso, *dari* está por *Darii*, e faz parte do verso mnemônico dos antigos compêndios de Lógica:

*Barbara, celarent, Darii, Forio, Baralípton. Et cæter.*¹¹

A palavra *dari* faz lembrar o vernáculo *dar* (pancada) e por isso, acaso, se vulgarizou o *silogismo em dari*.

10  S. Isidoro nas suas Etimologias, V, 36, diz a este respeito: “ERA singulorum anorum constituta est a Cæsare Augusto, quando primo censu excogitato, Romanorum orbem descripsit. Dicta autem *ara*, quod omnisi orbis æs reddere professus est Reipublicæ.” Ambrósio Calepino repete-o quase pelas mesmas palavras. Veja-se ainda a *Silva de varia Leccion*, de Pedro Mexia, Madrid, 1673, pág. 355.

11  Neste verso que abrange diferentes espécies de silogismos, as vogais *A, E, I, O* representam *A* a proposição geral afirmativa, *E* a geral negativa, *I* a parcial afirmativa e *O* a parcial negativa. Donde se conclui que o silogismo em *Darii* consiste em proposições das espécies *A, I, I*, ou

Uma proposição geral afirmativa: | Todo animal sente.

Duas parciais afirmativas... | Alguns seres são animais.

| Alguns seres sentem.

Nomes de letras

82. Uma das letras mais significativas é o R, que equivale ao *rr* (*erre*) e não o *r* brando intervocálico.

Foi por isso utilizada para indicar firmeza, pontualidade e força.

Em outra série destes estudos indiquei o valor da frase – COM FF e RR – que se usa geralmente como indício de precisão e acabamento.

Também era comum dizer-se ESTAR EMERRE ou ESTAR ERRE em alguma coisa, para significar de propósito e resolução assentada, e também o *risco* que se ocorre em qualquer conjunção grave.

Com este sentido escreveu Jorge Ferreira:

Sôbre isso fêz-se-me tão grave que ESTIVE EM ERRE de levar-lhe as toucas nas unhas.


Aulegrafia – fl. 14 v.


Ainda outro exemplo ocorre no *Auto do Procurador* de A. Prestes:

Morreu-me uma bêsta minha:
Que assi haja a bênção dela,
Senhora comadre, que ela
Me pôs num erre e num prazo
De trazer por ela vaso
Porque tinha uma filha nela.

Obras – I38-I39¹²

A locução era em comum com o castelhano, onde há outras variantes de forma e de sentido.¹³

12  O texto da ed. de Noronha diz *erro* por *erre*, e creio que não foi apontado por Epifânio Dias, pois que, segundo as suas indicações, corrigi o meu exemplar da edição moderna.

13  “Estar *erre* = pontual y firme”. “Estoy *erre* todos los dias en la licion = assisto con pontualidad.” En otro cazo: “Esta *erre* = borracho.” Gonç. Corrêas – *Vocab.* 533, 535, 536.

Mais recente é o sentido que R tem de reprovação:

Levar um *erre*

ser reprovado em exame, segundo a gíria das escolas.

83. Também é conhecido dos eruditos o sentido antiquíssimo da letra o na expressão

Nossa Senhora do Ó

que parece estranho a muita gente. Aqui é a interjeição.

“E a festa de N. Sr.^a da Expectação do Parto, assim chamada das sete antífonas do *Magnificat*, que começam por *O*, sete dias antes do Natal. *Ó Sapientia* etc. *Ó Adonai* etc. *Ó Radix Jesse!* *Ó Clavis David!* *Ó Oriens!* *Ó Rex gentium!* *Ó Emanuel!* Todos estes *Oo* são vozes significativas do desejo com que os profetas anelavam a vinda do Messias.”

É de Bluteau. E daí também se origina a expressão — ós — para indicar a comezaina com que se festejava a expectação do Natal desde uma semana antes. Registra-o Morais.

84. Nome de duas letras é o GREGO TIL (*i greco, til*) que são as últimas do alfabeto usual.

E sabeis que ainda que queiram não passam do *y greco til*.

Eufrosina, fl. II6 v.

Destas vozes formaram as palavras *gregotil* e *gregotim*. E desta última por equívoco (buscado entre *greco* e *latim*), diz um poeta:

.....
 Entre gabos o triste idiota
 Tão pago se mostra dos seus *gregotis*,

Que nascendo sendeiro da gema,
 Quer a fina força meter-se a rossim.

Gregório de Matos – I, 177

85. A letra *X* também enriqueceu a fraseologia idiomática com algumas expressões:

Não ter uma de *Xis*

é não ter sequer uma moeda de *dez réis* que outrora traziam no cunho a letra numeral *X* (moeda portuguesa).

86. Mais antigo e importante é decerto o dito

a-xis

que ocorre nos antigos escritores portugueses, conforme o atestam os exemplos das comédias de Jorge de Vasconcelos:

- Nunca essa morre ao desamparo: e seguro que sabe ela já o *ax*.
- E o gregotil também.

Ulísippo, II, cena 8.^a

Sonham sempre derivações e boas respostas: inventam motes mais remoídos que o *ax* dos rapazes.

Ibid., IV, cena 7.^a

O *axis* ou *ax* é o alfabeto, ou como dizemos agora mais vulgarmente, o *abecê*, quase nada, o princípio das coisas. E por isso disse o Chiado nesta copla:

E com tudo sempre quis
 Estar firme no que espero;

Ó mau cão, que se me viro
Far-te-ei tornar ao *axis*.

Chiado – *Obras*, 187¹⁴

Em Portugal é provável que ainda seja conhecida porque o escritor plebeu José Daniel Rodrigues da Costa, dos primeiros decênios do século XIX, ainda escreveu na Farsa *A Casa de Pasto* representada no teatro do Salitre:

– Quando v. m. pegou no *a. x.*, já eu tinha de cor a Arte de Manuel Alves e ninguém soube, como eu, as petas dos arrieiros de Coimbra.

reed. 1843 – pág. 4

A locução equivale à de *alfa-ômega*, letras extremas do abecê grego.


87. Outra expressão ainda tomada à mesma origem é a de

xis – *garavis*

que aparece no século XVII e significa, segundo Bluteau, o entremetido ou intruso, ou o que vai aonde não é chamado.

Não é muito comum. Conheço um exemplo de Fr. Simão de S.^{ta} Catarina nas *Orações acadêmicas*; refere-se a ignorantes:

Uns certos *xisgaravis*
Em quis vel quid doutorados,
Ludibrios da natureza
E do Momo vis retratos.

14  A explicação que em nota à sua ed. do Chiado dá Alb. Pimentel: (“*Axi* é a pimenta da Guiné: equivalerá a dizer: – far-te-ei fugir para entre os teus”) é de todo improvável diante dos exemplos citados acima.

Querem que seja a Poesia
De loucos infeliz parto...

Orações acad., 238

O mesmo sentido lhe dá Gregório de Matos na sua sátira “A um homem humilde que se meteu a fidalgo”:

Alerta, homens de ciência,
Que quer o *Xiz-garaviz*
Que aquilo que vos não diz,
Por lho impedir a rudeza,
Avalieis madureza,
Sendo ignorância traidora.

Obras – I, 131

E do mesmo poeta outro exemplo:

Diz que um *Chis-garavis* deitara à luz,
Morgado de um presbítero montês...

Mscrito, fl. 7¹⁵

A palavra primitiva *garavim* (deriv. do rad. *carabus*, como caravela, *crabbe* garabulho, etc.) designava bordados, toucados, cabelos entretecidos, lembrando o z da letra de mão. Daí a frase *garavotil* que aparece na *Benteida* de Andronio Laxaed (pseudônimo de A. de Lima):

Um ninguém me agravou: esta rezinga
De tão pouco nasceu, que é de um magano
Que será, a ter caráter que o distingua,
Garavotil do abecedário humano.
Tudo é carvão

15  De um manuscrito que possuo do poeta por letra do século XVIII.

88. Foi adágio antigo – *tudo é carvão* – tomado às histórias fabulosas de tesouros ocultos que uma vez descobertos *em carvão* se converteram. A fábula, que está no folclore de todos os países, vinha já da antiguidade: ilustra-a e explica-a a seguinte passagem de Fr. João de Ceita:

“Antigamente se costumava enterrarem-se os tesouros *com muito carvão* por divisa: soterravam suas panelas de moedas velhas e metiam a certas paragens muito carvão para divisa e sinal da casa.

“Dá a causa S.^{to} Agostinho (L. 5 *de civ. Dei*) porque se acha ser coisa incorruptível e conserva-se na forma de carvão por muitos tempos e séculos. Donde veio Luciano a dizer: *Thesauri carbonis erant*.

“Daqui vem também o adágio português: *Tudo era carvão.*”

Sermões (ed. 1635) – fl. 183

A mesma ideia repete-se nos escritores antigos e modernos:

Parece que esta abusão
Tem presunção,
E olhai que isto há de ser;
Foi-lhe chamar canzarrão
Tornou-lhe, o que deu, *carvão*.

Prestes – *Obras*, 420.

– *Carvão quero*, à que d’el-rei!
Acodi, filho!
– Que é isto?
– É o anti-Cristo.

Ibid., 419

O carvão foi naturalmente utilizado para impedir a oxidação ou corrupção do brilho dos metais escondidos; mas quando interviu o diabo, foram reduzidos tesouros e carvão à mesma ínfima espécie.

Mas depois que entrei em mim
 Depressa o soneto agarro
 Antes que *em carvão se torne*
 Como tesouro encantado.

D. Franc. Manuel¹⁶

O adágio português – TUDO É CARVÃO – de que fala Fr. João de Ceita caiu totalmente em desuso, ainda que estejam vivas na imaginação popular as histórias dos tesouros escondidos que em carvão se desfazem.¹⁷


89. Nenhuma analogia tem com a precedente a locução que muito se repete agora:

a fé do carvoeiro

para especificar a fé do homem simples e que só acha razão em si mesma. É expressão recente e veio do francês. Aqui em nota (pois que só tratamos das locuções idiomáticas) damos a explicação conhecida:

“Un charbonnier estant enquis par le diable de ce qu’il croyoit, luy respondit: Toujours je crois ce que l’Église croit”. De la est venu que etc.

Fleury de Bellingen – *Étym. des Prov.* 252

16  Nas suas *Obras métricas* e ainda no tomo V da *Fênix Renascida*, pág. 384, da ed. de 1728. Outro exemplo em Antônio José:

– Eu, senhor, não se me dá que se te *torne em carvão* a pele de ouro, que eu sempre hei de forrar a minha pele.

Encantos de Medeia – II, cena I

17  Em comunicação particular Menendes Pidal confirma toda essa dissertação minha.

Veja também R. Basset na *Rev. des Trad. Pop.* 1910, p. 88 prov. grego – *carvão*.

90. É locução muito usual ao norte do Brasil, esta de

andar ao até

e quer dizer andar às soltas e sem destino, sem norte ou direção. Mais restritamente dizem dos caranguejos que, na época do cio, saem numerosos das tocas e *andam ao até*, com o que facilitam a pesca.

Atá é uma voz indígena tupi e guarani que significa exatamente *andar, passear*. Parece que soa também

andar a-atá

de *a-atá* se fez *ao ata*, e não raro se confunde com a locução vernácula *à toa*, pela semelhança de sentido.

Tínhamos já no léxico não pequena riqueza de expressões para esses cardumes e enxames temporários, *praças* de insetos e *correição* de formigas quando criam asas:

Ali entra a fradalhada
Qual formiga *em correição*.

Greg. Matos – *Obra*, I, 71

e a *zelação* (exalação) de estrelas, bólides e aerólitos.

Gato pingado

91. Em sentido corrente o *gato pingado* é a pessoa sem meios, pobre ou miserável.

A expressão atesta um costume bárbaro que era o de castigar os escravos negros e moiros com pingos de gordura fervente ou com o azeite das candeias acesas.

Com essa significação, diz Gil Vicente na comédia de *Rubena*:

– Ó f... de p... sandeu
Pela hóstia consagrada
Que merecias *pingado*.

II, 34

E em outro lugar:

Ouvide ora o rasca piolhos,
Azeite no micho!

Ibid. I, 176

O mesmo no Chiado:

O sino é já acabado,
E a justiça anda agora
Nos outros de casa fora.
Cada um merece *pingado*.

Obras – 145

Nas obras póstumas do *poeta cego*, José de Sousa, há bem explícita e clara a alusão ao bárbaro castigo:

Fervente azeite lhe escorro,
Bem no meio do espinhaço;
E porque enterrava o sonho
Fiz dêle *gato pingado*.

(Ed. de 1746), pág. 170

Por analogia com este castigo e o contratempo das pessoas que em acompanhamento de enterros pobres levam as tochas, ou o esquife, àquelas chamam de *gatos pingados*.

Na sua curiosa paródia *Aldeia na Corte*, Bento Antônio, com pouca diferença, define o termo:

Gatos pingados são os que levam o esquife com os pobres mortos.
(Ed. 1750 – pág. 210)

92. Hoje costumamos aplicar de modo que me parece inexato a frase

um pau por um olho

para indicar a conveniência de adquirir ou comprar qualquer coisa que se oferece a baixo preço.

É pois caroável que a expressão se acompanhe de outras de igual teor:

Custa uma bagatela. É uma pechincha. Um *pau por um olho*.

O sentido, porém, da frase não se relaciona ao preço, mas à evidência. É o encarecimento habitual dos que insinuem ou mercadejam; é o que *salta aos olhos*, e *se mete pelos olhos dentro*, e de tal arte que exclui maior exame ou cuidado.

Não é coisa de cuidado; é só *um pau por um olho*.

Antônio José – *Teatro cômico*, I, 454

E o que suponho significar e neste parecer me confirma outro modismo vernáculo também registrado nos dicionários castelhanos:

“*meter una cosa por los ojos* brindar con ella afin de que uno la compre ó acepte”.

Oscar de Pratt comenta do seguinte modo essa passagem:

“Sôbre esta expressão popular que indica o baixo preço por que se nos oferece qualquer coisa, ou ainda, e mais latamente, a conveniência vantajosa em qualquer situação, conjectura o Sr. João Ribeiro que o sentido se não relaciona ao preço, mas à evidência: É o encarecimento habitual dos que insinuem ou mercadejam; é o que *salta aos olhos e se mete pelos olhos dentro*, e de tal arte que exclui maior exame ou cuidado.


Nas minhas desvaliosas observações às opiniões do ilustre acadêmico brasileiro, sugeri a idéia de que a preposição neste caso exprime *troca*, como na expressão de sentido e construção paralelos: *um ovo por um real* — ‘*dar um pau em troca de um ôlho*’.

O *pau* é a insignificância de um custo mínimo, com o *real*. No *ôlho* está a valorização máxima que se expressa em outras fórmulas como: *custar os olhos da cara*, *dar um olho ao diabo*, etc.¹⁸

O sentido das expressões: *salta aos olhos* e *mete-se pelos olhos dentro* relaciona-se, sem dúvida, à evidência de determinado fato. É o que, figuradamente, está tão próximo dos olhos que absorve todos os raios visuais. No entanto, ‘*meter um pau por um ôlho*’ não tem a mesma razão semântica, antes poderia indicar cegueira completa e lá me parece que a dedução vem assim em prejuízo do espírito da frase.

‘Meter um pau por um ôlho’ para fazer *ver*, foi suplício que escapou a Torquemada e outros ilustres e pios varões dos tribunais da Fé.

O povo, na sua paremiologia, respeita os olhos, trata-os carinhosamente porque pensa: *com o ôlho e com a fé não zombarei*. E para mostrar que nenhum corpo estranho deve penetrar nos órgãos visuais, tem a expressão *deitar poeira nos olhos*, que é o ardil com que se provoca, por con-

18  O ilustre romanista Sr. Gonçalves Viana, que teve a amabilidade de me dar a conhecer a sua opinião sobre as minhas conjecturas, diz-me que se não conforma com esta interpretação por lhe parecer que a preposição está no sentido do *per* e não do *pro* latinos. (Nota de O. de Pratt.)

veniência, uma cegueira momentânea, e o expressivo provérbio que conforta a minha dedução: *todos vêm o argueiro no olho do vizinho e ninguém vê a tranca no seu.*”

93. Tivemos e ainda temos a expressão antiga que se relaciona a barateza e preço vil das coisas:

um ovo por um real

que está em vários autores:

Vendi minha lavrança
Um ôvo por dois reais;
Um cabrito, se se alcança,
Té quatro vintens, nó mais.

Gil Vicente, I, 253

... Mas achei
Que era o símbolo em carne dos Teatros
No gôsto português; comprou *um ôvo*
Por um real

M. Figueiredo – Teatro, VI, 206

Fêz dar muita risada o desafio
À dama que festeja o bom mercado,
De *duo por um real*...

Filinto Elísio – II, 73

Outra expressão análoga é a que se declara do *meio vintém* ou *dez réis de mel coado*, etc. Assim, no *Auto do Mouro encantado*:

Por *dez réis* de sem-sentido
Por vós dou mil de sezudo.

Prestes – Obras, 351

Sapo concho! furão! lagarto em toca!

Meio vintém! singuinho! bazaruco!

P. inéd. de Th. de Noronha – 4

E daí ainda o ditado popular que se exemplifica no entremez em versos dos *Encantos de Escapim* (ed. de 1791):

Quem nasceu para o dez réis

Tarde ou nunca ao vintém chega.

Senhora Árvore, perdoe...

cena II

Seio de Abraão

94. Há muita gente que fala no – *Seio de Abraão* – como lugar de delícias, sem definir talvez o que seja esse quase paraíso imaginado pelos teólogos, como reparação devida a certos santos que não podiam ter entrada no céu.

Ao *Seio de Abraão* era que se recolhiam as almas dos amigos de Deus, dos velhos santos da antiga lei, o santo Job, o santo Elias, e todos quantos precederam a vinda do Redentor.

Depois da vinda do Cristo naturalmente se fechou e para não mais abrir-se o *Seio de Abraão*.

Pouco importa que não haja inferno, céu ou o inútil *Seio de Abraão*. O purgatório, a mais genial invenção financeira que jamais houve, sustentará a Igreja *per omnia saecula saeculorum*.

Do seio de Abraão fala-nos o P.^e Vieira num dos seus eloquentes sermões:

A alma de David como *a dos outros* patriarcas foi tirada do *Seio de Abraão* que é o inferno superior...

Vieira – *Sermões* IV, 430 (I.^a ed.)

Este inferno *superior*, quase o céu, não se há de confundir com o inferno *inferior*, que é o que vulgarmente por brevidade chamamos o *inferno*.
Outro inferno é o *limbo*... mas basta de teologias baratas.

Botar as manguinhas de fora

95. É assim que costumam agora dizer de pessoa encolhida, sonsa e dissimulada que sorrateira e subitamente se revela: *pôs as manguinhas de fora*.

No tempo das capas tinham grande serventia as *mangas*. A expressão, porém, tem outra origem. Basta considerar as suas variantes diversas como, por exemplo, a que é ainda muito repetida: *pôr as unhas de fora*, ou antes, *pôr as mãozinhas de fora*, que é como se lê no *Anatômico Jocosos*:

Digo que tendes uma prosa mui timorata; porque, por mais que lhe grite o assunto, nunca *bota as mãozinhas de fora*.

An. Joc. I, 214-215 (ed. de 1752)

Não será necessária maior ilustração que a que, no mesmo sentido, nos dá a nossa mesma língua, no modismo hoje menos usado:

Ora, lembra-me agora que estando Eva no paraíso, a saber encomendando-se a Deus, rezando pelas contas como *deitou as manitas de fora* e olhou daqui para ali e dali para aqui, e de lá para cá e de cá para lá, logo o diabo a enganou.

*Verdadeiras Bernardices, 131*¹⁹

Daí se depreende que *deitar as manitas* ou as *mãozinhas* sugeriu a expressão mais corrente de *deitar as manguinhas*.

Quem *deita as mãozinhas de fora* está perdido ou o diabo o engana.

19  Veja-se a notícia que dei a respeito deste antigo e curioso livro de facécias.

A origem deste dito provém de uma das histórias mais antigas do mundo, a de *João mais Maria*, que, perdidos na floresta e prisioneiros de uma velha feiticeira, foram por esta encerrados sob caixão ou arca e deviam mostrar-lhe os dedos ou as mãos por onde a velha havia de reconhecer se estavam gordos e bons para serem devorados.

Não convém, conseguintemente, pôr os *dedinhos* ou as *manitas* ou as *manguinbas de fora*.²⁰

Ter azar!

96. O *azar* é a má fortuna, a mofina (o *caiporismo*, como dizemos nós), ou a infelicidade, no jogo.

Ter azar é o contrário do *ter sorte*.

A expressão indica um dos quatro pontos dos dados de jogar que usavam os árabes: *chuque*, *carru*, *taba* e *azar*.

Lançados os dados, quem lhe saiu o *azar*, perdeu.

Com o mesmo uso de hoje é o que está em Jorge Ferreira:


– Estou ervoadado da cabeça.

– Não seja vinho...

– Êle não se dá de graça e o dinheiro *tem azar* comigo e foge de mim.

Aulegrafia, fl. 23

A forma *azara*, menos comum, vemo-la em Gil Vicente no diálogo dos judeus:

20  O conto *João mais Maria* foi colhido da tradição oral por Sílvia Romero – *Contos populares*. Temas mais completos dessa história encontram-se nas versões europeias *Hänsel und Gretel* dos alemães e outras. Tratou da versão brasileira o dr. Oscar Nobiling (Almanaque Garnier, 1907, pág. 232).

Fez largo comentário desse passo das *Frases Feitas*, o Sr. O. de Pratt nas suas *Locuções petrificadas*, 92.

Que falas? que falas? *azara* te veio?

Obras, I, 343

Nas mesmas circunstâncias, ao *azar* dos dados os romanos chamavam *canis*²¹ e ao bom lance *Venus*. Nos antigos jogos portugueses ao *azar* opõe-se o *encontro*.

A má sorte, desventura ou mofina também se expressa pelo ditado francês — *cair de costas e quebrar o nariz* — que já corre em linguagem.

Em casos idênticos, diz Gil Vicente na comédia da *Nau de Amores*:


Eu senhor, vos digo eu
 Que vou sempre por espinhos,
 Se o bem tem mil caminhos
 Acerto o que não é meu,
E vou cair de focinhos,
 Inda a chuva está no ar
 Quando eu cá escorrego...

 se arma a rêde aqui,
 Saltam-lhe os peixes por cima.

Obras, II, 315-316

Ora cebo! cebo de grilo!

97. Frases se formam de outras frases ou por analogia de sentido ou por mera associação musical.

21  Não creio que exista vestígio dessa expressão latina. A palavra plebeia (que não encontro nos dicionários) *encanzinar*, ficar com raiva de cão, explica-se melhor pelo sentido literal de cão do que pelo *canis* ou *azar* dos dados que é já uma metáfora. De análoga imagem *encanzinar* é que se fizeram *emburrar* (estar com o burro; Morais, *Dic.*), *amuar* (mu), *embezerrar* e outros.

Este último processo de formação ainda que mais discreto não deixa de ter exemplos.

Em — *ora, cebo!* — trai-se a frase original que seria talvez — *ora cebolas!*; já foi notado na primeira série destes estudos que *cebola* indicava coisa mínima, insignificante, pela sobriedade da alimentação que representa, e ainda por isso ao homem tolo, rústico e simplório se chamava *cebolo*, que tem a cabeça para baixo do solo.

Ó Jesus, como és *cebolo!*

Gil Vicente; III, 48

E nos autos do Chiado:

Tem tamanho fantasia!

Tão parvo e tão *cebolo*

Sem cabeça e sem miolo!

Obras — pág. 122

Depois ainda, Simão Machado escrevia:

— Xo!

— Xo! eu não sei onde estou


Que tanto soffro a um *cebolo!*

Comédia Alféa, 136

Daí se tirou *ora cebolo!* *ora cebo!* e *ora cebolório!* da gíria e linguagem plebeia.²²

98. Esta mesma interjectiva acreditou outra de origem diversa:

cebo de grilo!

22  *Cebolório* de *cebolo*, como *simplório* de *simples*.

para indicar qualquer ninharia e por escárnio. Vem da forma que é de uso mais frequente *cevo* ou *isca* que se deita a certas armadilhas chamadas *grileiras*.²³

Contudo, a forma *cebo* com o sentido usual de *cevo* também era empregada. Disse Manuel Tomás, o seiscentista:

Não correu traz dos pomos Atalanta
Enganada no *cebo* de ouro fino

Fênix da Lusit — c. I, est. 51

Também é certo que andar um homem a *pão e cebola* (como se explicou na primeira série) é o mesmo aperto e necessidade que pode suceder à raposa *quando anda aos grilos*.

Que maganão!

99. Parece que só se aplica a certos sujeitos mulherengos que andam por altas ou rústicas cavalarias. E como o rei de todas as cavalarias foi sempre o assaz famoso Carlos Magno que o povo chama *Carlos Magano*, dir-se-ia que daí vem essa saudação pouco angélica à boa fortuna dos Lovelaces: *Que maganão!*

Trata-se aqui de conquistas e ninguém as *maganeou* tantas como o grande imperador do ocidente. *Maganão* dá qualquer ideia de grandeza, é irrecusável. A coisa porém é muito outra. Até hoje ninguém achou a etimologia da palavra. Os léxicos definem: *magana* — a meretriz, e *magano*, o que as frequenta, o impudico e lascivo.

Na poesia ou nos romances não é raro topar com a impudicícia marota de uns *olhos maganos*. Em ocasião de perigo, gritou Geraldo Escobar:

23  Esta *grileira* registrada no *Dicionário* de Cândido de Figueiredo.

Aque d'el-Rei que me matam
 E quem me mata não vejo
 Uns filhos da p..., uns *olbos*
Tão maganos...

Cristais d'alma, pág. 47

E ainda em outros lugares da mesma novela.
 Em uma peça de Corrêa Garção:

Êste *magano*
 Nos lances amorosos é um pasmo!
Obras – II, 72

Conjeturo, quanto às origens, que a palavra primitiva – *magana* – meretriz, provém do gótico (*magaps*) da mesma raiz de *magd, mädchen*, rapariga, moça e criada. Parece confirmar essa conjetura o fato de que *magano* significa criado, rapaz de ganho ou de frete, mariola, e como há o vezo de chamá-los à fala, sem maior consideração por assobio, também pôde ainda dizer o mesmo Escobar:

Maganaços de assobio...
Cristais, pág. 47

Trabalhar para o bispo

100. Trabalha-se pelo pão cotio, para ganhar o sustento e a vida. Há ainda quem trabalhe para a glória, que é aéreo e subtil proveito; mas ninguém mais quer

trabalhar para o bispo

que vem a ser o mesmo que trabalhar sem lucro, sem glória, nem proveito. A expressão origina-se de antigos costumes medievais; da extor-

são e corveia que faziam nobreza e clero sobre os míseros vilões. Pagavam-se vários tributos: *mortulhas*, *coletas* e principalmente as *terças* que as havia pontificais para a mitra e reais para o trono. Muito tem custado o paraíso a quem trabalha.

Para conveniência e facilidade da cobrança fiscal, em certos e determinados *dias trabalhava-se para o bispo*, ou para o *mosteiro*, ou quem quer que fosse.

Em Itália havia, como pelo resto do mundo, a mesma aladroadada arte de dirigir e bem-aventurar os povos; na Toscana, formou-se o provérbio que registra Pico de Luri:

pescare pel proconsolo

que corresponde ao nosso *trabalhar pro bispo*. Um antigo magistrado de Florença, o *procônsul* tinha o benefício de toda a pesca entre as duas pontes do Arno, e assim nasceu o adágio e não morreu nunca mais.²⁴

Vir de carrinho

IOI. *Para cá, vem de carrinho* parece ser nova adaptação da fórmula que se depara em Antônio Prestes e talvez mais antiga – *vem de mula*:

Pera confeitos me empraza
Vossa mercê? *vem de mula*.

Obras – 212

24

E la cagna frettolosa,
Dice il proverbio, fa i catellini ciechi:
E chi pesca, ed ha fretta, spesse volte
Piglia de' granchi, o *pesca pel proconsolo*

Salviati (apud. P. Luri, IO3)

Os franceses têm igual provérbio que não pode ser antigo – *travailler pour le roi de Prusse*; foi atribuído a Voltaire. Veja Rozan – *Petites ignorances de la conversation* – págs. IO5-IO9.

E ainda, em outro lugar:

Ora enfim
 Não me vem buscar a mim.
 Foi na *mula*?
 – Em *mula pé*
 – Há *mulas pés*?
 – Senhor, sim.

Vir de carrinho ou *de mula* é por ironia vir a pé. No *Reino da Estupidez* a carruagem ou trem chama-se *carrinho*:

O estrondo que faziam nas calçadas
 As fumegantes rodas de um *carrinho*
 Canto II

Era o *carrinho* do bispo com os seus quatro lacaíos.

Os físicos ou médicos do alto das mulas escrevinhavam as receitas como em consultório ambulante; presumo que assim era por conto ou epigrama de Tirso de Molina:

A um pobre doente que sofria de postema encoberta, receitava o doutor um remédio “para hidropisia”. O pobre homem aproxima da mula, a fim de entregar ao médico a pena com que este firmava o recipe; a mula que era ardega assentou-lhe em cheio a ferradura com o que a postema rebentou.

En postemas mas acierta
 La mula que no el doctor.

A ironia da frase – *vir de carrinho* – inculca a negativa e formal recusa. *Para cá vem* de carrinho ou de mula, isto é, por mais rico e guapo que

venha, nada conseguirá. Ainda o povo diz mais sinteticamente em duas palavras para indicar a repulsa: *Para aqui!* e assim está em Antônio José, por boca de Sancho Pança:

Diga-me vossa mercê que me meta eu noutra cova! *para aqui!*

D. *Quixote* – I, cena 7

“Eu não sou como pé de exército, porque vou sem carruagem” – diz Frei A. das Chagas na sua *Vida* escrita pelo P. Manuel Godinho (1687), pág. 77.


102. Em geral, os *doutores* e pregadores da casa real, como convinha à decência deles, tinham *mula* e *mula ruça*. A este propósito lembrarei o parecer do quinhentista João Afonso de Beja, publicado na *Filosofia dos Príncipes* II, I48 *segu.*, onde se conta a anedota de um “Juzarte Viegas a que chamam o Bracarense que se chegou um dia a el-Rei que Deus tem e disse-lhe: Senhor, fazei-me mercê de *dinheiro para uma mula*, que parece mal o vosso pregador andar a pé: respondeu-lhe el-Rei gracejando – Eu não tenho dinheiro”.

Recorde-se ainda aqui o *macho ruço* de que figura o testamento no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende.²⁵

Botar para Deus

103. É costume ainda, mormente ao Norte do Brasil, onde melhor se arraigaram as tradições portuguesas, usarem os inocentes ante acusação injusta do protesto

boto pra Deus

25  Para não sair dessas cavalgadas, lembremos que há no espanhol (e talvez no português de que não tenho documento) a frase: *Ir na mula de San Francisco*, equivalente a ir a pé.

quando só Deus pode confundir a calúnia e os falsos testemunhos. De invocação passou a praga terrível.

Os antigos diziam – VOTO A DEUS.

– Jesus! senhora comadre!

– Digam quem são? *Boto a Cristo!*

Fidalgo Aprendiz – III jorn.

Mas mandardes lhes faça eu os tercetos

Isso não farei eu, não *boto a Cristo*

Mas crede...

Dom F. Manuel – *Obras* – II, 40

Mas como a invocação de Deus por motivos fúteis e mínimos foi sempre coisa defesa, os escritores e o povo acharam outras fórmulas menos irreverentes, e aqui exemplifico as seguintes:

104. VOTO A TAL usada de Camões e outros:

– Traze-me a viola cá.

– Voto a tal que me vou rindo.

Auto do Filodemo – I, cena 2

E *voto a tal* que é partido

Para ver e para ouvir.

Ibid. – I, cena 7

Voto a tal que é valente a vilã e bem disposta.

Eufrosina – III, cena 7

Voto a tal que o viu e fugiu por não lhe falar.

Aulegrafia – III, cena 6

I05. Outro equivalente de grande emprego na mesma época era o VOTO A MARES, talvez ainda mais comum, e o preferido nos *Autos* de Prestes:

Se ela não é do que eu digo
Voto a mares que tem bico
 De ser de algum vilão rico.

Autos – 60

Voto a mares, que gran pressa!

Autos – 327

Voto a mares de jogardes.

Autos – 375

e ainda na *Eufrosina*:

Que vos entrasse com mantenha-vos Deus *vo' a-mares*.

– fl. 3

Desse eufemismo por derivação tirou o *voto a maravilhas* Dom Francisco Manuel:

Aunque *bote a maravilla*
 No hai quien le tenga por fiero.

Obras métricas – I, 255

Há ainda outras perífrases que se deparam nos autores antigos; como VOTO A SÃO... (um santo que se não nomeia):

Pois *voto a são*
 Que foi bom cáirem.

Prestes – *Autos*, 99

ou ainda, mais fiado da palavra de honra, basta jurar por ela, com o VOTO A MIM:

Estai assi quêdo que *voto a mim* de fazer outra que vos abafe.

Aulegrafia – fl. 88

Em alguns casos, como este último, é simultâneo o protesto e a praga ou mau desejo e o *voto a mim* pouco se distingue do *puto de mi* (*judío*) *que te sufro* (Aulegr. fl. 121 v.) ou do *voto a tal* da imprecção de Filinto na tradução do *Vertvert*, de Gresset:

– Gafo gaiato!

Ja pragas, *voto a tal*, com grito infame!

Obras – X, 136

106. Por *voto a mim* também se usava JURAMY (juro a mim) como na *Eufrosina*: “*Juramy* que quando m’eu vi fora tive a Deus pelos pés” (I, cena 6), “*Juramy* que não sei quanto ora acerto em estar aqui” (II, cena 3).

Em *voto a mares* invoca-se uma força imensa da natureza, como ainda se invoca a luz que nos alumia ou o *céu*, ou ambas as coisas juntas, o que não é raro:

Por este *céu* que nos cobre e por aquêle *mar* sagrado, que é verdade.

Ulíssipo – III, cena 6

107. Da praga do *voto a Deus* creio que é inseparável aquele duende jaculatório, eterno perseguido, o fantasma medieval do JOANNES BUTTADEUS, o *João do Espera em Deus* da tradição portuguesa e peninsular, o Ahasverus, ou o *Judeu errante* de outras terras.

Tratei da lenda do *Judeu errante* no meu livro do *Folclore*; desta lenda resultaram algumas frases como a de

Onde Judas perdeu as botas

ou por tanto caminhar ou por ser sapateiro, como era, segundo a mesma lenda.

IV

Cebolas do Egito. Olho de panela. Latinismos populares: *quod natura dat, cum quibus, gratis*, etc. A prima face. F. das malvas, ervas. A mão do gato. Levante o dedo. Dinheiro que abranda o mar. A reio; reatar. Alá! Gato e farinha; andar enfronhado. Falar no mau, preparar o pau. Deu-lhe o ar. Aréu. Gente de gravata lavada; sangue no olho. É das Arábias. O frade onde canta. Do pé para a mão; meter os pés pelas mãos; em polvorosa; pé sepelo. Preso por mil, preso por mil e quinhentos. Coisas do vento.

I08. É frequentemente repetido o prolóquio: – voltar às antigas

cebolas do Egito

que, sob essa forma, mascara a verdadeira expressão que é – “voltar à carne ou à panela (olha) do Egito” – volver à vida de regalos e comezaina.

Foi esse o desejo do povo de Deus quando, cansado da fome e aridez do deserto, com água na boca, começou a murmurar contra Moisés:

Prouvera a Deus (diziam) que morrêssemos no *Egito* pela mão do senhor, quando lá estávamos assentados junto às *panelas das carnes* e comíamos pão.

Êxodo – XVI, V. 3

Ou conforme o texto: “*super OLLAS carniuum et comedebamus panem*”.

Tinham, pois, saudades da *olba* do Egito. E *olba* é panela e cozido de carne e hortaliça. Confirma a origem a variante castelhana: “*bolver a las ollas de Egito*”,¹ como está no *Dom Quixote*.

De *olbas* fizeram *cebolas*.

I  Em Cervantes, v. Cejador y Frauca, 792.

A transição de *olha* a *cebolas* nada tem de surpreendente desde que estas são indispensáveis condimentos. No século XVII, diz o jesuíta Alexandre de Gusmão em um dos seus romances alegóricos:

Ó se gostasseis o mel e manteiga desta terra da Promissão,
como vos enfiastaram as *cebolas e albos* do Egipto!

Predestinado Peregrino – 356

Também o disse Nicolau Tolentino numa de suas sátiras:

Sente um desgosto infinito
Que o mundo a deixe tão cedo,
Afeta místico esp'rito;
Porém suspira em segrêdo
Pelas *cebolas do Egipto*.

À pág. 195 da ed. dos *Satíricos* (vol. VI, do *Parnaso Lusitano*) por mim anotada (Garnier, 1909).

I09. Parece que inda essa mesma forma castelhana *olha* (de *olla*) que produziu o modismo – *olbo de panela* que se aplica à pessoa amada e predileta – o *enfant gaté*. Em Jorge Ferreira:

Eu era a sua mimosa, o seu *ôlbo de panela*; bem criada e mal fadada.

Ulíssipo – pág. 190

E tal há de ser a senhora Eufrosina que é *ôlbo de panela* do pai.

Eufros. – fl. 163 v.

Nos autos de Antônio Prestes:

Entregai-me vós a ela,
Que de mim para ela dai-a
Por meu *ólbo de panela*.

Autos – 231

Não que eu era o enteadado
E vós *ólbo de panela*.

Ibid. 237

Ó que fazem uns caldozinhos
De rosinóis; uns *olbinhos*
Da *panela*, uns belóricos...

Ibid. 255

Em Gerardo Escobar:

Foreis *olbos da panela*
Que eu desde mui criancinha
Como nunca fui mimoso
Dêsses regalos me rira.

Cristais d'alma, 50

O *olbo da panela* é o melhor da *olba*, que é sempre compósita e variada.

E não estranha que se aproxime das coisas amadas esta glotonaria dos bons-bocados e da *panela*, quando das beldades de Lisboa escrevia com saudades Camões que “têm elas um rostinho de tauxia e cham como *pu-carinho novo* com água” (Carta I). Dizia-o desde os confins da Índia.

Alguns latinismos

110. Não são poucas as frases e palavras latinas que por pertinazes e assíduas se tornaram proverbiais ou vulgares.

O aforismo – QUOD NATURA DAT NEMO NEGARE POTEST – que foi de uso extensíssimo, quase sempre se vê aplicado ao irresistível do amor sensual e da função genésica. Assim se explica o célebre verso dos *Lusíadas*:

O que deu para *dar-se a natureza*.

Lusíadas – IX, est. 76

que é simplesmente o *natura dat*.

Antes de Camões, empregou-o Gil Vicente na Farsa do *Juiz da Beira*, quando Pero Marques exculpa um crime de sedução contra uma rapariga jovial, dizendo:

Se ela mesma não folgara,
Chamara ela – aque d'El-Rei!
Mas *credo quo natura dat*
Nemo negare pote.

G. Vicente – *Obras*, III – 165

E também é assim que justifica Garcia de Resende os ardores juvenis de D. João II nas suas primeiras viagens a Citera:

O príncipe como homem mancebo que era, ainda que o esfôrço, saber e os cuidados eram de muito maior idade, todavia *não podia negar o que a natureza dá* e aquilo a que geralmente os mancebos são mais inclinados e algumas horas *ia de noite* fora, secreto, com uma ou duas pessoas, a *folgar em coisas de amores*.

G. Resende – *Crônica de D. João II*, cap. 6 (pág. 6)

E nem esta exclui outras aplicações possíveis como a que alude ao triste e malpagado mister de fazer trovas:

Porém *quod natura dat*
 Nos diz o latino adagio
 Que *nemo negare potest.*

Fênix renascida, IV – 236

Recentemente, um dos nossos mais notáveis prosadores, falando de coincidências literárias, escreveu:

“Mas há um exemplo ilustre, não sei se de coincidência, de memória subconsciente, ou consciente até.

Todos estamos lembrados dos versos daquele divino Canto IX dos *Lusíadas*, que cantam o amor luminoso. Todos, rapazes e pedagogos, uns ruidosos, outros dissimulados, cobizamos Ephyre, exemplo de beleza.

‘que mais caro que as outras dar queria
“o que deu pera dar-se a Natureza...”’

Lede agora o Soneto IV de Shakespeare:

Nature’s bequest gives nothing but doth lend,

.....

The bounteous largess given thee to give...’

“O legado da Natureza não nos traz nada que não seja de empréstimo...

.....

O generoso dom que te foi dado para dares”.

Teria o rei dos poetas conhecido os versos do nosso príncipe, e deles levado a sua taxa, por vontade ou sem saber? É pouco provável, dadas as limitações da nossa língua. Simples encontro seria, ou inspiração comum de um conceito que andava talvez em voga nesses tempos agitados e preciosos do Renascimento, o do fugace usufruto da beleza.

A luz intelectual é de algum modo como a luz do sol, que não pode ser objeto de propriedade particular.” (*Tristão da Cunha*)

III. Ainda muitos outros latinismos se foram cristalizando na linguagem comum.

Bem antigo e conhecido é o CUM QUIBUS, com que “se compram os melões”, diz o vulgo:

– Isso assim é; mas o jogo faltando o *cum quibus* não se pode exercitar.

M. Miranda – *Diálogos*, I, 194

Também era comum o *quis vel qui* das antigas artes de gramática e lógica:

... são chapins
Com que se empantufa um homem
A modo de *quis vel qui*.

Oraç. acad. 138

II2. O DEUM DE DEO, palavras do símbolo da Fé, aparecem traduzidas em *dê onde der* ou *de déu em déu*:

Já houve quem disse: *Deum de Déo dê onde der*.

Memórias do B. do Pará – 52

II3. O TRANSEAT da argumentação dialética ou o *transeat a me calix is* do Evangelho, como o parafraseia Fr. S. de S. Catarina, nas orações citadas (pág. 138).

II4. O DE JURO (por *de jure*) corre já como tendo foros de vernáculo, mormente na locução *de juro e herdade*:

– Cuidei que estáveis *de juro*.

Aulegr. fl. 141

Não foi sonho pois não é *de juro e berdade* que hajam de sonhar todos os dons Franciscos.

Dom F. M. – *Apólogos*, 128

Fizeram-lhe por arbítrio o que a ele lhe deviam fazer *de juro*.

Anatómico Joc. – II – 106

II5. O ORA PRO NUBES para chamar as chuvas:

Si no viene lluvia...

.....

Ora pro nubes, ora pro nubes.

Gil Vicente – I – 69

Em estilo mais rasteiro e por influxo do sentido de *meco* (enganador de mulheres) de que falamos em outro lugar, aparece *badameco* (peralta) por *vadamecum* que mais erguido e erudito é nome de *enchiridion* ou livro manual de qualquer arte, pasta de papéis escolares.

Andar sempre a vigiar a minha filha para não a deixar dar ao badalo com um certo *badameco* meu vizinho...

Farsa do *Duende Casamenteiro* – cena II

No entremez de Curvo Semedo:

Que tal é o *badameco*,

Fiai-vos lá em ninguém!

Os três Enjeitados; cena VII

II6. O BOLAVERT é lugar-comum dos seiscentistas e aparece ainda no século XVIII:

- Raro assombro. Aqui há grande traição!
- Adeus, luzes!
- *Bolaverunt!*...

Teatro cômico, IV – 273

As onze e meia *bolaverunt* galhetas para a mesa dos donos de casa e cada um a modo de quem se põe em seguro se foi pondo na sua.

C. d'Oliveira – *Cartas*, I, 160

Mais tarde o renovou Filinto, escrevendo:

Mal que eu queira, o capote *bolaverunt*.

Filinto – *Obras* XII – 211

No seu tempo, porém, o *bolaverunt* já não era de uso.²

Ramon Laval no seu – *Del latin en el folk-lore chileno* – cita vários latinismos populares que também possuímos e entre êles o *verbo rapio* que desde S. Francisco Xavier e o Pe. Vieira se tornaram proverbiais na literatura.


II7. Generalizou-se O GRATIS, mero, em lugar do GRATIS DATA, como devia de ser:

Uma graça *gratis data*

E um espírito mui alto.

Fênix – IV – 235

Ajuntemos um exemplo clássico de Frei Luís de Sousa:

2  E com essa razão desculpa-se o poeta em nota daquele seu sestro de rejuvenescer palavras antigas ou nobilitar expressões triviais e baixas.

E ainda que êste espírito só por si não seja argumento de santidade, porque como é graça do céu graciosa, ou *gratis data* como lhe chamam os Teólogos, pode acontecer achar-se em gente pouco perfeita e em pecadores.

Hist. de S. Domingos V, VIII – fl. 262 v.

E um passo do *D. Quixote*, citado por Cejador y Frauca:

puesto que tu virtud es *gratis data*...

|| Em gentil comunicação o Pe. Carlos Teschauer dá-me o sentido teológico da expressão conforme o texto do Evangelho de São Mat. 7. 8. – *Gratis accepistis, gratis data* – dom, não para o bem próprio, mas para o de outros, como foi dada aos apóstolos sem excluir o mesmo Judas.

Era a frase da teologia antiga, e queria dizer da graça sobrenatural, dádiva que cabia aos predestinados antes de a pedir e alcançar por esforços e mérito próprio.

É de notar-se que a expressão *graça* de que faziam uso os antigos reis foi substituída pela de *mercê*. No tempo de Afonso V assim era o costume “porque até então os reis diziam *fazemos graça* e não *fazemos mercê* como agora se diz”. G. de Resende – *Crônica de D. João II*, cap. XXXIII.

A prima face

II8. É a expressão latina – *prima facie* – que equivale a – “ao primeiro aspecto ou exame, à primeira vista”.

Com este valor é que corre; todavia, contém outro sentido menos aparente e que o desuso tornou fugitivo ou apagado.

Falando da abominação que é (ou era) a mulher, diz Prestes, no *Auto da Ciosa*:


Mais vos digo
 Que é tão diabo consigo
 Este mal, que, mal pecado!
 Mais se tira ao mal cuidado
 Que ao bem que é nosso amigo:
 Quando a Fernando marchastes
 Assi que a moça ficasse
 Eu vos vi a *prima face*
 Que tibiamente a tomastes.


Obras, 307³

E assim em outros casos. Aplicação diversa teve a frase que servia para indicar uma das divisões antigas em que repartiam o dia.

Eram divisões um pouco irregulares e uma delas era a PRIMA FAZ ao escurecer e ao acender das candeias.

A *prima faz* envolve com dúbia e incerta luz entre o dia e a noite a visão crepuscular e incompleta das coisas.⁴ A expressão vernácula que traduzia esse lume crepuscular era *sonoite* de que usaram Sá de Miranda e outros:

3  Para a inteligência deste trecho convém corrigir em versos antecedentes a frase *brasa no céu* por *brasa no seio*, correção que fiz no meu exemplar e não está entre as numerosas e excelentes emendas indicadas por Epifânio Dias sobre a edição moderna. Neste mesmo excerto convém lembrar que *marchar* significa “mastigar, falar mastigando, entre dentes”, e assim o usa o autor da *Arte de Furtar*: – Respondeu *marchando os beijos* – cap. 6 – na Ed. Garnier, pág. 268.

4  Vejam-se, por exemplo, na *Escola decurial*, de Fradique Espínola – tomo V, lição 3.^a – as doze divisões (que faziam os antigos) do dia a partir da meia-noite: *Noctis inclinatio*, *Calciniuum*, *Conticiniuum*, *Diluculum*, *Mane*, meio-dia, *Occiduum*, *Suprema tempestas*, *Vesper*, *prima faz*, *Nox*, *concupina*, *Nex intempesta*. Outros dizem *concupia* que é a lição clássica, e, em lugar de *Calciniuum*, *galliciniuum*.

Excluídas essas e outras diferenças de computação, o dia dividia-se ao meio *meridies* (*ante meridiem* e *post meridiem*). Ao meio-dia terminava a *sexta hora*; a *prima* correspondia, pois, às 7h da manhã ou às 7h da noite.

Mas dizem neste lago
 Que *às sonoites* se vê voando um drago.
 S. Miranda – (Ed. Carol. Mich.) – 495

Filho das ervas

119. São numerosos os apodos que mais ou menos trazem o mesmo cunho e que não havemos mister explicar; tais são – *filho das ervas*, *das urtigas*, *filho das malvas*, *filho da folha*, etc., e todos inculcam o mesmo escárnio ou insulto.


Em *f. das malvas* poderia ser *malvas* uma derivação popular de *malvado* (male levatus) sob a analogia de *f. das ervas* ou das *folhas*.⁵


120. De modo especial e sem ironia a locução

filho da folha

aplicava-se ao operário pago por folha pelo governo. Só a analogia com *filho das ervas* tornou depreciativa a expressão que era legal. Os empregados inscritos na *folha* iam ao Tesouro receber a fêria e neste sentido eram designados como *filhos da folha* (V. o que diz Morais s. v. *folha*): Filho da folha: o que cobra algum ordenado e tem o seu nome na folha de pagamentos do Erário – o mesmo diz D. Vieira. Era, pois, expressão decente e usual até certo tempo.

121. Antigas meretrizes eram as *ervoeiras* (albergueiras) que davam pousadas a adventícios e forasteiros⁶

5  Corrêas arbitrariamente faz derivar *malvado* de *malva*, inversão inadmissível. No espanhol a frase tem o mesmo giro: *Nació en las malvas* (de pais obscuros ou desconhecidos) – Cejador – *Fraseologia* II, 14.

6  Veja esta palavra arcaica em Viterbo – *Elucidário*, e a nota que escrevi na minha *Seleção Clássica*, s. v.

Pelo menos mal não digas
 De uns que por boa medrança,
 Desprezam tantas fadigas
 E *nascendo nas ortigas*
 Vão morrer na governança.

Dom F. Manuel – Obr. Métr., II, 65

No *Filinto perseguido*:

(*Com um papel na mão*)
 – Senhor, aqui está o *filho da folha*.

Teatro cômico, IV – 27

E nos *Encantos de Merlin*:

– Só por não andar em bôcas do mundo, se não pode ser valente, pois uns lhe chamam o bufão, outros o arrojado, outros o filho da velha, outros o *filho da fôlha* ...

Ibidem – IV – 232

No interessante conto, de Filinto Elísio, da leviana dama teimosa, a quem lhe vem desejos de banhar-se num charco, a vista dos patos que nadavam anima-a à arriscada aventura...

Que ânsias lhe vinham lá do âmago d'alma
 De ser pata (sequer) por dois minutos.

Obra, II, 75

A palavra que envolve sentido torpe ainda agravado pelo – *sequer* – também substituí a de *folha* ou *urtiga* em locução equivalente às já apontadas.

A mão do gato

122. A mão do gato não erra o lance, é pronta, segura; maneiã tão rápida que pode passar por invisível.

Por isso, as pessoas de consideração e respeito, a quem um lance errado comprometeria a fama de honradas, furtam *só com a mão do gato*.

Para estas escreveu o autor da *Arte de Furtar* todo o capítulo XXXVII onde se acumulam preciosos exemplos e se apontam

os modos com que cada dia se *tiram sardinhas com a mão do gato*.

A. de Furtar – n. 113

O mesmo escreveu o poeta cego:

O que me causa mais pasmo
Foi que *tudo quanto tira*
É sempre com a mão do gato.


Obras post. – 170

Enfim não pôde escapar
A um gato tão ladino⁷
Que a fôrça *com a mão do gato*
Quis levar o passarinho.

Fênix renascida, I, 331

No pedaço dum espelho
Destes assintes teatro,
À mão do gato encomenda
Inês o *sape* dum gato.

D. Francisco Portugal – *Prisões & solturas*, 23

7  Diz gracioso o mesmo poeta que é o gato latino ou ladino porque

Lhe diz – *meus mea meum* –

Por miau, miai e mio.

O ditado tem uma das suas fontes primevas na antiga história popular de *João e Maria* ou os *Meninos perdidos* na floresta que vieram parar à cabana de uma velha feiticeira que fazia doces; e de cima do telhado os famintozinhos com leve anzol roubavam os bolos: desapareciam os doces enquanto a velha tudo atribuía ao gato:

Sape! sape! meu gatinho

Não me tires meus bolinhos!

Roubavam assim, como tanta gente quando rouba, *com a mão do gato*.⁸

O *gato*, enfim, é, por muito ladrão, o grande responsável.

Veja-se, no capítulo anterior, o que escrevi acerca da locução *pôr os dedinhos de fora*.

123. Cabe aqui lembrar a frase – LEVANTE O DEDO! – do *folclore* infantil, símbolo de juramento e uma das tretas com que se põe à prova a vivacidade e rapidez de movimentos.

Tem profundas raízes na literatura popular de vários povos


– Prometes-me isto? – Prometo.


– *Alça o dedo!* – Todos cinco.

– Eu te darei um brinco.

Prestes – *Autos*, 281⁹

E nos *Encantos de Merlin* do *Teatro cômico*:

8  Não é aqui o lugar de cotejar espécies do *folclore* e deslindar a confusão que na literatura popular europeia o povo faz de vários contos embrechados uns de fragmentos de outros, como é o caso especial deste onde se aglomeram várias histórias *Los dos hermanos* de Estremadura, *A bicha de sete cabeças*, *Os meninos perdidos* (de Portugal, segundo as versões de A. Coelho e Teófilo Braga) e *João mais Maria* (do Brasil, versão de S. Romero). Cf. a *Biblioteca de las tradiciones pop.españolas*, tomo X, págs. 279 e 280.

9  A. ed. Noronha diz *prometeste*; em lugar de *prometestes*; em lugar de *prometes-me*, conforme corrijo.

- Eu prometo.
- Ora *levante o dedo para o ar*.

I – cena 3

A origem da expressão é evidente; a promessa ou juramento faz-se por *Deus*, invocando-o ou apontando para o céu.

Sem embargo, já os romanos licitavam em leilão, levantando o dedo (*liceri digito*).

O dinheiro faz o mar chão

124. São sem conta e assombrosos os prodígios que opera o dinheiro. O adagiário vernáculo de Roland registra muitos desses milagres, mas não este que se depara na *Eufrosina*:

Por tachas mormente estas, já ninguém perde o casamento:
dinheiro faz o mar chão.

III, cena 7

Parece que há aqui o influxo remoto de certa historieta árabe que está entre os *Contos e legendas* reunidos por R. Basquet:

“Um velho consegue de um salto transpor um rio, façanha que vários rapazes robustos e sadios tentam sem êxito. Chamado pelo rei para que desse explicação do milagre, que tal parecia a todos, o velho abrindo a camisa mostrou uma cinta cheia de moedas que trazia.”

A explicação pareceu suficiente e acabou-se a história.

O que dá para transpor um rio, bem pode aplinar o mar ou *fazer o mar chão*, como diz o autor da comédia.

Esse é o milagre do ouro e só pudera disputá-lo o prestígio do amor para os enamorados Macias:

Rei (es) tu sôbre os Reis
 Coroado Emperador
 D'u te prazen van tas leis...

H. A. Rennert – *Macias*, 38¹⁰

Mas, excetos os Macias, a religião do dinheiro não conhece heréticos e é verdadeiramente católica de um polo a outro.

A reio

125. A REIO OU ARREIO significa a fio, a eito, sem interrupção. Reduz-se, ao que dizem, problemáticamente, à antiga voz gótica latinizada em $\rho|\delta\upsilon\mu$, donde saíram *arreio*, o italiano *arredo*, e ainda o nome *correio* (que sofreu o influxo de *correr*).

Dizei há cá jôgo *arreio*?

Chiado – 132

E em outro lugar:


E porém que lhe dêem
 Pancadas como em centeio,
 Dana-se êste cão *arreio*
 E então morde quem o tem.

Ibid. 202

Em D. Francisco Manuel:

Faça-me V. Paternidade mercê de me mandar dizer nove missas *arreio* no altar do Santo Cristo.

Cartas – pág. 612

10  O texto impresso não contém o acréscimo (*tu*) que é essencial, e é do punho do erudito professor da Universidade de Filadélfia.

Nas *Trovas* do Bandarra:

Um dos três que vão *arreio*
 Demonstra ser grão perigo;
 Haverá açoite e castigo
 Em gente que não nomeio.

Trova XCVIII

I26. Por isso também existe a locução A REATA.

Levar o gado *a reata*

isto é, uns animais presos aos outros de modo que se não tresmalhem.


É consideração importante porque com ela se explica a palavra *reatar* de grande uso; *reatar* não é tornar a *atar*, mas está por *arreatar*, levar *a reata*, isto é, prender uma coisa a outra, e por isso mesmo quando se não *reata*, quebra-se o fio.¹¹

Alá!

I27. É muito comum esta expressão, pelo menos ao Norte do Brasil, para indicar que já não convém pôr entrave ou freio a qualquer coisa, ou dar quaisquer conselhos de prudência quando já inúteis...

AH LÁ! *deixá-lo!*...

como se dissera: – a Deus misericórdia! seja o que Deus quiser! que importa agora!

II  Destarte é óbvio que, embora não seja *reatar* composto de *atar*, todavia, ambas as formas *a reata* e *atar* por afinidade ou semelhança externa terão sofrido recíproco influxo. É de si mesmo evidente que havendo *atar*, nada impediria a formação de *re-atar*.

Com este sentido, que é o próprio e exato, penso que se poderia escrever conforme a transcrição arábica

ALLAH!

palavra e exclamação equivalente a: *Deus!*

Confirma esta conjectura a ocorrência da expressão quase igual a esta no espanhol.

Dela nos fala Eguilas no seu *Glosario*, no voc. *Guala!* que significa literalmente — *por Deus!* e do seu uso cita o passo do Dom Quixote:

Desto se rio muy de veras su padre y dijo: *gualá!* cristiano, que debe ser muy hermosa si se parece à mi hija.

I c. 41

O padre Godinho, descrevendo uma tempestade nos mares do oriente, diz:

Os arábios se foram lançar a dormir debaixo do toldo que a velha lhês fêz e uns roncavam e outros ao entrar da onda gritavam: *Alá! alá!*

Caminho da Índia, 109

Vemo-la ainda em Simão Machado:

Santo *Alá*, que desvário!

Comédias, pág. 28

Os escritores naturalmente haviam de ter escrúpulo, noutra tempo, em adotar essa interjectiva que o era dos mouros; mas não é menos certo que o povo a conservou e ainda a emprega constantemente.

Por ignorância e esquecimento das origens escrevemos hoje — *Ab! lá!* dividindo a expressão arábica em duas outras vernáculos.

Gato e farinha e fronha

128. Já examinei em outra série destes estudos o influxo que exerceu na linguagem proverbial em várias fórmulas idiomáticas a antiga fábula do Esopo, em que se reconta a astúcia do gato envolvido em farinha para surpreender as suas vítimas. E dessa origem foi o antigo ditado – *Nem todo o branco é farinha* – que aparece nos antigos escritores.

Mais curiosa é, porém, a expressão

andar enfrornado

onde *enfrornar-se* não é mais do que a alteração de *enfarinhar-se* para indicar a fraude e trapaça legendária do gato que se disfarça em alva farinha.

A alteração proveio de se haver fundido em um só vocábulo *fronha* e *farinha*, pronunciando-se e escrevendo-se *enfrornar* ao revés de *enfarinhar*.

Que aquele arдил e disfarce se mascara com a *farinha* e não com a *fronha*, logo se evidencia com outras formas paralelas como:

por fora *muita farofa*
 Por dentro molambo só.

ou

São bazófias e *farofas*

e, como aconselha o Chiado:

Guardar de *fazer farinbas*.

Obras – 150

Também vários exemplos apontam àquela origem. E tais são os seguintes passos:

Do *escudeiro* que finge de cavaleiro:

Hoje sirvo não sei donde
 Lá de riba um escudeiro
Enfronbado em cavaleiro.

Dom F. Manuel – *Fidalgo aprendiz*, I, cena I

E o que diz o Chiado:

Quem se mete na *farinha*
 Logo fica *doutra côr*.

é essencialmente a mesma metamorfose que glosa D. Francisco Manuel quanto à desventura da sorte:

E quem foi incapaz de uma boa sorte, escuso parece que ficava de padecer outra adversa.

Contudo, *esta fronba* em que anda o melhor espírito é de um burel muito basto.

Cartas – (ed. 1664), pág. 122

No curioso auto da *Prática dos três pastores*, publicado por C. Michaëlis,¹² a mesma antiga manha do gato, que se enfarinhou, figura-se agora na serpente do paraíso:

Pois êle não seja besta,
 Nem tão valente,
 Que *se enfronbe na serpente*
 Para enganar a coitada
 De Eva que estava inocente, –
 Só pela ver condenada
 Com tôda a sua semente.

pág. 26 (versíc. 606)

12  *Ein portugiesisches Weihnachtsauto.*

Desta manha esperam vingança, porque enfim

O Senhor nos vingará
e quem nos *engaticou*.

Versíc. 620

Onde *engaticar*, *enfronbar*, *enfarinbar*, equivalem a enganar ou seduzir.

O autor do *Anatômico Jocosos* prefere a expressão primitiva derivada de *farinba* neste exemplo:

Êle então, a foro de filósofo *enfarinbados*, devia fazer uma demonstração com que infirmasse o proposto...

Anatômico, II, 24

E ainda com a fórmula etimológica escreveu Melo Franco no prólogo ao seu poema herói-cômico, zurzinho o pedantismo de alguns le-gistas:

Enfarinbados unicamente em quatro petas de Direito romano, não sabem nem o direito pátrio, nem o público, nem o das gentes...

Reino da estupidez (prólogo)

Creio que já logrei dar toda evidência à confusão das formas *farinba* (que é românica) e *fronba* (que é portuguesa) nessa metáfora que se exprime por *enfronbar* ou *enfarinbar*.

São ainda exemplos que abonam a locução os seguintes:

– Para mim tenho e já o disse
Que nasceu para enfadonho
.....
A fé que por tal o *enfronho*.

Prestes – *Obras*, II 9

Palavras de cortesia
 E mais adinheiradas,
 Ó como são docicadas!
 Para mim las quereria
 Quando com obra *enfronbadas*.

Prestes – *Ibid.* 206

Que eu respondo a êsses muitos e êsses poucos
 (*Enfronbados* em vistas circunspetas)
 Que todos os poetas serão loucos.

Pinto renascido – II9

– Deixe falar essa toleirona *enfronbada* que se não lembra de
 que todo o novêlo tem o seu casquelho.

Estremez do *Plano malogrado*, cena XI

Marca a transição da fórmula – *cobrir-se com farinba* – ou *meter-se uma
 fronha* – o seguinte excerto de Jorge Ferreira:

E tudo consiste em desmando o cachopo, *enfronhá-lo em um ca-
 puz* de autoridade.

Aulegrafia, III, cena II (fl. 92)

Assim foi que se deu preferência à *fronha* quando o embuste esopia-
 no e primitivo era a *farinba*.

Muito mais decisivo, porém, é o testemunho do acadêmico do sé-
 culo XVIII Neves Pereira quando nos esclarece que os antigos imper-
 tinentemente continuam a dizer *enfarinbar* por *enfronbar*, palavra que
 prevaleceu. Assim o diz relacionando alguns vocábulos:

Enfronbado — é têrmo bem aceito. *Enfarinbado*, dizem os velhos importunos, que modo de falar! que lhe acham? não sabemos; mas é boa palavra no uso familiar, e os franceses dizem sem nojo — “il s’est allé *enfariner* de cette opinion”.

Memor. da lit. port. (da Acad.), t. IV — 401

Sem embargo de quaisquer facécias de glosadores de improviso, mantenho a identidade dos dois vocábulos: *enfarinbar* e *enfronbar*.

Falar no mau

129. Há um aforismo e verdade que se agora explica pela telepatia, o de

falar no mau e logo aparece

ou com a rima:

falar no mau, preparar o pau.

Expliquemo-lo sem a metapsíquica dos sábios modernos. Aqui o *mau* era a princípio o diabo (como o é a alusão do padre-nosso *libera nos a malo*, livra-nos do *Mau* e não do *mal*) e sempre foi crença ou superstição que o nome do diabo se não deve dizer, porque logo este aparece; e daí as inúmeras perífrases, os rodeios e eufemismos com que se apelida Satã.¹³

Falar no ruim diz-se na Ulíssipo:

Ouvistes vós já como *falam no ruim* logo aparece?

Ulíssipo, IV, cena I

13  O *tinboso*, o *cão*; o mesmo *diabo* ou *Satã* são vozes translatas e meros epítetos.

Serve esta variante de fio para rastrear um dos germes prováveis do aforismo.

A locução mais completa é

falar no RUIM DE ROMA, logo assoma

que se encontra ainda sob várias redações antigas.¹⁴


Este ruim de Roma, anticristo ou diabo, era (quem o diria?) o papa. Os portugueses e, em geral, os peninsulares aderiram à Santa Sé de Avinhão durante o chamado *Novo Cativo de Babilônia* no século XIV, e neste lapso de tempo os papas romanos, tidos por anticristos ou quase diabos, eram os *ruins de Roma*.

Também se compaginou em firmar o brocardo, outra segunda história; e não são raros esses incoñhos na filosofia popular. É superstição muito acreditada de que os *lobos* só com a vista fazem *emudecer*, e já em outra ocasião desenvolvidamente explanamos este caso, que deixou vestígios na linguagem vulgar.¹⁵ Ora, aqui o temos de novo na variante erudita


falai no lobo ver-lhe-eis a pele

“modo de falar proverbialmente (diz Bluteau) que se usa quando sobrevém a pessoa da qual se fala”.¹⁶

Dessa mesma fonte deriva o excerto dos diálogos de Jezam Barata:

14  No castelhano Corrêas havia registrado as seguintes: *Al ruin de Roma, en mentandole luego assoma. Al ruin cuando le mientam luego viene. En mentando al ruin, suele venir.* Nos *Diálogos familiares* de I. de Luna (1619), *Al ruyn de Roma, cundo le nombram luego asoma* (Dial. IV).

15  Nas *Frases Feitas* (I série).

16  Dissemos *erudita* a variante porque é a mesma dos latinos: *Eccum tibi lupum in sermone.* Bluteau – s. v. lobo.

Vêdes como é certo *falarem no ruim* e êle logo *aparecer*? Eis aqui me tendes como se fôra *Lupus in fabula* para desmentirdes rifões antigos.

Recreação proveitosa – I, 157

Aquele que sobrevém obriga a que calem os que dele tratavam, tal como o lobo que faz emudecer.

Deu-lhe o ar. Aréu

I30. Em geral para o povo (e para a medicina antiga) o *ar* era qualquer das formas da paralisia. Dizia-se então dos doentes que lhes *havia dado o ar*.

Por translação, o pasmo e a mudez oriundos de espanto ou terror explicavam-se também da mesma sorte. E por isso das pessoas pasmadas se dizia que *estavam AREADAS*.

E não só se formou a expressão *arear*, mais ainda a frase:

ver-se aréu


que é empregada por Filinto Elísio:

O afouto Mendes Pinto a quem perigos
De terra e mar não descoraram nunca,
Palmilhou areias; rompeu por brenhas,
Largos rios nadou; trepou por serros,
Viu-se aréu com leões e crocodilos...

Obras, X, 145

Explica o poeta a significação do termo *aréu* – “homem que não sabe o que fazer no discrime em que se acha”.

E acrescenta: “alguns em lugar de *aréu* dizem *aério*”.¹⁷

17  Na *Enfermidades da Língua* registra-se a frase plebeia: – Tenho-me visto *ério* (pág. 148).

Aqui, suponho, é provavelmente o golpe de *ar* que resfria e tolhe o movimento aos músculos.

Nas *Obras*, onde o poeta Malhão nos reconta alegremente a sua *Vida e feitos* em prosa e em verso, depara-se a quintilha:

As velhas que em dias seus
 Não viram tanto, a gritar
 Chamando a todos *aréus*
 Não cessam de lhe pregar
 Que são castigados dos céus.

(3.^a ed.) – III, pág. 189

131. Da mesma natureza que *aréu* é o *airado* de *airar*, receber ar e estupor, ou com forma vernácula antiga *arear*, já citada.

Arear = perder o rumo: “Totalmente *areou* e perdeu o tino, como acontece às vêzes a alguns pilotos ruins no mar.” *História trágico-marítima* (ed. mod.) VI – 61.

Gente de gravata lavada

132. Foi só depois de Luís XIV que se introduziu no ocidente o uso das gravatas. É coisa trivial.

Hoje as gravatas não se lavam porque são sempre de seda. Outrora, porém, eram grandes *lenços* e por isso entravam no rol das roupas brancas que iam à lavadeira.

Ainda era assim no século XVIII, e num entremez de cordel depara-se este rol:

& Camisas de mulher seis. Anáguas quatro. Lençóis seis. *Lenços do pescoço* oito.

A mestra Abelha – cena VII

Era natural, pois, que a gente limpa andasse sempre de *gravata lavada*, como disse um poeta falando de crendices de velhas:

Muita gente que ata *gravata lavada* cai nelas...

Filinto – *Obras*, IV, 44

A *gravata* é apenas um artifício; sinais verdadeiros de fidalguia eram outros: por exemplo, as rajas de sangue na esclerótica.

I33. Já não há quase mais quem TENHA SANGUE NO OLHO. Olhos encarniçados (ou *injetados* como dizem agora) ou com rajas de sangue eram sinal certo de fidalguia. Tanto valia ser godo e neto dos antigos conquistadores como ter olhos abrasados.

Se esta coloração vinha das habituais borracheiras ou dos milagres da pura linhagem, pouco importa, mas era maravilha o *sangue no olho*.

A esse intento disse um dos Singulares:

Todos quantos vêm a Nize
Qualidade tem fidalga,
Não só *tem sangue no olho*
Nos olhos o sangue lhe anda.

Acad. Sing. II, 224

Baixezas de caráter não podiam vir dos *godos* (Ulíssipo, 248, 249: *Aulegrafia*, 49), bem ufano era quem *piava* de godo (Ulíssipo, 291), e por vezes plebeus, chatins e vilões inventam e “descobrem novos avoengos, títulos esquisitos, e “*Marienes* converte-se em *Dona Ximena*”.

E também sorri Gregório de Matos:

É tal a farinha do ninfo gentil
Que por machos é sangue tudesco
Porem pelas fêmeas humor meretriz.

Obras, 172

Há fidalgos modernos que se sagraram com só aquela honraria, de que fala a Ana de Gil Vicente

... Eu te provarei
Que um cavalo d’El-Rei
Estercou à minha porta.

Obras – III, I69¹⁸

Pouco distará da meia tigela.


Os mais nobres e irados reis de Portugal D. Pedro I e D. João II tinham o olho vermelho se são fidedignos os seus cronistas.

Até mesmo alguns cães por zombaria poética podem remontar à pré-história sem o valhacouto da hipótese darwinica:

Antes de entrar mourisma em Portugal
Já seus maiores por diversos modos
Tinham nome plausível entre os *godos*.

Gaticânea, pág. 12


Que o digam os genealógicos.¹⁹

18  Esta frase é proverbial em Espanha, pois foi registrada no *Vocab.*, de Corrêas: “El caballo del rey cagó a mi puerta y la boca de la reina en mi portal.”

Há muitas alvuras e vaidades de hoje que mergulham a sua prosápia nessa esterqueira. No poema de Giambattista Casti, só porque o leão tratou de amigo a um sabujo, logo toda república burrial estremeceu:

Ha detto *amico* al can! con maraviglia
Va ripetendo ognun: e’ho udito anch’io:
Si, si: gli ha detto *amico*, altri ripiglia
E il can ciascun invidia, e fra se dice,
Oh fortunato cane! oh can felice!

Gli Animalí parlanti – I, 101

19  *Gaticânea*, poema por João Jorge de Carvalho, 1781, curiosidade da livraria e da cultur-história portuguesa no século XVIII.

É das Arábias!

I33a – É o que se diz de indivíduo insólito, raro, espantoso e sem igual, excêntrico ou inexcedível e principalmente se aplica ao que ninguém logra apanhar: *é das Arábias!*

A coisa mais inverossímil das Arábias e que certamente nunca pessoa alguma viu e todos a conhecem, é a *Fênix* celebrada dos poetas.

Não é mais rara que um sincero amigo
Essa *ave* estranha que na *Arábia* vôa
Fala-se dela mas não há pessoa
Que a visse neste ou no tempo antigo.

*Coleção*²⁰ – t. II, 8


Na comédia do *Acredor*:

- Ainda mais veio ela mesma ter comigo.
- A *Fênix* dos poetas? *A da Arábia!*
- A mesma.

M. Figueiredo – *Teatro*, X, 170

Ainda é mais explícito e satírico Tomás Pinto Brandão, em um dos seus romances acadêmicos:

Fênix se chamava a moça
.....
Por única em luzimentos
E ignorar-se-lhe a prosápia.

20  *Coleção de poesias inéditas dos melhores autores portugueses* (saíu em pequeninos volumes). Lisboa, 1810. Contém versos avulsos dos Arcades.

E já aqui temos a Fênix
Verde, que foi muito achá-la.
Porque na *Arábia* há só uma.

Pinto renascido – 304

Viva uma vida imortal
Da *Arábia* essa *fênix* bela,
Mas inda mais anos que ela
Viva a dona do casal.

Xavier de Matos – *Rimas*, III, 232

Contudo, apesar das patranhas que ainda se recontaram, ninguém adiantou ao antiquíssimo Heródoto, que disse só ter visto a *Fênix* pintada.


Quem quer que é *Fênix* (e poetas e escritores muito abusaram este epíteto) é também *das Arábias*.²¹


Antes da *Fênix*, para alguns poucos casos menos poéticos de assombro, serviria o *vilão do Danúbio*, celebrado dos fabulistas.²²

Quando a reputação da *Fênix* ameaçava ruir, ampararam-na os neoalquimistas, que, na *avis rara*, descobriram o símbolo da *pedra filosofal* que havia de ressurgir tratada pelas cinzas nos cadinhos dos doutores iluminados; assim o pensava o nosso Bocarro, mestre consumado nessas artes diabólicas, e lá disse na *anotação crisopeia* do seu poema:

Debaixo dêste fingimento (o da *Fênix*) quiseram os sábios
antigos explicar a dignidade da *Pedra Filosofal*...

Anacefaleozis (ed. 1624), fl. 35

21  Diz-se das *Arábias* porque havia três *Arábias*, como já o definia Camões no canto IV, a *pétrea*, a *feliz* e a *deserta*. As divisões políticas ou naturais faziam com que se pluralizasse o nome geral delas: as *Arábias*, as *Itálias* e as *Espanhas*, assim diziam em outro tempo.

22  O vilão do *Danúbio* foi lembrado por D. Francisco Manuel no *Apólogo das Fontes* e por Simão Machado na primeira *comédia de Dio*, 15.

Como quer que seja, a Arábia passou a ser mãe de todas as monstruosidades da natureza.

O pássaro monstro que caiu em terras do Alentejo em 1626 foi descrito por Miguel Leitão de Andrada em termos que revelam aquela superstição na geografia da fauna:

... Coisa tão estranha, com tamanhas asas e estrondo, parecia devia vir dessa África ou *Arábia*.

Miscelânea (2.^a ed.) – pág. 426

O frade onde canta...

134. O modismo que creio mais repetido – o *frade onde canta aí janta* – é já uma alteração do primitivo:

O padre DONDE canta DAÍ janta.

O sentido é óbvio, e é que o sustento ou o ganho do padre vem das suas cantorias. Comprova-se com o provérbio paralelo do espanhol, já registrado na antiga coleção de Iñigo Lopez:

El abad *donde* canta *dende* yanta.

Nos nossos escritores antigos, o rifão é exemplificado em sua verdadeira construção sintática:

Sabem êles muito bem, que o *Abade donde canta daí janta* e que comigo negociar há de ser faze-me a barba e far-te-ei a trosquia.

Eufrosina, fl. 23

Tratarei de quem o tenha que o *Abade donde canta daí janta* e eu não hei de comer de boas razões.

Ulísipo, I, cena VII

D. Francisco Manuel, em um dos seus epigramas, explica literalmente o sentido do provérbio, consoante a sua forma antiga:

Tôda vida ouvi dizer
 Que *donde* o clérigo canta
 Daí janta, quando janta;
 Sei que o frade o mesmo quer.
 Vós que tanto trabalhastes,
 Razão será que entretanto
 Pois que *não jantais do canto*
 Almoceis do que cantastes.

Obras, II, 235

E nos *Disparates na Índia*, diz o grande Luís de Camões


e não diz
 Um rifão muito geral
 Que o *abade donde canta daí janta*.

Redondilhas, 120

Pé e mão

135. Dom Francisco Manuel, na sua *Feira de Anexins* (§ 12), *Em metáfora de pés*, registra um sem-número de formulilhas que, entretanto, ainda ficam longe de esgotar a riqueza de imagens e comparações tomadas a aquele veio.²³

Quase todas são compreensíveis ao primeiro alancear d'olhos.

23  Outra série de metáforas semelhantes depara-nos um romance de *Jerônimo Vahia* ao *Milagre de S. Francisco Xavier*, que converteu em água doce o mar em que meteu um pé. Na *Fênix renascida*, IV.

Algumas merecem explanação maior. E é curioso acompanhar a formação da frase – METER OS PÉS PELAS MÃOS – desde os seus balbuciantes começos. Do PÉ PARA A MÃO, dizem, quando um se adianta mais do que convém, irrefletida ou rapidamente.

A frase é histórica. É a do *sapateiro* que, criticando um retrato, do pincel de Apeles, notou com razão que não valiam muito os sapatos, e envaidecido, logo passou além.

– *Não passe além das chinelas*, adverte a fábula que moraliza a mesma história.

Desta passou-se a – DÁ-SE-LHE O PÉ E TOMA A MÃO – sinal de vilania:

Dai-me o *pé* que vos prometo
De *vilão* não parecer
Pois não *tomarei a mão*
Se *vós me derdes o pé*.

Fênix – IV, 249

Daqui se concluiu que o vilão, canhestro *parvenu* em geral, como as alimárias bravias,

Mete os pés pelas mãos

tudo confunde com grosseria, inépcia e audácia.

Entendo que todos estes modismos, com variantes de sentido e de forma, se reduzem ao anedotário antigo atestado pela fábula de Fedro.

I36. *Polvoroso* não quer dizer mais que “cheio de poeira”. Entretanto, a forçada associação de ideias entre *polvoroso* e a *pólvora* terrífica, deu a aquela palavra intensidade e valor que de si mesma não tinha.

TUDO EM POLVOROSA – é, hoje, quase conflagração e incêndio.

A frase mais trivial era — *meter os pés em polvorosa* — e significava sair correndo e levantando poeira.

Dona, não vos esganiceis que o hóspede pôs os *pés em polvorosa*;
vá-se com todos os diabos...

Ulísippo, pág. 240

137. Outra locução ocorre nos antigos, cujo sentido não alcanço. É a do

pé candeu

Parece derivar de *cando*, casco do cavalo.

A palavra *candeu* antiga queria dizer *candeia* de rolo e era proibida como estratégia de caça de perdizes (o boi, a rede e o candeu) — Veja Viterbo — *Elucidário* s. v. boi.

Parece inaplicável ao caso de *pé candeu* tal sentido, salvo engano de minha parte e de Viterbo, que me esclarece o arcaísmo.

Em um romance de Serrão de Castro, quase se define o duvidoso sentido:

Vê como com ela corre,
Olha, não te decomponhas,
Hás de pôr o *pé candeu*
Como o põe o mariola.

Acad. dos Sing., 204

Em outro romance:

Solas de cravos passadas
Mariolas vi trazer,
Porque para o *pé candeu*
Dizem que de dura é.

Fênix renas. — IV, 273

Tem talvez o sentido de pé chato e espalmado ou *pé zambro*. A forma que aparece na *Macarrônea* é mais inteligível, pois que se relaciona a *cambaio*:

Dar quatro voltas de pé *cambeu* ou bem ou mal que sempre se há de aplaudir.

Feição à moderna – 227

Os espanhóis têm – *Pé gibado* – nome de dança antiga que Zerolo, no seu léxico, diz que hoje se não sabe qual era. Deve ser a mesma que os portugueses chamavam a *xiba* e *pé de xibau* a que se refere D. Francisco Manuel

Uma *alta*, um *pé de xibau*
Galbarda, *pavana* rica...

Auto do fidalgo aprendiz, I, jorn.

I38. Outra locução escrita, às vezes, em uma única palavra é o

pé cepelo

ou *pessepelo*, que o Bluteau traduz na frase latina *altero pede incedere*. Falando do milagroso S. Francisco:

Ao *pé cepelo* quisera
Só com vosso pé correr
Que ninguém me alcançará
Inda que me fique ao pé.

Fênix renasc. – IV, 250

Alguns derivam a frase de *pospelho*, a *pospelo*, contra o pelo, isto é, em sentido contrário; o que se não conforma com o sentido. A *pé sepelo* é a deturpação de a *pés em pelo*, isto é, a pé descalço.

Preso por mil, preso por mil e quinhentos

139. É a filosofia cínica dos que acham que um leve pecadilho é coisa que não paga as penas de o cometer. É fama sem proveito.

A frase foi glosada sobre o texto das *Ordenações* antigas e novas (filipinas, livro III, título 3I) que mandavam prender por dívidas ao devedor que não tinha bens de que pudesse o juiz fazer sequestro.

E a ser preso por pouco, dizem, mais vale que o seja por muito.

Assim o Chiado na *Prática dos Compadres* em que um ameaça degredo para a América:

– Eu darei apontamentos
Que vos lancem no Brasil
– Aguardai. *Prêso por mil*
Prêso por mil e quinhentos.

Chiado – I03

Fechemos o nosso discurso de modo que não apareça mais diante de gente que por fas ou por nefas sempre leva a sua a vante.

– Pois *perdido por mil, perdido por mil e quinhentos.*

Govêrno do mundo em sêco – II, 28I

A frase tem maior zona geográfica que a da nossa língua. Na *Decencia de los modorros*, manuscrito espanhol do século XVII, encontramos o mesmo brocardo:

Dadme dineros y no consejos, aunque me maten, diga quien dijere, *preso por mil, preso por mil y quinientos*

Paz y Melia – *Sales españolas* – I, 342

140. Na culpa como no arrependimento ou castigo há subtilezas que o mesmo povo, que é às vezes lince, sabe esmiuçar.

É, por exemplo, coisa grave

cair de sendeiro magro

queda injustificável como se diz com outra variante no *Cancioneiro geral*, de Resende:

Exemplo bem verdadeiro
 Que a todos hei de dá-lo
 Diz que *queda de sandeiro*
 É maior que de cavalo.

Cancion. – III, 414

Os teólogos também conhecem o caso que chamam de *atrigão*, que é a meia contrição ou arrependimento imperfeito, por exemplo, o do que devendo mil e quinhentos restitui apenas mil, ou o do que se desculpa de haver roubado apenas mil quando poderia roubar mil e quinhentos.

Casos de consciência... elástica.

Do vento

141. Há um rifão português, registrado no adagiário de Roland e em todos os outros, e diz:

Tudo É VENTO *quando não há rei nem prior no convento.*

quer dizer, tudo é coisa nenhuma ou tudo está ou anda perdido, na ausência do dono ou senhor. A locução provém de que se chamavam outrora *coisas e animais de vento*, as que não tinham ou não se lhes achava dono, e assim é que se exprimiam as *Ordenações* no seu Livro III e o título XCIV, que se inscreve “Como se hão de arrecadar e arrematar as *coisas achadas* do VENTO”.

Os juristas modernos reformaram a expressão e dizem: *coisas, gado de evento*²⁴, correção que me parece excessiva. Os textos da lei antiga dizem:

Quem cárrago tiver de arrecadar as *coisas do vento*.

Ibid. – § I

... O mordomo ou a quem o direito *do vento* pertencer, os ditos *gados* ou *bestas* que assi *andarem de vento*.

Ibid. – § 3

... Não poderão vender nem emalhear as *coisas* que assi trouxeram *de vento*.

Ibid. – § 4

Em certas comunidades ou em casas de muitos também se chama-
vam *moços de vento* os criados de todos, isto é, sem patrão certo.

A primeira menção das *coisas e bestas de vento* data da ordenação de Afonso IV, que está nas *Afonsinas*, em lei que manda

em cada ua vila aja lugar assinado pera o gado e outras *coisas* que fôrem *do vento*.

Ord. af., III, 107

142. Não creio aqui descabido lembrar a antiga lenda portuguesa dos *Cavalos de vento* de que trata Duarte Nunes de Leão:

Todos os escritores antigos que das coisas de Espanha escreveram dizem que não longe de Lisboa, como vinham e ventavam os *ventos favônios*, que são os zéfiros, pondo-se com os rostos

24  C. Mendes – *Cod. filipino*, págs. 712-713, cf. *Ord. manuel*. III, 76.

fronteiros, as éguas concebiam dêles sem ajuntamento de macho e pariam deles *cavalos ligeiros como os mesmos ventos*.

D. N. Leão – *Descr. de Portugal*, 126

E comprova-o com as afirmativas de Varrão, Columela, Sílio Itálico, e, afinal Justino, que deu a coisa por fábula grosseira. Também é chamado a testemunho Vergílio:

... sæpe sine ullis
 Conjugis vento gravidæ (mirabile dictu)
 Saxa per & scopulos, & depressas convalles
 Diffugiunt,..

Georg. III

A tradição destas *bestas de vento* bem poderia influir nas fórmulas da antiga legislação, se acaso não nos parecesse despropositado o influxo das letras clássicas no português arcaico.²⁵


A fábula de ginetes gerados do vento foi sempre um lugar-comum dos poetas; e Ariosto faz o levípede Rabicano concebido do vento e da labareda:

Questo é il destrier che fù del Argalia
 Che di *fiamma* e di *vento* era concetto...

Voltando ao primitivo sentido da lei, não diferem das *bestas de vento* o *boi do concelho* que anda em provérbio:

Se uma envida outra envida
 Carregam *boi de concelho*.

Prestes – 275

25  Dessa tradição trata o erudito Dr. Leite de Vascelos nas *Religiões da Lusitânia*, II, 30-31, onde apresenta novas fontes clássicas e modernas acerca do assunto.

Toca ainda esta matéria o Pe. Manuel Bernardes na sua *Nova Floresta*, IV, 266, com excursos literários de Ariosto, Tasso e outros.

Dar-lh'ás infinda pancada
Como em *boi de concelho*.

Chiado – I06

No Brasil (Rio G. do Sul), a esses animais que perderam o dono ou passaram ao fisco chamam *reúnos* e também *teatinos*.

Lembre-se aqui de outra expressão antiga e jurídica, a de *terras novas*, aplicada às terras que nunca foram cultivadas.

V

Morreu o Neves. Poetas d'água doce. Os *números*, de um a cinco: nem uma nem duas; três razões; estar nas quintas; entre a quarta e a meia partida. Parteira do núncio. Frei Tomás. Leva rumor! Toque de Aragão. Frases bíblicas: as Marias; pessoas e animais e plantas; pelo *flos sanctorum*, Santiago, São Fernando. Histórias do Trancoso. A grifa parideira; o Bandarra. Ladrão gaião. Assobiar às botas. Mafoma e o outeiro. Que tem uma coisa com outra? Expressões jurídicas: fora de termo, rixa velha. Num credo. Pescar em águas turvas. O diabo enquanto esfrega um olho. O diabo as arma. Mourão, mourão!

Morreu o Neves!

I43. É um ditado muito comum no Brasil, e não sei se em Portugal, este que certifica o óbito de um certo Sr. Neves, ilustre desconhecido.

É tão certa coisa a morte para todos, que a frase serve justamente de matraca aos que supõem trazer alguma notícia nova e estranha. Responde-se-lhe então:

Ora, MORREU O NEVES!

ou ainda — *até aí morreu o Neves!* ou ainda mais concisamente — *ora o Neves!*

Não há na história ou na lenda nenhum Neves famoso que eu conheça e por mais que pesquise não encontro referência bastante para assentar-se em um *Neves* proverbial.

Pode ser que tenha origem em algum entremez, *vaudeville* ou comédia.

Conjeturo, todavia, que se trata aqui nada menos que da celebérrima e desventurada *Inês de Castro*, que o poeta comparou a

... a bonina que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela.

III, I34

E não só as filhas do Mondego, mas o mundo universo memorou a tragédia da sua morte.

Quem poderia ignorá-lo?

Como todos os acontecimentos, ainda os trágicos, a notícia da sua morte tornou-se, de repetida, vulgar e sem importância.

Por isso, era possível dizer-se mais tarde – *Morreu Inês!* – para indicar a insignificância de gasta novidade já de todos sabida.

E desse – *morreu Inês* – é que se tirou a consoante frase: *morreu o Neves!*

A questão seria, aqui, demonstrar se existiu a frase feita *morreu Inês* ou outra equivalente que acredite a derivação.

Existiu, sim, e talvez exista ainda por algum recôndito vão da linguagem popular. *Inês morreu* ou *Inês é morta* é um dos dizeres com que logo se alcunha qualquer corriqueira trivialidade.

Atestam-no os versos do Filinto:

Raras lá dão um salto as novidades
Do que passa por cá neste universo;
Tarde e sedições chegam as toadas
Das guerreadas guerras, da paz feita,
De Beltrão que casou, de *Inês que é morta*.

Obras – IX, 23 (Ed. Lisboa)

Para o poeta, que repete aqui o povo – *Casou Beltrão* ou *Morreu Inês* – são novidades cediças e corriqueiras.

No ato V da *Tragédia de Castro* o mensageiro traz a notícia terrível ao infante nestas palavras:

– *É morta D. Inês* que tanto amavas!

Ferreira, II, 278

A *Nova Castro*, de João Batista Gomes, repete em mais de um lance a *Inês é morta!* (na cena VII, ato V) e entre as poesias apenas à tragédia vem o conhecido soneto que principia:

Morreu Inês mais bela do que as flôres...

A repercussão da frase acompanhou a do triste sucesso e juntou os dois nomes, Pedro e Inês. E até transcendeu os limites nacionais, pois creio que deve ter a mesma origem a frase espanhola que desde o século XV se pode atestar na *Celestina*, como novidade já tão cediça qual parecera a *Filinto*. Enumerando notícias velhas, diz Semprônio:


El turco es vencido, eclipse hai mañana, la puente es llevada,
aqueel es ya obispo, a *Pedro robaron*, *Inês se aborçó*.

Celestina (a.III) pág. 70

A Inês associa-se sempre a ideia da morte.

De tudo quanto apontei, concluo que este – *morreu o Neves* – é uma deturpação da frase histórica e popular – *morreu Inês!* –, que de muito sabida passou a simbolizar as novidades atrasadas.¹

Numa amável crítica que fez a este livro, Medeiros e Albuquerque instrui-me de um uso e emprego que eu desconhecia da frase – *Inês é morta*. Lamento não ter à mão o texto do crítico,

I  Representa, conjeturo eu, uma das fases de adaptação da frase explicada est'outra em que figura a palavra *neve* e está na comédia *Alberto Virola*:

– Ela trata o marido como as enteadas. Vá-Ih'o logo dizer que a mim dá-se-me tanto disso, como da *neve de cem anos*.

Teatro de Figueiredo – V, 271.

Quanto a *dificuldades fonéticas... servirão para os críticos*.

mas recorde agora que completa a frase, segundo uma variante popular – Morreu o Neves e o cavalo do Matacão.


Poeta d'água doce

I44. Não há só *poetas d'água doce*. A espécie gerou outras variedades igualmente cômicas. D. Francisco Manuel falou em *profeta de água-doce*,² C. Guerreiro em uma das suas sátiras lembrou o *crítico de água doce*³ que também está em uma das notas de Filinto Elísio.⁴

O *poeta d'água doce* é insulso, é o que não tem sal e o sal é a graça e o condimento essencial a todas as coisas; como disse Gongora:

Patos del *aguachirle* castellana...


Outra razão não desprezível foi que os poetas de alto coturno e civilizados podiam falar do mar, da vastidão do oceano e do mundo, desde Camões e Sá de Miranda; mas os poetas menores e populares não manejaram nunca o verso heroico, falavam apenas nas suas trovas e endechas agrestes das fontes, dos rios e das aldeias. Os da *medida velha* com seus vilancicos e redondilhas conheciam *Leonor na fonte*, ou *Isabel e mais Francisca* e tudo que eram *crystalinas águas*, etc.

2  E diz também – *pintor d'água doce* – na *Feira de Anex*. I39. E ainda para encher as medidas há e sempre houve os *Bandarras d'água doce* de quem fala o mesmo D. Francisco Manuel nas suas *Cartas* (pág. 229).

3  Na *sát.* XII:

Êstes pedantes são dos maus leitores,
Críticos de *água doce*, exploradores
De pontinhos nos livros, em que peguem...

Que carapuça para os Lopes Almeidas e Lagos, e para quantos eunucos estéreis há que andam ainda no período parasitário e pré-histórico da caça e da pesca!

4  *Obras* I, 55 e v. 6 (da Ed. de Lisboa).

No seu, aliás, bem salgado *Serão político*, Félix da Castanheira Turacem (anagrama de Frei Lucas de Santa Catarina), como seiscentista gongórico e subtil, distingue as espécies do romance:

Há romances *de água doce*; romances de *marisco*; romances de *sapata*; e romances de *coturno*.

pág. 124

É evidente que a espécie de Vênus e do salso mar, de Galateia e das ondas marinhas ou das lagostas cabe ao coturno épico e já não será a mesma das lavandeiras...

Isabeis, com os seus cargos de roupa cheirosos, que vão caminhando sôbre dois jasmims que não passam de tamancos e *lavam a roupa com cristal*...

pág. 125

Enfim, o assunto do *romance de água doce* é quase sempre o de

... uma *moça de cântaro* que se chama Inês, que vai para a fonte (descalça pela calçada) com suas rodilhas de ouro e sem dinheiro para comprar uns sapatos...

Id. ibid. 124

Alude-se aqui às eternas coplas de *Leonor na fonte*. O poeta de *água doce* é um pescador de linha:

Poeta de cana
mas come que gana...⁵

A avaliar por alguns dos últimos relinchos de Pégaso, parecem agora voltar à fonte, às lavandeiras, os poetas novos de hoje, sequiosos de frescura e sombra.

5  Em uns *Nejamen* do século XVII, de D. Francisco de Rojas.

De um até cinco

145. Na primeira série destes estudos de fraseologia registramos várias das muitas locuções tomadas aos nomes de números, abonando-as com exemplos antigos. O assunto é inexaurível. Eis aqui, ainda, algumas frases que, por idêntica analogia, se formaram com as lições de autores que as acreditam.

UM é conta de porco,

é uma formuleta do folclore infantil, sugerida pela voz onomatopaica – *hum!*...

Nem uma nem duas!

é frase naturalmente antiga e pode ser ilustrada com um exemplo do anedotário picaresco do outro tempo. Como inúmeras frases sintéticas de igual teor se tornaram proverbiais graças a facécias antigas, que a memória do povo jamais olvida, é possível que também esta fosse perpetuada pela seguinte burla:

Una muger de un rustico labrador tenia amores con un licenciado, el cual era compadre de su marido, y el labrador convidóle un día a un par de perdices. Como la muger las hubiese asado, y se tardassen, y a ella la creciese el apetite, se las comió.

Venidos a comer, no tuvo otro remedio sino dar a su marido la cuchilla que la amolasse. Estando amolando, acercóse al licenciado y dijole: – Idos prestos, señor, porque mi marido ha sabido de nuestros amores y os quiere cortar ambas orejas; no veis como está amolando la cuchilla?

Elle entonces dió á huir. Dijo la muger: – Marido, el compadre se lleva las perdices.

Saliendo el labrador á la puerta con la cuchilia en la mano, decía: – Compadre, compadre, a lo menos la una!

Respondió el licenciado: Oh h. de p...! *ni la una ni las dos!* (entendiendo de las orejas).

Silva curiosa de Júlio Medrano, 1583;
reimpr. por Sbarbi – IX – 166

Diz-se do que sai agravado e precipitadamente, *sem dizer nem uma nem duas*, entendendo-se palavras, razões ou outra coisa. A facécia, que tem outras variantes plebeias mais cruas, não foi decerto a que criou a frase, mas fortaleceu-a na imaginação popular.⁶

146. Em alguns quinhentistas encontramos a frase proverbial

levar uma em capelo

que equivalia a – levar no saco – isto é, ouvir repreensões e desaforos caladamente e sem a coragem da réplica.


Sabeis o que tenho feito sobre isso, porque vejais que não sou mulher que *leve duas em capelo*.

J. Vasconcelos – *Aulegrafia*, fl. 31 v.

– Pois se cumprir à vossa honra, eu não me hei de negar.

– De tudo zomba: pois a fé que não hei de *levar duas em capelo* e que me não há de ir a Dorotéia por a pendência a Roma.

Ibid. fl. 90

6  Entre *uma* que é pouco e *duas* que pode parecer muito, fica a discrição qual se conta (nas *Memórias* de Fr. João de S. Joseph, publicadas por Camilo C. Branco) do conde Lucano “que disse perguntado”: *Haceis coplas?*

Si, señora.

Ni tan simple que no haga *uma*,

Ni tan loco que haja *dos*

– Nêsses dentinhos framengos
 Conheço que sois um peço
 De todos quatro avoengos.
 F. – Tudo vos *levo em capelo*
 Já que estais tanto em agração.

Camões – *Anfrita* – I, cena 3


I47. Do mesmo gênero e analogia é a que se exprime sob a fórmula
 não é com TRÊS razões que... etc.

O número *três* é bastante simétrico, sóbrio e significativo. As razões, alegações, argumentos e pontos de discursos são sempre *três*. Tudo que cresce e se desenvolve e acaba é uma curva que a equação *três* representa analiticamente. Os famosos sermões de Frei Gerúndio de Campazas e da sua geração de gongóricos⁷ eram sempre em *três* pontos.

Vai senão quando o pregador se assoa...
 Nos solta em pêso a grossa baforada
 Dos *três* pontos, mui novos, mui do trinque!

Filinto Elísio – *Obras* VI – 9

E na sátira ao *Sermão*, do mesmo poeta:

7  O célebre romance do Pe. Isla que ridiculiza os pregadores mimosos do tempo. Veja a refer. de Filinto, VI, 7. No livro das *Bernardices*, composto no tempo de D. João V, já se alude a este ridículo dos *Três pontos* do sermão (págs. 93 e 195 da ed. Aillaud) de S. João: fogo, foguete, traque ou S. João quente, fervente e esquentadaço!

O número *três*, ou antes a partícula, tornou-se um símbolo de superlatividade e tresdobro indefinido das coisas. Daí as fórmulas concorrentes para indicar quantidades grandes: *como trinta, trezentos* (diabos); *como terra* (*Eufrosina*, fls. 207, v. 208); *como trigo* ou *farinha, como treze, como tripa* e outras que tanto se explicam pela substância como pelo mero *flatus vocis*.

Pregava um cura e em seu pregar dizia:
Tem meu sermão *três* pontos...

Ibid. v. 179

Não é só culpa de Frei Gerúndio; a retórica universal, toda a estética e toda a filosofia reduziu deuses, dramas, sermões, histórias e lendas ao número *três*.

É interessante a anotação de O. de Pratt:

“O número *três*, como o *sete*, é um número de predomínio misterioso nas lendas mitológicas e religiosas, entrando, quase sempre, na gênese das superstições e tradições populares.

O simbolismo das tríades míticas ou religiosas atuou certamente sobre o desenvolvimento filosófico, criando uma fórmula simétrica a que se subordinam todas as proposições.

Diz João Ribeiro:

‘As razões, alegações, argumentos e pontos de discurso, são sempre *três*. Tudo o que cresce e se desenvolve e acaba é uma curva que a equação *três* representa analiticamente’.

Três razões ou pontos capitais representam pois uma argumentação completa, fechando a curva regular de um pensamento.

Desta regularidade simétrica e definitiva provém certamente esta fórmula composta de dois pontos preparatórios e um decisivo: *um... dois... três*, que determina a realização de um fato, como que indicando os três pontos de alegação ou razões que o justificam e determinam.

A forma à *uma...*, às *duas...*, às *três*, mais praticada no folclore infantil, é simplificação de outra mais correta: à *primeira...* à *segunda...* à *terceira*. À *terceira* razão, alegação, ponto ou argumento decide-se o fato definitivamente.”

148. É modismo de origem francesa, o de

diabo a quatro

isto é, grande tumulto, desordem e alarido.

O padre Tuet explica esta locução que proveio dos antigos autos e mistérios medievais; neles, como se não bastara um, apareciam sempre quatro personagens vestidas de diabos e que faziam horrível barulho com o intuito de atemorizar os espectadores, instruindo-os das penas infernais.

Matinées sénonaises ou Prov. français, Paris 1789. Cf. Le Roux de Lincy – *Le livre des proverbes*, I, 13. || Veja-se Noel du Fail – *Propôs rustiques* (1547) na ed. crítica de Arthur de la Borderie com a anotação:


Dans nos anciens mystères, le diable avait toujours son rôle & on appelait *grande diablerie* celle où il y avait *quatre personnages*, diables, *petite diablerie* celle où il en avait deux.

É presumível que esse arranjo de teatro fosse o mesmo na península.

Outra frase de uso é

estar nas suas quintas

onde se entende por *quinta* o lugar de recreio, passatempo e sossego de espírito. Está *nas suas quintas* quem pouco se lhe dá do que passa, alheio aos negócios e preocupações. O sentido literal de *quinta* é o que melhor pode explicá-lo, mas creio que entra aqui por muito o influxo de outras ideias.⁸

8  O de ser dia *jovial*? O de representar o intervalo de *quintas* que é consonância perfeita na música? Cf. *Estar de quintal* (ap. Bluteau) = de acordo.

*Estou na minha quintinha
Que é chácara soberana,
Ora comendo a banana
Jogando ora a laranjinha.*

Gregório de Matos – *Obras*, 187

*Busca outros temperilhos
Que eu já estou destemperado,
E estou na quinta do Pégas
Minhas coisas cachimbando.*

Ibid. – 205

No seguinte exemplo, em trocadilho, aponta-se o regalo das *quintas* por oposição às *sextas-feiras*, que são dias de guarda:

Hei de ver um dia se acho alguma ficção de direito para semelhante caso; porque havendo tantas para outros, parecia-me a mim justo que por *retrotractionem*, que é o cabrestante dos impossíveis, podia um homem comer carne à *sexta-feira* e supor *que estava na sua quinta*.

Paiva – *Governo do mundo em seco* – I, 206

O *ir às quintas* louvo, o morar nelas não gabo.

Carta de Guia (Ed. Camilo) – 174

Escrevia ainda D. Francisco Manuel “se estou mais de vinte quatro horas no campo, cuido que me torno boi”. Não era aquele mundano cosmopolita homem para quintas. Ajunte-se às observações já feitas a notação psicológica de que a *alquimia* havia feito da *quinta* composição das suas drogas um delicado superlativo, o *requinte*, como nas *quintas essenciais* e quejandas. E a prova de que essa subtil coloração não passou despercebida é que Antônio Prestes podia dizer como disse *quintas sombras* no *Auto da Ave-Maria*:

Fazem possantes
 Quintas sombras para a calma.

Obras – 12

A variante popular – *estar nos quintos* – pode ocorrer como no entre-
 mez da *Mestra Abelba*:

– Senhor, meu amo, êle entrou, cá está, *esteja êle nos quintos*.
 Quer V. m. uma coisa boa? Vamos para a escada e escutemos.

Cena V, pág. 4

aqui parece haver propositado equívoco e Paspalho (o gracioso da co-
 média) diz *quintos* por *quartos* (aposentos).

No Brasil (S. Paulo) os *quintos* representam o inferno: Vá para os
quintos!

I49. É conhecida e popular a locução

entre a quarta e a meia partida

que se aplica ao andar dos ébrios, incerto e caracolante. É termo usual
 da náutica em que a *meia partida* designa a direção intermédia entre dois
 rumos.

Entre os quatro pontos cardeais há os *rumos* que são *oito* que desig-
 nam os ventos e outros tantos intermédios a que chamam *meias partidas*;
 entre essas há dezesseis, a que chamam *quartas*. Os bêbados quando cam-
 inham, se não estão muito bêbados, bambolem de *quarta* para *meia*
partida e não caem nunca... salvo se beberam água.

Parteira do núncio

150. Esta famosa *parteira* do *núncio* fez arder os miolos a muita gente. Castro Lopes tirou-a do latim, de não sei que frase, *adrede* preparadas segundo o seu louvável costume.

A frase por esquisita merece algum exame.

Na sua *Oração dos sonhos*, na Academia anônima, diz Fr. Simão de Santa Catarina:

Seja primeiro a menina!
 Venha com ela nos braços
 Feito *parteira* do *núncio*
 O Silva muito enfeitado.


A locução gerou-se de deturpação popular de palavra que se havia arcaizado, perdendo o sentido primevo; creio eu.

O que havia na Idade Média portuguesa e românica era a *partilha* ou a *parte do núncio* e com esse nome se designava um tributo antipático, foro, dinheiro, a melhor joia ou sinal que se pagava entre o luto e funeral de pessoa morta. Chamava-se *núncio* ou *luitoza*.⁹ Era um imposto *post-mortem* que até os bispos cobravam do espólio dos párocos e beneficiados. Era a *parte do núncio*. E uma lei que isenta os soldados dessa extorsão póstuma diz que em relação ao cavaleiro *nec ulli domino det nuncio*.¹⁰

Esta *parte do núncio*, cobrada a viúvas e até a eclesiásticos, foi a que, segundo conjecturo, ao tornar-se obsoleta, na memória do povo e da linguagem se transformou em *parteira do núncio*.

É provável que, uma vez obliterada a frase — *parte do núncio* —, se enghasse uma facécia ou anedota na época da restauração (pois só nesse tempo vieram *Núncios* a Portugal, segundo parece).

9  Vejam-se os dois vocábulos no *Elucidário*, de S. M. Viterbo — II, 66, 120.

10  *Ibid.* II, 121. Os tabeliães que *latinizaram* o romance já formado, ora escreviam *nuntionem*, ora *nuncium* e *nuntium*.

Não dou coisa alguma por todo este rabisco conjetural.¹¹

Frei Tomás

151. *Frei Tomás* é o pregador imoral em que a doutrina não se conforma com o exemplo.

“*Frei Tomás*; façam o que ele manda, mas não o que ele faz”.

É histórica a personagem? Bem, pode ser.


Do século XVII em diante, quanto pude verificar, aparece o santarrão nas obras jocosas e de burla. E parece ter vivido naquela época.


Gregório de Matos na sua sátira à Justiça hipócrita:

A casada com adorno,
E o marido mal vestido,
Crede que êste tal marido
Penteia monho de c...
Se disser pelo contôrno
Que se sofre a *Frei Tomás*,
Por manter a honrinha o faz.

G. Matos — *Obras*, 69¹²

E de modo mais explícito:

11  Haverá qualquer alusão anedótica aos tristes escândalos de Afonso VI? Eis uma pergunta que me propõe um anônimo sem que eu possa responder.

12  No quarto verso ocorre a frase — PENTEAR C... — que é popular e lembra os versos de Vergílio (*Eneida* — VIII), onde Sílvia penteia e engrinalda os ramos frondosos do cervo. Esse enfeite sem alusão clássica era uma pena imposta a maridos consentidores na antiga legislação portuguesa:

E sendo provado que algum homem consentiu a sua mulher, que lhe fizesse adultério, serão êle e ela açoitados, *com senhas capelas de c...*

Com senhas capelas, isto é, cada um enfeitado com a sua capela ou grinalda de c... (Nas *O. filipinas* v, 25; nas *Manuel*. v, 15).

Um casamento ao revés
 Frei Tomás sòmente o faz
 E eu raivo de *frei Tomás*
 Que tal casamento fêz.

G. Matos – *Mscrito*

Em outro lugar o mesmo poeta glosa o seguinte mote ao *Rev. Fr. Tomás*:

Louvar as vossas ações
 É pregar do pregador,
 E a mim *me dá mais temor*
 O *pregador que os sermões*.

Ibid. fl. 60¹³

Nas *Obras* do Tolentino


A teu forçoso argumento
 Respondo com *frei Tomás*:
Faze o que o pregador diz
Não faças o que êle faz.

(Ed. Tôrres) – 133

Parece que se refere a outro *Tomás dos Pôs*, “donato que por pregar foi para as galés”, a quintilha seguinte:

Tomás dos Pôs fêz missões
 Ajuntou gente infinita:
 Mas inda em negros vergões
 Traz nos artelhos escrita
 A paga dos sermões.

Ibid. – 253

13  Nos manuscritos de Gregório de Matos, *mibi* fls. I7, I7, v., 60. Por este mote, conclui-se que *Fr. Tomás* era contemporâneo do poeta. Parece-o, pelo menos.

Na literatura de cordel, no entremez *Os amantes arrufados*:

... os quais não digo
 Por temer que responda certo amigo,
 Que está presente e tem gênio mordaz,
 Arsênio *bem o préga Frei Tomás*.

pág. 16

E mais não consta e nem podemos averiguar.¹⁴

Antes de *Tomás*, outro reinava no rifão: “*Brás bem o diz e mal o faz*”, registrado na *Prosódia*, de Bento Pereira (pág. I.301), provavelmente muito mais antigo.

Confronte-se ainda a referência de Cervantes, no *Dom Quixote*: “No diron sino que son unos *santos Tomazes*.” Por ironia, já se entende.


Leva rumor!

152. Para fazer cessar qualquer ajuntamento, barulho ou vozearia, gritam uns – *leva rumor!* e outros dizem – *vá de rumor!*

Ambas as frases parecem geradas de outra mais antiga – *levar remos!* – que ordena dispersão. Assim, em Jorge Ferreira, no final de uma cena:

– Nem eu creio menos dessa pessoa e longe vá o mau agouro.
 Ora *leva remos*, ivos comer e untai vossas barbas...

Aulegrafia – fl. 90

14  Como esse *frei Tomás* pela imoralidade, foi célebre pela ridiculez no século XVIII, o FREI GERÚNDIO, o pregador já aludido, frequentemente nomeado nas *Obras*, de Filinto Elísio (VI, 6, 7; VIII, 243; XII, 251; XIII, 320, etc.) e que é uma criação literária e famosa do Padre Isla no seu célebre romance satírico *Fray Gerúndio de Campazas* que foi avidamente lido em toda a península. Em Portugal, a crítica dos equívocos e trocadilhos de pregadores, sem excluir o grande Vieira, foi principalmente movida por Luís Verney no seu curioso *Verdadeiro Método de Estudar* (Valença, 1747), publicação anônima em que se antecipou aos pósteros em muitas verdades então desconhecidas.

Levar remos é andar, seguir e prosseguir. Na mesma comédia:

- Contai (a história).
- Ora, ouvi *remar*.

Ibidem, fl. 93

isto é, *ouvi a continuação*. Neste mesmo sentido de prosseguir, levar por diante qualquer questão, temos no *Auto do Procurador*:

Estou já nessa demanda
A *levar* nela por banda
Os meus vinte e cinco *remos*.


Obras – 121


Parece-me, pois, que de *levar remos* se formou o *levar rumor* do linguajar plebeu,¹⁵ embora haja graves dificuldades fonéticas nessa transformação.

Toque de Aragão

I53. O *toque de Aragão* ou o *sino de Aragão* para indicar a hora de recolher, sempre pareceu frase brasileira e até fluminense. Por legitimá-la, um dos nossos historiógrafos descobriu um chefe de polícia de apelido *Aragão*, dos começos do século XIX; e a questão se julgou acabada.

Certamente por isso, registrou-a Gonçalves Viana como expressão brasileira, abonando-a com um trecho de procedência também brasileira.¹⁶

I5  *Leva rumor!* ocorre várias vezes no romance realista *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e deve ouvir-se frequentemente em *cortiços* ou estalagens. A locução – *vá de rumor!* (acabe-se o rumor) talvez convenha melhor à explicação definitiva da frase.

I6  G. Viana – *Apostilas*, I, 80.

A frase, porém, não parece ser nossa; e antes creio que veio de além-mar.

Está no *Anatômico Jocosos*, onde se consagra (II, 247) todo um capítulo “Ao tremendo Padre Mestre Dom *Relógio de Aragão*”.

O sino Aragonês teve nomeada peninsular e foi o projeto da célebre *campana de Huesca*, tal e tamanha que se devia de ouvir em todo Aragão, e era, afinal, uma patranha do velho rei dom Ramiro que, para o fingido fim de fundi-la, convidou ricos homens e príncipes e tendo-os reunido mandou cortar-lhes as cabeças.


Foi isso no século XII (1164) e desde aí a campana de Aragão ainda soa aos ouvidos. Dela trata Fradique Espínola, na sua *Escola Decurial*, II, 127.

Parece que ao tênue fio da antiga frase ainda semiviva deu vigor e vida o toque de recolher do terrível Aragão policial.

O sino é já *acabado*,
E a justiça anda agora
Nos outros de casa fora.

Chiado – Obras, 145¹⁷

Tarde e depois do *Aragão* é que saíam e ainda saem as justiças a cavalo e a dormir.

17  A este propósito escreve Alberto Pimentel na edição do *Chiado*, a nota seguinte: “Havia o costume de *correr o sino* das oito para as nove horas da noite... Soropita, referindo-se às noites do Ano-bom e Santos Reis, diz “serem noites privilegiadas em que não correm o sino”. No Porto, chama-se ainda a este costume tradicional – o *sino dos mariolas*. *Ibid.* 145.

Frases da Bíblia

I54. São numerosas as frases do antigo e novo Testamento que se tornaram proverbiais, na redação literal ou ainda sob disfarçados circunlóquios.

Assim, o ATIRAR A SUA PEDRINHA aos acusadores fáceis é a mesma balda dos que apedrejavam a adúltera. E diz-se na *Ulíssipo*, parafraseando o Evangelho:

Quem fôr mais inocente e simples na tenção *lance a primeira pedra...*
A. IV, cena 6.^a

Ainda da Bíblia veio a *pedra de escândalo* (Isaías VIII, I4). E o LAVAR AS MÃOS não foi tomado à criminosa indiferença de Pilatos (S. Mateus, XXVII)?

I55. E a MARIA VAI COM AS OUTRAS e mais explicitamente AS TRÊS MARIAS no folclore português e românico referem-se às três Marias da Lei nova: *Maria*, N. Senhora; *Maria*, Madalena; e *Maria*, irmã de Lázaro. Mas no mundo como na linguagem há *mais Marias*.

Do *languedoc*:

Se s'en van *las tres Marias*
Toutes tres à bras à bras.

A. Atger – *Poés. pop., em l. d'oc*, 60

Os nossos escritores místicos também as reuniram no mesmo cheiroso ramalhete:

Muito de manhã partiram *as Marias* para o sepulcro, mas ainda assim já era saído o sol quando chegaram.

Bart. do Quental – *Medit. II*, I4

O ditado *Maria vai com as outras* é o equivalente do provérbio clássico – *os carneiros de Panurgo* – que Rabelais com tanta graça popularizou. Desse fala J. Ferreira Vasconcelos numa das suas comédias e, só por isso, aqui o incluímos porque os provérbios recentes de origem francesa não nos interessam.

– Por velhas as tenho eu já; mas que há homem de fazer? se não *como carneiros saltar uns atrás de outros?*

A alusão aos carneiros de Panurgo é bem transparente.

O belo nome de Maria com o cristianismo tornou-se tão generalizado que passou a designativo do sexo. Nas *Frases Feitas* já estudamos a interessante formação *marmanzo* de *Marimacho*, equivalente a mulher homem ou homem mulher, madraço. Em todas as épocas da literatura encontramos-lo como termo geral. São exemplos:

156. A *Maria casada* do provérbio:

Então *Maria casada*, hajam as outras más fadas.

Eufrosina, fl. 27

157. A *Maria de bons pés*:

Fui eu, *Maria de bons pés*, fui muito correndo.

Eufrosina, fl. 36

E eu *Maria de bons pés* com o meu coração sem malícia nunca outra coisa fazia.

Ulísippo – III, cena 3

158. A *Maria Pinheira*:

Quando te disserem – *Maria Pinheira* é mouca – olha que vem a dizer que percebas o que te dizem.

Bento Antônio – *Aldeia na Côte*, 209

Aqui houve deturpação do nome, que é *Maripalreira* ou *Maria palreira*, a que fala pelos cotovelos e corresponde à *Marisabidila* dos castelhanos,¹⁸ trocado em *Maria Pinbeira* por pertencer *Pinbeiro* ao onomástico vulgar. Empregou-a Filinto Elísio, que conhecia o copioso vocabulário do povo, na tradução de uma das fábulas de La Fontaine:

Entra *Maripalreira*
 A dar a taramela
 Fala nisto, naquilo – fala em tudo.

Obras – XIII, 283

I59. E também a *Maria arreganhada* ou risonha, equivalente a *Marirrisa*¹⁹ espanhola:


– Tenho raiva a esta pequena por ser outra *Maria arreganhada* como seu pai.


Figueiredo – *Teatro* – X – pág. 201

De uma destas diz o epigrama de C. Guerreiro:

Mostras bem pouco juízo
 Em te andar *arreganhando*
 Sem veres como, nem quando.
 É frase o espojar com riso
 Frase que em ti vem frisando.

Epigramas, pág. 238

18  Gonzalo Corrêas – *Vocabulário de refranes*, 617.

19  Desculpa-se Filinto do plebeísmo, em nota, escrevendo: “*Bacharela muito espezitada* é tão comprido para entrar em verso... e tão prosaico; falta-lhe tanto o pico, a alusão e a graça...”

Do ditado – *Marirrisa, hija de Pero Afan* – registrado em Corrêas, 442.

160. Outras *Marias* já se deparam cristalizadas em vocábulos inteiros, em dois nomes de insetos:

Mari-posa
e *Mari-bonda*.

A forma usual *maribondo* não é a primitiva. *Bluteau* registrou *Maribonda* e assim G. Pizo (*maribonda lusitanis insectum*). — Em geral, os nossos etimologistas derivam a palavra do *bundo*, o que não exclui a composição apontada, pois o mesmo se deu com o nome *Maria Gomes* (do *bundo ngombe*, boi), planta também chamada *língua-de-vaca* em vários lugares do Brasil.

161. É uma planta comestível a portulácea que cresce no Brasil:

Maria Gomes
ou *Maryogomes*.

162. Na literatura clássica peninsular há constantes referências a uma personagem proverbial que simboliza nas histórias da *carochinha* o tempo das fadas e das varinhas de condão, i. é.;

o tempo de Maria Castanha.

Esta *Maria Castanha* tem cunho de muito mais valia que os *Afonsinhos*. Na sátira a umas beatas, disse um poeta, referindo-se ao costume obsoleto de andarem as damas encerradas:

Êsses pontinhos no trato
Usou *Maria Castanha*,
Hoje a gente que é *viúva*
Quanto mais nobre, mais lhana.

Fênix renascida I, 342 (ed. 1746)

Nesta cidade de Lisboa há muitos anos em tempo de *Maria Castanha* houve um cidadão rico e de letras e de cargos nobres por nome Ulíssipo.

Ulíssipo – prólogo, pág. 11

e ainda no *Teatro cômico*, III, 309, nos *Encantos de Amor*, do satírico Alexandre A. de Lima, finge-se o diálogo entre um estrangeiro e uma regeira:

– Mim quereri *tomari castanbi*...

– *Maria Castanha* se-lo-á êle mas a sua alma: ainda que o não entendo...

II, cena 2

E outros exemplos numerosos.²⁰

Outra frase bíblica é a do *caminho de Damasco* quando S. Paulo foi deslumbrado por súbita conversão *cun appropinquaret Damasco*.

163. De Salomão é a sentença de que infinito é o número de loucos ou estultos:

Número infinito monta

O dos tolos, vou contado


Nêle pôsto que me afronta.

Mas quem quer fugir da conta

Êsse é o mais refinado.

Couto Guerreiro – *Epigr.* pág. 253

E se em Salomão se simboliza a ciência, em Job sempre se figurou a penúria e mau trato:

20  Mariseca é outra forma que se depara em A. Prestes – *Obras*, 255.

– Isabel, dá cá estas cartas.
 Ei-las aqui. Que dizer?
 – Ó Jesu! Como *estão Job!*

Chiado – I33²¹

À de Job sucedeu depois a *pobreza franciscana*, dos frades de Francisco que nada podem ter de seu.


I64. Outra frase é


não levanta a perdiz o vôo

ou a *perdiz voa rasteira*

que decerto poderia ser tomada da observação usual ou dos caçadores, mas é provavelmente originária em uma lenda da fugida do Egito onde na tradição popular figura o caso, conforme se verifica de várias coplas peninsulares:

E al vuelo de una perdiz
 Se la ha espantado la mula
 Y dijo la santa Virgen:
 Maldita seas por ave –
 Y dijo el niño de Dios:
 – La pluma, que nó la carne.²²

21  “Miseráveis” explica em nota A. Pimentel. E talvez rotas.

22  Nos *Cantos populares españoles*, de F. R. Marin IV, I67. Na história santa do folclore figuram naturalmente muitos animais, a serpente que tem a cabeça calcada e chata, a perdiz que não voa alto, as andorinhas amigas de Jesus que arrancaram os espinhos da coroa, etc.

I65. Também de origem sagrada são os ditados:

Isto é OUTRO CANTAR²³
 OU, OUTRO GALO TE CANTARA

que se refere ao conhecido episódio da paixão em que Pedro negava a Cristo, e então cantou o galo.

Entre os versos populares do Alentejo, colhidos por A. Pires, há esta quadra:

Se São Pedro não negara
 A Cristo como negou,
Outro galo lhe cantara
 Melhor que o que lhe cantou.


É natural que, ao alancear das grandes comoções d'alma, como nas dores do corpo, se invoquem os santos.

Mas cada um desses bem-aventurados tem virtudes específicas, e a intercessão distribui-se pelos seus valimentos profissionais.

I66. SANTA BÁRBARA aplaca a ira das tormentas e o fogo dos riscos:

Alguma musa serena
 Que *tempestades aplaca*
 Com a sua luz me acuda
 Neste *trovão*: Santa Bárbara!

Brandão – *Pinto renasc.* I51

23  “Mas as (odes) que foram escritas com tinta original e estreme... *isso é outro cantar.*” Filinto – *Obras* (Ed. Lisboa) IX, pág. 58.

167. SANTIAGO! *São Jorge!* nas Espanhas é senha e é grito de guerra:

Antônio de Faria saiu então do toldo aonde estava com obra de quarenta soldados e *bradando por Santiago* deu nêles com ímpeto.

F. Mendes – *Peregrin*. XL, pág. 48²⁴

No *Auto do Procurador*:

... dom Brás é tão drago
Quem me vem *dar Santiago*
A furtar-me a paciência.

Prestes – *Autos*, I56

E como quer que a terra fosse trabalhosa, êle *chamando Santiago* fez a volta sôbre os mouros.


Rui de Pina – *C. D. Duarte*, I85

Ao começar, *davam Santiago*, os espanhóis nas peijas contra os incréus e mouros. Santiago é o padroeiro da cristandade na península e a ele, em romaria, acorrem todos os devotos na paz como na guerra guerreada.

Outra fórmula frequente que se juntava a *Santiago!* era de – *cerra Espanha!*, que ainda ficou popular por muito tempo. Dela com graça aproveitou Antônio José, na *Vida de Dom Quixote*, na guerra que o cavaleiro andante moveu ao parnaso:

Com esta espada hei de vencer a quantos poetas há no mundo.
Cerra Espadanha, viva Apolo, morram traidores!

I, cena 8

24  Nos *Inéditos*, de hist. portuguesa III, 24; *Fênix*, II, 186 e em todos os autores antigos e modernos que trataram de batalhas; o que escusa abonar o termo com outras documentações.

Cf. *Cerra Espanha* – Teatro cômico I, 214.

I68. Antiga invocação era a de

corpo de S. Fernando

que encontramos, por exemplo, em Gil Vicente:

Ah *corpo de S. Fernando!*
 Estão os outros jentando
 E cantaremos?

III, 72

Alude aos padecimentos e martírios do *Infante Santo* Dom Fernando, no seu cativeiro em África, de que estão cheias as histórias e crônicas portuguesas.

Histórias do Trancoso

I69. – São histórias do *Trancoso* – dizemos das histórias mentirosas, falsas ou incríveis.


A expressão explica-se pela afluência de duas fontes de carapetões e a mais principal é a das próprias histórias de um antigo mestre-escola publicadas sob o título


– *Contos e histórias de proveito e exemplo*, por Gonçalo Fernandes Trancoso (Lisboa, 1585).²⁵

O livro teve muitas edições e tornou-se popular. É uma imitação do *Patrañuelo*, de Juan de Timoneda, do mesmo século.

A outra fonte são as famosas profecias de Gonçal'Annes Bandarra, o sapateiro de Trancoso.

É o que basta para caracterizar as *histórias de Trancoso*.²⁶

25  As primeiras edições citadas pelos bibliógrafos, 1575, 1585, 1589, parece que desapareceram; modernamente não foi possível encontrá-las.

26  Os contos do Trancoso não oferecem maior inverossimilhança que a dos romances literários do tempo; tiveram recentemente uma edição estimável e escolhida, de Agostinho de Campos, 1921.

Premiado há de ser como merece.
 Por prêmio tenha um livro do *Trancoso*
 E saiba que não quero escrupuloso
 Da Oração reparar em muitos pontos
 Êste livro lhe dou por ser dos *contos*.

Obras pós-t. do Cego – pág. 50

A grifa parideira

170. A *grifa parideira!* foram palavras proféticas do Bandarra e que fizeram ferver o miolo aos seus ingênuos supersticionários.

E é dos seus lugares-comuns.

Lá diz o insigne sapateiro em versos xacocos:

O rei novo é levantado
 Já dá brado;
 Já assoma a sua bandeira
 Contra a *grifa parideira*
 La gomeira
 Que tais prados tem gostado.

Trovas, n. LXXXVII

E outra vez ainda com a mesma sensaboria:

Já alevanta a bandeira
 Contra a *grifa parideira*,
 Que tais pastos tem comido...

Trovas, n. c.

Vejo um grande Rei humano
 Alevantar sua bandeira,
 Vejo como por peneira
 A *grifa* morrer no cano.

Trovas, n. CXLV

Haviam de ser melhores os sapatos de correia que ele fazia em Trancoso.


Ainda nas *Trovas inéditas* que publicaram em Londres, por embuste²⁷ aparece a grifa terrível:

Vejo a grifa parideira
 Juntada com uma serpente,
 E vejo que muita gente
 Tem disso muita canseira.

Trovas inéd., pág. 30

O Padre João de Vasconcelos, bandarrista consumado, no seu curioso livro da *Restauração de Portugal*,²⁸ dá explicações escuras desse e de outros enigmas. A grifa parideira, já se adivinha, é Castela expansionista; e o sapateiro

27  *Trovas inéditas*, Londres, 1815.

28  *Restaur. de Port. prodigiosa* – 1644. Saiu sob o pseudônimo de D. Gregório de Almeida, *ulissiponense*. Na lição deste autor, na primeira trova citada, verso 5.º, em vez de *la gomeira* deve ler-se LOGOMEIRA; o exegeta, pesquisando o sentido da abstrusa palavra, consultou pessoas antigas e capazes que lhe disseram ser – vaca *logomeira* a que não contente com o pasto próprio anda a comer pelos lugares alheios.

– E (acrescenta) deriva “do nome de *lugar* que nossos antigos chamavam *logo*, donde ainda se conserva nas palavras das excomunições: *Nem fogo, nem logo*”.

Na III parte da mesma obra, voltando às suas interpretações já dadas, o Padre Vasconcelos repara que o verso (acima transcrito)

Já dá brado

aparece em outras cópias com outra lição:

Já dobrado

variante que ao exegeta parece mui boa e natural porque el-Rei se dobrou à vontade e aos desejos e ânsias do seu povo.

Seria lição inadmissível, não por insensata que pouco siso haverá nos profetas, mas porque não condiz com as palavras do outro bandarra, o Salutivo citado por Vieira:

Alla verrá de Lixbona
 Una illustre persona
 Cuja fama já resona
 Por toda parte y lado
 En el mundo dará brado.

chama *grifa* porque, como escrevem os naturais, os *Grifos* “sunt animalia pennata et quadrupedia...” E é representada individualmente Castela por suas armas constarem de leões e águias.

O que se confirma com as Águias imperiais, de que usa Castela, se chamarem *grifas*. Chama-lhe *parideira* porque se fez senhora de tantos reinos por casamentos de Infantes que deu a vários reinos donde em Itália se lhe fêz aquêlê célebre dístico

*Bella gerant alii, tu, felix Austria, nube,
Quæ Movors aliis, dat tibi regna Venus.*

.....

R. de Port. – I, 124


Outro bandarrista e teólogo Sousa Pereira procura a concordância das trovas apontadas com algumas palavras de S. Isidoro e da Sibila Cassandra.²⁹ Não é muito que até Holanda pague o que fez e passe igualmente por sequaz da *grifa*:

Todos êstes (holandêses) entraram a vendimar em nossa vinha, achando os muros e portas derrocadas, entrando diante a *grifa parideira*...

Veloso de Lira – *Espelbo de lusitanos*, pág. 117

Vê-se logo por aquele desalmado *verrà* que a citação é infiel e de espúrio castelhano. A verdadeira é a que dá Sousa Pereira:

Verra de la gran Lisbona
Chiara & illustre persona
Adorna d’orgni opera buona,
Il cui nome risuona
Per tutta la terra, & lido
Per tuto gira il grido.

29  Pedro de S. Pereira – *Maior triunfo da monarquia lusitana*, 1649 – pág. 71 (*mibi*, 61). É uma resposta e desagravo ao livro célebre de Caramuel, o *Philippus prudens demonstratus* (Antuérpia, 1639).

O padre Vieira aceita a mesma explicação de Vasconcelos, pois que a confirma em seus pormenores.³⁰

I71. Ao celebérrimo LADRÃO GAIÃO referi-me algures,³¹ brigante, bandido e salteador que com outro de alcunha *Sol posto* infestou a península e entrou, com igual direito, pela literatura dentro.

Disse quem ele era o autor da *Monarquia lusitana*:


Aquêlê famoso *ladrão gaiam* de que confusamente se fala foi homem poderoso; era alcaide de Santarém, pouco aceito ao povo e devia ser nas matérias de justiça severo, por isso não foi a sua memória agradável a gente vulgar.

Monarquia lusit., III, cap. 10

E, pois, parece que, além de carniceiro, era juiz venal, porque depois disto jamais cessam, séculos adiante, as referências de escritores.

Porém sua casa era
... casa do *ladrão guaião*.

Fênix, IV, 264

30  No seu *Quinto Império* – publicado nas *Obras inéditas*, I, 83 e seg. – Não sei se é erro de impressão a forma *gripla* (duas vezes) por *gripha*. O Pe. Vieira separa-se de Vasconcelos (e sempre sem o nomear) na interpretação de outro enigma do Bandarra.

Gente de casta *goleira*.

Para Vasconcelos, *goleira* (comilão?) vem de *Goliás* e quer dizer casta ou gente baixa. Para o Pe. Vieira, é a casta ou raça alemã.

31  No glossário que compus para a *Arte de Furtar*, da Ed. Garnier – *sub v. Sol posto*.

Naquele glossário propus a emenda *gaião* em vez de *jaiam*; mas esta forma é diferente (equivale a *gigante*) e também existe no castelhano. A correção, pois, não tem lugar.

A forma *jaiam* foi tomada dos versos:

E comecei de roncar

Como un *jayan* malandrin...

ainda que caiba o sentido de *gaião*, e os dicionários não registrem nenhuma das duas formas, a emenda não parece necessária.

A palavra tornou-se obsoleta.³²

Assobiar às botas

172. O *assobio* é um dos recursos usuais de linguagem entre campônios, a grandes distâncias. *Assobiar às botas* é como pedi-las e, por *assobio*, isto é, sem circunlóquio e sem palavras, quando a ocasião urge e é preciso fugir sem perda de tempo.

Assobiar às botas é fugir ou sair precipitadamente e baldar ou faltar a promessas feitas. É frase antiga e de uso sempre constante nas várias épocas da nossa literatura.

No século XVI:

A um ruim, ruim e meio; amor mostra mil vias de enganar,
prometendo francamente, de promessas as faço eu ricas; ao tempo da paga, *assobio-lhe às botas*, nunca faltam escapulas.

Eufrosina – II, 7 – fl. 89

E sempre nas épocas seguintes:


Uns se metem pelas portas,
Outros lhe largam as capas,
Este lhe *assobia às botas*.

Fênix renascida (2.^a ed.) III, 173

Em dois lugares do *Anatômico Jocosos*:

Quiseste ser moço daquêlê cego por lhe tocares a gaita, pois com o dinheiro lhe *assobiaste às botas* que sempre fôste magano de *assobio*.

I, 174

32  O nome *Galbano* que aparece (na *Acad. dos Sing.* II, 30 e 32 e em outros escritos, v. g. José de Sousa, 30) com o sentido de louco ou astrólogo é o do autor de um repertório ou lunário do tempo.

Era tenor um pintarroxo, falsete um pintassilgo, e contralto um melro garraio que podia *assobiar às botas* ao maior músico.

II, 166

Já neste último exemplo, *assobiar às botas* significa: ficar longe, exceder, avantajarse.

Pela analogia entre *botas* e *sapatos* foi também a locução aplicada ao jogo da *sapateta*:

Assobie-lhe aos pés a sapateta

Lancem-lhe mil tanhos sôbre a tola.

Frei Simão Antônio – *Oraç. acad.* 19

mas sem injúria do sentido próprio da palavra. E com este significado ficou sendo usada. Na sua célebre Carta X, feita de provérbios e ditos idiomáticos, escreveu o Cavaleiro de Oliveira:

Chegou o nosso pequeno... e já pela escala acima vinha cantando um menuete novo a modo de quem *assobia às botas*.

Cartas – I, 157

I72-a. MAGANOS DE ASSOPIO, mais comum entre negros, são os que gostam de assobiar e por assobios se entendem. Gerardo Escobar, nos seus *Cristais d'alma*, aplica este modismo a certos olhos que também falam sem ser por palavras.

Uns f. da p..., uns olhos

Tão maganos que são negros...

.....

Manganaços de assobio

Quando conquistam travessos.

(Ed. 1690), pág. 47

E em D. Francisco Manuel

São vocês *maganos de assobio*; pois já agora, *assobiem-me às botas*.
Feira de anexins, 153

Tanto em Portugal como no Brasil é costume chamar os guardas de polícia por meio do assobio ou apito.

O Sr. O. de Pratt, nas *Locuções petrificadas*, aceita esta explicação minha, como sentido próprio da frase, mas fá-la derivar de uma alteração de *assobiar às voltas* ou *nas voltas* das ruas para prevenir os incautos contra qualquer colisão. Acho que essa explicação é assaz complicada. Não parece aceitável.

Mafoma e o outeiro

173. Há um antigo dito dos árabes muito divulgado que é o de Mafoma e da montanha, tão repetido dos nossos escritores de quinhentos:

Si no va *el otero a Mafoma*, que venga Mafoma al otero.
Ulíssipo I, cena 6

e a variante do Chiado:

E pois água não vai ao moinho,
Que vá o moinho à água,
 Pra tudo ir por seu caminho.

Obras – 73-74

Esse modismo tem raízes mais profundas e mais antigas que as da história de Maomé. E é ainda um vestígio desse pensamento oriental a sentença do Evangelho de São Mateus:

Porque na verdade vos digo que se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a êste monte: Passa daqui para acolá e êle há de passar.

c. XVII, 19

Ou, segundo a fórmula usual: – a fé abala as montanhas – “*Por fee os montes se mudam*”, diz Jorge Vasconcelos na *Eufrosina* II, cena V.

Uma das fontes deste aforismo depara-se no *folclore* dos árabes, nas antigas historietas do santo varão Djoh’a, que resumimos assim:

Djoh’a fazia vida de santidade. – “Mas, disse-lhe uma vez um incrédulo, não há santos sem milagres. Ordenai que aquela palmeira, que está ao longe venha a ti, e eu acreditarei”.

Djoh’a mandou que a palmeira viesse; a palmeira, porém, não obedeceu à ordem do santo. E eis que este se levanta e se põe a caminho...


– Aonde vais? perguntou o incrédulo.

– Não sou orgulhoso, mas humilde, respondeu; a palmeira não veio a mim; irei, pois, a ela.³³

Há nas viagens de Marco Polo a história de um califa que intimou os cristãos das suas terras a aceitar a doutrina de Mafoma, salvo se a fé que tinham em Cristo pudesse fazê-los remover uma montanha de um sítio indicado. Veja *Christ Lore*, de Hackwood, 80.

Ainda uma variante medieval dessa fábula vemos no anedotário de Bourbon n.º 332, que conclui nestas palavras:

In nomine Domini Jesu, qui hoc dixit, precipio tibi ut *hinc te transferas, ó mons, in mari*. Qui statim subito preceptum implevit.

33  O texto original foi colhido por R. Basquet e publicado na *Rev. des trad. pop.* XIX, 311.

Que tem uma coisa com a outra?

174. Há muitos modismos que indicam a disparidade ou a extravagância e contradição de objetos que acaso ou a propósito se defrontam.

No *Auto do Procurador*, de Antônio Prestes, há a seguinte coartada:

- Sabeis que cá chove há dias
- Que não bastam já gamelas?
- *O que hão botas com chinelas?*

Obras, 158

Em José Ferreira a imagem é de outra espécie:

- É de congruo, pois o estudamos.
- Que *diabo tem de ver o congruo com os amores?* ali entra malícia.

Eufrosina – fl. 59 v.

De todos esses dizeres, o mais vulgar e plebeu é o

que tem o... com as calças?

Gov. do mundo – I, 82.

Na coleção de *Refranes*, da Catalunha, editados por Sbarbi (IX, 205), há a seguinte:

Que te que fer lo c... ab las quatro temporas?

que é também do castelhano: *que tiene que ver el c. con las quatro temporas?*

175. Naturalmente todas estas variantes semânticas remontam e confluem a uma fórmula primitiva de identificação de coisas que se enumeram seguidamente. É o que se vê, por exemplo, em Bernardim Ribeiro:

Tornada ela onde Aonia estava lhe contou tudo *coisa e coisa* que não ficou nada.

Menina e môça – Cap. 27 *in fine*.

À enumeração natural sucedeu fazê-la aos pares: *coisa com coisa*. Efetivamente, em uma *Carta de um português*, manuscrito da Biblioteca de Madri e publicada por Paz y Melia, encontramos o ditado na sua forma atual:

“O nosso general João Mendes está podre de que não se faz *coisa com coisa*.”

Sales españolas – I, 332

A mesma expressão nas *Cartas*, de Dom Francisco Manuel (–I.^a ed. – 334) e *Apol. dialog.* (pág. II).

176. Em uma das *Cartas*, de Sá de Miranda, achamos a expressão análoga:

“Não diz ora com ora”


Se eu isto estimado agora,
Vira como dantes era,
Por meu conto avante fora,
Mas não diz *ora com ora*,³⁴
Vão-se como ao fogo cera.

Sá de Miranda – I, 222

177. Em outro lugar, no prólogo da comédia *Estrangeiros*, em linguagem mais singela, chã e compreensiva, diz o mesmo poeta:

Agora parece que me estranham inda mais, parece-vos que não diz a *fala com os trajos*?

Idem – II, 73

34  Parece-me ser *ora* (hora); mas é possível que tenha afinidade com *oura* (fronte), cf. *orates*.

178. Pertence à mesma série de ideias o

não diz a cota com a verdugada.

Em uma das suas notas às *Fábulas* de La Fontaine, para justificar o termo *conchavar*, escreve Filinto Elísio:

Conchavar! palavra baixa! não reparais, papalvos, que são uns aldeões os que falam; e que há de dizer a *bota com a verdugada?*

Obras, XII – 155

Bota, aí está em lugar de *cota*, e com esta verdadeira forma é que se exprime Figueiredo:

– É o que se usa.

– *Não diz a cota com a verdugada.* Êstes calções e estas cabeleiras pediam uma casaca do século de quinhentos.

Teatro – XI – 47

Significa: não diz ou condiz a *cota* ou corpete com a *saia*. As *saias* eram *averdugadas* quando tinham barbatanas para lhes aumentar a roda, moda que depois passou às senhoras nas saias de *balões*, crinolines ou donaires, como lhes chamavam os antigos.

179. É, por isso, provável que no modismo plebeu citado se houvesse deturpado a frase mais conveniente

que tem o *cós* com as calças?

onde *cós* indica o cinto dos calções; e *calças*, como então se chamavam, eram as *meias*.³⁵

Vale a pena anotar ainda que *cós* tem alguma analogia, para o ouvido, com *coisa*.

35  Calças e meias. V.^a na I série das *Frases Feitas* o modismo *Dar às de Vila Diogo*.

A propósito da expressão *cota e verdugada*.

Nas *Chansons du XV^e siècle*, publicadas e explicadas por Gaston Paris na primorosa coleção dos *Anciens textes*, depara-se com sentido especial *cotte verte*:

Que plus n'allan a la petite porte
Luy et moy a mynuit querir la *verte cotte*.

Alude à ação de deitar-se sobre a relva, o que naturalmente mancha de verde os vestidos. Com sentido equívoco, ficou proverbial.

Expressões jurídicas

I80. Muitos dos vocábulos empregados nas ordenações e leis antigas e pelo repetido uso que deles se fazia, ficaram cristalizados em fórmulas ou ditos proverbiais. De ordinário, pouca ou nenhuma dificuldade de exegese oferecem.

Seja, para exemplo, o

fora de vila e termo

que se aplica a coisas fora de ordem, de lugar, de tempo, ou a tudo que não vem ao caso, por extravagante e sem cabida. As autoridades municipais tinham natural jurisdição dentro dos limites, mas decerto exorbitavam se a estendiam fora de vila e termo.

Eu conheço esses; têm um estilo forjicado em breves sentenças e nunca *saem fora de vila e termo* e nem se alongam...

Eufrosina – II6 v.

E eis que me acho em meio de um deserto, eu e meu viandante, cercado de bandoleiros, homens de rostos atrozes, costumes *fora de vila e termo...*

Dom F. Manuel – *Apólogos*, 78

E querendo cobrir com a joeira de uma ciência imaginada o céu da minha clareza, *sai fora de vila e termo* da resposta, lançando as bravatas de sabichão maduro.

Anatômico, II, 28

Mais restritamente dizem também – *fora de termo* – e por uma leve alteração

fora de termos


o que já envolve um sentido diferente para o vocábulo *termos*, que aí empregam como equivalente de *palavras*.

A locução também era muito repetida, por ser uma pena frequente a pequenos delitos o simples degredo para *fora de vila e termo*, segundo o texto das *Ordenações*.

181. Outra frase tomada das *Ordenações* antigas foi a de

baraço e pregão

Em certos crimes, se os criminosos eram plebeus, *apregoava-se* em audiência ou nas ruas o nome dos culpados que deviam também trazer um *baraço* ou corda pelo pescoço, para vergonha deles e escarmento do povo.³⁶ Desapareceu esse desar e costume, mas ficou o ditado na linguagem comum.

36  *Ord. Filip.* V, tít. XVII, XIX e outros.

182. Também era distinção que se fazia nas antigas leis filipinas e manuelinas (*respectivè*, livro v., 43 e I. v., 93) a de

rixa velha

em contraposição a *rixa nova*, expressão esta que já ninguém usa. A *rixa nova* era a briga inesperada, involuntária ou improvisa; a *rixa velha* era a precedida de premeditação.

Assim de *rixa nova*, como de *propósito*...

Ord. filip. V, 51

Se as palavras forem ditas em *rixa nova*...

Ibid. V, 43

E em caso de ferimento quando a querela foi dada em *rixa nova*...

Ibid. V, 122

183. Era privilégio de fidalgos, em certos crimes graves, ir ao degredo

de braga ao pé

O plebeu, porém, levava em tais casos *cadeia no pé* e *colar* ou *argola no pescoço*.

As locuções jurídicas — *achados de vento* — e *deitar à margem* — são estudadas em outro lugar deste livro.

Num credo

184. Foi sempre na linguagem popular o CREDO uma medida de tempo para exprimir a brevidade e equivale ao minuto que se despende rezando-o.

Em Fernão Mendes Pinto, cujo frasear é sempre idiomático, nunca erguido e menos retórico, aparece a expressão frequentes vezes:

Em menos *de um credo* foram mais de quarenta (inimigos) dentro da nossa lorcha.

Peregrinações (ed. 1765), pág. 48

Em outro lugar, forma um múltiplo, dizendo:

De novo se tornou a travar a briga de tal maneira que *em pouco mais de três credos* que os nossos os acabaram de matar, eles nos mataram dois portugueses...

Ibidem, 52

Na miscelânea poética que anda reunida à *Crônica de D. João II*, Garcia de Resende, descrevendo o terremoto (de 1530), acrescenta:

Obra *de um credo* durou
Se mais fôra destruíra,
Tudo por terra cairá,
Morrera quem escapou.

Crôn. D. João – pág. 379

I-me esperar em sua travessa que *em um credo* sou convosco...

Ulísipo – XII, cena V

185. Da mesma natureza é a locução *santiamen*, tomada às últimas palavras do persignar dos cristãos: “In nomine patris, filii et spiritus sancti, amen.”

Num santiamen – foi um modismo de extenso uso em outro tempo:

Logo a invocação de seus poetas que iam pelos ares em bollandas (que são mais ligeiras que os *santiamens*)...

Serão político – 122

C'uma destas franzinas ferramentas
Armo eu um galeão num *santiámen*.

Filinto – *Obras*– VI – 30

E assim em outros lugares e em diversos autores.

P. ex. no *Governo do Mundo em seco* de Payva – I, II. No mesmo Filinto – *Obras*, em outra passagem, explica o poeta a origem da frase em anotação aos versos:

O eloqüente animal, num *santi ámen*,
Já pragueja, arremata, desadora...

“*Santiámen*. Palavras últimas do sinal da cruz, que alguns clérigos e frades, *caçadores*, pronunciam em voz mais alta e apressada como apito da missa que começam. O erudito Morais não quis ou não soube dar-nos definição alguma etimológica desta palavra composta.” *Obras*, X, 127 (da Ed. de Lisboa).

Pescar em águas turvas

186. São finórios os que enturvam as águas para lançar a cômodo as suas redes varredouras.

O quinhentista Jorge Ferreira notava a boa fortuna desses lances supremos:

Mal vai à raposa quando anda aos grilos e ao juiz quando vai para a fôrca. Pois eu hei de ver onde isto para, que *na água envolta pesca o pescador*.

Eufrosina – fl. 65

A frase provém de uso europeu, antiquíssimo, de pescarias primitivas por meio de *ramadas* e *entroviscadas* com que se remexia o fundo dos rios e remansos de água.

I87. Entre muitos, um documento do tempo de Afonso II ordena a um certo Mendes: *nec facias ramada nec entorviscada*. Uma lei de D. Dinis também é contrária a esse tosco processo (*Mem. Para a Hist. das Inquisições*, Lisboa, 1815 – pág. 56).

E ainda:

E os lavradores choram o de que se ficam rindo os pilhantes
que *nesta água envolta* são os que mais *pescam*.

Arte de Furtar, c. 56 – n. 164

Das *entorviscadas* cobraram foro os senhores até o tempo de D. Manuel, mas essa arte de pesca, por bárbara, prejudicial e nociva foi depois proibida em várias leis.³⁷

Contudo, cá fora dos rios cresceram os *entorviscadores*.

Não é ocioso notar que sempre se designavam as crises políticas e sociais de outro tempo com a imagem literária de – *águas envoltas*.


O diabo

I88. Entra por muito o diabo nas coisas do folclore, nas superstições e na linguagem popular. O diabo é número, é tempo, espaço, medida e unidade de todas as grandezas.

Uma das medidas de tempo brevíssimo há séculos usada é a de

Enquanto o diabo esfrega um olho

frequentemente abonada na linguagem literária de hoje e de antanho. Nos *Encantos de Circe*:

37  Veja-se Viterbo – *Elucidário* s. v. *ramada* e *entorviscada*. No *Trésor des sentences* registava no século XVI Gabriel Meurier:

Pescher en eau trouble.

Est gain triple ou double.

E pois Cupido o mais egrégio encantador, pois vemos que a cada canto encanta, *em quanto o diabo esfrega um olho*.

Teatro cômico – IV, pág. 136

A razão deste dito deduz-se do outro também proverbial: *O diabo não dorme*,³⁸ ou como diz o poeta cego:

Mas o *diabo*, enfim, *que não tem sono*

Não sei como ordenou...


Obras de J. de Sousa – 58


É esta perpétua vigília do diabo que o faz *esfregar o olho*, por não ceder ao sono.³⁹

189. Creio que é uma facécia popular o modismo

O diabo as arma

para indicar, geralmente, a intriga ou qualquer insídia de inimigos. A frase é moderna e parece referir-se ao perigo das armas de fogo que, se-

38  No *Dom Quixote*: El diablo no duerme (II, 25); el diablo no duerme y todo lo añasca (I, 20).

39  As alcunhas populares do diabo são infinitas, o *cão*, o *tinboso*, o *sujo*, o *decho* (diacho, de *diabolus*):

Dou ao *decho* o franxinote

Simão Machado – III (Alfeia)

O *decho* se chantou nellas!

Gil Vicente, I, 129

e as longas imprecações que se deparam na trilogia da *Barca*, I, 222, 233, onde se reúnem os mais torpes epítetos do espírito das trevas. A mesma religião nos seus livros introduziu igual variedade de eufemismos para evitar o nome próprio do demônio: o *diabo*, *diábolos*, isto é, o embusteiro, o traidor; *Satã*, isto é, o contraditor (no antigo testamento *Satã*; no novo, *Satanás*), *demo* ou *demônio*, voz grega que significa o astuto, etc. Na linguagem plebeia ocorrem os mesmos epítetos de Boca do inferno, o *beijudo*, o *corn...*, o *pé de pato*. Cumpre citar o *Mau*, de que tratamos com a explicação de outro provérbio neste mesmo livro.

gundo a excelente superstição popular, podem subitamente ser carregadas pelo demônio. Tanto assim parece ser que no folclore peninsular há algumas historietas que desta crença nasceram ou a justificam; e ainda o confirma a fórmula castelhana – *el diablo las carga* – usada em circunstâncias idênticas. Leia-se o seguinte e engraçado exemplo:

Es malo apuntar a una persona con armas de fuego, aun que estén descargadas...

Refierese que un hombre robando pimientos en una huerta, fué sorprendido por el hortelano, que le reprendió duramente. Entonces el ladrón le apunto con un pimiento y el hortelano se fué corriendo, *no fuese cosa de que el demonio cargase el pimiento.*

Bibl. de las trad. pop. españolas, I, 232

Mourão! Mourão!

190. As crianças quando arrancam os *dentes de leite* ou da primeira dentição atiram-nos fora, dizendo as palavras:

Mourão! mourão! toma um dente velho e dá-me um são.

São palavras sacramentais. Também as tem o folclore de França:

Tiens, *feu*, voilà ma dent,
Rends-la moi, dans un mois,
Blanche comme l'argent.

E os espanhóis:

Tajadito nuevo
Toma este diente viejo
Y traeme otro nuevo⁴⁰

Ora, em português, *mourão* que as crianças pronunciam inconscientemente nem é *fogo* nem é *telhado*. Tampouco é a trave, poste ou estaca empregada em várias construções.

Mourão é um arcaísmo apenas conservado naquela fórmula infantil e significa — *monturo* — para onde se lançam os dentes velhos e as coisas sem serventia.

Mourão deriva de *morum* (μόρον) e é uma forma paralela de *morango*, embora com certo descaminho de sentido; equivale a montão de pedras, *mouroço* em J. de Barros.⁴¹ Nada tem de comum com o radical de *moiro*, *moirama*.⁴²

41 ∞ Dic. II fl. I6I, indicado por Bluteau s. v. *mouroço*.

42 ∞ É curioso anotar que em toda a península se dizia por facécia *mouros* (de *mauros*, já se vê) os meninos que não eram cristãos. Eis uma fórmula castelhana com que a madrinha de batismo entregava a criança batizada aos pais: “*aqui tiene Ud. a sua hijo me lo entrego a moro y se lo devuelvo cristiano.*” Ainda dizemos *pagãos* ou *gentios* aos sem batismo.

Veja-se a *B. de trad pop. esp.* I, 70 Cejador e Frauca — *Op. cit.* s. v. *morena*; não conhecia o autor a formulilha portuguesa e infantil que em tudo confirma a etimologia, ignorada, mas entrevista por Bluteau quando aponta os sentidos de *mouroço* e *mourão* (t. de agricultura).

A corrente das deturpações vocabulares é perene e arbitrária. No vocabulário de Corrêas achamos em vez de *mourão* o nome de ave de rapina *milhano*:

Milano toma este diente y dame otro *sano*

VI

Equívocos fonéticos. Sujeito escovado; dar trela; destrinchar; dito e feito; místico e misto; apanhia etc. Perdoaste ao meco? cruzados mecos. Quedê, como quê, com quê, etc. Sangria e facada. Adefina. Cor e côr; acordo. Pôr de lado, e pôr de lodo (arcaísmo). Aventar as pegas. Raia ou rata. Falar lila; aleli. O ai Jesus — *noli me tangere*. Roupa de franceses; caminho francês, etc. Mais vale um gosto que quatro vinténs. Pai velho, pai de velhacos. Pai Paulino; paulinas. Tim-tim por tim-tim.

Equívocos fonéticos e outras alterações

191. São verdadeiros *trocadilhos* (ou *equívocos*, como lhes chamavam os clássicos) certas alterações populares, muitas vezes intencionais, que sofreram algumas palavras.

Aqui trataremos destas e de outras espécies interessantes.

Em quase todo o Brasil fala-se de

sujeito escovado

a propósito de pessoas ladinas, seguras, nunca apanhadas em falso. Ora, este *escovado* não pode ser senão o *escoimado* dos antigos escritores (apesar de se não tratar aqui de uma derivação):

Às vêzes essas honestas e muito *escoimadas* são as que Deus sabe...

Eufrosina — fl. 67 v.

E mais podeis-vos fiar de mim nesta parte, porque *sou muito escoimado*, e entendo bem quanta água demanda uma mulher de primor.

Ibi., 74 v.

Vós sereis também tão *escoimado* que vireis a não achar mulher que vos faça?

Ulíssipo, pág. 140

192. Outra deturpação e trocadilho era a de aproximar da PERDIZ (ave) o sentido de *perda*. É o que vemos, por exemplo, em Gil Vicente, na comédia *Frágua d'Amor*:

E eu peitarei *perdiz*
E dois pares de cruzados...

Obras, II, 342

Em castelhano também dizem:

Ha habido *perdices* (= se perdiò)

Sbarbi, I, 38

Vê-se que é tão subtil o aparelho da linguagem que por um só resquício dele pode entrar luz nova e diferente cor às palavras.

193. Ei-la, uma das alterações curiosas.

É muito vulgar e corriqueiro no Brasil o modismo popular

dar trela

em frase como – *Não lbe dou trela* – e outras semelhantes.

O sentido é o de dar atenção, satisfação por palavras, manter conversação com quem não o merece. É uma das deturpações mais curiosas nesse gênero.

A forma primitiva devia ser *dar tela* e à *tela* juntou-se um *r* adventício *trela*.¹

Os clássicos diziam — *dar trela* ao assunto — como se diz — soltar a *trela* aos cães. Nestes exemplos a palavra *trela* tem o significado conhecido de *correia*, e é completamente distinta da primeira.

Dar tela é dar e tomar a mão ou o turno à pessoa que inquire ou responde na conversação; é finalmente a mesma coisa que *ouvir*.

E assim dizem os castelhanos

mantener la tela

que os lexicógrafos explicam como sendo apanhar a deixa ou tomar a palavra no diálogo e na conversação.

A jurisprudência conserva a palavra na fórmula — *tela de juízo* — de que se serviu Jacinto Freire na *Vila de D. João de Castro*: “Os quais D. J. de C. mandou verificar por *tela* de juízo.”²


A *tela*, entendia-se na Idade Média, das justas, torneios e combates singulares e daí passou a significar o lugar de controvérsias e a audiência dos juízes.


Dar trela é responder em contradita.³


194. O povo frequentemente confunde *pia* e *pilha* na expressão:

salgado como uma *PILHA*

e também dizem *pia*, por sugestão da *pia* da água benta, que é salgada.

1  É fenômeno comum às sílabas em *t* e principalmente *st*: *rosto*, *rostro*, *rasto*, *rastro*. Em — *dar trela* — houve o influxo de *taramela* — dar à *taramela* — frase que se emprega com idêntico sentido.

2  Exemplo tomado a Bluteau.

3  Depois de escritas as linhas acima, sai-me à vista um lugar das *Bernardices* em sermão burlesco, “*Date tella*, como êle me tem dito já algumas vêzes; e para a noite grelos cozidos...” págs. 125-126.

A banha não é salgada e essa está como uma *pilba*.

Malhão – *Vida e feitos*, II, 77

Tanto a *pia* como a *pilba* ou montão de sal têm a mesma origem.

Em geral os sábios da fonologia, que são contraditoriamente aqui rigorosíssimos e acolá acomodaticios, não se contentam com o latim *pila* e inventam *pill* ou *pilea*, e com *pillum* e *pilum*, há os mesmos passes mágicos; porque é forçoso que origine *pelo* ou *pêllo*, *pillbar* (tirar o pelo) e até provavelmente *pilbéria* (cf. o esp. *pillado* = sagaz, astuto) de uma forma com duplo *ll*.

Não há línguas puras senão por falsa hipótese, como também, sem mentira, não há povos sem mistura. São os dialetos infinitesimais que compõem as línguas: não são, aqueles, causas de perturbação, mas ao contrário são os próprios tecidos orgânicos da língua. Cada indivíduo que fala é tão individual como dialetal.

Há na ciência da fonética assaz do excesso malsão com que não há muito na medicina se desamparavam os casos clínicos por amor das abstrações e se estudavam a *tísica* e outras entidades imaginárias, à custa dos pobres doentes.

Entre gramáticos a coisa é menos grave por inócua; mas reconstruir o latim por meio do romance é pura esterilidade silogística, e é praticar uma espécie de paleontologia *amusante*; as etimologias achadas por esses processos hipotéticos e idealmente rigorosos parecem-se à resposta que dão as crianças à pergunta: – “De quem é filho? – Sou filho de meu pai.” Não há nada mais certo, mas também como esclarecimento...

195. Na locução muito comum e aparentada de *trança* (*trencha*):

destrinchar um negócio

é evidente a sugestão de outro vocábulo mais próprio – *desintrincar* – que melhor exprime o que se quer dizer. Emprega-a Filinto:

Em tudo se ostentou grão sabichão,
Pronto *desintrincou* qualquer questão.

F. Elísio, III, 97

Ou antes *destrinçar*. “Então julgará o leitor do merecimento dele sem que o ensinem a *destrinçar* sistemas, escolas e métodos e centenares de subtilezas.” C. Castelo Branco – *O Judeu*, II, pág. 6.

Observa judiciosamente C. de Figueiredo:

“Refere-se o autor à locução ‘*destrinchar* um negócio’, à qual prefere ‘*destrinçar* um negócio’.

Em Portugal, não só se prefere esta segunda forma, mas nem se conhece outra.

Admitindo-se o *destrinchar*, se é usado no Brasil, o caso é comparável, como o autor observa, às variantes *trança* e *trencha*.

Mas também não conheço *trencha*, embora eu esteja persuadido de que o Sr. João Ribeiro a não inventou, porque a sua probidade literária é inconcussa.

A variante que eu conheço, a par de *trança*, é *trença*. Vejo-a, pelo menos, no *Viriato Trágico*, canto XIV, estância 49.

O caso porém discutível é que o autor das *Frases Feitas* acha que *destrinchar*, ou antes *destrinçar*, é sugestão de outro vocábulo, que êle julga mais próprio, e que eu já registrei no meu *Dicionário*, por o ter visto em Filinto: *desintrincar*, que é antônimo de *intrincar*.

Na história da evolução popular da linguagem, não me ocorrem fatos, que possam justificar a referida sugestão; isto é, não conheço um só exemplo, em que o valor e o som de *c*, sem cedilha, antes de *a*, o e *u*, evolucionasse para *ç*, com cedilha; parecendo-me, portanto, violenta a conjetura de que o *desintrincar* sugerisse *destrinçar* ou *destrinchar*, embora seja incerta a origem do *destrinçar*.

Eu aventurei já a suposição de que *destrinçar* seria alteração fonética e morfológica de *desterçar*, visto que *terçar*, no seu sentido próprio, é *misturar* (três coisas), e, extensivamente, *confundir*. *Desterçar* significa o contrário, e *destrinçar* está no mesmo caso.

Conjeturas, é claro”.

196. Outra alteração cômica é a da virtuosa

água de malícia

muito empregada pelas alcoviteiras que conheciam os simplices para desmaios, aborto, as ervas de amor e outras maravilhas.

No poema herói-cômico da *Benteida*, uma velha benzedeira aconselha:

*Jaleco de prelado, uma delícia,
Masturado com auga de malícia.*

Canto III, est. 38


A mesma expressão ocorre no entremez em versos *O tutor Enamorado*:

– Espera, espera, menina
Que eu nesta algibeira trago
De boa *água de malícia*
Um vidro bem atacado.

pág. 5

é a água de melissa.

197. Do mesmo gênero é o *mestre em albos* por *mestre em artes*⁴, equívocos torpes a respeito dos nomes *Tomás*, *Vasconcelos*. Quem canta *más fadas* (seus males) espanta. (Na *Eufrosina*, folha 142 v.) São *canas com canetas*, a *filosomia*, como disse o Afonso Alvares em resposta ao Chiado:

4  *Mestre em albos* no *Teatro cômico*, I, 197.

Em tua *filosomia*
 Julgará quem foi discreto
 Que és ladrão encoberto...

Chiado – Obras, 200

e assim inúmeras outras e tantas que só paciência larga poderia apurar.

198. Às vezes qualquer deturpação altera substancialmente o ritmo da frase. Parece ser intencional a brevidade de

dito e feito

que exprime rapidez e ação pronta, em lugar da locução mais antiga e mais arrastada e prolixa – MEU DITO, MEU FEITO.

Pois isto é às avessas, porque eu, em tudo o sou, *meus ditos e meus feitos*.

D. Franc. Manuel – *Cartas*, 569

Sem *seus ditos* dêles e sem *seus feitos* delas, espero nos faça Deus mercê de que atinemos com o que v. m. deseja de ouvir, e eu procuro dizer-lhe.

C. de Guia, 66 (ed. de Camilo)

Serviu de mór apetito
 (Disseram fortuna e inveja)
 Enfim *seu feito, seu dito*
 Pera al criado o sprito,
 Isto só sonha e deseja.

Sá de Miranda – I – 257

E no Filinto perseguido, impressa com o Teatro cômico do Judeu:

– Pois então, deixe-a para mim...

– *Meus ditos, meus feitos.*

Ato II, cena 2

Nas *Ordenações filipinas* (V, título I28), lê-se: “o Julgador o segurará de dito, feito e conselho” para exprimir a brevidade da ação.

199. Uma das mais curiosas alterações de palavras foi a que realizou o bom gosto dos poetas dos séculos XVII e XVIII; substituindo o *caçalume*, que se não podia nobilitar, por VAGALUME. A questão foi tratada na memorável sessão acadêmica de 26 de fevereiro de 1696;⁵ propuseram-se, então, vários alvitres: a substituição pelo nome *pirilampo* pareceu afetada, adotaram-se *Noiteluz* e *Bicho luzente* como mais próprias designações e recusaram por impróprios, *fuzilete* e *vagalume*.

Todo este trabalho resultou inútil; porque mais tarde *vagalume* (dantes *vago lume*, como havia sido imaginado) foi o vocábulo que o uso comum fez prevalecer.


200. Nos escritores antigos frequentemente se antolha o vocábulo MÍSTICO em vez de *misto* (*miksto*), de que derivou por transposição de sílabas.


A república é corpo *místico* e as suas colônias membros dela.

Arte de Furtar – n.º 178

isto é, *corpo compósito*.

E Garcia de Resende, na *Crônica de D. João II*, diz que este rei “era *místico* em tôdas as coisas” por dizer que tinha instrução completa vária e enciclopédica.⁶

5  Nas *Conferências eruditas*, celebradas na livraria do Conde da Ericeira; reconta-a o padre Bluteau nas suas *Prosas*, I7.

6  Desta palavra tratei na *A. de Furtar* (anotações), Ed. Garnier, e na *Seleta Clássica*, Ed. Alves, s. v.

201. Creio também que o influxo da assonância irmanou duas expressões populares: CAIXA D'ÓCULOS e *caixa d'ossos*. O *caixa d'ossos* é o sujeito magro ou o que anda na espinha, e *caixa d'óculos*, o inútil.

Nas *obras póstumas* do Cego:

Afirmo-vos que havia tal dos nossos
Que irmão podia ser do *caixa d'ossos*.

pág. 17

202. Nos séculos XVII e XVIII muito correu do vocábulo APANHIA, dito por escárnio contra a *Companhia* (de Jesus), em quem viam desenfreada cobiça ou sórdida avareza.⁷ Nas poesias coligidas na *Fênix Renascida* encontramos os seguintes dois exemplos:


Feito de *apanbia*
Mistura o seu rosto etc.

I, 126

Em Gregório de Matos, torna-se explícito o remoque à Companhia de Jesus nos seguintes versos:

Que em tôda a franciscania
Não achasse um mau ladrão,
Que lhe ouvisse a confissão,
Mais que um padre da *Apanbia*.

O. poéticas, pág. 162

⁷  Tratei na ed. que anotei da *Arte de Furtar*, documentando o vocábulo com outros passos de escritores antigos.

203. Costuma o povo dizer *rompante* (saiu-se com um *rompante*) o que pressupõe um verbo *rompar* que não existe. Deve ser *rompente*; assim e melhor diziam os antigos:

Entra Merlim a sua Macarrônea com êste *rumpente* extravagante...

B. de Castro – *Recreação* prov. I, 133

E efetivamente na linguagem da heráldica existe ainda a mesma forma: *leão rompente*, isto é, meio oculto ou aparecendo em parte.⁸ Como se vê entre outros dos versos do seiscentista Manuel da Veiga:

O lusitano Império
Cujos filhos valentes
São guerreiros leões, touros *rompentes*.

Laura de Anfrizo (1627), LII, od. I.

204. Registremos, enfim, outro grupo de alterações que se denunciavam em vários modismos da mesma afinidade de origem: *cachuchos escalados*⁹ e *xuxa calada*, que derivam de *chuça calada*, isto é, “baioneta calada”, como hoje se diz, e era o chuço espetado no arcabuz ou espingarda.


A chuça calada significava, pois, o ataque sem dar tiro, consequentemente silencioso.


Perdoaste ao meco?

205. Os estudiosos da língua conhecem a frase plebeia como tal registrada:

– *Perdoem ao meco*, mas não o castiguem.¹⁰

8  Desta expressão tratei na ed. da *Arte de Furtar*, Garnier, 1907.

9  Algueres no *Governo do mundo em sêco*, de Paiva.

10  V. g. no *Dicion.*, de Domingos Vieira, s. v.

Mas não conhecem talvez a história alegre que a acredita.

A palavra *meco* e a alusão aparecem mais ou menos disfarçadas nos autores antigos:

“Êste *meco* não é de uns porretas que glosam “Retraída está la Infante” e “Pera que pariste madre”?

Ulísippo – v, cena 7

Na verdade nunca fui desses *mecos* que fazem saudades entre valados e amam por artifício.

Aulegrafia – fl. 44 v.

E outros exemplos. Desde logo se vê que *meco* é o namorado, galanteador, espécie de fantasma donjuanesco, papão de raparigas incautas.

O *meco*, entidade semissilvestre, ainda leva as lampas ao luxurioso *maganão*, que estudamos em outro lugar.

Cá o meco, dizem de si os que se vangloriam de conquistadores. Por *meco* e por sugestão de rima também dizem o *marreco*.

A glosa é a seguinte:

“Aos de Entre Douro e Minho costuma-se perguntar por zombaria: *Perdoaste ao meco?* Mas com muito maior razão fazem os do Minho esta mesma pergunta aos de Galiza que são os verdadeiros galegos; e o caso é que um minhoto estando em Galiza tirou a muitas donzelas a honra e pôs a muitos casados os c...,¹¹ do que os galegos ficaram mui sentidos e raivosos e êsse tal foi chamado por alcunha o *meco*, e por isso se ofendem tanto os galegos da pulha e injuriosa pergunta: *Perdoaste ao meco?*”¹²

11  Pus pontinhos onde no original estavam pontinhas... Se acham que fiz mal, estava zombando.

12  Bluteau, s. v. *meco*.

Esta parece ser a origem da frase. Como quer que seja quando é pilhado o que tem culpa, logo dizem: *Cá está o meco!*¹³

O *Meco* é uma personagem trigueira de feições, fabulosa e incoercível, inventada talvez pela astuta ingenuidade das raparigas que não sabem explicar a origem de inesperadas hipertrofias.

– Foi o *Meco!* dizem entre lágrimas.


No *folclore* da Galiza há muitas historietas sobre este *meco*. Uma delas, segundo o informe de Juan C. Piñol,¹⁴ diz que com este nome havia um indivíduo luxurioso e incontinente que não perdoava a donzela, nem a casada que lhe caíssem às unhas: afinal enforcaram-no numa figueira os ofendidos que eram já multidão.

Ao formar a causa, perguntava o juiz: *Quem matou o Meco?* e respondiam em coro – *Todos nós* – com o que fugiam ao castigo e pena.


Estas e outras lendas de criação popular foram talvez adrede imaginadas sob o influxo de palavra antiquíssima que corre em todas as gírias, calôs e *argots* românicos. *Mec* é o forte, o chefe, o poderoso, o senhor; *mec des mecs* no argot francês é Deus (no marselhês – *lo grand meco d'adaut*); a divindade gentia desapareceu, mas conservou o maligno poder.

Salvo melhor juízo.¹⁵

206. Em circunstância diversa e especial tem a palavra *meco* outro sentido. No *Auto dos dois irmãos*, de Antônio Prestes, diz um criado:

13  *Meco*: de *mechare* lat.; *meacare* ital. é a etimologia mais apontada. No *Suplem.*, diz Bluteau que o *méco* vem de um *médico* façanhoso de Braga.

14  No seu pequeno *Dic. Galego*; s.v.

15  Supõe Lazare Sainéan que esta palavra, que nas línguas romanas figura “avec une sorte de puissance et d'autorité mysterieuse”, deve ser uma derivação de *magnum*, da qual fez o escocês o seu *Mac*, chefe de clã, e o argot *meck* e *Meg*, deus. A palavra portuguesa e galiziana pode talvez ter esta origem. Resta, todavia, explicar o porquê da coloração trigueira e morena do *meco*.

Ó senhor cofre meu *meco*
Perdoe-me Deus se eu peço.

Obras – 279

Parece indicar o dinheiro bom, o ouro subido, de toque alto.

Afonso V fez cunhar cruzados de maior quilate para suas empresas no exterior,¹⁶ corriam em toda a cristandade esses *cruzados* e a esse ano é que, sem dúvida, se refere Shakespeare no *Otelo*.

Serão esses acaso os *cruzados mecos* dos autores antigos:

Cinco *cruzados mecos* me leva dêste ferro a mulata, pelos quais eu lhe ainda espero dar cinco mil pingos.

Ulísippo II, cena 6

Não alcanço a origem desse epíteto.¹⁷


Quedê?


207. É conhecida a frase popular *quedê?* e no Brasil *cadê?* – em vez de – *que é de...?*

Os gramaticões não admitem que se diga *quedê* e corrigem para *quede*; mas o povo persiste em dizê-lo e com toda a razão.

O acento conserva-se na última sílaba porque envolve o vestígio do antigo artigo *lo la*; da mesma sorte dizia-se *qués* por *queres*.¹⁸

16  Severim de Faria – *Notícias de Portugal*, Ed. 1740, pág. 175.

17  Não sei se *meco* quer dizer *meu*: ou se é tomado a qualquer inscrição de moeda (como de uma de D. João II: – Dominus, protector vitæ, *mex*, a quo trepidabo?); ou se se refere aos antigos *mitkaes*, moedas do medievo na península. Veja-se o voc. *metkal*, *mitical*, *mercal* em Viterbo, Yangas e outros.

18  Reuni vários exemplos na minha *Seleta Clássica*. O tradutor dos *Idílios* (de Gessner), Freire Barbosa, diz sempre *qués*: “Se *qués* ver a natureza”, pág. 25. “*Qués* que um lugar aberto procuremos?”, pág. 34. “*Qués* ó Micon que a canção te repita?”, pág. 35, etc.

Quedê equivale a *quedelo, qu'ê del*, e assim dizem as parlandas infantis

O gato comeu o rato
– *Quédelo* gato?
O rato comeu o queijo
– *Quédelo* rato?
etc.

E ainda na cantiga popular:

– *Qué dela* chave
Que te dei para guardar?

E perfeitamente disse Nicolau Tolentino:

Coração triste em que cuidas?
Qué dela a tua alegria?
Porque causa assim te entregas
À negra melancolia.

Obras completas – 157 – (Ed. Tôrres)

208. Outra locução do mesmo gênero foi a que se formou por contração análoga

Como quê

e equivale a *como que é*, assaz frequente nos escritores clássicos. Na comédia *Os Estrangeiros*:

– E a meu aio que lhe faremos?
– *Como que?* Diremos que êsse é o que faz todas estas calabreadas.

Sá de Miranda – II, 131

E na *Prática de três pastores*, editada por Dona Carolina Michaëlis, diz um deles:

Perque lhe fez Deus mercê
De lhe entregar um verjel,
Fresco e rico *como quê*
Cujó nome inda agora é
O paraizo terreel.

Ein port. Weihnachtsauto, 22

Enfim, *como quê* equivale a *como o que é* e em outros casos *como é que* e por isso com esta última sintaxe também se diz *com quê*, *com que então*, etc. Ainda se refere a este fenômeno a distinção popular marcada pelo acento em *por quê* (= por que é que) quando se pergunta e *por que* (sem acento) quando se responde.


O espanhol diz *como es possible que* ou *como que es possible que* (D. Quixote), fórmulas analíticas que confirmam as nossas mais contraídas e concisas.

É certo que também pode haver elipse ou subentendido quando a frase *com quê* dispensa qualquer repetição: *tem com quê* (viver):

Aito cuido que dizia
E assim cuido que é,
Mas já não aito bofé
Como os aitos que fazia
Quando êle tinha *com quê*.

Gil Vicente – I, 127

Quanto à prosódia, cada caso é distinto.¹⁹

19  Veja-se a vária prosódia do *que* em G. Viana – *Apostilas*, II, 309, e as fontes latinas do vocábulo. Na *Vida do Grande Dom Quixote*, de Antônio José, creio que o autor escreveu *para aqui* em vez de *para quê* na cena III da parte I:

Senhor, para aqui são as lágrimas: ah senhor, que o diabo levou o meu burro.

209. Outro momento interessante é o do erro ortográfico de Gil Vicente, quando uma vez escreveu *se é* (lat. *est*) em vez de *sê* (lat. *sedet*), desconhecendo, como em verdade se desconhecia naquela época, a raiz *sedere* em alguns tempos do verbo *ser*.

– Senhor, ourives *s'he* ali.

– Entre.

Gil Vicente – III, 206

– Senhor, in-Rei *s'he* no paço.

– Em que casa?

Ibid. – III, 209

Deveria ter escrito *sê* como ainda o povo o dizia no seu século:

Porque diz o anexim antigo: Tu que *sês* na sêda, qual me vires tal espera.

Eufrosina – Prol. fl. 2

E o que ainda é melhor, dizia o povo *seí* por *ocupo* e *habito*, da origem *sedere*:

Não posso acolher ceitil, como dizem, terra que *sey* por *madre* a *ey*, tal é Lisboa...

Eufrosina – fl. 49

O jovem e desventuroso Bias Mendes²⁰ explicava o brasileiro *cadê* pela fórmula mais pura *qu'ê de*; explicação insuficiente, pois não dava conta da deslocação do acento. *Cadê* como *quedê* veio de *qu' é de lo...?* ou ainda de *qu' é dele? que é dela?* frases nas quais o acento da voz é progride para a sílaba seguinte.

20  No opúsculo *Estudos Americanos*, 1905, pág. 125.

Assim também a hipótese de que o modismo do norte — *Estão ralha ralhando, fala falando* — sejam meras traduções do tupi (*aitá oñeen ñeen oicó* — eles falando fala estão) é inteiramente gratuita; aquele modismo é peninsular e principalmente de Espanha; emprega-o D. Francisco Manuel quando diz:

Não! mas eu *zomba zombando*
 Perto sou donde ei de entrar.

Fidalgo aprendiz — jorn. III

Levar uma facada

210. Dar ou *levar facada*, de dinheiro, entende-se, é frase entre nós tão vulgar como o é esse mesmo mau costume de boêmios.

Em Portugal deve haver o mesmo uso, se não há a frase. Entretanto, é do Tolentino:

Quando todo o ginja rico
 Para a casa a proa inclina,
 or temer *facas de bico*,
 E cuida que a cada esquina
 Lhe lança mão o *joanico*...

Obras — (Ed. Tôrres), 239

211. É já uma adaptação de outra mais antiga e que também faz correr sangue: *dar uma sangria* ou

sangrar na veia d'arca

Nesta fórmula houve naturalmente a intenção de aproximar as duas ideias de *sangria* e de *arca*, que era onde se guardavam valores e economias, e como no corpo humano há, segundo os velhos anatômicos, uma chamada *veia d'arca*, as duas ocorrências vieram a talho de foice.

Atesta-o o seguinte trecho das *Memórias inéditas*, de Fr. João de S. José:

Morreu D. Lourenço de Almada pobríssimo, não só pelas *sangrias* que lhe deu, com ordem d’El-Rei, Dom Diogo de Mendonça, *na veia d’arca*; mas porque fiou ao judeu Liz em Holanda o seu vastíssimo cabedal.

Memórias do B. do Pará, 150.

Em um dos sonetos apensos ao *Palito métrico*, de Duarte Ferrão, ocorre a frase:

.....

Levar *na veia d’arca uma sangria*

São pensões de um novato e d’um calouro

Pelo foral da nossa academia.

Palito metr. — pág. 15


Eis por que as lancetadas de dinheiro eram sempre *na veia d’arca*.²¹

Adefina

212. Não é raro que de usança já muito antiga e morta não fique mais que agonizante sobrevivência — extremo hálito de vida, aqui ou ali recolhido num fragmento da linguagem.

São estes ecos, e não vozes, apenas perceptíveis a ouvidos mais afinados à fantasia que à realidade.

De um desses fragmentos, creio que é exemplo a expressão já arcaica *adefina*, tresmalhada entre outras vozes mais vulgares.

21  O Dr. Plácido Barbosa, autor da *Terminologia médica*, teve a bondade de esclarecer-me que a *veia d’arca* era a que hoje chamamos *basílica* (e uma daquelas em que se sangrava com mais frequência) e de juntar um desenho explicativo.

Certamente é ainda conhecida do povo a expressão – *a fina* – de maior e mais erguido uso no outro tempo.

Significa o segredo, a balda talvez, mas oculta. O vocábulo tomou sentido acanhado e torpe que não tinha ainda no século XVIII.

Estudemos seguidamente os exemplos em que ocorre.

No entremez do *Galego lorpa e os tolineiros*, diz o *Miliante*:

Isso é certo. Um conheço eu que depois que *deu na fina* de se fazer cego, passou do atoleiro da penúria ao grau de maior abundância.

Cena V

Na farsa em versos *Astuciosa idéia*:

Assim foi o tal senhor,
Amante desta menina,
Que estudou e *deu na fina*
De me tratar com amor.


Cena III²²

A esses requintes de namorados, por equívocos, se pôs o nome de *finezas* e contra eles se insurge o Pe. Manuel Bernardes, na *Arma de castidade* (pág. 244).

Na comédia *Os Censores de teatro*:

– Eu chamo opera a tudo.
– *Deu na fina* por se não enganar como sucede a muita gente boa.

Teatro de Figueiredo – VI, 19²³

22  Intitula-se: “*Astuciosa idéia* com que o criado enganou o amo para o casamento do peralta, etc.” Lisboa, Ofic. França e Liz – 1790.

23  E ainda no mesmo autor, tomo X, 249.

A palavra, interessantíssima, nas suas origens, é genuinamente semítica. É conjectura minha, ousada e contestável, contestada já dogmaticamente sem argumentos de qualquer teor.

Os mouros, os judeus marroquinos praticavam esse uso tradicional da *adafina* ou *adefina*, que era certa panela preparada na sexta-feira e guardada oculta e coberta de rescaldo de brasas até o sábado. Com este sentido é que Dozy interpretou o passo do *Cancioneiro de Baena*:

Joan Garcia *mi adefina*
Vos diré yo mucho cedo.

isto é, o meu segredo ou intenção oculta, pois aqui é já o sentido translato. Com a forma *adafina* também há uma alusão no *Cancioneiro general*.²⁴

Os arabizantes como Dozy ou Eguilas e outros não estudaram ou não suspeitaram a existência da expressão que ficou no ditado português, já referido e que é a *adafina*, o segredo, a coisa oculta.²⁵

Cor e côr

213. Saber ou dizer de cor um discurso ou poema é conservá-lo ou dizê-lo de memória.

É frase antiga que se poderia abonar com todos os velhos escritores da nossa língua.

E estando ãa noite na cama, já despejado me perguntou se sabia as trovas de dom Jorge Manrique, que começam “Recorde el alma dormida”, e eu lhe disse que si, fez-m’as *dizer de côr*...

Garcia de Resende – *Crônica de D. João III* c. CCI, 269

24 ∞ Apud Eguilas.

25 ∞ Veja-se Eguilas y Yangas s. v. *adфина* (ad. *dafina*) *adefina* (do verbo *dafana* = enterrar, ocultar); *cadra dafina*, a panela oculta (nas cinzas do braseiro).

Não há, pois, por onde levantar dúvidas quanto à legitimidade da expressão.

Pareceu-me sempre a princípio e ainda me parece hoje que este *cor* era a palavra latina, *cor*, coração: pois que o coração pode significar o sentimento, a inteligência e a memória.

Quanto à filiação histórica do vocábulo, fazia algo desconfiar uma forma *cor* sem o incremento que é de regra mais comum nas derivações; devia ser *corde* ou *corda* e não *cor*, embora fosse neutra na língua clássica. Contudo, o exemplo não seria único.

Quanto à comparação é que podia haver alguma dúvida, porque o castelhano diz *de coro*, *decir de coro*, repetir em conjunto várias vezes a mesma oração.

De *côro* entende-se como em *côro* (*khoros*) das tragédias e dos cantos religiosos.


Os franceses dizem *par cœur* nos mesmos casos; mas este *cœur* podia talvez ser, à primeira vista, o mesmo *chœur*, cuja prosódia é a mesma.

Os ingleses dizem *by heart*, e a analogia de quase todas as línguas cultas dissipa a dúvida.²⁶

Ainda a forma *cor* aparece nas expressões *dar cor de si* ou *dar acordo de si*, cobrar os sentidos, e tudo é o mesmo como se vê da comédia *Os Estrangeiros*:

Eu dissimulei fazendo que entendia em outras coisas, êle
como a achou, tornou em *sua cor* e *acordo*, falou, riu...

Sá de Miranda – II, I21

26  Demais, da palavra *cor* com o sentido de *coração*, há exemplos numerosos, principalmente na língua antiga dos trovadores:

Viver que sem vós seja,
Sempr'ó meu cor deseja
Vós atá que vos veja.

Neste último exemplo, *cor* é outra palavra *color*, e – dar cor, é já uma variante de *cobrar color* que o mesmo poeta emprega na 5.^a das suas *Cartas*:

Ve-lo ir, ve-lo tornar...
Cobrar a côr e perder

Ibid., I, 263

E, provavelmente, como eram frequentes as inversões na língua antiga, não admira que *dar côr* ou antes *côr dar de si* viesse a confundir-se em *acordar* e dar *acôrdo* os dois elementos *cor* (coração) e *côr* (color).

O latim clássico tinha *recordare* e *recordari*, mas não *accordari*. A forma *acordar* (*acôrdo*), foi construída sobre a ideia de *chorda* da lira ou outros instrumentos análogos, com o sentido comum de harmonizar, afinar pelo mesmo tom.


Pôr de lodo e pôr de lado

214. A frase *pôr de lado*, separar, difere essencialmente da outra clássica, *pôr de lodo*, hoje fora de uso. A confusão só podia ser sugerida por certas aplicações especiais; do sentido etimológico de injuriar, enxovalhar passou ao de viver como porco espojado na lama, ocioso e inútil.²⁷

Nas comédias de Jorge Ferreira ocorrem exemplos vários que não tenho agora à mão.

Não faltam, porém, em outros autores.

O mesmo apodo depara-se no *Auto das regateiras*, do Chiado.

27  Por isso é que Morais, registrando a locução e acreditando-a com o trecho de Bernardes,

Cartas e dados vão-se pôr de lodo
lhe dá o sentido, que não tem, de estar ocioso, sem fazer nada. A passagem de Bernardes não autoriza a dedução do nosso grande lexicógrafo.

Cadela, tu és engodo,
 Que nasceste em Portugal
 Para me pores de *lodo*...

Obras, 69

Mais tarde, no século XVII, um poeta dos *Singulares* ainda empregava o modismo:

Desta vez...
 Desta me *poem de lodo*
 Ser eu tão ignorante.

Ac. Sing. I, 225

A expressão caiu no olvido e não se perdeu grande coisa; mas ficou a que lhe era oposta

tirar o PÉ DO LODO

isto é, enobrecer-se e melhorar de condição e é tão antiga como a outra; atesta-o o passo da *Ulíssipo*:

Andai comigo que eu vos *tirarei o pé do lodo*.

Ato II, cena VII

Aventar as pegas

215. É um modismo antigo tomado da vida pastoril. O gado com a cauda *aventa as pegas*, isto é, abana e enxota-se. Desta primitiva significação tomou a de *suspeitar*, *desconfiar* porque os suspicazes e cautelosos aventam as pegas antes que as lobriguem ou que elas cheguem.

Ainda com inteiro escorço e redução da frase começou a dizer-se
 aventar uma ideia,

ou *aventar* uns pareceres, opiniões ou hipóteses.

Primeiro me peitarei que eu sei-vos já a manha, gato escaldado d'água fria ha mêdo e *asno dessovado* de longe *aventa as pegas*.

Eufros. fl. 25 v.

Eu sei já isto, *asno dessovado de longe aventa as pegas* e desvio-me como melhor posso da primeira fúria...

Ibid., fl. 46

Em Gil Vicente já se depara a forma sintética:

Bem sei eu já ela *aventa*
 Que ando eu contigo a choca.

Obras, I, 130

e em sentido normal, *ibid.* I, III:

Achaste a tua burra, Andrei?

 Saltariam *pegas* nela
 Por caso da *matadura*?

e aí está toda a explicação fisiopsicológica. São os animais feridos os que de ordinário se apressam em *aventar as pegas*.

216. Igual translação de sentido (entre *vento* e *aventar*) realizou-se entre *espírito* e *espíritar* ou na forma do uso:

espreitar

o exemplo da *Eufrosina*: “Ora hei-de *espreitar* o que dizem” (fl. 103 v.). Com a mesma ideia também se dizia *escuitar* por inquirir, pesquisar, reconhecer: “D. Duarte mandou logo chamar Vicente Pires e dixe lhe que fosse escuitar uma aldeia que lhe dixeram que estava junto com Tu-tuão”, Rui de Pina – *Crônica do Conde D. Duarte* – C. de inéditos, III, 67.

Raia ou rata

217. FAZER OU DAR UMA RATA, fazer má figura, cometer uma *gaucherie*, é expressão brasileira que corresponde a outra mais usada em Lisboa, DAR UMA RAIA.

“Os franceses chamam a êstes contratemos da vida *gafes*; nós portugueses chamamos-lhes raias.

“Não há ninguém no mundo que não *tenha dado a sua raia...*”

Gervásio Lobato

Parece-me que a fórmula brasileira é a melhor, ou, pelo menos, é a mais explicável quando se confere o sentido de *rata* com o de *ratão*, sujeito excêntrico e extravagante.²⁸


Raia é que é inexplicável.

Frase plebeia, porém muito mais expressiva é de *fazer uma canbola*.

Eu não sabia nem porta nem nada, nem me lembrava o modo de ir ao Paço pela primeira vez e não queria fazer *alguma canbola...*

Malhão – *Vida e feitos* (3^a. ed.) III, 112

Também dizem – *às canbas* – como fazem os *canbotos*.²⁹

28  Em Portugal dizem “fazer uma *ratada*” talvez com o mesmo intuito.

29  Deriva de um tema céltico *kamm* que aparece em *canbaio*, *gâmbias*, etc.

Falar lila

218. *Falar lila* nos quinhentistas era falar com finura e sagacidade, falar fino e delgado, e foi essa ideia de finura a que autorizou a locução. Assim diz Vasconcelos na *Aulegrafia*:

– *Falais lila* que eu com a (experiência) ter, acho por singular siso ser ganhado de mim por não me perder por outrem, e isto é pura discrição.

f. 45

E também é, em sentido concreto, o mesmo:


Basta que o ouro é bem louro;
 Eu determino tomar
 Esta maçã e fundi-la
 E depois de a enfundiçar,
 O ouro que se tirar
 Martelá-lo da l'a lila...

Prestes – 407

Aqui se vê que significa batido, laminado, fino a força de ser machado, machucado. Confirma-o o outro passo do mesmo poeta na *Auto dos dois irmãos*:

Vai, vai ler e dormirás
 Que o teu miolo anda lilo.

Quanto a mim, pareceu-me a origem uma forma peninsular *lilo* análoga a *bilo*, fio, lat. *filum*, talvez prefixada pelo artigo *l'ilo*; mas o uso de *lila* e *lilo* como adjetivo ou advérbio traz a dificuldade de aceitá-lo,³⁰

30  Ainda razoável seria o étimo *fileli*, tela delgada que se tem explicado no espanhol com forma adjetiva de *Tafilet*, cidade de Marrocos onde se fabrica aquele tecido, cf. *tafetá*, *filateria*, etc.

e torna mais racional a derivação de *lila* da cidade de *Lila* do Flandres francês, donde vinha um tecido fino com esse nome.³¹

219. As considerações anteriores levam-me a tratar aqui de outra expressão ainda mais antiga e que data dos velhos cancioneiros. É o refrão

do-ilelia-dôre, Ieliadoura

que Carolina Michaëlis aproxima do estribilho galego e português de muitas cantigas modernas; *ailalila* e outras variantes.³²


Sem embargo do carácter onomatopaico da expressão, creio também que traduz o alarido de guerra dos árabes que ficou perpetuado na literatura da península em diversas fórmulas, o


aleli, lilalila, etc.

que se explica *Lo ilāh illa Allāh* (não há outro Deus senão Alá) e era com essas vozes que entravam os mouros em combate, da mesma arte que os cristãos com o seu *Santiago!*

Logo se oyeran infinitos *leililies* al uzo de moros quando entran en las batallas.

D. Quixote – II, 34³³

31  Registra-o Bluteau na palavra *Lila* (cidade).

32  No *Canc. da Ajuda* II, 449; na *Crestomatia* de Nunes, 427; cf. as opiniões citadas, na primeira destas fontes, de T. Braga e Menendez Pelayo.

33  Eguilaz Yangas e Cejador y Frauca. *Op. cit.*

Com a forma *liláo*, em Quevedo:

Para que és tanto liláo?

*Cuento de cuentos*³⁴

Creio ainda que, pela sua fácil adaptação musical, foi o mesmo estribilho o que determinou a história popular da *Flor de lililá* no folclore da península, que tem grande número de variantes.³⁵

Na Farsa da *Casa de Pasto* do popular José Daniel cantam-se os *Olhos marotinhos* com o mesmo refrão:


Êstes olhos marotinhos
Fazem todos suspirar,
Depois de matar meninas
Corações sabe roubar
A le li lo lé marfim.

Pág. 11

Seu Ai! Jesus

220. O *ai Jesus!* é a pessoa querida em que nem com uma folha de rosa se deve tocar.

A expressão deriva de uma interjetiva de dor, – o *ai Jesus!* – sendo eventualmente o lugar mais sensível ou dolorido em que se não pode tocar.

34  Na ed. de Sbarbi – *Refranero* VIII. O anotador elucida a expressão conjeturando a etimologia apontada.

35  Na *Bibl. de trad. pop. españolas* I, 196, a flauta pastoril canta:

Me mataron mis hermanos
Por la flor de li li lá.

Entre nós as variantes mais conhecidas são as do *Canta, canta meu surrão* e a da meni-na da *figueira*, onde há a fusão de várias histórias.

Dáí a possibilidade de equivalentes pouco poéticos como a *sua postema*. É o que se pode ver dos exemplos.

O *ai Jesus*:

Não o lamba o gato, não lhe toquem o seu *ai Jesus*.

Eufrosina – fl. 120 v.

Do castelhano e português *mi postema*:

Polifema, *mi postema!*

Grande mal é querer bem!

H. Lopes – *Cena policiana*³⁶

221. O – *noli me tangere* – vem a dizer a mesma coisa e foi tirado do Evangelho:

Dixit ei Jesus: *Noli me tangere*, nondum enim ascendi ad Patrem meum.


e. sec. Joannem – 25, 17

Também é costume dizer vernaculamente – *um não me toques*.

Roupa de franceses

222. A palavra *roupa* havia significação mais extensa e completa. Eram quaisquer provisões de vestir ou de comer, como ainda *é* o sentido na língua italiana.

Assim podia escrever no século XVII o padre Manuel Godinho:

³⁶  Na primeira edição dos autos de Prestes inclui-se esta frase de Anrique Lopes (que foi recentemente editada por mim, na *Rev. de L. Port.*).

Tornam então as ondas a trazer para esta outra banda da Arábia o navio que com grande pressa fazia resgate d'água à custa da *roupa* que ao mar se alijava.

Godinho – *Rel. do Caminho*, 78

Por ter êstes anos atrás muita quebra nas *roupas* que lhe levavam os estrangeiros.

Ibid. – 83

Esta significação extensiva explica o valor da locução

ROUPA DE FRANCESES

que era toda a que caía em mãos de piratas e de corsários desde a era medieval, os quais em grande número saíam de Dieppe, Honfleur e outros portos de França a pilhar nos mares as riquezas do império colonial ibérico.

Creio, até melhor parecer, é esta a explicação verdadeira, que foi dada por Alexandre Herculano.

A *roupa de franceses*, como toda a coisa roubada, deixa de ter dono e dela toda a gente dispõe sem escrúpulo.

Veste-me acaso com jeito
De comissário de frota,
Que faz *roupa de franceses*
Dos brocados de Lisboa?

Gregório de Matos – *Obras*, I, 200

A uns *franceses* pouca roupa
Achei na pôpa da barca,
Pois nem *roupa de franceses*
Lhes vi por entre as casacas.

Fênix renasc. – I, 280

Trazia um barrete fora, e o capote de centos sobre uma *roupa de franceses* com guarnição de soldados.

Anatômico joc. – II, 190


223. Péssima é a reputação dos franceses na paremiologia vernácula. Um dos adágios mais antigos a este respeito é o que registram todas as coleções portuguesas (Roland, 55):


Era caminho francês vende-se gato por rez

Este CAMINHO FRANCÊS, famosíssimo desde a Idade Média, era a estrada das romarias de Santiago e do comércio entre a península e o resto da Europa; dela há inúmeras menções nos documentos literários do outro tempo.³⁷ Nessa época de insegurança este *caminho francês* devia ser assaltado e frequentado de embusteiros e ladrões.

Ainda há outro provérbio – *Bem canta o francês, papo molhado* (Roland, II 8) – que se perpetuou na expressão da gíria – FALA FRANCÊS? (= tem dinheiro?) pergunta de credor acautelado.³⁸

Em geral, na filosofia e moral do povo, o *francês* é o homem dúplice, dúbio ou versátil, mas este sentido desfavorável resultou do conceito

37  Carol. Michaëlis – *Canc. da Ajuda*, II, 807.

38  No aforismo – *Português pela vida e francês pela comida* (Roland, II 8) creio que *vida* está por *bebida*. Entretanto, Afonso Álvares em algumas coplas contra o Chiado contradita esse provérbio:

E tu queres ser rufião
E beber como francês
E comer como alemão...

Obras do Chiado – 181

Veja-se ainda nas mesmas obras a referência desfavorável ao caráter francês na *Prática de oito figuras*:

A êsse tal, roer-lhe a trela
E ser para êle francês.

de polidez e gentileza própria dos franceses. São estes delicados, diplomatas e pouco propensos a franquezas e grosserias e, por isso, pouco verdadeiros, pouco exatos e precisos. Daí veio também o opor-se o *falar português*, isto é, falar com clareza ao *ser francês*. É o que se conclui dos versos seguintes:


O mais são asnidades
 Dêses que dizem *rodeios*,
 Porque só por êstes meios
Se fala bem português;
 Tudo o mais é *ser francês*
 E trazer na bôca freios.

Gregório de Matos – *Obras*, I, 66

A franqueza não é virtude da civilização.³⁹

Mais vale um gosto que quatro vinténs

224. Em um conto em versos de Filinto Elísio conta o poeta a eterna história de uma mulher teimosa, com o malévolo intuito de moralizar o princípio de que

39  Registramos enfim outro modismo análogo, o *falar careta*, hoje fora de uso.

Com isto não sou mais largo
 Se a musa não foi honesta,
 Saibam que em festa de toiros
 Se sofre o *falar careta*.

Fênix, III, I69

É o falar graçolas e verdades cruas ou inconvenientes como fazem os *caretas* ou *grão caretas*, isto é, mascarados do carnaval.

O pão furtado aguça o apetite...
 Dá-lhe o sainête de que a lei t'ó vede,
 Vem-te água à boca, o coração te pula.

Obras, II, 72-78

Remeto os leitores ao conto que é curioso: trata-se de uma mulheirinha que, sem embargo de lho haver vedado o marido, queria lavar-se num charco ou pântano d'águas pútridas e verdoengas.

Que ânsias lhe vinham lá do âmago d'alma
 De ser pata, sequer, por dois minutos!

Fênix, III, 169

Enfim caiu n'água e foi patinha. E o poeta reflexiona:

Um gosto val mais que ouro e perlas

Aqui acaba a história.


Mas, enfim, reduzido a moeda sonante quanto vale um gosto?

Vale quantos vinténs? Mais que *três vinténs*?⁴⁰

Responde o provérbio que vale mais *que quatro vinténs*.

Fiquemos nesse mistério.

Todavia outra história (mas não do Trancoso), fidedigna e certa, nos autentica o fato curioso de que antes do reinado de Dom João V houve grande subida dos preços, natural desequilíbrio que pôde ser lentamente remediado pela extração do ouro das minas. As coisas en-careceram e entre elas o *açúcar*.

40  *Três vinténs* de prata era moeda que, furada e pendente de par com o sino samão e as figas, livravam de quebranto. Daí outro modismo que se omite atendendo à inocência dos que trazem ainda o talismã ao pescoço.

A autoridade de mais crédito nessas coisas econômicas, André João Antonil,⁴¹ assim o diz em 1711:

De vinte anos a esta parte mudaram-se muito os preços do açúcar etc....

Cult. e Opul. do Brasil, cap. IX

Os preços quase duplicaram e os *doços* então principiaram a saber azedos.

D. João V, porém, amigo de freiras e de confeitos, teve a ideia magnânima de restituir ao açúcar o preço primitivo essencial à doce culinária dos *toucinhos do céu*, *alfenins*, canelões, frutas cobertas, ovos reais, caramelos amendoados e outros manjares brancos e freiráticos que fizeram a glória daquela grande época.

D. João V ordenou que o preço do açúcar fosse *quatro vinténs*. Assim valia um gosto.


Só com isto salvou a pátria; e a arreganhada façanha foi cantada por poetas, e poetas que não eram de água doce.

Deponha nesta audiência o pândego Tomás Pinto Brandão, que no seu *Pinto renascido*, à pág. 217, inclui as suas décimas *Ao amigo Açúcar já restituído ao seu antigo posto de oitenta réis por el Rei Nosso Senhor*.

A mim me dou parabéns
De ver em bom preço posto
E já não direi que *um gôsto*
Vai mais que quatro vinténs.

Pinto renasc. 217

Antes disso o gosto era impossível com as velhas tarifas:

41  A obra de Antonil foi publicada em 1711 e logo proibida porque vulgarizava as riquezas coloniais e desafiava a aladroadada Europa. Foi reimpressa no Rio em 1839 e agora em 1900, pela *Revista tio Arquivo Mineiro*, IV, fascic. 3.

Arre! que caro êle custa!
 Irra! e como êle sai *azedo!*

Ibid. 205


A alta ou subida originou-se, dentre outras causas, da alteração da moeda, fraude realizada poucos anos antes, em 1686, segundo a história o certifica.⁴² No Tempo de D. João V a abundância de ouro restabeleceu o equilíbrio.

Até melhor explicação, o modismo — *mais vale um gosto que quatro vinténs* — deve ser uma alusão, em Lisboa, aos preços elevados dos doces, pelos começos do século XVIII.

Pai de...

225. Parece que a língua portuguesa, em qualquer maneira, tomou um habitualismo da arábica que consiste num tropo assaz frequente de apelidar de *pais* às coisas que têm qualquer atributo de preeminência.

Os árabes assim o fazem com o seu *abû* aplicado com estéril abundância a coisas e pessoas. Os *abûsigara* são no Cairo uns cigarros grossos e de Hipócrates fizeram em tempo um *Abû-crat*.⁴³

42  Foi nessa ocasião que em Portugal, onde estava, Gregório de Matos escreveu uns versos contra o arbitrista que aconselhara ao Rei essa inépcia:

Sendo pois o alterar da moeda
 O assopro, o arbítrio, o ponto e ardil
 De justiça, a meu ver se lhe devem
 As honras que teve Ferraz e Solíz.

G. Matos — *Obras*, 177

na sátira famosa ao Marinicolas. Outra sátira acerca da mesma alteração fraudulenta às págs 164 seg.

43  V. o interessante ensaio de J. Goldziher — *Arabische Beiträge zur Volksetymologie* — publ. no *Z. f. Volkspsych* de Lazarus — XVIII Band.

Algo dessa tendência se infiltrou no romance português.
 Todos os estudantes conhecem o famoso

Pai velho

no Brasil chamado o *burro*,⁴⁴ que é o cartapácio que Filinto alegremente define a propósito do *Addis cornua pauperi* de Horácio:

Pai velho chamavam no meu tempo de estudante uma versão literal que se aprendia de cor para fazer o exame.

Obras – I, 285.

e Figueiredo, no *Ensaio cômico*:

Êstes livrinhos
 Cheirando inda aos cueiros, são *pais velhos*
 De pedantes, casquinhas, bagatelas.


Teatro – VI, 200

Foi tomado talvez ao prólogo antigo: “*pai velho* e manga rota não é desonra”; a fórmula aliás é de si mesma explícita.⁴⁵


E a fôrça do *Pai velho* algum pedaço
 Verte em mau português do Tridentino.

Hissope – canto VII, v. 47-48

226. Não foi menos importante em tempos de antanho o ofício público, que o era, de

44  E creio que também em Portugal, pois diz D. Francisco Manuel:
 “Você dá o pão ao *burro* e chama-lhe *pai velho*”.

Feira de Anexins, 162.

45  Também *magranorum refugium peccatorum* etc. no *Teatro* citado VI-43.

Pai de velhacos

É necessário antes de tudo assentar que *velbaco* não deriva de *velho* nem tem coisa alguma de comum com a palavra.

Repara em que aos mais retos julgadores
Chama de sanguinários e *velhacos*.

Viriato trágico – canto XVI, est. 75

O nome de *velhacos* foi outrora dado aos vadios e a pessoas da ralé sem ocupação e emprego, as quais pelas velhas *Ordenações* e várias leis extravagantes eram compelidas a procurar um amo a quem servissem. Como nem sempre era fácil achar trabalho, as leis também não eram observadas como cumpria; por isso, a cidade de Lisboa, no século XVII, tomou a providência de criar o cargo de *Pai de velhacos*, conforme o registra Fr. Nicolau de Oliveira, entre os oficiais públicos:

– Um *pai de velhacos* assalareado, pera que não consinta andarem moços perdidos, e lhes dê amo.

Nic. de Oliveira – *Grandezas de Lisboa*, pág. 183⁴⁶

Velhacos, ou na forma e prosódia antiga *valbacos*, eram a gente incerta, ciganos nômadas, forasteiros e adventícios sem origem conhecida. Por um tempo se confundiu com *valáquios* como os *ciganos* com os *egipcianos*. *Velhacos*, que se poderá escrever *vilbacos*, é a gente *vil* e *baixa*.⁴⁷

Que morra a Águia, seja muito embora, se não serve de mais que de *pai de velhacos* e atrevidos.

Anatômico joc. I, 37

46  Também no *Dicion. Jurídico*, de Pereira e Sousa – s. v.

47  O verdadeiro étimo é *viliacus* de *vilis*, vil. Cf. o ital. *vigliaco*, o esp. *bellaco*.

O amor não é *pai de valbacos*, será enfermeiro de potrosos.

Ibid. I, 195

Páscoa má venha pelo *valbaco*.

Ulísippo, 2.^a ed. pág. 230

E o *valbaco*... festeja-la-á melhor que a uma menina de quinze anos.

Ibid., 217

Eu vou fazer averiguar uns dois *valbacos* que estão para se matar em desafio.

Ibid., 70⁴⁸

Na coleção da *Fênix renascida*:

Nem de capa de *valbacos*

Serviu aos touros a capa.

II, 128⁴⁹

A etimologia *valáquios*, a que aludi acima, era conhecida certamente de Dom Francisco Manuel, pois que escreve em uma das suas cartas:

Êste meu *vilão*, *patamar* entre os índios, *volacho* entre os turcos e *valbaco* entre os portugueses...

Cartas (XCV), pág. 123

Já em outra oportunidade tratamos da *arraia-miúda*, sempre numerosa e de variegado esmalte. Assim a define Brás Garcia no seu esquecido *Viriato*:

48  Também em Ferreira – *Comédia do Bristo*, 70.

49  Outro exemplo no vol. I, 250.

Aquêlé é o *vulgo*, junta de ignorantes,
 De *mordazes*, *maganos*, *chocarreiros*,
 Correios, almocreves, caminhantes,
Vagamundos, perdidos lisonjeiros,
Matarizes, *malsins*, *rufiões*, *bribantes*,
 Vadios, mofadores, embusteiros,
Moscas de feiras, átrios, pelourinhos,
 Contrários de água, amigos de bons vinhos.

Canto XIV, est. 7I

227. Afora, há vários casos menos interessantes: O PAI D'ÉGUAS que é definido o animal de semente, o garanhão; o *pai vobis* (de *pax vobis!*) já uma vez explicado⁵⁰; O PAI DE LEITÕES, a que se refere com a observação seguinte o antigo parodista de R. Lobo:


Pais de leitões são chamados aquêles (sujeitos) muito esmangalhados.

Bento Antônio — *Aldeia na Corte*, 210

Pai Paulino

228. Este ditado, que achou emprego assíduo na fase quase recente da política brasileira quando desaparecia a escravidão, é como muitos outros que se presumem novos e de invenção contemporânea⁵¹ uma frase de cabelos brancos acordada de algum recanto escuso, onde dormia talvez o último sono.

50  Nas *Frases Feitas*, Primeira Parte.

51  É exatamente o caso do termo *bilontra*, que se disse inventado na Escola Militar do Rio de Janeiro, e que pertence ao calô e argot de várias línguas romanas (*belitre*), e é do *Toque de Aragão* que estudamos em outro lugar.

O sentido é de vigilância extrema nos negócios de importância, e secreta prudência em desmascarar ou inutilizar as fraudes possíveis. E às vezes completa-se o aforismo, dizendo: *Pai Paulino tem olho*.

Antigamente, para pesquisar, descobrir enganos, furtos ou embustes, havia o costume de *tirar* ou pôr *paulinas*, que é o

Pai Paulino não dorme

e está por exemplo na *Arte de Furtar* atribuída a Vieira, falando de certo ladrão espertíssimo:

E o mancebinho nunca mais apareceu, nem novas dêle, nem rasto do dinheiro por mais *paulinas que se tiraram*.

A. de furtar, c. LXI n. 174

Um filho enfim pariu esta menina
 Cuida o marido é seu como ignorante
 E eu sei que inda que *tire uma paulina*
 Se não saiba do pai do novo infante...

Fênix ren. III, 284

As *paulinas* (de Paulo III, papa) eram cartas de excomunhão que se podiam alcançar para descobrir ladroeiras, gravíssimos delitos ou coisas sonegadas. A palavra tomou a sinonímia de todos esses processos de pesquisa e devassa. Parece que no tempo produzia efeito e deparava o perdido.

Hoje o negro feiticeiro ou o *pai Paulino* abocou as virtudes daquelas bulas sagradas.

Tim-tim por tim-tim

229. É vulgar a expressão *tim-tim por tim-tim* para indicar a minuciosa prolixidade com que se fazem ou dizem as coisas pelo menor, com

escrúpulo, individuação ou miudeza. É locução antiga abonada pelos velhos e novos escritores.

Mui *tin tin* por *tin tin* o nó da coisa.

Filinto – *Obras* IV, 221

E contando-lhe a farçada *tin tin* por *tin tin* disse-lhe que a farçada era digna de uma obra.

Malhão – *Vida e feitos* II, 142

E é (o caso) o seguinte *tin tin* por *tin tin*, nem mais nem menos.

Ibid. – II, 19

Sei dos teus novos amores

Tudo *tin tin* por *tin tin*.

Bellermann – *Port. Volkslieder*


Esses exemplos são modernos. O Dr. Castro Lopes⁵² buscou explicar a locução portuguesa por uma palavra latina muito literária, *pedetentim* (pausadamente), origem de boa aparência ao primeiro exame, mas improvável porque o vocábulo não era de uso comum, e, de fato, não passou a nenhuma das línguas romanas.

A explicação mais exata é que *tim-tim* é verdadeira onomatopeia e designa o tinar das moedas. A frase primitiva seria, como realmente foi, contar ou pagar *tim-tim* por *tim-tim*, moeda a moeda, nem mais nem menos.

Da frase *pagar* ou *contar dinheiro tim-tim* por *tim-tim* se geraram outras congêneres, tanto melhor quanto contar ou narrar dizem a mesma coisa. Atesta o uso primitivo o exemplo de Jorge Ferreira:

Se vimos estar a conta com êle e eu, há-me de pagar *tin tin* por *tin tin*.

Aulegrafia – fl. 20

52  *Origem de Anexins*, s. v.

isto é, moeda por moeda, e por miúdo. Essa é a origem indubitável.

A onomatopeia *tim* (já do latim *tintinare*) *retim*, *retintim* para o som dos metais foi sempre de extenso uso. Dela dá exemplo Camões nas suas *Rimas*:

Se derivais a verdade
 Desta palavra *setim*,
 Achareis sem falsidade
 Que após o *si* tem o *tim*
 Que *tine* em tôda a cidade.

Ao guiso sonoro das consoantes métricas aplicou-a Filinto Elisio, escrevendo em desabono das rimas:

Sentiram que o *tin tin* dos consoantes
 Em vez de modular faziam grulha
 Contra as leis do bom gôsto...

Obras – IV – 205

230. No século XVI houve um jogo que foi proibido por lei e era naturalmente de dinheiro ou moedas, o TINTE NENIN ou *tinti nini*. Encontramo-lo no texto da *Aulegrafia*:

Dêsse vosso rostinho de bugio se podem rir por que vós sois
 um *jôgo de tenti ninim*...


fl. 89 v.

De moeda ou fichas devia ser porque como o *tim-tim* por *tim-tim* podia significar a exatidão e minúcia, conforme se vê do Prestes, no *Auto do Procurador*, neste exemplo curioso:

Dêste modo que assi, ali,
 Viviam pelo si, si;

Era seu comer e sono
Darem o *seu a seu dono*
Sem errar *tinte nini*.

Aproximemos ainda da fórmula *tím-tím* a outra castelhana – “Ir *ten* con *ten*” – que diz – ir com vagar, pausadamente, com jeito, com *tento*.⁵³

53  Registrada no antigo *Vocab.* do maestro Corrêas: “Ir ten con ten; por ir blandamente y despacio” – pág. 542.

VII

Ao léu. Caspité. Feliz como filho de frade. De carona e meia cara. Chorar pedras. Mundos e fundos. Coração Mendes. Outros apelidos de pessoas. Onomatopeias. Entre dois fogos. Alguns provérbios antiquados. Adágios curiosos. Aurora e sol posto num anexam de origem antiga. Mangas ao demo. Amigos na praça e dinheiro na arca. *Dicant paduani*.


Ao léu

231. Conheço várias explicações da frase – *ao léu* – que ocorre sob aspectos vários: *ter léu* para alguma coisa e *andar ao léu*.

A. Coelho deriva *léu* de *libitum*, o que se não conforma, nem pela substância nem pela forma, com os usos daquela expressão.

Epifânio Dias propôs outra derivação, realmente mais aceitável, à luz da fonética, mas a seu turno insuficiente quanto ao sentido. Para este filólogo – *léu*, em expressões como – *estar ao léu* –, representa o latim *levem* pela vocalização do *v*, e está para *levem* como *nau* para *navem* (*Rev. lusit.*, I, 2). Essa explicação é, aliás, de Júlio Moreira, ao que me informam.¹

O nosso antigo lexicógrafo Morais parece aproximar, ao menos fortuitamente, a expressão da outra latina – *Léo* – que designa uma das casas do zodíaco.

I  Carolina Michaëlis, no seu *Glossário do Canc. da Ajuda* (1922), trata desenvolvidamente da palavra *leu* e seu antônimo *greu*, dois provençalismos dos quais só o último ficou nas frases vulgares *andar ao léu*, *pôr-se ao léu*. C. Mich. acha que o som é fechado (lêu) em vista das consonâncias observadas no texto do *Cancioneiro*. Há outros desenvolvimentos da eminente autora, sempre muito interessantes, mas não de todo persuasivos. Veja o *Gloss.* 47-48.

A etimologia de Epifânio (*levem*) não dá conta do sentido da frase – *ter léu* – tempo, ocasião, lugar, oportunidade.

... Apenas *tive léu*
De chegar à janela e despedi-lo
Com aquela agonia.

Figueiredo - *Apol. das damas*, I, cena I

Acreditei e acredito ainda que é palavra francesa e das que antigamente entraram com o séquito da primeira dinastia. E assim ao que conjecturei devia ser *léu* (*leu* por *lieu*, como *deu* por *Dieu*, do francês antigo) derivado de *lieu*.

E *ter léu* seria ter lugar ou oportunidade.

E como é frequente confundir-se lugar, tempo e espaço em todas as metáteses populares, foi natural dizer

estar ao LÉU
= ao tempo, *scil.* espaço
ou ao ar livre.

ter léu para trabalhar (tempo)

É também mera conjectura essa explicação que, de caminho, aqui deixo, pois que a verdade estará em outro ponto. Também dizemos *ao léu* por *ao óleo* ou *a óleo* com desvio do acento tônico; pelo menos isso corresponde aos modismos espanhóis – *estar al oleo* – e *andar al oleo* (talvez da pintura *al oleo*).

Contudo, prefiro derivar *léu* de *lieu*, lugar, tempo, hora disponível, prefiro-o por não achar satisfatórias as opiniões já conhecidas.

Caspité

232. Esta exclamativa decerto veio do italiano onde é de uso comum na linguagem familiar. É abreviatura da fórmula *Cospetto di Dio!* e ainda meramente *Cospetto!* em Nápoles, *Caspita!*

No belo romance do Fogazzaro ocorre a expressão:

– Mondo! tutti compagni, mondo!

– *Caspita!* diceva un altro.

Piccolo mondo moderno – pág. 25

Feliz como filho de frade

233. Assim diz o povo com a superstição que se exprime pela frase: – *Feliz como filho de frade!*


Sempre foi coisa admitida que os filhos (ou segundo autores mais graves, os *afilhados*) de frades no outro tempo tiveram todas as probabilidades da boa fortuna. E não foi em vão que na Roma dos papas se gerou o *nepotismo*, hoje vício mundial indestrutível.

O *filho de frade* foi considerado *feliz*, em parte por ser verdade eterna como já foi dito, mas também em parte por falaz e perversa superstição.

Outrora, como hoje, havia a credence, e era já presságio entre os romanos de que os que *nascem empelicados* hão de ser felizes.² Mas o pior era a párvua desconfiança de que, por sua vez, os *empelicados* provinham sempre do ajuntamento com frade.

Muitas mulheres honestas sofreram as crueldades da calúnia e do castigo, só por aquela circunstância que dissolveu e destruiu tantas uniões tranquilas.

Físicos e filósofos combateram a estúpida credence. Mas a lógica era inflexível e ninguém podia nascer de hábito ou pelica.

2  Ainda a conservam os franceses: *être né coiffé*.

Já no seu *Espelbo de casados* antes de meados o século XVI notava o doutor João de Barros a sem razão de maridos suspicazes como aqueles que

porque sua molher pariu hum filho *envolto em uma pelle* como às vezes acontece cuidou que *era filbo de frade*: e nam lho podiam tirar da cabeça.

Espelbo de cas. fl. XLI

Eis aí a razão que torna a um tempo felizes os *emplicados* e os filhos de frade.

Além disto eram os frades a gente mais hábil e complicada no tempo em que D. João III (se é verdade o que reporta o Bispo do Pará nas suas *Memórias*) costumava explicar algumas travessuras difíceis com o dito – *Por aí andou frade* (pág. 121).

De carona, de meia-cara³

234. Falamos em outro lugar antedecedentemente da expressão *gratis data e gratis*. Agora lembramos a locução – *de carona* – no sentido de *gratis*. Veio do espanhol pela fronteira rio-grandense o vocábulo *carona*, manta que se põe entre a sela e o lombo da cavalgadura; e da mesma origem se tiraram as frases *tomar e levar carona* = ser preterido em acesso ou promoção. Assim o explica o vocabulário de Romaguera.

Não bastam, ao meu parecer, essas derivações para indicar a gratuidade.

O modismo explica-se talvez por outro, italiano, registrado na coleção de Pico Luri de Vasano sob as formas – *alla Carlona* – *vivere ò fare le cose alla carlona*, do qual diz o erudito coletor que “mentre é notissimo il significato, é oscurissima la nascita”.

3  As frases brasileiras em grande número estudei-as no novo livro *A Língua Nacional*.

Alla Carlona quer dizer “sem cerimônia”

Vuol poetare a caso e *alla cariona*.

isto é, sem regras ou sem mais aquela. Assim fazem os que devem e não pagam nem agradecem. Pico Luri aduz ainda a frase de um retórico e comentador: “Narratio ex abrupto, hoc est, *alla carlona*.”

235. Quanto a outra expressão – *de meia-cara* é embuste com que na apresentação de perfil se ocultam defeitos fisionômicos; era vulgar no outro tempo em que segundo costumes de origem muçulmana as mulheres, na rua, ocultavam metade do rosto, o que dava lugar a decepções grandes. Filipe III proibiu em 1611 esse costume das *tapadas de medio ojo*. Os ciganos praticavam esse embuste – *de pacuaró* – como diziam, na venda de alimárias. Borrow – *The Zincali*, 442.

Outra origem, talvez, terá a aplicação que no Brasil se fez de – *meia cara* – aos negros novos (importados por contrabando, diz B. Rohan no seu *Vocabulário*), mas verificadamente anterior à repressão do tráfico, a qual só se tornou efetiva com Eusébio de Queirós, em 1850, pois já figura por exemplo na comédia *O Juiz de Paz da Roça* do tempo da regência (1838):

– É verdade: Os *meias-caras* estão tão caros! Quando havia valongo eram mais baratos.

Martins Pena – *Comédias* (Ed. Garnier) – pág. 2

Este passo deixa entender-se que *meia-caras* eram anteriormente baratos.

Chorar pedras

236. Este é um caso de inversão sintática como já observamos em outras circunstâncias (*o diabo não é tão feio...*) neste livro.

Chorar pedras (por analogia de *chover pedras*) é frase vulgar, mas absurda, formada sob a sugestão de *fazer chorar as pedras*, onde a palavra *pedras* tem a função oposta à de objeto.

As *pedras* é que choram e não as pessoas, embora contra a ordem natural das coisas.

Disse coisas a uma fonte que faziam *chorar as pedras*.

Anatômico jocoso I, 75

Com tanta lágrima me coatava esta e outras muitas coisas que vos eu não sei dizer, que me cortava a alma a coitadinha e *fizera chorar as pedras duras*.

Ulíssipo – V – cena 7

Alexandre mudamente respondeu (porque o passo faria *chorar as pedras*).

Brandão – *Pinto renascido* – 176

Entretanto, a formação popular é explicável, pois que se passou do sujeito ao objeto, por uma série lógica de frases. A princípio naturalmente se disse *com lágrimas* ou *chorando abrandar as pedras*, e nesta proposição é monsieur Amfião o que chora, e depois dele é que as pedras tiveram o seu turno.

Não admira porque Bernardim Ribeiro *lavava lágrimas*.

Menina e Moça, cap. II, e em outros lugares. Em correspondência com a frase citada no começo, *chover pedras*, há outras de si claras como *chover a cântaros*. Menos explícita é *CHOVER CANIVETES* que é um modismo peninsular: *llueve a chuzos, llueve Dios lanzas*, registrado no *Vocabulário*, de Corrêas, 626; indica a chuva impetuosa em agudas cordas de água. O Padre Vieira, segundo uma citação de Bluteau (que por mal determinada não consegui achar nos *Sermões*), disse também: “Foram tais as *lanças* d’água que continuamente estava chovendo o céu.” Bem se vê que de *chover lanças* a *chover facas* ou *canivetes* a diferença não é muito sensível.

Mundos e fundos

237. Hoje damos às palavras o valor de substantivos quando dizemos: *Prometer mundos e fundos*.

É esta fórmula, creio, já alteração moderna de outra mais primitiva e composta de dois adjetivos:

mundo e fundo


isto é, limpo e profundo. Como hoje *mundo* não é mais o contrário de *imundo*⁴ e *fundos* tornou-se à francesa em moedas e títulos ou inscrições, a frase ganhou o sentido de – prometer dinheiros largos ou recompensas excessivas.

A forma arcaica encaminhou-se pouco e pouco para a moderna, mas certas fases podem ser abonadas pelos nossos quinhentistas, como está, para exemplo, na *Eufrosina*:

De prometer bofé meimigos hontem o *mundo e fundo*, promessa de charetas.

fl. 29 – I, cena 3

O espanhol distingue *mondo* (limpo) e *mundo*, e em locução análoga diz *mondo lirondo*, com a mesma aplicação da frase portuguesa; o segundo elemento é como que de equilíbrio rítmico ou trocadilho muito frequente nos ditos populares. Também dizem *mondo y redondo*.

4  Empregou-o Camões, quando disse nos *Lusíadas*:

E tornando a contar-te das profundas
 Obras da mão divina veneranda,
 Debaixo deste círculo onde as *mundas*
 Almas divinas gozam...

Usaram-se também as fórmulas *mares e montes* ou *areias* (fundo), e tal se vê dos exemplos:

Outras casam com homens que nunca viram que lhes *prometem mares e montes* e depois tudo é nada.

Dr. J. de Barros – *Espelho de casados*, fl. LVIII V

Que vos *prometa os mares & as areias*

Não lho creaes...

Ant. Ferreira – *Poemas* (Ed. 1598) fl. 60

É curioso aproximar desta expressão a francesa – *promettre monts et merveilles* que lembra a antiga frase de Pérsio: *mgnos promittere montes*, conforme lembra Quitard ilustrando-a com a outra de Sallustio: *Maria montesque polliceri* e a de Terêncio – *aureos montes polliceri*. Quitard – *Dict. des proverbes*.


Coração Mendes

238. É assim denominado por Luís de Camões certo coração estremeado.

Em uma *separata* (notícia crítica dos primeiros volumes do Camões traduzidos por W. Storck) de Carolina Michaëlis e que só recentemente com outras das suas importantes contribuições me veio às mãos,⁵ vejo que a insigne romanista a propósito do verso

So benennt mich *Mendes* Herz.

I, 247

⁵  Por esta *separata* vejo que C. Michaëlis já havia, antes de mim, apontado o erro de interpretação de W. Storck, a que me referi nas *Frases Feitas*, I, 58.

que é a versão do estranho epíteto – “coração – Mendes”, ajunta mais o seguinte exemplo de Gil Vicente na farsa do *Clérigo da Beira*:

Mas da sua graça – *mendes*
Vos acho eu todo mondo

III, 235

E pergunta: – Que sentido poderá ter este *Mendes*?

Sugeriu-me este caso o ensejo de tomar as minhas notas logo que se deparasse qualquer referência nas minhas leituras.

Ao traduzir (no 6.º vol.) uma passagem do *Seleuco* onde se deparava o mesmo epíteto,

Este meu coração *Mendes*

voltou a tratar do assunto o saudoso Storck com a seguinte e nova explicação de Carolina Michaëlis a quem dedicava merecida e leal admiração:

“Meine Freundin meint dass... *Mendes* oder *Mendez* ist nichts anderes als eine jüngere, heute freilich schon veraltete und den meisten Portugiesen unbekannt Form des älteres *mêdes*, d. h. des lat. *met-ipse*; es bedeutet also nichts anderes als “selbst” *mesmo* (*met-ipsimus*)...”

A conjectura, interessante decerto, é muito ousada.

Creio que se trata aqui do mesmo *Heitor-Mendes*, o ricoço, cujo nome ficou proverbial, como declarei nas *Frases Feitas* (I, 205). A explicação, pois, será coração *mendes* = coração *de ouro* ou o que valha.

Uma passagem que não deixa dúvida acerca desta interpretação é a da *Eufrosina*, que diz:

... Tençazinha *mendes* tendes de mi e se cumprir com cruz no peito e casas de graça.

fls. 33 – 33 v

Antônio Prestes, no *Auto do Desembargador*, aproveita o nome do Heitor clássico para um equívoco com o rico *Heitor Mendes*, como se há de, a meu ver, inferir dos versos bem significativos:

– De uma me cerca *pecunia*,
 Doutra tentação de amor;
 Se eu desta não saio *Heitor*,
 Vejo tormentas a dunia.

Autos – 204 – 205

Haveria lugar para uma pequena monografia se as circunstâncias aqui me não negassem espaço nesta obrinha mais de brevidade que de amplificação. Ainda Antônio Prestes diz mais explicitamente em outro auto e em dois lugares:

Vós, compadre, sois dos nobres
 E o porque? sois rico *Mendes*
 Que é endex
 De fidalgo.

pág. 250

... roupão de martas,
 Campo *Mendes* com mangusto
 Sobre trunfinhos de cartas.

pág. 244

E não sei se são os únicos exemplos que o mesmo autor depara.⁶

6  Merece estudo, ainda, o do auto da *Ave Maria*.

Esse amor *Menesses Telo*
 Que n'elle está.

Muito depois, escrevia também Jacinto Freire na sua *Fábula de Narciso*, incluída na *Fênix* (III vol.)

Nenhum *Heitor* por forte é seu valido
Salvo se tiver *Mendes* no apelido

– est. L

As riquezas de *Heitor Mendes* foram celebradas pelos antigos escritores e ficaram por muito tempo na tradição popular. Antônio de Sousa de Macedo recorda-as nas *Flores de España* (cap. III – de las riquezas) nas seguintes palavras:

“E assi ay hombres mui gruessos en haziendas, y por muchos basta nombrar *Hector Mendes* de Britto, cuyas innumerables riquezas fueron afamadas en toda Europa y alcançò renombre de grande”.

pág. 26

Posteriormente escreveu Car. Michaëlis um curioso e erudito ensaio sobre o sentido camoniano de Gonçalves e Mendes. Até certo ponto, confirma o que escrevemos.

Outros nomes de pessoas

239. *Mão melibéa* (purpurina?) disse Gil Vicente:

Dad acá Mayo florido
Eza mano *melibéa*.

III, 198

No *Cancioneiro* de Hardung, sob o n. 370, vemos um mote de feição parecida:

Almeida vos chamais senhora
Ynez cõ muita rezão,
 pois tendes todos os homens
 metidos n'uma prizão.

pág. 39

240. *Almeida* é também termo da construção náutica.
 Outro exemplo semelhante é da *Fênix*, I, 285:

Sendo o dia de segunda
 Muito *Menezes* estava etc.

241. Muito mais interessante que estes, entre os nomes proverbiais na antiga literatura, me parece o de *Fernan d'Acha* ou *d'Axa*.

A referência faz-se nomeadamente aos escudeiros daquela personagem, os quais parecem espadachins rixosos e valentões. Em Dom F. Manuel:

– Com esta satisfação que o tempo me dá passa a raiva e a inveja...

– Esse é o siso, e tudo o mais é ser escudeiro de *Fernan d'Acha*.

Apólogos dialog. (Ed. 1721) – pág. 29

A notoriedade é muito mais antiga, e entre os quinhentistas António Prestes abona-o com os seguintes versos:

Digo-vos que isto só quero
 E não já render-me a fero
 D'escudeiros de *Joan d'Acha*.

Há, pois, um *Fernan* ou *Joan* e até *Maria de Acha* no refraneiro popular e deve provir de alguma história antiga hoje obscura ou esquecida.

No antigo *Livro das Linhagens* do Conde dom Pedro no título LI encontramos a origem dos *Achas*, segundo a tradição que corria:

E por que lhe chamaron *Maria Acha* foy por que este *dom Fernan Ramiréz* antes que casasse com esta dona Cristina rrossou-a e leuou-a de noite *aas achas açesas*, e em esta noite jouve com ela e empr... desta *Maria Acha*.

Portug. Monum. – Scripto. 352

Vê-se que esta Maria pode campar de mais lenho que ervas na sua prosápia. E por não perder a poeira tantas vezes secular é certo que não tomava banho, e é o que diz outro provérbio: “*Axa*, foi ao banho, teve que contar todo o ano.”

“O nome *Axa* nos antigos textos é indeterminado e serve para designar vagamente qualquer mulher e equivale, pois, à *Fulana* ou *Sicrana*” (Mário Brant).

Axa, *Aixa*, nome de uma das esposas de Mahomet era muito querido e frequente entre as mulheres mouras.

As onomatopeias

Em vários lugares das *Frases Feitas* tive a oportunidade de estudar numerosas onomatopeias como frequentes, que são, na etimologia popular.

Não me passou pela mente documentar inúmeras outras que se depa-ram nos antigos escritores:

242. a) O *tiquetique* do andar com sapatos sem talão.

Na *Esopaída* de Antônio José:

Mas parece-me que já a estou vendo vir *tique tique* com a sua anagua de franjas, sapatinho de tessum.

Teatro (Ed. Garnier) I, 251

243. b) *Nina-nana* – do acalantar das crianças:

Quero mais os meus filhinhos,
Comigo conchegadinhos
Na cama com *nina nana*.

Prestes – *Obras* – II2

o que não será lá muito agradável se se acompanha do *coá*, como diz um frade entendedor:

244. c) Se chorar *cobá cobá*
Dê-lhe dois ou três balanços.

Oraç. acad. 405

245. d) o ruído de pés galegos, *tarampantão*:

Com os pés fiz *tarampantão*
Com a boca *tirintintin*.

Ibid. 144

246. e) Ou o *traz barraz* de Jorge Ferreira:


Traz barraz andar embora.

Ulíssipo, III cena 6

247. f) E para concluir, porque seria infinito o número de exemplos, aqui alinhamos uns poucos:

Quando me êle agora sempre anda com RANGUE RANGUE, matar-me-á depois com pancada...

Eufrosina – fl. 131 v. ⁷

⁷  Por erro do impressor, a ed. de 1916 não tem o fol. 132, mas está completo o texto.

248. O TALÃO BALÃO dos sinos em T. Noronha (ed. Mendes dos Remédios, 5 – 17); o *talim* da sineta ou campainha no *Fidalgo Aprendiz* (do mesmo editor, 47); o HAM HAM do que vai morder (na *Eufrosina*, fl. II v.); TRAPE, quebrei-lhe a janela (Camões); o ruído de queda BUMBA CATUMBA nas *Oraç. acad.* 180, e ainda aí o CHAPE do patinhar por atoleiros (*ibid.*, 178); o ZUM dos mosquitos em D. Francisco Manuel (*Obras métricas*, II, 64); o TAFE dos relógios no *Pinto renascido*, 337; o CRÁS do corvo na *Acad. dos Singulares*, II, 15; o SAPE de Prestes, 419, e de toda a gente; o brasileirismo *xa-bul* explosão do foguete.

249. Do *miar* dos gatos tirou um poeta da *Fênix renascida* o seguinte equívoco:

Mas o gato que bem sabe
 O gatesco e o latino,
 Lhe diz: *meus, mea, meum*,
 Por *meáo, meai e mio*.

Fênix ren. (2.^a ed.) I, 331

Mencionei acima a palavra imitativa do ruído dos relógios *tafe!* ou a forma modernamente mais generalizada *tic-tac*. Dela é que por semelhança se formou o TAPE, TIPE do coração, vulgarizada nas cantigas desde a melíflua *Viola de Lerenó*. No *Anfitrião* de Antônio José: “Estou com o coração *tafe-tafe*” (Ed. Garnier; I, 580).

250. Convizinha-se com a onomatopeia a frase reiterativa *dá-lbe que dá-lbe*. É esta – *dá-lbe que dá-lbe* – uma fórmula popular de reiteração, em que contribui para a intensidade da ideia a palavra expletiva *que* (cf. muito *que* bem!)

Nos *Encantos de Merlim* do *T. cómico*, apenso às obras do Judeu, temos o exemplo da frase:

– *Dá-lhe que dá-lhe*
 Ai! acaba de declararte.

Ato I, cena 3

Na *Ulíssipo* a frase *dela com dela* parece ser tomada deste modismo por mera analogia de forma

roncar a polhastro e passar *deita com della*.

II, cena 7

aqui o sentido equivale ao de variedade: *isto e aquilo*, de ambas onde todas as formas, o que também já indica a insistência que se traduz com o verbo dar nas locuções comuníssimas – *e dar-lhe* – e – *a dar-lhe*, quando recriminamos a outrem o fastio da repetição.⁸

A fórmula primitiva é naturalmente a da reiteração mera, como se depara na *Ramagem de Agravados*:


Não, ah não; mas tu andar
 Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe,
 Ordír, torcer, ordenar.

Gil Vicente – II – 504

Entre dois fogos

251. O modismo – *estar ou ficar entre dois fogos* – é antiqüíssimo e pelo menos anterior à descoberta da pólvora.

Em geral, empregamo-lo num sentido modernizado e adquirido depois do uso das armas de fogo. Esse verniz moderno ilude a certidão

⁸  Leo Spitzer atribui-me um sentido que não dou a *dela com ela* quando só aproximado de *dá-lhe que dá-lhe* sob espécie de onomatopeias “por mera analogia de forma”, conforme asseverei. Veja L. Spitzer – *Aufsätze zur Rom. Syntax*.

de idade da frase que data de tempo mais remoto. Por esse aspecto de curiosidade é que tratamos do assunto.

Não é uma expressão idiomática do português e parece existir em todas as línguas romanas, com a mesma forma e conteúdo. Por essa circunstância, devia escapar aos temas de que tratamos habitualmente.

Significa uma situação difícil entre dois amigos e equivale mais ou menos ao modismo clássico latino: *Entre Sila e Caribidis* – sobejamente conhecido.

Entre dois fogos parece indicar perigo idêntico entre inimigos ou dos que se acham entre exércitos que se combatem. Entretanto, a expressão, como dissemos, é anterior ao uso da pólvora nas guerras, e existe, por exemplo, na língua *d'oil* (francês antigo) desde os séculos XI e XII.

Não é possível, pois, que se refira a batalhas, onde o fogo entrava por muito pouco ou por nada.

Como este caso interessa à língua portuguesa, aqui damos a explicação que no-la deu Ampère. É interessante:

“L’usage de *faire passer* les troupeaux *entre deux feux* s’est conservé en Irlande; et notre proverbe *être entre deux feux* pour signifier être dans un grand embarras a probablement son origine dans la situation désespérée de celui qu’on offrait à Belemus ou Baal et qui s’avançait à la mort *entre deux feux allumés* (Hist. Lit., I, 89).

Este caso é um dos que importa conhecer, apesar de referir-se a expressões não portuguesas, já explanadas nas línguas respectivas. O modismo, porém, entrou para o cabedal das nossas expressões ou dizeres comuns e vulgares, e poderia, pois, sugerir uma interpretação falsa.

Por isso, registramo-lo.

Temos e tivemos vários modismos para significar aquela mesma situação difícil e que são de fácil exegese. Tais por exemplo: *entre a espada e a parede*, *entre a bigorna e o martelo* que não necessitam explanação. De

igual teor é a locução clássica – *andar às catacumbas* – de sabor onomatopáico. Algumas dessas são já arcaicas: *entre a foice e a vencelbo* (e também o provérbio, *dar conselbo e vencelbo*) e do *trato para a polé*, de Herodes para Pilatos (e até por facécia *estar entre Pôncio e Pilatos*).

O *trato da polé* era um dos suplícios terríveis com que se arrancavam declarações de criminosos e suspeitos. Por vezes invertiam os clássicos a expressão, dizendo como o *Soropita*, referindo-se apenas àquele engenho mecânico: “Haveis mister de uma *polé de tratos* para os guindar acima (*P. e prosas*, I08).

Essa inversão autorizou o uso de dividir *trato* e *polé* como coisas distintas, podendo-se aludir a um ou a outra.

Entre a *foice* e o *vencelbo* envolve o termo pouco conhecido, entre nós, *vencelbo*, corda de paveias de trigo.

– No trecho de Ampère vemos esboçadas duas correntes: a *semítica* de Baal e a céltica, do tradicionalismo irlandês. Celtas e assim semitas ocuparam a península ibérica e nela deixaram perpétuo influxo.

Preferimos, todavia, a explicação fundada nos costumes dos celtas, porque esta raça dominou grande parte da Europa, onde a expressão se depara e onde o influxo semítico é quase insignificante.

Provérbios antiquados

252. Convinha registrá-los mais minuciosamente, sem intenção de esgotar a matéria que é inumerável.

No texto deparam-se muitas locuções e provérbios, já obsoletos, e que só tiveram uso na idade clássica. Registramos ainda aqui alguns ou por nos parecerem curiosos e interessantes ou por terem de todo desaparecido.

Em Fernão Lopes, cujo estilo é sempre simples e inspirado na linguagem do povo, são frequentes os modismos.

253. UNTAR OS BEIÇOS = enganar:

E com estas e outras razões foram-lhe poemdo o feito pella armada, *humtando-lhe os beiços* com doces palavras de boa esperança...

Crôn. d'el-rei D. Fernando – Cap. CV, 357

É o mesmo *pôr o mel pelos beiços* da *Aulegrafia*, fl. 49 (II, cena 2) e em Gregório de Matos (*Obras*, I – 285) *mel pelos beiços* ou o *fazer a boca doce* de D. Francisco Manuel nas suas *Cartas*, 319, ainda hoje corrente. No texto citado de Fernão Lopes talvez *armada* esteja em lugar de *rama* ou *ramada* que mais convém ao sentido.

254. QUEM SEU CÃO QUER MATAR...

Ocorre na mesma crônica na *Coleção de inéditos*:

E se comprio aqui o *exemplo* que dizem que *quem seu cam quer matar, raiva lhe poem nome*.

Ibid. 348

Dá, pois, o autor como provérbio (exemplo) de uso no seu tempo.

255. NEM EM JOGO NEM EM SISO = nem brincando nem de veras.

Na mesma *Crônica*:

Nem nunca lhe chamou condessa *nem em jogo nem em siso*, nem comeu com ella a huuma mesa.

Ibid. 332

256. LANÇAR EM POÇO VAZIO = fazer ou guardar segredo e discrição.

Eu bem sei que vossa molher vos disse aquello que vos ora amte dissestes, mas seede çerto que vos e ella *nom ho lançastes em poço vazío*, e prometovos que ambos mo paguees muy bem.

Ibid. 429

257. Ó NOITE MÁ! Foi uma frase que se repetiu algum tempo na época de Afonso V, segundo o testemunho dos autores da crônica deste rei, Zurara e Rui de Pina. E assim recontam o curioso sucesso:

... sendo (a comitiva real) sobre o cabeça que dizem de Almenar, pareceo no Céu á vista de todos hum espantoso cometa que lançava de sy muitos rayos de fogo em figura de dragam.

Ali disse emtam Gomez Freire nobre fydalgo e de grande coraçam *oo noyte má pera quem t'aparelhas*, que fycou em proverbio muito tempo acostumado.

Cap. CLIII, pág. 505

Foi o prognóstico da terrível derrota dos portugueses em Tânger com a flor da sua nobreza.

A exclamativa – *noite má!* – fora bem formada, sob o tipo de outras iguais e arcaicas: *mal'dia*, *mal'ano* (*mal*, f. contraída de *malo*) e até *mal segre* (século) como no *Canc. Galego* de H. Lang:

Mal segre aja quen vos ensinhou.

LXX (e nota pág. 236)

Os quinhentistas renovaram a frase, dando por vezes mais elegante meneio. Assim, diz Bernardim Ribeiro na *Menina e Moça*:

Mal vá ao dia que assi sahimos do mar, pera passar toda a tormenta na terra.

I, cap. VIII, *in fine*.

E também diz Gil Vicente numa das suas comédias:

Yo misma me quiero *mal*
Y *al dia* en que naci.

II, 166

De todas essas fórmulas a mais pertinaz e vivedoura foi a de *má hora* (ant. *oramá, oramá*, etc.), que não saiu nunca de uso:

Esperai vós que inda é cedo
Diz: – *Triste má hora* naci!

Gil Vicente, III, 301

A estes exemplos ajunte-se o que nos depara uma cantiga de João Guilhade (Ed. Nobiling).

Deste *mal dia*, expressão frequente, não é improvável que nascesse o *mil dias*, embora de sentido diverso, que aparece com bastante assiduidade nos quinhentistas. Assim, em Antônio Ferreira, na comédia de *Bristo*.

Mete-se-lhe em cabeça que a ade haver por manceba. Tra-go-o enganado a *mil dias*, eu faço o meu proveito e guardo a honra da moça.

II – cena 2

Temo-la ainda na *Aulegrafia*, de Jorge F. de Vasconcelos:

Que remédio senhora madrinha, para um homem cego há *mil dias*?

I – cena II

258. TOMAR A GARÇA NO AR

Era frase de outros tempos e costumes, tomada a nobre arte de cetraria. A verdadeira habilidade de falcões e açores era a de *tomar a garça*

no ar e para isso deviam ser cuidadosamente *treinados como* diz e ensina o mestre Diogo Ferreira na sua *Arte da Caça de Altanaria* (adv. VI, pág. 136 da ed. moderna); a garça deve ser apresada não *no baixo*, mas *em boa altura*, no ar.

Com referência a essa proeza foi que repetiu Acenheiro na *Crônica dos Reis de Portugal*, feita em 1535:

Cuida el-Rei que com estes simquo filhos que tem tão despostos em armas, que ha de *tomar a garça no ar*; cuida que he tudo matarem porquos bravos... Os mouros he outra cousa.

Ined. de Hist. Port. tomo V, 219

E nisso veo a parar o seu andar, que *tomava a garça no ar*, mas tanto avia elle de fazer té que caisse em algũa...

Eufrosina – fl. 208 v.

Ainda temos a expressão parecida – *Levantar a lebre* – no sentido de provocar uma digressão ou escapula, ou deixar propositada e discretamente a outrem a divulgação de qualquer notícia.

Neste caso, não se distingue essencialmente do – *einen Hasen laufen lassen* – frase usada por Goethe e nem difere da ideia indicada pela palavra *Wechselbase*. Explica-se pela história de Salomão e Marcolfo da lenda medieval e por outras versões (John Walz, na *Mod. Lang. Notes* XXIII – 211 expõe essa questão).

259. TUDO FOI NÉVOA

Esta frase parece proverbial e conquanto não possa ser aproximada a de – *Morreu o Neves* –, estudada no texto, tem com ela alguma afinidade de sentido.

Em *tudo foi névoa* o significado é que tudo foi engano, foi aparência ou promessa enganosa, equivalente a de *poeira nos olhos* como se hoje diz dos que trapaceiam com a credulidade das suas vítimas. Um fidalgo a

quem incumbia a arrecadação de dinheiros não os arrecadou, e buscou desculpar-se com argumentos...

mas *todo foi nevoa* quanto enviara dizer, ca el-Rei nunca ouve ne-nhuuma parte.

Fernão Lopes – *Crôn. d'el-rei Dom Fernando* (Ined. IV – 237)

A mesma expressão *névoas* com outro giro de frase ocorre na *Crônica de Afonso V*, de Eannes da Zurara e Rui de Pina – cap. CXXIV, pág. 428 da Ed. da Academia.

260. No TAIBO. Há a respeito desta locução duas contribuições sucessivas, de Júlio Moreira e de Carol. Michaëlis. Nenhuma delas me satisfaz senão em parte. Fiquei de desenvolver o que me parecia melhor, mas ficou adiada a promessa.

Adágios curiosos

Assim designamos os que oferecem qualquer interesse no estudo das palavras.

261. A) Algumas vezes, a rima é da fonética arcaica ou popular:

Por Santa *Marinha* vai ver tua vinha.

(*Marinha* = *Maria*)

Ao minguar a *lua*, não comeces coisa alguma.

(*lua* = *luna*, *lua*)

deste gênero são as terminações em *inbo* por *io*: Quem tem abelha, ovelha e *moinbo*, entrará com el-Rei em *desafio* – ou – Semeia cedo, colhe *tardio*, colherás pão e *vinbo*. Da mesma natureza é – Pescador de *cana* mais come do que *gana* – talvez de origem espanhola. E – Repartiu-se

o *mar* e fê-se *sal* – (originariamente – e faz-se regato ou arroio) – Beijo-te *bode* porque hás de ser *odre* (feito da pele do mesmo).

B) Ideias, vocábulos ou coisas arcaicas e obsoletas conservam-se nos provérbios:

Quem poupa seu *mouro*, poupa seu ouro

(*mouro* = escravo)

À barba *com* a moça loucã

(*cã* = branca)

A boda de ferreiro cada um com seu dinheiro.

Era costume nas festas de bodas cada um levar a sua matalotagem. *Bodas* são quaisquer festas; às vezes bulhentas, acabavam em rixas e em sangue; previu-o a legislação antiga, e a sabedoria popular com o aviso:

Não ha boda sem tornaboda.

A sintaxe arcaica

Casar, casar, *que* bem *que* mal.

(= casar, sempre)

onde este *que* é apenas uma partícula enfática, como em “muito *que* bem” e outras expressões ainda populares.

Bem sei o que digo quando pão *pido*.

(*pido* de pedir)

Quem muito dorme pouco *aprende*

(*aprende*, alcança)

Pão *comesto*, companhia desfeita

(*comesto* = comido)

Nem em mar *tratar*, nem em muitos fiar

(*tratar* = comerciar)

Vão-se os gatos *estendem-se* os ratos
 (estender-se = deitar-se, dormir)
 Minha filha *Tareja* tanto vê tanto deseja
 (Tareja = Tereza)
 Com teu vizinho casará teu filho

Deste há muitas variantes; a que diz – *casamento da par do lar, compadre
 dalém do mar* – (d’a par = junto, vizinho) – mostra ser posterior à época
 dos descobrimentos marítimos; mais antigo será o outro: – *De Castela
 nem vento nem casamento*. –

Quem filhos tem não *reversa*
 (*reversar* = ir à contra corrente, de vagar)
 Olhos verdes em poucos os *verêdes*
 (*verêdes* = vereis)
 Aonde *is?* a fazer barris
 (*is* = ides)
 Comadres e vizinhas *a revezes* hão farinhas
 (*a revezes* = alternadamente)
 Por *linba* vem a tinha
 (*linba* = linhagem, sangue)
 Quando a criatura *denta*, morte atenta
 (*dentar*, começar a dentição)
 Quem se deita sem ceia toda noite *devaneia*
 (*devanear* = sonhar sonhos fúteis)
 A mulher mesquinha detrás do lar acha a *espinha*
 (*espinha* = espinhos)
 Dá-me pega sem *macha* dou-te mulher sem tacha
 (*macha* = mancha)
 Madrinha fazei o topete e *ullo* o cabelo?
 (*Ulló* = ú lo, onde o)

Mão posta, ajuda é
 (*Mamposta* = preparativos feitos antes da obra)
 Pouco e pouco fia a velha o *copo*
 (*copo* = a porção da libra que se há de fiar)
 Talhai *passo* que há aí pouco pano
 (*passo* = devagar)
 Em *pequena hora* Deus melhora
 (*pequena hora* = menos de uma hora)

C) Muitos são os fatos históricos, característicos da civilização, revelados pelos provérbios:

Em uma hora não se tomou *Zamora*

Refere-se à tomada e retomada daquela cidade em várias épocas nos séculos X, XI e XV. Outros revelam o grau de cultura do tempo em que o *frade*, o *fidalgo* ou o *marinheiro* eram as três espécies mais vistas de homens, e por isso dizia o refrão:

Igreja ou mar ou casa real

E também quem não tem *ofício* não tem *benefício* – simboliza o despotismo do tempo. – “O alcaide e o sol por onde quer entram” – “A lei de reinar é como a de amar” (isto é, não admite sócios); – “Quem a vaca d’El-Rei come magra, gorda a paga” etc.

D) Há provérbios que se articulam uns nos outros, de modo que os elos mais antigos da cadeia se perdem e desaparecem:

- a) Um só ato não faz *hábito* (Delicado, I80)
- b) O *hábito* não faz o monge.

Outro exemplo:

- a) { Va *bugiar!*
 { Tal grado haja que o *asno penteia* (Delic. 105)
- b) Va *pentear macacos!*

Ainda outro exemplo semelhante estudamos, em outro lugar, a propósito da expressão *cada galo em seu muladar*.

E) A simples paronímia, ou semelhança de palavras, agrupa ideias desconexas:

Ave por ave, o carneiro se voasse

Está na coleção do Delicado, mas deve ler-se *ovelha* em vez de *carneiro* (ovelha, avelha, ave). Parece referir-se à preferência de alimentação tenra e delicada.

Ei-lo vai, ei-lo vem de Lisboa e Santarém

Derivou provavelmente de outra forma paronímica que está em Delicado:

Vêdela vai, vêdela *vem*, com barco de *Sacavem*.

Atesta a antiguidade ainda a forma *vêdes, vês*, que precedeu e originou, *eis* (= hês).

Um dos mais notáveis exemplos desta espécie é o seguinte:

Em casa onde não há pão todos ralham

E ninguém tem *razão*

No qual *razão* ou *rezão* e *ração* e *reção* (porque de comida) se confundem: Confirma-o a variante que registrou Delicado, 151: ... todos pe-
 lejam, *porque não têm que comer*.

F) Do folclore, das histórias populares e infantis:

(Se dessa escapo) *Nunca mais bodas ao céu!*

foi o grito da tartaruga (ou do sapo) ao ser despenhado dos ares, na fábula ou na historieta conhecida.

Para meter medo às crianças é costume apanhá-las pelo pé, dizendo:

– *Primeiro pé de porco peguei hoje* –

Os porcos são sempre apresados pelo pé e há o provérbio conhecido:

Dia de Santo André, porcos pelo pé

O dia de Santo André é o de matança de porcos. Outro motejo infantil é o de dizer-se à vista das meias quando furadas, que

Amanhã é dia santo!

que parece ser tirado da locução – *Pelas vésperas se tiram os dias santos* –, isto é, que pelo pouco se avalia o mais.

G) Não deixa de ser necessária alguma perspicácia para compreender o alcance de muitas das locuções antigas, e até por essa falta, quando a há, se inutilizam pesquisas e esforços de imaginação gastos em pura perda.

No provérbio atual:

Em terra de cegos, *quem tem um olho é rei*

houve uma correção infeliz e desastrada, porque com ela se apagou o equívoco essencial da forma primitiva que era

Em terra de cegos, *o torto é rei.*

Ora, o anexim aqui dizia tudo, pois que *torto* não só é o que tem um só olho, mas era, também *injustiça*, virtude que muito haveria de florescer em *terra de cegos*.

Já se tem deturpado outro provérbio antigo que está em *Delicado*, 6:

Como vires a primavera pelo *al* espera

Al quer dizer – o *mais*: diz, porém, ainda o *faval*; o *olival*, o *arrozal*, o *peral*, o *trigal*, e todo *al* que a primavera deixa em expectativa, e é essa esperança traduzida na voz agora obsoleta *al*; não convém, pois, substituí-la por outro qualquer vocábulo incolor e insignificante.

H) Não enumero aqui as tentativas completamente infrutíferas que fiz a propósito de numerosos ditados: *Mentir como sobrescrito de carta*; *réz-véz* (que parece vir de *rezar* e *a-vezar*); *mal de olho cura-se com o cotovelo*, as quais por inverossímeis deixei no tinteiro.

262. Há certo número de adágios que trazem o cunho de traduções castelhanas, mas o número deles é naturalmente muito maior; basta, para convencermo-nos da verdade, folhear as páginas de qualquer coleção antiga como a de Yñigo Lopez (1541) ou a de *Delicado* (1651), que é o mais antigo dos nossos adagiários impressos.

O provérbio português – NÃO PREGAR PREGO SEM ESTOPA – não lembra acaso o *No dejar clavo ni estaca*? Entretanto, os sentidos são diferentes; no primeiro, a ideia de proveito melhor corresponde a *echar clavo*, fórmula antiga como está na *Viaje de Turquia*, de Villalón.

Também o ditado FALAR COM OS SEUS BOTÕES, isto é, de si para si, interiormente, fica muito mais explícito e compreensível quando cotejado com a forma castelhana

de botones adentro

No Brasil corre a frase – PASSAR VIDA DE LOPES – como significando passar vida regalada e de prazeres; aqui sempre atribuíram este

cognome ao dos tiranos do Paraguai. A frase é, porém, espanhola e este *Lopes* é o grande poeta Lope de Vega; os adagiários castelhanos registram-na sob outras variantes, e no prólogo da edição das *Poesias selectas* (Madrid, 1822), pág. VI, leio as palavras que se referem ao grande poeta: “Veniam muchos a Madrid por solo conocerle, y para calificar una cosa de buena se adoptó generalmente el modo antonomastico de decir que era de Lope.” O mesmo se lê em *La Guarda Cuidadosa* de Cervantes: “Estas me han sonado tan bien que me parecen de Lope como lo son *todas las cosas buenas*.”

Num romance de Hartzenbusch:

Es adagio provincial
Que todas las cosas son
De Lope...

(V. Montoto – *op. cit.* II 107)

O Brasil recebeu a frase naturalmente na última metade da usurpação espanhola (1580-1640); não a vi nunca em escritor português deste período.

Outros provérbios se reconhecem espanhóis pela deficiência da rima, como este, em Delicado, 40: “Amizade de *genro*, sol de inverno (genro = *yerno*); 123. Depois de *peixe*, mau é o leite (*leche*).”

Aurora e sol posto

263. São expressões da experiência dos campônios e marítimos e de toda a gente para quem o *tempo que faz* é um problema de importância.

Dois desses provérbios e que andam juntos são extremamente curiosos: dizem que quando o *sol posto* se acompanha de nuvens vermelhas é sinal de bom tempo no dia seguinte; e que a *aurora* com iguais sinais prenuncia o mau tempo.

Esse paradoxo celeste possui fórmulas várias. Assim, diz, por exemplo, o licenciado Antônio Delicado nos seus *Adágios*, que formam a coleção portuguesa mais antiga (1651) nesta espécie:

– *Manhã ruiva ou vento ou chuva.*

Outros dizem, referindo-se ao poente, quando avermelhado:

– *Tarde de arrebol, manhã de sol.*

Os espanhóis, segundo referem os velhos *refraneros*, falam a mesma linguagem:

– *Arreboles de mañana aguas y arreboles de la tarde buen tiempo.*

Também encontro no maestro Corrêas, em seu vocabulário:

– *Sol rojo agua al ojo.*

Enfim, todos os anexiristas do mundo estão acordes neste ponto da meteorologia. Vai uma lista de alguns:

– *Arreboles de Aragon con agua son, arreboles de Portugal, sol seran.*

Entenda-se: Aragão fica ao oriente e Portugal a oeste.

Há outras variantes.

Entre alemães: *Morgenrot mit Regen droht* (arrebol da manhã ameaça chuva).

Entre os franceses:

– *Rouge au soir, blanc au matin, c'est la journée du pelerin.*

– *De rouge matinée léde vesprée* (no antigo francês).

Entre os italianos:

- Alba rossa, o vento o gossa *acquazzone* (na Lombardia).
- Ana rossa ó piscia ó soffia.

Os ingleses têm a mesma fórmula dos franceses, aplicável aos caminhheiros:

- An evening red, morning gray forth the pilgrim ou his way.

É, portanto, uma verdade recebida de todos os povos. Um refranista alemão, o Dr. Joseph Haller, cita uma fórmula latina, mas sem dizer donde provém:

- *Nocte rubens coelum cras indicat esse serenum.*
- À tarde, céu vermelho indica ser o dia seguinte de bom tempo.

Não parece frase clássica, mas de formação moderna. Entretanto, a primeira forma desses anexins está no *Novo Testamento*. É, pelo menos, a mais antiga que conhecemos. É do Evangelho de S. Mateus, XIV (?) onde se diz em dois versículos:

- Facto vespere dicitis: Serenum erit, rubicundum est enim coelum.*
- Et mane: Hodie tempestas, rutilat enim triste coelum.*

Eis a tradução autorizada do texto evangélico:

“Chegando a noite, dizeis: Haverá tempo sereno, porque está o céu rubicundo.”

“E quando é de manhã: hoje haverá tormenta, porque o céu mostra um avermelhado triste.”

São palavras de Jesus, que atribui a fariseus e saduceus esse conhecimento do tempo. Era, pois, uma verdade comum e provérbio vulgar entre os antigos hebreus.

Provavelmente deles passou na redação grega dos Evangelhos aos gregos, depois aos romanos e, enfim, ao mundo cristão. E, demais, era um fato de experiência universal que a meteorologia, suponho, ainda não pôde desmentir.

Mangas ao demo

264. *Mangas ao demo* — é um modismo hoje obsoleto, mas que não é raro nos antigos clássicos.

Os nossos lexicógrafos não estudaram convenientemente a expressão (exceto todavia Morais, que colheu um único exemplo imperfeito, de que adiante falaremos). Cabe-nos, pois, antes de tudo, documentar esse antigo provérbio.

Nas famosas comédias de Jorge Ferreira, achamos os seguintes exemplos:

“Farei de mim mangas ao demo por vos contentar e diga esse senhor ou faça per si, como eu disser por mim, que assim diz o sengo”.

Ulísippo — ato III, c. 5.^a (*in fine*)

Fiz de mim mangas ao demo quer dizer: fiz toda a diligência, todo o possível esforço, dei-me ao diabo para alcançar o que queria. As seguintes abonações ainda confirmam este sentido:

“Aventuro-me a todo risco por ir com elas; faço de mim mangas ao demo”.

Eufrosina, fl. 34

“Farei extremos e pela conservar, de mim mangas ao demo”.

Aulegrafia, fl. 133

Em outro quinhentista, o grande João de Barros, achamos ainda o mesmo provérbio. Na ROPICA PNEUMA (ed. moderna) diz o autor:

“Eu não direi anatema; mas (como diz o provérbio) *fiz de mim mangas ao demo* com quantas cousas por sua parte movi.”

Ropica, págs. 5-6

Em uma carta do Chiado, incluída na edição das suas OBRAS, lê-se:

“E porque nunca falte quem murmure, disse: Não *se faça* aqui de pregador *mangas ao demo*.”

Obras, pág. 239

Afinal, no FILODEMO, de Camões, depara-se o exemplo colhido por Morais, e o único que se encontra nos nossos dicionários; é um exemplo imperfeito e forçado pela intenção de fazer trocadilho:

“E porque lhe não mandei o setim para as *mangas*, *fez de mim mangas ao demo*.”

Filod., ato II, c. I.^a

Passando aos seiscentistas, achamos ainda o provérbio envolvido em *trocadilhos* e equívocos que escurecem a verdadeira e primitiva significação:

“*Mangas d’agua* me parecem...

.....

Dellas fiz mangas ao demo”.

Fênix renascida, IV, 257-258

Fazer de si mangas ao demo é, repetimos, dar-se de presente ao diabo: hipotecar-lhe a alma, como fez o Fausto da lenda.

Porque *mangas* são presentes de festas, regalos, *luvas*, *saguates*, *percalços*, *roboras*, *gorjetas*. Daí, outros modismos como: mandar ou receber *mangas depois da páscoa*, quando já não aproveitam por tardias, e assim o disse Dom Francisco Manuel.⁹

Confirma o provérbio ainda um exemplo da FASTIGINIA, de Tomé Pinheiro da Veiga (século XVII), quando diz:

“Depois... viemos à junta, onde *fiz* meus oferecimentos e elas *de mim mangas ao demo*, zombando de verso e prosa.”

Pág. 47

Do século XVIII em diante parece que o provérbio desapareceu, pelo menos quanto se pode saber dos textos literários.

Amigos na praça

265. *Mais vale amigo na praça que dinheiro na arca.*

Não rima, mas toa, esse provérbio que está no adágio de Roland, em Pina Manique e nos outros.

Há muita coisa que dizer acerca de amigos, e voltaremos sem dúvida a essa grata espécie de gente, mas a sentença que dá aos amigos um preço maior que o do ouro deve ser registrada com desvanecimento.

E parece que não é muito antiga essa homenagem. Não encontramos nos gregos e latinos o anexam, ainda que apareça na Idade Média com as longas palavras textuais reproduzidas em Haller:

— *Plus valet in rico bene fidus amicus amico quam nummis plena crumena.*

⁹ “Buenas son *mangas* despues de Pascoa” – DOM QUIXOTE I, 31. E nas CARTAS de D. Francisco Manuel: “Depois de festas boas são *mangas*, dizem os nossos velhos” (Carta n. XLII). “Aceito como *mangas* as promessas para depois de Páscoa” (Carta n. XCI).

Mais vale na aldeia um amigo fiel ao amigo que uma *crumena* cheia de moedas.

A *crumena* era um saquinho que se dependurava ao pescoço, no tempo em que os dinheiros eram poucos e as burras pertenciam à espécie da de Balaão.

Bem se vê que a sentença peca por excessiva prolixidade e incompatível com o espírito e concisão da língua antiga. Deve ser um brocardo romano trasladado em latim bárbaro, não tendo mais a correção exterior da frase.

Os antigos diziam todavia que os *bens dos amigos eram comuns*, sem menção especial do dinheiro e assim dizia Plauto, com extraordinária frequência. Terêncio nos *Adelfos* (v. c. III) registra aquele pensamento como velho provérbio:

*Nam vetus verbum hoc quidem est,
Communia esse amicorum inter se omnia*

“Pois que há um velho provérbio de que entre amigos tudo é comum.”

Já nos tempos modernos a alusão ao dinheiro perde o antigo pudor e recato.

No *Blind Beggar*, de Day, que é do século XVI, encontramos o anéxim na sua forma hodierna:

— *It is better to have a friend at court than a penny in purse.*

É melhor coisa ter um amigo na corte que um vintém na bolsa. Também é do mesmo século do Renascimento o provérbio alemão:

— *Ein guter freundt ist ueber silber and goldt.*

“Um bom amigo vale mais que prata e ouro.”

O homem moderno não fez mais que quantificar o valor dos amigos. Daqui a séculos haverá talvez uma tarifa ou tabela como nos carros de praça.

Eu, de mim, convenho que amigos valem dinheiro; mas sinto que há amigos de vintém, de meia-pataca e de cento de contos.

Dicant paduani

266. Esse latinismo, que evidentemente não atraçoava qualquer origem clássica antiga, foi registrado na primeira edição, sem que eu pudesse determinar a fonte donde havia sido aproveitado.

Eis o que escrevi:

LATINISMOS. Não quis muito propositadamente registrar no texto a frase latina que, ao que presumo, se originou entre portugueses, o – *Dicant paduani* – talvez de algum sermão ou panegírico a Santo Antônio. Não alcancei descobrir-lhe a origem que evidentemente não está na antiguidade clássica.

A essas palavras acudiu Cândido de Figueiredo, com a glosa:

“Como *Pádua*, em latim, é *Patavium*, evidentemente a referida frase, em latim clássico, seria *Dicant Patavini*; mas, não é segura a suposição de que o *Dicant Paduani* seja de origem portuguesa.

Com efeito, *paduano* não é só português, mas também castelhano; e o *padouan* francês poderia determinar a latinização *paduanus*.

Aquela expressão *Dicant Paduani* pertence a uma oração eclesiástica, vulgarmente conhecida pelo título de *Responso de Santo Antônio*. O povo reza-a em português, para o efeito de achar coisas perdidas.”

Constâncio Alves completou excelentemente essa informação, dando a fonte original da expressão, que é um hino atribuído a São Boaventura em honra do taumaturgo português:

*Si quaereis miracula
Mors, error calamitas,
Demon, lepra fúgiunt;
Aegri surgunt sani
Cedunt mare, vincula;
Mentra resque perdit:
Petunt et accipiunt
Juvenes et cani.
Pereunt pericula;
Cessat et necessitas.
Narrent hi qui sentiunt,
Dicant Paduani.*

Dicant paduani que ocorre no último verso aplica-se como equivalente a – digam os que o podem dizer – os competentes, melhor informados ou de maior autoridade.

∞ Notas suplementares

As notas que se seguem vão dispostas na ordem do alfabeto, e, por isso, é escusado indicar a página do texto a que se referem. Em muitas delas há a inclusão de *frases feitas* ou *provérbios* novos que não entraram no corpo do livro, sempre no mesmo tom conjectural em que foram escritos, sem nenhum intuito de definitivos; e há também algumas correções ou aditamentos indispensáveis. Para conferir estas notas com o texto há que recorrer ao índice.

AB OVO – Não está no propósito destes rabiscos considerar ou estudar os antigos provérbios literários ou clássicos. Se deste aqui falamos é que, parece-nos, se tem explicado de modo errôneo, à maneira de Erasmo, dizendo-se que provém da frase e de certo costume romano quanto às refeições que começavam por um ovo e acabavam pelas *maçãs*. O provérbio completo era

Ab ovo us que ad mala

Horat. *Sat.* I, 3

Mas esta explicação é inteiramente falha, ainda que o anexam se origine de fonte literária. *Ab ovo* não significa só desde o princípio ou começo, mas desde muito longe ou de tão longe que pareça escusado, ridículo ou desnecessário.

Esta inconveniência de remontar a origens distantes foi re-preendida ainda por Horácio na sua *Arte Poética* v. 147 e daí é que veio a expressão no seu sentido atual. Muitos dos versos daquela célebre epístola, assim como os da arte de Boileau, são hoje proverbiais.


ADUNIA – Em muitos casos será difícil de distinguir de *a uma*, a só guiar-se pelo sentido. Sirva o exemplo de Guevara, nas suas *Epístolas familiares* quando fala do avarento.

“hunde la casa a bozes y da al diablo a la muger y hijos:
diziendo que son a *una* para robarle *todos*

Edic. de 1544 – 153 v.

– A correção *adunia* por *as dúzias*, como está na edição moderna de Antônio Prestes, foi, com muitas outras, feita por Epifânio Dias (*Rev. lusit.* I-I); não a tinha presente, mas já a conhecia do lexicógrafo Moraes, s. v., *adunia*.

Citamos as *Obras* de Antônio Prestes numerosas vezes pelo texto defeituoso, mas o único acessível¹ da edição moderna feita por Tito de Noronha; as citas, porém, não foram prejudicadas e não têm que sofrer emendas quanto às frases a que servem de comprovação.

I  A I.^a ed. de Prestes foi feita conjuntamente com a dos *Autos* (exceto o *Seleuco*), de Luís de Camões. As bibliotecas do Rio de Janeiro, ricas sob certos aspectos, ainda não possuem coleções suficientes para o estudo histórico da nossa língua. Isto explica (embora não justifique) as falhas da minha *Seleção clássica* na parte ante clássica, que, aliás, não forma o objeto do livro, mas apenas a introdução; espero corrigi-la na edição próxima, com os materiais que tenho adquirido para meu uso, não sem sacrifício acima das minhas forças.

AFÃ – Acho, de caminho e sem o intento de aprofundar a questão, muito pouco satisfatórias as significações que atribuem a esta palavra todos os estudiosos da literatura medieval; porque só lhe dão um sentido muito tênue e fraco que não parece ser o próprio. Veja-se, por exemplo, o que dizem Lang no glossário do *Cancioneiro*, de D. Dinis, Fitz Gerald na ed. da *Vida de Santo Domingo de Silos* e outros muitos que igualmente dão o sentido de hoje ou logicamente o suprimem dos vocabulários explicativos. A verdade que me parece ser é que *afã* mais do que *dor* ou *aflição* exprime especialmente aleijão, mutilação corporal ou física de qualquer membro ou sentido: a cegueira, como no caso da *Vida de S. Domingo*, de que o cego lazerado pede a cura

... ti prenda cordoio de este mi *afan*

Os cabelos cortados de Sansão e que eram a sua força também o fazem dizer no *Auto do dia do Juízo*, de época (séc. XVI) muito mais recente:

Ó forças tão extremadas...
 ... Quem vos roubou
 Com poder de tesouradas...
 Com *afã*
 E tormento e prisão
 Feneceram feitos meus.

Embora atenuado nos cancioneros, o *afã* sempre se acompanha de *gran coita*, separação ou *grande mal*. O *afã* é também asfixia (faro) ou surdez ou perda de voz, ou mutilação dos castrados (também na voz, *fanboso*); dizia-se *mouro fanado* ou *alfenado*, isto é, circuncidado; confronte-se com o sentido de pequenez que há em *fanico* e *faniquito*, etc. O *Diccion. de Construcion y Régimen*, de

Cuervo, não traz exemplos significativos, salvo entre os mais antigos os que associam *afã* à conquista de cidades e às batalhas. *Nota da 2.ª ed.* estudei o vocábulo em *Lendo o dicionário* – Rev. de L. Port.

ALMARJEN – Da confusão de *almarjem* árabe e *à margem*, pode servir de exemplo o seguinte passo da *Esopaida*, de Antônio José:

Esopo: – Vossa Majestade saiba que eu sou uma donzela (salvo tal lugar) que com estas companheiras saímos da Praça, ou para melhor dizer nos *lançaram à margem*.

Teatro (Ed. Garnier) I – 260

ANTIGUALHAS – Não incluí, certamente, todos os numerosos provérbios que ocorrem nos mais antigos documentos da língua, já por não oferecerem interesse muito geral, já porque (em poucos casos) nem sempre será possível achar explicação razoável do que significam. Dos primeiros são exemplos os que se acham registrados por C. Michaëlis no vol. II da ed. do *Cancioneiro da Ajuda*, 403, 862, 922, 807, 834 e o aditamento que se depara no *Índice*, 985, e os que se colhem na edição de Lang do Canc. de Dom Dinis (*Anmerkungen*).

Nas *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, nova monografia de Oskar Nobiling (Erlangen, 1907), ocorrem dois provérbios nos ns. 44 e 45. O primeiro diz, segundo o texto do editor:

Don Joan disse que partir queria
 Quanto lhe deron e o que avia.
 E dixi-lh'eu, que o bem conhocia
 CASTANHA EIXIDAS E VELHAS PER SOUTO!

A título de explicação diz o editor em nota:

“*Eyxidas* (< *exitas*) sinônimo de *saídas*: suponho que ambos êstes termos (*saídas* e *eixidas*) querem dizer ‘extraviadas’. O sentido da locução proverbial é evidentemente: haveres de nenhum valor.”

Esta evidência é infelizmente muito obscura, nem o sentido de *extraviadas* tem qualquer cabimento aqui.

O segundo provérbio é o da *Cantiga* n. 45; como o antecedente, é um estribilho, e diz assim:

Vi eu estar noutro dia
 Infanções com um ricome.
 Posfaçando a quem mal come;
 E dix, eu, que os ouvia:
 CADA CASA FAVAS LAVAN.

Ainda o editor ajunta em nota explicativa:

Bluteau, sob o vocábulo *Fava*, cita o adágio: “Em cada casa comem favas e na nossa às caldeiradas” cujo sentido não se afasta muito do nosso.

Esta *explicação*, que parece um pouco melhor que a do caso antecedente, é ainda assim assaz embrulhada.

Em ambas as cantigas que são de escárnio, há a intenção de ironia ou maledicência, já se vê. Na primeira, n. 44, o autor ria-se incrédulo de *Don Joan* que queria repartir a sua fortuna ou gastá-la, coisa impossível a um avarento, e a ironia do poeta melhor se percebe na segunda estrofe:

E disse-m’el, quando falava migo:
 – Ajudar quero senhor e amigo. –
 E dixi-lh’eu: “Ess’ é o verv’antigo:
Castanhas eyxidas e velhas per souto”

Castanhas eixidas não parece equivaler a “haveres de nenhum valor”, ao contrário, o provérbio diz que, quando pingam do ouriço as castanhas, as *velbas* não saem do castanhal e alude-se aqui ao egoísmo interesseiro das *velbas*, como em muitos outros provérbios (a *velba* que vai aos bredos; a *vieja que va a la casa de la moneda a ver se la pega*, avezou-se a *velba* ao mel etc.). O trovador que naturalmente não acreditava na generosidade de Dom Joan, pois


o ben conhocia

respondeu-lhe com o remoque do antigo *vervo* ou anexim.

O provérbio da Cantiga n. 45 é também outra sátira aos que se presumem de generosos e zombeteiam dos escassos não pobres que eles. O autor, que os ouve, faz a reflexão

“Cada casa favas lavan”

O editor que gasta tempo em explicar que *desde* vem de *de-ex-de* e que *sôdes é sois* e *vobiscum é vosco* e outras trivialidades, quando encontra qualquer dificuldade verdadeira passa como gato por brasas ou não diz coisa alguma. No provérbio²

2  Convém não tomar o alquime pelo ouro e nem fiar das aparências, apesar do caráter objetivo e exato, do valhacouto de sinais algébricos, notas e nótulas e aparelhos gráficos e tipográficos das monografias segundo o gosto alemão. Do mesmo O. Nobiling, abrindo-se as págs. 42-43 da sua monografia, veremos os versos: 429 (e a interpretação em nota que é ainda pior); 449 (com restituição oposta ao que deve ser); 456, além de interpretações erradas ou inaceitáveis: *de pran* = clara, seguramente (de súbito), 99; *tornar*, virar-se (responder), 120; *parte* = informação (mas só pessoal se se opõe-se a *mandado*; boa é a interpretação de Michaëlis “weisse nicht den kleinsten Teil”. 176; *guarir* = salvar a vida (ficar bom), 248; *tam mal dia nasi* = sou bem infeliz (maldito o dia em que nasci), 263; 396 não interpretado; *convinha* traduzir e por *mas* ou *se é capaz que*, 396, 402, 408; inaceitáveis, 418, 429; *cobrado* = curado!, 443; o verso conjetural deve ter sentido oposto, 449; *praz-mi por ver* = agrada-me ver (quero ainda ver; duvido ver), 476; *ergo* = exceto (mesmo, pois, ainda quando, se por conseguinte), 569; e muitos outros lugares que ou ficaram sem explicação, ou trazem a que não convém, ou erram o metro, como, por exemplo, o pretendido verso 694 que está longe de ser o único.

Cada casa favas lavam

depois de confessar a ignorância e incompreensão deste verso cuja leitura pode não ser exata, conjeturo que a intenção do poeta foi dizer que “cada casa sabe o que por ela vai”. As *favas* eram o aritmômetro do outro tempo; era antigo costume doméstico, e feminino, de fazer contas por meio de favas. O anotador do *Cuento de Cuentos* de Quevedo (Ed. de Sbarbi, 88) ao dito que é também nosso *Son habas contadas* (são favas contadas) ajunta as palavras: “Las habas y otros granos fueron en largo tiempo medio de echar suertes y hacer cuentas en los usos domesticos, y áun en los publicos de muchos pueblos.” Uso peninsular e até europeu.

No italiano existia a expressão proverbial – *Tuta é fava* – que se responde ao que por um objeto pequeno exige ou dá outro grande, e a intenção é significar que “tudo é o mesmo” ou “no fim das contas dá certo”; desta locução fez Cornazano (Ed. de Liseux, 132) no século XV algumas das suas imorais *Facécias*, que o nosso povo conhece com algumas variantes que se não podem aqui registrar.

Outra locução antiga que desapareceu foi o – *de pran* – (de plano) no sentido de – subitamente, de repente.

E tanta coita lev'e tant'afam

Que morrerei com tanto mal *de pran*

C. Dom Dinis – XIV

U n'outro dia Dom Fotun

Disse uma coisa que eu sei,

Andando aqui en cas d'el-Rei,

Boa razom mi deu *de pran*

Ibid, CXXXIV

Este último trecho é o que exemplifica melhor o sentido original da antiga frase jurídica – “sentenciar *de plano*”, isto é, imediatamente e após a alegação das partes. Hoje “*de plano*” envolveria a ideia de intenção preconcebida ou resolução já assentada.³


Expressões jurídicas e canônicas adulteram-se no uso comum; v. g. *façanha* que era o aresto ou caso julgado, *pracêbo*, antiquado, ofício de defuntos (da antífona *Placebo Domino*); Viterbo, *Elucid*.

Essas reflexões acerca do livrinho de O. Nobiling causar-lhe tamanha bília que logo saltou à imprensa em formidável agressão às *Frases Feitas*, dando-as por plagiadas, ruins, idiotas e indignas, feito o que meteu a viola no saco, satisfeito do extermínio. Felizmente, fiquei de perfeita saúde, após a catástrofe e ainda fui vítima de outra pouco depois.

O Dr. Nobiling, infelizmente, morreu privando a filologia portuguesa de seus bons serviços, reais e proveitosos.

APARÍCIO – No *Eusébio Macário*, de Camilo C. Branco, entre as drogas antiquadas do boticário, cita-se o *unguento aparício*, uma das maravilhas da farmacopeia antiga e definia-se: “*Oleum quod ab inventore nominant Aparicii*”; a definição e a etimologia não passam de embuste. O azeite de *aparício* é o das flores de *Hyperico*, planta medicinal, com outros ingredientes que tornavam o preparado muito caro “Caro como azeite de *aparício*”. Ocorre no Dom Quixote, II, 46, e está a expressão registrada no vocabulário de Cejador y Frauca, com a devida explicação.

APIA HÁ, APIAHÁ – Vejo agora que se ocupou desta expressão a insigne Carolina Michaëlis de Vasconcelos e interpreta-a

3  Escrevi sobre este caso na *Rev. de Fil. Port.* e fui contestado por J. J. Nunes que aprova a opinião de Nobiling, defendendo-o a ele (e a si próprio que já a havia adotado na *Crestomatia arcaica*).


como significando *maneira, moda, toada* ou *estribilho* de canto (*Rev. lusit.* I, 4). Pode ser. Estou inclinado, porém, a que é *apia há* o nome do instrumento (que, aliás, podia estender-se ao da cantiga, como sucedeu a *lira*) e acredito que talvez seja o mesmo a que chamam *berimbau*, pois que é ainda uma das façanhas dos bons tocadores deste rude instrumento tirarem as palavras *piau-o*, ou *piolbo* (no Brasil *piau* é nome de um peixe), e ainda melhor *a-pia-há*. Contudo, pode não ser esta a explicação da palavra que, a meu ver, é uma onomatopeia. Se é, porém, uma toada ou modinha antiga, também poderia ser a denominação do instrumento.

ARÁBICOS – (provérbios). É claro que não incluímos no pequeno artigo do texto as numerosas sentenças de origem arábica que deviam ter entrado para a fraseologia portuguesa; algumas delas ficam tratadas em outros lugares do livro, e, outras, por muito claras não necessitam de interpretação. Certos modismos da estilística dos árabes transparecem no frasear comum e um deles é, para exemplo, a fórmula das comparações feitas com elemento negativo ($a - a' = b - b'$): “Pobre sem dinheiro é candeia sem azeite; senhor sem justiça é como o rio sem água; o sábio que nada faz é como nuvem que não traz chuva” (Ein Armer ohne Geld ist wie eine Lampe ohne Oel u. s. w. na cressomatia apensa ao *Handb. der neu-arab. Sprache* do Dr. A. Wahrmond, II), modismo muito próprio das línguas semíticas, como é fácil ver no estilo bíblico, que todos conhecemos.

Os apólogos e contos árabes são fábulas (tomadas do sânscrito na remota fonte) que aparecem na *Disciplina Clericalis*, de Petrus Alphonsus, e nas obras de Juan Manuel e outros; a história de *Kalilab* e *Dimnab* seguiu a mesma marcha desde a língua sanscrdâmica pela versão pehlvi e depois arábica, e enfim espa-

nholá; veja-se a *Literatura espanhola*, de J. Fitzmaurice-Kelly (na ed. francesa, preferível a todas) *Introd.* I7.⁴

BERNARDA tem mais antigo étimo e significa motim, revolta à mão armada, e foi tomada às bravatas do famoso Bernardo del Carpio, o *invencível cavaleiro*, como reza o seu romance de inverossímeis façanhas. O castelhano tomou a expressão *bernardina* para significar disparates e valentias mentirosas como se vê da novela picaresca *Esteba-*

4  *O asno diante da atafona* – não é o mesmo de que fala o Chiado:

Levei la uns tres alqueires
E elle: não has nem queres
Foi o *asno de Arrifana*

Rifado e rifoso diz-se do animal de montaria teimoso ou brigoso e embravecido. E também *arrifado*; com este sentido de *arrifar* (e não com o de *arriçar, erriçar*) é que se há de entender o texto da *Cantiga* n. 49 da edição das trovas de Guilhade por O. Nobiling (págs. 66-67), porque é o único cabível.

O trecho que demos acima do poeta Chiado lembra a história do *asno de Buridam*, (os castelhanos dizem *el alma de Garibay*, com a mesma aplicação), mas parece-me difícil identificá-los.

O *asno* ou *boi diante de palácio* parece antes recordar o *asinus ad lyram* de origem clássica, pelo menos quanto ao sentido que hoje se dá à locução no uso comum. É curioso aproximar *asinus ad lyram* – de um antigo rifão que aparece nos trovadores:

Ben tanto sabes tu de trobar
Ben quanto sab'o asno de leer

CAN. VAT. IOIO

Mais lo que sabe molher ben querer
Ben quanto sab'o asno de leer.

CANC. BRANC. I573

Não há dúvida que se diz aqui *LEER = LEGERE*, mas não é impossível a associação de ideias nas duas frases que soam parecidas. Os exemplos foram reunidos por Michaëlis quando trata do analfabetismo de alguns dos trovadores (*Canc. da Ajuda II*, pág. 635).

Aliás, a ciência asinina foi por modéstia ou ridiculez tomada para nome ao menos de um pregoeiro, o *Saber dasno*, que Viterbo registrou no seu *Elucidário*, S. V.

nillo Gonzalez: “Apenas estaba colgado el compendioso globo de *bernardinas* y dislates”, pág 357. *Hampa* de R. Salillas – 74-75. Ainda outro elemento poderá influir na formação desta palavra: o vocábulo jergal *bernarda* do italiano, com o sentido de – *noite*.

BIBLIOGRAFIA – Não acho de interesse agrupar os materiais de estudo que me serviram na elaboração deste trabalho. Suponho nos críticos a capacidade de discernir os autores, a de saber que o *Filodemo* é de L. de Camões ou que o *Auto dos Cantarinhos* é de A. Pres-tes, quando por brevidade omiti indicações mais precisas de títulos e lombadas. As citas da *Arte de Furtar* foram feitas segundo a edição da Casa Garnier, 1906, mas, como há várias tiragens espúrias desta edição, avisa-se que só tem valor a que traz no frontispício a indicação de *edição popular* por ser a que tem o glossário autêntico e correto. O adagiário de Roland é o que traz a autoria com as iniciais *F. R. I. L.* etc.

CADA MACACO no seu galho; não meter mão em cumbuca. Veja ALÇAR O GALHO.

CADA CASA fãvas lavam. Veja ANTIGUALHAS neste suplemento.

CADA DIA três e quatro etc. Veja – LATINISMO – neste suplemento.

CAMAPÉ – CANAPÉ – A palavra é grega – $\chi\omega\nu\omega\epsilon\pi\omicron\nu$ – no latim clássico *conopium*, como está entre outros em Horácio – *Epod.* 9, quando se indigna o poeta de ver entre as águias romanas o *mosquiteiro* egípcio de Cleópatra:

Interque signa turpe militaria
Sol aspicit conopeum.

vejam-se os comentadores de Horácio nas edições de Crusquius, 1578, pág. 272, na de Acron (*variorum*), 1559, fl. III v., ou na

mais conhecida, de L. Desprez, I69I, pág. 462. Na tradução da Bíblia, já o vocábulo havia sofrido a mudança de sentido que se vê dos lugares: “Holofernem sedentem in *conopeo*” e “esse *conopeum* illius in quo recumbebat in ebrietate sua”. O *conopêo* evidentemente de cobertor, cortina ou mosquiteiro se transformou em tapete e leito ou *canapé*. Veja-se H. Rönsch – *Itala und Vulgata* (§ *Gräcismen*, 238), pág. 240.

CALÇAS PARDAS. CAMISA DE ONZE VARAS – Outro exemplo da locução no século XVIII é o do entremez – *Manuel Gonçalves Logrado* – publicado na *Crestomatia* de Massarelos, Hamburgo – I800 – pág. I52: “Olhe que se vai *meter numa camisa de onze varas*.”

Como sentido um – POUCO aproximado diz-se: METER-SE EM CALÇAS PARDAS – e principalmente se aplica à ousadia donjuanesca dos sedutores de mulheres; parece que neste particular *calças pardas* conserva o sentido arcaico de *calças*, isto é, *meias*, e o vocábulo *pardo* indica ou sugere a terrível primícia dos nobres sobre a virgindade das suas vassalas. O sentido de *pardo* não foi bem apurado por Viterbo no seu *Elucidário*. Não logrei explicar a frase, ainda socorrendo-me da circunstância sabida – que os campônios costumam vestir calças aos pintos e galinhas para que se não confundam com os dos vizinhos.

CÃO (o) E A SOMBRA. É a fábula de Fedro, I, 4, que serve de origem literária. A fonte é indiana do Calladhanuggaha Jataka, em que o apólogo oferece variantes curiosas e é uma lição de moralidade para as esposas infieis; uma destas, seduzida pelo amante, por este foi levada até um rio que deviam passar a nado; o amante atira-se primeiro à corrente, levando as roupas da companhia que delas se havia despido, atravessa o rio, mas não volta mais. Intervém Indra, que, transformado em chagal com um pedaço

de carne, propõe-se ir ao encalço do fugitivo, mas em meio da corrente distrai-se a perseguir os peixes e deixa à margem a carne que um abutre arrebatava. Por isso, diz-se, no *Pachatantra*, v. 8:

Sem marido, sem a carne, sem roupas,
sem amante, mulher, aonde vais?

No Esopo, de Marie de France, aparece a variante do cão que atravessa não o rio, mas uma ponte; contudo o Esopo português de Vidigueira (ed. 1684, pág. 27) conserva a tradição de Fedro, ao passo que o Esopo arcaico, publicado por J. Leite de Vasconcelos e que ao meu parecer é de origem francesa (até pelos muitos galicismos que nele ocorrem: *cabeça de morto*, *tête de mort*), mantém a tradição da ponte (fáb. v. do *Livro de Esopo*, pág. 12). A versão árabe que está em Loqmán (pág. 129, da tradução portuguesa de José Benoliel com a paráfrase em versos hebraicos – Lisboa, 1898) também introduz o milhafre e, por isto, deve estar mais próxima da origem indiana.

CONJETURAS – Ainda que o tom deste livro seja conjetural, bem se vê que há explicações que são definitivas; ainda as há que se aproximam da verdadeira fonte; e com certeza haverá outras cujo sentido exato não logrei descobrir. Muitas me ficaram na pasta, à espera de prova, em esboço ou maldebuxadas. Entre estas últimas, por exemplo, citarei aqui: – “fazer um PÉ DE ALFERES” – que me parece estar relacionada à locução francesa – *ped d'affaires*.

D. Francisco de Portugal, o antigo (cujas trovas estão no *Canc. de Resende*), emprega a expressão *aféres* que já tinha, pois, entrado na língua:

Faz-se santa nestes santos
Por nos dar mores *aféres*.

Ed. Mendes dos Remédios, II 7

É também possível associar o ditado ao conto equívoco de Bonaventure des Periers (nouvelle V) – do tempo em que havia a locução *faire pieds neufs* (*accoucher*) e *pieds à faire*. Não há, porém, vestígio deste modismo. É conjetura muito vaga. Outra frase proverbial que não incluí no livro foi:

trazer a água no bico

que se aplica a pessoas que trazem intenções ocultas que, entretanto, deixam transparecer; corresponde a outra também popular – *gato escondido com o rabo de fora*. Várias explicações foram propostas por Sílvio de Almeida que, sempre perspicaz, não logrou, contudo, acertar porque foi sugestionado pela palavra *bico*, interpretada como *bico de passarinho*.

A frase vem de outra mais extensa e que é um prenúncio e aforismo da antiga astrologia prática:

Lua com circo traz água no bico

Os que trazem intenções maldisfarçadas também deixam entrever o halo lunar dos seus interesses. Os campônios também diziam: *Cerco de lua pastor enxuga* e *Manbã ruíva ou chuva*, já registrados em Delicado (ed. 1651), págs. 26-27.⁵

5  Diz A. Faria, comentando esta passagem:

Também eu fui induzido a erro pelo *bico... de passarinho*. Quer isto dizer que, aceitando a lição de João Ribeiro, confesso lealmente uma ignorância própria, que, aliás, ninguém me lançou em rosto. Não tenho vaidades irritáveis nem irritantes, mercê de Deus.

Um aforismo equipolente ao último dos suprarreferidos é o empregado pelos nossos homens da roça ou *caipiras*: *Céu pedrento, chuva ou vento*, em que “pedrento” está por *pintado, malhado*, etc.

Aproveito o vento para enfunar a vela a uma outra lição, que se me depara nos ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, pág. 53, agora trazidos a lume pelo ilustre linguísta Júlio Moreira, e que, certamente, agradará aos leitores.

Não incluí aquele ditado, porque não achei documentação que o abonasse em escritores clássicos; mas é tão popular e generalizado que não pode deixar de ser antigo.

CUTILIQUÊ – Sílvio de Almeida dá a origem da palavra que vem da soletração e já tinha sido dada por Bluteau, Dom Vieira e quase todos os lexicógrafos. O interessante seria explicar a razão por que “gente de *cutiliquê*” como está na *Feira dos Anexins*, é gente fidalga e com o melhor breve para todas as indulgências.

Algo imaginosa seria a hipótese de referir a primeira parte do vocábulo à voz *coti* de uso dos árabes para indicar o *gado* e deste muito se prezava de descender a nobreza peninsular. A respeito de *coti* falamos na locução – *Em tempo de figos não há amigos* – no lugar próprio do texto.

DISPAMPARAR – *Descolumenal* (pág. 112 do texto). A esta classe corresponde: *escorripichar* (as galhetas); *espicho* (Viterbo – *Eluc.* s. v.) era a galheta ou pichel – *spiculum*. Naturalmente do epíteto *escorre-espicho* formou-se *escorripichar*, sob o influxo de *corrupio*.

DESTA ÁGUA NÃO BEBEREI é alusão à fábula do *Lobo e o cordeiro* e é um aviso ao presumido que pretende não cair nunca na situação do cordeiro. Nas cantigas medievais dos nossos trovadores, o *cervo do monte a augua volvia* (Pero Meogo) ou *nunca vi cervo que volvesse o rio* (id.).

Ei-la:

“*Presunção e água benta cada qual tome al que quer.* – Observamos, relativamente a este prólogo, que a forma que lhe corresponde em galego é: ‘De presuncion, *auga e vento* cada un toma o que quer’, segundo Saco Arce, GRAMÁTICA GALLEGA, p. 268. A comparação das duas redações mostra que uma deve ter resultado da outra, e parece que é a portuguesa que procede da que se conservou na Galiza, pois que esta é de sentido mais geral e, portanto, mais expressiva. De *auga e vento* (pronunciado *bento*) formar-se-ia facilmente *água benta* por falsa etimologia.”

De pleno acordo.

EM TEMPOS DE FIGOS... – Veja-se a propósito de *coti*, o que digo neste índice na palavra *cutiliquê*.

ENTRE LOBO E CÃO – Vem em confirmação do que diz o texto, D. H. Müller, nomeado por Schuchardt no *Zeitschr*, sempre citado, vol. 29, pág. 622, que dá o texto do Talm. babil Berachot: “Quando se há de fazer a oração *Schma* pela manhã? – (responde-se) – Quando a vista pode distinguir o lobo do cão.”

ESCORRUPICHAR – Veja neste suplemento e voc. *Dispamparar*.

ESTAR NA ONÇA – *Estar ou andar NA onça* é locução românica (ao que suponho) e não do Brasil e que de cá passasse a Portugal como pensava Camilo C. Branco, escrevendo a seguinte nota ao Cap. II da *Corja* (ed. 1903, pág. 36): “*Andar na onça*, o mesmo que não ter dinheiro, andar à lebre; importada do idioma brasileiro”. A frase fundamental é *estar* e não *andar*, e foi por essa razão que o romancista lhe deu origem brasileira; os portugueses diziam *andar À onça*, como dizem *andar AOS grilos* (a raposa), *andai À MAÇÃ do chão* (nas *Enfermid. da língua* de Paiva, pág. 108), dizeres que têm mais ou menos o mesmo sentido de míngua e penúria.

O – ESTAR ÀS ONZE – a que me refiro em nota da pág. 136 do texto é o mesmo que ter *la cabeza a las onze* – ou como dizemos nós agora, ter o juízo ou cabeça a juros (*onze* era a taxa dos *onzeneiros*).

– O ditado do – *Tempo do onça* – tem sido explicado diversamente. Alfredo de Carvalho – no seu opúsculo de *Frases e palavras brasileiras* – deriva-o de alcunha de um militar dos fins do século XVIII em Pernambuco. Não pode ser esta a explicação verdadeira; a expressão não é local e corre em todo o Brasil, o que não se compadece com a fama insignificante do militar pernambucano.

A este ditado correspondem outros menos obscuros: *No tempo dos Afonsinhos* ou *no tempo do rei Bamba* (Vamba – dos vizigodos).

FAZER DE GATO SAPATO – Serve para ilustrar o caso a fala do bobo na *Farsa de los cinco sentidos* (sec. XV), publicada na *Colec. Léon Rouanet*, III, 326:

Yo pensé que se llamava
el andar a paradillas,
a gatos, y de rodillas
quando al çapato jugava.

Se exprimem acaso movimentos de dança, folguedo e bailado como ainda hoje a *paradeda* e a *zapateta*, a explicação do texto deve ser corrigida no sentido que se depreende dos versos citados.

FF e RR – Os espanhóis formulam outros ditados semelhantes com as letras *b* e *r*, e dizem: *Entrar com baches y erres* – o que entra mal ou com más cartas ao jogo, e também – *No decir baches ni erres*, isto é, não dizer coisa alguma quando conviria dizê-lo.

LATINISMOS – São em grande número, e apenas indicamos a parte talvez mais interessante. Havia a ajuntar – *Mistifório* – confusão, tomado aos casos em que obravam de comum a jurisdição secular e a eclesiástica, isto é, casos de foro misto; *mixlifori*, como se diziam; *Deum de Deo*, dê onde der; *Amicus Plato* (sed magis amica veritas), amigo do prato! *Sint aut non sint* – ou bem que *sêrimos* ou que não *sêmos* (também no espanhol – ó somos, ó no somos – *Dom Quixote*, II, 49), frase da história dos jesuítas, e ainda outras expressões não traduzidas (o *Timebunt gentes* por espada). Diz Filinto Elísio nas suas *Obras*, XIII, 10, anotando uma fábula de Lafontaine que os franceses dizem – *motus* nos mesmos casos em

que dizemos interjetivamente – *moita!* – o que me parece uma invenção do poeta português.

Do mesmo autor (*ibidem*, 271) é – o tempo de amoras – ó *tempora, ó mores!*

As frases clássicas latinas acham-se compendiadas na *Flora* do Larousse, e nas publicações em vernáculo dela tiradas como as *Flores históricas* (Porto) e o *Dic. de locuções*, de João Emiliano Vale de Carvalho (Maranhão), de nenhuma importância para o estudo da língua. Os aforismos da medicina antiga ou os nomes técnicos geraram iguais deturpações, e de vários casos da espécie tratei no contexto deste livro. Ainda é interessante considerar aqui o provérbio.

Quem canta seus males espanta

tratado pelo Dr. Ivan de Rieros na sua *Medicina espanhola* (1616), reproduzida na coleção de Sbarbi, III; a música cura até mordeduras de cobras e aproveita contra a peste.

A matraca popular *lave os pés, rape a cabeça* é outro preceito da higiene antiga, cuja fórmula é a seguinte:

Se queres que teu filho cresça
Lava-lhe os pés, rapa-lhe a cabeça

Parece que se refere ao culto de Vênus estoutro provérbio:

Cada dia três e quatro
chegarás ao fundo do saco

esta é a forma portuguesa como está registrada no Adagiário, de Roland, 257; há a espanhola de que trata Sbarbi em nota a Rieros *op. cit.*: “Una, es escaseza; dos, gentileza; três, valentia, y quatro, belaqueria.” Também, a querer interpretar equivocadamente

os provérbios, temos das azeitonas: *uma é ouro; duas prata, e a terceira mata* (registrado em todas as coleções portuguesas).

MALANDRO – Incluí a palavra no lugar do texto porque entendo que daquela origem é que veio a palavra. *Malandro* = *ma landre* = *má landoa* (íngua) e provavelmente foi tirada de uma imprecisão ou praga. Comprova-o o dito do *Entremes de las Esteras*, publicado na coleção Rouanet, II, 44.

– O *mala landre* te de! que no se te a de asconder cosa.

Esse *entremez* passa por ser o mais antigo do gênero.

A este sentido *má landre* se juntou o influxo de *mal andar*, que exprime a vagabundagem dos malandros. Na *Farsa del Mundo y Moral*, de Hernan Lopez de Yanguas, diz-se:

No tengo pariente, carillo ni amigo...
Si yo por mis puños no busco remedio
Biviré *malandante*, zagal si abrigo.

Ibid. IV-401

Mas, pode ser que não. Cândido de Figueiredo deriva *malandro* de. *Malandrim*, que é a forma usual em terras portuguesas.

MARMANJO, isto é, *Mari-macho*, *Maria-macho*. O uso e abuso do nome *Maria* é mais extenso no castelhano: – “Porque casó *Marifranca* quatro leguas de Salamanca?” – “A *Marimonton* Dios la dió buen dou” – “A *Mariardida* nunca la falta mal dia” – são provérbios antigos.

ME FECIT – Tratando desta locução, no texto (pág. 195) indiquei o exemplo característico tomado à comédia *Eufrosina*. O sentido da expressão *me fecit* exprimia, creio, a última demão, a assinatura

de qualquer obra de arte; tal o caso citado e outros muito mais antigos como o célebre romance de Lopo de Moros que termina com os versos latinos

Qui me scripsit, scribat,
Semper com Domino bibat.
Lupus *me fecit* de Moros.

e é ainda o uso conservado em obras artísticas: *fecit, invenit, pinxit*, etc. Em suma, equivale a: “acabou, está feito e concluído o trabalho”; e como consequência “vamo-nos embora”. A mesma coisa encontramos no francês, na farsa *Mestier et Marchandise*, sátira política do século XV (1440), onde diz *Mestier*:

Nous sommes achevés de plaindre
Et ne nous sarions de qui plaindre.

isto é, *nous sommes finis*, e assim também se diz na *Farce des Goutteux*:

À l’ayde, larron, chien mâtin,
Tu m’as bien achevé de peindre.

As farsas a que nos referimos aqui estão ambas com outras em *Le Théâtre français avant la Renaissance*. (1450-1550) – edição feita por Ed. Fournier.

MORTE DA BEZERRA – A alusão do texto a Violante Mendes, que foi ensambenitada e queimada com o seu marido Francisco Borges, é fato histórico bem-averiguado; a primeira peça do processo que é a denúncia, conforme a tomaram os escrivães do Santo Ofício, foi publicada integralmente por C. C. Branco, nas *Noites de Insônia* I, 90-94; no corpo de delito figura a prova do crime “uma peça de *marfil* que mostrava ser de feição de uma *bezerrinha*,

e sòmente lhe faltava as pernas e braços que estavam quebrados e assim os corninhos espontados”. *Ibid.* 91.

– Veja neste suplemento a palavra TOURINUA, MORTE MACACA e MORTE MACABRA. Creio que *morte macabra* é a expressão primitiva, mas não logrei confirmá-la em nenhum documento. Entretanto, na história literária da península já a *Dansa da morte* tinha tido várias versões antigas (ainda rejeitando por insustentável a do rabino Sem Tob), a anônima do séc. XV, a do catalão P. Miguel Carbonell e outras tomadas todas provavelmente a alguma fonte francesa.

Na coleção de autos e farsas castelhanas de Rouanet fala-se da *morte malsin* com o mesmo sentido, no auto de *Cain y Abel*:

Que dizes, mi buen Cayn?
 Que mueras *muerte malsin*
 Pagando con las setenas
 El tormento de mis penas
 De todas principio y *fin*.

II, 158

Outro exemplo da expressão portuguesa:

Fim da jornada: *Laus Deo*
 E quem me não der um viva
 Morra de *morte macaca*
 Sem uma vela bugia.

Fênix Renasc. (ed. 1746) I, 244

MULA QUE FAZ HIM! e *mulher que sabe latim*. No texto. A desconsideração das mulheres latinas é que se fazem rezadeiras, beatas e se comunicam com frades quando, sempre ao expirar dos seus encantos, se tornam Madalenas. Num opúsculo – *Diálogos de apaci-*

ble entretenimiento, de Gaspar Lucas Hidalgo (Barcelona, 1609, pág. 63), faz-se matraca a essas devotas forçadas: “Siempre tuvieron passion las viejas de meterse latinas: e aun penso que se deve de fundar en algo desto, lo que suelem dezir a las tales; *P... vieja latin sabeys?*”

NÃO HÁ MAIS FLANDRES. Não achei mais antigos exemplos que os dos quinhentistas citados no texto. As relações de Portugal com Flandres datam, todavia, da época dos trovadores; dos cancioneiros e do que apurou Carolina Michaëlis quanto a Teresa Mafalda e D. Ferrant de Portugal (*Canc. da Ajuda*, II, 705), nada pude concluir que aproveitasse à inteligência deste ditado que, ao meu parecer, se formou no século XVI. É bem possível que a palavra *banco de Flandres* envolva duplo sentido, equívoco ou trocadilho: *banco* = baixio, e *banco* = monte monetário.

Nota da 2.^a ed. Tratei desta frase mais tarde no meu livro *Faborda*, de modo que julgo aproveitável.

NEGAÇÃO ENFÁTICA. Não incluí, já se entende, todos os casos de negação enfática ou de equivalentes da negação.

A negativa – Um c...! – não parece indecente na língua italiana. No mimoso e casto romance do Fogazzaro – *Piccolo mondo moderno*:

– Bisogna sapere che parecchie signore aveva no posto per condizione che il piche-nicche si facesse di domenica per rispetto alla quaresima – *No credo um corno*, brontolô il signore.

pág. 18

– O falecido professor Lameira de Andrade escreveu uma pequena e interessante monografia – *Da Negação intensiva* (Vasouras, 1885) onde coligiu exemplos vários, mas com deficiências graves como a de julgar negativas enfáticas as frases:

Sem a vontade de Deus *não* cai *um pássaro* na terra. (*Vida de S. Eufrosina*). *Nem um preto* por pagar (G. Vicente) etc.

Apesar destas falhas, que são em não pequeno número, a monografia tem mérito documental.

– Escapou no texto das *Frases Feitas* a propósito de – *para trás das costas* – a cita de Antônio José no seu *Teatro cômico*:

– Chamam aos *carcundas* poetas porque os *versistas* dêste tempo são poetas, mas é cá *para trás das costas*.

(Ed. Garnier) I, 227

NOMES DE LETRAS. Importa aqui lembrar, ou antes deixar indicado, que escrevi a respeito do modismo *ram-me-ram* algumas considerações aproveitáveis no meu livro *Fabordão* (Ed. Garnier, 1910), onde se reuniram várias contribuições de crítica, literatura comparada, folclore e bibliografia.

NOMES E ANAGRAMAS, pág. 18 do texto. Recentemente um escritor de mérito, Delfim Guimarães, buscou mostrar que o poeta *Crisfal* é um mito e que os seus versos são do autor da *Menina e Moça*. Contra esta insustentável e exagerada presunção escreveu o nosso compatriota, o Dr. Raul Soares (hoje falecido), com superioridade de crítica e de argumento à erudita monografia – *O poeta Crisfal*, Campinas, 1909.

Crisfal continua a ser Cristóvão Falcão.

NOZES – *Deus dá nozes a quem não tem dentes*. Nos excertos que publica o folclorista espanhol R. Marin de obra inédita e interessantíssima de Rodrigo Caro, há uma cita de Horácio que me parece falsa (*Da nucs puetis iners*). Em Horácio, todavia, ocorre o conhecido texto da *sát. 3.^a, Livro II*, variamente comentado por Bentley e outros, e que aproveita ao nosso caso:

... Postquam de *talos*, Aule, *nucisque*
Ferre sinu laxo, donare et ludere vidi.

Em suas eruditas notas aproxima Seabra (*sát.* de Horácio, Ed. Garnier, pág. 351) esses jogos pueris a outros portugueses antigos, e traduz levemente por seguir a corrente (confessa-o) a passagem:

Depois que vos hei visto a ti, ó Aulo,
Trazer no laxo seio o *dado*, as *nozes*,
E ser fácil em dá-las, e jogá-las...

Ibid. 81

Não se refere o poeta propriamente a *dados*, como já explicara Desprez (ed. de 1691, pág. 653), mas a outra espécie pouco diferente do *cucarne* (segundo Bluteau) ou *taba*, como lhe chamam em castelhano, e nesta língua assim o traduziram dom Javier de Burgos (*Las Poesias de Horácio*, vol. III, 327) e alguns outros.

Ainda outros textos latinos podem aqui ser lembrados.

O de Marcial (V. epígr. 79):

Iam tristis *nucibus* puer *relictis*
Clamoso revocatur a magistro...

OBSCENA – Não há a menor dúvida que nos ditados e nos versos cómicos e populares é que se conservam muitas das locuções equívocas, e esse fato foi registrado pelo Padre Manuel Bernardes; “Outro mau uso vemos na cidade de Lisboa, mui pernicioso aos ouvidos castos e ainda mais aos que não forem castos: que são os Ditados de significação torpíssima, metidos cada um em sua trova que os moços cantam de noite pelas ruas”. *Armas de Castidade*, ed. 1699, pág. 279.

Procurei evitar o escolho sem hipocrisia nem fingimento de demasiado escrúpulo, porque infelizmente não penso como aquele Gaspar Serrão que dizia ao mundo: *tu forsam legitimã venerem amas, uxorem cogitas*.⁶

Está registrado na coleção de Roland, 209, e na de Delicado, 28, estoutro.

Quem muito pede muito fede.

Também se pode ver quase nos mesmos termos em Gil Vicente:

E diz mais, *quem muito pede*
 Mana minha, *muito fede.*

Obras, III, 371


O apodo de *feder* resultou do duplo sentido de *pede* (de *petere* e *petare*, bárbaro).

P-A-PÁ SANTA JUSTA – *Santa Justa* é um nome na corografia de Portugal e mesmo de Lisboa. Não sei, porém, que motivo o traz junto à expressão mais antiga *p-a-pá*, salvo se a sugestão de sentido da palavra (*justa, justamente*) que é o mesmo de *p-a-pá*, indica exatidão, precisão ou coisa que o valha.

PINTA e PINTADINHO – Também é ditado – *conhecer pela pinta* (do rosto), como disse o poeta da *Fênix Renascida*:

Pintar o rosto de Marcia.
 Com tal primor determino,
 Que seja logo seu rosto
Pela pinta conhecido.

II (ed. de 1717), 330

6  *Epístola áurea*, 1590, fl. 14.

O sentido originário — CONHECER PELA PINTA — isto é, logo ao primeiro aspecto, é termo de jogadores. Os naipes têm nos extremos várias raias, chamadas *pintas*, por onde se conhece a natureza das cartas, antes de as ver: as de ouros têm uma raia; as de copas, duas, etc. Daí os dizeres *tirar pela pinta*, e o espanhol *sacar a uno por la pinta*. Também *pintado* tomou o sentido de perfeito, parecido, como na frase *é pintado o pai*. Esse sentido de perfeição nota-se em: — *o mais pintado, nem o mais pintado*, etc.

P — M; T — M — Creio que na locução *sem eira nem beira* ou *sem leira nem beira* deve haver a influência da labial na amplificação que representa a segunda palavra: B por M

sem eira nem *b*-eira
 cf. alhos *b*-ugalhos
 toque em-*b*-oque.

neste caso, o essencial da locução é *sem eira* que se diz da pessoa que nada tem. Talvez seja o epíteto arcaico *senlbeira* (só, singular, solitária, solteira):

Eu *senlbeira* deitei

Canc. Vatic. 772

Ey muy gran mede de xi vos colher
 Algur' *senlbeira*...

Ibid. I099

no castelhano ainda de uso *señera*, com o mesmo sentido. Não é improvável que de *senlbeira* (sen-l'eira, sen eira) se formasse a expressão com a forma *sem eira*, aplicável à pessoa que não pode casar por não ter nada de seu.

Também ainda conjeturalmente (como é o tom de todo este livro) apraz-me aproximar os dois vocábulos: *beira* (de rio) e *ler*

= praia do mar, forma obsoleta citada por J. J. Nunes no glossário da sua bela *Crestomatia arcaica* (1906), mas que eu desconheço a não ser na *Barcarola* (*op. cit.* 384), de Nuno Torreal:

As barcas enos *ler*
 E foi-las atender...
 Foi eu, madre, veer
 As barcas eno *ler*.

Estes dizeres, combinados com o de João Zorro (*ibid.* 339),

En Lixboa sobre lo *ler*
 Barcas novas mandei fazer

indicam que *ler* é o estaleiro ou coisa que o valha, talvez o germânico *laar*.

POR UM TRIZ – Pelo valor semântico, podem ilustrar a origem grega de *triz* os versos da comédia *Himenea*, de Tôrres Naharro

No quiero yo
 Sino daros esto y mas –
 – No queremos un *cabello*.

Jorn. II

QUEM CALA CONSENTE – É antigo aforismo jurídico, tomado ao *Brocardia juris* onde está segundo a fórmula: *Quit tacet consentire videtur*.

QUO (a) – QUIA – Eis o que escreveu Paul Meyer, na *România*:

Quia comme aussi *quibus* (avoir du –), est un mot de la langue française, où il a reçu droit de cité par décision de l'Académie française, qui nous avertit toutefois que c'est un terme emprunté

du latin, et nous le montre usité seulement dans ces phrases proverbiales: *être à quia*, *mettre à quia*, “être réduit ou réduire quelqu’un à ne pouvoir répondre”. Il est ancien dans la langue: Cotgrave l’a enregistré, et traduit “Il est à quia” par “He is almost at a non-plus”. M. Littré en cite des exemples du XVI^e siècle, et dit que “*être à quia*” représente la situation de “celui à qui, dans la controverse, on pose une question *cur* ou *quare*, et “qui répond *quia*, sans pouvoir aller plus loin”, explication raisonnable, mais évidemment hypothétique. Etant donné que *quia* est un commencement d’explication donnée en latin, il faut que l’expression vienne de la philosophie scolastique. S’il en est ainsi il doit être possible de trouver un texte précis ayant quelque rapport avec notre *quia*. Or, ce texte, il m’a semblé le trouver en lisant les explications des commentateurs sur le dernier de ces vers célèbres de Dante:

Matto è chi spera che nostra ragione
 Possa trascorrer la infinita via
 Che tiene una sustanzia in tre persone;
 State contenti, umana gente, al *quia*.

(*Purg.* III , 34-7)

Les commentateurs disent tous avec plus ou moins de développement (je suis particulièrement Philalethes) qu’Aristote distingue deux manières de connaître: connaître qu’une chose est ($\sigma\upsilon\alpha\iota\ \tau\omicron\ \delta\omicron\tau\iota$) et connaître pourquoi une chose est ($\tau\omicron\ \delta\iota\omicron\tau\iota$). On fait usage de la première manière en remontant de l’effet à la cause (*a posteriori*); de la seconde en concluant de la cause à l’effet (*a priori*). L’ancienne traduction latine traduit ces deux termes par *scire quia* et *scire propter quid*, d’où les expressions de l’école *demonstratio quia* et *demonstratio propter quid*. Le sens du vers de Dante est donc que l’homme doit se contenter de savoir que telle chose

est (τὸ ὄτι, *quia*) sans faire de vains efforts pour savoir le pourquoi. De même, je crois que “être à *quia*” signifie originellement être dans cette situation modeste où on sait qu’une chose est, sans réussir à en connaître la cause.”

RÃ(A)E O BOI – A fábula, é como já notamos, de Fedro, de Rômulo e também de Horácio e está numa alusão de Marcial, x 79.

Parece, todavia, que o provérbio citado – *não caber na pele* – tem origem na outra fábula citada do asno e do leão, que é tomada a Aviano, 5; há uma referência duvidosa à pele do leão no *Cratyl*, de Platão; a fábula, porém, é indiana, mas com outro sentido; nos *Jatakas* orientais o burro se envolve na pele do leão para afugentar os concorrentes e ter para uso e gozo todo o pasto, ou é o dono do asno que adota esse estratagema por economia para a sua alimária.

RAM-RAM – Leiam curiosos ou interessados o que escrevi no *Fa-bordão*.

REAL, REAL! – A parlenda do papagaio daria para maior desenvolvimento se fosse principal neste livro o estudo do folclore. Como apontamentos indico que foi conhecida dos antigos cronistas do Brasil da época colonial (p. ex. em Fr. Vicente do Salvador, 8); e a função de mensageiro do papagaio na poesia trovadoresca medieval vê-se dos estudos de excelente erudição de Paolo Savj-Lopez – *Trovatori e Poeti* (cap. *Uccelli...* La novella provenzale del Pappagallo), 145-186.

A propósito da legenda do papagaio escreveu ainda há pouco o nosso erudito folclorista Alberto de Faria:

“Nas coleções de contos indianos, o papagaio aparece em feitos de amor, desvendando-lhe os segredos, da mesma forma

que a lua revela os mistérios da noite, à qual ambos são identificados.

O mito do plumoso tagarela, cujo caráter fica assim estabelecido, resultou da confusão dos vocábulos sanscríticos *bari* e *harit*, aplicados indistintamente ao volátil e ao astro, visto significarem tanto *verde* como *amarelo*, segundo lição de Angelo de Gubernatis.

Embora já conhecido na Grécia antiga, esse mito só se comunicou ao Ocidente na Idade Média, por traduções árabes ou latinas daqueles contos.

Um dos que se vulgarizaram —, epítome dos setenta da traslação persa TUTÍ NAMÉ, — foi ouvido em Montferrant pelo ex-catedrático do Instituto de Florença.

É do teor infra:

Certo rei, ao partir para a guerra, temendo que outro rei lhe seduzisse a consorte, durante a ausência forçada, encarregou a um amigo de vigiá-los, sob o disfarce de papagaio.

A cada tentativa do rival, por medianeira de grande astúcia, a esposa em perigo era logo concitada a guardar fidelidade.

De regresso, o monarca batalhador a encontrou sem mancha, porque ela atendera sempre aos conselhos da ave suposta.

Em outra versão, de Turim, colhida pelo autor da MITOLOGIA ZOOLÓGICA, quando criança ainda, a rainha, ao contrário, traiçoa o cônjuge, iludindo o espia, cuja gaiola envolve em panos, e manda fritar peixes para regalo do amante.

O pássaro, no escuro, percebendo a bulha da gordura fervente, cuida apenas que chove...

A Portugal também chegou a tradição do Oriente, por dupla via, literária e popular, conforme no-lo atestam monumentos diversos. Imitando os provençais, que incluíram o papagaio entre os seus mensageiros de afetos, em dado gênero poético, D. Dinis descreveu um no exercício profissional:

.....
 Ela tragia na mão
 Hu papagay mui fremoso

 Ay! Santa Maria,
 Que será de mi agora?
 E o papagay dizia:
 – Ben, por quant’eu sey, senhora!

E de lá nos veio, além de uma variante picaresca do conto difundido na Itália, a cantiga:

Papagaio louro,
 Do bico dourado,
 Leva esta carta,
 Oh! meu louro,
 Ao meu namorado!
 Êle não é frade,
 Nem homem casado!
 É moço solteiro,
 Oh! meu louro,
 Lindo como um cravo.

Pelo acima exposto, julgo demonstrada a origem histórica deste espécimen e outros semelhantes do nosso folclore, entre os quais avulta o *Papagaio de Limo verde*, coligido por Sílvio Romero em Sergipe”.

RENTE COMO PÃO QUENTE – Em geral, a etimologia que se dá a *trigança*, *trigar* é a de Diez 494, e de Koerting, do gótico *threiban* (*drängen*) e também assim Meyer Lübke; entendo que talvez se deva derivar a palavra de *tricar*, *trincar*, *trincare* = partir em três; a ideia de dividir, partir, originou a de separação, pressa. Os etimologistas não se embarçam muito com as suas viravoltas fonéticas e romanceiam o latim, conforme as necessidades do presente; aqui mesmo imaginaram duas formas *tricare tricare*; escusado é dizer que o latim brilha ainda esta vez pela ausência, mas com esses e quejandos aparatos infunde-se a ideia de grande rigor científico.⁷


A ideia de *pressa* também pode ser sugerida pelo adjetivo *quente*; confronte-se com a *non mm cal* estudada em outro lugar. A mesma ideia traduz-se em uma das glosas de Tomás Brandão:

E venha um mote *em quente*.

No *Auto do Dia de Juízo* diz Lúcifer falando de Caim:

Levai-o *em quente*
E dai-lhe boa poisada.

ROU, ROU! – Rufino José Cuervo nas suas *A puntaciones Criticas* embora distinga as vozes *arrullar e arrollar*, a meu ver sem fundamento, admite a confusão de entre ambas. “Como entre lo que se les canta (a los niños) está el *ro ro*, en el habla popular y dialectica se dice en este sentido *arrollar*, y *rolla* es la niñera” (na 5.^a ed. pág. 392).

7  O vocábulo *tringar*, cujo sentido não alcanço bem, aparece em uma loa antiga que foi reimpressa por Th. Braga no seu *Cancion. popular*, 167.

Numa quadra de Vicente Medina – *La Cancion de la Huerta* (Cartagena – 1905) ocorre a expressão:

*A la ru ru, mi nene,
que viene el coco
Y se lleva á los niños
que duermen poco...*

No Brasil, a forma mais comum é *tu tu* que também quer dizer *papão* ou *coco*, e talvez se tenha tomado aos africanos.

ROUPA DE FRANCESES. Um exemplo antigo das piratarías francesas se encontra na *Crônica de Afonso V* de Rui de Pina, publicada na coleção de *Inéditos* da Academia portuguesa:

E tendo el-rei muita frota e gente prestes pera a empregar como dizia, ocorreram-lhe três emprêsas juntamente, a primeira era a necessidade que tinha de prover e remediar aos *males e roubos* que neste tempo os *franceses faziam no mar* aos naturais destes. remos...

Ined., I – 453

SALTA ATRÁS! Fica explicada no texto a origem da expressão; era um apodo aos *mamaluco*s mas não exprime a retrogradação de raça cruzada de índios e brancos, como supõe Alfredo de Cavalho no seu livrinho *Frases e palavras* – 1906, (pág. 41); o termo, equivalente popular de Satanás (Vai de retro saltatrás!), designava os pretos escravos, e ainda se chamavam e se chamam às moradias deles *senzalas*, nome também dado aos conciliábulos dos demônios. F. Elísio traduziu *sabbat* muito portuguesmente por *senzala*, na fábula *As adivinbas* (Les devineresses) de Lafontaine, ainda que os dicionários não registrem essa significação.

SÃO MAIS AS VOZES QUE AS NOZES – Entre os poemas latinos de Cornazano (*Cornaz poetae facet. Opus; Mediolani, 1503*) há um sobre o tema: *Quare dicatur*: “Tu hai le *noce* et io ho le *voce*” que é construído com as mesmas rimas da locução.

SEM EIRA NEM BEIRA – Veja neste *suplemento*: “p-m”.

SOARÁ (o que for suará). O castelhano tem – *Lo que fuere sonará* mas o sentido não tem o matiz que se nota em – *me ha hecho sudar cien pezetas* – isto é, arrancar, tirar contra vontade.

TÂNGOLO-MANGO – Palavra composta e semelhante a esta é o *dingolodangos* como está em Quevedo, no *Cuento de Cuentos*:

“Ela se resolvió en decirla para qué eran tantos arremuescos y *dingolodangos*”.

isto é, tantos afagos e movimentos de carinhos. Parece indicar por onomatopeia o som de campainhas. Há outras variantes indicadas por Manuel de Melo – *Notas lexicológicas*.

Carolina Michaëlis apontou um exemplo de *tangomengo* que ocorre no *Canc.* de Resende e que se deve juntar ao que aleguei no texto:

arisco gozo corrido,
saro rralvalco, mostrengo,
nam ha mais num bexodido
casy *casy tengo mengo*.

I, 207

embora não tentasse explicar a locução, foi, todavia, quem primeiro indicou o texto mais antigo – circunstância que ignorei até o escrever desta nota. Cf. *Rev. lusit.* I, I.

O sentido místico da locução dei-o no meu *Folclore*.

TEMPO DA ONÇA – Veja – Estar no onça – neste Suplemento.

TECO-MECO – A propósito das letras – *t-m* – estudadas no texto. Num dos recentes estudos de H. Schuchardt (*Zeitschr f. r. Phil.*, 1907, pág. 30) analisa-se o vocábulo italiano *tecomeco* que Tommaseo-Bellini explica como sendo o que *contigo* diz mal de outro, e falando com o outro diz mal de *ti*; passou com melhor sentido ao alemão – *Techtel-mechtel* (*geheimes Einverständnis, insbes. geheime Liebelei*).

TIORGA (teiroga). A palavra *teiró* é feminina; dizem alguns, todavia, o *teiró* e entre eles Castilho na tradução do *Fausto*:

O *teiró* que eu já tinha a tal ciência
Tresdobrou desta feita.

pág. 137

corresponde ao – *mein Abscheu* – do original, salvo a cor de plebeísmo demasiada em toda aquela versão portuguesa, cheia, aliás, de grandes riquezas vernáculas.

TRAMA – na anotação a pág. 107 do texto. Também vejo a forma *trema* no *Auto do Dia de Juízo* (séc. XVI):

Que dôr lhe salte na pelle,
Que má *trema* o arrepelle!

(*Auto*, 12, col. I.^a)

A notícia mais antiga da *trama* parece ser a que dá F. Lopes na *Chr. de D. João I* – cap. 149, já registrada em Viterbo e em Morais.

TOURINHA – No artigo – *Morte da bezerra* – do texto. Confirma a derivação de *thora* o que diz Viterbo no *Elucidário* s. v. *Toura e tourinha*.

“Igualmente se chamavam *tourinbas* os livrinhos quadrados, de iluminação e preciosamente cobertos, e nos quais algum ou alguns capítulos dos cinco livros de Moisés se achavam exarados.” A *Thora* é o *pentateuco*.

TRELA e TELA. Faço derivar (com algo de fantasia), segundo se depreende do texto, a forma *trela* de *tela* mais antiga. Entretanto, não é *trela* palavra moderna e já se depara em escritores do século XV. O exemplo mais antigo que conheço é o de Fernão Lopes na *Crônica de D. Fernando*, falando de uma caçada:

Hora deves de saber que aquel boom alaão de bravor, cumprido d’ardimento e de boomdades, segundo sua natureza, era assi acostumado que *sem treella* aguardava com o rostro na estribeira, quanto o cavallo podesse andar...

Cap. XCIX – 340

A extrema confusão da ortografia dos documentos antigos não permite com absoluta segurança concluir das vogais duplas, como neste caso – *ee* – a existência de uma consoante média. A etimologia mais acertável é a de *tragula*, fr. *traille*, esp. *trailla* ou *treilla*.

Mas parece-me evidente que em *dar trela* (falar ou atender) a palavra é outra e se reporta à *tela* dos antigos torneios. Exemplos antigos da forma *tela* e *tea* ocorrem nas antigas crônicas a quando de narrativas de festas e justas da cavalaria. Assim, na *Crônica de Afonso V*, de Ruy de Pina (e talvez de Azurara), no casamento da imperatriz Dona Lianor diz o cronista que houve desafios para justas reais e foram propostos *grados* (prêmios) ao cavaleiro que

mais galante viesse *aa têa*...

Cap. CXXXI – 443

e também na *Crônica de D. João II* pelo mesmo autor, testemunha presencial destoutra época, se narra outra justa em que a *teea assim como a praça*, sobrevindo a noite, foi alumiada e ficou tão clara como o dia – (*Ibi.* – XLVII –) na *Col. de Inéd.* II, 127.

Que eu conheça, não há referências mais antigas na literatura.

VIR DE CARRINHO ou DE MULA. Acrescente-se:

A *vista curta* ou a pouca vista é também característica dos doutores. Por uma alegoria a todos aceita, figuram-se os doutores armados de óculos escuros e quanto mais óculos mais curteza burrinal e doutoral.

Os doutores perdem a vista com o abuso da candeia e das noites em branco; os óculos dizem o quanto velaram e estudaram, e assim chegam, com igual passo, à sabedoria e à cegueira. Estas passagens do quinhentista explicam o sentido do ditado:

Hora consultai lá sobre vossa honra *com um Doutor mais curto da vista* do entendimento que *dos olhos*, e n'aquelle *oculo está todo o credito* de suas letras...

J. Vasconcelos – *Eufrosina* – 196 v.

Vêr *doutor* arjel como cavalo, que bolou ao gráo *propter labores itineris*, como elles dizem; *mais curto inda do entendimento que da vista*.

Ulíssipo (ed. 1787), pág. 282

Os portugueses sempre abusaram de óculos e por isso foram sempre satirizados pelos estrangeiros que visitavam o pequeno

reino e notavam, quanto a doutores, que “querer parecer douto com óculos é necessidade que se vê através dos vidros”.⁸


Se os doutores são néscios, os óculos naturalmente viram *cangalbas* que é o mais próprio para alimárias.⁹

VIU O JOGO! Que as palavras *jogo* e *jogar* (*jocum*, *jocare*, e *s’amuser*, divertir) estejam relacionadas a Cítera, não é despropósito.

Nem parece muito alheia à frase a alusão ao chamado *jogo de damas* que é também a descoberto.

É curioso saber que *jogo*, *tabuleiro de damas* tem origem diferente da que geralmente se acredita.

O jogo de damas veio (como o xadrez) do Oriente, e o seu nome arábico é *laib-ad-dama* ou *dufa-ad-dama*, e entre os egípcios de hoje *damah* (Eguilaz y Yangas). A palavra não tem relação com o latino *domina*, donde deriva *dame*, francês, que aportuguesamos com a forma *dama*.

8  É o que diz o Bispo do Pará, Fr. João de S. José, nas *Memórias inéditas*, publicadas por Camilo C. Branco. Aí, declara as opiniões de Mr. de La Brue, na *Viagem a Cacheu*, a do autor, de *Le Voyageur*, a de Algarotti e registra o parecer de um espanhol a este propósito: *Esto en los portugueses o es astro o es mania*. Vejam-se as págs. 136-138 das citadas *Memórias*.

Filinto censura o galicismo – *homem de grandes vistas* (nas suas *Obras*, III, 87); mas, se há *vista curta*, não sei por que não a haverá larga ou comprida e grande.

9  Obras poéticas de Gregório de Matos:

Cangalbas que formaram luminosas
Em dois arcos de pipa duas ventosas.

❧ Índice Analítico das Frases e Palavras

Os números indicam a página e *Sup.* aponta vocábulos incluídos nas *Notas Suplementares*.

	Pág.
<i>Ab ovo</i>	192, <i>Sup.</i>
Abrigo	87, 103
A carona	487, 490
Achado (dar-se por)	245
Achados de vento	437
Achacar e assacar	246
Açougue	287, 311
A cunha	69, 85
Adágios curiosos	487, 509
Adefina	444, 461
Adro (sou um)	87, 101
Adúnia	85, <i>Sup.</i>
Afã	<i>Sup.</i>
Aflar	247

	Pág.
A furto	184, 196
Água doce	397, 400
Água no bico	<i>Sup.</i>
Água o deus e a água o levou	220
Aguado	157, 168
Águas envoltas	440
Ai Jesus	444, 471
Aírar e arear	382
Albornoz catrapuz	136, 154
Alcândora (camisa)	73
Alçar o dedo	370
Alçar o galho	37, 63, <i>Sup.</i>
Alhada	105, 125
Alhar – baralhar	125
Alheio (quem o) veste	87, 102
Alho (é um)	87, 100
Alhos e bugalhos	100, 105, 125, 217
Ali à preta	245, 255
Allah!	374, 470
Alma de cântaro	105
Alma, palma	87, 94
Almargem	313
Almário (estúpido como uma)	80
Amarrar a lata	287, 312
Amigo na praça	521
Anda a coxia	105, 123
Andar ao atá	339
Andar enfronhado	357, 375
Andar na onça - à gandaia	208, 233, <i>Sup.</i>
Ao léu	IX, 487

	Pág.
A olhos vistos	245, 266
Ao atá	321
Apanhia, companhia	444, 452
A par e passo	187
Aparício	<i>Sup.</i>
Apeles e o demo	264
Apiahá	<i>Sup.</i>
A prima face	357, 365
Apuros	87, 98
A (quia) (Quo)	318, <i>Sup.</i>
Aqui há caveira de burro	157, 168
A-q-u-i-qui, Menéles	178
Aqui não está quem falou	308
Aqui torce a porca o rabo	184, 189
A quo (Quo)	318
Arábias	357, 385
Arábicos (Provérbios)	<i>Sup.</i>
Ar, aréu	357, 381
Arco da velha	157
A reio	357, 372
Argueiro (fazer de)	157, 169
Arraial, arraia miúda	321
Arreio e arreata, a reata	372
Arrulhar	59
Árvore (a boa) que cobre	105, 130
Asno e palácio (v. Arábicos)	<i>Sup.</i>
As invejas	182
Asno vivo	242
Assim, assado	105, 111
Assobiar às botas	397, 428

	Pág.
Às três, o diabo a fez	208, 235
Atrapalhar o capítulo	184, 202
A ufa	184, 193
Aumentar a aflição	191
Aurora e sol posto	487, 516
Ave de teu	150
Aventar as pegas	444, 466
Aves (boas ou más)	226
Avesimau	226
Avicena e a ceia	161
Axa	498
Axis	321, 334
Azar – azara	346
Azul, ciúme	87, 93
Baraço e pregão	436
Baralha	125
Barba longa (a custa da)	37, 50
Batuecas	84, 295
Bengodí	84
Bernarda	<i>Sup.</i>
Bezerra (a morte da)	69, 74
Bíblia	208, 237
Bisnau	208, 225
Bispo (passou o)	228
Bóbilis Nicolau	184
Boca do lobo (na)	37, 60
Boi velho (a) não cates abrigo	87, 103
Boi diante de palácio	78, <i>Sup.</i>
Bolaverunt	363

	Pág.
Bolsa sem dinheiro é couro	160
Bom calar (ao) chamam Sancho	136, 152
Boni-t-o-tó	177
Botar as manguinhas de fora	321, 345
Botas (esticar as)	47
Boto a Deus, para Deus	321, 353
Braga ao pé	437
Branco não é farinha	157, 171
Brocas, potocas	295
Burro de Vicente	136
Buscar cinco pés ao carneiro	299
Buscar um pé	299
Busílis	184, 188
Bus-chus	37, 55, 89
Busmelé	287
Buttadeus	356
Cacaracá (razões de)	105, 131
Cada casa favas lavam (Antigualhas)	<i>Sup.</i>
Cada dia três e quatro (voc. <i>Latinismo</i>)	<i>Sup.</i>
Cada terra com seu uso	157, 161
Cada (galo) macaco no seu (galho, poleiro)	64, <i>Sup.</i>
Cada porco tem seu S. Martinho	198
Caiporismo	137, 346
Caixa d'ossos, d'óculos	452
Caju (tolo é)	87, 101
Calado (melão)	123, 206
Caladinho como cobra	268
Calá-lo que é malão	207
Calar (calar o melão)	123

	Pág.
Cal-te	105, 118
Calças de vila Diogo - tirar calças - calças pardas	48, <i>Sup.</i>
Caldo entornado	69, 81
Caldo requentado	136, 148
Calouro	326
Camapé	82, <i>Sup.</i>
Camelo (passar um) pelo fundo de agulha	87, 95
Camisa de onze varas	69, 72, <i>Sup.</i>
Candeias avessas	184
Canto chorado (trazer de)	105, 109
Cão (o) e a sombra	<i>Sup.</i>
Cães (amarrar) com linguiça	69, 84
Caminho francês	444, 474
Capítulo (atrapalhar o)	184, 202
Cara, olhos da	157, 180
Cargas d'água	136, 140
Carneiros do mar	157
Carona	487, 490
Carradas de razão	245, 272
Carrinhos, carrilhos (a dois)	82
Carro entornado	81
Cartaxo	157, 164
Carvão-tesouro	321, 337
Casa de mãe Joana	157, 167
Cáspite	284
Castanhas eixidas ou saídas	<i>Sup.</i>
Catar	104
Catimplora	110
Cavalo de batalha	157, 171
Cavalos de vento	394



	Pág.
Caveira de burro	157, 168
Cebo de grilo	347
Cebolas do Egito	357
Ceca e Meca	208, 215
Cê! cio! psiu!	245, 280
Ceia e Avicena	161
Céu - cebola	87, 91
César ou João Fernandes	87, 96
Chama-me meu e veste-te do teu	102
Chegar ao rego, relho	233
Chegar aos pés	239
Chibrasar (nota)	105
Chicarro (alma de)	106
Chichelo e chinelo	65, 88
Chique-mique	87, 90
Chorar pedras	487, 491
Chuça calada	453
Ciciar	281
Cimbrar ou casar	69, 75
Cíume – cor azul	87, 93
Claro (noite em)	157, 182
Cobra	208, 245
Cobras e lagartos	208, 216
Cobrir	262, 287, 378, 436
Codório	192
Coisa com coisa	433
Comer queijo	227
Comer um moio de sal	145
Comer e cuspir	69, 78
Comigo é nove	235
Como quê	444

	Pág.
Com teu amo não jogues as peras	105, 115
Concha (meter-se na)	65
Conhecer pela pinta	259, <i>Sup.</i>
Consonância ou rima <i>oz us</i>	153
Contas do Porto	245
Cor e côr	444, 463
Coro (de; de cor)	464
Cosas de España	157, 160
Cota e verdugada	435
Coxia (andar a)	105, 123
Cré com cré, lé com lé	37, 66
Credo (num)	397, 437
Cruz e cruces	184, 200
Cucanha (país)	69, 83
<i>Cum quibus</i>	357
Cunha – unha	69, 85
Cuquiada	136, 148
Cuspir no prato	69, 78
Custar os olhos da cara	157, 180
Cutiliquê (razões de)	37, <i>Sup.</i>
Dá-lhe que dá-lhe	501
Dar o seu recado	184, 197
Dar o desespero	245, 257
Dar em pantana	208, 222
Dari	321, 331
Dar perros	257
Dar-se por achado	245
Dar trela	444
De bruços	100

	Pág.
Dedo (levante o)	357, 370
De fato	187
Deitar à margem	287, 313
<i>De juro</i>	362
Demo (o) não é tão feio	263
Demo (não quero com) nêsperas	105
Dente de coelho	168
Dente cueiro	157, 181
De pram (v. Antigualhas)	<i>Sup.</i>
Descolumenal	105, 112
Despedidas, no <i>folclore</i>	122
Destrinçar	448
Deu-lhe o ar	381
<i>Deum de Deo</i>	<i>Sup.</i>
Deus dá nozes a quem não tem dentes	245, 254
Deu o tangolomango	157, 165
Desta água não beberei	<i>Sup.</i>
Dispamparar	<i>Sup.</i>
Diabo (o) as arma	397, 441
Diabo a quatro	263, 406
Diabo – epítetos	239
<i>Dicant paduani</i>	290, 487, 523
Dinheiro etc.	371
Dito e feito	444, 450
Dispautério, distampatório	173
Dizer cobras	216
Dizer indiretas	141
Dois dedos	245, 279
Doutor da mula ruça	353
Dura de fechos e queixos	80

	Pág.
É das Arábias	357, 385
El-dorado	83
Em cas de Gonçalo	208, 223
Emprestadar	105
Em terra de cegos o torto é rei	514
Emudecer (lobo)	37
Encalma (= não min. cal)	105
Encolhas (meter-se nas)	65
Encospas	65, 82
Enquanto o diabo esfrega um olho	440
Entre a quarta e a meia partida	397
Entre dois fogos	487, 502
Entre lobo e cão	<i>Sup.</i>
Entrou por aqui	69, 77
Entroviscadas	439
Enxoval – enxovalhar	184, 203
Equívocos fonéticos	444
Era uma vez	245
Erado	330
Ereita e sopé	141
Eres	253
Erte!	283
Error	<i>Sup.</i>
Escorruptichar	<i>Sup.</i>
Escovado	444
Escote	245
Esgueva	155
És não és	245, 250
Estar em erre	332
Estar na onça	<i>Sup.</i>

	Pág.
Estar nas suas quintas	406
Estar nos seus treze	309
Estúpido como uma porta	69, 79
Evento (de)	394
Expressões jurídicas	397, 435
Facada ou sangria	444
Façanha – (antigualhas)	<i>Sup.</i>
Falar francês	XVII
Falar lila	444, 469
Falar no mau	357, 379
Fazer de um argueiro um cavaleiro	157, 169
Fazer cruz e cruces	184, 200
Fazer de gato sapato	136, 142
Fazer de queijo barca	184, 199
Fazer ouvidos de mercador	245, 271
Fé – pau da barca	208, 218
<i>Ffe rr</i>	253, 332, <i>Sup.</i>
Ficar em apuros	87, 98
Fé do carvoeiro	338
Feliz como filho de frade	487
Figo cotio	55
Filho da folha	367
Filho das ervas, malvas etc.	367
Figos (em tempo de) não há amigo	37, 53
Flandres	208, 220
Fogo-fátuo	208
Fogo – linho	128
Fogo (com) não se brinca	105, 128
Fôlego de gato	157, 173

	Pág.
Fora de vila e termo	435
Frade da mão furada	184, 193
Frade onde canta	357, 387
Frases da Bíblia	208, 237
Frei Tomás	397, 410
Fronha, farinha	375
Fucares, Fugger	201
Fulano dos anzóis	154
Fulustreco	136
Furta-lhe o fato	184, 196
Fuso – cada terra e cada roca	161
Gaião	397, 427
Galdripar, gato lebre	216
Galho (alçar o)	<i>Sup.</i>
Gandaia	208, 233
Ganso – pato	69, 76
Gatiliprar	216
Gato de botas	143
Gato escondido (Conjeturas)	<i>Sup.</i>
Gato morto	157, 172
Gato pingado	321, 339
Gato sapato (fazer)	136, 142
Gente de gravata lavada	357, 382
Gingrar	76
Graça de Deus	237, 242
<i>Gratis, gratis data</i>	490
Gregotil	333
Gregotins (i grego til)	38, 333
Grifa parideira	397, 424

	Pág.
Grey (polo rey, pola)	68
Gualá	374
Há de tudo como em botica	184
<i>Halo</i>	<i>Sup.</i>
Haver e saber	69, 77
Heitor Mendes	201, 495
Hexâmetros; provérbios	136, 146
Histórias do Trancoso	397, 423
Homem põe (o)	237
Ida de João Gomes	105, 120
Indiretas	141
Injetados, olhos	157, 182
Inês e Neves	397
Isto é outro cantar	421
João Bota – Deus	356
João das Bestas	97
João Gomes (ida de)	105, 120
João Fernandes	87, 96
João Ramos	98
João Topete	208, 218
Jogo (ver o)	105
Jonadática	176
Jorge fora	69, 82
Ladrão gaião	397, 427
Lágrimas como punhos	110
Landoa	178, <i>Sup.</i>
Lamber os dedos	136, 144

	Pág.
Lampas (levar as)	37, 49
Latinismos	357, 359, <i>Sup.</i>
Lata	287, 312
<i>Latet anguis</i>	245, 269
Latir a moita	269
Lá vão leis	136, 145
Lavar as mãos	415
Lé com lé	37, 66
Legitimônio	112
Leis	66, 136
Léu	487
Levantar o dedo	357, 370
Levar a manta	262
Levar as lampas	37, 49
Levar remos	412
Leva rumor	397, 412
Levar tábua	208, 231
Levar uma em capelo	403
Lhagalhé, legalhé	37, 42
Língua de palmo	287, 293
Língua do pê	157, 176
Livra!	187
Loanda	178
Lobo, mudez, boca	61
Lobrigar	216, 288
Logomeira	425
Longobarda (a)	515
Lopes (vida de)	515
Lua com circo (conjeturas)	<i>Sup.</i>



	Pág.
Macabra	<i>Sup.</i>
Macaco de cheiro	316
Macaco galho – cumbuca etc.	<i>Sup.</i>
Macarrônea	328, 391
Mãe João Gomes	122
Mãe Joana (c. de)	157, 167
Mafoma e o oiteiro	397, 430
Magano, maganão	349
Mais matou a ceia	161
Mais vale um gosto que quatro vinténs	444, 475
Mal de Olanda (Loanda)	178
Malandro	<i>Sup.</i>
Mangas ao demo	487, 519
Mão do gato	357, 369
Mão no fogo (pôr a)	293
Mãozinhas de fora	345
M-p	157, 175
Maranha-patranha	157, 175
Maria Castanha	231, 418
Maria de bons pés	416
Maria Gomes (angombe)	418
Maria Pinheira	416
Maria vai com as outras	415
Mariangome	122
Maríposa etc.	418
Marmanjo	208, 230
Marramaque	88
Mas... (negativa)	308
Mateus, primeiro os teus	136, 150
Meco	363, 444, 453

	Pág.
<i>Me fecit</i>	184, 195, <i>Sup.</i>
Meia-cara	490
Me melem	287
Menéles	178
Mentir como sobrescrito de carta	287, 294
Mentiras	287
Meter os pés pelas mãos	357, 389
Meter-se a taralhão	270
Meu dito, meu feito	450
Místico ou misto	444
Mistifório (voc. Latinismos)	<i>Sup.</i>
Mofina; Mofina Mendes	138
Montanha (a) e o profeta	431
Morreu Inês	398
Morreu o Neves	398
Morte da bezerra	69, 74
Morte macaca ou macabra	82, <i>Sup.</i>
Mourão! mourão!	397, 442
Mula que faz <i>him!</i>	105, 108, <i>Sup.</i>
Mula sem cabeça	87, 99
Mulato	108
Muleta	109
Mulher e melão	184, 206
Mundos e fundos	287, 487
Nado (homem, coisa)	306
Na era	321
Não aumentar a aflição ao aflito	191
Não chegar aos pés	239
Não diz a cota com a verdugada	434



	Pág.
Não diz ora com ora	82, 433
Não faça a outrem	237
Não há mais Flandres	208, 220, <i>Sup.</i>
Não pôr pé em ramo verde	184
Não tem papas na língua	160
Não tuge nem muge	55, 89
Nem chus nem bus	37, 55, 89
Nêsperas (não quero com o demo)	105
Níquel, nicolau	186
Noite em claro	157, 182
Não é com três razões	404
Não há sábado sem sol	287
Não min cal	105, 119
Não saber pataca	287, 304
Não ter léu	487
Negativas, fórmulas	304
Nem pintado	245, 260
<i>Noli me tangere</i>	444, 472
Nome (pelo nome)	245
Nomes de letras	321, 332
Nomes de pessoa	497
<i>Nos quoque gens sumus</i>	328
Noruega	157, 162
Nozes e dentes	245, <i>Sup.</i>
Nozes e vozes	114
Num credo	397, 437
Números. Comigo é nove. <i>Sete</i>	235
Números. De um a cinco	397
Número treze	310
Nunca o vi mais gordo	245, 270

	Pág.
Ó	333
Ocasião	IX
<i>Oculus ruorum</i>	136, 155
Oitiva	267
Olho da rua	155
Olho de panela	357
Olhos injetados	157, 182
Onça (estar na)	136
Onomatopeias	245, 280, 487, 499
Ora cebo	347
<i>Ora pro nubes</i>	363
Orelhas, ouvidos de mercador	245, 271
Ou César ou João Fernandes	87, 96
Outro galo te cantara	421
Ouvido, ouvida, oitiva	267
Ouvidos de mercador	271
Ovo por um real	343
Oxte	245, 281
P-m	157, 174
Pagar com língua de palmo	287, 293
Pagar o pato	105
Pai de velhacos, pai velho	444, 480
Pai Paulino	444, 482
Paititi	84
Pano e pão	291
Pão de ouro	291
Pão, pão e ensino	290
Panos quentes	208, 224
Pantana	208, 222

	Pág.
Papagaio real	321
P-a-pá, Santa Justa	37, <i>Sup.</i>
Papas na língua	157
Papo (um no) outro no saco	37, 48
Pandarane, pantana	222
Par e passo	187
Passagonçalo	223
Pássaro bisnau	208, 225
Parteira do Núncio	397, 409
Patau-marau	175
Patavina	305
Pate!	283
Pato (pagar)	105
Pato a ganso (passar)	69, 76
Patranha, maranha	157, 175
Patranhas	295
Paulino	444
Pau (um) por um olho	321, 341
<i>Pax vobis</i>	184, 186
Pé (buscar)	298
Pê (língua do)	157, 176
Pé candeu	390
Pé cepelo	391
Pé de alferes (v. conjeturas)	287, 300, <i>Sup.</i>
Pé de pessoa	306
Pé e mão	388
Pé em ramo verde	184
Pé gibado	391
Pela pinta	259, <i>Sup.</i>
Pé por pé	37

	Pág.
Pele (não caber na)	37, 62, <i>Sup.</i>
Pelo nome não perca	245
Pentâmetros, provérbios latinos	147
Peras (jogar as)	105, 115
Perder pelo nome	249
Perdíz – voo	420
Pérola aos porcos - aos galos	71, 72
Pessepelo	391
Peta	296
Pinta	<i>Sup.</i>
Pintadinho da Silva	176
Pia e pilha	446
Pingado	321, 339
Pintar a manta	245, 261
Pintar da faneca	245, 261
Pintar o simão	245, 259
Pintar romano	263
Pitada	279
Poeta d'água doce	400
Polvorosa	357, 389
Pôr pé em ramo verde	184
Porcos, pérolas a	69, 71
Pôr de lodo (de lado)	444, 465
Por que cargas d'água	136, 140
Porcos (quem há menos)	81
Porco preto (corrida)	232
Porta (estúpido como uma)	69, 79
Por um triz	105, 129
Pracebo (Antigualhas)	<i>Sup.</i>
Prata da casa	314

	Pág.
Pratos limpos	314
Preso por mil	357, 392
Preto (ali à preta)	245, 255
Prima face	357, 365
Procurar um pé	287, 298
Próclise	288
Provérbios antigos	<i>Sup.</i>
Provérbios latinos medievais	147
Psiu! psit!	280
Pulha	287
Punhos (lágrimas como)	110
Que maganão	321, 349
Que é, quê, quede, quedê etc	444, 456
Que tem que ver o côngruo com os amores	432
Que tem as calças com...?	432
<i>Quod natura dat</i>	357
Queijo e memória	227
Quem cala consente	<i>Sup.</i>
Quem canta seus males espanta (Latinismos)	<i>Sup.</i>
Quem cura é a fé e não o pau da barca	218
Quem muito perde (Nomes de letras)	321, 332
Quem porcos há menos ou há medo	81
Quem quer (o <i>Cão e a sombra</i>)	<i>Sup.</i>
Quem quer o que não convém	37, 62
Quem se pica alhos come	100
Quem te mete, João Topete	219
Quiproquó	190

	Pág.
Rã (a) e o boi	<i>Sup.</i>
Ramo verde	184
Ram-ram	<i>Sup.</i>
Razões de cutiliquê	37
Razões de cacaracá	105, 131
Real, real!	322 e <i>Sup.</i>
Rêgo (chegar ao)	208, 233
Rei morto	136
Relho (chegar ao)	233
Rente como pão quente	142, <i>Sup.</i>
Rico como um porco	321, 326
Rimas – oz-uz	136, 153
Rixa velha	397, 437
Roer os ossos	136
Rompente, rompante	453
Ror de gente	136, 141
Rou! rou!	37, 57
Roupa de franceses	444, 472
Ruído por voz	113, 134
Ru, ru	58
Ruim de Roma	380
Sábado sem sol	287, 302
Sabido como cobra	245, 267
Sal – comer um moio de	145
Salta atrás	69, <i>Sup.</i>
Salvanor	126
Sancho e Dona Sancha	136, 152
São mais as vozes que as nozes	91, 105, 113
Santos burlescos	210

	Pág.
São Pisco, S. Bico, S. Coelho etc.	208
São Pero Gonçalves	208
Sapatos de defunto	242
Sé – serra – serpe (velho como a)	69
Sem eira nem beira	<i>Sup.</i>
Sesta balhesta	87
Sete é conta de mentiroso	236
Silva, da	176
Soará (o que for)	82, <i>Sup.</i>
Sopapo, soqueixo	49
Sou um adro	87
Sua alma, sua palma	87, 94
Surdo como uma porta	80
Sangrar na veia d'arca	460
Santiamen	192, 438
São Fernando (corpo de)	397
Seio de Abraão	321, 344
Silogismo em dari	331
Sol posto	487, 516
Sujeito escovado	444
T – m	88
Tábua, taboca	232
Taiibo	509
Talão-balão	501
Tangolomango	157
Tão feio não o pintara Apeles	264
Taralhão	270
Tarde piastes ou piache	157, 162
Tarramaque	88

	Pág.
Tá-te	283
Teco-meco	<i>Sup.</i>
Teiró (Tiorga)	<i>Sup.</i>
Tempo do onça	<i>Sup.</i>
Tem-te	245, 283
Tem-te, bonete	286
Tengomengo	165
Tentear	283
Terçós e primas	165
Tintenenin	484
Tiorga	<i>Sup.</i>
Tiques-miques	87, 90
Tirar o pé do lodo	466
Tomar a garça no ar	507
Tome para seu tabaco	287, 292
Toque de Aragão	397, 413
Trabalhar para o bispo	321, 350
Trancoso	397, 423
Transeat	362
Treze	309
Trela e tela	<i>Sup.</i>
Tudo é carvão	321, 337
Tudo é vento	393
Tudo foi névoa	508
Toura e tourinha	<i>Sup.</i>
Traz água no bico (v. Conjeturas)	<i>Sup.</i>
Trazer de canto chorado	105, 109
Três (às)	208, 234
Três, o diabo os fez	208, 235
Triz (por um)	<i>Sup.</i>

	Pág.
Troche-moche	87
Tuge-muge	87
Tuta e meia	184
Um corno	307
Untar os beiços	505
Um no papo, outro no saco	37, 48
Unha (ã)	69, 85
Uso e fuso	161
Uxte!	282
Vaca loura	321
Vagalume	451
Val d'égua, de cavalinhos	277, 278
Veia d'arca	460
Velhacos	444, 480
Vem cá, louro	326
Ver pelo olho	267
Ver-se aréu	381
Vinténs (quatro)	444, 475
Vir de carrinho, de mula	<i>Sup.</i>
Vagalhões	179
Velho como a sé, serra, serpe	69
Vicente (burro)	136
Vila Diogo (dar, colher, tomar as de)	37, 45
Vir à noz	105
Viu o jogo	105
Vozes e nozes	132
Voto a Deus, a mares, a Cristo	354

	Pág.
Xis – xisgaravis	321
XPTO	157
Xô, enxotar	59
Y grego til	333
Zimbrar	75

